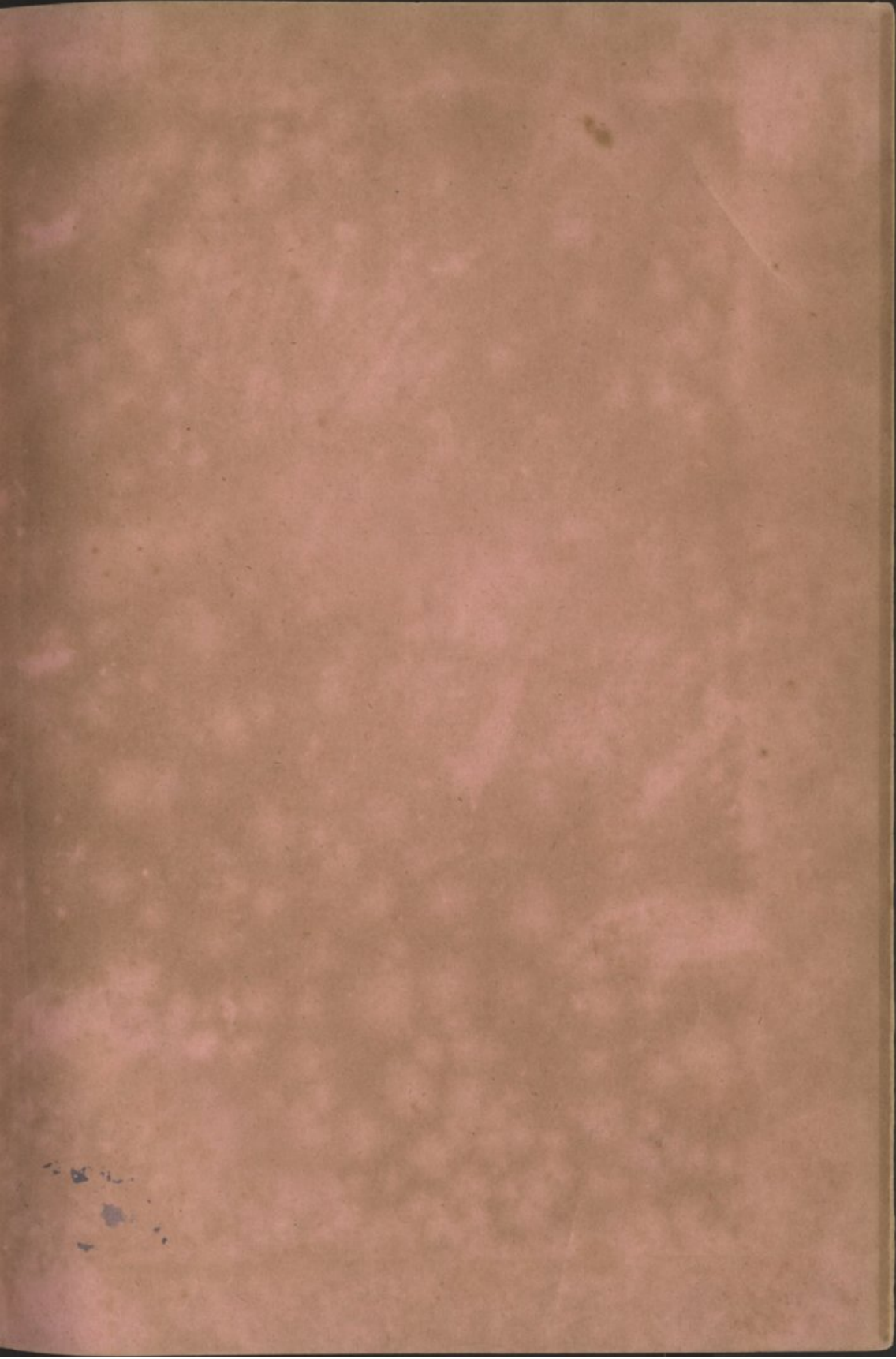
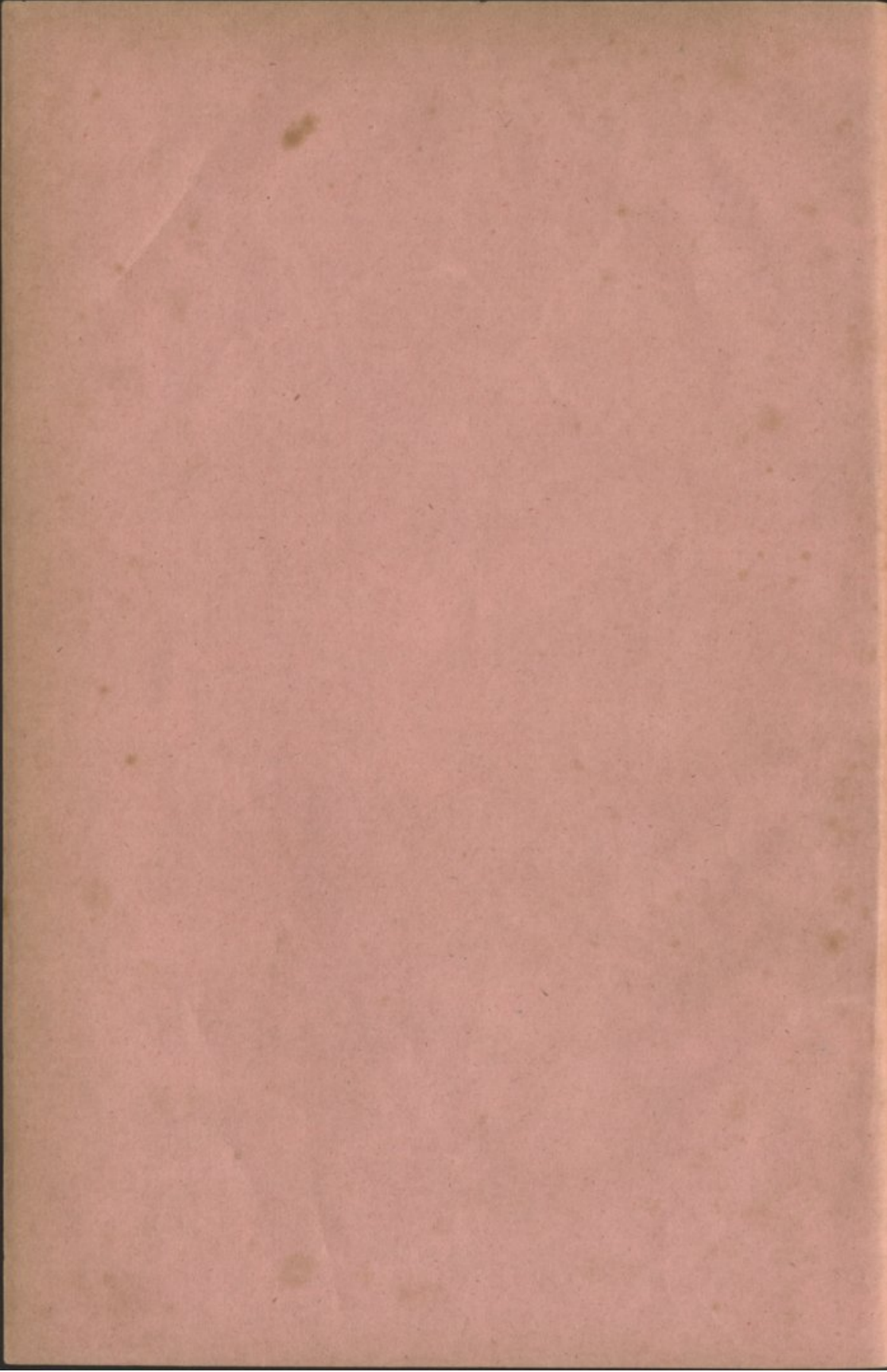


Casa
Gab.
Est.
Tab.
N.º

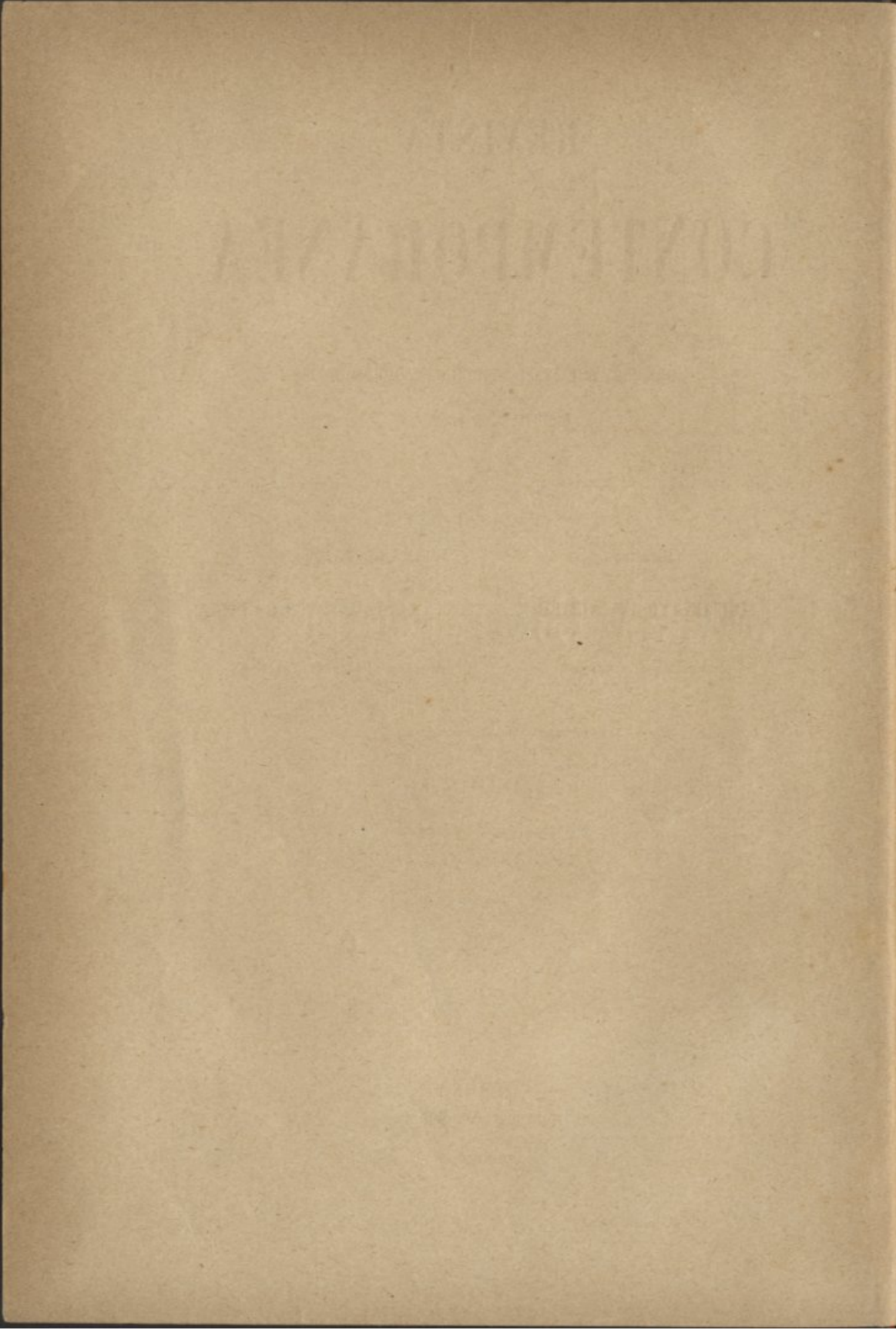
10-
5
9







REVISTA CONTEMPORANEA



REVISTA CONTEMPORANEA

DE

Questões religiosas, scientificas, philosophicas,
historicas e sociaes

Director

Administrador

FORTUNATO DE ALMEIDA

JOSÉ MARQUES RITO E CUNHA

QUINTANNISTA DE DIREITO

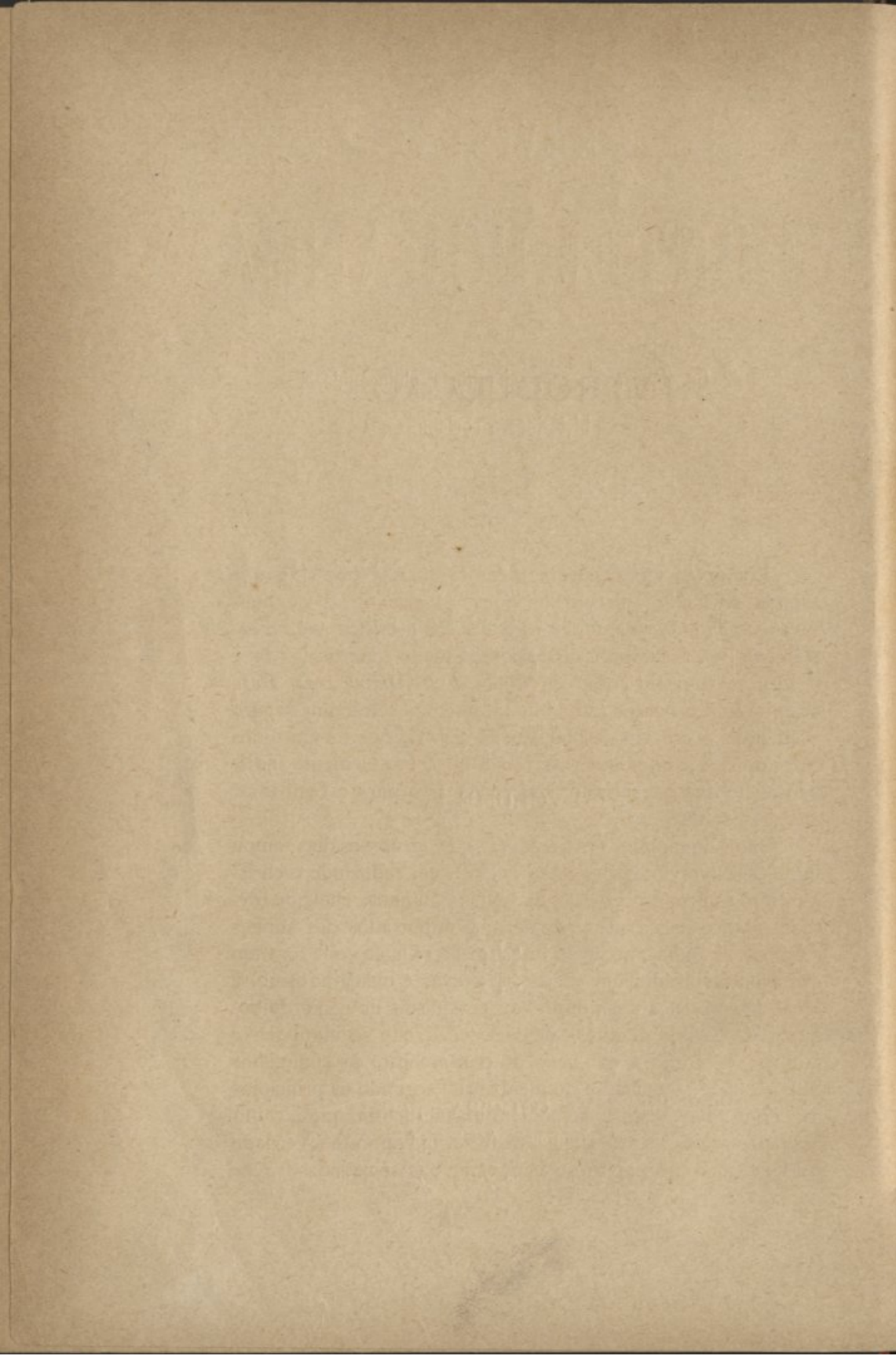
BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

VOLUME I



COIMBRA
Imprensa Academica

1894-1895



INTRODUCCÃO



EXAMINAR os grandes problemas sociaes que agitam o mundo civilisado, discutir as questões scientificas de mais viva actualidade, e estudar, á luz de uma critica justa e esclarecida, os assumptos historicos de maior interesse, — tal é o ideal e o programma da *Revista Contemporanea*. Para orientação dos nossos trabalhos tomaremos como guia seguro e infallivel o criterio da philosophia christã, que foi em todos os tempos, e continuará a ser no futuro, um elemento indispensavel para o esplendor das sciencias e para o bem estar das sociedades.

Não é nova, infelizmente, ainda que em nossos dias tomou largo desenvolvimento, a theoria dos que, reduzindo o christianismo ás proporções de uma religião humana, cheia de mythos creados pela crença popular, ou importados das antigas religiões da India, intendem que aquella religião, que fôra um elemento civilisador em edades de trevas e obscurantismo, é hoje, em presença das admiraveis conquistas do genio do homem nos vastos dominios das sciencias, não só inutil senão tambem contraria á evolução do pensamento, ás conquistas da sciencia e á realisação do ideal social segundo os principios modernos. É necessario combater uma tal theoria, que é, como nol-o diz a razão, a sciencia e a historia, tão opposta á verdade e á justiça, como nociva ao bem estar das sociedades.

O christianismo é uma religião divina, e tão necessaria nos tempos idos, como hoje e sempre. Foi a religião do passado, é a religião do presente, ha de ser a religião do futuro.

Escrevera S. Paulo n'uma das suas admiraveis epistolas: — «Jesus Christo foi hontem, é hoje e ha de ser por todos os seculos.» Profunda verdade é esta, que surge radiante da luz da evidencia, consoladora e formosa como todas as verdades da fé, em presença dos monumentos da historia e dos principios da critica mais austera.

A historia dos tempos que precederam o advento do christianismo é uma vasta e colossal epopêa, cujo heroe, e centro e razão de ser, é Jesus Christo, prometido e esperado. Os factos que se desdobraram no decurso dos antigos povos, e nomeadamente dos hebreus, dos egypcios, dos chaldeus, dos phenicios, dos medos, dos persas, dos assyrios e babylo-nios, teem como centro e razão suprema que os explica satisfactoriamente o Messias vaticinado na lyra dos videntes de Israel, que havia de chamar todas as nações ao conhecimento da verdade e estabelecer sobre a terra o imperio da verdade e da justiça. E pode conceber-se, na historia da humanidade, epocha alguma em que não haja necessidade da verdade e da justiça?

É um facto incontestavel que, com a prégação do christianismo, ficou estabelecida sobre a terra uma nova ordem de idéas, de costumes e de instituições. A sociedade transforma-se, porque o christianismo, ainda que fôra revelado principalmente para salvar o homem, comtudo não podia deixar de exercer benefica influencia sobre o meio social em que o homem devia viver. A estreita ligação entre o fim natural e o sobrenatural do homem, a mesma indole dos principios christãos e sobre tudo a historia de quasi vinte seculos unanimemente confirmam esta verdade, isto é, que o christianismo foi o factor principal d'essa esplendida civilisa-ção que brilhou sobre o mundo, desde que a voz de doze pobres pescadores se ouviu como um ecco do ceu em todos os cantos do universo. Só este facto seria de si sufficiente, se outras razões não houvera, para mostrar que a religião

augusta de Jesus nem é uma transformação das antigas crenças do Oriente, nem um systema de mythos creados pela imaginação popular. Os mythos são como as estrellas: só brilham de noite. E o christianismo tem atravessado, triumphante e com as homenagens de eminentes pensadores, diferentes periodos de brilhante civilisação.

Damos de barato, admittimos até, — que não vae n'isso nada que offenda a pureza do dogma christão, — que o christianismo está tambem sujeito á grande lei da evolução. A verdade é em si immutavel, mas para nós pode ser mais ou menos brilhante. Nós cremos o mesmo que firmemente acreditaram as gerações christãs que já lá vão, porque o dogma não muda com os tempos, não se altera na sua essencia, não está sujeito, como toda e qualquer verdade, á lei da mutabilidade. Mas como o dogma está intimamente relacionado com a philosophia, as sciencias e a historia, os progressos que o homem tem realisado na historia, nas sciencias e na philosophia teem derramado ondas de vivissima luz sobre as verdades que Jesus Christo se dignou revelar-nos. Eis a evolução do christianismo. Não é uma crença estacionaria, como alguns affirmam sem a conhecerem, mas uma crença sempre antiga, porque é immutavel por verdadeira, e sempre nova, porque acompanha o progresso dos conhecimentos humanos e d'elles recebe novos argumentos para confirmação de que é verdadeira.

E se é verdadeira, com que direito, com que razão, com que sciencia ha de dizer-se que podemos hoje prescindir d'ella? Quando é que o homem e as sociedades podem prescindir da verdade, e da verdade que nos revela os principios mais transcendentés da justiça e da moralidade, que são a base de todo o bem individual, domestico e social? Se, por impossivel, a luz divina da fé christã desaparecesse de sobre a terra, o mundo voltaria necessariamente á caliginosa noite do paganismo, do mesmo modo que o universo voltaria ás trevas, se da immensidade do espaço desaparecesse a luz brilhante do astro rei. Haja vista o estado selvagem em que vivem os povos que ainda não receberam o Evangelho.

O christianismo não foi, pois, só necessario em certas e determinadas epochas que já passaram; é-o ainda hoje, e muito principalmente para a solução satisfactoria das grandes questões sociaes, que tanto agitam as sociedades modernas e tanto preoccupam os Estados.

É uma verdade indiscutivel, e já vae calando felizmente no espirito de muitos incredulos, que o socialismo e o anarchismo são uma consequencia necessaria da legislação e da politica anti-christã dos Estados modernos. Enthronisado o atheismo nas espheras do poder, banida a idea christã das escolas, onde se educam e formam as gerações que um dia serão chamadas á direcção dos negocios publicos, dissolvidos os laços da familia que Jesus Christo cimentou em bases tão solidas e tão eminentemente sociaes, proclamada a ampla liberdade de pensamento, até para escrever as idéas mais subversivas e propagal-as largamente, o que ha a esperar senão o que estamos vendo com a alma annuiada pela dôr e o coração inquieto pelo futuro? Quereis resolver os problemas sociaes pela força? O anarchismo zomba da força e abre caminho por entre o apparatus da força armada. Nem se detém deante dos horrores de um patibulo. E de mais, as idéas não se matam como os corpos, não se enforcam, nem se fuzilam, nem se guilhotinam. As idéas más combatem-se com as idéas boas. E quereis, podeis mesmo imaginar idéas mais puras, mais salutaes, mais santas, mais justas, mais sociaes do que as idéas proclamadas por Jesus Christo? Não manda Elle respeitar e obedecer á auctoridade como a Deus de quem recebe o poder? Não proclamou Elle, com a palavra e com o exemplo, o sublime preceito da caridade, que é a solução suprema, unica, divina, de todas as questões?

Quereis então resolver estas questões pela sciencia? Diz-se, com effeito, que espalhada largamente a instrucção em todas as camadas sociaes, o christianismo é perfeitamente dispensavel. Mas os grandes crimes, e os grande erros, que são o antecedente logico dos grandes crimes, apparecem precisamente nos paizes que ahí nos apresentam como modelos de civilisação, nos paizes onde abundam as escolas primarias,

secundarias e superiores, nos paizes onde a instrucção é obrigatoria.

Para nós, e para todos que proclamam a urgente necessidade do christianismo na solução dos problemas sociaes, o phenomeno tem uma explicação facil, que é mais um argumento em favor d'aquella necessidade. É que a sciencia ministrada na maxima parte das escolas modernas ou é contraria ao christianismo ou indifferente a esta religião.

E é mais para temer o homem illustrado, o sabio sem Deus ou contra Deus, do que o selvagem. O que dizemos do homem diz-se da sociedade, que é, em ultima analyse, uma reunião de homens. É necessario voltar aos principios christãos, é necessario informar a legislação com estes principios salvadores, é necessario, n'uma palavra, que Jesus Christo reine e governe nas sociedades, para que estas não pereçam nos abysmos da anarchia.

Estas são tambem as verdades que o grande Pontifice Leão XIII tem proclamado ao mundo nas suas immortaes Encyclicas, e nomeadamente na Encyclica *Rerum Novarum* sobre a condição dos operarios, que está destinada a operar no seio d'esta sociedade enferma uma transformação salutar. Seguindo os ensinamentos de Leão XIII, a quem desde já promette obediencia incondicional, a *Revista Contemporanea* dedicar-se-ha muito particularmente ao estudo das questões sociaes, procurando resolvel-as segundo os principios ensinados pelo immortal Pontifice, e que são a expressão fiel e o commentario tão sabio como opportuno do Evangelho e da doutrina tradicional da Egreja.

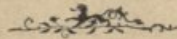
Não é, porém, só a sociologia moderna que combate o dogma catholico; combatem-n'o egualmente a philosophia e a sciencia das escolas que prescindem da fé, e por ultimo a historia que, nas mãos de certos escriptores, é, como disse José de Maistre, uma vasta conspiração contra a verdade.

A *Revista Contemporanea*, no intuito de bem servir a Egreja e a causa da verdadeira civilisação, não pode, pois, abandonar o estudo das questões philosophicas, scientificas e historicas.

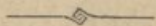
O nosso desejo é tornar a *Revista Contemporanea* util e proveitosa á causa tão brilhantemente sustentada por Leão XIII, que é tambem a causa da verdadeira sciencia e do bem estar e prosperidade das nações.

Contamos com o auxilio de todos os homens de boa vontade que se interessam no triumpho d'esta causa nobilissima, e, protestando a nossa rendida obediencia a todos os mandatos da Cadeira apostolica, encetamos a nossa missão simultaneamente catholica e patriotica.

A REDACÇÃO.



O SOCIALISMO ALLEMÃO



É na Allemanha que as escolas socialistas mais se tem desenvolvido e onde se acham mais fortemente organisadas; por conseguinte é ahi que melhor podemos estudar o socialismo nas suas aspirações, no seu programma e nas suas forças.

É notavel que em nenhum paiz o socialismo tenha tomado tanto incremento como na Allemanha, o que se explica não só pelo character especulativo dos povos germanicos, sempre dispostos, como disse um deputado allemão, a acceitar todos as utopias, mas ainda pela acção dissolvente do protestantismo. Na Allemanha o socialismo não é só o partido dos operarios, mas o de um grande numero de burguezes e até o de muitos professores das universidades.

Desde o congresso celebrado em Gotha em 1877, o partido socialista allemão, perseguido pelas leis, viu-se obrigado a fazer as suas reuniões no estrangeiro, preferindo quasi sempre a Suissa, até que no primeiro de outubro de 1890 foi revogada a lei de excepção. Logo no dia 12 e seguintes do mesmo mez reuniu-se em Halle um dos mais numerosos congressos socialistas, concorrendo 400 delegados.

Ahi foi votado o projecto de organização e programma elaborado pelos *Velhos*, Liebknecht, Bebel e Grillenberg, apesar da viva opposição levantada pelos *Novos*. Segundo esse programma, o partido seria dirigido por um conselho de doze

membros eleitos pelo congresso, e este compôr-se-ia de delegados das differentes circumscripções eleitoraes.

Cada circumscripção enviava tres delegados. Os presidentes, secretarios e thesoureiros eram retribuidos pela caixa geral. O *Volksblatt*, jornal redigido em Berlim por Liebknecht, ficou sendo reconhecido como orgão official do partido socialista allemão.

Antes de expôrmos o programma d'este partido, tão fortemente organizado, vamos offerecer aos nossos leitores alguns dados estatisticos bastante interessantes e que attestam o desenvolvimento da propaganda socialista na Allemanha.

Segundo um relatorio apresentado por Bebel ao congresso de Halle, durante os dois primeiros annos em que vigorou a lei de excepção, foram expulsos da Allemanha 80 socialistas, foram presos 1:500 e as condemnações que todos soffreram perfazem um total de mil annos de prisão.

Nas eleições de 1871 os socialistas tiveram 102:000 votos: em 1877 alcançaram 493:000; em 1881, surpreendidos pelo rigor das leis, desceram para 312:000; em 1887 obtiveram 763:000 votos; em 1890 alcançaram 1.427:000. Não conhecemos a estatistica geral das eleições do anno passado, mas todos os dados levam a crer que o socialismo não perdeu terreno.

O partido publica 104 jornaes que teem um total de 600:000 assignantes; 19 d'esses jornaes são diarios e teem todos 120:000 assignantes. O orgão official do partido é, como dissemos, o *Volksblatt*, redigido por Liebknecht.

O partido tem uma caixa de fundos para a qual todos os membros são rigorosamente obrigados a pagar uma quota semanal, sob pena de serem expulsos da sociedade. Em 1878 a receita foi de 37:000 marcos, ¹⁾ em 1880 foi de 95:000, em 1883 foi de 188:000, e em 1890 de 390:000.

A receita é applicada ás despezas eleitoraes, subsidios a deputados, soccorros aos socialistas enfermos e necessitados e ás custas de processos. De todas estas despezas resta sempre um grande saldo.

¹⁾ O marco vale 230 reis ao cambio normal.

É digno de notar-se que o socialismo conta maior numero de adherentes nas regiões em que predomina o protestantismo; pelo contrario, onde prospera a religião catholica esse partido tem uma existencia precaria. É assim que o socialismo tem o melhor de suas forças na Prussia, onde domina a religião protestante.

Os proprios socialistas confessam este facto e ameaçam o centro catholico, que é o mais forte e o mais bem organizado de todos os partidos allemães. No relatorio de Bebel a que nos vimos referindo encontram-se as seguintes palavras:

«Faremos comprehender ao partido ultramontano que nos achamos em circumstancias de o dominar. Não tomaremos de assalto a fortaleza inexpugnavel do centro, mas havemos de minal-a, conforme as lições que d'esse lado temos recebido ha doze annos. Hoje devemos voltar os nossos esforços para a conquista dos habitantes dos campos e das populações operarias da Alta Silesia, actualmente dominados pelos ultramontanos. Importa crear um jornal em lingua polaca, e outro em allemão na Alsacia-Lorena.»

Eis o programma socialista apresentado no congresso celebrado em Gotha em 1875 e ainda hoje em vigor:

I. — O trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda a civilização. Ora, como não é possivel que um trabalho seja proveitoso, a não ser por intervenção da sociedade, segue-se que todo o producto do trabalho pertence á sociedade, isto é, a todos os seus membros sujeitos á lei do trabalho, mediante um direito egual para todos a uma parte respectiva, segundo as exigencias individuaes.

Na sociedade actual, os meios de producção acham-se monopolisados pela classe dos capitalistas, e a sujeição que d'ahi se segue para o operario é a causa da miseria e da escravidão em todas as suas formas.

A emancipação dos operarios exige que os meios de producção sejam transformados em uma propriedade commum da sociedade, e que todo o trabalho seja regulado por meio da associação, garantindo-se que o producto do trabalho

seja repartido em uma medida justa e vantajosa. A emancipação do trabalho deve ser realisada pela classe operaria, a respeito da qual as outras classes não são mais, em definitiva, que uma massa de reaccionarios.

II. — Partindo d'estes principios, o partido operario socialista da Allemanha propõe-se fundar, por todos os meios possiveis, o Estado livre e a sociedade socialista; conseguir a abolição da lei da oferta e da procura pela suppressão do trabalho com salario fixo, supprimir a especulação de qualquer especie que seja, destruir toda a desigualdade social ou politica.

Mas, trabalhando nos limites do territorio nacional, o partido socialista allemão tem a consciencia do character internacional do movimento operario; e, por conseguinte, está decidido a cumprir todos os deveres que tal situação impõe aos operarios, e a tornar possivel a fraternidade de todos os homens. A fim de preparar a solução da questão social, o partido quer que a producção socialista se constitua em associação, que seja soccorrida pelo Estado e sujeita ao syndicato democratico do povo dos trabalhadores. Essas associações para a industria e para o commercio devem reunir um numero de membros bastante consideravel para que todos tenham em resultado a organização socialista do trabalho.

O partido toma para base das suas reclamações e pede ao Estado:

a) O suffragio universal directo, com votação secreta e obrigatoria para todo o individuo que tenha vinte annos completos.

A eleição deveria realisar-se ao domingo.

b) Legislação emanando directamente do povo, unico que poderá decidir da guerra e da paz.

c) Alistamento militar obrigatorio para todos; os exercitos permanentes substituidos pelos exercitos populares.

d) Abolição de toda a lei de excepção, principalmente em materia de imprensa, reuniões, associações, e em geral de todas as leis que embaraçam a liberdade de opinião, de pensamento e de exame.

e) Justiça gratuita e exercida pelo povo.

f) Educação geral e egual do povo, a cuidado do Estado; instrucção obrigatoria, ensino gratuito em todos os graus e baseado no principio de que a religião é um negocio puramente particular.

Por agora, o partido pede á sociedade, tal como ella está presentemente organisada:

1) A maior extensão possivel dos direitos e das liberdades politicas no sentido das reivindicações acima indicadas.

2) Imposto unico e progressivo sobre o rendimento, em substituição de todos os impostos que existem actualmente, e principalmente dos impostos indirectos que pesam sobre o povo.

3) Direito de associação sem restricção de especie alguma.

4) Dia normal de trabalho correspondente ás necessidades sociaes; prohibição do trabalho nos domingos.

5) Prohibição do trabalho dos menores e do que é prejudicial á saude e á moralidade das mulheres.

6) Leis que protejam a saude e a vida dos operarios; uma inspecção sanitaria ás habitações dos operarios, ás minas e fabricas, inspecção feita por agentes escolhidos pelos operarios; uma lei especial que garanta efficazmente o operario contra os accidentes do trabalho.

7) Regulamentação do trabalho dos presos.

8) Autonomia completa de todas as sociedades de socorros mutuos e outras semelhantes.

O congresso em que foi adoptado este programma ficou celebre nos annaes do socialismo allemão, porque se procurou ali acabar com certas divergencias que enfraqueciam o partido. Até então havia na Allemanha duas grandes associações socialistas: a *Associação geral dos operarios allemães* (*Allgemeine deutsche Arbeiterverein*), fundada em 1863 por Lassalle; e a *Associação democratica dos operarios* (*Democratische Arbeiterverein*), dirigida por Bebel e Liebknecht: os primeiros eram socialistas evolucionistas, os segundos socialistas revolucionarios. Como dissemos, procurou-se no congresso de Gotha

unificar o partido, fundindo as duas associações em uma só, com o nome de *partido socialista dos operarios allemães* (*Socialistische Arbeiter partei Deutschlands*), e sob a presidencia do deputado Hasenclever. Isto, porém, não obstou a que continuasse a haver profundas divergencias entre socialistas evolucionistas e socialistas revolucionarios.

Entre as discussões que se levantaram no congresso de Halle manifestaram-se ideias e tendencias do socialismo que as conveniencias do partido não permittiram exarar no programma.

Assim Rudt, apoiado por alguns corypheus, pediu a supressão violenta de toda a religião. A proclamação d'este principio iria aterrar o operariado catholico, faria perder ao socialismo alguns adeptos ingenuos e devia crear-lhe grandes embarços. Preferiu-se portanto o expediente hypocrita de declarar que «a religião é um negocio puramente particular».

Os intuitos socialistas a este respeito manifestou-os um dos corypheus do partido. Liebknecht, respondendo a Rudt, disse que o seu pensamento de destruição religiosa só poderia realisar-se quando já fosse um facto a organização socialista da sociedade civil. Accrescentou que a guerra aberta á religião não era bom processo para se conseguir o ideal socialista, e que a escola, o livre pensamento e a propaganda socialista é que se iriam encarregando de destruir os principios religiosos.

De facto, os chefes socialistas são unanimes em declarar que a destruição completa da religião é absolutamente indispensavel para assegurar o triumpho do socialismo. Bebel disse um dia: «O atheismo, a Republica, a abolição da propriedade e da familia, eis o nosso fim.» D'aqui ao anarchismo vae menos de um passo.

Em vez da propriedade particular e da sociedade domestica, o socialismo offerece a propriedade e a sociedade do Estado, que fica sendo o unico senhor e regulador do individuo e do corpo social. Anniquila-se o individuo e a familia, deifica-se o Estado.

O Estado ministra a educação, distribue o trabalho e a

riqueza, provê a todas as necessidades do individuo e apodera-se de todas as suas faculdades para as pôr ao serviço do corpo social. O povo exerce a justiça, converte-se em tyranno, e a sua tyrannia é tanto mais perigosa quanto é exercida por uma multidão desenfreada e cega.

Desprende-se o individuo de todos os seus laços naturaes e sociaes, ainda os mais sagrados e inviolaveis. O sanctuario da familia é arbitrariamente invadido pelo despotismo do Estado.

O pae não pode prover ás necessidades de seus filhos, que são como que uma parte de si mesmo: a vigilancia d'elles pertence ao Estado, porque elle é o senhor de todos os cidadãos, convertidos agora em verdadeiros escravos. O despotismo de um homem é substituído pelo despotismo da collectividade.

Destruída a sociedade domestica, supprimido no homem o mais poderoso estimulo do trabalho, que é o sentimento da familia, fica o egoismo como lei suprema de cada um. Como consequencia logica veem as luctas, as discordias, os descontentamentos, a inveja e o odio. O homem tornar-se-ha então o inimigo do homem: *Homo homini lupus*, como dizia Hobbes. Cada um quererá poupar-se a incommodos e procurará viver exclusivamente á custa dos outros; d'ahi seguir-se-ha naturalmente a paralyção do trabalho, porque a vigilancia do Estado não pôde evitar que qualquer se esquive á fadiga; depois decrescerá o quantitativo da producção.

Já hoje os chefes do socialismo allemão vivem como riquissimos burguezes, em esplendidas habitações, á custa dos subsidios que recebem da caixa do partido, para a qual os pobres operarios socialistas pagam a sua quota semanal, como se não precisassem d'essas quantias para mitigarem as miserias do seu lar!

Um dia perguntaram a Liebknecht, n'uma reunião publica, em que termos seria concebida a constituição do futuro Estado socialista. A pergunta era embaraçosa, e a resposta de Liebknecht foi a seguinte: «Eu não sou propheta: quando chegar a hora, a sciencia responderá. Nós só vivemos para

a sciencia, que é o nosso unico principio. Não reconhecemos nenhuma auctoridade, nem na terra nem fóra d'ella. Mas não vêem que a sociedade actual marcha para o socialismo? Ora este ha de existir bem, quando chegar o seu tempo e insensivelmente a sua forma externa.»

A resposta não resolveu a questão, que aliás é insolúvel.

FORTUNATO DE ALMEIDA.



O ATHEISMO NO ESTADO

I

É o grande crime dos tempos modernos e a causa unica de todas as calamidades que affligem as nações. Pois ha Estados atheus? Infelizmente ha; e são aquelles que, esquecendo a sua missão providencial, governam como se Deus não existisse e legislam contra todos os principios da justiça e da moralidade cuja origem unica é Deus.

Pouco importa que esses Estados reconheçam theoricamente a existencia de Deus, se digam christãos, professem um tal ou qual respeito pela religião christã e lhe dispensem até uma certa protecção, se, no exercicio dos seus direitos e no cumprimento dos seus deveres, procedem como se Deus fosse uma pura ideia abstracta, um ser convencional, a sua lei uma entidade de que se pode prescindir na governação publica e a fé que se dignou revelar-nos completamente inefficaz para resolver os altos problemas sociaes. Proceder assim é negar na pratica o que se professa em theoria, e por isso cabe justamente aos Estados que governam e legislam como se Deus não existisse, a denominação de Estados atheus.

Ora, este atheismo, sobre ser, como dissemos, o grande crime dos tempos modernos e a causa unica de todas as calamidades que affligem as nações, é um erro fatal que hoje mais que nunca é necessario combater. Este erro nasce da falsa idéa da missão social do Estado e do falso conceito da

indole e virtude transformadora dos principios christãos que são a expressão suprema e transcendente do direito e da moral. E disse alguém que o direito e a moral são para a sociedade o que a systole e a dyastole são para o coração. Sem estes dous phenomenos physiologicos o rythmo cardiaco cessa, a circulação do sangue pára e a morte sobrevem fatalmente. Sem o respeito do direito e sem o cumprimento do dever a vida social desaparece completamente.

O Estado, que é o centro, o coração da vida social, deve ser, pois, o primeiro a procurar no direito, na justiça e na moralidade, a vida que deve communicar a todas as espheras sociaes, a todos os órgãos d'esse vasto e complicado organismo a que chamamos sociedade.

Qual é pois a verdadeira missão dos Estados? Assentemos primeiramente que o Estado investido d'uma auctoridade proveniente de Deus, origem unica de todo o poder e auctoridade, tem, por isso mesmo, uma missão providencial a cumprir. A ordem e harmonia do mundo physico é regulada pelas leis cosmicas que Deus lhe estabeleceu; a ordem e harmonia do mundo moral, essa ha de realisar-se pelas leis moraes impostas por aquelles a quem o mesmo Deus communicou o poder de governarem as sociedades e que, por isso, governam e legislam em nome de Deus.

Em nome de Deus, dissemos; e esta verdade, simultaneamente proclamada pela razão e pela fé, eleva e engrandece o que manda e o que obedece, do mesmo modo que a detestavel doutrina da soberania popular, tal como a ensinam as escolas anti-christãs, é tão aviltante para o que manda como injuriosa ao que obedece. Eleva, com effeito, e engrandece a auctoridade a sua missão divina, tanto quanto a deprime e avilta a doutrina de que essa auctoridade não governa em nome de um Deus, mas por vontade e delegação das massas populares, na grande maioria ignaras, apaixonadas, inconscientes e por vezes ferozes. Do mesmo modo eleva-se e exalta-se o homem quando obedece aos mandatos de Deus, tanto quanto se avilta quando obedece aos mandatos do homem sem poder nem auctoridade para mandar.

O homem não pode crear a auctoridade, nem, como homem, tem titulo algum razoavel para impôr mandatos aos outros, visto como todos os homens são eguaes na origem, no destino e nas aptidões naturaes para o conseguirem. O homem razoavel obedece sem hesitação á auctoridade desde o momento em que n'ella reconhece um delegado de Deus; mas revolta-se com justiça, desde que essa auctoridade se apresenta como representante do povo, de quem recebeu o que o povo não podia dar, o poder, o direito de governar. Os Estados governam, pois, em nome e por auctoridade de Deus, têm uma missão providencial a cumprir. Qual é?

II

Promover a felicidade e o bem estar temporal dos povos cujos destinos lhe estão confiados, tal é, em ultima analyse, a missão providencial do Estado, seja qual fôr a sua forma politica. A monarchia pura, a republica, a monarchia constitucional, tres formas politicas perfeitamente consentaneas com a razão e a fé, devem pois, para que fielmente correspondam aos designios de Deus, promover, mediante uma legislação justa e opportuna, a felicidade temporal do povo que governam. Ora, para esta felicidade temporal, são meios indispensaveis o desenvolvimento das letras, das sciencias, das artes, do commercio, da agricultura e de todas as fontes de riqueza publica, a justa repartição dos beneficios e dos encargos, e a equitativa administração da justiça. Tem pois o Estado deante de si graves problemas a resolver, da ordem scientifica, moral, politica e economica, e da boa ou má solução d'estes problemas depende a vida ou a morte da sociedade a que preside. Esta verdade é intuitiva, e por isso não tentamos demonstral-a. Ninguem dirá que promove a felicidade do povo o Estado que não se applica seriamente a estudar e resolver com acerto as momentosas questões d'onde depende essencialmente aquelle ideal. E pode o Estado resolver aquelles problemas prescindindo completamente de Deus, da sua lei e da sua doutrina, e, o que é mais, tentar

resolvel-os contra o que Deus ordena pelos dictames da razão e pelos principios da fé? Não pode, e se ousar tal tentativa, isto é, se se abalançar a essa empreza, o que equivale a proclamar-se praticamente atheu, falta á sua missão e é a causa unica das calamidades sociaes que fatalmente se hão de seguir do seu atheismo.

E, antes de tudo, respondamos a uma difficuldade. A missão do Estado, escreve-se ahi, não é religiosa como a da Igreja. Que tem que ver a religião com as sciencias, as artes, o commercio, a agricultura, as finanças, a industria...? O Estado é livre na sua esphera, e consequentemente não necessita da religião para o livre exercicio dos seus direitos e para o exacto cumprimento dos seus encargos. É a theoria do Deus-Estado, da *Statulatria*, da omnipotencia do Estado, senhor absoluto e independente. Admittida a existencia de Deus, tal theoria é, na sua feroz nudez, o dualismo manicheu, o erro monstruoso dos dous principios soberanos, omnipotentes, absolutos e independentes. Quem nega a liberdade do Estado na sua esphera e no desenvolvimento da sua missão? A Igreja, apoiada no Evangelho, não só a reconhece e proclama, mas tambem a garante. Mas ha de concluir-se d'aquí que o Estado é uma personalidade omnipotente e isenta da dependencia e sujeição que todo o ser creado deve naturalmente ao unico senhor supremo de tudo? A idéa de liberdade não é identica á de independencia absoluta. Bem livre é o homem e, queira ou não queira, está naturalmente sujeito ao dominio de Deus. Ou se ha de negar a existencia de Deus e os seus inauferiveis direitos sobre o mundo physico e moral, ou, admittida, se ha de admittir como consequencia necessaria a sujeição do Estado ao dominio e poder supremo d'Aquelle que pelos titulos de creador, conservador e governador de tudo, é o senhor absoluto de tudo. É por esta mesma razão que, sendo a Igreja a representante de Deus sobre a terra, a depositaria da sua auctoridade e dos beneficios que, pela redempção, liberalizou ao homem, não está sujeita a poder algum da terra e tem sujeitos a si todos os poderes e todos os Estados. Esta sujeição em nada prejudica a liberdade e

autonomia dos Estados, do mesmo modo que a sujeição do homem a Deus em nada prejudica, antes firma e garante, a liberdade humana. E pergunta-se depois d'isto o que tem que ver a religião com o Estado, e com os varios meios que o Estado deve empregar para promover a felicidade temporal dos seus subditos! Em primeiro logar deve notar-se que a felicidade temporal ou é falsa ou é meio para a consecução da eterna. E basta esta simples consideração para concluir que o Estado não póde prescindir da religião, que é a norma e a lei suprema a que devem ajuntar-se todos os meios que levam á felicidade eterna. É por isso a *suprema lex* dos Estados; ao imperativo cathegorico d'esta lei estão sujeitos os individuos como as collectividades, seja qual for a sua denominação.

III

Na sã philosophia e no Evangelho encontramos nós razões indiscutíveis para mostrar que TODA a legislação dos Estados deve ser informada pelos principios da religião. Desenvolvamos este ponto fundamental, já que é tão combatido e até chasqueado por certos escriptores que formam uma idéa errada da indole, necessidade e influxo social da religião. É claro que falamos da religião por excellencia, do christianismo, que é o unico corpo de doutrina ao qual perfeitamente se ajusta a palavra religião e a idéia que exprime. Tem o Estado a missão de promover o maximo desenvolvimento das letras das sciencias e das artes, e é precisamente n'isto que mais avulta a necessidade do christianismo, ideal supremo da sciencia e da arte, por ser o christianismo o ideal supremo da verdade, do bem e do bello. Bem sabemos que não pertencem directamente ao christianismo, e portanto á Igreja, que é a sua forma concreta, as sciencias sujeitas á actividade da razão, como as sciencias philosophicas, sociaes, physico-mathematicas, medicas e historico-naturaes; mas tambem sabemos que nenhuma d'estas sciencias pode ensinar principios oppostos aos principios da fé, e que a religião está no uso legitimo dos seus direitos e da sua auctoridade, quando

condemna como erroneos aquelles principios. Affirmar pois que a missão docente do Estado está sujeita á missão docente da Egreja o mesmo é que affirmar que o Estado não pode ensinar, em nome da sciencia, doutrina opposta á ensinada pela Egreja. O Estado não pode pois prescindir da religião, nem muito menos combater os seus dogmas no ensino que deve ministrar aos seus subditos, no auxilio que deve prestar ao progresso e esplendor das sciencias.

Quando Jesus Christo investiu os seus apóstolos do direito de magisterio n'aquellas memoraveis palavras: *docete omnes gentes*,—implicitamente impoz a todos os povos a obrigação de escutarem o magisterio dos seus ouvidos. É certo, e fique assim prevenida uma objecção, que o Salvador não ordenou aos seus enviados que ensinassem sciencias humanas, mas os dogmas e a moral, o symbolo e o codigo religioso que o mesmo Salvador lhes havia revelado. Mas no mesmo direito de ensino religioso conferido aos apóstolos está incluído o direito de condemnar como erroneo todo o ensino opposto á religião. Não ha, com effeito, sciencia alguma d'essas que Deus deixou entregues ás discussões humanas, como diz a Escriptura, que não tenha relações mais ou menos proximas com os principios da religião. A philosophia, que á a base e o fundamento de todas as sciencias, tem como principio primario a existencia de Deus, e, apesar de accessivel á razão, não pode estudar-se independentemente da fé. Cortar as relações entre as sciencias e a religião é um erro funesto e de graves consequencias para o progresso e bem estar social. Promova pois o Estado o desenvolvimento das sciencias, abra escolas e academias onde se professem, derrame largamente a instrucção em todas as camadas sociaes, que todos estes esforços nobilissimos são abençoados pela religião, a sublime inspiradora de todas as sciencias, mas nunca se esqueça que ha uma norma suprema que dirige a actividade da razão e o genio do homem nos seus trabalhos e investigações scientificas. Essa norma suprema é a religião; desprezal-a ou ensinar contrariando-a é negar a auctoridade docente de Deus, é proclamar o atheismo no ensino publico. Os outros

problemas sociaes da ordem politica e economica tambem não podem ser resolvidos satisfactoriamente sem o Evangelho, e muito menos contra o Evangelho. Ainda que principalmente revelados para ensinar ao homem o que deve crer e praticar em ordem ao seu fim sobrenatural, os dogmas e os preceitos que constituem a divina economia do christianismo são eminentemente sociaes e exercem por isso benefico influxo na sociedade civil. O melhor cidadão é sem duvida alguma o christão digno d'este nome. Se é auctoridade ou governante, sabe que tem de dar estreita conta do modo por que exerceu o poder, e procura ser fiel á missão de tremenda responsabilidade que lhe foi confiada. A auctoridade ou o governante verdadeiramente christão não abusa torpemente do mando, não rouba os dinheiros publicos, não esmaga os cidadãos com pesadissimos tributos, não cuida de enriquecer-se a si e aos seus á conta da miseria e do suor do povo, n'uma palavra, não é nem procede como as auctoridades e os governos para quem Deus, a religião e a vida futura são cousas sem importancia e perfeitamente dispensaveis na administração dos negocios publicos. Tão verdade é que o christianismo com a austeridade dos seus principios e dos seus preceitos exerce benefico influxo na boa governação dos Estados. Haverá virtude mais social do que a caridade? Não está no exercicio d'esta virtude, tal como o christianismo a ensina, o segredo da solução do grande e momentoso problema social, que hoje sóbrelava em importancia e gravidade todos os demais problemas? Na sua immortal encyclica *Rerum novarum* sobre a condição dos operarios, mostrou Leão XIII, com razões e factos de evidencia indiscutivel, que, se a caridade christã fosse fielmente praticada, nem os ricos explorariam a desditosa condição do operario, nem este romperia em excessos criminosos contra aquelles.

DR. SILVA RAMOS.

(Continúa.)

OS JESUITAS E A RESTAURAÇÃO DE 1640



Algumas palavras pronunciadas ha annos no parlamento hespanhol pelo notavel tribuno Emilio Castelar deram occasião a uma interessante polemica entre os fallecidos escriptores Camillo Castello Branco e Oliveira Martins, ácerca do papel que os jesuitas desempenharam na restauração de 1640. ¹⁾ Não é destituída de interesse esta questão historica, por se achar ligada a dois pontos importantes da historia nacional, — a influencia dos jesuitas entre nós e a restauração da nossa independencia; mas infelizmente a polemica não se prolongou, e os dois eruditos escriptores não esmiuçaram a questão quanto lh'o permittiam os seus extraordinarios recursos. ²⁾

Na sua *Historia de Portugal* escreveu o sr. Oliveira Martins: «N'um homem que foi para D. João IV o que o grão doctor fôra para D. João I; n'um homem superior e forte que está á frente do moderno Portugal, como o guia, o mestre, o fundador; multiforme na capacidade, omnimodo na acção, missionario e diplomata, financeiro e estadista, e

¹⁾ As palavras pronunciadas por Emilio Castellar, segundo *El Globo*, são as seguintes: «No soy partidario de los jesuitas ni participo de las supersticiones de los masones contra ellos; lo unico que me subleva la conciencia, cuando de los jesuitas hablo, es lo mucho que la Orden contribuyo, ingrata! á la separacion de España y Portugal, traicion que jamás puede perdonarle España.»

²⁾ Vid. *Bohemia do espirito* por Camillo Castello Branco, pag. 29 e seg.

por sobre isso philosopho, moralista e litterato, n'esse homem que é o padre Antonio Vieira, o jesuita, apraz-nos ver, ao mesmo tempo, o espirito da *Companhia* no meiado do XVII seculo, e o genio da nação, formada no seio da sociedade de Jesus, por ella educada, *por ella restaurada á independencia politica.*» ¹).

A proposito das palavras de Castelar, o illustre escriptor Camillo Castello Branco procurou refutar o periodo que acabamos de transcrever do sr. Oliveira Martins, mas não nos parece que lograsse o seu intento. Os argumentos que apresentou reduzem-se a pouco. Observa que em 1640 estava o padre Antonio Vieira no Brazil, e por isso foi estranho ao movimento revolucionario; e que nem da sua correspondencia consta que tivesse qualquer aviso das tentativas revolucionarias iniciadas em 1637. Acrescenta que os revolucionados não davam nada pelo patriotismo da Companhia de Jesus, e tanto que, arrojado á praia de Peniche o navio em que regressava o celebre missionario, quizeram alli assassinal-o e mais dois seus companheiros por suspeitos de traição.

Ora a ausencia do padre Vieira em 1640 não prova de forma alguma que a Companhia hostilisasse o movimento revolucionario; e a suspeita que se fez do patriotismo do notavel orador não pode induzir-nos a crer que elle não suspirava pela libertação da patria. A razão é simples: o padre Vieira passára o melhor da sua vida prégando aos gentios do Brazil, e era natural que os seus sentimentos politicos não fossem muito conhecidos em Portugal, tanto mais quanto é certo que não alcançara ainda a fama que ao depois teve. Os revolucionados suspeitariam d'elle como de qualquer outro que não conhecessem perfeitamente.

Estas considerações bastariam se não houvera meio de explicar claramente o alludido caso de Peniche, sem quebra para o patriotismo do jesuita.

Antonio Vieira largára da Bahia em 27 de fevereiro de 1641, com o padre Simão de Vasconcellos e D. Fernando

¹) *Historia de Portugal* (Lisboa, 1879), vol. II, pag. 81.

Mascarenhas, filho do marquez de Montalvão. Uma tempestade arrojou-os a Peniche, onde os esperava um perigo não menos grave que o das temerosas ondas do oceano. ¹⁾

Era o caso que a familia de D. Fernando Mascarenhas mostrara-se affeiçãoada á causa de Castella, e o povo de Peniche alvoroçou-se apenas soube que chegára ali um filho do marquez de Montalvão. ²⁾ O pobre D. Fernando, que prestára importantissimos serviços á patria, pagou com uma ferida na cabeça o nefando crime de pertencer a uma familia de traidores, e tirar-lhe-iam a vida se não lhe acode o conde de Athouguia, que ao tempo era governador em Peniche. Os dois jesuitas estiveram presos dois dias, e a unica base da suspeita que sobre elles recahiu era o facto de acompanharem D. Fernando. ³⁾

Ahi fica explicado um facto que, referido por alto, pareceria ter algum valor para o proposito de Camillo Castello Branco.

Em um conciso artigo ⁴⁾ respondeu o sr. Oliveira Martins ao illustre romancista, ponderando diversos factos que abonam a cooperação dos jesuitas na obra da independencia. Recordou os testemunhos de D. Francisco Manuel, nas *Epanaphoras*, do conde da Ericeira, no *Portugal restaurado*, da *Deducção chronologica* «de massadora lembrança» e do dr. Gregorio de Almeida na *Restauroação de Portugal prodigiosa*. Em 1640 os jesuitas applicaram habilmente a D. João IV a lenda do *Encoberto*, afim de attrahirem ao novo monarcha a sympathia popular. A sua influencia era por todos os modos aproveitada para combater a occupação castelhana.

Para darmos uma ideia succinta de toda a polemica, vejamos como replicou Camillo Castello Branco.

¹⁾ *Vida do padre Antonio Vieira* por André de Barros, l. I, § XXXIV. — *Portugal restaurado*, vol. I, l. III, pag. 148.

²⁾ D. Pedro Mascarenhas e D. Jeronymo Mascarenhas, irmãos de D. Fernando, tinham deixado Portugal para se unirem aos castelhanos. A marqueza sua mãe, D. Francisca de Vilhena, foi encerrada por suspeita de traição no castello de Arrayollos. D. Jeronymo veio a ser bispo de Segovia, e era nomeado para Astorga quando a morte o surprehedia, em 1670. Recebêra em Coimbra o grau de doutor em Theologia.

³⁾ *Portugal restaurado*, vol. I, pag. 148. — André de Barros, l. I, § XXXV.

⁴⁾ Vem transcripto na *Bohemia do espirito*.

Colocado em mau campo, o erudito escriptor procurou amesquinhar as auctoridades citadas por Oliveira Martins. Pelo que respeita á *Deducção Chronologica*, acervo dos mais monstruosos carapetões contra os jesuitas, Camillo teria razão, quando não se tractasse de um facto honroso para a Companhia; tambem se não pode justificar o modo como aprecia os outros auctores citados. Diz que nas *Epanaphoras* não leu confirmada «a proeza redemptora da Companhia de Jesus», e accrescenta que esse livro só encerra phantasias que teem induzido a erros historicos.

Ora a verdade é que as *Epanaphoras*, livro aliás familiar a Camillo Castello Branco, fallam muito claramente da efficaz influencia dos jesuitas contra o dominio hespanhol, como logo veremos. ¹⁾ Por outro lado, se n'ellas alguma cousa se contém de fabuloso, como é a formosa lenda dos amores de Anna d'Arfet e Roberto Machim, tambem se lá encontram narrações historicas; e tanto é historico o que n'este ponto se refere aos jesuitas, que D. Francisco Manuel o declara muito expressamente. ²⁾

Assim o considerou tambem Alexandre Herculano, historiando no *Panorama* ³⁾ os acontecimentos que se deram em Evora em 1637.

Ainda Camillo Castello Branco faz outras considerações a que adeante nos referiremos. Não as analysou o sr. Oliveira Martins, porque, infelizmente, a polemica não continuou, perdendo-se assim uma bella occasião de se esclarecer um ponto historico na verdade interessante.

Vejamos, porém, se pode apurar-se alguma cousa relativamente á attitude dos jesuitas perante o dominio hespanhol e ao papel que desempenharam na restauração de 1640.

1) Pag. 34 e seg. Este livro é hoje rarissimo, principalmente na primeira edição. Da segunda, que foi impressa em Lisboa em 1676, possuímos um exemplar, e é a ella que nos reportamos.

2) Pag. 35.

3) Vol. III, pag. 387 e 394.



Que os jesuitas se mostraram desde o principio adversos á causa de Castella, e por outro lado patrocínavam os direitos da casa de Bragança, provam-n'ò as negociações que Filippe II apprehendeu, ainda em vida do cardeal D. Henrique, para fazer valer a sua pretensão.

A affeição que o cardeal mostrava a sua sobrinha D. Catharina de Bragança era attribuida á influencia do seu confessor, o jesuita Leão Henriques. Filippe II, receando as hostilidades da Companhia, encarregou o seu embaixador em Roma, D. João de Zuniga, de conseguir do geral ordens terminantes para que os jesuitas se abstivessem de qualquer ingerencia na questão que se debatia. O geral, que a esse tempo era Eberhard Mercurianus, deu-se pressa em satisfazer os desejos do embaixador hespanhol, mas a sua advertencia não foi attendida.

Christovam de Moura, que espreitava em Portugal todos os movimentos dos jesuitas, queixou-se novamente das hostilidades da Companhia, e pediu que de Roma fossem expedidas ordens terminantes para as fazer cessar. Como se vê, a importancia da Companhia era tão grande que inspirava serios receios a Filippe II.

Em Roma levantou-se um borborinho. D. João de Zuniga queixou-se amargamente a Gil Gonzalez, assistente da Companhia, e depois teve uma conferencia com o geral, a quem entregou uma carta do proprio punho de Filippe II.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

(Continúa.)

CHRONICA CONTEMPORANEA

I

INTERIOR

A morte de Oliveira Martins. — Traços biographicos. — O escriptor e a sua obra. — Abertura do parlamento — O Centro parlamentar nacional.

Pelas 6 horas da manhã do dia 24 de agosto, falleceu em Lisboa o illustre escriptor Oliveira Martins, depois de pedir e receber todos os soccorros da religião. Abraçado a um crucifixo, Oliveira Martins despediu-se do mundo com a serenidade e fervor de um crente, dando um solemne e exemplar desmentido áquelles dos seus livros em que as verdades christãs nem sempre foram acatadas.

Consola-se-nos a alma e estremece-nos de jubilo o coração, ao ver que aquelle espirito lucido, aquella esplendida intelligencia, se deixou illuminar pelo radiante clarão da fé religiosa quando sentiu approximar-se a morte e chegar-se a hora em que devia comparecer perante o tribunal divino.

Mas não foi só nos ultimos momentos da vida que em Oliveira Martins se manifestou um vivo sentimento religioso. Em alguns dos seus ultimos livros scintilla por vezes uma convicção christã, revela-se um certo respeito ás cousas religiosas, nota-se como que o preludio de uma recon-sideração. Parece que a vida litteraria do grande escriptor ia entrar em uma phase christã, para o que não concorreram pouco os estudos que ultimamente empreheendeu acerca da historia nacional, no periodo em que um ardente zelo religioso animava todos os nossos mais famosos heroes.

*

Joaquim Pedro de Oliveira Martins nasceu em Lisboa a 30 de abril de 1845, na travessa do Pombal, freguezia de Santa Isabel. Era filho de Francisco Candido Gonçalves Martins e de D. Maria Henriqueta Moraes de Oliveira, e neto paterno do desembargador Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, que por duas vezes foi ministro d'estado de D. João VI, e que fez parte do governo supremo do reino em 1820, até á constituição das côrtes em 26 de janeiro de 1821.

Seus paes destinaram-n'o à engenharia militar, mas teve de abandonar a carreira apenas tinha feito alguns exames no lyceu de Lisboa, em virtude do fallecimento de seu pae, victimado em 1857 pela febre amarella. Desde então Oliveira Martins entregou-se ao commercio, procurando meios de subsistencio para seus cinco irmãos.

Residiu em Lisboa até 1870, anno em que foi para Hespanha, onde se empregou na companhia das minas de Santa Eufemia, em Cordova, d'onde regressou em 1874 para fixar a sua residencia no Porto. Ahí se conservou até que em 1881 foi para Lisboa.

Foi no Porto que Oliveira Martins começou a sua carreira politica, que não devia conquistar-lhe as glorias que mereceu como escriptor. Espirito essencialmente especulativo, faltava-lhe a envergadura e o caracter practico do homem politico.

Até 1884 combateu ao lado dos republicanos, publicando artigos e livros democraticas e socialistas. Mas por essa occasião entrou para o partido progressista, e fundou no Porto a *Provincia*, onde os seus artigos se tornaram desde logo tão notaveis, que muito contribuíram para a queda do gabinete regedor em 1885.

Quando, em 17 de janeiro de 1892, apoz a queda do gabinete João Chrysostomo, foi chamado para constituir gabinete o sr. Dias Ferreira, Oliveira Martins ficou com a pasta da fazenda, tendo por collegas no ministerio os srs. bispo de Bethsaida, visconde de Chancelleiros, Costa Lobo, Pinheiro Furtado e Ferreira do Amaral. Mezes depois sahio do ministerio em consequencia de uma recomposição do gabinete. Nas ultimas eleições foi eleito deputado pelo Porto sem cõr partidaria.

Era socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da Real Academia Hespanhola e de quasi todas as corporações scientificas e litterarias do Brazil.

Foi director politico da *Provincia*, do *Reporter* e do *Tempo*, onde publicou uns notabilissimos artigos ácerca do tratado de 20 de agosto com a Inglaterra. Collaborou em muitos jornaes, como o *Archivo Pittoresco*, *Occidente*, *Dois Mundos*, *Jornal do Commercio*, *Cruzeiro* (do Rio de Janeiro), *Revista Occidental*, *Revista Scientifica*, *Protesto*, *Revista de Portugal*, *Revista de Educaçào e Ensino*, *Jornal do Commercio* (do Rio de Janeiro), etc.

*

Oliveira Martins foi um dos mais brilhantes e originaes talentos portuguezes d'este seculo. A sua grande actividade litteraria produziu dezenas de volumes, em que se revela como economista e historiador de primeira grandeza.

Em 1878 publicou a *Circulaçào Fiduciaria*, livro honrado com a medalha de ouro no concurso aberto pela Academia Real das Sciencias. N'este livro e n'um outro que publicou com o titulo — *O regime das riquezas* — affirmou irrefragavelmente o seu talento e mostrou a sua predilecçào pelas escolas economicas allemãs. Em muitos dos seus escriptos tocou magistralmente as questões sociaes, estudando-as tambem nas suas relações com as circumstancias do nosso paiz. Ligado aos partidos mais avançados, Oliveira Martins adoptou nos principios da sua carreira as theorias socialistas, como se vê dos seus dois livros — *A Theoria do Socialismo e Portugal e o Socialismo*, que fizeram grande impressào.

Mas onde Oliveira Martins revelou o seu grande genio, onde mostrou todos os vastos recursos do seu espirito e toda a originalidade do seu talento foi nas suas obras historicas. Espirito profundo, alliando a uma grande força de concepção psychologica uma sensibilidade verdadeiramente

peninsular e um genio essencialmente synthetico, conseguiu traçar nos seus livros historicos quadros incomparaveis, de uma originalidade frisante.

Ninguem como elle se apoderava do conjuncto de uma epoca, para lhe determinar as feições, para conglobar e como que personalisar todos os elementos que a formaram. Apoz este trabalho de synthese, enquadrados n'uma tela os homens e os acontecimentos, apparecia a movimentação da scena dirigida e impulsionada por uma grande força imaginativa, animada por uma sensibilidade impressionavel.

Com estes recursos, tão difficeis de reunir no mesmo individuo, e que faziam de Oliveira Martins como que um mixtô do genio especulativo allemão e da vivacidade meridional, conseguiu escrever paginas unicas até hoje na lingua portugueza. Fazia resurgir os heroes do passado, cizelava-lhes a compleição physica e delineava-lhes a estatura moral, sempre com uma intuição tal que os seus retratos mais parecem esculpturas; apanhava-os em flagrante e transportava-os á scena, onde lhes fazia representar o seu papel, com um brilho e uma naturalidade de descripção que chegam a emocionar.

É claro que estas qualidades de espirito, quando não sejam persistentemente dominadas, nem sempre servem bem o historiador, e por isso não é de estranhar que, em Oliveira Martins, vejamos uma vez out outra sacrificada a verdade historica ao colorido da narrativa; mas nem por isso deixamos de admirar a intuição com que elle surprehendia os caracteres, e a grande força imaginativa com que descrevia as paisagens e dava vida aos heroes.

O estylo de Oliveira Martins tinha uma feição exclusivamente pessoal, ás vezes um pouco nebuloso e accidentado, com uns cambiantes onde, se alguma vez faltava a correção e o purismo classico, nunca desfallecia a energia da phrase, a serenidade e uma grande força presuasiva.

Nem todos os seus livros alcançaram a soberana altura a que tantas vezes se elevou, porque nem todos os assumptos tratados se harmonisavam com a indole e os estudos especiaes do escriptor; mas as suas numerosas obras primas foram sobejas para fazer d'elle um vulto litterario de primeira grandeza.

Por isso pode com justiça dizer-se que a morte de Oliveira Martins foi uma perda nacional.

*

Eis a lista completa das obras de Oliveira Martins:

HISTORIA NACIONAL: — *Historia da civilização iberica* (1836); *Historia de Portugal* (1888); *O Brazil e as colonias portuguezas* (1888); *Portugal contemporaneo* (1883); *Portugal nos mares* (1889); *Camões, os Luziadas e a Renascença em Portugal* (1891); *Navegações e descobrimentos dos portuguezes* (1892); *Os filhos de D. João I* (1891); *A vida de Nuno Alvares Pereira* (1893).

HISTORIA GERAL: *Elementos de anthropologia* (1885); *As raças humanas e a civilização primitiva* (1893); *Systema dos mythos religiosos* (1892); *Quadro das instituições primitivas* (1893); *O regimen das riquezas* (1893); *Historia da republica romana* (1885); *O Hellenismo e a civilização christã* (1878); *Taboas de chronologia e geographia historica* (1881).

VARIA: — *Phebus Moniz; A circulação fiduciaria* (1883); *A reorganização do Banco de Portugal* (1877); *O artigo «Banco»* (1877); *Política e economia nacional* (1885); *Projecto de lei de fomento rural* (1877); *Elogio historico de Anselmo Braamcamp* (1886); *Theophilo Braga e o Cancioneiro* (1869); *O Socialismo* (1872-73); *As eleições* (1878); *O emprestimo portuguez*

de 1852; *Carteira d'um jornalista (Portugal em Africa (1891) e a Inglaterra de Hoje (1893).*

Oliveira Martins encetára ultimamente um plano de estudos historicos sobre a dynastia de Aviz. O primeiro d'esses estudos era a *Vida de Nuno Alvares*, publicada no anno passado; o segundo eram os *Filhos de D. João I*, publicados anteriormente; o terceiro devia ser um trabalho sobre D. João II, de que deixa um ou dois capitulos; o quarto intitular-se-ia *Affonso de Albuquerque*, occupando-se dos grandes acontecimentos do mais glorioso periodo da nossa historia, e o ultimo *D. Sebastião*.

O seu ultimo trabalho foram duas esplendidas cartas para o *Jornal do Commercio*, acerca da sua viagem a Castella Velha, com o intuito de estudar o scenario, onde se deram as contendas de Affonso V com os reis catholicos.

Exactamente no dia em que deve apparecer o primeiro numero da *Revista Contemporanea*, abrir-se-ha a sessão legislativa d'este anno, tão anciosamente desejada pelos partidos opposicionistas, e, ao que parece tão temida pelo governo.

N'um momento em que os elementos parlamentares se preparam tão vivamente para a lucta, e quando tambem o governo traz entre mãos gravissimas questões de politica internacional e administração publica, era natural prever-se um periodo ao mesmo tempo agitado e fecundo do parlamento portuguez. Mas, se as nossas previsões tiverem por base os antecedentes parlamentares, — porque mal podem assentar n'outro fundamento, — teremos uma quadra politica esteril de beneficios, cortada apenas das luctas mesquinhas dos partidos, de incidentes um tanto ridiculos ou escandalosos.

Oxalá que esta previsão fosse desmentida pelos factos, e que as boas vontades do governo e do parlamento se unissem n'um esforço commum para a melhor solução das gravissimas questões que trazem o paiz em sobressalto.

Felizmente parece que agora se manifestará no parlamento uma nova fracção, — o Centro parlamentar nacional, — que, pondo de parte as luctas mesquinhas dos partidos se proporá advogar os mais sagrados interesses religiosos e politicos do paiz, ao lado de qualquer governo ou de qualquer partido, ou contra qualquer situação ministerial sempre que seja necessario.

Do Centro parlamentar nacional farão parte todos os homens de boa vontade, que comprehendam as verdadeiras necessidades do paiz e estejam firmemente dispostos a empenhar-se por que ellas sejam satisfeitas. A questão colonial, sob todos os seus aspectos, as questões politicas e administrativas, as questões economicas e financeiras, todas hão de merecer a attenção do Centro, que tem comsigo alguns dos mais gloriosos talentos politicos e alguns dos nossos homens publicos de mais reconhecida probidade.

Outro dia fallaremos mais detidamente do Centro parlamentar, que de certo ha de produzir excellentes fructos para o paiz.

II

EXTERIOR

A morte do conde de Paris. — Notas biographicas. — A questão politica em França. — O futuro conclave.

Já sabem os nossos leitores que no dia 8 de setembro falleceu em Stowe House o conde de Paris, pae de Sua Magestade a rainha D. Amelia, e representante do principio monarchico em França.

Luiz Filippe Alberto de Orléans nascera no dia 24 de agosto de 1838, e fôra educado pelo illustre sabio Adolpho Régnier. Fez diversas viagens pela Europa, e mais tarde foi ao oriente com seu irmão o duque de Chartres. As impressões da sua viagem á Syria foram publicadas em 1861 com o titulo de *Damasco e Libano*. Como se sabe, o conde de Paris sahira de França em virtude da revolução de fevereiro de 1848, que derribou seu avô Luiz Filippe.

Em 1861 alistou-se com o duque de Chartres nas tropas dos Estados Unidos para tomarem parte na guerra federal. Entraram na campanha de 1862, e pouco depois retiraram-se do serviço, por se terem perturbado as relações entre a França e os Estados Unidos, em consequencia dos negocios do Mexico.

No seu regresso á Europa publicou varios estudos importantes na *Revista dos Dois Mundos*, umas vezes com o pseudonymo de *Eugène Torcade*, outras com o de *X. Raymond*. Publicou tambem um livro — *As associações operarias em Inglaterra* (Trades-Unions) — que mereceu a traducção em varias linguas.

Em 1886 o conde de Paris celebrou uma grande festa em Paris, no seu palacio da rua de Varennes, á qual concorreram os embaixadores estrangeiros e principes residentes, e destinada a solemnisar o casamento de sua filha a rainha D. Amelia. Parece que aquelle facto produziu uma forte impressão no governo da Republica, e por isso foi votada em 11 de junho d'esse anno a lei de expulsão dos pretendentes, isto é, dos principes que tinham reinado em França e dos seus herdeiros directos. Desde então o conde de Paris passou a viver no estrangeiro com sua familia.

O partido realista francez foi gravemente abalado com as memoraveis encyclicas dirigidas por Leão XIII á França, recommendando aos catholicos o reconhecimento leal do governo republicano, como governo da França.

Com o conde de Paris, podemos dizê-lo, acabou a monarchia em França. De resto, esse principe, bom christão, honrado chefe de familia, era um sacrificado ao tradicionalismo monarchico. Elle não representava a monarchia legitima nem o suffragio popular, e apenas se conservou no seu papel de pretendente, — permittam-nos a expressão, — por honra da firma. Assim o provam numerosos documentos entre os quaes o seu testamento politico, cheio de serena melancolia, como dizia um jornal francez, e provando eloquentemente que foi menos por gosto do que por um dever imposto pelas circumstancias que o conde de Paris se conservou no seu papel de pretendente.

O *Univers* apreciou nos seguintes termos esse documento:

«É uma nobre pagina escripta com a serenidade melancolica do homem que, por dever mais que pelo desejo de reinar, pensou sempre no

papel que lhe deu o seu nascimento, mas sem nunca ter esperado firmemente que lhe fosse dado desempenhar esse papel. É a nota que nos offerece o seu testamento politico: se h'elle se encontra uma fé pura e a expressão do seu direito, reconhece-se tambem que o principe não acreditava no seu partido.

«Conta-se que, ao saber da morte do conde de Chambord, o conde de Paris exclamára: «que desgraça para a França e para mim!» Nunca houve palavras mais justas. Era preciso que Henrique V tivesse reinado para que Philippe VII podesse ser rei. Não comprehenderam isso, os habeis do orleanismo e do parlamentarismo, e em 1873 obstaram ao regresso do principe legitimo, na esperança de o fazerem abdicar e chegarem ao throno sem passarem por esse representante mais velho da monarchia tradicional e christã. Dez annos depois Henrique V morria, mas a republica consolidára-se e o paiz já não pensava em Philippe VII. Onze annos se passaram ainda, e o conde de Paris, morrendo no exilio, deixava um testamento em que affirma de novo o seu direito e mostra ao mesmo tempo que nem um só dia contou, com o triumpho. A sua vida de pretendente passou-se na tristeza, e devemos crer, segundo essas paginas escriptas em presença da morte, que elle soffreu mais nos seus sentimentos de patriota e de christão do que na sua ambição.»

Hoje, principalmente depois das memoraveis encyclicas de Leão XIII, a questão politica em França resume-se n'isto: a França é republicana.

N'uma das ultimas sessões das delegações austriacas, Mgr. Samassa, arcebispo d'Erlau, fez as seguintes perguntas ao governo: 1) se o ministerio está resolvido a servir-se, no caso de um conclave, de todo o seu poder para que o conclave desempenhe a sua missão de uma forma completamente independente; 2) se o ministerio tenciona usar do *jus exclusionis*.

O ministro dos negocios estrangeiros Kalnoky respondeu que tinha declarações cathgoricas do governo italiano de que este estava resolvido a manter, por todos os meios ao seu alcance, a completa liberdade e independencia de um conclave eventual, e que procederá como por occasião da eleição do Papa actual; e que, pelo que respeitava ao *jus exclusionis*, «nenhuma razão havia para crer que devessem ser abandonadas as tradições que permittem ao soberano austriaco exercer a sua legitima influencia na eleição do Papa».

O *Osservatore Romano* commenta: «Julgamos opportuno recordar que, se no passado alguns Estados, por condescendencia da Santa Sé, puderam exercer uma certa influencia nos conclaves, tratava-se de Estados essencialmente catholicos, com leis inspiradas pelas doutrinas da Igreja, de que elles eram livres defensores. É pois um verdadeiro anachronismo invocar hoje pretensões que não podem achar justificação alguma nas condições actuaes d'esses Estados.»

E o *Moniteur de Rome* diz: «A brecha da Porta Pia collocou o Papado em condições tão extraordinarias, que deve afastar-se de futuro toda a suspeita de influencia. . . Á vista do estado anormal e precario do Papado em Roma, comprehender-se-ha, que, com o tempo e os interesses, mudaram as condições do conclave.»



A ANARCHIA

I

As origens — Os encyclopedistas — Diderot — Proudhon — A Associação Internacional dos trabalhadores — Bakounine — O seu programma e as suas tendencias — A Alliança da democracia socialista.

Com a sêde de innovações e reformas sociaes que se manifestou em França no seculo passado, apparecem na Europa os germens da seita anarchista, que nos ultimos annos tem proseguido a realisação do seu programma destruidor. A concepção de uma sociedade « amorpha », isto é, sem forma, tal como nos ultimos annos a phantasiou o terrivel anarchista Bakounine, é apenas uma reproducção da theoria dos encyclopedistas, quando proclamavam que todo o mal provinha das instituições sociaes e que portanto era necessario destruil-as.

Um regresso ao estado selvagem, ou ao « estado de natureza », como se dizia no seculo passado, é uma necessidade proclamada pelo anarchismo contemporaneo, como já o fôra no seculo passado por Montaigne, Rousseau e Diderot, para a extincção dos males sociaes e para a realisação da felicidade humana. ¹⁾ É n'essa escola philosophica que os anarchistas

¹⁾ É preciso, — dizia sarcasticamente Voltaire, referindo-se á opinião dos seus contemporaneos, — é preciso que vamos para o interior dos bosques andar em quatro pés.

pretendem, e com razão, encontrar a origem dos seus desvarios, citando os seguintes versos de Diderot :

La nature n'a fait ni serviteurs, ni maitres.
Je ne veux ni donner, ni recevoir de lois.

Esse estado de natureza, que se encontra entre os selvagens, e que o anarchismo proclama como o ponto de partida de toda a justiça social, offerece-nos o mais deploravel espectáculo: o predominio do mais forte sobre o mais fraco, o assassinato, o roubo, a degradação da mulher, toda a especie de violencia e de immoralidade.

A semente lançada pelos encyclopedistas não tardou em germinar, lançar raizes, desenvolver-se e produzir os fructos que d'ella podiam esperar-se, durante os dias terriveis que a França atravessou na epocha da revolução. « Apareceram então, diz Tocqueville, revolucionarios de uma especie desconhecida, que levaram a audacia até á loucura, que não ficaram surprehendidos com novidade alguma, não se preoccuparam com nenhum escrupulo, e nunca hesitaram perante a execução de qualquer projecto. E não se julgue que estes abusos novos foram a criação isolada e ephemera de um momento, destinados a passar com elle; formaram depois uma raça que se perpetuou e espalhou em todas as partes civilisadas da terra; que em toda a parte conservou a mesma physionomia, as mesmas paixões, o mesmo character. Encontrámol-a no mundo quando nascemos, e temol-a ainda á nossa vista. ¹⁾ »

As escolas economicas em voga na primeira metade d'este seculo deram novo alento ás idéas anteriormente proclamadas, embora apparentemente se notassem algumas divergencias. Com as theorias insensatas de *Enfantin* apparecem alguns dos principios ainda hoje proclamados pelo anarchismo, como o da comunidade das mulheres, e em *Proudhon* encontramos a primeira apologia da anarchia.

1) Cit. por Laveleye, *Le gouvernement dans la démocratie*, tome premier, pag. 210.

Entre as conclusões a que elle chega no seu livro — *Qu'est-ce que la propriété?* ou *Recherches sur le principe du droit et du gouvernement* — encontra-se a seguinte: « A politica é a sciencia da liberdade. O governo do homem pelo homem, sob qualquer forma que se disfarce, é oppressão. A mais elevada perfeição da sociedade consiste na união da ordem e da anarchia. »

Na organisação anarchica da sociedade phantasiada por Proudhon, o ideal da perfeição consistiria na ausencia de todo o poder politico, na suppressão de todo o governo (*an-archia*), substituindo-o pelas leis da troca, fazendo da justiça commutativa toda a base da economia social. Os homens são absolutamente eguaes na sua intelligencia e em toda a sua actividade, e por isso não podem ser uns escravos e outros tyrannos. Proudhon quer portanto a liberdade absoluta, que é incompativel com qualquer governo, com a distincção de governantes e governados, com qualquer desigualdade entre uns e outros.

As diversas cathogorias de serviços publicos, a agricultura, o commercio, a industria, os cultos, as obras publicas, as finanças, o ensino, constituem outras tantas funcções independentes e centralisadas, cada uma com o seu governo; finalmente existirá um jury, especie de assembléa nacional, directamente eleita pelo paiz, e encarregada de julgar os conflictos entre as diversas funcções, fazer as leis, fixar o orçamento e examinar as contas.

« Assim, diz Proudhon, o governo deixa de existir, pois que, pelo progresso da sua separação, as faculdades que accumulava outr'ora escapam á sua iniciativa: da *an-archia* sahiu a ordem. »

Como se vê, esta theoria de Proudhon está cheia d'essas incoherencias e contradicções que tão frequentemente se encontram nos seus livros, e que não podem deixar de existir quando se tracta de architectar phantasias absurdas e utopias extravagantes.

Pretendendo abolir todo o governo, todo o principio de auctoridade, para estabelecer a anarchia, reduz o estado a

associações de operarios livres, independentes; mas cada uma d'essas associações, correspondente a uma funcção social, tem um governo proprio, independente, e acima de todas ellas ha um grande jury ou assembléa, revestida de auctoridade para dirimir as contendas, fazer as leis, examinar as contas e organizar os orçamentos. Logo permanece a differença de cathogorias, a distincção entre governantes e governados, e subsiste o principio de auctoridade, tão essencial em toda a organização das relações sociaes, que os anarchistas não podem prescindir d'elle, mesmo contra sua vontade.

Esta incoherencia de pensamento que se revela na obra de Proudhon levou um critico a dizer que n'ella se não encontra sequer uma sombra de philosophia, e que, se a audacia dos paradoxos pelos quaes a principio se fez conhecido, junta ao seu talento litterario, lhe valeu uma grande notoriedade, a sciencia deveu-lhe muito pouco, e até se póde com justiça duvidar de que elle pensasse a serio em lhe prestar serviços. ¹⁾

Mas é certo que na *an-archia* de Proudhon vão filiar-se os absurdos do anarchismo ulteriormente propagado por Bakounine e outros agitadores. Para nada faltar, até o odio votado pelos anarchistas actuaes a Deus e á religião se encontra nas obras de Proudhon.

No seu livro — *Système des contradictions économiques* — declara-se inimigo de Deus, não se contentando com a qualificação de atheu e substituindo-a expressamente pela de *antitheista*. N'umas expressões rhetoricas em que melhor se reconhece banalidade que philosophia, onde, como diz Ad. Franck, ha talvez mais ostentação de impiedade que impiedade real, Proudhon dirige-se a Deus, negando-o: « O teu nome, que foi por tanto tempo a ultima palavra do sabio, a sancção do juiz, a força do principe, a esperanza do pobre, o refugio do criminoso arrependido, esse nome incommunicavel, de futuro votado ao desprezo e ao anathema, será assobiado entre os homens; porque Deus é loucura e baixeza; Deus é hypocrisia e mentira; Deus é tyrannia e miseria; Deus é o mal. »

1) F. Ravaisson, *La philosophie en France au XXI^e siècle*, pag. 43.

Esta apostrophe, cheia de blasphemias repugnantissimas e de uma louca ostentação de impiedade, não merece discussão nem parece propria de um homem que se fez passar por philosopho. Os anarchistas de hoje pensam da mesma forma, quer dizer, adoptam os mesmos absurdos brutaes, inqualificaveis.

O movimento socialista que teve por chefes Proudhon, Fourier, Owen, Saint-Simon e Luiz Blanc espalhou-se rapidamente nos grandes centros industriaes, e veio a produzir a *Internacional*, que por sua vez devia dar origem ao anarchismo. A *Associação Internacional dos Trabalhadores*, formada a principio com vistas simplesmente economicas, traz a sua origem da exposição de Londres de 1862, embora as idéas que ella traduziu existissem ha muito no espirito dos socialistas. Eis os factos e as considerações que a produziram:

Na Europa occidental e meridional, a producção faz-se nas mesmas circumstancias, com as mesmas materias primas e por identicos processos. Estabelecida a concorrência dos productores, procuram todos baixar os preços de venda, o que necessariamente influe na baixa dos salarios. Como a concorrência não se estabelece apenas entre os productores de um paiz, a concorrência da producção estrangeira agrava o mal. Para evitar a baixa dos salarios seria necessario, portanto, que se entendessem os operarios dos diversos paizes. Eis a origem da *Internacional*.

O primeiro congresso d'esta associação reuniu-se em Genebra em setembro de 1866, e d'ahi em deante, sob o impulso de Mazzini, Karl Marx e outros, recrutou um grande numero de adherentes em todas as nações. Um dos seus mais terriveis propagandistas foi o revolucionario russo Miguel Bakounine, que estava destinado á glória missão de fundar o partido anarchista ¹⁾

¹⁾ Bakounine, descendente de uma familia da aristocracia russa, nasceu em 1814 perto de Moscow. Era parente do general Mourawief, a quem os polacos deram o nome de carrasco da Polonia. Depois de servir no exercito russo como official de artilheria foi para a Allemanha em 1846, e ali acabou de formar o seu espirito revolucionario na escola hegeliana a que pertenceu Max Stirner, Feuerbach e Schopenhauer. Em 1847 esteve em França, mas foi expulso pouco depois. Em 1849 foi preso na Allemanha e condemnado á morte como um dos chefes da insurreição de Dresde. A pena de morte foi commutada na de prisão perpetua, que começou a

Revolucionario fanatico, Bakounine percorreu quasi toda a Europa agitando o facho da insurreição social. Poz a sua actividade ao serviço da *Internacional*, mas não se conformou com o que elle chamava character opportunist e contemporizador d'essa terrivel associação. Quando viu contrariados os seus projectos por uma grande maioria no congresso da *Liga da paz e da liberdade*, celebrado em Berne, sob a presidencia de Victor Hugo, em 1869, resolveu crear uma sociedade nova, a *Alliança da democracia socialista*, cujo programma apresentou ao congresso, e onde se lia, entre outras cousas:

« A *Alliança* declara-se athêa. Quer a abolição definitiva e completa das classes, e a egualisação politica, economica e social dos dois sexos. Quer que a terra, os instrumentos de trabalho, como qualquer outro capital, convertendo-se em propriedade de toda a sociedade collectiva, só possam ser utilizados pelos trabalhadores, isto é, pelas associações agricolas e industriaes. Reconhece que todos os Estados politicos e auctoritarios, actualmente existentes, devem desaparecer na união universal das associações livres. »

E como realisar a transformação da sociedade n'este sentido? Deve operar-se a transformação lenta das instituições actuaes? Vae responder um bakouninista, Jaclard, com as seguintes palavras pronunciadas no congresso de Berne:

« Quereis conservar as instituições actuaes para as melhorar? Debalde. Ellas só podem ser instrumentos de tyrannia e de espoliação. Nós somos logicos: queremos destruir tudo. Separamo'-nos de vós, e dizemos-vos: Tereis a guerra, e uma guerra terrivel, que ha de levantar-se contra tudo o que existe. Sim, é preciso acabar com a burguezia e com as suas instituições. Só nas suas ruinas fumegantes é que ha de assentar-se a republica definitiva. É nas ruinas cobertas, não direi do seu sangue, — porque ha muito tempo que

cumprir n'uma fortaleza da Austria. Reclamado pelo governo russo, foi encerrado no forte de Petropanlowsk, em S. Petersburgo, onde esteve oito annos. Em 1857 foi exilado para a Siberia, e ali, graças á protecção do governador, que era seu parente, gosou da maxima liberdade, até que fugiu do porto de Nikolaiefsk. Passando pelo Japão e pela America, chegou á Inglaterra em 1861. Desde então começou a espalhar as idéias revolucionarias por toda a Europa.

o não têm nas veias, — mas dos seus detrictos accumulados, que havemos de levantar o estandarte da revolução social. »

Estas declarações de Jaclard harmonisavam-se perfeitamente com o modo de pensar de Bakounine, que, escrevendo em Genebra um pamphleto com o titulo — *Princípios da Revolução* — dizia, relativamente aos meios de conseguir o amorphismo social: « Não admittindo nenhuma outra actividade senão a da destruição, declaramos que as fórmias em que deve exprimir-se essa actividade podem ser extremamente variadas: veneno, punhal, estrangulamento. A revolução santifica tudo sem distincção. »

Em setembro de 1870, Bakounine indicava aos revolucionarios francezes o caminho que deveriam seguir, traçando assim o plano da insurreição communista de 17 de março de 1871, nos seguintes termos:

« A capital insurrecta constitue-se em communa. A federação das barricadas mantém-se permanentemente. O conselho communal é formado por delegados, um por barricada ou por bairro; deputados responsaveis e sempre revogaveis. O conselho escolhe no seu seio commissões executivas separadas para cada ramo da « administração revolucionaria da communa ».

« A capital declara que, sendo abolido todo o governo central, renuncia a governar as provincias. Convidará as outras communas urbanas e ruraes a reorganisarem-se revolucionariamente e a enviarem, a um logar designado, delegados com mandato imperativo e revogavel, para constituirem a federação das communas autonomas e organisarem a força revolucionaria necessaria para triumpharem da reacção. Essa organização não é limitada ao paiz insurrecto. Podem fazer parte d'ella outras provincias ou outros paizes. Serão excluidas as communas que se pronunciarem pela reacção. »

Estes periodos exprimem o pensamento revolucionario de Bakounine; mas ainda o traduzem melhor os seguintes, extrahidos do programma da *Alliança da democracia socialista*, a que acima nos referimos:

« A associação dos irmãos internacionaes quer a revolu-

ção universal, social, philosophica, economica e politica ao mesmo tempo, para que da actual ordem de coisas, fundada na propriedade, na exploração, no principio da auctoridade, quer religiosa, quer metaphysica, burguezmente doutrinaria ou mesmo jacobinamente revolucionaria, não fique pedra sobre pedra, primeiro em toda a Europa, e depois no resto do mundo. Ao grito de: « Paz aos trabalhadores! liberdade a todos os opprimidos! » e de « Morte aos dominadores, exploradores e tutores de toda a especie! » — queremos destruir todos os Estados e todas as Egrejas, com todas as suas instituições e as suas leis religiosas, politicas, juridicas, financeiras, policiaes, universitarias, economicas e sociaes, para que todos esses milhões de pobres seres humanos, enganados, escravizados, atormentados, explorados, — enfim libertados de todos os seus directores e bemfeitores officiaes e officiosos, associações ou individuos, — respirem de futuro com uma completa liberdade. »

A ultima palavra de Bakounine era, pois, a pandestruição, abrangendo todas as instituições actuaes mesmo nos seus traços mais insignificantes, n'uma palavra, o amorphismo social como principio de uma reorganisação futura. Ao seu espirito demolidor, nem a propria sciencia escapa, pois elle faz a apologia da « santa e salutar ignorancia », e aconselha aos estudantes que abandonem as escolas e as universidades. Sabe-se que Bakounine tinha uma intelligencia bastante vulgar e uma instrucção muito limitada, e talvez isto explique o seu modo de pensar a respeito da sciencia, das escolas e dos estudantes.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

(Continúa).



O PALACIO DE D. MARIA TELLES

Um dos episodios historicos occorridos em Coimbra, que mais fortemente tenham impressionado a alma popular, foi o assassinato de D. Maria Telles.

O caso é simples e de sobejo conhecido. O infante D. João, filho de D. Ignez de Castro, achava-se clandestinamente casado com aquella dama.

A saude do rei D. Fernando enfraquecia a olhos vistos e, á falta de deſcendencia varonil, não seria para surpresa a ascensão do infante ao throno portuguez.

O despeito e o ciume da terrivel Leonor suggerem-lhe um novo crime. Finge ignorar a ligação matrimonial do infante; acaricia-lhe a ambição da corôa com a visão do casamento com a princeza D. Beatriz; e ao mesmo tempo manda insinuar-lhe suspeitas sobre a fidelidade conjugal da esposa.

Eis em duas palavras o entrecho do sanguinolento drama.

Preparada a conspiração com a subtil perfidia d'essa mulher, que possuia o diabolico poder da astucia e da sedução, o desenlace não se fez esperar.

O infante allucinado parte para Coimbra; chega n'uma manhã fria de novembro, ao romper da madrugada; penetra violentamente nos aposentos da infeliz, que surprehende no leito, e arranca-lhe a vida a golpes de adaga, sem querer ouvir-lhe as supplicas, com uma crueldade que nos faz soffrer.

« Nem vim eu aqui pera estar comvosco em pallavras »!...

Tal é na sua maior simplicidade a pungente peripecia que encheu a cidade de espanto e de dôr.

Por muito tempo vogou a crença de que o assassinio fôra perpetrado na torre da antiga cerca da cidade, que ainda existe transformada em casa de habitação, junto ao edificio da Misericordia.

Era precisa uma Torre para localisar o acontecimento e foi aproveitada essa, como podia ser preferida outra. A sem-razão seria a mesma.

Mais tarde surgiu a pretensão de trocar a torre pela residencia que lhe fica proxima, sem que os argumentos aduzidos lograssem melhor fundamento.

E isto, não obstante o chronista Fernão Lopes ser explicito na determinação do local do tragico epilogo.

A questão foi ha vinte annos tratada de maneira proficiente e até certo ponto decisiva nas paginas do *Conimbricense*. Mas é necessario insistir até á radical extirpação do extranho equívoco.

Quando o infante, áquem da ponte, ordena a um dos da comitiva que o conduza á morada de D. Maria, exprime-se assim o chronista: « *e entom os levou aa Igreja de Sam Bartholameu, domde naçe huma estreita rua que directamente vay sahir aas portas daquellas casas* ».

Não é preciso grande esforço para se perceber se o testimonho garantido de Fernão Lopes é inconciliavel com a collocação do palacio de Sub-ripas.

A antiga igreja de S. Bartholomeu era situada no arrabalde, isto é, extra-muros, e nas immediações da que actualmente existe construida nos meados do seculo passado. E o aspecto do terreno mostra quanto a rocha ao sopé da cerca, em todo o lanço ao poente, seria escarpada e ingreme.

Basta um pouco de attenção, para se reconhecer como é attentatoria e revolucionaria a hypothese d'uma rua estreita que partisse de S. Bartholomeu e attingisse aquelle ponto!

Note-se: ainda mesmo da parte de fora da barbacan da muralha!...

Demais, a tradição é recente; foram os modernos escriptores que se encarregaram de propalar a invenção. Luz Soriano faz peor: diz que aquella casa fôra o *alcaçar dos reis godos*, antes da conquista da cidade em 1064!!...

Ante esta e outras considerações meramente topographicas o simples bôm senso vacilaria pela veracidade da attribuição; mas ainda outros argumentos se levantam mais incisivos e terminantes. A epocha da construcção é attestada pelos caracteres inilludiveis da sua architectura, e confirmada pelos instrumentos juridicos da concessão, transmissão e posse do terreno, onde foi edificado o palacio no primeiro quartel do seculo XVI.

A decoraçào architectonica, dita *manuelina*, é difficil de classificar com precisão chronologica, porque abrange talvez um espaço de mais de setenta annos!

E durante este longo periodo viveu como nasceu, n'uma completa emancipação artistica, impellida á mercê do capricho, em todas as direcções, sem rumo, sem lei e sem ideal fixo, produzindo as mais bizarras originalidades e desconnexas extravagancias.

As linhas fundamentaes da sua estructura e os elementos estheticos e organicos, que deviam marcar os limites, dentro dos quaes se movesse e agitasse a energia mental e a inspiração do architecto, desde o principio que foram baralhados n'uma insubordinação illogica, embora quasi sempre tocante e graciosa.

É por esta insubmissão que se explica a coexistencia simultanea do *manuelino* audaz e harmonioso, ponderado em sensato equilibrio e concebido na exuberancia pujante d'uma imaginação animada e pitoresca; o *manuelino* sentimental, que pretendia um eclecticismo douto e conciliador entre a renascença triumphante e o gothico extincto; e ainda um outro *manuelino* plebeu, vivaz, rude e anarchico, que não tinha passado nem futuro.

Sob estas tres aspectos o *manuelino* apresentou-se igualmente considerado e em honra!

E de tudo ha exemplos que confirmam a veracidade d'esta observação.

É difficil portanto marcar a epocha d'uma construcção d'este *estyllo*, a não ser pelo predominio dos elementos intencionaes da decoração, que tendiam naturalmente a tornar-se mais fertes e castigados.

Ora o edificio em questão pode classificar-se no terceiro grupo; e a data approximativa de 1520 não será desarrasoadá. Isto deduzido da sua feição artistica e em concordancia perfeita com os documentos da acquisição do terreno, que são de 1514!

Custa a crer como uma tal ficção, tão pouco consistente ao mais superficial exame, radicou na credulidade geral; e, mais ainda, como pode ser accpta por homens illustrados e antiquarios respeitaveis!...

Se porem, em vista d'estas e semelhantes considerações, ainda ha partidarios da tradição, um unico recurso resta aos fantasistas: allegar a reconstrucção da casa posteriormente ao successo!

Mas isso seria o ultimo desespero da obstinação!...

Em resumo: contra o arbitrio da pretensão se levantam todos os racionios deduzidos da descripção incontestada da velha chronica; os caracteres architectonicos do edificio, bradando com uma clareza inilludivel; e ainda os documentos escriptos, que, pode ser, valham mais que tudo, a persuadir os pertinazes, seduzidos pelo gosto de contemplar o theatro onde foi representada a commovente scena, que atravez da historia tem feito gemer a sensibilidade generosa dos lyricos.

A. GONÇALVES.



O ATHEISMO NO ESTADO

—◆—
(Conclusão)
—

IV

A historia de todos os tempos confirma a verdade do profundo conceito de Montesquieu, que, apesar de muito repetido, não perdeu a sua oportunidade: a religião christã, que é destinada a tornar os homens bemaventurados na vida futura, ainda n'esta os torna verdadeiramente felizes.

O socialismo e depois o anarchismo são consequencias muito logicas do atheismo official dos Estados. Desde que Jesus Christo é expulso das sciencias, da legislação, da escola, da officina e até do lar domestico, a revolução social, com todo o seu cortejo de crimes e horrores, é inevitavel. Não a intimida o apparatus da força armada, e, apesar das leis de morte e proscricção contra os seus fautores, avança ousada e destemida na consecução do seu fim. É que as idéas não se combatem, quando más, com a força bruta, mas com a propaganda das idéas christãs, as unicas que podem tornar impossivel a revolução contra a ordem social. É necessario restaurar o ensino, desde a escola primaria á superior, e este deve ser o primeiro trabalho dos Estados modernos. As sociedades, como os individuos, são susceptiveis de regeneração, e sob qualquer forma politica podem as nações, abatidas pela descrença, erguer-se cheias de vida e reconquistar a felicidade

que perderam. Assim o tem proclamado do alto da cadeira apostolica o immortal Pontifice Leão XIII. O ideal d'este grande Papa é restaurar a soberania de Jesus Christo nas sciencias, nas artes, na familia, na officina, nos parlamentos, nos codigos, em tudo: *instaurare omnia in Christo*. Pouco depois de exaltado á mais alta dignidade e poder que existe sobre a terra, o sabio Pontifice abalança-se á empreza colossal de estabelecer nas escolas a unidade scientifica, pelo restabelecimento da philosophia christã, em que foram educados os grandes sabios e que tão assignalados triumphos logrou para a causa da civilisação, que é a causa da Igreja. Das chamadas escolas philosophicas, principalmente da Allemanha, é que sahiram os erros productores do atheismo dos Estados. Era necessario oppor a estas escolas a verdadeira philosophia, preparar uma nova geração educada nos principios da verdade, e d'este modo ficava preparado o terreno para a restauração do throno que Jesus Christo deve occupar nas sociedades, como senhor e supremo arbitro dos individuos e das nações. Nunca se negou um dogma christão, sem que primeiro se houvesse negado um principio de sã philosophia, pois que esta, como diz Santo Thomaz de Aquino, subministra os preambulos da fé e mostra que são improcedentes as difficuldades que se lhe oppõem. A restauração philosophica inaugurada por Leão XIII é o feliz presagio e a aurora sorridente da restauração christã nas sociedades ora sujeitas á feroz tyrannia do atheismo official dos Estados.

E para apressar o dia tão suspirado d'esta restauração, o sabio Pontifice ordena aos catholicos, no legitimo exercicio do seu magisterio supremo, que reconheçam e acceitem os poderes politicos estabelecidos, e procurem depois, por todos os meios que a justiça e a moral justificam, substituir a legislação athêa por uma legislação verdadeiramente christã. Dominava em muitos espiritos a idéa de que a restauração christã nos Estados modernos só podia operar-se sob uma determinada forma politica. Leão XIII condemnou este erro, que tão fatal tem sido para os interesses religiosos, e ensinou que sob uma forma de governo imperfeita pode existir uma

legislação verdadeiramente christã, e, pelo contrario, sob uma forma de governo perfeita pode existir uma legislação anti-christã. A historia confirma esta verdade. As formas politicas são radicalmente distinctas da legislação.

Fazer depender a restauração do reinado social de Jesus Christo de uma determinada forma politica, e só d'ella, é negar a origem divina do christianismo. De todas as formas politicas recebeu a Igreja de Deus grandes beneficios e grandes affrontas, e este facto, indiscutivel á luz da historia, vem confirmar a luminosa distincção do nosso immortal Pontífice entre a forma politica de um Estado e a sua legislação. Aquella é sempre boa em si, esta não; aquella constitue a essencia do governo, esta o accidente; aquella, finalmente, harmonisa-se com os principios christãos, esta nem sempre.

A Igreja apenas pede aos governos liberdade para exercer a sua missão civilisadora, e nada tem a temer, como diz Balmes, d'esse « espirito de liberdade que invade o mundo civilisado e se dilata por todas as partes como um rio que trasborda. » « A alliança do altar e do throno absoluto, continua aquelle pensador illustre, podia ser necessaria ao throno, mas não o era ao altar. Nos Estados Unidos, a religião progride sob as formas republicanas; na Grã-Bretanha realisou extraordinarios progressos á medida que se desenvolveu a liberdade; e se é certo que n'outros paizes soffreu consideraveis perdas, não cremos que estas se devam attribuir todas á ruina do throno absoluto. Durante os ultimos sessenta annos ¹⁾, a religião soffreu muito em França, mas é certo que as suas feridas estavam abertas antes, e essas feridas recebeu-as no tempo do governo absoluto. A religião não tem que lamentar-se tanto de Luiz Filippe e de Napoleão, como de Luiz XV e da sua favorita Pompadour.

« Não foram os monarchas absolutos que fomentaram na Italia o espirito de opposição á Santa Sé? Não eram ministros de principes absolutos nos reinos mais poderosos da Europa os que tanto contristaram o coração de Clemente XIII e

¹⁾ Balmes escrevia estas palavras em 1848, na brochura intitulada: *Pio IX.*

de outros Papas?... Os que temeram pela causa da religião ao ver que as formas absolutas cahiram n'essas partes e n'outras oscilam, deviam reflexionar um pouco sobre o ensino da historia. De que tempo datam essas formas, taes como as conhecemos? Do seculo XVI. Chegam ao seu apogeu no seculo XVII e começam a cair no seculo XVIII. Estes são os factos. Pelo contrario a religião christã progride sob a espada dos imperadores gentios; estende-se entre difficuldaes e perseguições que lhe suscitam alguns imperadores christãos; permanece em pé no cataclismo da invasão barbara e subjuga os invasores pelo seu ascendente moral; conserva-se emquanto o feudalismo e as invasões sarracenas destroçam a Europa; soffre uma perda com o apparecimento do protestantismo, mas em compensação estende-se pelas Indias orientaes e occidentaes; sahe pura do crisol da perseguição na revolução franceza e ao mesmo tempo se propaga na Inglaterra e nos Estados Unidos á sombra da Liberdade.»

O immortal publicista catholico passa em seguida a mostrar que é um erro attribuir ás formas representativas *todos* os males que a religião tem soffrido; que nas formas politicas nada ha que seja essencial á religião, porque todas offerecem seus inconvenientes e suas vantagens; que a Egreja não teme o movimento democratico da epocha, e conclue a necessidade de propagar estas idéas «para attrahir todos os espiritos nobres, persuadindo-lhes que na religião nada ha que se opponha á boa ordem na administração, ao progresso material, ao desenvolvimento da intelligencia e ao exercicio da liberdade politica. Que entre as formas humanas que caducam e se gastam, não deve ser contada a religião catholica; e que ella com os seus dogmas, com a sua moral, com a sua hierarchia, com a sua auctoridade, pode permanecer illesa no meio das vicissitudes dos imperios; que pode plantar a cruz sobre o palacio dos Cesares como sobre as assembléas populares; que pode ungir um monarcha sob as abobadas de um templo gothico, ou benzer um caminho de ferro; que pode ser heroica sob a couraça de um cruzado ou sob a humilde touca de uma irmã de caridade; que pode defender um rei contra as hostes

de Napoleão, ou a liberdade republicana sob as bandeiras do Sonderbund. »

Não deve ser suspeita a auctoridade de Balmes para certa escola politica; e todavia o eminente pensador que é uma das primeiras glorias scientificas da Hespanha catholica, escreve: « A acção d'um governo não depende sómente das suas formas, senão do espirito que lhes preside. Emquanto a Inglaterra emancipa os catholicos e os Estados Unidos dão liberdade completa a todos os fieis, a Russia commette attentados que Gregorio XVI tão sentidamente lamenta n'uma allocução. A democracia é certamente funesta, quando lhe falta a religião e a moral; mas o que é ainda mais para temer do que a anarchia, é um monarcha absoluto cujo governo tem o mesmo vicio. A incredulidade presta-se admiravelmente ao serviço dos reis absolutos, e d'elles se serve como de instrumentos; as formas nada valem. Os incredulos applaudirão a republica do mesmo modo que o despotismo; darão os seus votos na Convenção ou n'um conselho de realistas, consoante os acontecimentos e as circumstancias; exaltarão assim os direitos imprescriptiveis do povo, como os do monarcha; declamarão contra os tyrannos ou contra os que tentarem usurpar as prerogativas da magestade; tornar-se-hão partidarios da independencia das nações, ou ridicularisarão com cynismo a morte d'um grande povo; chorarão sobre a sua tumba, ou insultarão a sua derradeira agonía. »

Para combater, pois, e destruir o atheismo dos Estados modernos e substituil-o pela soberania de Jesus Christo não é necessario combater e destruir uma dada forma de governo para a substituir por outra. Basta uma só cousa: cumprir fielmente as sabias e opportunas instrucções de Leão XIII sobre os deveres dos catholicos para com os governos constituidos.

DR. SILVA RAMOS.



OS JESUITAS E A RESTAURAÇÃO DE 1640

(Conclusão)

Mercurianus escreveu logo a Leão Henriques e ao provincial de Portugal, «prescrevendo a ambos, sob pena de censura, e aos socios do instituto, que não tornassem a figurar por um ou por outro lado nas contendias dos pretendores, e cometendo a um padre italiano, procurador da provincia do Brazil, a essa hora residente em Lisboa, a informação mais severa ácerca do exacto cumprimento d'estas ordens.» ¹⁾

As instrucções não foram promptamente obedecidas, e tanto que D. Christovam de Moura continuou a queixar-se repetidas vezes da má vontade dos jesuitas, que resistiam tenazmente á seductora tentação do ouro castelhanos.

Em fevereiro de 1579 chegava a Lisboa o duque de Ossuna, embaixador hespanhol, afim de activar a obra da corrupção. Christovam de Moura instruiu o duque ácerca do estado das cousas, e, diz Rebello da Silva, «concordaram em que o velho soberano, dominado pelos jesuitas e pelos outros parciaes da casa de Bragança, só cuidava na maneira mais prompta de assegurar a corôa á duqueza sua sobrinha.» ²⁾

1) Salvá — *Collección de documentos inéditos para la historia de España*, tom. vi. — Correspondencia de D. Juan de Zuniga. — Officio de 10 de janeiro de 1579. — Cit. por Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, tom. I, pag. 328.

2) Obr. e vol. cit., pag. 356.

Nem deve admirar-nos que a Companhia se collocasse n'esta attitude, pois não só era natural que os seus membros sentissem pouco affecto pela dominação estrangeira, mas sabiam tambem que a Santa Sé, por causas que não veem ao nosso proposito, embaraçava quanto podia as diligencias de Filippe II, sem desattender uma certa ordem de conveniencias. Esta attitude da curia deu até occasião a que Ossuna e Christovam de Moura se queixassem amargamente do nuncio de Portugal, accusando-o de contrariar a causa de Castella.

Em Coimbra, onde a esse tempo era decisiva a influencia dos jesuitas, era tambem onde se manifestava uma das mais vivas opposições contra o pretendente hespanhol. Os estudantes e o povo declaravam-se abertamente pelo prior do Crato; os lentes e pessoas mais gradas da cidade combatiam publicamente o pretendente estrangeiro e mostravam-se affeicoados á casa de Bragança.

Durante os sessenta annos de dominio castelhano tambem os jesuitas não perderam ensejo de alimentar no povo o amor da independencia e a esperança de uma restauração, valendo-se para isso do pulpito e de todos os meios de influencia.

Conta o auctor do *Portugal restaurado* que o monarcha se inquietava com a guerra que abertamente lhe faziam no pulpito, e por isso mandou castigar alguns religiosos. Um dos que mais se distinguiram n'esta propaganda anti-castelhana foi o padre Luiz Alvares, «da Companhia de Jesus, religião em que esteve sempre viva a fé portugueza. Prégando este religioso na capella a el-rei, estando ainda em Portugal, dia de S. Filippe apostolo, tirou do mesmo evangelho o thema, e com grande vigor voltou para el-rei, e lh'o referiu dizendo: *Philippe, qui videt me, videt et Patrem*. E ajustou ao thema um discurso eloquentissimo, mostrando que a representação era um direito que preferia a todo o outro, e que aquelle que o offendia, tyrannisava a justiça. Bem conheceu el-rei que fallava a favor da casa de Bragança, mas valeu-se da sua prudencia para o dissimular» etc. ¹⁾ Outra vez prégava o

1) *Portugal restaurado*, liv. 1, vol. 1, pag. 38 (ed. de mdccx).

mesmo religioso ao cardeal Alberto o evangelho do paralytico; tomando por thema as palavras—*Surge, tolle grabatum tuum et ambula*, voltou-se para o cardeal e disse: «Serenissimo principe, querem dizer estas palavras: Levantae-vos depressa, tomae o vosso fato, e ide para vossa casa.»¹⁾

Um outro meio empregado pelos jesuitas para fortalecerem o patriotismo popular e o amor á independencia era a lenda do *encoberto*, que promettia o regresso do infeliz D. Sebastião. Em outro tempo, a lenda não podia resistir ao ridiculo que a caracterisava; mas o paiz estava opprimido, sentia cada vez mais pesado o jugo estranho, e deixava-se embalar na doce illusão do proximo advento do monarcha portuguez. Os proprios padres da Companhia, ao menos a sua maior parte, reconheciam a inanidade das prophecias; mas nem por isso deixavam de as alimentar no povo, para que estivesse sempre vivo o desejo da liberdade, como diz o auctor do *Portugal restaurado*.

Por outro lado, os monarchas hespanhoes não faziam senão exacerbar os animos das ordens religiosas e do clero em geral, fazendo pesar sobre os bens e os rendimentos ecclesiasticos as exigencias do fisco, concedendo aos judeus, a troco de grossas quantias, liberdades e garantias que não estavam nas tradições nacionaes. As exigencias ao clero pesavam tambem sobre o povo, porque os conventos, as misericordias, irmandades e confrarias suspenderam ou reduziram as esmo-las que costumavam distribuir. A este respeito escreve Re-bello da Silva:

«A inimisade de muitas ordens religiosas ao dominio castelhana era antiga. As severidades actuaes serviram-lhe de justificação para a transformar em guerra declarada. A unanimidade de sentimentos, a impaciencia do captiveiro, e a fé viva na restauração da liberdade, que tanto facilitaram a feliz temeridade de 1640 foram obra, em parte, dos esforços do clero. Sem o seu apoio decidido não é provavel, por maiores que fossem as offensas, que a nobreza arriscasse tão de leve a aclamação de D. João IV.»²⁾

¹⁾ *Ibid.*

²⁾ *Historia de Portugal*, tom. III, pag. 387.

Em 1637 rebentaram os tumultos de Evora, em resistencia aos impostos exigidos por Castella, que tractava Portugal como paiz conquistado. Os jesuitas procuraram animar o movimento, e começaram a dirigir o povo, a espalhar que iam realisar-se as prophcias relativas ao *encoberto*, e até citavam como verificados prognosticos do seu proximo advento.

N'este sentido multiplicavam-se os discursos, os livros e os folhetos com as prophcias impressas. No fogo da sua propaganda chegavam a felicitar o povo pela approximação da liberdade. Em Evora estavam á frente d'este movimento o dr. theologo Sebastião do Couto, e os padres Alvaro Pires Pacheco, descendente de Duarte Pacheco, Gaspar Correia e Diogo Lopes.

D. Francisco Manuel observa que os padres da Companhia, pelo prestigio e influencia de que gosavam, arrastavam atraz de si as multidões ¹⁾; os dominicanos tambem se não poupavam na propaganda contra Castella, e o mesmo deve dizer-se dos franciscanos e de muitos religiosos dos outros institutos.

Que os religiosos e os ecclesiasticos representavam o principal papel na indisposição dos animos contra o jugo estrangeiro, e eram os promotores dos tumultos que n'esse sentido se repetiam,—vê-se de uma carta expedida pela princeza Margarida, em 2 de dezembro de 1637, a todos os bispos e prelados maiores das ordens religiosas. ²⁾

Começa por queixar-se de que eram os religiosos e ecclesiasticos os principaes promotores de todas as alterações que se davam no reino, sendo interessados em que os povos não consentissem no real d'agua; e accrescenta que, apesar de diversas ordens expedidas aos prelados para castigarem os sediciosos da sua jurisdicção, não se via castigo nem emenda, e pelo contrario a sedição continuava e augmentava.

Diz que os tribunaes ecclesiasticos não podiam ou não

1) *Epanaphora politica I*, pag. 35 e seg.

2) Encontra-se transcripta na *Deducção chronologica*, parte I, div. VIII, pag. 176 e 177.

queriam castigar os seus subditos envolvidos na sedição, e recorda o exemplo de principes seculares que castigaram com penas capitaes as pessoas ecclesiasticas, o que n'aquelle caso deveria tambem fazer-se, para manutenção e segurança da republica, que não podia subsistir ficando dependente dos tribunaes ecclesiasticos.

Observa que podia desde logo proceder contra os ecclesiasticos culpados, mas resolvia que todos em geral fossem admoestados para que não se envolvessem na sedição, e d'isso encarregava os prelados, sob pena de que, não o fazendo, ficava livre todo o procedimento ulterior do poder civil contra os clerigos e religiosos culpados.

Estas advertencias e comminações não produziram outro effeito senão o de irritar cada vez mais os animos e dar novo alento á vasta conspiração que se formava. No pulpito continuaram a apparecer allusões manifestas á marcha dos negocios politicos, e nas cathedras não se perdia qualquer occasião de excitar os sentimentos patrioticos da mocidade. Por toda a parte se minava a fidelidade dos povos e procurava-se acalantar a esperança de melhores dias para a patria. Recordavam-se as glorias dos tempos passados e comparavam-se com os opprobrios do presente. Para dar valor á esperança de uma restauração proxima, lançava-se mão de textos biblicos, vaticinios antigos, visões mysteriosas, e de coincidencias casuaes faziam-se avisos do ceo.

O povo facilmente se persuadia de toda esta propaganda dos religiosos, porque, diz o conceituoso auctor das *Epanaphoras*, é facil de persuadir ao coração aquellas cousas que deseja. N'um pamphleto celebre d'aquelle tempo, attribuido a fr. José Teixeira e intitulado *Fóra Velhaco*, citam-se trechos de sermões em que o governo hespanhol é violentamente accusado e até injuriado. Estas liberdades do pulpito cabiam perfeitamente nos costumes da epoca, como se pode verificar lendo os sermonarios de então.

Alguns frades que tinham emigrado para o estrangeiro auxiliavam de lá quanto podiam o movimento que se operava em Portugal. Um d'elles foi o franciscano Diogo Soares, que

conquistára uma grande reputação em Paris, onde era conhecido pelo nome de *cordelier portugais*. Outro foi o padre José Teixeira, que, como o primeiro, foi capellão de Henrique IV. Estes e muitos outros religiosos procuravam todos os ensejos para dispôr a opinião publica de França a favor da nossa independência e indispôr-a contra os pretendidos direitos dos Filippes. Tão valiosa foi esta influencia, que apenas rebentou a revolução de 1640 vieram alistar-se nas fileiras portuguezas muitos voluntarios francezes. O proprio Richelieu mandára a Lisboa diversos emissarios, entre os quaes o joalheiro Brou, para animar o movimento revolucionario, ¹⁾ e não hesitára em instigar os descontentes e prometter-lhes auxilios.

Ora, se não pode attribuir-se á Companhia de Jesus todo este plano de propaganda, toda esta reacção vigorosa contra o dominio estrangeiro, é inquestionavel que pelo menos lhe cabe o papel principal.

Pela sua decisiva influencia nos espiritos, pelos seus esforços constantes na disposição dos animos para a obra da restauração, os jesuitas contribuíram muito para o exito da empreza do primeiro de dezembro de 1640, a qual, sem elles, talvez não passasse de um sacrificio inutil.

FORTUNATO DE ALMEIDA.



1) Vid. *Les Portugais en France*, pag. 50 e 125 a 129; Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, t. II, no art. *Diogo Soares*.

CHRONICA CONTEMPORANEA

I

INTERIOR

*Abertura do parlamento — A situação politica — O discurso da corôa e a
marinha de guerra — A expulsão de Salmeron — Os acontecimentos de
Lourenço Marques — A sorte das colonias — As missões na Africa —
Reforma da marinha.*

Aberto o parlamento no primeiro de outubro, começou a espalhar-se com insistencia, ainda antes de constituidas as camaras, que o governo tenciona propôr ao monarcha o addiamento das côrtes. Por si e pelas circumstancias que o revestem, este boato, que aliás não parece infundado, tem uma certa gravidade que a ninguem passará despercebida. O governo violou primeiro o artigo da Carta que manda abrir as côrtes no dia 2 de janeiro, violação que de fôrma nenhuma pode ter a gravidade que lhe attribuiram os partidos opposicionistas; mais grave, porém, é a violação do artigo que estabelece o prazo de tres mezes para a duração de cada sessão annual.

Por circumstancias ponderosas poderia o governo addiar a abertura do parlamento, sem offensa grave do espirito da lei constitucional; mas o que não pode é limitar o periodo de exercicio das camaras, sem offensa grave ás attribuições dos representantés da nação. Isto é evidente para os menos lidos em direito constitucional.

Concederá o monarcha o addiamento das côrtes? Não nos parece muito provavel porque o passo é arriscado para todos e perigoso para a corôa. Quando o paiz espera ancioso o esclarecimento de tantas questões importantes, o facto de se esquivar o governo a dar conta dos seus actos produziria de certo um grande descontentamento no paiz e tornaria mais violentas as luctas partidarias. Assim, se o governo julgar indispensavel para a sua existencia o addiamento das côrtes, não deve surprehender ninguem a constituição proxima de um gabinete progressista.

*

Duas palavras apenas do discurso da corôa impressionaram profundamente a opinião publica e suscitaram na imprensa largos commentarios

desfavoráveis ao governo. Depois de grandes elogios ao exercito dizia o discurso :

«Não menos merecedora d'esses disvelos é a nossa marinha de guerra, cuja corporação tão bem sabe, *em regra*, manter o brilho das tradições herdadas . . . »

Todos viram n'aquella expressão — *em regra* — uma offensa ás brilhantes tradições da marinha de guerra, sempre prompta na hora do perigo a defender os interesses e a honra da patria, e todos comprehenderam tambem que, para se fazer ao exercito de terra os mais merecidos elogios não era preciso amesquinhar a armada.

A expressão foi inconvenientissima, porque não só fôra injusta para a classe dos marinheiros, mas significava uma pressão moral do governo sobre um processo pendente contra dois officiaes de marinha por causa dos revoltosos brasileiros, — e tendia a estabelecer entre as forças de terra e a marinha uma rivalidade perigosa.

Debalde se tem procurado desculpar o governo, dizendo que a phrase não foi intencional. A omissão dos serviços prestados pelos marinheiros na ultima expedição á Guiné, e a declaração de que o destino da marinha de guerra « é, no nosso paiz, principalmente subsidiario da administração ultramarina », provam sufficientemente que houve o proposito de ferir a armada. Com que intuito? Houve quem dissesse que se tractava de abrandar as iras do marechal Floriano Peixoto, para facilitar o restabelecimento das relações diplomaticas entre Portugal e Brazil. Isto seria uma politica tão baixa e tão mesquinha, que custa a crer em semelhante interpretação.

Qualquer que seja a explicação dada, é certo que a marinha de guerra melindrou-se com muita razão, e publicou um manifesto protestando contra a offensa que lhe foi feita. A este respeito levantou-se na camara dos deputados um incidente, que terminou pela approvação de moções de louvor ao exercito e á marinha.

Um facto que tem sido muito discutido na imprensa foi a prisão e expulsão de D. Nicolás Salmeron, antigo presidente da republica em Hespanha e um dos mais famosos campeões da federação iberica.

Salmeron estava ha tempos na praia da Granja, com pessoas de familia. No principio de outubro foi para Lisboa, sendo constantemente vigiado pela policia. No dia 7, quando estava a bordo do vapor *Frederico Guilherme*, onde os republicanos de Lisboa lhe offereciam um almoço, o sr. Salmeron foi preso por um agente de policia que se apresentou á paizana. Levado ao governo civil, foi-lhe ahi intimada a ordem de expulsão, e em consequencia d'isso retirou-se no comboio das dez horas da noite.

A imprensa republicana insurgiu-se, como era natural, contra o procedimento do governo, que aliás não fez mais que usar de um direito sacratissimo. Tratava-se de uma manifestação contra as instituições, e o governo tractou de a evitar. É assim que procedem os governos de todas as nações, monarchicas ou republicanas.

Acontecimentos mais graves, porém, e que deveras têm sobresaltado a opinião publica, são os que se passam em Lourenço Marques, uma das nossas mais bellas e esperançosas possessões e um dos melhores portos da Africa do sul.

Ha muito tempo que diversas agencias e correspondentes transmittiram a noticia de se haverem revoltado contra as auctoridades portuguezas

alguns milhares de indigenas perto de Lourenço Marques. Soube-se depois que o revoltado era o regulo de Magaia, chamado Mahazul, e que as suas forças se preparavam para atacar a cidade, noticia que alli causou um grande panico. Com uma lamentavel imprevidencia, o governo, que de ha muito devia estar prevenido contra o plano formado de nos arrebatarem Lourenço Marques, não tomou a tempo as medidas necessarias para a segurança da cidade, apenas defendida por 120 soldados europeus e 200 negros, ao passo que as forças mahazulas se elevam a mais de 7:000 homens.

O resultado foi que o mal aggravou-se e afinal todos se convenceram do perigo. Mas nem assim se adoptaram providencias energicas e immediatas. O governo tinha a corveta *Bartholomeu Dias* a apodrecer nas aguas de Loanda, e não teve o expediente de ordenar a partida d'esse navio, ou de qualquer outro que estivesse nos nossos portos africanos, para as aguas de Lourenço Marques. Só muito tarde é que se resolveu a enviar uma expedição da metropole, que largou de Lisboa no dia 15 de outubro. A expedição, commandada pelo sr. major José Ribeiro Junior, é formada pelo segundo batalhão de caçadores 2. na força de perto de 500 homens, e foi embarcada no vapor *Cazengo*, da Empresa nacional. Foi tambem uma bateria de artilheria de montanha com quatro boecas de fogo. A corveta *Afonso de Albuquerque* largou de Lisboa no dia 27, em direcção a Lourenço Marques, com uma tripulação de perto de duzentos marinheiros; e o transporte *Africa*, que vai sahir para diferentes portos das colonias, tocará tambem nas aguas da cidade ameaçada. Está prompto a marchar á primeira ordem o regimento de infantaria 2. reforçado por contingentes de outros corpos na força total de cerca de 1:200 homens. Com elle irá tambem um esquadrão de cavallaria e mais uma secção de artilheria.

Com estas forças, e com mais que hão de marchar em caso de necessidade, o governo defenderá Lourenço Marques de qualquer ataque, e infligirá aos indigenas revoltados um castigo exemplar; mas — note-se bem — deverá ser um castigo tal, que por muitos annos não precisemos de enviar nova expedição.

Não podemos deixar de mencionar o desmazelo, ou como queiram chamar-lhe, que revelou o governo, fretando o *Cazengo* quando lhe era offerecido o *Rei de Portugal*. Este navio, pertencente á Mala real, foi offerecido por muito menor preço, fazia a viagem com maior rapidez e offerecia melhores accomodações. Não se comprehende bem o procedimento do governo!

*

A causa dos acontecimentos que se estão passando em Lourenço Marques é a incuria dos governos em prover aos mais caros interesses do paiz, em abandonar aquillo que maiores cuidados devia merecer-lhe. Parece que muito de proposito se procura enredar a administração colonial, crear attrictos de toda a especie, favorecer a ambição de estranhos que querem arrebatar as nossas possessões. Parece averiguado que a tribu dos mahazulas é apenas um instrumento das intrigas inglezas para a execução do plano, ha muito formado, de nos tirarem Lourenço Marques; e contudo ainda ninguem tinha pensado em destacar para alli uma força sufficiente para conter os indigenas. Sabe-se tambem que foram os missionarios protestantes da Inglaterra que, como sempre, nos intrigaram perante o Mahazul e procuram indispor-nos com o Gungunhama; todavia o governo ainda não pensou em organizar convenientemente o serviço das nossas missões, para contrabalançarem a influencia dos missionarios inglezes.

Estando confiada a sorte das nossas colonias a homens que assim revelam um tacto e uma providencia administrativa, ninguem deverá estranhar que d'aquí a alguns annos não tenhamos um palmo de terra na

Africa. E todavia as colonias constituem hoje a melhor esperanza para o nosso futuro, alem de serem um padrão da nossa gloria de outros tempos.

Já agora havemos de ser um paiz excepcional em tudo. Temos graves interesses ameaçados em Lourenço Marques, e os primeiros navios de guerra que lá chegam são inglezes e allemães; todas as nações tractam de desenvolver o serviço das missões, e os governos de Portugal recusam-se a isso!

Esperamos que o governo se não deixará illudir por umas fingidas mostras de amizade que os inglezes do Cabo e do Transwaal estão patenteando na questão de Lourenço Marques. Fiem-se n'elles e verão o resultado. Bem fez o governador de Moçambique, rejeitando abertamente o auxilio estranho para a defeza de Lourenço Marques. Esse auxilio era um argumento de que os nossos inimigos haviam de tirar todas as conclusões.

*

A proposito de colonias e missões, transcrevemos os seguintes períodos de uma carta escripta de Quelimane ás *Novidades*:

« A repartição de fazenda d'este districto suspendeu o pagamento do subsidio que o governo dava ha cerca de tres annos á casa principal das missões do Zambeze para sustentar uma escola de linguas franceza e ingleza.

« É notavel que, merecendo ao governo da metropole solicito cuidado o desenvolvimento e prosperidade das missões, as auctoridades subalternas só tenham obstaculos e contrariedades para *incentivo* de tão benemeritas instituições.

« Em 1889, sendo ministro da marinha o erudito engenheiro Ressano Garcia, foi decretado o subsidio annual de tres contos de réis para a missão de Boroma e para as missões filiaes d'esta, que o governo indicasse.

« Este subsidio só foi satisfeito no primeiro anno que seguiu o decreto e depois *nunca mais*, apezar das justas e repetidas reclamações do digno prelado!

« E comtudo, se em 1889 o ministro já consignava no relatorio que precedeu aquelle decreto os « importantes serviços prestados á civilisação pe a missão de Boroma », esses serviços teem sido cada vez maiores, dando, portanto, mais e mais, jus ao modesto subsidio decretado!

« Na missão de S. José de Boroma educam-se actualmente 100 rapazes, quasi todos resgatados pelos missionarios.

« As irmãs educadoras, que prestam o valioso concurso da sua nobre dedicacão áquella casa, tambem educam ali 80 raparigas de igual prove-niencia.

« A aldeia christã, que os missionarios fundaram junto á missão, vê dia a dia crescer o numero dos seus habitantes com os que se abrigam n'aquelle santo logar da perseguição de morte dos seus *senhores*, a quem causaram um damno qualquer.

« As escolas industriaes, annexas á missão de Boroma, fundadas pelos missionarios, educam o carpinteiro, o pedreiro, o ferreiro e o alfaiate nos misteres da sua profissão ao mesmo tempo que não esquecem difundir os principios de melhor cultura dos campos, aproveitamento das arvores e terrenos, etc.

« Todos os alumnos e alumnas aprendem a ler, escrever e contar em portuguez e cafreal, para o que os missionarios teem elaborado compendios precisos.

« Sobre a minha banca tenho alguns d'estes livros que acabo de receber do dignissimo sacerdote que hoje dirige as missões da Zambezia, o reverendo J. J. Moura.

« São do benemerito reverendo Crimermann os seguintes livros :
 « Biblia sagrada — o mez de Maria — Catecismo da doutrina christã e um calendario : todos escriptos no cafreal de Tete. Do mesmo idioma são uma grammatica e dois livros de leitura, redigidos pelo reverendo Courtois,
 « As missões da Zambezia comprehendem hoje, além da séde de Quelimane e da filial de Boroma, as seguintes missões :

« Missão do Zumbo fundada em 1892.

« Missão do Tumbine estabelecida logo apoz o ultimo tratado com a Inglaterra. Esta missão tem a sua séde na vertente norte do Tumbini, ultimo monte da cadeia do Milange, nome que imprópriamente é uso dar á missão.

« A missão dos SS. Anjos, tambem chamada de Gualani, a cerca de tres kilometros d'esta villa, a qual hoje é dirigida pelo reverendo Torrend, auctor d'uma afamada grammatica cafreal e ingleza.

« Finalmente, a missão de Inhambane, que tambem está dirigida pelos missionarios da Zambezia.

« Escasseia-nos o tempo e decerto faltaria o espaço, para memorar uma a uma todas as vantagens trazidas pelos modestos obreiros do progresso e civilisação que com tão notavel desinteresse dedicaram a vida a tão sublime missão.

« O que ella tem de espinhosa attestam-o as muitas sepulturas d'estes reverendos, semeadas a um e outro lado do Zambeze.

« Oxalá estas modestas linhas chamem a attenção dos poderes superiores para o pouco zelo que as auctoridades subalternas desenvolvem para beneficiar ou pelo menos amparar tão generosos esforços. E que não esqueça tambem que o promettido subsidio — e bem modesto — com que se quiz galardoar a dedicacão das irmãs educadoras, nunca foi recebido por aquellas santas mulheres. »

A bordo do *Africa* partem agora para as missões de Angola tres padres do Espirito Santo e tres irmãs da escola de Cintra. Estes missionarios vão para a missão de Huilla e serão distribuidos pelas filiaes de Jau, Clivighire e Quihita. Parece que brevemente se estabelecerá outra filial na direcção do Humbe, a meio caminho de Quihita, e não tardará o restabelecimento da missão do Humbe.

Na sessão de 22 de outubro apresentou o sr. ministro da marinha á camara dos deputados um projecto de lei, auctorizando o governo a levantar por meio de emprestimo até á quantia de 12:000 contos de réis effectivos, em series annuaes de 2:000 contos tambem effectivos. O producto do emprestimo será exclusivamente applicado á acquisição de material naval, a reparação e reconstrucção do material existente, transferencia para o sul do Tejo da fabrica do arsenal de marinha, complemento do posto de torpedos, e á acquisição de material de guerra destinado á defeza das colonias, quando não for sufficiente o que houver de ser retirado dos navios para ser substituido por novos tipos.

O material naval que se projecta adquirir é o seguinte : dois cruzadores de primeira classe e dois de segunda, dois couraçados de defeza e reparação do *Vasco da Gama*, duas corvetas typo *Affonso de Albuquerque*, duas corvetas para o serviço hydrographico, duas canhoneiras de estação typo *Cacongo*, duas canhoneiras para o canal de Moçambique, uma canhoneira para serviço de transporte e correio em Angola, e outra para o mesmo serviço em Moçambique, quatro canhoneiras fluviaes, vinte lanchas torpedeiras, doze torpedeiros de 1.^a classe, tres avisos caça-torpedeiros, um transporte de 4:000 a 4:600 toneladas e outro de vela, reparação de navios e mudanca do arsenal.

O paiz acceitará resignadamente este sacrificio, indispensavel para prover a uma necessidade impreterivel, mas vigiará se este dinheiro leva o caminho desconhecido que outros capitaes têm levado.

II

EXTERIOR

A guerra no oriente — A questão de Madagascar — A França e a Inglaterra — Aproximação franco-allema — A Italia e a triplice alliança — O czar — O futuro conclave — O protestantismo em Madrid. — Perseguições em Roma.

A lucta que no oriente se tratava entre a China e o Japão continúa a preoccupar a diplomacia da Europa, que previu desde o principio a possibilidade de um conflicto de interesses entre as grandes potencias, se porventura não adoptassem de accordo uma norma commum de procedimento.

A causa da guerra foi, como é sabido, a questão da preponderancia na Corêa, paiz nominalmente tributario da China. Os japonezes, mais bem armados e disciplinados, souberam desde o principio triumphar da superioridade numerica da China, paiz que pode dispôr de alguns milhões de combatentes, mas muito difficéis de mobilisar, mal armados e peor disciplinados. As forças japonezas, depois de alcançarem algumas victorias navaes e inutilisarem muitos vasos de guerra chinezes, avançaram para o norte da Corêa, levando deante das suas armas triumphantes o exercito chinez; atravessaram o rio Ya-Lu, invadiram a Mandchuria, caminharam sobre a importante cidade de Mukden, e parece que se preparam para ir atacar a propria capital da China, Pekim.

Fallou-se ultimamente em negociações de paz, evacuando a China o paiz da Corêa e pagando uma contribuição de guerra; mas esse boato foi já desmentido, e não parece mesmo que o Japão consinta na paz senão em condições pesadissimas para os seus adversarios. Não pode mesmo calcular-se até onde chegarão as ambições dos japonezes, se as potencias europeas se conservarem na abstenção, como até agora. Será possível que uma das consequencias da guerra seja o alargamento das possessões francezas, russas e inglezas á custa da China?

Outro conflicto ameaçou ultimamente a paz da Europa, sem todavia sahir até agora das vias diplomaticas: referimo-nos á questão de Madagascar, na qual se encontravam os interesses inglezes e francezes.

A França fundou o seu primeiro estabelecimento em Madagascar, em 1642 ou 1644. Neste seculo tem sido muito disputada, entre francezes e inglezes, a preponderancia na ilha, até que a França conseguiu que pelo tractado de 17 de dezembro de 1885 lhe fosse reconhecido o direito de protectorado. Todavia em Madagascar tem os inglezes um commercio muito importante, e o governo britannico só por uma conveniencia diplomatica consentiu em que os francezes assumissem o protectorado da ilha.

Ultimamente os hovas ou malagasses, indigenas de Madagascar, começaram a revoltar-se contra as auctoridades francezas, atacando com a maxima violencia alguns agentes do governo da Republica, e isso fez com

que em França se começasse a fallar da necessidade de uma expedição á ilha, noticia que produziu grande sensação na Inglaterra. O governo francez encarregou o sr. Villers de levar um *ultimatum* ao governo dos hovas, e caso essa missão não produza os resultados convenientes, as tropas francezas encarregar-se-hão de manter a ordem e os direitos da França em Madagascar. Nesta hypothese, que é quasi certa, surgia a probabilidade de um conflicto com a Inglaterra, que não ficaria satisfeita de ver a França converter o direito de protectorado em dominio pleno.

A rivalidade historica das duas nações, e, por outro lado, o azedume das relações diplomaticas que parece ter-se accentuado nos ultimos tempos, fundamentam a possibilidade da guerra. Os francezes não esquecem a questão do Egypto, e os inglezes ainda se lembram da triste figura que fez a sua diplomacia, o anno passado, no conflicto de Siam, que ainda não está de todo liquidado. Os inglezes vêem com profunda magua que a marinha de guerra franceza, reforçando-se de anno para anno, já hoje está muito longe de ser inferior á marinha britannica.

O que é mais notavel é que a Allemanha, a grande inimiga da França, está a prestar-lhe agora todo o seu concurso na questão de Madagascar, como já lh'o prestou na questão do Congo. O imperador Guilherme dá assim uma prova do seu amor á paz, ou do receio que lhe inspira a guerra, alem de que, tendo a Allemanha interesses no oceano indico, não veria com bons olhos um excessivo poderio da Inglaterra n'aquellas paragens. É claro que, perante esta attitude da Allemanha, que é a mesma da Russia, a Inglaterra não levantaria o grito de guerra, por maiores que fossem os seus interesses em Madagascar.

Para nós, portuguezes, não é esta questão destituida de interesse. A Inglaterra vê perdidas as esperanças que alimentava ainda acerca de Madagascar, e procura fortalecer-se do outro lado do canal de Moçambique. É por isso que o nosso porto de Lourenço Marques corre actualmente um grande perigo, tanto mais quanto a Inglaterra sabe muito bem que nós não temos as esquadras nem o exercito da França.

A proposito da approximação franco-allema daremos uma interessante informação acerca da triplice alliança e do papel que a Italia está representando na politica européa.

Como se sabe, a Italia procurou na formação da triplice um apoio para sustentar o *statu quo* resultante da expoliação dos Estados pontificios. Essa má orientação politica acarretou-lhe grandes sacrificios com a sustentação de um numeroso exercito, que têm feito a ruina economica do paiz. E querem saber como os allemães apreciam a alliança da Italia? N'um artigo ultimamente publicado, o *Reichsbote*, ou *Monitor do Imperio*, que é órgão do chanceller Caprivi, diz : que « a Crispi falta uma grande, sã e poderosa politica economica, sem a qual a Italia não poderá levantar-se » ; que « tal politica não a teve nenhum outro estadista italiano desde Cavour » ; que, « se a Italia está unida, falta-lhe todavia uma grande idéa dirigente » ; que « do ultimo processo bancario nenhum estadista italiano sahio com a honra intacta » ; que « a sua administração interna é corruptissima e escandalosa em todos os seus ramos » ; que « a Italia tem um certo apparatus militar, mas o seu exercito ainda não deu n'este seculo nenhuma prova de valor ».

Tinhamos muito que transcrever n'este genero, se os limites da chronica o permittissem ; mas o que ahí fica é bastante para avaliar o papel que a Italia esta representando na triplice alliança, e, por consequinte, na politica européa. Como se vê, os inimigos do Papa começam a resvalar no abysmo, emquanto a politica da Santa Sé occupa um logar cada vez mais proeminente.

Está agonisante o imperador da Russia, e este facto é de natureza a preoccupar toda a Europa, conhecida a tendencia do czar para a manutenção da paz. Alexandre III retirou-se, por conselho dos medicos, para o seu palacio de Livadia, na Criméa, e parece que em breve iria viver na ilha de Corfú, se a doença não se aproximasse tão rapidamente do termo fatal.

As primeiras noticias da doença do czar causaram, como é natural, uma grande sensação no mundo da politica e da diplomacia, porque elle é inquestionavelmente o maior propugnador da paz europeia. Na hypothese, certissima, de um desenlacê fatal, a sorte da paz ou da guerra dependera muito das idéas e tendencias do seu successor.

A proposito do incidente provocado por Mgr. Samassa nas delegações austriacas, os jornaes italianos continúam a occupar-se do futuro conclave e da liberdade que lhe poderá ser garantida pelo governo italiano. Os jornaes affectos ao Quirinal recordam a liberdade do conclave em 1878, como argumento a favor de que elle continue a reunir-se em Roma. Isto é uma ficção: todos comprehendem que a attitude do governo variará com a situação politica da Europa, e que ha de procurar exercer toda a sua influencia sempre que as circumstancias lh'o permittam.

O governo do Quirinal quer a toda a força o conclave em Roma, porque tambem quer que de nenhuma forma se altere o *statu quo*. Uma aventura, um movimento, uma modificação, um exodo do Papa, um conclave no estrangeiro, tudo punha em perigo o *statu quo* e poderia destruir o edificio sem bases da Italia una.

Mas tudo isso nada prova contra o estado precario do Papado em Roma; de resto, o Papa saberá providenciar de forma conveniente ácerca da liberdade do futuro conclave. Elle e só elle é o juiz n'estas gravissimas questões.

A seita protestante, velha, decadente, desacreditada, procura ha muito tempo estabelecer-se na catholica Hespanha, e escolheu até para centro de acção a propria capital. Depois da construção de uma capella veio a tentativa do estabelecimento official de um bispo protestante em Madrid. O cardeal bispo de Toledo protestou contra essa tentativa, e Mgr. Cretoni, Nuncio Apostolico de Madrid, adheriu ao protesto, felicitando o cardeal pelo seu energico procedimento, e exprimindo a esperanza de que todos os bispos hespanhoes se unirão a protestar contra o « sacrilegio commettido na capital da catholica Hespanha ».

De todos os pontos da nação visinha accodem numerosos protestos contra semelhante offensa á religião que foi sempre o seu mais glorioso timbre.

O governo italiano acaba de usar mais uma vez de um rigor extremo com a imprensa catholica. Agora foi a *Civiltà Catholica*, que os tribunaes acabam de condemnar ao pagamento de uma grande multa, por ter justamente castigado os ultrages com que um publicista da *Nuova Antologia*, o *signor* Raffaele de Cesare, mais conhecido pelo pseudonymo de *Fra Pacomio*, insultou o Santo Padre Leão XIII. No calor da discussão e com essa

nobre coragem que todo o verdadeiro filho emprega na defesa de um Pae querido, a *Civiltà* deixára escapar, diga-se a verdade, algumas expressões bastante vivas, dirigidas a *Fra Pacomio*. Mas vendo que elle tomava as cousas demasiado a sério e ameaçava recorrer ás leis italianas, sempre promptas, na applicação, a fazerem recahir nos defensores do Papa as penas devidas aos insultadores, a notavel revista declarára-se prompta a retirar, como na verdade retirou, as expressões consideradas offensivas para Cesare.

Este sujeito, porém, julgou que não bastava uma retractação.

Com uma modestia cheia de isenção, pretendeu que a *Civiltà* lhe consagrasse uma apologia em forma, que o fizesse passar por um escriptor excepcional, honesto e consciencioso, tanto quanto é possível sê-lo. Como é natural, a revista revoltou-se contra esta intimação de ter de adorar um idolo, e d'ahi o processo e a condemnação da *Civiltà*.

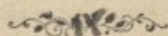
A conclusão que d'aquí se tira mostra bem mais uma vez o que vale, sob o regimen da hypocrisa lei das garantias, a inviolabilidade do Papa e a liberdade dos seus defensores.

Depois da *Civiltà Cattolica* coube a vez ao *Moniteur de Rome*, um dos mais vigorosos campeões da causa da Santa Sé, e que ainda ha pouco fôra perseguido com a expulsão de um dos seus mais distinctos redactores.

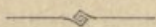
Mgr. Bœglin, director do *Moniteur* foi preso ha oito dias com uma violencia brutal, á meia noite, no seu domicilio, e levado como um malfeitor ao commissariado de policia, d'onde foi transportado á fronteira. Sem o menor respeito á sua posição, obrigaram-n'o a viajar em terceira classe, e com uma brutalidade não menos revoltante, os escrevinhadores italianissimos cobriram-n'o de invectivas desleaes e infames, logo que souberam da sua expulsão.

O *Moniteur de Rome* suspendeu a sua publicação, mas parece que reaparecerá sob a direcção de um jornalista francez.

É por causa d'estes attentados brutaes que os catholicos do mundo inteiro continuarão a reclamar a maxima liberdade para o Papa.



A MISSÃO SCIENTIFICA DA EGREJA



Aquella columna de fogo que, durante a noite, guiava o povo de Deus através das espantosas soledades do deserto, bem pôde considerar-se como um symbolo da missão civilisadora que Jesus Christo confiou á sua Igreja. Assim como a columna miraculosa, dissipando as trevas da noite, alumiaava aos israelitas o caminho seguro que os havia de levar ao ponto que demandavam, assim a luz da fé, accesa pelo verbo de Jesus no seio da sua Igreja, havia de dissipar as trevas da ignorancia e do erro e levar as gerações redimidas ao conhecimento da verdade e do bem.

Esta é a missão da Igreja; e a historia de quasi vinte seculos ahi está, como testemunha incorruptivel, a mostrar que a Igreja tem sido sempre fiel á missão que recebera do seu divino Fundador.

A litteratura christã, que é o reflexo brilhante da actividade da razão illuminada pela fé, creada e desenvolvida pela accção vivificante da Igreja catholica, desdobra magestosamente toda a sua opulencia e esplendor, toda a belleza das suas fórmulas inimitaveis, nas obras apologeticas e polemicas, muito principalmente dos Padres e Doutores, que floresceram no periodo aureo d'aquella litteratura que se inicia no Concilio de Nicea e termina com a morte de S. Leão, o grande.

No Oriente, apparecem, entre outros apologistas eminentes, Santo Athanasio, o grande vencedor da heresia ariana,

e S. João Chrysostomo, o genio da eloquencia christã. Do primeiro dizia Bossuet: «É sempre admiravel, não só pelo remontado dos pensamentos e lucidez da elocução, mas tambem pelo estylo, que é uma formosa synthese de elegancia e sublimidade, de nobreza e dignidade, de belleza e energia, onde se ostentam todos os primores do discurso. Nas questões espinhosas, o genio d'este Padre sobresahe e avulta pela habilidade com que põe de parte as fórmulas da arte, para alliar, como philosopho, a pureza e orthodoxia dos conceitos com os ornatos e magnificencias convenientes».

Do segundo basta dizer, que as suas obras oratorias e apologeticas são tão solidas e profundas na materia que a Igreja as adoptou como suas; tão bellas e eloquentes na forma que os mais famosos oradores christãos, os Bossuet e os Fenelon, os Bourdaloue e os Flechier a ellas foram buscar as galas e os primores dos seus discursos immortaes.

No Occidente, Santo Ambrosio, S. Jeronymo e Santo Agostinho resumem o saber humano, n'aquella epocha de immensa gloria para a Igreja catholica. Todos estes homens, que conheciam a fundo os segredos da philosophia, que dedicaram toda a sua vida á meditação profunda da verdade revelada, que legaram á civilisação riquissimos thesouros de saber divino e humano, foram educados no gremio da Igreja, e no seio fecundissimo d'esta mãe é que receberam a luz, a vida mais a inspiração que informa os seus escriptos.

Nos seculos medievaes, tão injustamente avaliados por uma critica adrede inventada para deprimir as instituições catholicas, avulta, d'um modo imponente, a benefica influencia da Igreja no desenvolvimento scientifico do espirito humano, no progresso e esplendor das bellas artes, na realisação d'esse ideal, a civilisação, que a humanidade busca no seu labor incessante através do tempo e do espaço. Os Pontifices d'aquelles tempos, não só se empenharam em acabar a escravatura e realisar na sociedade o ideal christão do poder, mas tambem em fomentar os estudos e as bellas artes que então floresceram com grande gloria para a Igreja e grande proveito para a civilisação. Os Concilios da edade média, ainda con-

siderados sob o ponto de vista juridico, bem podem servir de modelo aos legisladores do seculo XIX, se, nas leis que promulgam, quizerem attender, como devem, não só aos principios da justiça, mas tambem ás circumstancias peculiares dos povos para os quaes legislam. As escolas monachaes da idade média, as suas famosas universidades creadas pela Igreja, eram outros tantos focos de luz d'onde se irradiava a inspiração christã, essa inspiração sublime que produziu as maravilhas architectonicas d'aquella epocha, e, sobre tudo, os sabios em todos os ramos dos conhecimentos humanos e que ainda são o assombro dos estudiosos.

Como rainha das sciencias, era a theologia que inspirava todas essas maravilhas. O clero marchava á frente do movimento scientifico da idade média, e muito particularmente depois que Santo Thomaz de Aquino logrou, com o seu genio prodigioso, dominar os espiritos, e crear, apoiado nos principios d'uma solida philosophia, essa sciencia que mostra a razão humana em fraternal alliança com a revelação divina. Educado nas obras theologicas e philosophicas do anjo das escolhas, o clero inaugurou uma nova epocha de esplendor para a theologia, para o direito canonico e ainda para as sciencias de observação experimental, porque os progressos d'estas sciencias serão tanto mais rapidos e seguros, quanto mais puras e desenvolvidas forem as idéas da philosophia e da theologia.

Passou a idade média, mas ficaram os thesouros de sciencia que nos legou, e ficou tambem, e ficará até á consummação dos seculos, a divina inspiradora de todas as obras immortaes, a Igreja catholica. Deu-lhe Deus o principado da sciencia, a realeza do pensamento humano, e conferiu-lhe tambem a missão de ser o principio informante d'aquella a norma invariavel d'este. Nos tempos modernos, do mesmo modo que nos seculos idos, pertencem á Igreja os sabios mais illustres nos differentes ramos dos conhecimentos humanos.

Deixemos as sciencias philosophicas, theologicas e juridicas, com os seus eminentes cultivadores e luminares, ponhamos de parte as obras monumentaes que escreveram como

subsídios para o estudo e vindicação dos dogmas, e vejamos como ainda no cultivo das sciencias, hoje tão preconizadas e tão avidamente estudadas, a Egreja inspira aos seus fieis e dedicados servidores, trabalhos de subido merito, que deram grande impulso aos progressos d'aquellas sciencias.

* * *

N'uma interessante *Memoria* apresentada em 1885 á sociedade de Sciencias e Artes, de Santiago do Chili, pelo Dr. Soler, presbytero, enumeram-se, ainda que muito perfunctivamente, os serviços que a Egreja, por intermedio de sacerdotes verdadeiramente sabios, ha prestado, nos ultimos tempos, especialmente ás sciencias experimentaes.

Não pretendemos enumerar, diz, as admiraveis obras que o sacerdote catholico tem escripto sobre sciencias dogmaticas, juridicas, economicas e sociaes. Fixemos a nossa attenção nas sciencias naturaes, que os livre pensadores não cessam de apresentar em continua pugna com o dogma catholico. Quem não conhece o sabio Padre Secchi, luminar da moderna astronomia, immortal pelas suas obras o *Sol* e as *Estrellas*, director até á sua morte do Observatorio romano? Na exposição de Paris, de 1877, mereceram medalha d'ouro o mesmo Padre Secchi pelo seu *meteorographo*, o Padre Parvini pelo seu *anemometographo*, o Padre Coselli pelo seu *pantelegrapho* e o missionario Pitetot pelos seus trabalhos geographicos.

Na ultima exposição de Turim, o clero catholico occupou um lugar distincto. Á frente da commissão organisadora d'aquelle certamen scientifico estava o Padre Denza, auctor d'umas *Memorias* notaveis sobre as estrellas cadentes e outros meteoros luminosos, que foram premiados n'aquella exposição. Mais de vinte e cinco sacerdotes italianos exposeram instrumentos, inventos e trabalhos notabilissimos sobre astronomia e meteorologia. O Padre Bertelli apresentou os seus instrumentos e observações *microsismometricas*. Do Padre Secchi foram apresentados varios instrumentos para estudar

os terramotos, taes como o *sismographo*, o *microsismographo* e o *avisador sismico*; o Padre Mercatelli apresentou estudos ácerca dos vulcões, e o Padre Maximilliano, director do Observatorio de Veneza, um *mareographo electrico*.

A ultima exposiçãõ de Amsterdam adjudicou o *grande premio d'houra* ao auctor da *Flora das Filipinas*, o padre Fr. Manuel Blanco, humilde eremita de Santo Agostinho.

São respeitados por todos os sabios os nomes do Padre Perry, director do Observatorio de Stonyhurst; do Padre Marin, director do de Radicliff; de Lafont, alma do Observatorio Spectoroscopio de Calcuttá; do Padre Vinas, director do Observatorio de Havana; do Padre Faura, do de Manilha; do Padre Dechevrens, que em Zikawei, perto de Chang-Hai, publica um precioso boletim meteorologico e magnetico.

Não podemos deixar de nomear tambem o Padre Boulter, que escreveu ácerca de estrellas cadentes; o Padre Zerpieri, sobre a luz zodiacal; o Padre Ferrari, sobre o ponto radiante das estrellas cadentes; o Padre Raillard, auctor do *multiplicador electrico*; o Padre Allegret, do *contador solar*; o Padre Filhol, do *electrogono constante*. Podiamos ainda recordar os nomes de Derby, Bouloy, Hende, Lalanne, Stoppani, Ciampi, Gopel, Rosseti... coroando esta pleiade de sabios sacerdotes com a brilhante figura do Padre Moigno, fundador do *Cosmos*, e verdadeira encyclopedia viva das sciencias naturaes.

Mas vejamos, particularmente, o impulso que o sacerdotio catholico tem dado a estas sciencias.

DR. SILVA RAMOS.

(Continúa.)



A ANARCHIA

II

A constituição do partido — O congresso de Haya — Bakounine e Karl Marx — O programma anarchista — O movimento anarchista na Suissa, na França, na Alemanha, na Belgica, na Italia, na Russia, na Austria-Hungria, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Hespanha e em Portugal.

Em setembro de 1872 reunia-se em Haya um congresso socialista, e um conflicto que na sessão do dia 29 rebentou entre os partidarios de Karl Marx e os de Bakounine produziu uma scisão na *Associação internacional dos trabalhadores*. Tal foi o principio da organização do partido anarchista. Bakounine e os partidarios do seu radicalismo fundaram no anno seguinte a *Federação jurassianna*, que tinha por orgão a *Vanguarda*, jornal dirigido em Genebra por Paulo Brousse. Em fins de 1878 a *Vanguarda* foi processada e condemnada por causa de um artigo a proposito do regicidio, e para a substituir appareceu o *Revoltado*, fundado por Kropotkine e por Elyseu Reclus, o celebre geographo. Desde o seu principio começou a *Federação jurassianna* a propagar-se na Suissa, a leste da França, ao norte da Italia, na Hespanha pelos esforços do propagandista Fanelli, e depois nos Estados Unidos da America.

O publicista A. Crié resume assim o programma anarchista: Eliminação da auctoridade sob todas as suas fórmãs,

políticas, espirituas, economicas; dissolução dos governos nos organismos naturaes; o contracto livre, perpetuamente dissolvel, substituindo a soberania; o trabalho não sujeito a forças estranhas, mas o homem organisando-se, vivendo em toda a independencia, produzindo segundo as suas faculdades, consumindo segundo as suas necessidades; todos os cidadãos contractando livremente, não com o governo, mas entre si. Mais claramente podemos dizer: Destruição de toda a auctoridade, destruição da familia, da propriedade e de toda a idéa religiosa, substituição do despotismo de um pelo despotismo de todos.

Passemos em revista separadamente o desenvolvimento do anarchismo nos diversos paizes ¹⁾.

A Suissa era de ha muito um asylo para todos os revolucionarios expulsos dos diversos paizes da Europa. Becker, o propagandista da *Internacional*, Weitling, sectario do communismo, os revolucionarios italianos Rozetti e Ghalino, os russos Bakounine e Outine, todos encontraram na Suissa um livre campo de acção. Publicaram-se diversos jornaes revolucionarios, como o *Tagwacht*, moderado, e o *Felleisen*, radical. Fundaram-se centros anarchistas em Berne, Lucerna, Genebra, Zurich, Friburgo, Lausanne, Chaux-de-Fonds. Os congressos das associações de operarios, como o de Olten, em 1873, e o de Winterthen, em 1874, transformaram-se em congressos anarchistas, como o de Lausanne, em 4 de junho de 1882, o de Genebra em 13 e 14 de agosto do mesmo anno, o de Chaux-de-Fonds, em 7 a 9 de julho de 1883, tractando-se n'este ultimo de organisar uma «caixa internacional de soccorros para as victimas da burguezia». No congresso de Genebra foi approvedo um manifesto redigido por Elyseu Reclus e destinado a todos os grupos socialistas da Europa e da America. Em 1876 um grupo de anarchistas francezes que se tinham refugiado em New-York propoz aos bakouni-

¹⁾ Para evitarmos muitas citações, diremos uma vez por todas que as principais fontes das informações que seguem foram: *Le socialisme contemporain*, de Laveléye, e um interessante artigo de A. Crié na *Grande Encyclopédie* (verb. *Anarchie*).

nistas da Suíça que de futuro fossem assassinados sem piedade todos os reaccionarios; o *Boletim da federação jurassiana* respondeu que bastaria sacrificar os chefes da reacção, isto é, alguns milhares de cabeças.

Até principios de março de 1885 gosaram os anarchistas da maxima liberdade na Suíça. Mas então, sendo accusados de quererem fazer saltar pela dynamite o palacio federal, — accusação que elles de balde repelliram, — o governo da Confederação helvetica mandou prender sessenta anarchistas em Genebra, Lucerna, Zurich, Berne, Saint-Gall, etc. (2 — 4 de março). Foi ordenada a suspensão do *Revoltado*, apprehendido o jornal e fechada a typographia. A pena foi levantada no fim de dois dias, mas o *Revoltado* deixou de apparecer em Genebra para se publicar em Paris.

Em França, a organização definitiva do partido anarchista data de 1880. De 20 a 30 de outubro de 1879 reunira-se em Marselha um congresso que adoptou as soluções collectivistas, enunciadas em termos bastante vagos para congregar todas as fracções revolucionarias. Logo no anno seguinte, porém, manifestou-se uma scisão e constituíram-se dois grupos: a *União federaliva*, que queria a acção eleitoral, e a *Alliança dos grupos socialistas revolucionarios*, que defendia a abstenção eleitoral e a acção revolucionaria. Abria-se esta scisão no congresso de Paris (abril de 1880), e logo se manifestou igualmente nos diversos congressos regionaes. O delegado dos grupos de Grenoble, Bernard, propoz no congresso de Lyon a formação de um partido revolucionario estranho a toda a intervenção eleitoral. No congresso de Marselha appareceu um pequeno grupo anarchista, e pouco depois declararam-se tambem anarchistas os grupos dissidentes de Paris e de outras cidades. Ficaram desde então constituídos dois grupos revolucionarios distinctos, collectivistas e anarchistas.

Estes dois grupos uniram-se momentaneamente, no congresso do Havre, para combaterem os opportunistas, e ahi ganharam predominio as opiniões anarchistas. Mas logo depois voltou a accentuar-se a scisão, e os anarchistas funda-

ram um jornal, a *Revolução social* (1880 — 1881), destinado a sustentar as suas reivindicações.

Foi depois do congresso socialista celebrado em Paris em 1881 que o partido anarchista francez começou a tomar vulto. N'esse congresso estavam representados sete grupos anarchistas por vinte e um delegados. Deram-se scenas violentas, os anarchistas foram expulsos do congresso, e, com bastantes adhesões do sul da França, constituíram-se em congresso á parte. Fundaram-se centros anarchistas em Béziers, em Cette, onde tambem se celebrou um congresso, em Grenoble, Vienne, Villefranche, Saint-Etienne, Roanne e em Lyon, onde se fundou um jornal semanal, o *Direito social*.

Em julho de 1881 celebrou-se em Londres um congresso internacional em que estavam representados os anarchistas da França, Hespanha, Italia, Alemanha, Austria, Suissa, Belgica e America do norte; logo depois manifestavam-se agitações revolucionarias em Monceau-les-Mines e em Blanzly, e deram-se algumas explosões entre as quaes a que destruiu uma capella de Bois-Duverne. Effectuaram-se numerosas prisões, fez-se uma occupação militar d'aquellas terras, mas o tribunal, intimidado, não chegou a condemnar os criminosos e enviou o processo para o tribunal de Riom.

Em março de 1882 os anarchistas publicaram em Paris um pasquim intitulado a *Anarchia*, de que foram tirados 10:000 exemplares, e pouco tempo depois publicaram outro com o titulo — *Morte aos ladrões!* — onde se affirmavam as ideias communistas anarchistas. Nos annos que decorrem de 1882 a 1886 ha a notar em França varios attentados anarchistas e processos contra os seus auctores, taes como: um processo em Lyon em que foram condemnados Kropotkine, Gautier, Bordat e mais cincoenta anarchistas, a penas que variaram de um a cinco annos de prisão; a manifestação da Esplanada dos Invalidos, a condemnação de Luiza Michel e Pouget a seis annos de prisão, etc. O mais notavel d'estes acontecimentos foi o processo de Lyon, em que foram julgados cincoenta e tres anarchistas «por terem adherido a uma associação internacional com o fim de promoverem a sus-

pensão do trabalho e a abolição do direito de propriedade». Estas e outras perseguições aos anarchistas foram determinadas principalmente pela explosão no theatro Bellecour, em Lyon, que fez diversas victimas.

Fez-se um grande numero de prisões por ocasião do apparecimento do jornal *Terra e Liberdade*, semanario que durou tres mezes e chegou a tirar 15:000 exemplares. Em 1886 o movimento anarchista começou a manifestar-se com menos intensidade, mas parece que esse repouso de alguns annos era a epocha de fermentação de novos e mais terriveis attentados.

Com effeito, o anno de 1892 marca o inicio de uma nova era de combate, e constitue uma das datas mais sombrias da historia do anarchismo. O *Revoltado*, redigido por Kropotkine, Reclus e Grave, continuára em Paris a alimentar a propaganda anarchista, fazendo uma tiragem de 8:000 exemplares e mais. Não só em França, mas n'outros paizes, o anarchismo continuou em 1892 a sua terrivel obra de destruição, a propaganda pelo facto, como dizem os revolucionarios.

Logo em principios d'esse anno os anarchistas começaram a preparar-se para explorar em seu proveito as manifestações operarias do primeiro de maio. Os jornaes anarchistas, de Paris, especialmente o *Revolté* e o *Père Peinard*, começaram a usar uma linguagem tão violenta, que as auctoridades tiveram de apprehender varios jornaes e capturar alguns agitadores. Na noite de 8 para 9 de janeiro tinham-se dado em Hespanha os terriveis acontecimentos de Jerez, que logo referiremos, e no dia 10 de fevereiro tinham sido executados quatro d'esses anarchistas hespanhoes. Logo no dia 14 houve em Paris um *meeting* anarchista, celebrado no Templo, para protestar contra as execuções de Jerez e de Chicago. Em Paris formaram logo os anarchistas uma conspiração para vingarem os companheiros hespanhoes: tractava-se de fazer voar a embaixada de Hespanha. Por isso a policia tractou de fazer uma busca, e prendeu varios anarchistas, entre os quaes um tal Chabrey, de Pamplona, em casa do qual foram encontrados quarenta e um cartuxos de dynamite com o com-

petente rastilho e mais cinco caixas de substancias explosivas. Os anarchistas tinham roubado 360 cartuxos de dynamite, alguns dos quaes foram encontrados pela policia. Como veremos, estes acontecimentos coincidião com outros em varios paizes da Europa. Nos primeiros dias de fevereiro foram presas na Russia, por suspeitas de nihilistas, 240 pessoas, entre as quaes 14 empregados, 6 officiaes, 4 professores, 22 estudantes e 8 mulheres.

No dia 11 de março (1892) rebentou uma bomba n'um predio do bairro de S. Germano, em Paris, causando importantes estragos materiaes e fazendo alguns ferimentos. No dia 15 outra explosão no antigo quartel Lobau. No mesmo dia era o governo interpellado na camara, e o sr. Ricard, ministro da justiça, apresentava o projecto de lei introduzindo no codigo penal a pena de morte para os reus de destruição de propriedades por meio de substancias explosivas. Esse projecto foi approvado no dia 28 sem discussão. No dia 27 houve uma grande explosão no prédio n.º 39 da rua de Clichy, onde habitava um magistrado que requerera n'um processo contra os anarchistas; houve varios ferimentos. No dia 28 foi encontrada em Ivry uma terrivel bomba explosiva no peitoril de uma janella do quartel da gendarmeria. No dia 30 de março foi preso Ravachol, que a policia perseguia como auctor das explosões do bairro de S. Germano e da rua de Clichy, e logo no dia 25 de abril os anarchistas faziam voar o café Véry, onde se effectuára a prisão. D'esta explosão foi victima o proprietario do café e outras pessoas. Ravachol e os seus cumplices foram julgados em 26 e 27 de abril, sendo Ravachol e Simon condemnados a trabalhos publicos forçados por toda a vida. Ravachol foi novamente processado, respondendo no tribunal de Montbrisson pelos crimes de assassina-tos e violação de sepultura; sendo condemnado á morte no dia 22 de junho, foi executado no dia 11 de julho, recusando todos os soccorros religiosos.

Ravachol confessou os seus crimes com o maior cynismo. Sendo accusado de ladrão e assassino, respondeu: — «Nunca me resolveria a mendigar: nenhum anarchista mendiga. Quanto

a trabalhar, não o faria, porque o meu trabalho mal me daria com que viver, e enriqueceria o meu patrão. O trabalho é uma das fórmulas da injustiça. Não me restava, portanto, senão roubar, e, em caso de necessidade, assassinar para me apoderar do dinheiro que me era necessário. Foi por isso que eu commetti muitos assassinios. A sociedade é que me collocou na contingencia de proceder assim. O meu procedimento é legitimo. Roubando, eu indico a todos os homens que não tem nada o que elles devem fazer, isto é, roubar e assassinar. Eis a minha propaganda. Quando houver muitos como eu, os ricos acabarão por se render. Eu sou um martyr da causa humanitaria».

No mez de abril de 1892 reinava o terror em Paris. As explosões e as tentativas repetiam-se todos os dias, chegando os anarchistas a formar o projecto de fazer voar o ministerio da fazenda, installado no palacio do Louvre. A policia fazia numerosas capturas, tanto na capital como em Lyon, Albi, Choisy-le-Roi, Nice, Liège, etc. N'esta ultima cidade houve grande numero de explosões em fins de abril e principios de maio, das quaes uma em casa de um senador, outra no côro da igreja de Saint-Martin, cujos vitraux, avaliados em 100:000 francos, ficaram completamente destruidos. Foram presos e condemnados quatro anarchistas auctores d'esses attentados. Beaujean, Nossent, Lacroix e Lefebre. Em Paris dera-se tambem uma grande explosão no café Riche, em 21 de abril. — Não julgando a dynamite sufficiente para a execução dos seus criminosos projectos, os anarchistas fizeram-se envenenadores e incendiarios. A policia prendeu alguns que procuravam introduzir-se como cozinheiros em varias casas da aristocracia para envenenarem as bebidas. A opinião publica attribuiu-lhes muitos incendios, alguns dos quaes se deram nos bosques de Fontainebleau e Senard, no parque de Troyes, etc. No dia 8 de novembro a policia encontrou na Avenida da Opera, defronte da séde da Companhia das Minas de Carmaux uma grande bomba, que, levada para ser aberta na séde policial da rua de Bons Enfants, explodiu e causou a morte a quatro agentes e um inspector de policia.

Em principios de julho de 1893 deram-se em Paris serios tumultos em que os socialistas e anarchistas tomaram a parte principal. Os estudantes parisienses, protestando contra uma condemnação que soffreu um seu collega, fizeram differentes manifestações na praça da Sorbonna, em frente do palacio Bourbon e n'outros locaes, rompendo por vezes em excessos contra a policia e diversos edificios publicos. No dia 4 houve nas ruas de Paris barricadas e verdadeiros combates entre os desordeiros e a força publica. Nos tumultos envolveu-se uma grande multidão de vendilhões ambulantes, cocheiros grévistas e vadios, que commettiam toda a especie de attentados. As desordens continuaram no dia seguinte, fomentadas pelos diversos grupos revolucionarios da Bolsa do Trabalho, que, com as suas succursaes, foi fechada e occupada militarmente. O governo teve de chamar a Paris as tropas das povoações visinhas para manter a ordem publica, que se julgou restabelecida no dia 9. Os prejuizos causados pelos desordeiros foram muito importantes.

No dia 9 de dezembro o anarchista Vaillant arremessou uma bomba explosiva na camara dos deputados, quando esta se achava em sessão. Ficaram feridos muitos espectadores e deputados, entre os quaes o padre Lemire, deputado catholico. Vaillant declarou que o seu intento era matar o presidente da camara, Dupuy, que com a maior serenidade convidou os deputados a continuarem a sessão. Vaillant era um criminoso da peor especie, e já fôra condemnado varias vezes por crimes de burla e furto. O governo apresentou logo á camara alguns projectos de lei contra os malfeitores e o fabrico de explosivos, os quaes foram approvados no dia 15 quasi sem discussão. A policia procedeu a investigações, capturou muitos anarchistas, e no dia 1 de janeiro de 1894 foi a casa do geographo Elyseu Reclus, onde apprehendeu algum material pertencente ao jornal anarchista *Père Peinard*. Vaillant foi condemnado á morte no dia 10 de janeiro e executado no dia 5 de fevereiro.

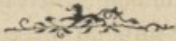
No dia 13 de fevereiro de 1894 houve uma terrivel explosão no café Terminus, em Paris, ficando muitas pessoas

gravemente feridas. A policia descobriu o auctor do attentado, Emilio Henry, que foi executado.

No dia 4 de abril, nova explosão no restaurante Foyot, e finalmente, no dia 24 de junho, os anarchistas viram consummado o seu maior crime nos ultimos tempos. O presidente da Republica franceza, Sadi Carnot, quando sahia de um banquete do Palacio do Commercio, em Lyon, para ir assistir a uma representação de gala no Grande Theatro, foi assassinado com uma punhalada que lhe vibrou o anarchista italiano Caserio Giovanni Santo. O criminoso foi executado em Lyon no dia 16 de agosto.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

(Continúa).



V A R I A

Origens da raça americana. — A sabios menos avisados pareceu por muito tempo que a existencia de povos na America, no tempo em que a descobriu Christovam Colombo, era um facto inconciliavel com a unidade da especie humana tal como a biblia nol-a ensina. Ignorando-se o modo como os habitantes do velho mundo se transportavam ás terras descobertas por Colombo em 1492, houve quem julgasse que a America fôra um centro especial em que o homem appareceu e se desenvolveu. Ultimamente, porém, as viagens de exploração, as investigações geographicas e geologicas e o estudo comparativo das raças vieram de commum concerto esclarecer esta interessante questão e collocar fora do terreno scientifico a infundada hypothese do *Homem americano*.

Tudo realmente leva a crer na passagem dos habitantes do velho mundo para as terras da America, seculos antes das viagens realisadas pelos normandos no seculo IX, ou pelas ilhas da Polynesia e da Malasia para a America do sul, ou pelo estreito de Bering para a Groenlandia. Os chinezes conheciam desde tempos affastados, que exageradamente fazem remontar a milhares de seculos, o Fou-Sang ou Terra situada alem do mar oriental, e razões ha para crer que os missionarios budhistas visitaram a America, especialmente as costas do Mexico e do Perú, pelo seculo V da era christã, segundo uma tradição antiga e constante. Tambem não será exaggero suppôr que os habeis marinheiros

da Polynesia visitaram em tempos remotos as costas da America do sul.

Assim como na Europa, na America não apparecem argumentos que nos levem a acreditar na existencia do homem na epoca terciaria, e apparecem provas manifestas da sua existencia na epoca quaternaria. Ora, se se provar que nas epocas terciaria e quaternaria se achavam ligados o antigo e o novo continente, nenhuma razão poderá oppor-se a que o homem quaternario da America fosse o mesmo da Asia. Mas temos factos geologicos e outros deduzidos do estudo da fauna dos diversos continentes, que nos levam a concluir que realmente a America do norte, na epoca quaternaria, se achava ligada á Asia septentrional, e a America do sul á Nova Zelandia e a uma parte da Polynesia.

Ao norte, a passagem pelo estreito de Bering era muito facil. O estreito tem apenas uns noventa kilometros de largura, e, em dias claros, do cabo Oriental ou Dejneff, no extremo oriental da Asia, avista-se a costa da America, o cabo do Principe de Galles, o que devia ser um estimulo para que os habitantes da Asia passassem á America. E esse estimulo era augmentado pela circumstancia de que na America, mesmo em latitudes eguaes, o clima era mais ameno. Ainda hoje os tchoukches e os esquimós fazem quotidianamente a travessia do estreito em barcos de construcção verdadeiramente primitiva.

Mas, como dissemos, ha factos geologicos que nos levam a crer que a região norte-oriental da Asia se encontrou em tempos remotos ligada á America. A pouca profundidade do estreito e do mar de Bering (profundidade media de 70 metros), a natureza das camadas geologicas dos dois lados do estreito, a frequencia dos phenomenos volcanicos nas costas do mar de Bering, a existencia da cadeia das ilhas Aleucianas, — tudo nos persuade que, em tempos remotos, os dois continentes estiveram ligados por um vasto plató vulcanico, que podia estender-se do estreito de Bering até ás ilhas Aleucianas, ou pelo menos formar um isthmo entre o cabo Oriental ou Dejneff e o cabo do Principe de Galles. Assim se explicaria que a população americana fosse formada por uma emigração lenta da Asia septentrional.

Tratava-se a questão n'estes termos quando um illustre pu-

blicista brasileiro, o sr. J. Barbosa Rodrigues, veio derramar sobre ella nova luz, dando conta de uma interessante investigação que foi muito bem recebida e applaudida por alguns dos mais illustres sabios da Europa ¹⁾. Expondo o resultado das suas observações, começa o sr. Barbosa Rodrigues:

«Um pequeno monumento feito de nephrite ou de jadeite, chimicamente estudado, converteu se no precioso anel que incontestavelmente liga a America á Asia. Esse monumento, conhecido pelo nome de muyrakyta no Amazonas, e que foi por mim estudado, é a pedra angular em que eu pretendo fazer assentar a civilização prehistorica do valle do Amazonas.

«Em virtude de uma missão scientifica que me fôra confiada pelo governo imperial brasileiro, comecei os meus estudos no valle do Amazonas em janeiro de 1872. Notei logo ao pescoço de uma velha tapuya um pequeno cylindro feito de uma pedra de rocha verde, que trazia como amuleto, para se preservar de males diversos, segundo ella me contou. A principio não liguei importancia alguma a essa pedra, a despeito das suas virtudes imaginarias, porque o rapido exame que d'ella fizera não me permittira conhecer a sua natureza. Mais tarde vim a saber que esse objecto era excessivamente raro, que apenas era conhecido de nome, e que o pequeno numero d'elles que se tinha visto era cuidadosamente guardado pelos tapuyos, que não os vendiam por dinheiro nenhum e só os mostravam em segredo. Vim a saber tambem que só se mostravam n'uma região determinada, que se estende do monte Alegre ao rio Negro e que seria o centro e o ponto de reunião das pretendidas Amazonas, isto é, desde o rio Tapajós ao rio Jamundá... Depois de grandes esforços consegui um d'esses muyrakytas. Qual não foi a minha surpresa notando que aquillo era jade, egual ao de um pequeno talisman de origem asiatica, que meu avô trouxera de Angola! D'ahi uma dupla supposição: ou a pedra era indigena, e n'este caso era inutil descobrir os seus jazigos, ou era de origem asiatica, e então esses amuletos, se pertencessem todós á mesma

¹⁾ Vid. *Revue de Géographie*, tome XXIX (1891), pag. 321 e seg.: LE MUYRAKYTA, étude sur l'origine asiatique de la civilisation de l'Amazonas dans les temps préhistoriques, par M. J. Barbosa Rodrigues.

rocha, eram preciosos documentos para provar as relações da America com a Asia nos tempos prehistoricos. Todas as opiniões affirmavam que nunca se encontrára a rocha bruta, nem em jazigos, nem em blocos disseminados, e que os objectos que se encontravam eram trabalhados e furados. O facto de só muito raro se encontrarem esses objectos trabalhados á mão, n'uma região determinada, demonstra que n'essa região existiu um povo que fazia uso d'elles, e que não foram recentemente perdidos por viajantes. . . »

Em seguida percorreu o sr. Barbosa Rodrigues diversas regiões, mas em nenhuma encontrou a rocha, e pelo contrario appareciam ligadas ao muyrakyta tradições, lendas, costumes e dictos populares que o faziam vir de terras longinhas, trazido por invasores que tinham atravessado *um rio tão largo como o céo*, luctando contra o *raio* e as *tempestades*.

Depois o sr. Barbosa Rodrigues concluiu, pela observação do muyrakyta, que esse objecto fôra levado da Asia para a America, e encontrou na archeologia, na linguistica, na ethnographia, nas lendas, dados universaes que ligam á Asia o povo primitivo do Amazonas. Concluindo, diz o distincto publicista:

«Após estudos longos e laboriosos, feitos não no silencio do gabinete, mas no proprio theatro em que se encontram esses amuletos, depois de ter explorado os logares, ouvido os indigenas e os homens civilisados, e comparado os seus typos, os seus costumes; em presença do facto de que até hoje não ha dado algum sobre a existencia de jazigos ou de seus vestigios, não posso deixar de concluir com toda a convicção que os povos indigenas do Amazonas são caraibas, isto é, conquistadores ou invasores. São descendentes dos Karas, que tinham conhecimento de *Kuro* ou *Kyro*, filho de uma filha do sol, o primeiro monarcha que dominou a terra, segundo o *Mahabharata*, a grande epopèa sanscrita: por conseguinte são tartaros mongoes.»

Taes são as conclusões da sciencia sobre as origens da raça americana.

Confissão d'um sabio. — O eminente astrónomo Mr. Loewy, director do Observatorio astronomico de Paris, n'um discurso recitado na sessão annual das Academias, realisada n'aquella cidade, no dia 25 de outubro ultimo, falando do estado da sciencia em nossos dias, disse:

« Ao passo que os progressos, no vasto dominio da actividade humana, se effectuam e se accumulam, a identidade dos fins proseguidos e a connexão inevitavel dos esforços para os conseguir se accentuam de dia para dia. O estudo dos grandes problemas da natureza e da vida fazem-nos comprehender melhor a maravilhosa harmonia que preside á creação. No espaço sem limites que nos cerca, todos os corpos, desde o infimo atomo até ao astro mais prodigioso, actuam uns sobre os outros, e a sua acção reciproca manifesta-se por meio de leis eternas; todas as energias se conservam reunindo o infinitamente pequeno ao infinitamente grande; surgem novos mundos, dissolvem-se outros, e, de evolução em evolução, o universo, n'uma ordem admiravel, caminha para destinos mysteriosos, e, de dia para dia, conhecemos mais nitidamente as relações admiraveis que unem todas as partes d'aquella obra d'uma complexidade infinita.

« A cada instante se revelam relações intimas, desconhecidas e nem sequer suppostas, entre os differentes ramos das sciencias e artes. Seja-me permittido invocar áqui um exemplo que naturalmente se offerece ao meu espirito. Quem poderia crer, ha cincoenta annos, na intervenção tão fecunda, da physica e da chimica na astronomia, sciencia que até então parecia ter uma essencia puramente mathematica? Quem poderia imaginar que, para os astrónomos, a photographia e a spectroscopia constituiriam os mais poderosos instrumentos de investigação? Que com o seu auxilio, pela analyse dos raios luminosos, os unicos mensageiros que directamente nos relacionam com os astros, poderíamos chegar a conclusões certas sobre a constituição physica dos corpos celestes, sobre a distancia que os separa de nós, sobre a sua rotação, sobre o seu estado nascenté, sobre a phase actual da sua existencia stellar e sobre a sua declinação? Que triumpho para a philosophia natural o poder affirmar que todos

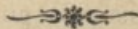
aquelles corpos inumeraveis da abobada celeste contêm os mesmos elementos naturaes do nosso globo! »

Como explicar, sem a existencia real e pessoal d'um Deus, a ordem e harmonia do universo? Que bello argumento, deduzido da auctorisada confissão de Mr. Loewy, para mostrar que não pode haver, nem sombra de contradição, entre as obras de Deus na criação dos mundos e a palavra do mesmo Deus revelada ao homem! É crível que a harmonia do universo produzida pelas leis que Deus, para tal fim, estabeleceu, possa nunca desmentir essa serie de dogmas com que Deus quiz simultaneamente illuminar e humilhar a intelligencia humana?

A proposito da lua.—O sr. Pickering estudou em Arequipa diversas crateras ou circos da lua, e principalmente o de Platão. Considera como certo que á superficie d'aquelle astro tem havido algumas modificações, mas não sabe se ellas resultam de differenças na illuminação solar, da incerteza dos desenhos, ou se são consequencia de acções vulcanicas.

Alguns circos lunares chegam a ter 90 kilometros de diametro, e ha em todo o astro centenas de circos. O diametro do circo de Sickhart mede mais de 250 kilometros. Parece que não ha agua na lua; mas alguns sabios suppõem que ella pode lá existir, a uma certa profundidade, nas fracturas e cavidades do solo. Tambem se pensa geralmente que não existe ar atmosphérico na lua. Os telescopios ainda lá não descobriram nenhum vestigio de vegetação, e, se lá houvesse florestas, ver-se-iam sem diffiduldade, com os instrumentos, da mesma forma que se distinguiriam as cidades e os grandes monumentos, se existissem.

Como se sabe, na lua ha grandes cadeias de montanhas, algumas das quaes apresentam elevações de mais de 7:000 metros. Por entre essas montanhas ha profundidades taes que o seu fundo nunca é illuminado pela terra nem pelo sol.



Uma pagina brilhante na historia da Universidade de Coimbra

Sabe-se que a constituição dogmatica *Unigenitus Dei Filius*, de Clemente XI, contra os erros do famoso oratoriano Quesnel, teve grande opposição, principalmente na França, onde o jansenismo logrou dominar escolas theologicas, homens importantes pela sua posição social e até bispos. Por fim triumphou a palavra do Vigario de Jesus Christo, que era, como sempre, a expressão da verdade, e a celebre Constituição foi accepta pelo episcopado, pelos fieis e pelas mais famosas academias da Europa.

A Universidade de Coimbra foi uma das primeiras a adherir á Constituição clementina; e o exemplo d'esta Universidade, que então gosava de merecido renome e gloria universal, muito concorreu para o triumpho da Bulla de Clemente XI n'outras academias.

Á Faculdade de Theologia pertence a principal gloria do acto pelo qual a Universidade prestou testemunho publico e solemne de adhesão e obediencia áquella Bulla.

Vamos transcrever alguns documentos, hoje raros e um inedito, para a historia d'este memoravel acontecimento. O primeiro é o *Sensus da Faculdade conimbricense da Sagrada Theologia ácerca da Constituição dogmatica que começa: UNIGENITUS DEI FILIUS.*

«No conselho particular, celebrado a 7 de janeiro do corrente anno de 1717, na sala publica da academia, ás 10 horas da manhã:

«O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Reitor da Academia com os Professores de Prima e Vespera da Sagrada Theologia, Direito Canonico e Civil, conselheiros *de jure* do mesmo sr. Reitor em negocios de maior gravidade expoz, que o nosso Santo Padre o Papa Clemente XI publicára uma Constituição, aos 6 dos Idos de setembro do anno de Christo de 1713, na qual condemnára cento e uma proposições extrahidas do livro escripto em francez e distribuido em varios tomos, intitulado *Le Nouveau*, etc. Que esta Constituição fôra publicada pelo Em.^o D. Nuno da Cunha, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, Inquisidor Geral n'estes reinos contra a pravidade herectica, a fim de que mais facilmente podesse ser conhecida e observada, como de facto é, por todos os fieis.

«E ainda que fosse bem notoria a observancia e obediencia com que elles doutores, e todo o Portugal, veneravam, abraçavam e observavam as Constituições Pontificias, maiormente as dogmaticas, rendendo sempre o intellecto em obsequio da fé e da Sé Apostolica, com tudo, constando-lhe que a perfidia herectica espalhára paulatinamente libellos em que falsamente se affirmava que algumas acádemias da Europa eram hostis aos decretos Pontificios, e que particularmente se opposeram á Constituição *Unigenitus*, recusando-se accital-a (mercê de Deus nunca a heresia logrou macular a alma dos portuguezes), desejava ouvir o seu conselho e saber, se por ventura era das attribuições da academia conhecer o que elles e a Faculdade da Sagrada Theologia pensavam e o seu sentido acerca da citada Constituição, publical-o e tornal-o conhecido de todos, já para testemunho de devida obediencia á Sé Apostolica, já para que o seu silencio não desse pretexto aos herejes para dizerem que tambem a Academia Coimbricense não assentira á citada Constituição.

«Feita esta proposta e ouvida, os mesmos Professores de Prima e Vespera da S. Theologia e os Professores de Direito Canonico e Civil, depois de louvarem o zelo do mesmo Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Reitor, já pela reverencia devída á Santa Sé, já pelo bom nome da Academia, julgaram que em nego-

ção de tanto momento se devia convocar toda a academia, tendo primeiramente ouvido a Faculdade da S. Theologia, e, para deliberar maduramente ácerca d'este ponto, que se reunisse claustro pleno, no dia 9 de janeiro, á costumada hora das aulas da manhã. Feito isto:

«No dia 9 de janeiro do mesmo anno reuniu-se o claustro pleno na sala publica da Academia, ao qual concorreram presurosas todas as Faculdades academicas; E tendo-se assentado todos, expostos claramente os motivos e causas do claustro, foi lida em alta vós por um secretario da academia a Constituição do N. SS.^{mo} Padre o Papa Clemente XI, que começa *Unigenitus Dei Filius*. Foi lida e recitada integralmente, bem como as cento e uma proposições condemnadas e proscriptas pela auctoridade Pontificia. Depois d'isto o mesmo Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Reitor da Academia mandou que a Faculdade de Theologia declarasse o que sentia ácerca da Constituição lida, e se lhe era necessario algum tempo para maduramente deliberar em negocio de tanta monta, o pedissem. Ao que toda a Faculdade da S. Theologia respondeu que já de ha muito tinha o seu juizo assente e firme, depois de demoradamente meditado, ácerca do ponto sobre que era consultada; que não havia mister de mais declarezas, e que se devia proceder immediatamente, como de facto se procedeu, á votação do seu sentido. Todos, sem discrepancia d'um só, foram de parecer:

«1. Que o Pontifice Romano, ainda fóra do Concilio ao qual é superior, ensinando *ex cathedra* a Egreja universal ácerca da fé e da moral tem a assistencia infallivel do Espirito Santo, e por isso não erra nem pode errar.

«2. Que as Constituições pontificias dogmaticas para que tenham força e vigor não necessitam da acceitação ou consentimento dos fieis, e por isso que tal acceitação ou consentimento de modo algum tem auctoridade.

«3. Era crença^a de todos que para o valor de qualquer Bulla Pontificia e dogmatica muito menos se exigia a acceitação e o consentimento d'alguma Egreja particular, mas que

era apenas necessario que o Pontifice falasse *ex cathedra* á Egreja universal.

«4.º Todos attestaram que não reuniram para accceitar a citada Constituição, como se houvera necessidade de tal accceitação para que tivesse força obrigatoria, mas unicamente para a venerar e para lhe prestar a devida obediencia. Por esta razão todos os mestres e doutores da Faculdade da S. Theologia entenderam:

«5. Que era conveniente que não só todos os mestres e doutores da Faculdade da S. Theologia, mas os das outras faculdades (para que melhor se manifestasse a reverencia e obediencia de toda a Academia para com a Santa Sé) se obrigassem por juramento a observar até á morte a citada Bulla, entendendo-a no mesmo sentido em que foi entendida pelo Pontifice Romano, a defendel-a a custo da propria vida, se tal fosse necessario; e isto do mesmo modo por que juram observar e defender a fé catholica, quando são promovidos aos graus das differentes Faculdades.

«6. Que era muito conveniente se perguntasse aos mestres particulares da S. Theologia dos Collegiaes das S. Ordens, que gosam de privilegios academicos, se por ventura eram do mesmo sentir da Faculdade da S. Theologia e de toda a Academia ácerca da citada Constituição?

«7. Que o Secretario da Academia lavrasse uma acta de tudo isto, a guardasse nos Archivos da mesma Academia, e, depois de fielmente exarada, fosse lida em presença de todos e a apresentasse no dia 7 de fevereiro do mesmo anno para ser assignada. *Feito isto dissolveu-se o claustro.*

«Depois, no dia 4 de fevereiro do mesmo anno, a Faculdade da S. Theologia e as demais faculdades, se reuniram, como fôra resolvido, em claustro pleno, na Sala publica da Academia e todos foram de parecer que estava fielmente narrado o juizo da Faculdade da S. Theologia e tudo que se passára no claustro de 9 de janeiro, por mim Secretario da mesma Academia. E depois de tudo examinado e conhecido, o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Reitor perguntou a todos os assistentes

se era fiel a acta do claustro de 9 de janeiro de 1717? E responderam todos: Sim, Senhor. E perguntou novamente: Se todos approvam e louvam a citada Bulla Pontificia, se condemnam o que ella condemna, e se estão promptos a crer, ensinar e professar, obrigando-se a isto por juramento, de harmonia com a mesma Bulla? E todos responderam: Approvamos, louvamos, condemnamos o que está condemnado, cremos, ensinaremos, e queremos jurar.

«Proclamado e ouvido este publico testemunho de todos, o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Reitor ordenou que se lesse publicamente o sentido e a declaração dos Rev.^{mos} mestres particulares da S. Theologia, dos Collegios incorporados na Academia não só ácerca da citada Constituição, mas tambem ácerca dos Canones primeiro, segundo e terceiro, estabelecidos pela Faculdade Theologica da Academia (cujos exemplares foram enviados aos mesmos Collegios e já os devolveram com assignaturas); e immediatamente eu secretario da mesma Academia recitei em voz clara e distincta cada uma das adhesões enviadas pelõs mesmos Collegios, das quaes constava que todos os seus mestres particulares da S. Theologia eram do sentir de toda a Faculdade de Theologia da Academia, e isto subscreviam com a sua assignatura de propria mão, que reconheço e de que dou fé!

«Depois, immediatamente o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Reitor levantando-se da sua Cadeira, prestou, nas mãos do Rev.^{mo} Fr. Martinho Pereira, da Ordem dos Cavalleiros Militares e Professor Primario da S. Theologia, o seguinte juramento.»

(*Continúa.*)

DR. SILVA RAMOS.



CHRONICA CONTEMPORANEA

I

INTERIOR

A politica no parlamento. — Historia do fretamento de um navio. — Scenas edificantes. — Como em Portugal se liquidam responsabilidades. — O folheto Kendall e as vergonhas da salamancada. — Centenario de Santo Antonio. — Sessão memoravel na camara dos pares.

A sessão parlamentar d'este anno tem sido cortada de episodios tão vergonhosos, que a leitura dos boletins parlamentares deixa no espirito uma funda impressão de tristeza e dor. Revelam-se todos os dias novos escandalos, trazem-se constantemente á suppuração as corrupções da administração publica, como se o paiz estivesse posto a saque, como se os homens que nos governam estivessem apostados em vibrar maiores e mais fundos golpes para o acabamento de uma derrocada. O que se tem visto ultimamente é uma vergonha!

Um dos incidentes parlamentares que mais entretive o espirito publico durante o mez findo foi a questão do fretamento do navio que conduziu o corpo expedicionario a Lourenço Marques, questão a que de leve nos referimos na chronica do numero anterior. Apesar da proposta que fez o administrador da massa fallida da Mala Real, para transportar por menor preço e mais rapidamente, no *Rei de Portugal*, o corpo expedicionario a Lourenço Marques, o governo fretou o vapor *Cazengo*, da Empresa Nacional, que custou a mais uns trinta ou quarenta contos. Interpellado na camara, o governo respondeu que não recebera a proposta da Mala Real, mas provou-se que tal proposta foi entregue. Então o governo nomeou uma commissão de inquerito para se averiguar quem sonegou o documento no ministerio da marinha, e essa commissão nada conseguiu averiguar, apesar de que os jornaes citavam testemunhas que viram entregar a proposta ao secretario do ministro respectivo!

É assim que em Portugal se liquidam responsabilidades. Tantos inqueritos que se têm feito a escandalos de administração, e não nos lembra que um só dêsse em resultado o conhecimento e a punição dos culpados. Ora, quando se tracta de casos tão claros como este, é evidente que o inquerito não passa de uma farçada ridicula, e converte-se n'uma ironia lançada ao rosto de quem pede justiça.

Podem, pois, continuar os sonegadores de documentos as suas façanhas, porque nunca é possível averiguar a sua responsabilidade. O governo nem se quer aproveitou a occasião para dar um bom exemplo, dizendo-se de mais a mais que no ministerio da marinha é tradicional a sonegação de documentos que prejudicam amigos ou favorecem adversarios. Deus nos livre de que taes processos de investigação passassem para a magistratura judicial!

*

Outro escandalo foi o que se levantou a proposito da publicação de um folheto do sr. Kendall, do Porto, a respeito dos negocios da salamancada.

O sr. Kendall reclama a indemnisação que lhe é devida pelos serviços que prestou n'essa negociata, mesmo com prejuizo de interesses particulares. Para justificar a sua reclamação o sr. Kendall conta diversos episodios da salamancada, põe a descoberto alguns dos arranjos de todo aquelle escandalo, e, entre outras roubalheiras a que allude, diz que foram dados 50 contos de reis ao deputado sr. Vieira de Castro para acompanhar os debates na camara de 1889.

O escandalo de se pagar a um deputado para elle defender uma negociata escandalosa, no desempenho dos seus deveres de representante da nação, não podia ficar sem protesto, ao menos d'aquelles que faziam parte da camara de 1889. O sr. Fuschini levantou o incidente, a camara applaudiu, o governo declarou-se prompto a fazer justiça, e por fim nomeou-se uma commissão de inquerito parlamentar.

Para nós é ponto averiguado que esse inquerito ha de dar o mesmo resultado que deu o inquerito sobre o emprestimo dos tabacos, o da sonegação de um documento no ministerio da marinha e todos os mais que em Portugal se têm feito. Entretanto era justissimo e de alta conveniencia publica, que se aproveitasse a occasião para deslindar toda a historia da salamancada e todos os escandalos que a acompanharam. Sabe-se que a construcção de uma linha ferrea custou ao paiz nove mil contos de reis, e que não devia ter custado mais de metade. Para onde foi o dinheiro? Quem foram os felizes que se *arranjaram*?

*

No proximo anno vae celebrar-se o setimo centenario do nascimento do glorioso portuguez Santo Antonio, o grande thaumaturgo que tão profunda devoção encontra no nosso povo.

É justissima esta manifestação religiosa, sympathica a todos os portuguezes e a todos os catholicos. Estamos persuadidos que as festas hão de ter a majestosa solemnidade que convem á honra de Santo Antonio, e que todos se hão de unir de alma e coração a esta homenagem. Santo Antonio, que nasceu em Lisboa no dia 15 de agosto de 1195, viveu por algum tempo nos suburbios d'esta cidade, em Santo Antonio dos Olivaeas, e por isso a cidade de Coimbra prepara-se para tomar uma parte importante nas festas do centenario.

A *Revista Contemporanea* occupar-se-ha desenvolvidamente de Santo Antonio e das festas que se projectam em sua honra.

*

Foi verdadeiramente memoravel a sessão da camara dos pares do dia 27 de novembro. D'ella vamos dar um extracto, na medida do espaço que ainda dispomos, submettendo-o á consideração d'aquelles que chamavam hyperpapismo ao ultimo movimento catholico de Portugal.

O sr. *bispo conde* agradece ao governo o serviço que tem prestado aos bispos portuguezes, em nome de quem está falando. Foi o governo quem cuidou da aposentação do clero, foi elle quem apresentou á camara o projecto para que seja guardado o dia de S. José, é d'elle o que diz respeito á reforma das juntas de parochia que restitue auctoridade aos parochos, foi elle que mandou prestar honras especiaes ao nuncio da Santa Sé, ao visitar as nossas cidades, e é elle quem concorre para que seja nacional a festa de Santo Antonio. Tudo isto revela para os bispos que os governos estão resolvidos a fazer-lhes justiça.

É errar manter o receio de que os ecclesiasticos possam querer mal aos liberaes. Ha mais de sessenta annos que o velho regimen cahiu. Está morto e os mortos não resuscitam. Lamenta que os homens que ainda hoje restam do antigo regimen pretendam affastar-se dos bispos, mas os liberaes devem convencer-se de que os males sociaes são a anarchia moral e social e não o absolutismo ou a reacção. Discursa depois sobre a influencia religiosa, accrescentando que é preciso que se não diga que a religião é só para o povo.

Refere-se depois ás nossas colonias. Mandamos para ali as forças armadas que dominam, mas não pacificam, não moralisam as massas gentílicas, o que sómente a cruz e o evangelho poderão fazer. E então, o orador, refere-se ás missões religiosas para a Africa, e pede ao governo que acceda aos desejos dos bispos, favorecendo as condições de organização das missões. Em troca d'isto, offerece o apoio e auxilio dos bispos, que zelarão pelo futuro da patria. Relata o que se passou na peregrinação á Virgem do Sameiro, que lhe revelou um espectáculo que os seus olhos nunca viram nem tornarão a vêr.

Exalta a obra de Leão XIII, aconselhando os bispos a moldarem-se ás instituições politicas dos seus paizes. A intenção dos bispos portuguezes é exactamente cumprirem as indicações de Sua Santidade. Fala-se n'um partido catholico. Tal não tem razão de ser, n'um paiz que é essencialmente catholico.

O sr. *ministro da justiça* (A. Azevedo Castello Branco), como membro do governo e da sociedade civil, declarava que não podia deixar de conformar-se com as doutrinas que ouvira, que as acceitara sempre como catholico e que n'ellas via uma orientação perfeitamente subordinada ás exigencias do bem da patria.

O sr. *conde de Casal Ribeiro* applaude os desejos dos bispos. Quer a disseminação do principio religioso, para o que todos podem contribuir dentro dos seus partidos. Offerece o seu apoio ás palavras do sr. bispo-conde, pois reconhece a necessidade de as pôr em pratica, não pela organização de um partido novo, mas pela junção dos homens n'um esforço commum. Não se trata de escalar o poder, mas de promover a fé religiosa, proposito este em que muito folga de ver o governo.

Exalta Leão XIII. É um sabio que se tem imposto a todo o mundo, não porque apenas se preocupe com o poder espiritual, mas pela sua intervenção no poder temporal, procurando a solução de graves problemas sociaes. Refere-se a Castellar, que foi a Roma offerecer os seus serviços ao Papa. Julga poder dizer que toda a camara adhire aos desejos dos bispos.

O sr. *Rocha Pixaoto* vê, com satisfação da camara, attender benevolmente os bispos, nas suas idéas de propagação de fé religiosa. Advoga a dotação do clero. Os ecclesiasticos, pela fôrma como auferem os seus proventos, não raras vezes dão motivos a conflictos, a que é preciso pôr termo, tratando-os como a funcionarios que a um tempo servem a religião e o estado. Quer o clero illustrado.

O sr. *Barros e Sá*. É conservador em politica e ultramontano em re-

ligião. Apoia o projecto referente ás juntas de parochia e por igual todos os que digam respeito ao levantamento da fé religiosa. Quer a liberdade de acção dos bispos, quer a liberdade da Igreja.

O sr. *arcebispo de Evora*. Fala-se na ingerencia do clero na politica, combatendo-a. Porque? Que o parcho se envolva nas pugnas partidarias, facciosas, comprehende que não deve ser assim. Mas applaude que elle siga attentamente o que diz respeito a politica de administração publica. Faz a apothese de Leão XIII, e das suas encyclicas. Descreve a influencia da religião na sociedade, e a missão do clero, que nos tempos do feudalismo se collocava entre os senhores e os vassalios, ensinando aos primeiros que os segundos eram seus eguaes: nos periodos calamitosos da communa evitava os excessos com o seu conselho e o seu exemplo. São apenas os povos catholicos os que colonisam e derramam a fé das suas crenças. Ninguém viu nunca missões de chinezes ou de outros povos gentilicos, civilisando o mundo.

Na America septentrional fez-se uma grande *feira do mundo*, e durante ella houve um congresso de religiões. Ali tomaram assento os representantes das religiões conhecidas, as mais variadas, e todos os congressistas presentes, reconhecendo em Christo o grande espirito civilizador da humanidade, reconheceram tambem que é a fé religiosa o maior estimulo dos povos.

Pede que na reforma da instrucção se torne obrigatorio o ensino da doutrina christã nas escolas primarias e quer que os parchos tenham o direito de inspecionar se os professores praticam ou não o ensino religioso.

II

EXTERIOR

Agitação carlista na Hespanha. — Um caso grave. — Condemnação de um jornal catholico. — Politica allemã. — Demissão de Caprivi. — A morte do Czar e a politica da Europa. — A questão de Madagascar. — A guerra no Oriente. — A união das duas Igrejas.

A attitude irritante que os carlistas tomaram no congresso de Tarragona acaba de produzir vivas dissensões entre os catholicos hespanhoes e uma profunda emoção em todo o paiz visinho. Procuraremos narrar os acontecimentos á vista das informações que temos presentes e que, digamol-o desde já, não podemos considerar completas.

Depois do primeiro congresso catholico celebrado em Hespanha ha perto de quatro annos, um grupo de catholicos, desejando pôr em practica todos os ensinamentos da Santa Sé e especialmente a notavel encyclica sobre a condição dos operarios, fundaram, com a approvação do episcopado hespanhol, um órgão intitulado — *El Movimiento Catolico*.

Este jornal, cujo fim especial era publicar todos os annos o relatório dos trabalhos dos congressos catholicos, estabeleceu por occasião do congresso de Tarragona a necessidade da submissão aos poderes constituidos, e os catholicos presentes approvaram quasi unanimemente um voto n'esse sentido. Alguns carlistas protestaram energicamente e avançaram a pro-

posição absurda e perigosa de que a causa da Igreja em Hespanha era inseparável da causa de D. Carlos.

Sem se pronunciar em qualquer sentido, S. E. o cardeal Monescillo, arcebispo de Toledo, primaz da Hespanha, intendeu que devia fazer algumas reservas sobre o voto aprovado.

Manifestando um profundo respeito pela dignidade, pela auctoridade, pela sciencia e pelas virtudes dos que não pensavam como elles, os redactores de *El Movimiento Catolico* declararam ao mesmo tempo que, na sua opinião, a vontade do Santo Padre, expressa por varias vezes, era ver que os fieis de todos os paizes catholicos acceitassem as instituições estabelecidas e evitassem as discordias e revoluções quasi sempre prejudiciaes á prosperidade dos povos. A este respeito travou-se uma violenta polemica entre *El Movimiento Catolico* e *El Correo Español*, principal órgão carlista. Para pôr fim á questão, S. E. o cardeal Monescillo publicou uma pastoral em que prohibia a leitura de *El Movimiento Catolico* em toda a sua diocese.

A pastoral do sr. arcebispo de Toledo provocou uma viva emoção em todo o partido catholico. O venerando prelado fundou a sua decisão na necessidade de que os escriptores catholicos sigam os conselhos e a direcção dos bispos. A formula — «os bispos estão connosco» — corrige-a e transforma-a n'est'outra — «nós estamos com os bispos».

Logo que appareceu a carta pastoral de Mons. Monescillo, os redactores de *El Movimiento Catolico* mostraram-se surprehendidos pela prohibição do seu jornal, e declararam que estavam promptos a submeter-se se os seus artigos contivessem a menor proposição condemnavel. Offereciam-se para fazer esta submissão pela forma que Sua Eminencia julgasse mais conveniente. Entretanto *El Correo* exultava e cantava victoria. Publicando artigos dithyrambicos sobre o carlismo, procurava comprometter o venerando arcebispo de Toledo, affirmando de novo que os bons catholicos hespanhoes não podem separar a causa carlista da causa da Igreja e que, por conseguinte, deviam sustentar as pretensões de D. Carlos.

Os outros jornaes catholicos, taes como *El Siglo Futuro* e a *Union Catolica*, procuram agora reconciliar *El Correo* com *El Movimiento*, mas defendem energeticamente Mons. Monescillo contra as accusações dos órgãos carlistas. — Não, declaram elles, Sua Eminencia não é partidario da revolta e da resistencia aos poderes constituídos. Sua Eminencia pode ter as suas preferencias pessoaes, mas o que elle procura antes de tudo é o bem da Igreja e a união dos catholicos.

Em apoio d'estas affirmativas, os jornaes catholicos citam as precedentes declarações feitas pelo arcebispo de Toledo em 1891. «Perguntaes-me, dizia elle então, em que partido se encontram os catholicos: responderei: ha bons catholicos em todos os partidos. Qual é o melhor governo? É aquelle que se conforma com as prescripções da Igreja»; e acrescentou: «O que é preciso evitar acima de tudo é a guerra civil em Hespanha. Seria um crime abominavel procurar a organização de uma revolta. O nosso papel não é suscitar perturbações.»

Os jornaes catholicos concluem que, se o cardeal é carlista, pelo menos escuta os conselhos do Vaticano.

Abstendo-nos por agora de apreciar estes factos, porque não temos dados sufficientes para o fazer, não devemos concluir sem referir o boato da proxima convocação de um concilio nacional hespanhol. Não sabemos o valor que tenha esta noticia.

Os ultimos dias de outubro deram aos circulos politicos da Europa uma noticia de verdadeira sensação: o conde de Caprivi, chanceller do

imperio da Allemanha, e o conde Botto de Eulemburg, presidente do conselho de ministros da Prussia, apresentaram as suas demissões a Guilherme II. que as accitou.

Ninguem ignorava a gravidade das difficuldades com que ha tempos luctava o governo allemão. A divisão dos partidos, o fraccionamento dos grupos parlamentares, as ameaças dos anarchistas e a agitação provocada pelos socialistas tornavam cada vez mais ardua a direcção dos negocios. Todos os membros do governo reconheciam a necessidade de tomar sérias medidas contra os agitadores, mas entre os ministros havia divisões profundas e graves dissensões sobre os meios a adoptar para a repressão. O conde de Caprivi optava pela moderação, o conde de Eulenbug queria uma acção vigorosa e rapida. Por outro lado os Estados da Allemanha do sul recusaram-se a aceitar uma legislação de character imperial contra os partidos revolucionarios, allegando que a legislação particular de cada Estado chega e sobeja para reprimir aquelles elementos.

N'estas circumstancias o imperador provocou uma conferencia entre todos os ministros que dirigem os Estados allemães e os ministros prussianos, para se discutir quaes as medidas que o governo devia adoptar contra as agitações revolucionarias. Não se chegando a um accordo entre o general conde de Caprivi e o conde de Eulemburg, os dois ministros pediram a sua demissão.

O chanceller de Caprivi empenhou-se durante o seu governo na manutenção da paz européa, e por isso a sua retirada foi muito sentida em todos os centros politicos e diplomaticos. Tirou á politica allemã o character provocador da politica de Bismarck, e soube ganhar muitas sympathias entre todos os partidos allemães e nas chancellarias estrangeiras. Oxalá que o principe de Hohenlohe, escolhido para seu successor, saiba continuar as tradições de uma politica tão sensata. O principe de Hohenlohe é catholico, mas parece que essa qualidade não tem significação alguma, nem influirá sensivelmente na direcção dos negocios.

*

Uma outra noticia de sensação foi a do fallecimento do czar Alexandre III no dia primeiro de novembro, no seu castello da Livadia. A noticia não surprehendeu ninguem, porque ha muito se esperava um desenlace fatal, mas nem por isso deixou de fazer uma profunda sensação, sabido como era que o fallecido imperador foi sempre uma forte garantia da paz européa.

Entretanto parece que devem affastar-se todos os receios, porque o novo czar, Nicolau II, que conta apenas vinte e seis annos de idade, mostra-se resolvido a continuar as tradições de seu pae. A alliança franco-russa de certo subsistirá, e porventura estreitar-se-ha mais a amisade dos dois povos, attentas as grandes manifestações de sentimento que a França fez pela morte do czar, considerando-a até como perda nacional, e attendendo tambem aos sentimentos francophilos que Nicolau II já poz em evidencia. D'esta fórma a alliança franco-russa continuará a contrabalançar a triplíce, tanto mais quanto maior é a segurança com que se acha cimentada.

*

A questão de Madagascar, de que já n'outra chronica informámos os nossos leitores, vae produzindo as consequencias que desde o principio se podiam prever.

As reclamações apresentadas ao governo hova, em nome do governo

francez, pelo sr. Le Mire de Villers, não foram attendidas. Por este motivo a esquadra franceza do mar das Indias cruza actualmente nas costas de Madagascar, já reforçada por navios mandados da Europa. Além d'isso, os cruzadores *Alger* e *Istly*, que tinham sido enviados para os mares da China, receberam pelo telegrapho ordem de retroceder sobre Madagascar. No porto de Toulon estão preparados transportes para levarem 15:000 homens, e de um momento para outro o governo francez terá à sua disposição todos os navios de que precisar para o transporte da expedição, que será commandada pelo general Duchesne. Todavia parece que as operações militares não começarão antes da primavera.

O governo não está resolvido a fazer uma expedição de simples aparato bellico, mas a realisar uma operação séria, que o dispense de futuros incommodos. Para isso pediu já às câmaras um credito de 65 milhões de francos, que de certo será votado, pois a opinião publica é que ao governo sejam concedidos todos os meios de manter a honra e os direitos da França. Também não parece duvidoso que o governo da Republica enviara desde o principio forças bem sufficientes para resolver a questão d'um modo rapido e definitivo.

E, desde que a questão chegou a este ponto, contentar-se-ha o governo francez com manter o seu direito de protectorado na ilha? Não nos parece, e antes é natural que queira converter o direito de protectorado em dominio pleno, como indemnisação das despezas que vae fazer. A Inglaterra não ha de consentir de bom grado nas ambições da França, e então pode surgir um conflicto mais serio.

*

Sob a presidencia do Santo Padre têm-se celebrado em Roma diversas conferencias para a união das Igrejas do oriente e do occidente. N'uma d'essas conferencias, Sua Santidade encarregou o cardeal Langénieux de exprimir os sentimentos que animam a Igreja latina a respeito da Igreja do oriente, e a pôr em relevo o papel preponderante que a França é chamada a desempenhar n'esta questão, graças ao seu protectorado tradicional. Estes nobres sentimentos encontraram echo nos dois patriarchas de Antiochia, Mgr. Joussef, dos melchitas, e Mgr. Benham Benni, dos syrios, assim como em Mgr. Howyck, representante do patriarcha dos maronitas, successivamente convidados pelo Santo Padre a darem a sua opinião sobre os meios mais opportunos para reduzir à unidade catholica as Igrejas dissidentes do oriente.

Na mesma sessão pronunciou Leão XIII, ácerca da unidade da Igreja, um importante discurso, echo da encyclica *Proclara*, de 20 de junho ultimo.

Dizem os mais bem informados que a opinião dominante em Roma é muito favoravel à manutenção e à affirmacão solemne dos privilegios proprios aos patriarchados orientaes, a fim de que, pela acção dos orientaes unidos, os dissidentes sejam mais facilmente reduzidos à unidade catholica, vendo que não se tracta de os latinisar, segundo um preconceito ha muito tempo em voga entre elles, mas simplesmente de os trazer ao reconhecimento da auctoridade suprema do successor de S. Pedro.



PROBLEMAS DE PHILOSOPHIA NATURAL

I

O CONCEITO DE VIDA

Dizia Tyndall, n'um discurso ácerca da materia e da força: «Recordaes-vos, senhores, d'aquella pergunta de Napoleão aos sabios que o acompanhavam na famosa expedição ao Egypto, quando, depois de os ter ouvido fallar sobre a origem do mundo, fixando a vista nas estrellas, lhes disse: — Falaes muito bem, senhores; mas dizei-me: Quem fez tudo isto? — Esta pergunta está ainda sem resposta, e a sciencia não se propõe dal-a. No meu sentir, a razão humana não tem a sufficiente energia para a solução d'aquelle problema de todo superior ás suas forças».

Vê-se que o celebre physico inglez, como proselyto da escola empirica, formando um conceito absolutamente falso da actividade ainda prodigiosa da razão humana, intende que a sciencia da natureza consiste unica e exclusivamente na observação e estudo dos phenomenos sensiveis. A investigação das causas que produzem esses phenomenos, tão surprehendedentes e admiraveis no mundo infinitamente grande e no infinitamente pequeno, o conhecimento da relação harmonica que ha entre ellas e os effeitos que produzem, a causa final que preside a todos os seres do universo e ao mesmo universo em geral; n'uma palavra, a sciencia da ordem supra-sensivel ou transcendental, que é a base, a norma e a explicação do mundo sensivel e a cujo conhecimento chegamos

partindo da observação dos factos,—cozas são que, segundo o empirismo, não pertencem aos dominios da sciencia da natureza, mas aos da fé. E intendem por fé, não essa luz sobrenatural e divina, que veio revelar ao homem verdades a que nunca poderia chegar e resolver os grandes problemas da ordem intellectual e moral, mas as ficções metaphysicas do poeta, como affirma o mesmo Tyndall, ou os extravios do espirito humano, como pretende Büchner.

É um erro esta affirmacão do empirismo e tão fatal para o conhecimento scientifico da natureza, como o d'alguns philosophos que pretenderam constituir *a priori* aquella sciencia, sem se importarem com a observação e estudo dos phenomenos sensiveis. O conhecimento meramente sensivel dos phenomenos naturaes foi, é e será sempre incompleto e imperfeito, que lá existe, no fundo do espirito humano, essa tendencia ingenita, irresistivel, que só fica plenamente satisfeita quando, partindo do facto sensivel, procura e encontra a causa que o produz e a relação que a liga ao effeito produzido. Ora, essas causas e relações, que têm uma existencia real, pertencem ao mundo supra-sensivel, á ordem metaphysica, e é absolutamente necessario conhecel-as para haver a sciencia perfeita e completa da natureza.

A fé divina, que tambem pertence á ordem supra-sensivel, não é de absoluta necessidade para a soluçã dos grandes problemas da natureza; se bem que os raios luminosos desprendidos d'aquelle brilhante sol do mundo intellectual illuminam, esclarecem e confirmam as soluções verdadeiramente scientificas das questões naturaes. D'onde se conclue que só ha verdadeira e completa sciencia da natureza, quando a analyse dos phenomenos é coroada pelo conhecimento das suas causas e relações harmonicas com os effeitos, e o conhecimento de tudo isto pelo veredictum da fé, suprema razão de toda a sciencia.

A sciencia da natureza não consiste, pois, no mero conhecimento sensivel dos phenomenos como querem os dynamistas e os naturalistas, e nomeadamente a escola de Darwin e Haeckel que só estuda os phenomenos sob o ponto de vista

da evolução, nem na simples narração dos factos naturaes, nem na sua explicação puramente especulativa, mas, repetimos, na observação dos factos, como ponto de partida, para subir ao conhecimento dos principios supra-sensíveis que os produzem e regulam. Estes principios, muito distinctos dos da fé, são accessíveis á actividade da razão, embora ainda não conquistados na sua totalidade pelo genio do homem. Se ainda ha segredos e mysterios na natureza, ninguem dirá que não existem as causas de taes segredos e que amanhã o seu conhecimento não venha ampliar a esphera já dilatada e brilhante das conquistas do genio do homem no seio immenso da natureza creada. Para isto é de absoluta necessidade que não se guerreie a metaphysica, e que os sabios, dedicando-se ao estudo profundo da natureza, procurem nas regiões luminosas do supra-sensível a causa e a razão scientifica das maravilhas observadas. O estudo da natureza só é perfeito e completo quando esclarecido, explicado e demonstrado pela *philosophia da natureza*.

Ora, entre todos os phenomenos que se offercem á nossa contemplação no mundo sensível, sobresahe um, surpreendente, admiravel e variadissimo nas suas manifestações, que tem merecido em todos os tempos, e hoje particularmente, especial estudo de philosophos e naturalistas. É o phenomeno da vida. Qual a essencia, a causa, a lei, o principio informante d'esse phenomeno que se manifesta em tanta opulencia e formosura nas plantas e nos animaes, e em toda a sua plenitude no homem? O que é a vida? Como appareceu sobre a terra, como se reproduz, como se realisa a sua evolução, a que leis obedece, qual o principio que a informa, a lei que a rege, a causa em fim que a explica? Eis um problema de summa transcendencia, que, como todos os problemas da sciencia da natureza, nem ha de resolver-se só á luz da observação, nem só perante os principios especulativos da philosophia natural. Na solução do problema da vida grandes e valiosos serviços devemos ao microscopio e aos surprehendedentes progressos das sciencias biologicas; mas não são menores nem menos valiosos os que devemos aos trabalhos da

philosophia tradicional das escolas, e principalmente aos trabalhos e investigações profundas de Santo Thomaz de Aquino, confirmados pelos *factos* scientificos da moderna physiologia. Vel-o-hemos no decurso d'este modesto estudo.

A solução philosophico-natural do problema da vida depende da solução d'est'outro: Em que se differencam os seres vivos dos não vivos? Ainda que a immensa variedade dos seres creados constituem um todo ordenado e harmonico a que chamamos universo, em virtude do nexu teleologico e dinamico que une os seres entre si de modo a formarem, sem solução de continuidade, a grande synthese cosmica, onde a variedade junta á unidade produz a ordem e harmonia universal, com tudo é certo que nem todos os seres são dotados de vida. D'aqui a conhecida divisão em seres inanimados e animados, e a não menos conhecida subdivisão d'estes em vegetaes e animaes. Esta ultima classe comprehende duas, a irracional e a racional, o homem. A planta occupa o grau infimo na escala biologica, o animal o grau medio, o homem o grau superior. A vida hominal comprehende por isso a vida vegetativa e a animal ou sensivel, e tem uma característica peculiar e exclusiva do homem, que é o ser intellectiva, porque só o homem é dotado de razão. Ha de haver consequentemente caracteres que extremem os seres animados dos inanimados. Quaes são? Notemos apenas os principaes, que podem ser verificados pela observação, e depois investigaremos as causas d'essas notas differenciaes e externas. Os seres vivos distinguem-se dos não vivos: a) pela *figura*; b) *composição chimica*; c) *structura*; d) *desenvolvimento da sua natureza*; e) *modo de conservação*; f) *duração*; e finalmente, g) *pelo modo* por que se reproduzem.

A figura ou forma externa dos corpos vivos é diferente da dos corpos não vivos. Estes não têm uma forma constante, nem exigem uma forma determinada. São de si indifferentes para qualquer forma; podem dividir-se, perder completamente a forma primitiva, sem a minima alteração na sua natureza. Um pedaço de marmore, por exemplo, presta-se a qualquer superficie externa que lhe queiramos dar; e, des-

truida essa superficie para a substituírmos por outra e outras successivas e differentes, o marmore fica sempre marmore na sua natureza. Alem de que, nos corpos não vivos a superficie externa é formada de linhas rectas e angulos. Nos corpos vivos dá-se exactamente o contrario; teem uma forma constante e determinada nos individuos da mesma especie, diversa nos de especies diversas. Se esta forma é dividida, o ser vivo perde a sua natureza especifica. E de mais, a superficie externa dos seres vivos é uma como serie indefinida e variada de curvas.

Para destruir esta differença, a escola materialista, que não vê nem admite nos seres vivos mais do que materia melhor organizada do que nos seres não vivos, e posta em movimento vital, em virtude de não sabemos que leis mecanicas e chimicas, recorre ao facto da christalisação em virtude do qual certos corpos não vivos revestem formas geometricas constantes, a ponto de que o christal partido e novamente immerso na mesma solução salina cicatriza physicamente e recupera a forma primitiva. A forma constante não é, pois, propriedade exclusiva, e, por tanto, característica dos corpos vivos. E os dados experimentaes confirmam, dizem, este facto. Assim como o ser vivo provém da cellula, o christal provém d'um nucleo primitivo. A cellula nutre-se e augmenta; o nucleo do christal augmenta egualmente unindo a si successivamente particulas da solução salina. O ser vivo reveste uma forma especifica segundo o typo da sua especie; o christal reveste certa forma segundo um typo d'entre os varios typos de christalisação. Finalmente, os seres vivos reparam as suas perdas, os christaes do mesmo modo, como nol-o demonstram as experiencias de Pasteur, Beudant, Lavallo, Sénarmont e outros.

Esta objecção é completamente destituida de valor scientifico. O eminente physiologista, Chauffard, citado por Councouner, na sua obra — *L'âme humaine*, responde á objecção materialista que transcrevemos, com todo o seu vigor, do seguinte modo: «A aquisição da forma no christal em nada se parece com a aquisição da forma no ser organizado. No

primeiro caso, e é este o ponto capital, não ha evolução, aquisição gradual, criação progressiva da forma typica definitiva: não, esta forma existe, completa, perfeita desde a origem, desde a primeira apparição do christal, mesmo no seu periodo microscopico e ainda invisivel á vista nua. Esta forma pode crescer por juxtaposição de christaes; mas, por muito que cresça, é absolutamente semelhante a si mesmo em todo o decurso do seu desenvolvimento... O christal partido repara-se, mas do mesmo modo por que se formou: os christaes subsistentes servem de appello, de centro de christalisação; de modo que a parte destruida se restabelece por juxtaposição, como se formaria um novo deposito christalino. A reparação do christal não traz consigo, pois, como a do ser vivo, uma modificação mais ou menos notavel de forma e de structura. É certo que todos estes phenomenos são admiraveis; podemos suppor, em presença d'elles, a existencia de leis geometricas que governam todo o mundo physico, os atomos da materia, as vibrações do ether, do mesmo modo que a marcha dos astros; mas que tem que ver esta geometria sublime com a aquisição da forma especifica do ser vivo? Para que a organização e a christalisação fossem grosseiramente comparaveis, seria necessario ressuscitar a velha hypothese dos organismos preformados. O organismo estaria, quando pequeno, todo contido no germen; se a nossa vista fosse assaz poderosa, deveriamos encontrar no ovulo fecundado o organismo completo, provido de todos os seus aparelhos e órgãos, e revestido da sua forma primitiva. O microscopio aniquilou estas idéas chimericas. Faz-nos assistir, de instante a instante, á geração da instrumentação organica e da forma typica do ser; mostrou-nos por que successões de formas inferiores o organismo se eleva ás formas superiores, ao seu typo completo e definitivo: e este espectáculo é de si só uma refutação viva e magistral dos processos da christallisação applicados á formação do ser».

Ainda o testemunho d'um outro physiologista eminente, o immortal Claude Bernard, para mostrar que ha um abysmo de differença entre a formação do christal e a do ser vivo.

«Quando se observa, diz, a evolução ou a criação d'um ser vivo no ôvo, vê-se claramente que a sua organização é a consequência d'uma lei organo-genica que *preexiste* segundo uma idéa preconcebida e que se transmite pela tradição organica d'um ser a outro. No estudo experimental dos phenomenos de histogenese e de organização podemos encontrar a justificação das palavras de Goethe, que compara a natureza a um grande artista. É que a natureza e o artista parece que procedem do mesmo modo na manifestação da idéa creadora da sua obra. Na evolução vemos apparecer um *esboço* do ser antes de toda a organização. Os contornos do corpo e dos órgãos estão simplesmente esboçados... nenhum tecido apparece desde logo distincto, toda a massa é simplesmente constituida por cellulas plasmáticas ou embryonarias, mas n'este nucleo vital está traçado o designio ideal d'uma organização ainda invisivel para nós, que antecipadamente assignou a cada parte, a cada elemento, o seu logar, a sua structura e as suas propriedades ¹⁾». Nada d'isto no christal que, desde a sua primitiva forma, ainda invisivel á vista desarmada, é perfeito e completo. A materia organica não christallisa; a vida começa na cellula e desenvolve-se, não por juxtaposição, como no christal, mas por intus-suscepção. Por emquanto indicamos apenas este facto que, em logar opportuno, será mais largamente desenvolvido. No artigo seguinte veremos que a composição chimica dos corpos não vivos é muito diferente da composição chimica dos corpos vivos, o que constitue um novo character differencial entre aquelles e estes.

DR. SILVA RAMOS.

¹⁾ *La science expérimentale.*

O proteccionismo do Estado

A imprensa franceza tem-se occupado largamente do novo livro do professor russo J. Novicow, intitulado *Les Gaspillages des Sociétés modernes* ¹⁾, onde realmente se encontram notas e observações de character politico e administrativo bastante originaes e destinadas a fazer uma grande impressão. Se não podemos acompanhar o illustre professor de Odessa nas extremas conclusões que elle pretende inferir dos factos observados, é certo que por vezes achamos um grande fundo de bom senso e verdade na sua critica, e parece-nos que no seu livro ha muito que aproveitar e conservar. Por outro lado, as suas idéas e as suas apreciações documentadas são tão interessantes e prendem-se tanto com as questões sociaes da actualidade, que não podemos deixar de informar os leitores da *Revista Contemporanea* sobre o assumpto, visto que é o nosso maior empenho expôr aqui nos seus diversos aspectos o movimento scientifico do nosso tempo.

As observações de Novicow tendem a demonstrar, como o proprio titulo do seu livro indica, que nas sociedades politicas, taes como se acham constituidas, ha um grande desperdicio de forças e capitaes que deviam ser aproveitados na transformação das condições de existencia. Esse desperdicio

¹⁾ Paris, livraria de F. Alcan.

provém da concepção do Estado como propriedade d'aquelles que o governam, e, por conseguinte, da concepção das funcções publicas, para aquelles que as exercem, como uma fonte de receita, como um beneficio, no sentido feudal da palavra. Em um dos capitulos do seu livro, Novicow investiga a origem d'esta concepção do Estado e das funcções publicas; mas aqui ponhamos essa questão de parte, e limitemo-nos a acceitar o facto como uma realidade verificada nos organismos politicos.

Como consequencia d'essa concepção administra-se em harmonia com os interesses dos governantes, considera-se o producto dos impostos como destinado especialmente ao gozo de alguns, estabelece-se o maior numero de privilegios para a classe burocratica, centralisa-se a administração e chega-se portanto á indifferenciação das funcções publicas. Os governantes, que passam a considerar o Estado como propriedade, tractam de assegurar aos cidadãos um certo numero de garantias, como o proprietario de um terreno procura realisar n'elle certos melhoramentos, para manter, e augmentar se for possivel, o quantitativo da producção. Mas como essas garantias sahem caras aos governados, e como se desperdiça aquillo que podia suavisar-lhes as condições da existencia! Porque é inquestionavel que aos governantes não cae o manná celestial, e portanto a sua protecção, a que talvez melhor convenha o nome de tutela, só pode exercer-se tirando a Pedro o que se quer dar a Paulo; e como essa funcção suppõe um mechanismo complicado, que successivamente vae consumindo uma certa quantidade de força, será necessario tirar 10 a Pedro para dar apenas 5 a Paulo.

Segundo os calculos dos socialistas allemães, diz Novicow, uma familia de operarios que gaste 613 marcos por anno, pagará 70 marcos de impostos indirectos. E se a esta percentagem accrescentarmos a dos impostos directos (relativamente áquelles que os pagam) chegaremos ao desembolso de 20 por cento do rendimento total. Esta media é espantosa! É pelo menos quadrupla de que devia ser. O Estado é uma agencia de seguro. Nenhum premio de seguro é van-

tajoso se excede 1 por cento. 5 por cento sobre o rendimento seria uma remuneração mais que sufficiente para os serviços do Estado, e tudo o mais é um desperdicio, um tributo pago a parasitas sociaes. Ora muitas vezes o imposto excede 20 por cento do rendimento. Na Italia, o imposto predial excede em muitos casos 60 por cento, e na Austria attinge 35 e 40 por cento.

Todos conhecem muitos exemplos que confirmam este desperdicio de forças e capitaes atravez da engrenagem do Estado. No Egypto, pouco antes da occupação ingleza, os pobres fellahs pagavam nove decimas do seu rendimento para o thesouro do khediva, que gastava quantias fabulosas em gosos e divertimentos extravagantes. Na grande republica norte-americana, uma eleição presidencial custa muitas dezenas de milhares de contos, que afinal sahem do bolso do contribuinte para as mãos de parasitas officiaes ¹⁾. A engrenagem politica dos Estados Unidos offerece a este respeito pormenores muito elucidativos que a falta de espaço nos obriga a omitir. Ainda o peor é que o fisco, semelhante a um polypo immenso que procura devorar o sociedade, não se satisfaz com a absorpção dos recursos actuaes e compromette egualmente os recursos do futuro. Assim o prova um exame, superficial que seja, dos orçamentos contemporaneos.

Novicow cita dois factos, um do processo russo e outro do processo francez, que bem demonstram o desperdicio das forças sociaes na engrenagem administrativa do Estado. O primeiro é a entrada de um navio estrangeiro n'um porto russo. Não é nosso proposito transcrever a descripção das visitas, verificações, autos, registos, chancellas e todas as mais formalidades a que dá logar a entrada do navio, nem as repartições e funcionarios que tem de intervir. Imaginem os leitores tudo o que houver de mais complicado, e terão feito idéa do tempo e do trabalho que se desperdiça com um acontecimento de natureza tão simples. O outro facto apontado é a simples queda de uma arvore n'uma estrada nacio-

¹⁾ Vid. *Revue des Deux-Mondes* de 15 de outubro de 1892, pag. 779.

nal, em França. A proposito d'isto fazem-se medições e avaliações, escrevem-se relatórios, troca-se correspondencia, transmittem-se ordens, affixam-se editaes e chegar-se-ha muitas vezes a gastar só em papel muito mais que o valor da arvore! Nos serviços administrativos do nosso paiz encontram-se muitos exemplos semelhantes que todos conhecem.

E d'onde vem todo este desperdicio de forças sociaes, esta dissipação de tempo e capitaes preciosos? Do falso principio de considerar o Estado como propriedade, da centralisação exaggerada, que tem por consequencia a intervenção official em todos os ramos da actividade social e o atrophiamiento da iniciativa particular. Ora a verdade é que a maior parte das funcções desempenhadas pelo Estado a titulo de protecção aos cidadãos são carissimas para a sociedade e estão longe de substituir vantajosamente a iniciativa particular. Portanto, para J. Novicow o grande ideal politico e administrativo é a reduccão de todas as attribuições do Estado a uma só: a administração da justiça.

Esta doutrina tem inquestionavelmente um fundo de soberana verdade, mas não pode dar-se-lhe practicamente uma applicação tão absoluta como pretende o distincto professor de Odessa. Certas funcções do Estado são prescindiveis em determinados centros, onde a iniciativa particular faz mais, melhor e mais economicamente; mas não podem dispensar-se n'outros pontos, onde a iniciativa particular é frouxa e incapaz de substituir a intervenção official. Temos um exemplo bem claro na instrucção publica. Precisamente sobre este assumpto diz Novicow:

«Se alguma cousa deve deixar-se á iniciativa particular é a instrucção. Ella derramar-se-ia dez vezes, cem vezes mais rapidamente, se o Estado deixasse de contrariar tudo pela sua burocracia.

«Mas nós somos roídos até a medulla pelas rotinas medievas. Parece-nos que, se o Estado nos abandona, ficamos perdidos, que todas as calamidades vão cahir sobre as nossas cabeças, que o fim do mundo é inevitavel. N'uma obra recentemente publicada encontramos uma passagem que cara-

cterisa bem este estado de espirito. « Entre os particulares, diz Borin-Fournet, ¹⁾ ha-os bons e maus. Se uns se esforçam por moralisar os espiritos, outros com não menos ardor tendem a desmoralisal-os »; por conseguinte, conclue esse publicista, o Estado deve exercer uma esculpulosa vigilancia sobre a instrucção publica. Tomaremos a liberdade de fazer uma pergunta a Borin-Fournet. Mandaria elle a sua filha a uma escola onde se ensinasse que a galanteria é a mais honrosa occupação da mulher? Porque havia de pensar esse publicista que um funcionario rotineiro e ignorante, que só pensa em sahir da sua repartição o mais cedo possivel, ha de ter maior cuidado pela moralidade das creanças que os proprios paes? De resto nós vemos ha muitos annos os bellos fructos da moralisação do Estado. Poderá alguém imaginar agencias de depravação mais perfeitas que os nossos internatos modernos?

« As nossas raças europêas devem ter um fundo de força moral verdadeiramente inesgotavel, se ainda não estão gangrenadas até á medulla pelas escolas do Estado. Quanto á inefficacia d'essas escolas sob o ponto de vista da instrucção, está ella patente. Os nossos diplomas de exames, salvo raras excepções, são quasi sempre *premios de ignorancia*.

« O sr. Borin-Fournet não crê que o ensino livre « possa ser sufficiente para a tarefa esmagadora que lhe incumbiria ». Porventura o abastecimento quotidiano de uma cidade como Londres não é tambem uma « tarefa esmagadora »? Encarregue-se o Estado d'essa missão um só dia e veremos como a desempenhará. Veremos quantos milhões precisará de gastar com funcionarios e papelada. A iniciativa particular realisa essa missão colossal com satisfação de todos e com o minimo de despeza. Mas, repetimos, deixamo-nos cegar completamente pelas rotinas officiaes, que nos impedem de ver cousas tão evidentes como a luz do sol. »

Compare-se a iniciativa particular com a acção do Es-

¹⁾ *La Société moderne et la Question sociale*, Paris, Guillaumin, 1893, pag. 76.

tado, e veja-se quanto são diferentes os progressos realizados sob uma e a outra. Consideremos a navegação a vapor: em 1846, os melhores barcos a vapor andavam 8 milhas por hora; em 1856, 13; em 1879, 15; finalmente, em 1893, 22; n'um futuro proximo andarão 30, e cada vez com menor despeza de carvão. « Mas, diz Bellet, accusando estes resultados, seria desconhecer o espirito de concorrência que anima as diferentes companhias de navegação, se se acreditasse que ellas ficariam por alli. » ¹⁾

Um dos serviços do Estado que se costuma apontar como de grandes vantagens publicas é o dos correios. Pois esse serviço, alem de ser detestavel em quasi toda a parte, é excessivamente caro. Em Portugal, por exemplo, os correios constituem uma bella fonte de receita para o Estado: era muito possivel reduzir as taxas e fazer o serviço com mais perfeição. Diz Frederick Millar ²⁾ que, na Inglaterra, uma companhia que fizesse o transporte das cartas por uma quarta parte dos preços estabelecidos realisaria ainda grandes lucros.

Em materia de obras publicas, diz Novicow, os srs. funcionarios causam tres damnos: 1.º empregam obras inuteis; 2.º augmentam desmedidamente o preço das obras uteis; 3.º impedem um grande numero de empresas lucrativas. Ora, a construcção de estradas e outras obras por empresas particulares dá optimos resultados. Uma companhia franceza que ha annos construiu uma estrada de Beyruth a Damasco está fazendo magnificos interesses; o que se faz na Syria podia fazer-se em qualquer Estado europeu. Mas na Europa a miseria administrativa chega a ponto de serem subsidiadas pelo Estado as companhias de caminhos de ferro que deviam viver exclusivamente dos rendimentos proprios. As linhas verdadeiramente uteis remuneram sempre os capitães sem carecerem de subsidios dos governos. Todavia essas companhias absorvem em Portugal, a titulo de garantia de juro, algumas dezenas de contos que sahem cada anno

¹⁾ *Journal des Économistes*, setembro de 1893, pag. 385.

²⁾ *A Clea for Liberty*, Londres, Murray, 1891, pag. 309.

dos cofres do Estado, e em alguns paizes absorvem muitos milhões ⁴).

Novicow faz muitas outras observações sobre a vida politica e administrativa dos Estados, e conclue que os governos, á força de quererem proteger-nos e rodear-nos de cuidados, esmagam-nos. Embaraçam a nossa actividade, e, para nos livrarem de males accidentaes, opprimem-nos de males permanentes cem vezes peores. Querem curar a sociedade, e aggravam-lhe o mal com a cura. Pelas repartições publicas ha verdadeiros exercitos de funcionarios que desempenham serviços inuteis para justificarem com algum pretexto a percepção dos seus vencimentos. A iniciativa particular faria mais e melhor, e o contribuinte dispensaria muito bem certos beneficios que lhe impingem a troco de muito dinheiro e que afinal não têm uma utilidade real.

Ora, enquanto por esta fórma se desperdiçam as forças sociaes, o Estado desempenha muito mal a sua funcção mais importante e até essencial, — a administração da justiça. Em Portugal, na Inglaterra, na França e em muitos outros paizes, o recurso aos tribunaes demanda ás vezes tantas despezas e incommodos, que os lesados preferem não receber uma reparação a obtel-a por tal custo.

As idéas de Novicow poderão ser exaggeradas, e nós assim o julgamos; mas tambem é verdade que o seu livro tem bastante de original e encerra muitas observações verdadeiras e justas.

FORTUNATO DE ALMEIDA.



⁴) No Brazil, como em Portugal, certas companhias de caminhos de ferro são garantidas pelo Estado. «Fazem circular um comboio por semana entre duas estações desertas, e isso basta para que no fim do anno os proprietarios recebam o seu dividendo devidamente pago pelo thesouro do Estado». E. Reclus, *Nouv. Géogr. univ.*, tom. XIX, pag. 478.

A MISSÃO SCIENTIFICA DA EGREJA

Segundo o irrecusavel e auctorisado testemunho do eminente geographo Malte-Brun, as excursões de impavidos e heroicos missionarios são tão valiosas para a sciencia, como as explorações dos Magalhães, Cooks e Livingstones. Sem a bussola, invenção do diacono Flavio, teria sido impossivel o descobrimento de continentes desconhecidos e as grandes em- prezas maritimas. A geographia e a historia natural teem deduzido preciosos documentos dos *Annaes da Propagação da Fé*, monumento immorredouro levantado á missão evangeli- sadora e scientifica da Egreja.

Em Lyon existe um globo terrestre feito por frades fran- ciscanos, em que se designam alguns pontos a primeira vez conhecidos por aquelles religiosos. Ainda não ha muito que o padre Debaize partiu, com a protecção do governo francez, para as explorações d'Africa, auxiliado pelos padres da mis- são. O mesmo governo condecorou com uma medalha d'ouro o missionario padre Desgedias pelas suas importantes explo- rações na Thibet, desde 1855 até 1879.

É sabido que já nos tempos idos o padre Posevino de Mantua, fez conhecer a Russia ao resto da Europa; Sicard, o Egypto, a Armenia e a Syria; Bredvente, a Etyopia; Basin, a Persia; Tachard, o reino de Siam; Gerbillon, a Tartaria; e, em fim, Du Halde, Ricci, Charlevoix, Lavat e outros, a China, o Japão, a America do Norte e varias regiões então desconhecidas.

Os primeiros trabalhos geographicos, espheras, mappas, dictionarios de geographia, etc., foram feitos por ecclesiasticos, distinguindo-se, entre outros, os celebres Labin, Vidal, Vitry, Zafrilla, Grenet, que formou a esphera mais simples até então, Urdaneta, Rado, Zuniga, Bravo, Zaborruski, Murillo, Velarde, Záfont, Arancini... que deixaram preciosos trabalhos nos differentes ramos da sciencia geographica ¹⁾).

Os diversos ramos da Historia Natural foram e são ainda esmeradamente cultivados por eminentes sacerdotes catholicos, com applauso e incitamento da Egreja. «A flora, a fauna, a mineralogia, mil factos da geologia, diz um distincto sabio, e outros mil da physica terrestre e da meteorologia chegam ao conhecimento do mundo scientifico por intermedio de sacerdotes missionarios ²⁾». Innumeraveis são os documentos scientificos com que o *Jornal dos Sabios*, de Paris, enriquece as suas paginas, e que são tomados dos *Annaes das Missões*. As missões são obra da Egreja.

A medicina ainda que, em parte, incompativel com o ministerio sacerdotal, teve tambem illustres cultivadores entre o clero. Temos o famoso anatomista Stenon, o celebre physiologista Spellancini, e os trabalhos sobre medicina homeopathica dos religiosos da Trappa. Quantos medicamentos e plantas medicinaes não teem descoberto os missionarios catholicos? Foram elles que tornaram conhecida na Europa a quina, a gomma elastica, a baunilha, o balsamo de copaiba, o ruibarbo e outras plantas de virtudes therapeuticas ³⁾.

¹⁾ Desde o seculo XVI, diz o padre Camara, actual bispo de Salamanca, longe de diminuir, o numero de missionarios augmentou prodigiosamente, de maneira que são innumeraveis os descobrimentos de rios, montes, vulcões, etc., realisados por aquelles apóstolos da verdadeira civilisação enviados pela Egreja. Em 1618, o padre Paes descobriu a origem de um dos afluentes do Nilo; em 1740, o padre Manuel Romão descobriu o ponto de união entre o Maranhão e o Orinoco; o padre Margnette descobriu a embocadura do Mississipi. Em 1641, imprimiu-se em Madrid o *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas por el P. Cristobal de Acuña*, obra que o jesuita padre Manuel Rodrigues reproduziu na sua *Historia de los descubrimientos, entradas, etc., del Marañón*.

²⁾ Barreda, *Armonia entre la religion catolica y las ciencias naturales*.

³⁾ Ponchet, citado pelo padre Camara, diz: «A Italia foi o berço do ensino medico na Europa. Na idade média, os beneditinos fundaram, no reino de Napoles, as escolas do Monte Cassino e de Salerno, as mais antigas que se conhecem».

Notaveis engenhos entre o sacerdocio catholico se teem dedicado no estudo, tão bello e interessante da botanica. Lopes d'Ayala e Acosta descobriram as raras e novas plantas da America. Muitos sacerdotes immortalisaram o seu nome, dando-o a alguma familia vegetal descoberta por elles. As *camellias* devem o seu nome ao padre Camelli que as trouxe do Japão para a Europa. Cavanilles, sabio sacerdote hespanhol, tornou-se um botanico eminente, estimulado pelos estudos do padre Lhomond, celebre botanico francez. O proprio Linneu foi discipulo do padre Olao Celsio, sueco, ao qual não duvida chamar *fundador* da *Historia Natural* ¹⁾.

Se da botanica passarmos ás outras secções da historia natural encontramos um padre Florez, fundador do primeiro muzeu de historia natural e archeologia, de Hespanha; o padre Waütz, auctor da *christollographia*; o padre Fortis, o primeiro naturalista da Italia; o padre Pini, os dominicos Varrelier e Aymerich; o padre Engremelle a quem se deve a descripção dos insectos da Europa. Celebridade merecida adquiriram os padres Dollinge, Cupane de Hales, Bocconi, Daniel, Delacroix, Petit-Radel e outros. Foram sacerdotes catholicos que tiveram a alta honra de preparar os materiaes com que se formaram as grandes obras modernas. Sem Copernico não teriamos Galileu, sem Olao Celsio não teriamos Linneu ²⁾.

A historia da physica da-nos noticia de grandes inventos a que estão vinculados os nomes de sacerdotes illustres, e,

¹⁾ O padre Gaspar Suary, jesuita, escreveu *Observaciones fisiologicas sobre algunas plantas exoticas*, hechas en 1788, 89 e 90. O dominico Verrallier escreveu o *Orbis bitanicus*; Aymerich, da mesma ordem, o *Tractatus de principiis naturæ*; Auriferi, franciscano, director do Jardim real de Palermo, compoz o *Hortus panhormitanus*. A esplendida flora das Philippinas deve-se aos frades agostinianos de Hespanha. O padre Blanco, d'aquella ordem, é conhecido de todos os botanicos.

²⁾ Pini, barnabita e professor de physica e mineralogia, fundou um Museu de Historia Natural e escreveu: *Observações mineralogicas sobre a mina de ferro de Rio, na ilha d'Elba*. — *Memorias sobre as novas chrySTALLISações do feldspalto, e outras particularidades do granito*. — *Viagem geologica por diversos pontos meridionaes da Italia*. — *Reflexões analyticas sobre os diversos systemas geologicos*. — *De venarum metallicarum exactione*.

entre elles, Mariotte, Nollet, Melloni, Castelli, Grimaldi, Marsena, Casselli e o grande padre Secchi. O arcebispo De Dominis foi quem, pela primeira vez, explicou as cores do arco iris; o padre Kircher inventou a lanterna magica, o padre Rheita é o verdadeiro auctor do oculo de longo alcance. Segundo affirma Robert Stuard, o primeiro auctor inglez que falou da possibilidade de mover uma machina pela força elastica do vapor foi o engenhoso e sabio bispo Wilkins. O padre Hautefeuille, que escreveu mais de trinta differentes tractados, indicou, em 1692, a invenção do respirador anti-mephitico; o monge Gerbert é o inventor do relógio e do globo celeste; o franciscano Roger Bacon, da polvora e das lentes; o dominicano Spina, dos oculos; o padre Maignan, do microscopio; Grido d'Arezzo, da clave, da escala musical e da harmonia; o padre de Celles, do órgão.

DR. SILVA RAMOS.



A ANARCHIA

II

A constituição do partido — O congresso de Haya — Bakounine e Karl Marx — O programma anarchista — O movimento anarchista na Suíça, na França, na Alemanha, na Belgica, na Italia, na Russia, na Austria-Hungria, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Hespanha e em Portugal.

(Continuação de pag. 78)

Na Allemanha, como nos outros paizes, o anarchismo proveio da scisão entre socialistas revolucionarios e socialistas moderados. Essa scisão manifestou-se desde os attentados de Haedel (11 de maio de 1878) e de Nobiling (2 de junho de 1878), contra o imperador Guilherme, attentados que, por um lado, foram reprovados por Liebknecht e Bebel, por outro lado foram apoiados por Most e Hasselman. A scisão accentuou-se no congresso de Wahren, em setembro de 1879, e manifestou-se com toda a violencia no jornal *Sozial-Demokrat*, orgão dos moderados, e na *Freiheit*, orgão dos revolucionarios ¹⁾).

Quando o czar Alexandre II foi assassinado em 1 de

¹⁾ O *Sozial-Demokrat* foi fundado em Zurich em 1879, e a *Freiheit* em Londres em 1880.

março de 1881, Most, que então estava em Londres redigindo a *Freiheit*, fez a apologia d'esse crime, e por isso foi condemnado em dezoito mezes de trabalhos forçados. Logo que cumpriu a pena retirou-se para os Estados Unidos, onde continuou a publicar a *Freiheit*. Este jornal, que ainda ha pouco tempo se publicava, chegou a fazer tiragens de 15:000 exemplares, que se consumiam quasi todos na Allemanha e Austria-Hungria. Em fins de 1883 começou a notar-se na Allemanha um grande movimento anarchista. Os sectarios tentaram contra a vida do imperador Guilherme, quando este ia inaugurar o Niederwald, monumento levantado á gloria da Allemanha. A tentativa abortou, e os seus auctores foram presos d'ahi a pouco tempo, sendo dois d'elles, Kuchler e Rheinsdorff condemnados á morte, e executados na prisão de Halle no dia 6 de fevereiro de 1885. Pouco depois era assassinado com duas punhaladas, em Francfort, o agente da policia Rumpf, que representára um papel importante na accusação de Rheinsdorff.

A Allemanha não ficou estranha aos ultimos movimentos anarchistas. Em fins de fevereiro e principios de março de 1892 manifestaram-se tumultos entre a classe operaria de Berlim e de outras cidades do imperio. Os socialistas « officiaes » ou moderados, cujo orgão é o *Worwaerts*, recommendavam socego aos operarios, ao passo que os socialistas revolucionarios promoviam as agitações, passavam declaradamente para o grupo anarchista e convocavam comicios de protesto contra a attitude dos socialistas que elles chamavam « officiaes ».

N'um d'esses comicios tomou-se uma resolução declarando que o *Worwaerts*, que tinha dito que os socialistas se haviam conservado e deviam conservar completamente estranhos aos tumultos, « tomara uma attitude hostile aos trabalhadores, que os tumultos tinham sido o effeito fatal da miseria e que aquelles que desconheciam e negavam este facto trahiam a causa do prolectariado ». A moção terminava dizendo que por consequencia o *Worwaerts* perdera o direito de se intitular orgão da classe operaria. A assemblêa adoptou

uma segunda resolução pela qual fez profissão de atheismo e convidou os democratas socialistas a oppõem-se áquelles que não têm outra preocupação senão erguer novas egrejas (allusão ao imperador). Em Rixford celebrou-se outra reunião que adoptou resoluções quasi identicas.

Depois d'isto outros movimentos anarchistas de menos importancia se têm operado na Allemanha, onde a policia e o rigor das leis perseguem de continuo um grande fermento revolucionario. A chancelaria de Berlim tem procurado chegar a um accordo com outras portencias para a adopção de medidas communs contra os anarchistas, mas os seus esforços têm encontrado obstaculo até hoje insuperaveis.

A Belgica é ha muitos annos um dos paizes da Europa mais agitados pelo movimento revolucionario. A Internacional encontrou lá desde os seus principios um grande numero de adeptos, que em 1869 não eram menos de 70:000. O jornal *Tribune du peuple* poz-se desde 1867 ao serviço d'essa terrivel sociedade revolucionaria, e foi em Bruxellas que de 5 a 11 de setembro se celebrou um dos seus mais notaveis congressos.

Foi n'essa reunião que começou uma forte scisão dos internacionalistas, separando-se do partido o grupo anarchista. No congresso de Gand de 9 a 16 de setembro de 1877 tentou-se debalde acabar com a scisão, que se manifestou radicalmente no congresso celebrado em Bruxellas em 1880. Desde então ficaram existindo dois partidos distinctos: o partido operario socialista e o partido anarchista, sendo o primeiro influenciado pelos socialistas allemães, e o segundo composto de elementos diversos, como os amigos de Bakounine, os revolucionarios independentes dos *Círculos reunidos* e os anarchistas de Bruxellas.

Estas tres fracções reunidas formaram a *União revolucionaria*, que celebrou frequentes congressos em Bruxellas, Verviers, Cuesmes, etc., fundou um semanario intitulado *Les Droits du peuple*, redigido por Crié e Chauvière, e promoveu diversos comicios e conferencias revolucionarias em toda

a Belgica, principalmente em Bruxellas, Liège, Ensival, Jemmappes, Frameries, Cuesmes, etc.

Os resultados não se fizeram esperar. Ainda em 1880 davam-se serios tumultos nas ruas de Bruxellas, vendo-se a policia obrigada a empregar a força para dispersar os desordeiros. Em 23 de março de 1881, por occasião de um congresso celebrado em Cuesmes, arvorou-se alli a bandeira vermelha e formou-se um cortejo de cêrca de 3:000 operarios cantando a *Carmagnole* e dando vivas á Communa, notando-se que a este movimento não eram estranhos alguns revolucionarios estrangeiros, que foram expulsos pelo governo belga.

Os anarchistas de Verviers fundaram um jornal, a *Persévérance*, que acabou em 1882, e foi substituido em 1885 pelo *Insurgé*, que começou de publicar-se em Bruxellas em março de 1885, e que por sua vez foi substituido por um outro jornal intitulado *Ni Dieu ni maître*.

Actualmente, os principaes centros anarchistas da Belgica são em Bruxellas, Liège, Verviers, Cuesmes, Gand, Schaerbech, Etterbeck, Anvers e Saint-Josse-ten-Noode. Os anarchistas belgas procuram ganhar terreno entre a classe operaria, e acompanham o movimento revolucionario do estrangeiro. Ainda em 28 de fevereiro de 1892 se reuniram para protestar contra a execução dos anarchistas de Jerez, a que logo nos referiremos.

Na Italia, só depois do attentado de Passamante contra o rei Humberto, em 16 de novembro de 1878, é que começou a manifestar-se o movimento anarchista. Mas já em 1877, em Benevente, 27 revolucionarios armados e commandados por Carlo Cafiero atacaram varias communas, apoderaram-se do dinheiro encontrado nos cofres municipaes, o qual foi distribuido pelo povo, e incendiaram os papeis que encontraram nas repartições publicas. As tropas obrigaram-n'os a depôr as armas e os tribunaes condemnaram-n'os a penas de prisão.

Depois de um congresso anarchista celebrado em Londres em 1881 constituiram-se grupos anarchistas em diversas

idades da Italia, como Roma, Bolonha, Milão, Napoles, Ravenna, Forli, etc. Em 1883 celebrava-se em Chiasso um congresso anarchista italiano, e logo depois começaram a manifestar-se os seus effeitos com tumultos na Romagna e n'outros pontos. Em Napoles foi preso o advogado Merlino e em Florença Henrique Malatesta, sendo ambos condemnados em Roma, no dia 1 de fevereiro de 1884, a tres annos de prisão. O jornal mais celebre dos anarchistas communistas italianos foi o *Proximus tuus*, de Milão. Na Italia ha um grande numero de associações socialistas collectivistas que se approximam bastante do anarchismo communista.

Na Russia, o socialismo revolucionario apparece-nos sob a feição especial do nihilismo, dividido em dois grupos: *popularistas* e *terroristas*. Embora o nihilismo não entre perfeitamente no quadro do presente estudo, daremos d'elle uma breve noticia.

O nihilismo, que é um producto especial das circumstancias politicas da Russia, apresenta diversos aspectos conforme os fundadores e corypheus do partido. Encontramos em Herzen o nihilismo doutrinario, em Tchernychevski o nihilismo scientifico; Bakounine deu-lhe a feição revolucionaria que os nossos leitores já conhecem e que foi levada ao requinte da ferocidade pelo partido terrorista. Bakounine foi o homem que exerceu maior influencia no desenvolvimento d'esse partido destruidor.

Em um relatorio feito pela redacção do *Democrata-socialista*, e assignado pelos revolucionarios G. Plekhanoff e V. Zassoulitch, falla-se da situação dos operarios russos, do despotismo dos czares confrontado com o absolutismo occidental, e, não se julgando sufficiente o partido revolucionario *popularista*, conclue-se pela formação do partido *terrorista*. «Um partido (o *popularista*) que se recrutava, principalmente, entre «*peçoas de intelligencia*», não podia derribar o czarismo. Não era mesmo assaz forte para o poder atacar n'um combate decisivo. A lucta, chamada terrorista, lucta de *guerilhas*, impunha-se-lhe de um modo inevitavel. A entrada em campo do proletariado industrial permittir-nos-ha ir mais lon-

ge. De hoje em diante o ameaçado não será o individuo que se senta no throno dos czares, será o proprio throno». Tal é o programma do partido terrorista.

O mais notavel attentado dos nihilistas é o assassinato do czar, Alexandre II. No primeiro de março de 1881, quando o czar regressava ao palacio depois de passar revista ás tropas, um rapaz atirou uma bomba contra a carruagem matando um cossaco. Alexandre II apeou-se, e instantes depois rebentava-lhe aos pés uma outra bomba que lhe despedaçou horriavelmente o corpo. O assassino, Grinievitski, tambem morreu da explosão.

Para concluirmos esta noticia ácerca do nihilismo, transcrevemos os seguintes trechos de uma carta dirigida por Pedro Lavroff ao congresso internacional de Bruxellas:

«Os socialistas revolucionarios russos, com orgulho o confessam, teem encontrado na sua lucta sympathias effectivas, por parte dos seus irmãos dos outros paizes e até entre as classes que no movimento russo não pretendem ver senão os antigos elementos das revoluções politicas. Estas sympathias affirmaram-se mesmo na occasião em que só accidentalmente poderiam relacionar-se com o verdadeiro movimento do nosso paiz. Alguns jovens russos refugiados foram accusados de ter preparado machinas explosivas em Paris; elles negaram o facto e foram condemnados á pena de prisão, apenas por presumpções, muito insufficientes. Os presos foram soccorridos não só pelos socialistas (entre outros pelos do congresso de Halle) senão tambem pelos individuos e agrupamentos liberaes dos differentes paizes. Um antigo policia russo foi assassinado em Paris; e, apesar das pesquisas officiaes, apesar do enthusiasmo patriotico que embriaga os partidos politicos francezes, na perspectiva de uma alliança possivel, o facto encontrou sympathias inesperadas na sociedade e na imprensa franceza. Alem do oceano houve um Kennan que defendeu, alta e publicamente, os revolucionarios russos com discursos ardentes e obras litterarias magistraes. Na Inglaterra e na America organisaram-se numerosas commissões para coadjuvar o movimento revolucionario na

Russia. Por sem duvida os socialistas russos não teem senão a exprimir o seu reconhecimento mais caloroso e sincero, a todos os que, por qualquer motivo, sympathisam com a sua causa. Mas não occultam que a sua bandeira, e unica, é a bandeira vermelha do socialismo internacional; que luctam contra o despotismo; porque esse despotismo na Russia representa um impedimento funesto á propaganda do socialismo scientifico; que é apenas na qualidade de socialistas, que se affirmam como verdadeiros continuadores de todas as luctas anteriores pelo progresso humano, luctas travadas tanto na Russia como nos outros paizes; que não foi ainda senão como socialistas que se organisaram outr'ora e esperam organisar-se de novo para constituir o núcleo de um partido politico com influencia; que, emfim, é para as fileiras d'este partido que elles clamam todos os inimigos do despotismo, a fim de derrubar, talvez dentro de pouco tempo, o regimen reaccionario russo actual».

Os socialistas revolucionarios da Austria Hungria pretenderam a principio conservar-se em partido distincto tanto da escola moderada de Liebknecht, como dos anarchistas de Most, e fizeram até uma declaração n'esse sentido no congresso de Juliefeld, perto de Brünn, em 1880. Conservaram essa especie de neutralidade n'um congresso celebrado em Pesth em 1880. Mas, diz A. Crié, que vimos seguindo de perto, — não tardaram a manifestar-se symptomas de uma scisão proxima.

Em 4 de dezembro de 1881, a policia foi repellida quando procurava dissolver uma reunião anarchista, e o commissario Kladech foi ferido. Os tumultos começaram a multiplicar-se por toda a parte. Em julho de 1882, em Merstallinger, atacaram e roubaram uma casa á mão armada, e este facto motivou a separação entre socialistas moderados e anarchistas, no congresso celebrado em Brünn em 15 e 16 de outubro de 1882. Os tumultos e as violencias repetiram-se, tanto na capital como nos outros centros operarios. Em Vienna houve graves desordens em 10 de agosto, 2 e 10 de setembro de 1883. Em 26 e 27 d'esse mez e anno reunia-se um congresso anar-

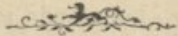
chista em Lang-Enzersdorf, perto de Vienna. Em 20 de novembro de 1883 foi assassinado em Florirsdorf o commissario de policia Hlubeck, em 15 de dezembro foi assassinado em Vienna um agente de policia, e outro agente na mesma cidade em 24 de janeiro de 1884.

O governo tomou as providencias mais rigorosas para acabar com tão odiosos attentados; muitos revolucionarios foram presos, e um, Hermann Stellmacher, foi condemnado á morte e executado; supprimiram-se muitos jornaes, e a policia usou da mais constante vigilancia. Isso, porém, não obistou a que se formassem muitos grupos anarchistas, sedentos de carnificina e destruição, em Vienna, Budapesth, Agram, Cracovia, Presburg, na Carinthia, na Bohemia, na Galicia, na Carniola e na Styria.

A propaganda anarchista na Austria-Hungria tem-se feito por varios jornaes. É alli distribuido um grande numero de exemplares da *Freiheit*, de Most. Em Vienna publicou-se o *Zukunft*, dirigido pelo pintor Peukert; mas esse jornal foi supprimido pelo governo, e os anarchistas ficaram só com o *Radical*, publicado em Pesth. Tambem são publicados muitos folhetos com o titulo de *Ultima imprensa livre da Cisleithania*.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

(Continúa).



BIBLIOGRAPHIA

Institutiones theologiae dogmatico-polemicae, pelo Dr. Bernardo Augusto de Madureira, lente de Vespera da faculdade de theologia ¹⁾. Já foram adoptados para texto nas cadeiras de Dogmatica do 2.º e 3.º anno da faculdade de theologia, e em quasi todos os seminarios da nação. O 3.º volume que ainda foi concluido em setembro ultimo, tem por objecto os sacramentos e os novissimos do homem. Esta obra, formando um quadro completo de dogmatica especial, honra o auctor, a faculdade e o paiz.

Não ha dogma catholico que o racionalismo no decorrer dos tempos se não tenha empenhado tenazmente em atacar, architectando systemas sobre systemas que a theologia vê todós despedaçar a seus pés como estatuas de barro.

São as conclusões que se tiram da leitura completa da obra do Sr. Dr. Madureira.

Ao valor scientifico da obra accresce uma circumstancia que a caracteriza e torna genuinamente nacional. Theologos distinctissimos, cujas obras abrilhantam a historia patria da theologia, jaziam até hoje no mais completo abandono. E a razão é que, servindo-nos de livros estrangeiros, os seus auctores não conhecem, ou fingem não conhecer, as cousas de Portugal. Porém o illustre cathedratico, enlaçando a sciencia com o sentimento patriotico, evocou dos nossos melhores theologos testemunhos e provas de subido quilate.

Aliás a obra do Sr. Dr. Madureira é hoje sufficientemente conhecida para dispensar largas considerações.

F. A.

¹⁾ Conimbricæ — Typis Academicis. — Tres grossos volumes in 8.º

Summa syntaxica cum thematis ad exercendum,
Auctore Mario Laplana, Societatis Jesu Sacerdote ¹⁾ — Do conhecido editor allemão B. Herder acabamos de receber esta obra, que é bem digna de ser consultada por todos os que se entregam ao estudo da lingua latina. Não se tracta de um livro elementar, porque a *Summa syntaxica* é um estudo profundo e revela um minucioso conhecimento dos melhores classicos latinos. Muito importante seria que em Portugal se vulgarissem obras d'este valor, visto que entre nós o estudo da lingua latina se acha infelizmente abandonado.

A *Summa syntaxica* está dividida em duas partes, occupando um volume cada uma: a primeira apresenta as regras da construcção das orações e dos elementos da sua formação, segundo os melhores classicos, cujos exemplos o auctor cita cuidadosamente; a segunda parte é uma collecção de themas graduados em tres partes e extrahidos dos melhores auctores latinos.

Aos professores de latim e a todos os que se entregam ao estudo da famosa lingua de Cicero recommendamos o magnifico trabalho do padre Laplana.



¹⁾ Friburgi Brisgoviae. Sumptibus Herder. Typographi edictoris pontifici MDCCCXCIV, 2 vol. in 8.º de 176 e 352 pag. — Preço da obra, 5 fr.

CHRONICA CONTEMPORANEA

INTERIOR

Os acontecimentos parlamentares. — Obstruccionismo da maioria. — O golpe d'Estado. — Responsabilidades — Manifestos e comicios.

Exactamente quando fechavamos a chronica do numero anterior passavam-se no parlamento as scenas mais tumultuosas, de que então não podemos dar noticia, mas que agora passamos a registrar. As consequencias dos tumultos foram bastante graves, e o seu caracter é bem de molde a accentuar a decadencia do parlamentarismo, que entre nós ninguem pode encarar a serio e está pedindo uma reforma fundamental.

Na sessão de 26 de novembro, o deputado republicano sr. Eduardo Abreu quiz fallar antes da ordem do dia, e allegava para isso que assim lh'o promettera a presidencia. O presidente nega-lhe a palavra; o sr. Eduardo Abreu, acompanhado por varios deputados opposicionistas, protesta contra tal procedimento. O presidente dá a palavra ao sr. Villaça, que não pode fallar com o tumulto. Interrompeu-se a sessão por meia hora, mas quando se reabriu continuaram os tumultos. Gritos, protestos, murros nas carteiras, pateada, eis em que se resume a rhetorica dos srs. deputados. O sr. Beirão pede á maioria que transija e deixe fallar o sr. Abreu, para acabar o tumulto; mas a maioria não cede. N'isto surge o sr. João Arroyo, o parlamentar mais illustre do velho e do novo mundo, conhecido ha muito por provocador de tumultos parlamentares e outras cousas. Acerca-se da presidencia e começa a ler em voz alta, sem que ninguem ouvisse com o tumulto, a seguinte proposta.

«Proponho que a mesa d'esta camara seja auctorisada a formular, publicar ou fazer cumprir as disposições regimentaes necessarias para assegurar a ordem e regularidade dos trabalhos parlamentares. Essas disposições terão execução desde que por determinação da meza sejam publicadas no *Diario do Governo* e serão depois devidamente inseridas no Regimento».

A proposta foi votada como urgente e o sr. presidente levantou a

sessão no meio de grande tumulto. Note-se bem, que uma proposta que dava poderes discrecionarios à mesa para alterar o Regimento da camara em materia importante foi votada tumultuosamente, sem que muitos deputados soubessem mesmo do que se tractava!

Na sessão do dia 28, logo depois da leitura da acta, pedem a palavra varios deputados, entre os quaes o sr. Beirão. O *leader* progressista accentua as arbitrariedades committidas na sessão anterior, diz que tudo ainda tem remedio, recusando a approvação da acta, e jura pela Carta constitucional que não cumprirá o novo regimento, que n'esse dia fôra publicado no *Diario do Governo*. A presidencia interrompe e retira a palavra ao orador, concedendo-a ao sr. José d'Azevedo. Estabelece-se o tumulto. A presidencia ameaça, e interrompe a sessão. Mas logo que ella se reabriu, enquanto o sr. José d'Azevedo tomou a palavra, o sr. Beirão insiste em que não podem cortar-lhe a liberdade de fallar. O tumulto redobrou e o presidente levanta a sessão. No dia seguinte publicava o *Diario do Governo* um decreto encerrando a sessão das camaras legislativas e declarando que opportunamente serão convocadas.

Estes factos, que nos dispensamos de pormenorisar, são muito graves por qualquer lado que se considerem. O desprestigio da constituição e do parlamento, o descredito dos partidos, o odioso que sobre si acarretou o governo, um golpe mais ou menos profundamente vibrado na monarchia, a revelação de uma grande falta de senso governativo e de interesse pelos negocios nacionaes, — são factos de uma alta significação e que resultam de todos essas tristissimas scenas que o paiz contemplou com magua.

Fazer disturbios no parlamento, onde à porfia todos deviam cuidar dos interesses publicos; levar um deputado o capricho de fallar até fazer arruaça, e ter a maioria a velleidade igualmente condemnavel de não o deixar fallar; fazer tumultuariamente uma reforma do regimento, em vez de a estudar e discutir livremente; aconselhar o monarcha a encerrar a sessão legislativa contra todos os preceitos constitucionaes; — tudo isto é muito grave e tambem muito desconsolador.

As responsabilidades não cabem a um partido, mas a todos. Se a opposição fez disturbios, tambem os fez a maioria; se os progressistas e os republicanos foram precipitados, mais precipitadamente andou o governo. Ha no ministerio e na maioria da camara homens caprichosos que são verdadeiros elementos de discórdia, e que não podem de forma alguma auxiliar o bom andamento dos negocios governativos. Querem um governo de força? Tambem nós o queremos; mas a força não consiste em ser teimoso quando se deve condescender em practicar actos de violencia inutil quando a prudencia aconselha a moderação. Queremos um governo de força, porque assim o exigem as circumstancias do paiz, mas queremos ver a correção alliada com a energia.

Eis como estes factos são apreciados por um jornal estranho ás luctas partidarias:

«Tinha rebentado um conflicto parlamentar. As causas do pleito eram na realidade inconsistentes. As conveniencias da patria exigiam que a camara continuasse a funcionar com regularidade. Assim o comprehendiam perfeitamente os srs. Barros Gomes e Jeronymo Pimentel — um homem eminente do grupo progressista e um membro illustre do grupo regenerador. Trataram logo estes dois dignos pares de acalmar as ondas, sem quebrantamento da disciplina partidaria. O nobre empenho foi merecidamente coroado de triumpho.

«Mas pouco depois d'esta victoria estalava um novo conflicto. Era mais grave do que o primeiro — uma verdadeira tempestade. Ao mesmo tempo dava-se um facto que augmentava os prenuncios da trovoadá. A

presidencia da camara ficava armada, no meio do cahos, com o direito de alterar o regimento, para d'ahi a pouco ter na sua mão o raio.

«... A anarchia obteve um verdadeiro triumpho. Todos venceram, todos foram derrotados, todos viram partir o raio e ser menos efficaz do que o ataque impetuoso e reciproco dos ventos...

«Mas o encerramento das côrtes era um acto de omnipotencia contra o direito. Saltava-se por cima da constituição do paiz. Isto não era tudo. Os ministros inventaram tambem um quinto poder, o poder encerrador, sem o voto do Conselho de Estado. O gabinete, chamando a si a questão, deitava por terra o edificio do direito publico portuguez. Pleiteavam antes, de um lado a minoria, do outro a maioria com a presidencia da camara. Mas os segundos litigantes, eram por fim substituidos pelo governo, com a circumstancia de ser este o auctor da mudança e de se haver avolumado o objecto do conflicto.

«Em favor dos progressistas ha o amor de um grande principio e contra elles milita o facto de exaltações que deviam ser contidas. Em defeza dos regeneradores avulta o respeito de um principio igualmente grande e contra elles se destacam abusos que são para lamentar. Dir-se-hia que, em virtude das circumstancias dos tempos e do estado dos espiritos, duas correntes que se dirigiam a bons fins desviaram-se dos seus leitos para se chocarem.

«Os progressistas teem pugnado acima de tudo pelo principio da lei. Garantia esta a liberdade de palavra, o direito de erguerem a voz as minorias, a facultade de combater uma votação problematica e tumultuaria, a prerogativa juridica de protestar contra a violação da carta constitucional e contra a invenção ministerial do poder encerrador. Mas é tambem fóra de toda a duvida que o movimento dos animos e o curso das cousas os levaram além da sua linha de fronteira e a excitações verdadeiramente lamentaveis. Na camara é mesmo possivel ver-se a offensa ao principio da auctoridade presidencial.

«Os regeneradores, por seu turno, têm precisamente em seu favor o principio da auctoridade, que não devia naufragar e que procuram defender. Mas ainda o estado dos espiritos e a corrente dos factos vieram impellil-os por um caminho que ficou cheio de graves responsabilidades.

«A maioria e a presidencia da camara podiam ter evitado a tormenta do segundo dia de conflicto. Assim nos teem fallado membros illustres do partido regenerador. Estava feita a paz com os progressistas. O sr. Eduardo Abreu queria descompol-os por esse facto. Sabia-se isto, comprehendia-se que o desabafo era obra de um momento, via-se bem que d'ahi não viria mal ao mundo e muito menos aos regeneradores. E no entretanto foi-lhe negada, contra o direito, a palavra, com a previsão facil de que a tempestade troaria de novo.

«N'esse mesmo dia os regeneradores tomaram tambem sobre si a responsabilidade de uma votação tumultuaria, para alterar o regimento sem consultarem as minorias. A votação nessas condições não podia ser fonte de lei, porque o direito não pode nascer de uma trovoadá parlamentar em que a luz dos relampagos não foi sufficiente para mostrar que houve a decisão do maior numero. Não se podia tambem, por outro lado, em assumpto de tamanha importancia, passar por cima do direito que a minoria tinha a ser ouvida. No animo d'ella estava, de mais a mais, a convicção antiga de que devia ser alterado o regimento. Lançar mão da força para impor essa alteração, sem attender ao criterio alheio, era evidentemente um abuso.

«Abuso foi tambem a providencia extrema de que o governo tomou a responsabilidade. O ministerio, inventando o poder encerrador, desconjunctou a cidadella da lei».

Depois de encerrado o parlamento, os grupos opposicionistas colligados continuaram cá fóra a sua campanha contra o governo. Publicaram-se até agora dois manifestos, bastante violentos, e fizeram-se dois comicios, um em Lisboa e outro no Porto, pronunciando-se discursos igualmente violentos. O azedume de animos exacerba-se, a lucta promette continuar, — lucta ingloria a que o povo mal pode ligar-se, porque nenhum partido lhe dá esperanças seguras de boa administração.

Notou-se no meio d'esta guerra aberta que entre as opposições nem sempre havia um accordo completo. O sr. Dias Ferreira não assignou os manifestos; o sr. Francisco Mattoso, irmão do respeitavel chefe do partido progressista, adoptou a mesma norma de procedimento. Somos inclinados a crer que o sr. Dias Ferreira não procedeu assim por mero capricho; talvez obedecesse a sentimentos do paço e a conveniencias do seu futuro politico.

Que haverá no parlamento quando elle se reabrir? O tempo o dirá; mas que se acalme o conflicto aberto não nos parece muito provavel.



A MISSÃO SCIENTIFICA DA EGREJA

(Continuação da pag. 111)

O hygrometro foi inventado, segundo Liles, pelo cardinal de Cusa; o padre Chappe é o inventor de um dos apparatus mais surprehendentes dos nossos dias, o telegrapho; o pan-telegrapho deve-se ao padre Casselli.

Quem senão o padre Bartear descobriu o pára-raios, antes de Franklin, como consta das Memorias da Academia de Vienna? O padre Berando foi o primeiro que estudou a explosão electrica.

Seria longo trabalho se quizeramos citar os nomes dos innumeraveis sacerdotes que teem um nome illustre na historia da physica e da chimica. Concluimos pois esta succinta relação com dizer que foi o padre Courtois o inventor do freio instantaneo para fazer parar os trens; o padre Embriaco, o do engenhoso relógio d'agua; o beneditino Valentin, o da applicação da chimica á medicina. Em mineralogia tornaram-se celebres os padres Binon, Bertholon, Poncelet, Panbian e outros.

No seculo XIV, o bispo de Salzburg, Virgilio, o padre Vicente de Beauvais e o padre João de Ribalta, ainda que o systema de Ptolomen estava em voga, ensinavam a redondeza da terra, a existencia dos antipodas e a força centripeta. É devido a sacerdotes catholicos o actual systema planetario. O cardinal Cusa foi o primeiro que descobriu o movimento da

terra. O conego Copernico demonstrou mathematicamente este facto, sendo efficazmente apoiado pelos franciscanos Foscarini e Diogo de Zuniga. São muito conhecidos os trabalhos astronomicos de Regiomontano, especialmente na correcção do calendario. Em sciencias astronomicas são tambem muito notaveis muitos padres da Companhia de Jesus. Bamberg e Graci conheceram os eclipses e os cometas; Scheiner descobriu as manchas do sol; foram padres d'aquella Companhia que substituiram os sabios chins na direcção dos observatorios astronomicos do Celeste Imperio. Desde 1620 distiguiram-se n'aquella direcção, entre outros, os padres Schall, Sumbil, Guldin e os irmãos Terencio e Verbiat. Foram ainda aquelles padres que na Europa deram impulso ao estabelecimento de observatorios, avultando, entre os mais, os padres Flamsteed, Graindwge, e o conego Gassendi.

A Academia de Sciencias, de Paris, commissionou para diversos trabalhos astronomicos os sacerdotes Cotte, Guérin, Piazzini, descobridor do planeta Ceres, Hodierna, La Caille, a quem Laland chama grande astronomo. Não se podem esquecer os nomes illustres de Orioli, Caraffa, Picardi, o primeiro que mediu exactamente o meridiano da terra, Cezaris e Oriani, directores da Academia de Sciencias, de Milão.

Tanto na geologia como na paleontologia prehistorica, sciencia recente, ha eruditissimos sacerdotes catholicos. O padre Cesi e Kircher illuminaram com o seu profundo saber o berço d'aquellas sciencias, e em nossos dias figuram entre os sabios consagrados a ellas os padres Bourgeois, Delaunay, Valroger, Maillard, Croiset, Lambert, Hami e Almera.

Nos estudos prehistoricos derramaram immensa luz os trabalhos dos padres Ducrot e Marchand; ácerca da paleontologia escreveram bellos tractados os eruditos Meignan, Pianciani, Gagnet, Choyer e outros. O padre André de Gy, modesto capuchinho, é conhecido dos sabios pela sua *theoria da terra* que Cuvier glorificou no Instituto de França.

Ao contemplar esta phalange de sabios sacerdotes, deante dos quaes deve inclinar a cabeça todo aquelle que tiver uma centelha de amor á sciencia, e para os quaes se abrem de

par em par as portas de todas as Academias, Observatorios e demais templos da sciencia, não podemos deixar de concluir com as palavras do erudito Madrolle: «As sciencias exactas e as bellas artes, a astronomia, a physica, a chimica, a navegação, as sciencias geographicas, e até a architectura, a pintura e a musica, devem ao sacerdocio catholico os seus mais felizes descobrimentos e até os seus prodigios.»

Eis como a Igreja sempre e em todos os tempos mostrou d'um modo esplendido a sua missão scientifica, o seu amor e protecção a todos os que se dedicaram ao cultivo e aperfeiçoamento das letras divinas e humanas.



Esta missão scientifica provém de ser a Igreja a depositaria incorruptivel da verdade, e a verdade é o ideal de toda a sciencia. A Igreja recebeu do seu divino fundador a missão de annunciar o Evangelho a todos os povos da terra, e para cumprir esta missão sublime, verdadeiramente divina, manda a todos os climas, a todos os pontos do globo, ainda aos mais inhospitos e inacessiveis, os mais arrojados exploradores, apóstolos illustrados que, se resgatam immensas almas para o reinado de Jesus Christo, se dilatam o imperio da Igreja catholica, enriquecem as sciencias com maravilhosos inventos e inestimaveis thesouros. O padre Werner, um dos sacerdotes mais illustrados da moderna Allemanha, escreve: «Se o bello, como excellentemente disse Santo Agostinho, não é mais do que a variedade na unidade, nada ha em todo o universo que exceda em belleza a Santa Igreja catholica, que reune na unidade da mesma fé, na communitade d'uma mesma religião, a diversidade das raças e a multiplicidade dos povos. E não é pela força da espada, nem pela relaxação da moral, mas pela conversão das almas, que a Igreja catholica romana realisa a sua maravilhosa grandeza.

«A immensidade do globo, a universalidade do genero humano, eis o auditorio assignado pelo Mestre aos seus discipulos. Assim em todos os seculos, desde o começo da era

christã, milhares e milhares de heroicos apóstolos teem respondido ao chamamento divino. Todos os dias surgem novos apóstolos e atravessam mares, e dispersam-se em imperios sem fim, e instalam-se em remotas plagas, e não se poupam a sacrificios para dilatarem as fronteiras do reino de Deus. É assim que a Igreja universal realisa admiravelmente a parábola evangelica da arvore nascida do grão da mostarda, semeada pela mão de Christo e desenvolvendo-se pouco a pouco até cobrir com os seus poderosos ramos toda a superficie da terra ¹⁾.»

Á sombra d'esta arvore frondosa nascem, vivem e progridem admiravelmente as sciencias e as letras; e as mesmas artes ostentam em esplendidas formas, em primores de inexcedivel belleza, o ideal e a inspiração christã. São da Igreja os sabios illustres que actualmente abrilhantam as mais famosas universidades e academias, especialmente da Europa, são ainda da Igreja as mais illustres obras que a antiguidade nos legou e que os sabios modernos estudam com proveito e admiração.

Em 1887 realisou-se em Paris o primeiro *Congresso Internacional de sabios catholicos*, onde foram larga e proficientemente discutidas as mais transcendentés questões de todos os ramos dos conhecimentos humanos. Os homens que constituíam as differentes secções do congresso eram outras tantas glorias da Igreja e da sciencia. Em sciencias philosophicas apparecem os nomes do Mgr. Hulst, reitor do Instituto catholico de Paris, e dos padres Forbes, Guien e Vauroux, tres philosophos de primeira plana; em sciencias historicas, alem dos padres Broglie e Fouard, professor da faculdade de Theologia de Rouen, estava o padre Smedt, o illustre decano dos bollandistas, o sabio que personifica «a alta sinceridade critica, o trabalho infatigavel pela gloria de Deus, da Igreja e dos santos»; em sciencias naturaes avultam, entre outros, o marquez de Nadaillac, E. Niel e o padre Lefèvre.

O Congresso, que foi mais uma eloquente demonstração

¹⁾ *Atlas des Missions Catholiques* por le R. P. O. WERNER, de la Compagnie de Jesus, 1886.

de que a fé catholica se allia com a mais transcendente sciencia, e de que a Igreja é a primeira escola, a primeira incitadora e a luz brilhantissima da sciencia, tractou com assombro e admiração do mundo sabio os mais altos problemas de theodicea, da metaphysica geral, da cosmologia, da psychologia, da psycho-physiologia, do direito natural, da economia politica e social, das mathematicas, da astronomia e da mechanica, da physica e chimica, da biologia, da geologia e paleontologia, da anthropologia, ethmographia e philologia, da historia biblica nas suas relações com a historia do antigo Oriente, das origens do christianismo, da historia comparada das religiões, da archeologia christã, etc., etc.

A este memoravel Congresso, em cujas commissões organisadoras predomina o elemento ecclesiastico, acudiram os sabios catholicos de todo o mundo, os mais illustres professores das universidades e institutos catholicos, e mostrou praticamente que á Igreja pertence a direcção do pensamento humano, que no seio da Igreja estão depositados os germens da sciencia, os elementos inspiradores de todas as obras de merecimento scientifico real.

Ainda hoje temos a invejavel gloria de contar entre o clero catholico sabios tão illustres como Carnoy, professor de botanica e biologia comparada na Universidade catholica de Louvain, e cujos estudos sobre biologia cellular teem merecido, diz *Le Museon*, o elogio dos sabios mais distinctos dos dous mundos; Hamard, a quem se devem notaveis estudos sobre a hypothese do homem terciario; Carbonelle, um dos illustres fundadores da *Sociedade Scientifica*, da Belgica, altamente reputada em todo o mundo sabio; Vigouroux, o escriptor eminente que melhor tem combatido a antigenese de Darwin e Hœckel; Ferrari, o famoso continuador das maravilhas astronomicas do padre Secchi; Leconte, director da Escola normal de Mons e anthropologista distincto; Van Tricht, physico notavel; Thirion, festejado auctor de excellentes estudos sobre movimentos molleculares; Lanney, benedictino, cuja obra sobre os satelites de Marte é muito considerada entre os sabios; Hahn, jesuita eruditissimo que escre-

veu na *Revue des Questions Scientifiques* importantes artigos, no dizer dos competentes, sobre Claude Bernard e seus famosos descobrimentos na physiologia; Aoust, professor de calculo integral e differencial na faculdade de sciencias de Marselha; Delattre, orientalista de primeira ordem; Charles de Harlez, director da excellente revista *Le Museon*, e uma das glorias da Universidade de Louvain, onde ensinou as linguas e litteraturas sanskrita e zende; Renard, do Museu de geologia de Bruxellas e geologo illustre; Boulay, botanico eminente; Regnon, um dos mais conscienciosos cultivadores da physica e chimica modernas; e, finalmente, um sem numero de benemeritos sacerdotes pelos relevantes serviços que prestaram e estão prestando á sciencia e á civilisação ¹⁾.

Gloria ao clero catholico, gloria eterna aos benemeritos da sciencia e da Igreja que tão eloquentemente teem demonstrado como a fé se harmonisa com a razão, como a luz da revelação divina illumina com os seus vividos clarões os vastos dominios do saber humano.

* * *

Na historia da eloquencia, das humanidades, das bellas artes e até das grandes invenções industriaes, o clero catholico occupa tambem uma pagina brilhante. Respiguemos alguns factos em demonstração d'esta verdade. Pertencem ao clero os mais abalisados *lexicographos*, especialmente latinos; em ethnographia e historia especial de paizes pouco conhecidos avultam Duhalde, Le-Conte, Muratori, Bartoli e Ganbil; o cardinal Mezzofanti e o padre Bollig são os mais notaveis polyglotas de que ha memoria; Rossini e Donizetti foram discipulos do padre Mattei; La Luzerne, Lacordaire, Felix e Monsabré, dignos successores de Massillon e Bossuet, são o genio da eloquencia christã ²⁾.

¹⁾ Alguns dos sabios acima indicados já não pertencem ao numero dos vivos. Do sabio Denza, ultimamente fallecido, falamos n'outro logar d'este numero.

²⁾ Não podemos deixar de mencionar o padre Ciasca, agostinho. Foi encarregado por Pio IX de traçar um plano de correção da Biblia grega. Leão XIII nomeou-o interprete pontificio. Conhece perfeitamente o hebreu, o arabe, o syro, o

Delorme foi o architecto das Tulherias; o arcebispo Mauricio de Sully, o da grandiosa egreja de N. Senhora das Victorias, de Paris; Whicham, bispo de Winchester, da cathedral de Windsor; Azone, da basilica de Seez e o benedictino Helduart, da grande Torre de Chartres.

S. Romualdo deu o risco do soberbo portico da cathedral de Reims, e um bispo de Costaniza levantou aquella abobada maravilhosa que fez dizer a Vauban: «Que braço sublime a levantou ao ceu?»

A magnifica Egreja de Dunes, na Belgica, foi edificada por monges, sob a direcção do seu abbade.

A arte imitadora da natureza conta entre os mais illustres pintores o B. Angelico, dominico, e o padre Pozzo, jesuita.

A ethnographia é creação do diacono Pierre, monge benedictino; o padre Etroncolle, missionario da China, divulgou na Europa o segredo da fabricação da porcelana; o padre Coeur-Dax deu-nos as primeiras noticias sobre varias tintas indianas, que actualmente se usam na Europa; o padre Mergoux construiu a machina da panificação das batatas, verdadeiro supplemento do trigo.

A quem, se não ao clero, se deve a origem da relojoaria? A arte de trabalhar em pedras preciosas foi restaurada na Europa por Bernelin e Bermin, conegos de Sens. Util e maravilhosa sobre todas é a arte de restituir a linguagem aos surdos mudos; esta invenção nasceu tambem do sacerdocio catholico. Attribute-se a idea primitiva ao padre Ponce, benedictino, morto em 1584, e que mais tarde foi aperfeiçoada pelos padres L'Epée e Sicard.

Que arte mais extranha ao clero do que a militar e a nautica? E todavia o padre Borgo, jesuita, escreveu um tractado, classico por muito tempo, sobre fortificações, e o padre

chaldeu, o etyope, o samaritano, o assyrio, o grego, o armenio, o copto, o georgiano ou a lingua do Caucaso, o sanskrito, o malabar, o albanense, a lingua do Epiro e o bulgaro! Das linguas occidentaes conhece o allemão, o inglez, o francez e o hespanhol.

Da elegancia com que escreve o latim dá testemunho o seu profundo trabalho sobre a primeira *Constituição do Vaticano*.

Gugliemotti, dominico, publicou em nossos dias trabalhos apreciadissimos de marinha ¹⁾).

Esta brilhante, ainda que resumida, galeria de pensadores, duas vezes coroados com o diadema real do sacerdocio e com o diadema esplendido da sciencia, teve sempre no Papado incitamento, protecção e benção para os seus grandiosos commettimentos.

«Os germens do progresso scientifico, artistico e social, diz um escriptor hespanhol, existiam na doutrina do Salvador, o desenvolvimento d'esses germens, o seu augmento, a sua florescencia, os seus fructos devem procurar-se no campo da historia, á luz pura e serena que se irradia da cadeira de S. Pedro ²⁾». Assim é.

Se a idéa christã foi, desde o seu apparecimento sobre a terra, o principio informante da actividade humana, se o Papado é a concretisação d'aquella idéa, o elemento divinamente instituido para conservar a sua pureza e unidade, o Papado devia, pela sua mesma indole e missão, exercer benefico influxo no desenvolvimento intellectual dos povos, na sua constituição definitiva, na sua historia, nas suas leis, na sua civilisação, em tudo, finalmente, que constitue a vida e o esplendor das nações.

E a historia apresenta-nos, com effeito, o Papado realisando todos aquelles factos.

(Continúa.)

DR. SILVA RAMOS.



¹⁾ Vid. *Ciudad Cult*, serie XII, vol. X, caderno 834. pag. 275.

²⁾ Catalina — *La Verdad del Progreso*.

MISSIONARIOS PORTUGUEZES NO BRAZIL

Havia meio seculo que Pedro Alvares Cabral descobrira as terras a que deu o nome de Santa Cruz, e ainda as atenções de Portugal, voltadas para as maravilhas do oriente, se não tinham fixado n'aquelle vasto imperio, — novo e riquissimo florão ganho para a patria. Finalmente, D. João III, cujo vulto espiritos menos reflectidos se comprazem a phantasiar carregado e sinistro, envolto pelos fogos da Inquisição e adormecido na roupeta dos padres jesuitas, — D. João III, a quem devemos tantas emprezas illustres e tantas iniciativas fecundas, resolveu colonisar e civilisar o Brazil, iniciando lá a grande obra humanitaria que já começara no oriente.

Era em 1549, e já o grande Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, alcançara alguns dos seus mais gloriosos trophes, ganhando para a fé e para a patria povos das mais affastadas regiões. Comprehendia-se que a espada do guerreiro não era mais fecunda que a fervorosa prégação do missionario, e que a conquista pela força, desfazendo a resistencia dos indigenas, não era mais copiosa de fructos que a conquista pela evangelisação, desbravando aquelles espiritos rudes e insuflando-lhes a fé christã.

Os resultados colhidos no oriente eram bem de molde a persuadir egual empreza na America, quando no animo do monarcha não estivesse bem firme o proposito de propagar a fé em todos os vastos dominios de Portugal. E depois, era tão ardente o zelo dos missionarios, tão desprendidos se

achavam dos confortos da civilisação, tão grande era o seu desejo de trocarem os commodos da Europa pelos soffrimentos do sertão, a fim de conquistarem almas para o céo, — que elles proprios instavam com D. João III e aplanavam-lhe todas as difficuldades. Os primeiros padres partiram em 1549.

* * *

As missões do Brazil, feitas e dirigidas desde o principio por padres da Companhia, apóstolos da raça de S. Francisco Xavier, como era o padre Manuel da Nobrega, o padre José d'Anchieta e o padre João d'Aspilcueta, — produziram optimos fructos, tanto na ordem puramente espirital e religiosa, como na ordem social e civil. A cruz do missionario, além de ser um symbolo de fé, era tambem um estandarte de civilisação, e andava unida, como que identificada com o nome portuguez. Os que phantasiavam missões mais ou menos repassadas de fervor religioso, sem mais fructo algum para os povos missionados que não fossem os da catechese — o que aliás já não seria pouco — erram gravemente. A missão tinha ao mesmo tempo um character profundamente religioso, civilizador e patriótico. E quantas vezes os missionarios tinham de civilisar tambem, e com mais difficuldade que os indigenas, os proprios governadores e demais auctoridades que iam de Portugal!

Este caso dava-se precisamente na questão do trafico dos indios, a que em especial nos referiremos agora. Intendiam os portuguezes que, em remuneração de seus trabalhos e como fructo dos descobrimentos, tinham o direito de fazer captivos e escravos todos os indios que podessem e lhes aprouvesse. Eram as idéas do tempo; idéas barbaras, é verdade, mas que não podem ser apreciadas á luz da civilisação e dos costumes do nosso seculo, e que não poderam logo ser destruidas, nem pela intervenção directa da auctoridade do Pontifice, nem pelo zelo e dedicação dos mais ardentes missionarios. Forçoso é dizer, entretanto, que não é sobre o nome portuguez que recae o maior odioso n'esta materia; pelo contrario,

a nossa historia regista uma geral moderação e até rasgos de generosidade para com os pobres captivos.

Não podendo extirpar completamente um vicio tão radicado na sociedade do seu tempo, e que trazia a sua origem desde a antiguidade pagã, os missionarios procuravam diminuir-lhe os perniciosos effeitos e mitigar-lhe a revoltante crueldade. Não se podia esperar uma reforma completa, radical, não só porque é impossivel operar rapidamente uma mudança em materia que implica tão fundo com os interesses economicos dos povos, mas porque a acção civilisadora do christianismo n'este ponto sentia-se abandonada e por vezes contrariada pelo poder civil. Mas ao menos cabe aos jesuitas que missionaram no Brazil a inolvidavel e invejavel gloria de cooperarem dedicadamente n'essa obra anti-escravista, que o seculo XIX vê finalmente realisada, graças á acção lenta, mas perseverante, da Igreja catholica. A este respeito prérgavam constantemente a caridade e a fraternidade christã, influíam junto dos governadores para a correcção dos abusos e inspi-ravam ao poder central medidas acertadas e justas, para que se respeitasse quanto possivel a liberdade dos indios.

* * *

Entre os primeiros que da Companhia foram mandados á evangelisação do Brazil figura o padre Leonardo Nunes, que foi tambem um dos que mais se distinguiram n'esta nobilissima cruzada a favor da liberdade dos indios. Humilde, prudente, paciente, inteiramente desprendido das cousas do mundo, o padre Leonardo reforçava a efficacia da sua palavra com o prestigio do seu exemplo. A sua vida era de uma austeridade inquebrantavel, andando sempre mais preocupado com a obra da sua missão que com as commoçdidades da existencia. Animado de um zelo verdadeiramente apostolico, percorria todos os logares onde urgia levar os soccorros do seu ministerio, supprindo com uma diligencia incansavel a falta de sacerdotes. A sua ardente caridade, o seu zelo fervoroso e a fama de suas virtudes aureolaram-lhe o nome de tal

prestígio que o compararam aos mais conspícuos varões dos primeiros tempos do christianismo.

Pouco depois de chegar á Bahia com os outros religiosos, foi o padre Leonardo encarregado de uma missão especial na capitania de S. Vicente, levando por companheiro o irmão Diogo Jacome. Em S. Vicente não havia quem se occupasse dos interesses moraes da população. Os portuguezes que lá viviam tornavam-se semelhantes aos indios ou peores que elles, Completamente esquecidos dos seus deveres religiosos, entregues á devassidão e a todos os vicios, exerciam sobre os pobres indigenas uma crueldade revoltante, raptando-os para escravos. O padre Leonardo ia encarregado de remediar todos estes males, e recebera do governador Thomé de Sousa poderes e recommendações especiaes para defender os indios opprimidos e restituil-os á liberdade.

Foi em fins de 1540 que o padre Leonardo Nunes começou a sua missão em S. Vicente, e logo começaram tambem a sentir-se fructos de benção. Com boas razões persuadia os portuguezes a quê dessem a liberdade aos naturaes, dizendo-lhes que isso interessava ao bem das suas consciencias. Muitos obedeceram logo, avivando-se-lhes na alma o espirito da caridade e da paternidade christã.

A este primeiro impulso de generosidade seguiu-se, porém um movimento contrario. Vendo-se feridos nos seus interesses começaram a murmurar e a maldizer os dois religiosos, que, diziam, em vez de cuidarem só do bem das almas, pretendiam despojal-os dos indios e egualal-os aos naturaes da terra. A essas queixas respondia o padre Leonardo: « Não vejo eu, senhores, cousa mais tocante a vossas almas, e a meu instituto, que esta de tirar-vos os indios mal havidos de casa. Algum dia o entendieis vós assi, quando podia comvosco mais a graça pera remediar vossas almas, que a cobiça pera acudir a vossos corpos. Que variedade houve agora? Não julgastes então, que era obrigação vossa, e profissão minha, o tratar de repor estes indios em sua liberdade? Ninguem pode salvar-se sem restituir o alheio: pois se estes indios são seus por natural direito, sem que sejam restituídos a si mes-

mos como podereis salvar-vos? Que titulo houve, que os fizesse vossos? O querer que o sejam, o catival-os contra sua vontade, sem agravo algum precedente? Não toca isto a vossas almas? E não toca a meu instituto fazer comvosco que restituaes o que não he vosso, e trabalhar, que os que são roubados, tornem a ser seus? He tanto de meu instituto, tanto de direito divino, natural e humano, e tão digna empenza de religiosos peitos, que só por esta causa perderemos as vidas, eu, e meus companheiros, e cuidaremos que então as ganhamos. Se por esta nos faltarem vossos favores, e se occasionarem nossos trabalhos, afrontas, e descreditos, então nos teremos por ditosos. Huma só cousa sentiremos, e he a que toca a vossas consciencias; porque isto he tornar ao vomito, e dar por terra com o edificio, que até agora tinheis edificado. Consola-nos comtudo, que não são os mais, os que acendem este novo fogo, e que haveis de vir a conhecer, que procede todo de huma só cabeça, semeadora de cizania, e inimiga de todo vosso bem.»¹⁾

Este discurso pode não ser litteralmente o mesmo de que se serviu o padre Leonardo Nunes, mas não ha duvida que traduz fielmente o santo zelo, que lhe abrasava a alma, de trabalhar pela liberdade dos indios até ao sacrificio da sua propria vida. E na verdade não faltaram occasiões em que viu desencadear-se contra si o odio e a perseguição, pelo empenho que mostrava em desafrontar a liberdade dos indios e levantar-lhes o nivel moral por meio da evangelisação.

Por outro lado era grande o prestigio e consideração de que gosava entre os naturaes, admiravel a influencia que n'elles exercia a sua palavra. Por aquelle tempo andavam os portuguezes em lucta com os indios tamoyos, que, tendo apresado algumas mulheres portuguezas, lhes reservavam uma sorte dolorosa e tristissima. O padre Leonardo, acompanhado do irmão Pedro Corrêa, implora o auxilio do céu e parte a resgatar as pobres victimas, sem outra arma que a sua palavra de apostolo, sem outra esperanza que não fosse

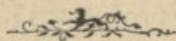
¹⁾ *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brazil*, liv. I, n.º 74.

a fé que o animava. A victoria foi completa e todos tomaram o feito por verdadeiro prodigio. Outra vez internou-se cem leguas pelo sertão, e só pela sua auctoridade e pelo prestigio da sua palavra conseguiu a vida e a liberdade para algumas familias de fidalgos castelhanos que se dirigiam ao Rio da Prata.

Quantas vezes os missionarios arriscavam assim a vida para salvar infelizes do perigo eminente, para prodigalisar soccorros, levar a esperança e a consolação onde havia desespero e dôr! É que, como dizia o padre Leonardo, elles seriam felizes em sacrificar-se nas suas benemeritas empresas, cuidavam que ganhariam as vidas quando as perdessem no desempenho da sua missão apostolica. E como seriam animados de outros sentimentos, elles que trocaram todos os commodos e todas as felicidades pelo desconforto do sertão inhospito, onde só deviam encontrar o soffrimento e porventura a morte?

(Continúa).

FORTUNATO DE ALMEIDA.



Uma pagina brilhante na historia da Universidade de Coimbra

(Continuação da pag. 89)

FORMA DO JURAMENTO

PRESTADO POR TODA A ACADEMIA CONIMBRICENSE
ACERCA DA OBSERVANCIA DA BULLA PONTIFICIA
DO N. SS. PADRE O PAPA CLEMENTE XI
QUE COMEÇA UNIGENITUS, ETC.

Eu Nuno da Silva Telles, dos Marquezes de Alegrete, dos Condes de Villar-Maior, do Conselho de S. Magestade, Juiz Extraordinario do Tribunal da S. Inquisição, Thesoureiro-Mór da Insigne Collegiada de Guimarães, Arcediago de Sobradello, Doutor nos S. Canones, me submetto em tudo á Constituição Apostolica do N. SS. Padre Clemente XI, Pontífice Maximo, que começa *Unigenitus Dei Filius*, datada dos 6 dos Idos de setembro de 1713, e rejeito, condemno e anathematiso, todas e cada uma das proposições n'ella condemnadas, e no sentido em que foram condemnadas. Juro-o, e assim Deus me ajude e estes Santos Evangelhos. E voltando ao seu lugar recebeu o juramento de todos os presentes por esta ordem. — Eu Fr. Martinho Pereira, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Dr. na S. Theologia, Jubilado da Academia è Professor Primario, sinto o mesmo e juro. Assign. por mão propria. — Eu Fr. Francisco Vieira,

da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, Censor da S. Inquisição, Dr. na S. Theologia, Professor de Vespera da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Miguel de S. Bento, da Ordem Benedictina, Censor da S. Inquisição, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Gregorio do Espirito Santo, da Ordem Benedictina, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Angelo de Brito, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Censor da S. Inquisição, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel de Santiago, Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, Censor da S. Inquisição, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Nicolau Valerio, da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bernardo de Castro, da Ordem Cisterciense, Dom Abbade no seu Collegio, Censor da S. Inquisição, Examinador synodal da Diocese de Coimbra, Dr. na S. Theologia e Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João do Valle, da Ordem de S. Jeronymo, Dr. na S. Theologia, Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Valerio de Moura, da Ordem dos Pregadores, Censor da S. Inquisição e Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Ignacio de Atayde, da Ordem Benedictina, Dr. na S. Theologia e Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Miguel de Tavora, da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho e Reitor no seu Collegio, Dr. na S. Theologia e Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Luiz Nogueira Galvão, Mestre na Faculdade de Artes e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco de Torres, Conego Magistral na Sé Conimbricense, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu D. José de Jesus Maria, Conego

Regular de S. Agostinho, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bernardo Castello Branco, da Ordem de Cister, Historiador Mór de S. Majestade, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Pedro de Noronha da Ordem de S. Jeronymo e Reitor no seu Collegio, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Leonardo de Sá, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Martinho de S. Pedro, Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu José dos Anjos, Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Antonio Chichorro, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bartholomeu da Silva, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu D. José da Gloria, Conego Regular de S. Agostinho, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Thomaz de Sampaio, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel Ozorio, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Marcos da Silva, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José Fialho, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Feleciano dos Anjos, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco Tavares de Araujo, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

SENTIDO E ASSIGNATURAS

DOS REVD.^{mos} PADRES MESTRES DA S. THEOLOGIA

NOS COLLEGIOS PARTICULARES

COLLEGIO DE SANTO THOMAZ DA ORDEM DOS PREGADORES

Eu Fr. Christovão de S. Thomaz, Reitor do Collegio de S. Thomaz da Ordem dos Pregadores, Mestre Apresentado da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel Varella, Censor da S. Inquisição e Apresentado na S. Theologia e Leitor Primario, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José de França, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Boaventura de S. Thomaz, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel Coelho, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM CARMELITANA

Eu Fr. Aloysio Cesar de Menezes, Leitor da S. Theologia, Reitor do Collegio Carmelitano, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Diogo de S. Paio, Leitor da S. Theologia e Prefeito dos Estudos, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Antonio de Santo Angelo, Leitor Primario da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José de Mello, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João Paulino, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Gregorio de Carvalho e Mello, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José de Lima, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO

Eu Fr. Francisco da Assumpção, Leitor jubilado da S. Theologia e Dr. pela mesma faculdade da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João de Sotto-Maior, Leitor da S. Theologia e Dr. pela mesma Faculdade da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Jacintho de S. José, Leitor da S. Theologia e Dr. pela mesma Faculdade da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Norberto de Santo Antonio, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DE S. BOAVENTURA DA ORDEM DE S. FRANCISCO
DA PROVINCIA LUZITANA

Eu Fr. Antonio de S. Boaventura, Leitor Primario da S. Theologia e Guardião do Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José do Apocalypse, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel de S. Caetano, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Luiz da Natividade, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA COMPANHIA DE JESUS

Eu João de Oliveira, da Companhia de Jesus, Reitor do nosso Collegio Conimbricenses das Artes, Censor da S. Inquisição, Examinador das Ordens Militares, antigo Leitor Primario da S. Theologia no Collegio Lisbonense, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Gaspar Ribeiro, da Companhia de Jesus, antigo Professor da S. Theologia no Real Collegio Conimbricense e decano do mesmo durante vinte annos, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco Salgueiro, da Companhia de Jesus, Dr. na S. Theologia, Leitor

..

Primario da mesma, Censor da Santa Inquisição e Examinador synodal, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Ignacio Freire, da Companhia de Jesus, decano de Theologia no Collegio Conimbricense, antigo Professor e Examinador synodal na Diocese Bracharensense, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Cypriano Ribeiro, da Companhia de Jesus, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Gregorio Barreto, da Companhia de Jesus, Professor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Antonio Simões, da Companhia de Jesus, Examinador das Ordens Militares e Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Marcellino da Costa, da Companhia de Jesus, Examinador synodal da Diocese Angrense, Interprete da S. Escripura, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Luiz Alvares, da Companhia de Jesus, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco Mendes, da Companhia de Jesus, Examinador synodal da Diocese Conimbricense e Professor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu João de Menezes, da Companhia de Jesus, examinador synodal da diocese de Coimbra, Professor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel Gomes, da Companhia de Jesus, Examinador synodal da Diocese de Coimbra e antigo Professor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

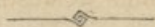
COLLEGIO DE S. JERONYMO

Eu Fr. Luiz da Purificação, Dr. na S. Theologia e Professor Jubilado de Vespera na Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Christovão da Cruz, Leitor da S. S. Theologia e Dr. na mesma Faculdade da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Feleciano da Conceição, Leitor da S. Theologia sinto o mesmo e juro. A. m. p.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.

A ANARCHIA



II

A constituição do partido — O congresso de Haya — Bakonnine e Karl Marx — O programma anarchista — O movimento anarchista na Suissa, na França, na Alemanha, na Belgica, na Italia, na Russia, na Austria-Hungria, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Hespanha e em Portugal.

(Continuação de pag. 122)

Na Inglaterra ha diversos grupos communistas revolucionarios que não podem confundir-se com os anarchistas. Esses grupos existem em Londres, Manchester, Birmingham e em todos os grandes centros operarios; na Irlanda ha o grupo revolucionario nacionalista, e na Escossia os revolucionarios preoccupam-se principalmente com a questão agraria. Em Londres ha um grande numero de anarchistas estrangeiros, que tractam exclusivamente da propaganda nos seus respectivos paizes. Em 1885 e 1886 formaram-se em Londres alguns grupos de anarchistas inglezes, que tinham por órgão o jornal *The Anarchist*, que chegou a fazer uma tiragem importante. Ultimamente appareceram em diversos pontos da Inglaterra varios jornaes de character anarchista, aconselhando o incendio e outros crimes. O governo tem mandado proceder judicialmente contra esses jornaes, e tomou tambem algumas medidas relativamente aos anarchistas estrangeiros.

Como na Europa, as idéas anarchistas têm-se espalhado muito na America, onde costumam refugiar-se os revolucionarios europeus. Na America do sul têm apparecido diversos jornaes anarchistas, entre os quaes a *Revolução social*, em Santiágo (Chili), e a *Internacional*, em Montevideu. Ao norte, na republica mexicana, ha dois centros anarchistas, em Vera Cruz e Mexico, publicando-se n'esta ultima cidade um hebdomadario anarchista, a *Revolução social*.

Mas é nos Estados Unidos que o anarchismo tem feito maiores progressos, desde 1878. «No congresso de Albany, diz A. Crié, a maioria dos delegados, partidarios dos meios de propaganda pacifica, achou-se em presença de uma minoria radicalmente revolucionaria, cujo principal *leader* era um amigo de Most, Justus Schwab, de New-York, que tinha por orgão, em S. Luiz, o jornal *A Voz do povo* (tiragem 5:000 exemplares). O chefe dos moderados, Filippe de Patten, teve ainda de combater um outro grupo revolucionario, dirigido por Grotkau, que admittia a participação nas eleições, mas apenas como meio de propaganda, não esperando nenhuma resolução definitiva senão da força. O orgão dos amigos de Grotkau era a *Arbeiter-Zeitung* (*Gazeta dos trabalhadores*), cuja tiragem excedia 8:000 exemplares. No anno seguinte, no congresso de Alleghany (1879), fez-se a ruptura definitiva entre os moderados e as outras duas fracções socialistas; Grotkau foi expulso pelos moderados».

O grupo revolucionario começou a ganhar terreno. Em 15 de novembro de 1880 fundou-se em New-York o *Club socialista revolucionario*, que veio a adquirir uma certa influencia. Em Boston publicou-se o jornal anarchista intitulado *The Anarchist*, pouco depois substituido pela *Liberty*. Em 21 de março de 1881, um congresso que se reuniu em Chicago e ao qual assistiram dezenove delegados representantes de doze cidades, fundou alli o *Partido revolucionario dos Estados Unidos*. Em 18 de dezembro de 1882 chegava á America o anarchista allemão Most, que, como vimos, fôra condemnado em Inglaterra, e animou o movimento revolucionario americano. De 14 a 16 de outubro de 1883 reuniu-

se em Pittsburgo um congresso anarchista a que assistiram vinte e oito delegados representando vinte e duas cidades, e ahí se organisou definitivamente a *Federação americana da associação internacional dos trabalhadores*. Associações de operarios com character anarchista entregaram-se em Chicago publicamente ao exercicio das armas, e foi tão grande a concorrencia que o numero dos inscriptos chegou a ser de 3:000 em fins de 1884. Chicago é uma das cidades em que se encontra maior numero de anarchistas. Em 1886 houve lá alguns tumultos que logo foram apasiguados. Ultimamente houve graves attentados cujos auctores foram condemnados á morte.

Quando, no congresso de Haya, de 1872, se operou a scisão na *Internacional*, os revolucionarios hespanhoes collocaram-se ao lado de Bakounine e entraram na *Federação jurassiana*. A *Internacional* começára a espalhar-se na Hespanha depois da queda da rainha Isabel. Até então o movimento operario no reino visinho não tinha o character revolucionario, e limitava-se aos interesses economicos das classes trabalhadoras, tendo por órgão o jornal *El Obrero*.

Pouco depois de se estabelecer na Hespanha, o partido internacionalista fundou em Madrid uma secção central e diversas secções pelas provincias. No dia 2 de março de 1867 appareceu em Barcelona o jornal revolucionario *La Federacion*. Em Madrid publicou-se *La Solidaridad*, redigida por Morago e Francisco Mora. Em fins de 1869 havia em toda a Hespanha 195 secções com 20:000 membros, que se reuniam frequentemente para tractar dos negocios do partido. 1) Na Andaluzia havia muitas d'essas secções, e até se estabelecêra uma em Palma (ilha Maiorca), que tinha por órgão o jornal *La Justicia social*.

1) E. de Laveleye refere o seguinte pormenor: « Visitando a Hespanha em 1869 assisti a algumas sessões d'esses clubs socialistas. Realisavam-se ordinariamente em egrejas já profanadas. De cima do pulpito, os oradores atacavam tudo o que lá fôra exaltado: Deus, a religião, os padres, os ricos. Os discursos eram incendiarios, mas os assistentes conservavam-se tranquillos. No chão estavam assentadas muitas mulheres, trabalhando, amamentando os filhos e escutando attentamente, como se fôra um sermão. Era exactamente a imagem de 93.» *Le Socialisme contemporain* (Paris, 1890), nota á pag. 270.

Em fevereiro de 1872 o governo de Sagasta adoptou algumas medidas contra o desenvolvimento do partido internacionalista. Alguns revolucionarios foram perseguidos e refugiaram-se em Portugal, o que não obstou a que o movimento continuasse em Hespanha.

Depois do congresso de Haya, a que já nos referimos, os revolucionarios hespanhoes, dividiram-se em dois grupos: os partidarios de Karl Marx, que fundaram em Madrid a *Nova federação madrileña* e na sua acção não queriam passar alem da questão economica, — e os partidarios de Bakounine, que se uniram ao partido republicano para des-thronarem o rei Amadeu e proclamarem a republica. Os bakouninistas celebraram em dezembro de 1872, em Cordova, um congresso regional, onde se fundou uma federação que terminava por estas palavras um manifesto que publicou: « Viva a liquidação social! viva a *Internacional!* Salvè, solidariedade, anarchia e collectivismo! »

Em 1873 a *Internacional* tinha em Hespanha 270 federações regionaes com 300:000 associados, e alguns jornaes que defendiam o programma revolucionario. Esses jornaes eram: *La Solidaridad* e *La Federacion*, de Barcelona; *El Orden*, de Cordova; *El Obrero*, de Granada; *La Internacional*, de Malaga; *El Condenado*, *Los Decamisados* e *El Petroleo*, de Madrid; e *La Revista Social*, de Gracia. Todos atacavam a organização social, defendiam a anarchia ou o communalismo, e usavam para com a religião de uma violencia inaudita. ¹⁾

¹⁾ Extracto de *El Petroleo*: «E se nos faltar a força para attingir o nosso fim, que é assentar-nos por nossa vez ao banquete da vida, então virá o vingador temido pelos privilegiados, o petroleo, não para simplesmente realisar a obra de destruição, mas para executar um acto de santa e soberana justiça. O nivelamento em caso de necessidade pela acha e pelo fogo, eis o que exige a dignidade do proletario ha tanto tempo caleado aos pés.»

Extracto de *Los Decamisados*: «Libertemo'-nos emfim d'esse phantasma chamado Deus, bom para assustar crianças. As religiões são apenas industrias destinadas a engordar, á custa do povo, esses saltimbancos dos padres, como os chama Dupuis. Eis o nosso programma. Todavia, antes de o executar, será necessaria uma boa sangria, curta mas abundante. É preciso cortar os ramos pôdres da arvore social para que ella se desenvolva. Tremei, burguezes engordados com o nosso suor. Dae logar aos *descamisados*. A vossa tyrannia vaé findar. A nossa bandeira negra está desfraldada e caminhará para a victoria. — Cit. por Laveleye, *Le socialisme contemporain*, pag. 272.

Em 1873 rebentaram em varios pontos da Hespanha insurreições socialistas. A primeira foi a de Barcelona, onde trinta mil operarios proclamaram, no dia 13 de fevereiro, a republica federal, a taxa dos salarios e a duração do dia de trabalho. No dia 8 de março rebentou a insurreição em Malaga, no dia 7 de julho em Alcoy, e no dia 12 em Carthage, onde os insurrectos se apoderaram do arsenal da marinha, e defenderam-se por muito tempo com os armamentos que lá encontraram. A insurreição, que tomou tambem um certo character politico, alastrou-se por diversas provincias até que o general Pavia conseguiu o restabelecimento da ordem.

Embora os insurrectos de 1873 já se proclamassem anarchistas, é certo que a organização do partido só começou a desenvolver-se desde 1880, com a propaganda do revolucionario Fanelli; no congresso celebrado em Barcelona em 25 de setembro de 1881 foi fundada a *Federação hespanhola da Associação Internacional dos trabalhadores*, que se declarou anarchista collectivista, propondo-se a destruição violenta da ordem estabelecida. « Os anarchistas hespanhoes, diz A. Crié, organisaram-se sob um duplo ponto de vista: syndical e local. Sob o ponto de vista local, formaram *secções locais e provincias*, unindo-se na federação nacional. Sob o ponto de vista syndical, os operarios anarchistas da mesma profissão formaram *sociedades communaes, reuniões provincias*, unindo-se n'uma federação nacional dos mesteres. Convençionou-se que cada grupo gosaria de uma autonomia completa. »

Ao congresso que se realisou em Sevilha em setembro de 1882 foram 254 delegados representando 10 uniões provincias, 209 sociedades communaes e 632 secções locais. Calcula-se que o partido tivesse então 58:000 adherentes, sendo o seu orgão *La Revista Social*, que se publicava em Barcelona e veio a desaparecer. Alem d'este jornal, que chegou a ter 10:000 assignaturas, publicavam-se alguns outros tambem anarchistas. Em 1882 fundou-se a sociedade da *Mão Negra (La Mano Negra)*, que promoveu varias agitações na Andaluzia, das quaes resultou o governo mandar effectuar

mais de 200 prisões. No programma d'essa terrível sociedade lia-se o seguinte: «A Sociedade declara os ricos fóra do direito das gentes; proclama que para os combater como merecem todos os meios são bons e necessarios, sem exceptuar o ferro, o fogo e até a calúnia.» A sociedade da *Mão Negra*, descoberta em fevereiro de 1883, empregava os mesmos meios de acção do nihilismo russo, promovendo o assassinato de diversos individuos.

Para concluirmos a noticia do movimento anarchista na Hespanha, mencionaremos rapidamente os acontecimentos que utimamente se deram n'aquelle paiz, abstando-nos de dar os pormenores referidos pelos jornaes.

Na noite de 8 para 9 de janeiro de 1892, os anarchistas dos arredores de Jerez, armados de espingardas caçadeiras, atacaram a cidade para a saquear. A guarda civil, que suspeitava do trama, repelliu-os, mas o fogo durou até de madrugada, quando os anarchistas se pozeram em fuga, sendo então presos muitos que foram perseguidos pela cavallaria. O movimento tinha um character exclusivamente social. A maior parte dos bandos que atacaram a cidade eram compostos de operarios das aldeias visinhas, onde havia dias se notava uma grande agitação, bem como a presença de emissarios estrangeiros, especialmente allemães. Os presos foram julgados em Jerez por um tribunal marcial, que condemnou á morte os quatro seguintes: Busiqui, Lebrijano, Zarzuela e Lamella, executados no dia 10 de fevereiro, depois de se confessarem e commungarem. Um outro anarchista, Caro Clavo, condemnado a vinte annos de grilhetta, morreu repentinamente na prisão no momento em que os seus companheiros eram executados.

Na noite de 27 para 28 de janeiro do mesmo anno, quando estavam em *greve* os operarios das minas de Bilbao, foram affixados em Saragoça muitos cartazes anarchistas contra o clero e a burguezia. No dia 9 de fevereiro houve em Barcelona uma explosão que parece ter victimado o seu auctor; no dia seguinte deram-se tumultos na mesma cidade. No dia 15 houve um *meeting* na Corunha, onde Pablo Iglesias pro-

testou contra as execuções de Jerez. Contra essas execuções também os anarchistas de Bruxellas protestaram em uma reunião que celebraram n'aquella capital, no salão Rubens, em 28 de fevereiro. No dia 3 de março rebentou em uma igreja de Valencia uma bomba de dynamite, que fez alguns destroços mas não produziu desgraças pessoas. No dia 4 de abril a policia de Madrid prendeu um anarchista francez, um hespanhol e outro portuguez, na occasião em que lançavam duas bombas, que não rebentaram, na camara dos deputados. Em 14 do mesmo mez foram lançadas em Cadiz tres bombas de dynamite que fizeram alguns estragos materiaes.

No dia 24 de setembro de 1893, quando o general Martinez Campos passava revista ás tropas da guarnição de Barcelona, o anarchista Paulino Pallas attentou contra a sua existencia, arremessando uma bomba aos pés do cavallo que elle montava, mas o general apenas recebeu um leve ferimento n'uma perna. No dia 30 do mesmo mez um tribunal marcial condemnou á morte o auctor do crime, que foi executado pouco depois. No dia 7 de novembro foram lançadas duas bombas no theatro Lyceo de Barcelona; rebentou uma, que produziu a morte de varias pessoas e muitos ferimentos. O anarchista Salvador, auctor do attentado, foi, como se sabe, executado mezes depois, tendo-se fingido por algum tempo arrependido e convertido á religião, na expectativa de que assim obteria a commutação da pena.

(Continúa.)

FORTUNATO DE ALMEIDA.



CHRONICA CONTEMPORANEA

I

INTERIOR

A situação politica — Um morto illustre — A expedição a Lourenço Marques — Africa oriental portugueza — O julgamento dos srs. capitão Augusto de Castilho e tenente Oliver.

Parlamento fechado, o governo legislando dictatorialmente sobre materias para as quaes só as côrtes teem competencia, o thesouro roubado por banqueiros que fogem para o estrangeiro, o paiz cada vez mais descrente dos homens que occupam o poder, — tal é, verdadeiramente e em resumo, a triste situação politica a que nos conduziram os partidos que nos teem governado, situação consideravelmente aggravada pelo actual gabinete.

Ha uma constituição em Portugal, e ninguem sabe para quê. As dictaduras existiram sempre em todos os paizes constitucionaes, para se governar em condições extraordinarias, quando se não pode consultar o voto dos representantes do povo, ou quando assim o exija a segurança do Estado; mas governar em dictadura por systema, revogar arbitrariamente leis do paiz sancionadas pelas camaras, sem que necessidade alguma imperiosa o reclame, cremos que só em Portugal.

Talvez que, com o parlamento aberto, não corre: sem melhor os negocios do paiz. Mas nem por isso fica destruido o principio de que deve respeitar-se a Carta, e a consideração de que é summamente prejudicial que venha do alto o mau exemplo de desacatar a lei. E depois ninguem sabe quaes são os verdadeiros preceitos legais. Como ainda ha juizes em Portugal, já appareceu um que se recusou a fazer executar um decreto dictatorial do sr. Dias Ferreira, por ser contrario aos principios da Carta, e agora apparece segundo que, n'uma execução movida por divida de contribuições, proferiu sentença contra a fazenda nacional, por não serem exigiveis os impostos que não tenham sido auctorizados pelo parlamento. E até onde será levada esta confusão de espiritos? Ninguem o pode prever, mas as consequencias hão de ser lamentaveis.

O conflicto aberto entre os partidos regenerador e progressista parece que é a causa, ou ao menos o pretexto, para esta dictadura sem fim que atravessamos. Mas como esse conflicto está cada vez mais longe de uma solução, seguir-se-ia que o sr. Hintze e os seus collegas continuariam a ser os insubstituiveis dominadores d'estes reinos. A este respeito devemos

aqui registrar algumas noticias e boatos politicos, começando pela versão de que o sr. José Luciano, cansado dos dissabores da politica, vae retirar-se á vida particular. Do partido progressista passa uma parte para o sr. Dias Ferreira, e a outra para os republicanos. Isto já se tem dado principalmente em algumas terras do norte e por consequente não é simples boato. Affirma-se tambem, e com muito fundamento, que o partido do sr. Dias Ferreira, reforçado por influencias do proprio ministerio e de um alto persô-nagem que não nomeamos, será chamado opportunamente a substituir o actual gabinete.

Essa oportunidade, porém, deve chegar tarde. Agora mesmo acaba o governo de se reconstituir, sahindo da pasta da marinha o sr. Neves Ferreira, substituido pelo sr. Ferreira de Almeida. Se os ministros estivessem resolvidos a sahir brevemente do poder, não procuravam fortalecer-se com elementos novos, e não perderiam a bella occasião de se demittirem collectivamente depois do *verdictum* do tribunal que julgou o sr. Augusto de Castilho.

Uma outra noticia que convem registrar é a nomeação do ministro do reino sr. João Franco para conselheiro de Estado em substituição do sr. João Chrysostomo. Essa nomeação é mais uma prova da desorientação e da decadencia a que chegou tudo n'este paiz. O homem naturalmente indicado para essa vaga era o sr. Dias Ferreira, o unico presidente de conselho que não é conselheiro de Estado e que a esse respeito recebêra do monarcha uma promessa em forma. Mas quando o gabinete quizesse no conselho mais um voto regenerador tinha homens de muito valor, experimentados nos negocios publicos, a quem conferir essa honra. Pois o nomeado foi o sr. João Franco, cujos altos merecimentos ainda ninguem viu bem; para a primeira occasião deve entrar o sr. João Arroyo, que falla pelos cotovellos, e o sr. Carlos Valbom, que é bom rapaz.

Na madrugada do dia 7 de janeiro falleceu em Lisboa o sr. general João Chrysostomo de Abreu e Sousa, ministro de Estado honorario, e um dos mais nobres caracteres da politica portugueza. O sr. João Chrysostomo, nascido em 27 de janeiro de 1811, filiou-se no partido progressista, e deixa na politica um dos nomes mais honrados e uma das reputações mais illustres. Fez parte do ministerio do duque de Loulé em 1864-1865 e do ministerio Braamcamp em 1879; em 1890, quando o paiz se achava n'uma das circumstancias mais difficeis que tem atravessado, foi chamado a organizar gabinete, ficando com a presidencia e a pasta da guerra. O fallecido general, que pertencia á arma de engenharia, elaborou trabalhos de grande valor, como vogal effectivo que era da junta consultiva de obras publicas e minas. Com a sua morte perdeu o paiz um dos seus homens de mais prestigio, e a monarchia um dos seus mais dedicados amigos.

São animadoras as noticias recebidas de Lourenço Marques. As forças expedicionarias começaram as suas operações contra os revoltosos, indo por terra fazer a reoccupação de Anguana. Ao mesmo tempo marcharam em direcção ao rio Incomati dois vapores armados em guerra para destruir as povoações dos indigenas e perseguil-os tanto quanto possivel no continente e na ilha Xefina. Os nossos bateram o inimigo sempre com vantagem, causando-lhe muitas mortes e bastantes damnos materiaes, ao passo que as perdas nas forças portuguezas são insignificantes.

A proposito occorre mencionar uma intriga que se forma ha muito contra a nossa colonia de Lourenço Marques, e que agora, segundo parece,

muito especialmente preoccupa a politica ingleza. O conhecido Cecil Rhodes chegou a Inglaterra a fim de conferenciar sobre negocios a que não anda estranha a nossa Africa oriental, e até se diz, com visos de verdade, que ao governo foram feitas propostas em sentido que é facil de presumir. Por outro lado a Allemanha tambem alimenta ambições e esperanças acérra dos nossos territorios da Africa oriental. Oxalá que o governo conheça e saiba interpretar os sentimentos do paiz sobre um assumpto de tão alta importancia para a nossa honra e para o nosso futuro.

Começou no dia 7, e terminou no dia 12 de janeiro, o julgamento do sr. capitão de fragata Augusto de Castilho, commandante que foi da esquadriha portugueza no Rio de Janeiro por occasião da ultima revolta, e do sr. tenente Oliver, official da mesma esquadriha. Como se sabe o sr. Augusto de Castilho era accusado de ter dado asylo aos revoltosos, na occasião em que terminou a lucta, e de ter offerecido a Saldanha da Gama, antes do desfecho da revolução, asylo a bordo dos navios portuguezes; o sr. tenente Oliver era accusado da fuga dos revoltosos de bordo do *Pedro III*, navio que, arvorado em flammula e sob o seu commando, devia conduzir os refugiados á Europa.

Este processo, cujo desfecho foi a unanime absolvição dos accusados, ficará celebre nos annaes do paiz, não só como um notavel acontecimento forense, mas ainda e principalmente como uma monstruosidade elaborada no cerebro do governo actual.

O sr. Augusto de Castilho, um dos officiaes que, pelo seu talento, pela sua dedicação e pelos seus grandes serviços, mais se distinguem na marinha de guerra portugueza; que mereceu a consideração de ser nomeado, pelos commandantes das esquadras das principaes potencias, commandante das forças que porventura houvessem de desembarcar no Rio para collectivamente protegerem os subditos estrangeiros; o sr. Augusto de Castilho, que soube em todas as circumstancias honrar a sua farda de marinheiro portuguez, foi levado ao banco dos reus por ter cumprido o seu dever em uma missão difficil e espinhosa. Com effeito, o asylo concedido pelo sr. Castilho constitue um dos mais elementares principios de direito internacional, e tanto que o seu procedimento foi elogiado pelos representantes de todas as potencias e pelo proprio sr. Hintze Ribeiro que o levou ao tribunal; mas como o governo portuguez, depois de ter patenteado uma attitude indecisa e vergonhosa, em que a situação foi salva pelo sr. Castilho, não teve coragem de se sustentar perante as exigencias insolitas de Floriano Peixoto, quiz alijar responsabilidades que só a elle pertencem; porque não se dariam os acontecimentos que depois se verificaram, se o sr. Hintze tivesse seguido as indicações e os conselhos do sr. Castilho.

O sr. tenente Oliver, encarregado de guardar, a bordo do *Pedro III*, navio desprovido de todas as commodidades e até dos mais indispensaveis instrumentos nauticos, algumas centenas de revoltosos; tendo contra si todas as circumstancias, inclusivamente a tripulação affeiçãoada aos refugiados, que um consul portuguez lhe impingira; tendo como unico meio de resistencia trinta e tantas praças que não chegavam para metade do serviço, o sr. Oliver foi processado por um acontecimento que de forma nenhuma podia evitar, e pelo qual só era responsavel o governo que se recusara a fretar um bom navio e mandar reforços para completa segurança dos revoltosos.

Finalmente, o tribunal inspirou-se nos principios da justiça e unanimamente absolveu os dois accusados, sendo altamente applaudido pela opinião publica.

II

EXTERIOR

Acontecimentos politicos em França — A questão politico-religiosa na Hespanha — O padre Denza.

Em França têm-se passado ha dias acontecimentos de uma gravidade excepcional. O ministerio Dupuy, tendo commettido a imprudencia de não entrar na campanha da eleição do presidente da camara dos deputados, deu occasião a que fosse eleito o sr. Brisson, radical. O resultado foi soffrer varias derrotas até que teve de pedir a sua demissão. O presidente da republica, sr. Casimiro Périer, allegando falta de elementos constitucionaes, apresentou egualmente a sua demissão as camaras. Procedendo-se á eleição de novo presidente da republica, receiu-se por um momento, e com razão, que o radicalismo triumphasse, o que seria um verdadeiro desastre para a França. Felizmente não aconteceu assim, porque ficou eleito o sr. Felix Faure.

Parece que a politica conservadora e pacifica, cuja base consiste em conformar-se com as maiorias parlamentares, encontrará um grande elemento de força no sr. Felix Faure. Deve recordar-se n'este momento a nobre missão de que o novo presidente se encarregou, combatendo, em fevereiro de 1883, as leis de perseguição contra os principes das antigas familias reinantes, em fevereiro de 1888 reclamando a conservação das despesas com o culto no orçamento colonial, e, finalmente, arvorando-se em campeão da ordem nas questões sociaes contra as ameaças do socialismo e da anarchia. O sr. Felix Faure deve comprehender que a sua missão é fazer a republica conservadora, para lhe garantir a existencia, sustentando sempre um longo principio de conciliação nacional, de tolerancia e união entre todos os partidos purdentes e honestos em vista ao fim commum da patria franceza e da paz européa.

O tempo do radicalismo em França passou, porque o paiz está cansado de agitações inuteis. Os conservadores e os opportunistas poderam tolerar a companhia dos radicaes, enquanto julgaram que deviam combater os conservadores catholicos como monarchicos.

Mas poderá o novo presidente desempenhar agora cabalmente a sua missão? As difficuldades que têm surgido na organização do gabinete deixam-nos perplexos. A obra de salvação é possivel, embora muito mais difficil que no principio do anno anterior. Felix Faure não tem uma alta reputação de homem politico, e isso não é proprio a inspirar grande confiança, mas Carnot tambem a não tinha quando foi elevado ao alto cargo que desempenhou exemplarmente. O novo presidente não deve ter más intenções, mas é necessario que as tenha excellentes e que mostre uma grande firmeza no exercicio da sua missão. Não antecipemos o nosso juizo, e esperemos que elle se revele.

A parte sensata da imprensa franceza foi unanime em condemnar o procedimento de Casimiro Périer, que uns taxam de traição, outros de deserção e outros ainda de abdicação. Mas as apreciações são sempre terriveis para Casimiro Périer, que, dizem, embora capitulasse, devia primeiro combater.

A situação era difficil quando Casimiro Périer foi eleito; pela sua inercia timorata, durante os seis mezes da sua presidencia, tornou-a má, e pela sua demissão tornou-a perigosa. Atraiçou o partido conservador e abriu

a porta aos socialistas. Pelo seu nome, pela sua posição, os sete annos de Casimiro Périer tornavam possível a consolidação de alianças poderosas e de grande valor para a França; mas agora não hão de as potencias amigas hesitar em fazer compromissos com um governo tão pouco firme?

Certamente, Casimiro Périer pode queixar-se das instituições e dos homens; mas elle conhecia os homens e as instituições quando foi eleito, e, desde que acceitava a presidencia, devia preparar-se para a lucta, organizar um plano, uma politica, e sujeitar-se aos perigos para conseguir o fim. Se assim procedesse teria achado recursos na constituição e homens para aproveitar. Mas apenas soube hesitar: na scena politica fica de menos um mediocre.

Em supplemento á *Revista Contemporanea* daremos aos nossos leitores a traducção de uma carta dirigida por Sua Santidade Leão XIII aos bispos de Hespanha. N'esse documento, notavel por muitos titulos, o Papa refere-se á questão politico-religiosa do paiz visinho, ultimamente exacerbada por occasião do congresso catholico de Saragoça, e de novo proclama os mesmos principios que já expressamente recommendára aos catholicos da França e de Portugal.

Os catholicos hespanhoes, diz Leão XIII, devem testemunhar o seu respeito e legitima obediencia aos que dirigem os negocios publicos, e isto com uma vontade tanto mais firme quanto é certo que, «á frente do reino e do povo hespanhol, se acha uma mulher que, pelas virtudes da sua alma e pela sua especial dedicação á Santa Sé apostolica, tem direito a toda a honra e a toda a estima»

Vê-se mais uma vez que os principios proclamados á França sobre a obediencia aos poderes constituídos deviam applicar-se a todos os paizes em idênticas circumstancias, e portanto tinham toda a razão os que desde o principio adaptaram a Portugal as instrucções de Leão XIII.

No dia 14 de dezembro falleceu em Roma o padre Denza, da ordem dos clérigos menores de S. Paulo chamados barnabitas, sacerdote virtuosissimo e um dos mais illustres sabios d'este seculo.

O padre Francisco Denza nasceu em Napoles em 7 de junho de 1834. Logo que completou o curso de letras e de mathematica, entrou na congregação dos barnabitas, onde, depois de ter percorrido os tramites pre-scriptos á educação religiosa e scientifica, teve liberdade de seguir os seus predilectos estudos de physica e mathematica, nos quaes teve por guia e mestre o celebre padre Secchi, que depois o tomou como amigo e companheiro em trabalhos importantes. Em 1856 foi nomeado director do observatorio de Moncalieri, onde teve occasião de desenvolver plenamente as singulares aptidões do seu espirito. Enquanto desempenhou esse cargo foi tambem professor de physica e mathematica no Real Collegio Carlos Alberto, e por alguns annos foi chamado a instruir em sciencias naturaes os filhos do defunto duque de Aosta. Publicou um grande numero de trabalhos sobre meteorologia, fructos das suas continuas investigações e dos seus profundos estudos; fundou a Associação Italiana para as observações dos meteoros luminosos com o concurso e apoio de Schiapparelli, e dirigiu por muito tempo o Observatorio do Castello Medieval de Turim. Finalmente, depois de um grande numero de trabalhos scientificos que lhe valeram uma alta reputação no mundo sabio, o padre Denza foi chamado em 1889 para dirigir o Observatorio do Vaticano, onde realisou importantes trabalhos para a obra monumental da carta celeste.

A ANTIGA ESCOLA
DE
PHILOSOPHIA CONIMBRICENSE

INTRODUÇÃO

Disciplinar os espiritos de hoje, recordando-lhes o fecundo exemplo de gerações passadas, reconstruir algumas paginas da historia nacional que podem servir de incitamento aos que agora começam, de certo é obra de algum valor e digna do apreço publico, se não pelo merito de quem a intenta, ao menos pelo que o seu esforço traduz de boa vontade e dedicação.

Entre nós lavra um grande desprezo das cousas nationaes, e por essa orientação cerrada estabeleceu-se em axioma que Portugal é incapaz de produzir uma philosophia que lhe seja propria, nem possui obras de valor n'esse ramo scientifico. Ignora-se geralmente que entre nós floresceu uma escola philosophica, das mais afamadas do seu tempo e honrada por espiritos verdadeiramente superiores. Alguns conhecem-n'a superficialmente, mesmo quando por dever especial a devam estudar com ponderação, — e julgam-se por esse facto no direito de a amesquinhar; pouquissimos têm a louvavel diligencia de lhe investigar o valor e o desprendimento de fazer justiça aos homens que a formaram. ¹⁾ Os menos escrupu-

¹⁾ O livro que com mais proficiencia se tem occupado do assumpto é a *Historia da Philosophia em Portugal* (Coimbra, 1868) do illustre cathedratico da

losos ajuizam pelas monstruosidades que o marquez de Pombal mandou escrever no *Compendio historico*,¹⁾ e, inspirados pelo odio que as suas paginas respiram, julgam-se bastante eruditos para magistralmente condemnarem os vultos prominentes da philosophia conimbricense. D'estes, infelizmente, é o maior numero.

Ainda bem que os estrangeiros, n'este ponto, não nos tractam com o mesmo desdem. Lá fóra é mais conhecida que em Portugal a famosa escola de *Philosophia Conimbricense*, á qual os mais illustres representantes da critica philosophica fazem referencias muito honrosas, occupando-se d'ella por vezes com uma profundeza de conhecimento que é rara em auctores portuguezes.

Ao menos sirva-nos isto de lenitivo, em presença de censuras tão abarrotadas de vaidade como destituidas de erudição.²⁾

Universidade sr. Dr. J. J. Lopes Praça, que escreveu a sua magnifica obra quando era ainda estudante de Direito. Infelizmente apenas ha publicado o primeiro volume, e este é já bastante raro. O auctor tambem publicou em opusculo varios documentos para servirem á sua obra.

Ultimamente o sr. Theophilo Braga occupou-se bastante da escola de philosophia conimbricense na sua *Historia da Universidade de Coimbra*, obra opulenta de erudição e muito digna de consultar-se, embora nem sempre isenta de preconceitos.

¹⁾ Esperamos ter occasião, no decurso d'este trabalho, de apresentar alguns dados valiosos e pouco conhecidos, para se aquilatar do espirito de justiça e da independencia de criterio com que foi escripto o *Compendio historico*. Note-se que, como este livro, ha um grande numero de publicações, entre as quaes a famigerada *Dedução chronologica*, mandadas fabricar expressamente pelo marquez de Pombal contra os jesuitas, apparecendo algumas d'ellas com os titulos mais ridiculos que uma imaginação de mau gosto podia inventar. Infelizmente ainda está por fazer a historia das relações entre o marquez de Pombal e a Companhia de Jesus.

²⁾ Em alguns dos seus eacriptos, como por exemplo na encyclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879, Leão XIII tem-se referido com louvor aos *philosophos conimbricenses*.

No *Dictionnaire des sciences philosophiques* de Ad. Franck (Paris, 1885) vem um artigo de Barthélemy Saint-Hilaire (*in verbo COÍMBRE*), que é tão notavel sob o ponto de vista critico como infeliz em algumas informações historicas. Assim, attribue a D. João III a fundação da Universidade de Coimbra: «Il y avoit quelques années que l'université de Coïmbre avoit été fondée par Jean III de Portugal», etc. Opportunamente nos referiremos a esse artigo, de um grande valor de critica.

Entre outras obras estrangeiras que podem consultar-se sobre o assumpto, não esqueceremos o *Nomenclator litterarius* (Oniponti, 1871-1881) do allemão H. Hurter, que prima por interessantes informações historicas de uma exactidão quasi irreprehensivel.

Para completa desfortuna d'essa afamada escola, como se não bastasse o esquecimento systematico das cousas nacionaes, procura-se, por um criterio inqualificavel, prejudicar os trabalhos dos nossos mais distinctos philosophos, com o odioso arbitrariamente lançado sobre a Companhia de Jesus. Na verdade, o esplendor do aristotelismo em Portugal começa com a chegada dos jesuitas a Coimbra, embóra elles tivessem precursores tão illustres como Pedro Margalho e Antonio Luiz.

Esquece-se o importantissimo papel que os padres da Companhia tomaram no movimento philosophico dos seculos XVI e XVII, e proclama-se aos quatro ventos que elles opposeram uma barreira invencivel ao progresso das sciencias e das letras, não se reflectindo que, sem elles, nós ficaríamos quasi estranhos a essa grande evolução da philosophia. Por este processo de critica inconsciente chega a pretender-se que os nossos sabios de então se transportassem para longe da vida intellectual do seu tempo, empregando processos scientificos que a marcha do espirito humano só muito mais tarde alcançou.

É portanto cheio de interesse, embora por vezes ericado de difficuldades, o trabalho que nos propomos. Estudar as feições da escola de philosophia conimbricense, delinear os seus vultos mais notaveis, compendiar o nosso movimento scientifico d'esse tempo; e, por outro lado, examinar as circumstancias em que os jesuitas tomaram a direcção do ensino publico em Portugal e a orientação que imprimiram aos espiritos, determinar o valor da sua influencia, e averiguar quanto elles contribuíram para o levantamento ou para a decadencia das letras patrias, — eis o nosso proposito.

A questão é muito complexa; e cremos que é por isso mesmo, e pela razão de não se considerarem todos os seus pontos de vista, que muitas opiniões erradas se têm formado ácerca d'ella. Vejamos se é possivel, á luz de uma critica mais reflectida, estabelecer alguns factos de importancia capital na historia litteraria e scientifica do nosso paiz.

• •

I

A Universidade de Coimbra antes da vinda dos Jesuitas — Movimento philosophico na Europa — Escolasticismo e aristotelismo — Predecessores dos Jesuitas na Escola Conimbricense.

Seria um erro pretender avaliar a feição especial dos estudos da nossa Universidade n'uma determinada epoca, sem examinar o movimento scientifico realisado ao mesmo tempo n'outros paizes. Alem de que nenhuma escola permaneceu jamais absolutamente estranha e independente das idéas do seu tempo, e ainda aquellas que se nos afiguram mais originaes assentam em bases anteriormente estabelecidas de modo mais ou menos definido, — é tambem certo que a Universidade de Coimbra, por muitas vezes e em diversas circumstancias, se encontrou directamente influenciada por elementos estranhos.

Ao declinar da idade media, a philosophia dominante em todas as escolas da Europa era a escolastica peripatetica, que recebêra um grande impulso dos philosophos arabes e encontrára representantes tão illustres como Santo Thomaz e Alberto o Grande. Os arabes, entre os quaes se distingue Averroes, haviam traduzido e commentado as obras do celebre philosopho stagirita, e divulgaram-n'as no occidente por intermedio dos judeus. Os commentarios e as traducções multiplicaram-se, e era tal a auctoridade que Aristoteles alcançára nas escolas, que as suas obras foram traduzidas por cuidados do proprio papa Urbano V e do cardial Bessarion. Os doutores mais illustres entregavam-se ardentemente ao estudo d'essa philosophia, que havia de imperar nos espiritos por muito tempo e na qual Santo Thomaz de Aquino alcançára já o glorioso nome de *anjo das escolas*. N'essa epoca, diz Barthélemy Saint-Hilaire, já não era permittido pensar differentemente de Aristoteles, e uma doutrina contraria á sua era considerada nas escolas quasi uma heresia.

No seculo XIV opera-se uma reacção contra a escolastica

peripatetica, em virtude da reacção nominalista e sceptica de Guilherme d'Occam e do mysticismo ensinado por Gerson em França, por Eckhart e Tauler na Allemanha. Isso, porém, não obstou a que a philosophia aristotelica occupasse o primeiro logar entre todas as escolas suscitadas pelo movimento da renascença, e a que continuasse a predominar, sob varias phases, até ao seculo XVII, como teremos occasião de ver. Victor Cousin aprecia nos seguintes termos a philosophia da renascença, a que tambem poderemos chamar, com Zeferino Gonzalez, philosophia de transição escolastico-moderna:

« Entre a philosophia escolastica e a philosophia moderna está aquella que pode chamar-se com razão philosophia da renascença, porque se ella é alguma cousa, é sobre tudo uma imitação da antiguidade. Essa philosophia é quasi inteiramente negativa: rejeita a escolastica, aspira a alguma cousa de novo e faz cousa nova com a obra da antiguidade. Em Florença traduz-se Platão e os alexandrinos, funda-se uma academia cheia de enthusiasmo, desprovida de critica, onde se mistura, como outr'ora em Alexandria, Zoroastro, Orpheu, Platão, Plotino e Proclo, o idealismo e o mysticismo, alguma verdade, muitas chimeras. Estes adoptam a philosophia de Epicuro, aquelles o stoicismo, outros refugiam-se no pyrrhonismo. Se quasi em toda a parte se combate Aristoteles, é o Aristoteles da idade media, de Alberto o Grande, de Santo Thomaz, de Duns Scoto, aquelle que, bem ou mal comprehendido, servira de fundamento e de regra ao ensino christão; começam a estudar o verdadeiro Aristoteles, e em Bolonha, por exemplo, servem-se d'elle para atacar o christianismo. De facto, essa curta época não conta nenhum homem de genio que possa ser posto em parallelo com os grande philosophos da antiguidade, da idade media e dos tempos modernos; não produziu nenhum monumento de duração, e, se a julgarmos pelas suas obras, podemos ser justamente severos para com ella. » ¹⁾

¹⁾ FRAGMENTS DE PHILOSOPHIE MODERNE, 1.^{re} partie, *Vanini ou la Philosophie avant Descartes*, pag. 14.

No meio de todas as luctas que se travaram entre platonicos e peripateticos, pythagoricos, epicuristas e stoicos, Aristoteles conservou sempre o primeiro logar, até á nova phase philosophica especialmente produzida por Bacon e Descartes. Este facto harmonisa-se perfeitamente com o genio que informou o movimento da renascença, em que os espiritos, deslumbrados pelas obras da antiguidade, lhes consagravam um respeito supersticioso, mesmo, por vezes, com prejuizo dos ideaes do christianismo. O peripatetismo d'essa epoca, ao contrario da escolastica, era caracterizado por uma certa independencia da theologia, facto que deixamos explicado. Mesmo dentro do aristotelismo degladiavam-se escolas diversas, distinguindo-se a aristotelica alexandrina e a aristotelica averroista, esta illustrada por Achillini e Cesalpini, aquella por Pomponazzi, Zabarella e Cremonini. A reacção anti-aristotelica veio depois.

As universidades eram os centros d'onde se irradiava todo este movimento, e constituiam quasi sempre o theatro exclusivo d'estas luctas da intelligencia. Na Italia, por exemplo, as universidades de Padua e Bolonha adquiriram uma grande reputação e por conseguinte uma auctoridade de grande valor; em França, não fallando na universidade de Montpellier, a de Paris attingia um periodo de notavel esplendor, e na Hespanha a universidade de Salamanca egualava na sua fama as escolas mais illustres.

A reputação d'esta ultima universidade era tão grande, que, no seculo XIII, a ella concorria a mocidade da Hespanha, Portugal, Sardenha e até da Allemanha.

No seculo XIV chegou a ser frequentada por seis ou sete mil estudantes, e os seus professores foram por vezes chamados a ensinar em universidades estrangeiras, como Pedro Ciruelo em Paris, Bartholomeu Ramos em Bolonha, Raymundo Lullo em Paris e Montpellier, etc. ¹⁾ A philosophia aristotelica encontrou na universidade de Salamanca os mais

¹⁾ Vid. *Reseña historica de la Universidad de Salamanca*, por D. Manuel Hermenegildo Dávila, pag. 21, 24 e seg. (Salamanca, 1849).

insignes cultores. Ainda no seculo XVI Afionso de Cordova escrevia uma *Dialectica* moldada pelo *Organum* de Aristoteles; Diogo Hurtado de Mendoza fazia uma *Paraphrasis* ao philosopho stagirita; Diogo de Herrera glosava a *Metaphysica* do mesmo auctor, etc. ¹⁾ A escolastica era a philosophia professada em todas as escolas mais celebres: assim o attesta a historia da universidade de Tolosa, Avinhão, Alcala, Louvain, Douai, Ingolstadt, Colonia, e das outras a que nos temos referido.

Não era só na universidade de Salamanca que os estudantes portuguezes iam instruir-se, mas procuravam tambem as escolas da França e da Italia. Alvaro Paes ²⁾, que veio a ser bispo de Silves, estudou em Bolonha e em Paris, onde foi discipulo de João Duns Scoto. Em 14 de setembro de 1192, D. Sancho I doou ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra quatrocentos morabitimos de sua fazenda para sustentação dos conegos do dito mosteiro, « *que estudam em as partes de França* » ³⁾. Decerto o monarcha referia-se aos que frequentavam as universidades de Paris e Montpellier, tão preferidas pelos portuguezes d'esse tempo. Santo Antonio de Lisboa professou a theologia em Verceil, Bolonha, Montpellier, Padua e Limoges, deixando em toda a parte a fama das suas virtudes e do seu saber. ⁴⁾ O portuguez Pedro Hispano, ao depois papa sob o nome de João XXI e um dos homens mais illustres do seculo XIII, foi um dos logicos mais distin-

¹⁾ Obr. cit., pag. 34 e seg.

²⁾ D. Vicente Lafuente, na *Historia de las Universidades en España* (Madrid, 1884), tom. I, pag. 148, chama-lhe *Alvar Sampayo* e parece inclinar-se á opinião de que era gallego. A verdade é que era portuguez e Santarem orgulha-se de o ter por filho. Falleceu em 1353. — Vid. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tom. I, pag. 108 e seg.

³⁾ « Qui in partibus Gallie studiorum causa commorantur... » *Chronica dos conegos regrantes*, P. II, liv. VII, cap. XV.

⁴⁾ Em Bolonha teve Santo Antonio por companheiro, no ensino da theologia, Rolando Bandinelli, papa sob o nome de Alexandre III, e talvez tambem Santo Thomaz de Aquino. — Tiraboschi, *Storia della Letter. ital.*, t. IV, pag. 315, cit. por Theophilo Braga, *Historia da Universidade de Coimbra*, tom. I, pag. 91.

ctos da universidade de Paris. ¹⁾ A seu respeito escreve o sr. Theophilo Braga : « Pedro Hispano era natural de Lisboa, freguezia de S. Julião, arcediago de Vermoim, D. Prior de Guimarães, sendo nomeado cardeal de Frascati pelo papa Gregorio X no concilio geral de Leão em 1274, e successor de Adriano V em 1276 com o titulo de João XXI. D'este pontifice portuguez, cujo nome figura como bispo de Braga confirmando os documentos do reinado de D. Affonso III, diz Martinho de Fulda : « *Fuit magnus medicus, et scripsit librum de Medicina, qui Thesaurus pauperum vocatur.* » Porém a sua grande influencia nas escholas medievas foi com a Logica, as *Summulas*, ás quaes ainda alludia Kant, quando para dizer de um individuo que não tinha juizo, empregava a periphraze : *Falta-lhe a segunda de Pedro*. As *Summulae Logicales* foram attribuidas a Miguel Psello, escriptor do seculo XI, pertencendo a Pedro Julião apenas a traducção do grego, ²⁾ porém esta asserção não assenta em fundamento algum, ao passo que Dante, e Ricobaldi de Ferrara, do seculo XIII, affirmam que Pedro Hispano fizera tratados de logica ³⁾, sendo alguns d'elles traduzidos em grego trinta annos depois da sua morte. ⁴⁾ A grande reputação europêa de Pedro Hispano não deixaria de actuar na determinação do rei D. Diniz para fixar em Portugal os talentos que andavam elevando as Universidades estrangeiras. Durante

¹⁾ O nome de Pedro Hispano ou Pedro Julião foi immortalizado por Dante na *Divina Comedia*.

Ugo da San Vittore, è qui con elli
E Pietro Mangiator, e PIETRO HISPANO
Le qual già luce in dodici libelli.

(Paraiso, Canto XII).

Os *dodici libelli* a que o poeta se refere são os doze tractados em que se dividem as *Summulae logicales* de Pedro Hispano.

²⁾ « Bartholomeu Keckermmman, t. I *Op. Praecog., Log.* pag. 105 e 107. »

³⁾ « Eceardi, *Corpus hist. medii aevi*, tom. I, col. 1219. »

⁴⁾ « Nessel, *Catalogus, sive recensio specialis omnium Cod. Ms. grecorum Bibliothecae Caesareae Vindebon.* Part. 5. Cod. 128, onde se acha assim descripto : « *Excerpta miscelanea ex diversis etc. . . Ex Dialecticae Mag. Petri Hispani, interprete Georgio Schelario.* »

toda a Edade média as doutrinas de Pedro Hispano, vulgarizador da logica aristotelica, influiram constantemente na direcção do ensino europêu, especialmente dialectico.»¹⁾

Uma das razões que o abba de Alcobaça, o prior de Santa Cruz e outros ecclesiasticos allegavam, quando pediram ao Papa que confirmasse o Estado geral de Lisboa, era a difficuldade que tinham os portuguezes de ir estudar nas Universidades estrangeiras: «Consideramos que muito convém aos reinos mencionados (*de Portugal e Algarves*) e aos seus habitantes terem dentro d'elles o estudo das lettras em todas as faculdades; porque, embora muitos queiram estudar e desejem ligar-se á ordem clerical, todavia, pelo inconveniente das despezas, pelo perigo dos caminhos e risco das pessoas, receiam e não ousam nem commodamente podem transportar-se a terras longinquas para estudarem, e assim contra sua vontade ficam leigos e teem de desistir do seu bom proposito acima referido.»²⁾

(*Continúa*).

FORTUNATO DE ALMEIDA.



¹⁾ *Hist. da Univ. de Coimbra*, tom. 1, pag. 90 e 91. Acêrca de Pedro Hispano veja-se: Daunou, *Histoire littéraire de la France*, tom. XIX, pag. 330; Hauréau, *De la Philosophie Scolastique*, tom. 1, pag. 214; L. Hain, *Répertoire biographique*; Ch. Thurot, *De la Logique de Pierre d'Espagne*; Lopes Praça, *História da Philosophia em Portugal*, pag. 33 a 38; Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tom. II, pag. 561. Teremos adeante occasião de fallar da obra philosophica de Pedro Hispano.

²⁾ ...«Consideramus valde expedire Regnis supradictis, vel scriptis, et habitatoribus in eisdem habere in qualibet facultate generale studium literarum, cum multi studere volentes, et cupientes ascribi ordini clericali, propter expensarum defectum, viarum discrimina, et pericula personarum non audeant, timeant, nec commodè possint ad partes longinquas ratione studii se transferre, et sic inviti efficiuntur laici, et oportet eos recedere a suo bono proposito supradicto.» — *Monarchia Lusitana*, Appendice á Parte V, Escriptura XXI.

A MISSÃO SCIENTIFICA DA EGREJA

(Conclusão da pag. 136)

Os Pontifices romanos foram sempre os melhores amigos dos povos, os mais decididos patronos da civilização, os homens providenciaes que, se bem que tinham por missão especial a eterna salvação das almas, não se esqueciam de mostrar praticamente que o christianismo a elles confiado como seus depositarios e interpretes, é a unica religião que pode realisar o bem temporal dos individuos e das collectividades, ainda que não é este, mas a felieidade eterna de todos, o seu fim supremo.

Só a obra dos Concilios bastaria de si para tecer a mais remontada apologia do Papado. Convocados pelo Papa, por elle presididos e sanccionados, os Concilios, firmando a fé, fulminando as heresias e scismas, restabelecendo a disciplina ecclesiastica e vingando a liberdade e independencia da Egreja, a dignidade e os direitos da razão humana, não só restabeleceram a ordem e a paz nas sociedades agitadas pelas violentas paixões dos falsos reformadores, não só imprimiram nos codigos o character d'uma civilização accentuadamente christã, mas ainda prepararam as grandes victorias da fé catholica, victorias que foram como que a aurora das grandes conquistas do genio do homem nos vastos dominios das sciencias.

O christianismo proclamou a egualdade e a fraternidade entre os homens ensinando os dogmas da unidade da especie

humana e da universalidade da redempção. A escravatura é a antithese d'aquella formosa doutrina sellada com o sangue de Jesus Christo. Pois bem: os Papas foram sempre os defensores natos dos pobres escravos contra a prepotencia e despotismo cruel dos senhores; ao Papado se deve o acabamento da escravatura. Alexandre III, Urbano VIII, Pio III, Bento XIV, Gregorio XVI, Pio IX e Leão XIII são outros tantos apóstolos da liberdade dos escravos: a palavra d'aquelles grandes Pontifices ou lhes minorou as agruras da sua desditosa sorte ou lhes quebrou as pesadas algemas da sua escravidão.

O prestigio da auctoridade, a obediencia á lei, a constituição eminentemente social da familia, as instituições sociaes que, em todos os tempos, produziram beneficos resultados e que ainda hoje se conservam como restos de passada gloria, como monumentos levantados ao genio, á prudencia e sabedoria dos Pontifices romanos, são obras inspiradas e levadas a effeito por estes homens benemeritos. Apoiando-se nas Escripturas e no ensino tradicional dos seculos christãos, os Papas fixaram a origem divina do poder, a grandeza sobrenatural da obediencia á lei, e, d'este modo, revestiram a auctoridade humana d'um prestigio verdadeiramente divino e coroaram a obediencia com a aureola d'uma virtude que torna o homem semelhante a Christo; definiram a unidade e a indissolubildade do matrimonio, verdadeiro sacramento da Nova Lei, e d'este modo realisaram na familia o ideal divino do Homem-Deus; abriram em toda a parte innumeraveis estabelecimentos de instrucção e beneficencia, e d'este modo derramaram a luz do espirito em todas as camadas sociaes e coroaram a dor, o infortunio, a miseria e a desgraça com o diadema celeste da caridade christã, que inspira a grandeza d'alma para todas as adversidades.

Com razão dizia o conde de Maistre: «Deus prometteu fundar sobre uma serie de homens como nós uma Igreja immortal, indefectivel e santa. E assim o fez, sem que o caracter moral dos Papas influisse jámais sobre a fé. Se as debilidades e paixões d'alguns mostraram por vezes que eram

homens, estes momentos foram de curta duração, e nenhum throno manifestou nunca tanta sabedoria, sciencia e virtude. N'uma palavra, os Pontífices presidiram á civilisação, foram os protectores da liberdade civil, os apóstolos infatigaveis da soberania, os inimigos do despotismo, os conservadores das artes, os destruidores da escravidão, os bemfeitores do genero humano.» ¹⁾

S. Gregorio o Grande é um assombro de sciencia e erudição. As suas cartas que, na pureza de linguagem, rivalisam com as de Cicero, exerceram grandissima influencia nos progressos da litteratura christã. Innocencio III é uma das mais bellas figuras da historia. Os principes, os jurisconsultos, as eminencias scientificas da sua epocha recorriam a este homem verdadeiramente grande e consultavam-n'o como a um oraculo de saber. Gregorio VII e Bonifacio VIII, o primeiro principalmente, nas suas luctas titanicas com os imperadores da Allemanha, traçaram os limites dos dous poderes, e d'este modo fixaram as verdadeiras noções do direito publico nas suas relações com a Egreja.

Leão X occupa na historia do pontificado uma pagina brilhante pelo seu amor entusiasta ás artes e letras. Foi elle que vulgarisou na Italia as inspirações poeticas de Dante, Petrarcha e Baptista de Mantua; foi elle que restaurou os estudos das linguas orientaes com grande proveito da critica biblica, que hoje não teria o esplendor que tem, se não fossem os trabalhos d'aquelle grande Papa; foi elle que deu novo impulso ás obras da basilica de S. Pedro, maravilha do genio, que ainda hoje se ostenta na Cidade Eterna com a sua cupula grandiosa, perdida na immensidade do espaço, proclamando aos seculos e ás civilisações a grande influencia do Pontificado romano sobre a concepção do bello e sobre a concretisação da esthetica christã; foi elle, enfim, que deu ao seculo XVI o nome glorioso por que hoje é conhecido.

«No seculo XVI, diz um moderno escriptor, a Italia era uma verdadeira terra da promissão, que todas as intelligen-

¹⁾ *Du Pape.*

cias desejavam conhecer. Os Alpes inclinavam-se, não deante dos passos d'um novo Annibal, mas para darem passagem a alguns homens obscuros que anhelavam estudar os progressos do genio, interrogar as ruinas e os manuscriptos recentemente descobertos, contemplar cheios de admiração os quadros de Giotto e passar por debaixo d'algumas d'essas elegantes cupulas que sahiram das mãos de Arnolfo ou de Brunelleschi, para se inspirarem nas maravilhas que a cidade lhes offerecia e ouvir os cantos do poeta, na epocha em que todas as lyras estavam mudas.

Tudo revivia na Italia: artistas, philosophos, senhores, monarchas e povo. Em Florença, o povo com a cabeça descoberta, com ramos de oliveira na mão, acompanhava respeitosa e procissão, uma imagem da Virgem, obra prima de Cimabue; em Ferrara repetiam-se em côro as estrophes de Rolando; nos Apeninos, os proprios malfeitores inclinavam-se com respeito deante de Ariosto. Quando Luthero levantava o estandarte de revolta proclamando a auctoridade infallivel da razão individual, Bandinelli creava o grupo do altar-mor de Santa Maria *del Fiori*; Angelo Politino e Pico de Mirandola desciam triumphantemente aos seus sepulchros da Igreja de S. Marcos de Veneza e Bounarrothe creava a *Noite*, o *Giorno*, o *Pensiero* e a estatua colossal de David. Veneza, Ferrara, Milão, Bolonha, Parma, Ravenna, Florença e Roma, n'uma palavra, cada cidade da Italia, era como que o ponto central das artes, das luzes e das sciencias.»⁴⁾

Leão X foi a alma de todas estas maravilhas, foi a vida de todo este movimento, foi a luz mais a inspiração de todas estas glorias que tanto illustram o Pontificado romano.

Bento XIV, grande theologo e profundo jurisconsulto, é um dos vultos mais imponentes e grandiosos do seculo XVIII.

Os Pontífices romanos foram os restauradores da litteratura grega e latina, foram elles que receberam com generosa hospitalidade os sabios perseguidos pelos imperadores iconoclastas, que conservaram nas escolas claustraes os pre-

⁴⁾ Citado por Gonzalez — *Le pape em tous les temps*, versão franceza,

ciosos thesouros do antigo saber, que protegeram os litteratos byzantinos expulsos da sua patria pelo despotismo musulmano. E vindo aos tempos actuaes, todòs sabem que na grande exposiçãõ de Londres, a secçãõ pontificia foi proclamada «a perola do Palacio de Crystal». Na exposiçãõ internacional de Dublin de 1866, a attençãõ publica fixou-se principalmente nos productos enviados pelo governo pontificio; os jornaes de Dublin unanimemente louvaram as obras magnificas pelas quaes a Roma papal conserva e augmenta a sua justa reputaçãõ artistica e scientifica ¹⁾. Esta reputaçãõ augmentou sobremodo na grande *feira do mundo*, na ultima exposiçãõ de Chicago.

Com justiça dizia Chateaubriand: «O Papado mostrou-se quasi sempre superior ao seu seculo. Tinha idéas de legislaçãõ e de direito publico, conhecia as bellas artes, as sciencias, a politica, na epocha em que as trevas das instituições gothicas se espalharam por toda a parte. O Papado não fazia monopolio da luz: derramava-a por toda a parte; destruia as barreiras que os prejuizos levantaram entre as nações, adocava os costumes, arrancava os povos da ignorancia e da pratica de costumes grosseiros e ferozes. Os Papas foram missionarios das artes enviadas aos barbaros, legisladores entre selvagens. — *Só o reino de Carlos Magno*, diz Voltaire, *teve uns clarões de politica que foi, provavelmente, o fructo de uma viagem a Roma.* — É um facto geralmente reconhecido que a Europa deve á Santa Sé a sua civilisaçãõ, uma parte das suas melhores leis e quasi todas as suas sciencias e artes.»

Ha porém uma creaçãõ admiravel, verdadeiramente prodigiosa, unica, que é um monumento imperecedouro levantado á missãõ scientifica da Igreja e á benefica influencia do Papado na civilisaçãõ da humanidade. Referimo-nos á congregaçãõ *Propagande Fide*, instituida por Gregorio XV em 1622. Parece que se reproduz n'esta admiravel instituiçãõ o milagre ha dezenove seculos realisado no Cenaculo em dia de

¹⁾ D'Arsac, *La Papauté*.

Pentecostes. Falam-se na *Propaganda* todas as linguas conhecidas, e em todas estas linguas se prega em Roma o Evangelho, em todas se imprimem catechismos de boa nova, dictionarios e obras para augmento das christandades formadas por missionarios enviados pelo Papa. A *Propaganda* envia actualmente illustrados apóstolos do Evangelho á Inglaterra, Escossia e Irlanda; á Dinamarca, Suecia e Noruega; á península dos Balkans; á Armenia, Syria, Palestina e Chypre; ás Indias orientaes e occidentaes; á Indo-China, ilhas Neerlandezas e Philippinas; á China occidental e oriental; á Africa septentrional, central e meridional; ao Canadá; ás provincias de Quebec, Halifax e Toronto; aos Estados Unidos, á Australia e Polynesia, á Terra do Fogo... a toda a parte onde ha almas para salvar. E estes benemeritos apóstolos enviados pelo Papa levantam em toda a parte Templos e altares, abrem asylos e escolas, constroem grandiosos edificios d'instrucção superior, dirigem soberbos observatórios astronomicos e meteorologicos, e mandam para os museus da Europa, para as sociedades sabias, para as academias, preciosos objectos, memorias e descobrimentos que são uma gloria para o catholicismo, uma riqueza para a sciencia, um beneficio inestimavel para a civilisação.

* * *

O pontificado de Leão XIII é mais uma prova d'esta le-historica induzida da analyse dos factos: o Papado é um elemento poderoso, o primeiro e mais effizaz de todos os progressos da actividade humana. Com referencia ao Pontifice felizmente reinante, ahí está, omittindo outros factos que já immortalisaram o seu pontificado, a Encyclica de 4 de agosto de 1879. N'esta memoravel Encyclica, Leão XIII restaura nas escolas a doutrina e o methodo scientifico de Santo Thomaz de Aquino. O alcance e transcendencia d'esta opportuna e providencial restauração, expõe-n'o o sabio Pontifice com admiravel clareza e precisão.

Levar-nos-hia muito longe, teriamos até de escrever um volume, se quizeramos indicar summariamente as obras mo-

numentaes que a Encyclica *Aeterni Patris* inspirou. É admiravel o movimento scientifico que ora se observa no mundo catholico. Parece que revivem os tempos em que os pensadores christãos, dedicados ao estudo e meditação das obras de Santo Thomaz, escreveram profundos tractados em que são discutidos os mais arduos problemas da philosophia, de theologia, do direito e das sciencias mais intimamente relacionadas com o dogma.

A luz purissima da doutrina de Santo Thomaz começa novamente a honrar os horisontes da sciencia. Academicos celebres, sabios de renome universal, especialmente na Allemanha, applaudem com entusiasmo a Encyclica providencial, e prenunciam um futuro de esplendor sem par para os differentes ramos do saber humano. A obra de restauração scientifica de Leão XIII, a julgar pelo grande movimento que já produziu no mundo sabio, será a obra mais gigantesca do seculo XIX. O seu fim é reconstruir o edificio das crenças religiosas e sociaes, lançar as bases solidas sobre que ha de erguer-se o edificio da sciencia illuminada pelos esplendores da fé.

É n'esta obra sublime do Papado, que se devem educar as gerações, os governos, os mestres, as corporações scientificas, todas as forças vivas da sociedade, para que sejam o que devem ser, elementos de progresso e ordem, factores poderosos da verdadeira civilisação, a civilisação christã.

A par dos nomes immortaes dos Pontifices que bem mereceram da sciencia, da litteratura e da civilisação, a historia escreverá o nome glorioso de Leão XIII. E o Papado, que sempre marchou á frente de todos os empreendimentos do genio do homem e que sempre os abençoou; o Papado, que civilisou os barbaros, que foi a arca santa onde se salvaram as lettras e os thesouros do saber antigo, que sempre conferiu corôas e palmas aos homens que assignalaram a sua passagem sobre a terra pelos seus serviços á sciencia e ao bem da humanidade, terá em Leão XIII mais uma prova esplendida da missão scientifica da Egreja e da sua indole eminentemente civilisadora.

DR. SILVA RAMOS.

MISSIONARIOS PORTUGUEZES NO BRAZIL

(Continuação de pag. 142)

A fama d'este zelo dos missionarios em defender a liberdade dos indios espalhou-se logo entre estes, de tal forma que, em qualquer parte onde um padre ia fazer a sua missão, os naturaes recebiam-n'o em festa e procuravam cobril-o de obsequios. Isto facilitava consideravelmente não só a instrução e evangelisação dos selvagens, mas o augmento da influencia e do prestigio do nome portuguez.

Em 1551, o padre Manuel da Nobrega, apostolo fervoroso e illustrado, que ganhára os laureis da sciencia nas universidades de Coimbra e Salamanca, e adquirira a fama da virtude em continuos trabalhos do ministerio sagrado, dirigiu se a Olinda, acompanhado do padre Antonio Pires, para intentar uma cruzada a favor dos pobres indios e contra a licença de costumes em que viviam os portuguezes d'aquella terra.

Os naturaes partiram logo de suas aldeias, carregados de presentes para offerecerem as padres, que elles consideravam como anjos salvadores, pela noticia que já tinham de suas obras. Mostraram grande empenho em ser catechisados, e extrema docilidade aos conselhos e exhortações dos abaréguaçús, como elles chamavam aos padres, que desejavam conservar em sua companhia.

Como sempre, as maiores difficuldades da missão appareciam n'aquelles que, tendo captivado os indios ou vivendo

vida escandalosa com as indias, não queriam largar as victimas da sua ambição ou da sua sensualidade. Desculpavam-se que o seu procedimento obedecia á necessidade, e portanto era licito, como se os principios da moral e da justiça podessem compadecer-se com o desregramento da carne ou com os desvarios da ambição.

Estas contrariedades não conseguiram afrouxar o zelo dos religiosos em trabalhar n'uma reforma dos costumes, principalmente no que respeitava á honestidade e á liberdade dos indios. O padre Nobrega era incansavel no seu apostolado, aproveitando todas as occasiões para o desempenhar. No pulpito, nas ruas e praças publicas, nas conversas particulares, em toda a parte onde se encontrava, opportuna e inopportunamente, como dizia S. Paulo, sempre o padre Nobrega estava na brecha, sereno como um justo, firme como um apóstolo, combatendo pela liberdade dos indios, atacando a immoralidade que lavrava no meio dos europeus.

E toda esta nobilissima campanha — ó seculo das luzes e da liberdade, ó philosophos que insultaes benemeritos da humanidade e do progresso! — toda esta campanha era empreendida e executada por homens que envergavam a humilde sotaina da Companhia de Jesus, por esses mesmos jesuitas que todos os dias cobrís de improperios. Os verdadeiros obreiros da civilisação eram esses, que deixavam na Europa todos os commodos da existencia, todas as venturas da abundancia e todas as seducções da grandeza, e marchavam á porfia, humildes e contentes, a levar o nome de Christo e o nome de Portugal aos sertões do Brazil e ás terras do oriente.

As prégações do padre Manuel da Nobrega, tão exalçado pela fama de suas virtudes, produziram fructos abençoados. Muitos escravos foram postos em liberdade, a outros suavizou-se o jugo que os opprimia. Emendou-se consideravelmente a desenvoltura de costumes, e trabalhou-se com o mais generoso empenho na instrucção e educação dos indigenas. Colheita de almas para Deus e de espiritos para a civilisação!

E todavia, espiritos refractarios a tudo que não seja o seu interesse pessoal e a satisfação de instinctos brutaes, co-

meçaram logo a semear a discordia e amotinar o povo contra os padres! Foi preciso que alguns homens do governo, sinceros e verdadeiramente dedicados, castigassem a insolencia e reprimissem os desmandos de espiritos mesquinhos.

* * *

Outro apostolo da liberdade dos indios foi o padre Luiz da Gram, e como este podiamos nomear muitos outros benemeritos da civilisação.

Em 1564 os moradores da Bahia e de algumas aldeias visinhas, que tinham sido aggremiadas por cuidado dos padres, foram atacados pelo flagello da fome, que succedia ao da peste. A consternação era geral e os missionarios não se descuidaram de acudir com os soccorros do corpo ao mesmo tempo que ministravam os auxilios da religião. A necessidade obrigou a tudo os pobres indios, até a contractarem os seus serviços por toda a vida ou parte d'ella; outros vendiam os proprios filhos, a troco de alimentos. Muitos fugiam das aldeias e internavam-se nas florestas.

Os padres presencavam com profunda magua estes dolorosos acontecimentos, que inutilisavam os seus trabalhos de alguns annos. Augmentava o numero dos infelizes escravos, prejudicava-se consideravelmente a obra da colonisação, e os neophitos que fugiam para o interior corriam o perigo de voltar ás suas antigas superstições, esquecendo completamente os rudimentos da fé christã.

A todos estes inconvenientes procuraram os padres obstar o melhor possivel, arriscando por vezes a propria vida. Pelo que respeita aos indios feitos escravos n'aquellas apertadas circumstancias, consultou-se para Lisboa sobre a validade de taes acquisições. A resposta foi favoravel relativamente aos que se vendiam a si proprios ou vendiam seus filhos; mas fóra d'esta regra havia muitos escravos que eram dignos de commiseração e de justiça, e logo se tractou de lhes acudir. O bispo da Bahia, D. Pedro Leitão, o padre provincial Luiz da Gram, o governador Mem de Sá e o ouvidor geral Braz

Fragoso, resolveram publicar a consulta que chegára de Lisboa, e declarar livres todos os que tinham sido vendidos por pessoas que sobre elles não tinham direito.

Para evitar que os indios resgatados por esta fórma cahissem na miseria e no abandono, ou voltassem á vida selvagem que d'antes tinham levado, permittiu-se aos que os tinham em seu poder a faculdade de os conservarem, com diversas condições, entre as quaes a de lhes annunciarem a liberdade, darem-lhe uma remuneração e não os poderem vender, nem dar, nem trocar; não querendo possuil-os n'estas condições deviam entregal-os, recebendo o preço, aos que lh'os tinham vendido, mas sem titulo algum de dominio.

Isto não era tudo, mas ao menos era alguma cousa. Os padres da Companhia eram os primeiros a lamentar a deficiencia de taes medidas, sem todavia poderem completal-as e remediar o mal por completo. Em todo o caso não se fazia assim um beneficio aos indios e uma conquista para a civilisação?

Ha um outro facto que prova eloquentemente o grande empenho dos missionarios em defender a liberdade dos captivos. Segundo uma sentença que fôra promulgada, todos os indios caetés deviam expiar o assassinato do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, sendo reduzidos á escravidão elles e os seus descendentes. Abusou-se d'esta sentença, apresando não só os indios condemnados mas muitos outros que n'ella não estavam comprehendidos. Os missionarios conseguiram então que na Bahia, como na Europa, durante a edade media, as egrejas fossem um asylo seguro e uma garantia da liberdade para aquelles que alguém pretendesse reduzir á escravidão e n'ellas se refugiassem.

A mesma cruz que no velho continente salvára a sociedade nos seculos medievaes e guiára os povos atravez de todos os cataclysmos, até ao despontar da renascença e aos esplendores da civilisação moderna, — erguia-se tambem nas plagas da America, nos primeiros dias do seu convivio com a Europa, como estandarte de progresso e base de toda a organisação social.

Dissemos anteriormente que um dos meios por que os jesuitas procuravam defender a liberdade dos indios era aconselhar ao governo da metropole medidas acertadas contra os abusos da escravidão.

Effectivamente foram publicadas muitas leis n'este sentido, em diversas épocas, segundo a necessidade dos tempos e a urgencia das circumstancias. Durante o governo dos Filippes, por exemplo, adoptaram-se muitas disposições, de que agora não daremos circumstanciada noticia, para não tornar demasiado extensa a nossa narrativa.

Ora, que essas leis eram inspiradas pelos missionarios jesuitas provam-n'o muitos documentos existentes na Torre do Tombo, em Lisboa, e nos archivos do Rio de Janeiro. Bastantes d'esses documentos foram copiados do original e publicados em diversos volumes da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. São geralmente cartas dos missionarios, cheias de um grande interesse historico, sendo para notar as do padre Manuel da Nobrega, que n'uma linguagem encantadora e singela descreve os progressos da colonisação do Brazil e os costumes dos seus habitantes.

Em carta de 9 de agosto de 1549, escripta ao padre Simão Rodrigues, referindo-se a alguns negros que barbaramente haviam sido reduzidos á escravidão e depois libertados a instancias dos padres, escreve Manuel da Nobrega: «Desejo muito que Sua Alteza encomendasse isto muito ao Governador, digo, que mandasse provisão para que entregasse todos os escravos salteados para os tornarmos a sua terra,» etc.

Taes palavras, e como estas podiamos citar outras muitas, demonstram não só que os missionarios se esforçavam por defender a liberdade dos indios, mas ainda n'isso empenhavam a sua influencia e o seu prestigio.

Santa obra de civilisação, que depois havia de ser paga com tantas perseguições e crueldades!

(Continúa).

FORTUNATO DE ALMEIDA.

PROBLEMAS DE PHILOSOPHIA NATURAL

I

O CONCEITO DE VIDA

(Continuação de pag. 103)

Ao passo que os seres não vivos são em parte simples e em parte chimicamente compostos ou mixtos, os seres vivos são todos compostos. Nos compostos não vivos, os elementos constituitivos são poucos; nos vivos apparecem, geralmente, numerosos elementos e estes combinados em proporções mais complexas.

Nos seres vivos ha elementos substanciaes que nunca se encontram nos não vivos, taes como o assucar, o alcool, o amylo e substancias gordurosas. A estrutura dos seres não dotados de vida é, em toda a sua extensão e espessura, homogenea; a dos vivos, pelo contrario, forma uma synthese, onde ha unidade e variedade, isto é, um todo harmonico, composto de elementos ou órgãos diversos, porque são destinados a diversas funcções. A planta, por exemplo, é *um* todo harmonico, mas não homogeneo, porque tem raizes, tronco, folhas, flores, órgãos de respiração e de circulação de seiva, etc.; o animal é *um* composto substancial, mas constituido de varios órgãos cada um dos quaes é adaptado a uma funcção physiologica especial. E este phenomeno da não homogeneidade dos seres vivos vae até ao ponto de cada um dos

orgãos que os constituem ser formado de varios elementos, tão admiravelmente dispostos e combinados, que é impossivel não reconhecer n'este surprehendente phenomeno, que a histologia nos revela, um designio providencial sabiamente concebido e realisado.

Santo Thomaz de Aquino dá a razão da diversidade de orgãos nos seres vivos, e da homogeneidade de estructura nos não vivos. « No corpo vivo, diz o angelico Doutor, é necessaria a diversidade de orgãos, por causa das diversas operações da alma. Sendo a alma a forma perfectissima entre as formas das cousas corporeas, é o principio das diversas operações e exige por isso diversidade de orgãos na materia que informa. Pelo contrario, as formas das cousas inanimadas, por causa da sua mesma imperfeição, são principios de poucas operações e não exigem por isso diversidade de orgãos nos seus sujeitos ⁴⁾ » Mas, apesar de diversos, os orgãos dos seres vivos auxiliam-se mutuamente, vivem intimamente unidos, sem que esta união harmonica e mutuo auxilio immediato ou mediato destrua a independencia de cada um, a subordinação d'um aos outros e a de todos ao principio unico que os informa, a alma, como em logar opportuno se demonstrará.

Nos corpos inorganicos, nada d'isto. São seres homogeneos que, estudados e analysados n'uma pequena parte em que os dividamos, estão estudados e analysados em toda a sua quantidade dimensiva. A homogeneidade dos seres não dotados de vida é, absolutamente, sem solução de continuidade.

Alem d'esta notavel carecteristica differencial entre os corpos não vivos e os vivos, temos outra que merece estudo mais detido. Os corpos não vivos apparecem e, digamos assim, reproduzem-se de novo ou pela synthese ou pela ana-

⁴⁾ Diversitas organorum necessaria est in corpore suscipiente vitam, propter diversas operationes animæ. Anima enim cum sit forma perfectissima inter formas rerum corporalium, est principium diversorum operationum; et ideo requirit diversitatem organorum in suo perfectibili. Forma vero rerum inanimatarum propter sui imperfectionem sunt principia paucarum operationum, unde non exigunt diversitatem organorum in suis perfectilibus. *De Anim.* liv. 2, lect. 1, § f.

lyse d'outros corpos, ou por transmutações substanciaes realisadas na materia mediante a acção de certas leis chemicas. Os seres vivos, pelo contrario, nascem d'um germen, d'uma cellula, d'um ovo fecundado por um individuo da mesma especie e d'elle proveniente, dando assim origem e desenvolvimento, pela evolução biologica, a um novo ser vivo. D'aqui o aphorismo: *Omnis cellula ex cellula*, ou como o formulam outros: *Omne vivum ex ovo vel semine*.

Mas aqui sae-nos a moderna escola de Hæckel, antigo professor de zoologia na Universidade de Iéna, com a sua theoria da «organisação espontanea da materia», impropriamente chamada theoria da «geração espontanea». Toda a substancia d'esta theoria, brilhantemente refutada, no campo da observação experimental, por Milne Edwards, no Muséum de Paris, em 1864, e mais ainda pelas admiraveis investigações e descobrimentos de Pasteur, pode reduzir-se a isto: «Os seres vivos não provém d'outros igualmente vivos; são o resultado da conversão espontanea da materia não viva em materia viva.» Segundo Hæckel, que bem pode considerar-se como o patriarcha do materialismo contemporaneo, todas as manifestações da vida, e particularmente os phenomenos de nutrição e reproducção, são devidos ás propriedades do carbone ou, pelo menos, da albumina. Os corpos vivos differem dos inorganicos em que n'aquelles o desenvolvimento opera-se por intus-suscepção, n'estes pela addição externa de materia nova. A forma de cada crystal ou de cada organismo, é simplesmente o resultado da lucta de dous factores: d'uma força plastica interna resultante da constituição molecular do corpo, e d'uma força plastica externa resultante da influencia do meio. A prova de que as combinações organicas não são necessariamente productos d'outros organismos, dá-no-la a chimica, que actualmente fabrica todos os elementos da materia organica, como o alcool, a urêa, etc. ¹⁾ O estudo das *moneras*, pequenas massas informes d'albumina sem differen-

¹⁾ E até fabrica ovos que na forma externa, na constituição interna e no sabor se confundem com os naturaes. Ainda, porém, não fabricou nenhum que sob a acção do calor necessario para a fecundação, produzisse um ser vivo.

ciações de funcções, subministra os mais valiosos argumentos em prol da « organização espontanea da materia ». Assim falam Hæckel e os seus admiradores, aquelles mesmos talvez que tanto se indignam contra o antigo *ipse dixit* do mestre. Bem servida está no entanto a sciencia, se os taes argumentos fornecidos pelo estudo das *moneras* em favor da « organização espontanea » da materia são tão valiosos como o famoso *Bathybius*, organismo sem orgãos, que parece formado espontaneamente no fundo dos mares, mas que não passa, como nol-o demonstrou uma rigorosa analyse chimica, d'um pouco de sulphato de cal.

Não é nova a theoria de Hæckel. Epicuro dizia : « A terra é a mãe commum de tudo que vive. E d'esta origem tão simples nem o homem é exceptuado. » Por sua parte Aristoteles accrescenta : « Ha animaes que são gerados por outros ; ha porém alguns que nascem espontaneamente, sem serem produzidos por outros animaes semelhantes. Estes nascem da terra putrefacta ou de plantas como a maior parte dos insectos. . . » Diodoro conta que alguns animaes nascem do lodo do Nilo aquecido pelos raios do sol ; Plutarcho, Plinio e Lucrecio, o cantor do materialismo de Epicuro, narram lendas semelhantes ; e, finalmente, Virgilio resumiu em elegantissimos versos, no quarto livro das Georgicas, a crença do paganismo de que muitos animaes eram gerados pela terra ou pela materia em putrefacção, mediante não sabemos que energia occulta inherente á materia, ou mediante o influxo dos corpos celestes. Estas e outras lendas analogas provenientes da ignorancia das sciencias naturaes encontraram ecco em alguns espiritos da edade media ; até que no seculo XVII Redi, medico florentino, Malpighi, Réaumur e Geer combateram com factos o erro das gerações espontaneas. A invenção do microscopio rasgou novos horisontes ás investigações scientificas sobre a genese dos seres vivos. Os trabalhos de Schultz, Schwann, Milne Edwards, Schröder, Dusch, Haine, Claude Bernard, Dumas, Balbiani e, sobre tudo, do immortal e benemerito Pasteur, mostram até á evidencia que a theoria da organização espontanea da materia é radicalmente falsa.

Antes, porém, de darmos uma noticia resumida d'aquelles trabalhos, que vieram confirmar a doutrina da philosophia christã sobre a origem da vida, é conveniente que indiquemos as tres hypotheses em que se desdobra a absurda hypothese a que emphaticamente chamaram *heterogenia*, ou formação physiologica dos seres vivos, completamente differente dos phenomenos ordinarios de reproducção natural, e em opposição á *homogenia*, palavra que designa o nascimento de plantas e animaes procreados por seres vivos da mesma especie.

O heterogenismo ora sustenta que os seres vivos foram formados pelo concurso exclusivo de elementos inorganicos (*agenesia*); ora afirma que as moleculas d'um corpo organizado teem a faculdade de se reconstituirem por si mesmas, depois da desorganisação d'aquelle corpo, em novos corpos vivos da mesma natureza (*necrogenesia*); ora, finalmente, proclama que todo o ser vivo é apto para gerar seres d'uma organisação differente da sua, aos quaes só transmite o principio vital sem character algum de especie ou familia. O fim principal da heterogenia hækkeliana é negar a creação. « Ou havemos de admittir, diz Hæckel, a geração espontanea, ou a idéa do milagre d'uma creação ¹⁾ » Soury, traductor francez da obra d'Hæckel — *Les preuves du transformisme*, diz, no prefacio d'esta obra: « Não ha, com effeito, outra alternativa, para explicar a origem da vida. Quem não crê na geração espontanea, ou antes na evolução secular da materia inorganica em materia organica, admite o milagre. É uma hypothese necessaria, e que não pode ser destruida por argumentos *a priori*, nem por experiencias de laboratorio. » Não se admirem os nossos leitores do entono e ar de infalibilidade com que falam estes sabios, porque falam assim todos os materialistas que preferem os mais repugnantes absurdos ás soluções positivas da sciencia, quando estas soluções vêm confirmar o veridictum da razão e da fé. E então decretam *a priori* a impossibilidade do milagre, da creação, de tudo, emfim, que pode esmagar o seu odio implacavel á fé. Pois vamos ver se as experiencias do laboratorio e a

¹⁾ *Histoire de la création naturelle.*

propria razão dizem alguma cousa em prol da tal evolução secular da materia bruta em materia viva.

A controversia ácerca das gerações espontaneas entre Pouchet e Joly, que as defendiam com todos os monistas ou transformistas da escola de Hæckel, e Pasteur, que as impugnavam, foi, em 1862, dirimida com factos indiscutíveis em favor d'este. Pasteur ganhou o premio decretado pela Academia franceza; os seus trabalhos « estabeleceram em toda a evidencia a doutrina segundo a qual a presença de organismos vivos em materias putrefactas e fermentadas é devida exclusivamente ao desenvolvimento de germens trazidos pelo ar. Não é possível descrever aqui a larga serie de experiencias tão habéis como engenhosas mediante as quaes o sabio academico chegou a uma demonstração sem replica. Uma das mais decisivas é esta: fazendo passar ar atmospherico atravez de uma almofada de algodão, e introduzindo, com minuciosas precauções, este ar filtrado n'um balão contendo substancias putrefactivas, aquelle balão conserva-se indefinidamente sem alteração; por outra parte, examinando ao microscopio o fino pó adherente ao algodão, descobrem-se n'elle germens organicos misturados com materias mineraes; e se introduzirmos a almofada de algodão, com o pó de que está coberta, no balão onde até então não se desenvolveu organismo algum, tendo o cuidado de não deixar introduzir n'elle nenhuma parcella d'ar exterior, apparecem seres vivos e no mesmo lapso de tempo em que appareceram, quando se operou com ar ordinario não filtrado. ¹⁾ » Aqui ha a prova e a contraprova de que a materia bruta não se converte em materia viva, e de que todo o ser vivente provém d'outro da mesma especie. Porque é que não apparecem nem sequer vestigios de vida nas substancias vegetaes ou animaes, maceradas, isentas do ar atmospherico e sujeitas a uma temperatura capaz de matar quaesquer ovulos ou cellulas vivas que n'ellas existissem? Se a vida se forma espontaneamente pela transmutação da materia bruta em materia viva, a vida devia apparecer n'aquellas substancias. As experiencias mais escrupulosas mostram exactamente o contrario, e mostraram tambem que as observa-

¹⁾ Arduin, *La Controverse*, 1882, tom. 4, pag. 315.

ções dos defensores das gerações espontaneas eram defeituosas e falsas, pois que ou a temperatura a que sujeitaram as substancias putrefactiveis não era sufficiente para exterminar n'ellas todos os germens de vida, ou n'ellas se introduziu algum ar atmospherico que é um dos mais poderosos vehiculos de corpusculos vivos.

« Sabe-se, diz Milne Edwards, que ovulos ou grãos podem permanecer durante muito tempo, em estado de vida latente, sem perderem a faculdade de reaver a vida activa, quando as circumstancias são favoraveis ao exercicio das suas faculdades, e que animalculos adultos podem apresentar phenomenos da mesma ordem e conservar a sua vitalidade depois de reduzidos a um estado de morte apparente pela dessecação. Sabe-se tambem que a disseminação de corpusculos leves pelas correntes atmosphericas é cousa facil.

« Nenhum physiologista põe em duvida o poder gerador de animalculos e vegetaes microscopicos, e para nos convencer-mos da possibilidade do seu transporte pelo ar atmospherico, basta recordarmo'-nos da enorme quantidade de pó que fluctua sempre no ar e da difficuldade de preservar do seu contacto os objectos que não estão em vasos hermeticamente fechados. Corpusculos bem mais volumosos e pesados do que aquelles são levados pelo ar a immensas distancias, como se pode verificar observando o pó cahido da atmosphaera nos paizes situados sob a acção d'alguns vulcões em erupção. Sabemos egualmente que o transporte de grãos pelas correntes atmosphericas é um dos meios empregados pela natureza para effectuar a dispersão de especies vegetaes na superficie do globo. E por conseguinte, attribuindo a phenomenos analogos a apparição de corpusculos vivendo em aguas carregadas de materias proprias á nutrição d'aquelles pequenos seres, se explica a origem d'estes d'um modo muito mais plausivel do que suppondo-os formados por uma geração dita espontanea. 1) »

Estes e muitos outros factos que seria longo enumerar mostram que toda a cellula provem d'uma outra preexistente. « Julgaram alguns que os elementos de vida podiam apparecer no seio d'uma materia amorpha, fluida ou semi-fluida, a

1) *Leçons sur la Physiologie...*

que chamaram *blastema*, com o poder, graças á sua composição chimica, de dar nascimento a novas cellulas. Mas os trabalhos de Remak e de Virchow mostraram que tal hypothese não tinha fundamento serio ». ¹⁾

Aos trabalhos conscienciosos dos sabios citados poderiamos acrescentar os de Tyndall, Paulo Bert, Berthelot, Flourens, Quatrefages, Chanfard, Gratiolet, Béchamp, Cochin, Huxley, Muller e outros. Alguns d'estes são insuspeitos.

Da observação constante dos factos podemos induzir a lei de que a materia bruta não pode transmutar-se em materia viva; e esta lei é plenamente confirmada perante os principios da razão. A materia viva é especificamente diversa da materia inorganica e mais nobre do que esta. É por isso informada por um principio mais alto e radicalmente distincto, na energia, força e propriedades, da materia puramente inorganica. E como a causa adequada d'um effeito não pode ser menor em energia nem menos excellente do que o mesmo effeito, é evidente que a materia bruta, menos excellente que a materia viva, não pode por si produzir esta. Nem se nos diga que alguns escolasticos admittiram as gerações espontaneas, como Hæckel e os transformistas da sua escola. É certo que alguns escolasticos julgavam erradamente que na materia em putrefacção havia uma certa actividade para produzir, mediante o concurso de Deus, certos organismos d'ordem inferior. Admittiam por tanto a acção omnipotente de Deus na producção da vida. Hæckel e os transformistas atheus negam obstinadamente esta intervenção, não só d'um modo explicito, mas ainda quando affirmam que as forças inherentes á materia bruta produzem só de si a materia viva. A primeira hypothese é apenas, em parte, falsa; a segunda absurda á luz da razão, falsa á luz da observação experimental e sobre tudo impia.

A origem, pois, dos seres inorganicos, distincta da dos organicos, extrema radicalmente estes d'aquelles.

(Continúa.)

DR. SILVA RAMOS.

¹⁾ Sicard, *La évolution sexuelle*.

BIBLIOGRAPHIA

A Moderna questão do hypnotismo, por Manuel Anaquim, bacharel formado em theologia. ¹⁾ — Com o maior prazer annunciamos aos nossos leitores a publicação d'este livro, de muita actualidade e grande interesse scientifico. O sr dr. Manuel Anaquim, cujo talento ha muito se evidenciou, expõe á luz da sciencia a historia do hypnotismo, os seus processos, condições, phenomenos e perigos; estuda-o nas suas causas efficientes e nos effeitos que produz no paciente. Exposta a questão no terreno hypnotico, o auctor passa a occupar-se d'ella sob o ponto de vista hypnotico-prophetic; analysa o conceito, mecanismo e historia do prophetismo biblico, e conclue refutando proficientemente a pretendida identidade entre as predições hypnoticas e as prophecias biblicas.

Muito desejariamos, se o espaço de que dispomos nol-o permittsse, dar uma noticia desenvolvida do livro do sr. dr. Anaquim, que pode gloriar-se de ter feito um trabalho de valor sobre um assumpto quasi inteiramente novo na litteratura portugueza.

Entretanto bastam para chamar a attenção do publico as poucas palavras que ahi ficam, acompanhadas da nossa mais sincera recommendação e das nossas felicitações ao sr. dr. Anaquim.

Matinaes, por Alvaro de Albuquerque. ²⁾ — Este volume de poesias é ao mesmo tempo uma estreia e um valioso titulo de reputação. O auctor desligou-se completamente de todos os preconceitos de escola, e deu largas á sua inspiração e á sua originalidade, porque Alvaro de Albuquerque, um rapaz na flor da vida, tem uma e outra cousa. Os seus versos respiram

¹⁾ F. França Amado, editor, Coimbra, 1895. 1 vol. in-8.º de 156 pag., 500 reis.

²⁾ F. França Amado, editor, Coimbra, 1895. 1 vol. in-8.º de XII-104 pag., 500 reis.

uma suavidade tão encantadora, deixam-nos na alma uma impressão tão deliciosa, que nos attrahem irresistivelmente á leitura.

É assim que se comprehende a poesia, porque é assim que ella é, e não, como por ahí a querem fazer, uma linguagem sibyllina em linhas de pequeno tamanho.

Alvaro de Albuquerque ainda ha de ouvir, na nossa aldeia de Villar Secco, os seus versos convertidos em canções populares, e então receberá a prova plena de que o seu livro tem muito valor, porque, na opinião do nosso maior poeta lyrico, João de Deus, esse facto constitue a pedra de toque por onde ha de aferir-se o valor dos versos.

A Alvaro de Albuquerque enviamos um apertado abraço de felicitações pela sua brilhante estreia e pela magnifica recepção que encontrou no publico.

Missões dos Jesuitas no Oriente nos seculos XVI e XVII — Trabalho destinado á X sessão do congresso internacional dos orientalistas, por Jeronymo P. A. da Camara Manoel, S. S. G. L. 1) — N'este livro não se tracta, como diz o auctor no prefacio, de fazer a historia documental das missões jesuiticas no Oriente durante o periodo do seu desenvolvimento e apogeu; « é unicamente uma simples compilação annotada de nove cartas de S. Francisco Xavier, e mais alguns documentos, que pelo seu valor historico e geographico, e por serem desconhecidos entre nós, e por nos parecer de utilidade os publicamos. »

Em todo o caso é o livro do sr. Camara Manoel de um grande interesse historico, e digno de ser lido por todos os poucos que ainda se entretem a estudar as paginas gloriosas da historia nacional. O volume traz o fac-simile de uma carta original, e outro do retrato de S. Francisco Xavier, conforme se encontra na obra de Godinho de Eredia — *Malaca. L'Inde Orientale et le Cathay* (Bruxelles, 1881).

Alienados criminosos, cadeias, serviços medico-legaes e toxicologicos, pessoal judiciario dos tribunaes criminaes, por Antonio Ferreira Augusto, juiz de Direito servindo a commissão d'Ajudante do Procurador Regio junto da Relação do Porto, etc. 2) — O conhecido talento do sr. dr. Ferreira Augusto e a sua grande reputação como distinctissimo jurisconsulto que é, dispensam-nos dos largos elogios que merece o seu novo trabalho.

O illustre magistrado faz importantes considerações sobre o estado da nossa justiça criminal e sobre as reformas que se tornam indispensaveis n'esse ramo de serviço publico. São interessantissimas as observações

1) Lisboa, Imprensa Nacional, 1894. 1 vol. in-8.º XIV-162 paginas, 1\$000 reis.

2) Porto, Imprensa Commercial, 1894. 1. vol. in-8.º de XV-195 pag., 400 reis.

que faz acérca da deploravel organisação dos serviços medico-legaes em Portugal, e acérca do augmento de crimes nos ultimos tempos. Todo o livro, emfim, é de muito valor, como era de esperar da reconhecida competencia do seu illustre auctor.

Anno Christão, pelo padre João Croiset. — Como se achasse esgotada parte d'esta obra, já bem conhecida do publico, o seu editor sr. Antonio Dourado (Porto, Rua dos Martyres da Liberdade) fez a reimpressão e abriu nova assignatura para que todos mais facilmente podessem adquiril-a. A obra do padre Croiset, tão util a todos, é quasi indispensavel para o clero, especialmente para os que se dedicam ao ministerio do pulpito. N'isto se resume a sua apreciação. Consta de quatro grandes volumes in-4.º illustrados com numerosas gravuras, e pode adquirir-se de uma só vez, aos volumes ou por fasciculos, á vontade do comprador.

Nova Grammatica Portuguêza, por Bento José de Oliveira, emendada e accrescentada por Antonio Augusto Cortezão, bacharel formado em Medicina pela Universidade de Coimbra. ¹⁾ — O maior elogio d'este livro, destinado ás escolas primarias e secundarias, consiste em dizer-se que ainda nenhum compendio da sua natureza logrou fazer vinte e tres edições, tal é o acolhimento que tem obtido em todas as escolas do paiz. O sr. dr. Cortezão tem demais a mais o cuidado de introduzir na *Grammatica* todas as modificações necessarias e exigidas pelo ensino, com uma competencia que nada deixa a desejar. A concisão e rigor das definições, a simplicidade e clareza nas divisões da materia, a remodelação de diversas doutrinas, de forma a tornar o ensino mais facil e proveitoso, taes são as qualidades que, como nenhum outro, possui o livro de que nos occupamos.

Codigo do processo commercial, de 24 de janeiro de 1895. ²⁾ — De todas as edições, que temos visto, do Codigo do processo commercial, é esta a mais proveitosa, por trazer em notas a doutrina da commissão redactora da proposta do codigo, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na forma, pelo governo. É tambem acompanhada de um indice alphabetico.



¹⁾ Vigésima terceira edição. F. França Amado, editor, Coimbra, 1895. 1 vol. de 156 pag. in-8.º, 500 reis.

²⁾ F. França Amado, editor, Coimbra, 1895. 1 vol. in-8.º de 104 pag., 200 reis.

JOÃO DE DEUS

As nossas primeiras palavras são hoje para o sublime poeta a quem a mocidade das escolas acaba de prestar a homenagem mais imponente, mais entusiastica e espontanea que se tem feito em Portugal. A *Revista Contemporanea* saúda o grande lyrico portuguez, unindo-se ao entusiasmo com que sete ou oito mil estudantes portuguezes desfilaram perante João de Deus e o acclamaram nas ruas da capital.

Ninguem mais que os estudantes tinha direito a celebrar essa festa verdadeiramente nacional; porque se todos os portuguezes consideram João de Deus um benemerito das letras patrias, um poeta insigne que honra a lingua de Camões e Bernardim Ribeiro, a mocidade academica singularmente admira n'elle tambem o grande apostolo da instrucção popular, e agradece-lhe reconhecida a grande obra da *Cartilha Maternal*. E os estudantes portuguezes podem orgulhar-se de ter dado ao paiz um grande exemplo de civismo, celebrando em honra de um homem, que é a gloria da sua patria, uma das apotheoses mais brilhantes que Portugal tem visto.

A Academia de Coimbra, que soube glorificar o cantor das nossas glorias n'uma apothêose tão nobre e levantada, igualmente se assignalou n'este preito ao poeta illustre e grande educador nacional, indo em peregrinação a Lisboa honrar e saudar João de Deus. É que o poeta do *Campo de Flores* pertenceu tambem á familia academica de Coimbra;

revelou aqui o seu genio poetico, legou o seu nome ás gerações que se succederam n'uma tradição sempre viva, e tanta saudade conserva d'essa quadra da sua juventude, que, envolvido n'uma capa e com as lagrimas nos olhos, pediu que lhe tocassem o hymno academico.

* * *

A encantadora simplicidade dos versos de João de Deus, o seu character espontaneo e apaixonado, traduzindo em formas singelas e irreprehensíveis os sentimentos da sua bella alma, — eis as qualidades que fizeram do poeta um vulto litterario de primeira grandeza. Ninguem, como João de Deus, substanciou na sua obra o genio nacional, ninguem como elle traduziu as paixões de um coração que sente nem imprimiu á poesia aquelle suavissimo perfume que parece transportar-nos a um mundo melhor.

A frescura, a ingenuidade e a vehemencia do lyrismo de João de Deus recordam-nos as eclogas de Bernardim Ribeiro, o poeta apaixonado e terno, como a força da sua inspiração e a naturalidade das suas formas poeticas nos fazem lembrar o melhor ouro de Camões. As joias mais preciosas da litteratura portugueza encontram parallelas no grande poeta do *Campo de Flores*, que á delicada sensibilidade de Christovam Falcão reune a graça e o primor com que Sá de Miranda imprimia aos seus quadros um cunho de realidade seductora.

Que pode haver mais natural e singelo, mais gracioso e encantador, que a poesia *Beijo na face*, tão conhecida de toda a gente?

Beijo na face

Pede-se e dá-se :

Dá ?

Que custa um beijo ?

Não tenha pejo :

Vá !

.

Guardo segredo,
 Não tenha medo...
 Vê?
 Dé-me um beijinho,
 Dé de mansinho,
 Dé!

.....

É tal a candura d'estas estrophes, revesté-as uma naturalidade tão frisante, que chega a gente a scismar porque é que não fazem todos versos assim. A esquesita sensibilidade do poeta revela-se em todas as suas producções, e só quem possui um coração e uma alma como João de Deus pode tambem vibrar na lyra notas tão suaves. Foi por isso que do nosso poeta disse o illustre escriptor italiano Marcos Canini: affectuoso, terno, original, João de Deus deve considerar-se como o primeiro poeta do amor, entre os vivos, não só de Portugal mas de toda a Europa.

A facilidade do verso, de forma a libertal-o do constringimento que a subordinação ao metro impõe a todos os mediocres, é inexcedivel, e tal que o poeta descreve todas as situações com a mesma perfeição e egual simplicidade. Admire-se o dialogo da poesia *Muito pedir*.

— Dá-me esse jasmim de cera,
 Minha flor?

« Mas e depois se lh'o dera,
 Meu senhor?

— Depois, era uma lembrança.
 « Mas de qué?

— De uma tão linda creança,
 Já se vê.

« Oh tão linda! Mas parece,
 Sendo assim,
 Que inda quando lhe não désse
 Tal jasmim...

.....

Que elegancia e que correcção! De que mimo e doçura estão repassados estes versos tão singelos e tão espontaneos! Parece que elles brotam dos labios do poeta como de um thesouro prompto e inexaurivel.

A poesia *Tristeza*, aliás tão original e encantadora, faz-nos lembrar a *Lua de Londres*, do nosso saudoso amigo e tambem illustre poeta João de Lemos:

Esse olhar silencioso
Em que lingua se traduz?
Fala-me, oh astro saudoso,
Luz do céo, pallida luz!
Que aereas visões me accordas,
Que imagem, lua, recordas
N'essa prateada côr?
Que ha em ti que a dor mitiga,
Que ha em ti, lampada amiga,
De meigo e consolador?

Quando João de Deus passava descuidadamente a sua vida de estudante da Universidade, apaixonou-se um dia por uma das mais formosas meninas de Coimbra, a sr.^a D. Rachel Candida Nazareth. Mas a desventurada senhora, minada por uma tuberculose implacavel, em breve desceu ao tumulo, aonde alguns dias depois a seguiu sua inconsolavel mãe. O fatal desenlace foi um golpe vibrado muito fundo no coração do poeta. Compoz então algumas elegias que immortalisaram o nome da gentilissima senhora e bastariam tambem para immortalisar o auctor. Uma d'essas elegias, *A Vida*, começa assim:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degrãos do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
 Como os anjos do céo (se o não sonharam...)
 Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
 Nem saiba eu nunca a minha desventura
 Contar aos que inda em vida não choraram...

Esta melancholia tão apaixonada commove-nos até ao fundo da alma. A estrutura do verso, a solemnidade da phrase e a magestade do pensamento recordam os melhores sonetos de Camões.

Outra elegia sobre o mesmo assumpto, intitulada *Rachel* e dedicada á sr.^a D. Candida Nazareth, irmã da infeliz menina fallecida, começa:

Despe o lucto da tua soledade
 E vem junto de mim, lyrio esquecido
 Do orvalho do céo!
 Tens nos meus olhos pranto de piedade,
 E se és, mulher! irmã dos que hão soffrido,
 Mulher! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
 Quem de lagrimas suas nunca enxuto
 Possa as de outro enxugar:
 Não pode allivios dar quem vive triste,
 Mas é-me doce a mim chorar se escuto
 Alguem tambem chorar.

.....

Não ha palavras em que possa traduzir-se a impressão que nos deixam na alma estas sentidissimas estrophes. O poeta, mergulhado na sua dôr, leva-nos a chorar com elle a perda do seu coração.

* * *

João de Deus tem cultivado, e sempre com equal primor, todas as formas do genero lyrico. Não cabe aqui a aprecia-

ção de toda a sua obra, nem esse intuito presidiu á elaboração d'este despretençioso artigo, apenas destinado a prestar uma singela homenagem ao grande poeta, pondo mais uma vez á vista dos nossos leitores alguns trechos das suas composições. Todavia não deixaremos de accentuar ainda o caracter profundamente religioso de um grande numero das suas poesias. Não resistimos á tentação de reproduzir na integra aquella que se intitula *Christo* :

« Minha mãe, quem é aquelle
Pregado n'aquella cruz ?
— Aquelle, filho, é Jesus . . .
É a santa imagem d'elle !

« E quem é Jesus ? — É Deus !
« E quem é Deus ? — Quem nos cria,
Quem nos manda a luz do dia
E fez a terra e os céos ;

E veio ensinar á gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros irmãmente :

Todo amor, todo bondade !
« E morreu ? — Para mostrar
Que a gente pela Verdade
Se deve deixar matar.

Estes versos encerram a profissão de fé do poeta sob a forma ao mesmo tempo mais singela e mais sublime que se lhe poderia dar. Até sob o ponto de vista religioso João de Deus se identificou inteiramente com os sentimentos do nosso povo, traduzindo em verso a fé religiosa que lhe inunda a alma.

O sublime ideal do christianismo é constantemente aproveitado pelo poeta como fecundo manancial de inspiração. Os seus hymnos religiosos, repassados de suavidade evangelica, transportam-nos o coração e arrebatam-nos o espirito n'um extasis delicioso. Não é um sentimento de fervor pasageiro que n'elles se descobre, é um balsamo de fé que se

aspira, um voar constante das amarguras da vida para a serenidade da contemplação divina.

Sob a epigrapha — *Maria* — escreve o poeta :

Quantas maguas, quantas dores
Tendes vós alliviado,
Oh mãe do Crucificado,
Refugio dos peccadores !
Quem ouve os nossos clamores,
Quem accode a nossos gritos,
Senão vós, olhos bemditos,
Senhora da piedade !
Vós chamada com verdade,
Consolação dos afflictos !

Das *Loas á Senhora do Cabo* transcrevemos ainda estes versos, tão repassados de unção religiosa :

Virgem mãe do mesmo Deus !
Virgem filha do teu Filho !
Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos !

De olhar fito n'esse olhar,
De olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar !

Vem a onda, sobrevem
Nova onda, e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem mãe !

.....

Sublime poeta do amor e de todos os sentimentos generosos : possa o teu estro grandioso enriquecer por largos annos a litteratura da tua patria, com joias de tão subido quilate como aquellas que te conquistaram a sympathia, a admiração e o reconhecimento de todos os portuguezes.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

QUESTÕES SCIENTIFICAS

I

As execuções capitaes por meio da electricidade — Diferença entre o effeito physiologico das correntes continuas e das correntes alternadas — A morte apparente dos executados — Um executado redi-vivo e as suas recrdações.

A applicação da electricidade ás execuções capitaes, tentada nos Estados Unidos da America, fez conhecer uma differença bastante notavel entre as correntes electricas, pelo que respeita ao effeito que produzem no organismo, quando succeda que tenham de o atravessar. Sabe-se que, segundo o processo empregado em estabelecê-las, essas correntes podem ser continuas ou intermittentes. Estas ultimas prestam-se melhor á illuminação e á distribuição da força por via da electricidade; e sendo muito usadas em New-York ambas essas applicações, segue-se que dos conductores podem derivar-se correntes poderosissimas, e que portanto se julgaram muito adequadas a produzirem a morte instantanea ao criminoso a quem fossem applicadas. Escusado é dizer que a instantaneidade do supplicio, quando se conseguisse, era largamente compensada pela agonia dos preparativos, demorados e em parte revoltantes. Na decapitação por meio da guilhotina, o furor com que os ajudantes do carrasco agarram e fazem cahir o reu sobre o alçapão, necessariamente confunde o infeliz e

lhe distrae o espirito ao menos por um curto momento; e, antes que possa refazer-se d'essa confusão, cae o terrivel cutello e separa-lhe a cabeça do tronco. A morte á bala tambem não se apresenta mais horrorosa á phantasia do condemnado ao fusilamento. Pelo contrario, na *electro-execução*, palavra tão barbara e monstruosa como a idéa que significa, os preparativos fazem-se com toda a tranquillidade e com as minuciosas attentões de uma experiencia de gabinete; e, o que é peor para o paciente, não se deixa de tentar novas disposições para evitar, se for possivel, os inconvenientes da prova antecedente. Não sabemos se se renunciou ao emprego do capacete metallico e outros particulares de não menos pena por indecorosos. O caso é que fazem assentar o paciente n'uma cadeira de braços, pouco mais ou menos como costumam fazer os dentistas; e, na ultima execução, um dos conductores era passado para as mãos do paciente, emquanto o outro lhe era applicado ao peito. No acto, porém, como agora se conhece melhor pelas repetidas informações dos jornaes, sempre ou quasi sempre se presenceou o spectaculo de horriveis convulsões e tremores, e, finalmente, a incerteza de que se seguiria ou não a morte antes de se fazer a autopsia, por onde era licito duvidar se esta, mais que a electricidade, teria produzido a morte do condemnado.

Esta duvida, já fundada em diversas observações de Arsonval, encontrou um novo e poderoso reforço na ressurreição de um justicado, obtida recentemente com o methodo prescripto por aquelle physiologo. Sustentava elle ha muito tempo que havia uma grande differença nos casos de fulminação, conforme fosse continua ou intermittente a corrente que a produzia, verificando-se pelo exame de alguns factos que o organismo resiste muito melhor á segunda que á primeira: as correntes intermittentes, segundo parece, actuam sobre as cellulas a modo de choque, que de certo as magôa, mas dá-lhes tempo de reagirem e manterem a continuidade; as correntes continuas, pelo contrario, esmagam e desagregam os tecidos, sendo a sua energia, que pode ser menor, supprida pela continuidade da acção: de forma que por estas

se produzirá a morte, ao passo que das primeiras não resultará mais que uma syncope. A proposito cita-se um operario da estação de Saint-Denis, que recebeu uma descarga de 4:600 *volts*; e, privado dos sentidos por uma hora, recuperou-os pelo processo da respiração artificial. Egualmente outro electricista, fulminado em Pittsfield por uma descarga de 4:500 *volts*, ao cabo de uma hora de morte apparente, recuperou os sentidos. É provavel que dois lampeanistas que ha tres annos cahiram em Roma, fulminados pela corrente do conductor da illuminação, morressem da queda que deram de cima da escada, e não só por effeito da descarga. Pelo contrario, um operario foi morto por uma corrente só de 800 *volts*, mas que era continua.

Apoiando-se n'estas e n'outras observações, Arsonval sustentava que a morte dos justicados pelo processo americano era apenas apparente. Em Nova York, pelo contrario, o doutor Edwin Houston dava-a como real; mas para resolver definitivamente a questão resolveu-se a recorrer ás provas da experiencia, logo que lhe apparecesse occasião; e esta não tardou, com a condemnação e execução do criminoso Cutler. O reu foi fulminado como os seus predecessores, e «cahiu como cae um corpo morto». Decorridos alguns minutos depois do supplicio, fez-se-lhe uma incisão na trachêa para auxiliar a respiração artificial, e d'ahi a poucos instantes voltou a si e vive ainda hoje, porque a justiça tinha exaurido com elle todas as armas legaes, e não podia começar de novo.

Este facto produziu, como era de esperar, grande impressão não só na America mas em todo o mundo civilizado por onde se divulgou. Portanto é de esperar que se abandone, no proprio logar onde appareceu, este repugnante e barbaro invento das execuções electricas, digno de apparelhar com a selvageria dos fornos crematorios: ao que ajudará a difficuldade de obter correntes continuas de tão grande força como seria necessario.

Cutler, que escapou felizmente a uma operação tão rara, teve depois que satisfazer a curiosidade de quantos quizeram informar-se do que com elle se passára n'aquelle acto. Se-

gundo dizia, no momento em que se fechou o circuito, pareceu-lhe ver scintillar chammass, que pensou serem trinta e seis, o que provavelmente significa que n'aquelle momento se lhe fixou esse numero na imaginação. Depois pensou ver lampadas que repetidas vezes se accendiam. Experimentou depois uma sensação como se alguém lhe agarrasse o braço para o deitar por terra, pelo que se recorda de lhe terem posto na mão um dos conductores. Viu agitarem-se algumas luzes, ao que se seguiu uma escuridão profunda e a perda dos sentidos. Entretanto os assistentes tinham-lhe ouvido dois gemidos, dos quaes depois não se recordava. Apertava na mão o conductor com tanta força, que só a custo poderam tirar-lh'õ. A morte apparente só durou dez minutos, durante os quaes cessaram as palpitações do coração, que apenas se tornou sensível um quarto de hora depois que começou a respiração artificial.

Pelo que respeita á perda da consciencia, Parville confronta este caso com o do operario de Saint-Denis, fulminado por uma corrente intermittente de 4:500 *volts* e por elle examinado. Qualquer cousa que se lhe perguntasse, respondia: Não me recordo de nada; e depois continuou a repetir durante algumas semanas: Não me recordo. Cutler lembrava-se de mais cousas, e a memoria voltou-lhe mais promptamente, como se viu. Mas que se deduz d'este confronto? Nada. A verdadeira utilidade da ressurreição do executado americano será que, d'ora avante, os fulminados por correntes electricas, que não são raros nas officinas, curar-se-hão mais universalmente á maneira dos asphixiados, por meio da respiração artificial, com esperança de se salvarem alguns que se teriam julgado mortos.



II

Novos para-raios — Incerteza ácerca da extensão da área protegida pelo pára-raios — A experiencia de Larroquet — Vantagem da multiplicação das pontas — Propriedade do novo systema.

Não vem fora de proposito, depois do assumpto a que nos temos referido, dizer alguma cousa sobre para-raios, materia em que a sciencia ainda não deu a ultima palavra. Ultimamente publicou o professor italiano Borghini um opusculo ¹⁾, em que novamente propõe e confirma, em substancia, as observações já anteriormente apresentadas ao Instituto Lombardo pelo professor Murani, e manifesta que, postas repetidas vezes em pratica, essas observações dão um bom effeito correspondente á theoria.

As principaes innovações introduzidas pelo methodo mais recente são: 1.º Abolição das hastes altas e raras, substituindo as por outras baixas e numerosas; 2.º Transformação da ponta simples n'um pennacho de fios aguçados; 3.º Ligação de todos os conductores existentes no edificio, para obter o livre escoamento do fluido electrico até á terra.

Em que condições e quanto valha o novo processo para dar verdadeira segurança, só o pode decidir uma experiencia repetida e multiplicada; porque n'estas materias não ha peor vicio que a pressa de concluir e formular leis, que, mudadas as condições, não correspondem depois ao facto e augmentam a confusão. Encontramos um exemplo nas medidas assignadas por varios physicos á area de protecção do pára-raios. Borghini, na obra citada, refere algumas. Segundo Gay Lussac, uma haste protege um perimetro circular duas vezes maior que a sua altura. Leroy affirma que a acção preservadora se effectúa em todos os sentidos n'um raio equal ao triplo da altura. Deforviel dá como garantido um cope que tem por vertice a ponta do pára-raios e de raio na base o dobro da

¹⁾ *Il Fulmine: proposte scientifico-pratiche sulla costruzione e posa dei Parafulmine.* Typografia Sociale. Arezzo.

altura. A Commissão official de Paris, Chapman, Meardi, Adams, Messens, todos os physicos, emfim, differem na determinação da área protegida, e o notavel physico italiano Canestrini observa: «Não se pode realmente dar uma regra geral ácerca da extensão da superficie protegida, porque isso depende de muitas circumstancias que não é facil apreciar. Não é raro o caso de cahir uma faisca entre dois pára-raios.» Em Ancona, em 1891, cahiu uma faisca n'uma chaminé apenas desviada quatro ou cinco metros de uma haste de 7^m,50 de altura; como este, podiamos citar outros factos. Enganam-se aquelles que, vendo erguer-se um pára-raios na parte mais elevada de um edificio, julgam seguras todas as partes inferiores. A torre *Asinelli*, em Bolonha, por varias vezes tem sido fulminada de flanco, apezar de no cimo ter uma haste implantada segundo todas as regras, de forma que precisa de ser guarnecida de outras hastes nos lados. Eguamente a experiencia tem demonstrado que não basta, nos navios, um pára-raios levantado no mastro maior. Ha poucos annos cahiu um raio n'um flanco da cupola da cathedral de Florença, e estragou a cornija n'um ponto inferior á torre, que, como a cupola, é protegida por pára-raios. Pela mesma razão se projecta na mesma cidade de Florença collocar pára-raios horizontaes para defeza da igreja de S. Lourenço.

Para derramar alguma luz n'estes factos estranhos, cita-se a experiencia de Larroquet. Este physico, tendo disposto no meio de uma camara de 30 metros quadrados uma ponta em communicação com uma machina electrica, observou que, quando o ambiente estava enxuto, a ponta descarregava continuamente a electricidade da machina posta em movimento; mas quando pelo contrario a atmospherica estava carregada de vapores aquosos, cessava o efluvio, embora continuasse a produzir-se a electricidade, o que demonstra, segundo Larroquet, ter-se n'estas condições estabelecido um equilibrio potencial entre a ponta e o vapor d'agua.

Durante um temporal, continúa elle, pode succeder o mesmo, de forma que, se pela humidade atmospherica os pára-raios chegam a pôr-se em equilibrio potencial com a area

circumjacente, succederá que o edificio, a cuja protecção é destinado o pára-raios, fica comprehendido n'uma zona de equilibrio, e o raio que entrar poderá indistinctamente dirigir-se á ponta, ou ao edificio subjacente. D'onde se conclue que o systema de pára-raios munidos de uma boa quantidade de pontas pouco elevadas e disseminadas por todo o edificio é preferivel ao outro, usado até hoje. De resto é sabido que muitos physicos antes e depois de Larroquet foram da mesma opinião, que em nossos dias prevalece na maior parte.

A razão parece favorecel-a. Colladon, por exemplo, deduz de muitas observações, que o fulgor na maior parte dos casos não consta de uma só scintilha, mas de muitas com varios centros de intensidade; d'onde se vê que os corpos terrestres não são feridos n'um ponto só, mas em diversos. Borghini cita, em confirmação d'isto, observações feitas em diversos pontos; e allega o testemunho do padre Bertelli, que observou um exemplo n'um collegio perto de Florença. Parece ainda que a multiplicação das vias de descarga, multiplicando as hastes, e fazendo outras mais baixas, e substituindo alem d'isso em cada uma a ponta simples por um penacho, deve augmentar consideravelmente a efficacia da protecção. Isto observou-se especialmente a respeito dos raios globulares, contra os quaes, segundo Planté, os velhos pára-raios se mostram completamente inefficazes.

Confirmou-se isto no santuario de Canoscio, que fôra ferido por aquella especie de meteoros, os quaes não se repetiram depois que se applicaram os pára-raios do novo systema. Conviria que podessem apresentar-se muitos d'estes exemplos evidentes, para que, assim como estamos convencidos da insufficiencia do antigo systema, tambem nos certificassemos experimentalmente da efficacia do novo. É porem certo que este, alem da probabilidade intrinseca, já tem por si a pratica de alguns annos e o favor sempre crescente dos theoreticos e dos interessados.

Para informarmos melhor os nossos leitores diremos que o aparelho segundo o novo systema se compõe: 1.º De uma haste (ou mais, segundo a grandeza do edificio) de metro e

meio de altura, collocada no ponto mais elevado, o qual tem na extremidade superior um feixe de pontas especiaes muito agudas. 2.º De feixes semelhantes estão tambem munidos todos os corpos mais elevados, como chaminés, claraboias, etc.; e assim tambem os cunhaes e angulos das gotteiras. 3.º Da dita haste ramificam-se varios fios metalicos que, postos em comunicação com todo o systema de pontas, correm ao longo do telhado e descem para a terra, onde acabam como outros tantos descarregadores. 4.º Estes descarregadores, de cobre e de ferro zincado, segundo a natureza do terreno, são formados por centenares de pontas e construidos com outros reparos que lhe asseguram os effeitos segundo as regras da arte. 5.º O apparelho do pára-raios é posto em contacto immediato com todas as massas metallicas, como canos de agua, tubos de gaz, etc., de modo que o edificio se encontra envolvido como que em uma rede protectora, em quanto que no seu interior tudo se presta a uma troca, não violenta, mas continua e facil, das electricidades.



A EGREJA E AS UNIVERSIDADES

Já demonstrámos com factos, que são os melhores argumentos para embotar sophismas e destruir calumnias, que á idéa christã devem as sciencias as suas conquistas, as letras o seu esplendor, as artes as suas obras primas, o passado toda a sua grandeza e o presente as suas mais lidimas glorias. Não admira por isso que fosse a Egreja, como fiel depositaria, interprete e propagadora d'aquella idéa, a creadora das Universidades, que em todos os tempos representaram um papel importante na historia litteraria das nações.

É um facto de immensa gloria para a Egreja que á sciencia ergueu e dedicou templos o genio christão, e, abrindo as portas d'esses templos ás gerações avidas de luz, formou um sem numero de sabios, que ainda vivem e falam nas suas obras, e preparou os maravilhosos progressos de que legitimamente se orgulham as gerações presentes. As escolas christãs de Alexandria, Edessa, Cesarea, Antiochia, Milão, Roma e Carthago foram como que o prototypo das escolas que mais tarde floresceram á sombra das cathedraes e dos claustros, como estas foram como que os primeiros lineamentos das Universidades.

Se a Egreja não tivesse tantas e tão brilhantes provas de que lhe pertence, por direito, a suprema direcção do pensamento humano na sua triplice tendencia para a verdade, o bem e o bello, bastava ter sido ella a creadora e organisadora das Universidades para merecer, ao menos, o respeito e o re-

conhecimento de todos. Apareceram as Universidades informadas pela idéa christã que presidia ao seu organismo, ás suas pompas e ceremonias exteriores, e tornaram-se desde logo tribunaes supremos das sciencias, centros da civilisação europêa, areopagos illustres onde a philosophia e a theologia, principalmente, scintillam fulgurantes nas licções e nos escriptos de pensadores como Pedro Lombardo, Alberto o Grande, Santo Thomaz de Aquino, S. Boaventura, Duns Scoto, Alexandre Hales e um sem numero de sabios que bem mereceram da Egreja, das letras e da civilisação.

Na sua origem antiquissima, as Universidades eram simples escolas cathedraes ou monachaes, onde principalmente se professavam as sciencias philosophicas, theologicas, juridicas e as artes liberaes. A cathedral e o claustro eram, n'aquelle tempo, os unicos centros de ensino não só para os que aspiravam ao sacerdocio, mas ainda para os leigos. Nos mosteiros beneditinos, abertos á instrucção de todos, o *escolastico* ensinava a Sagrada Escriptura; as mathematicas, a astronomia, a poesia e a rhetorica eram explicadas por monges doutissimos, que era um seminario d'elles a inclita ordem do grande patriarcha do Occidente. No seculo XII é que as Universidades começam a constituir-se e a organizar-se como corporações scientificas, com governo próprio, em certo modo independentes da cathedral e do mosteiro, e a dilatar a esphera do seu magisterio, graças ao immenso prestigio do Papado, ao espirito de associação largamente desenvolvido, á liberdade municipal, á sabedoria e prudencia com que a Egreja, que sempre se amolda ás circumstancia do tempo sem nunca alterar a pureza e integridade da fé, dirigia o movimento intellectual dos seculos medievaes.

Já então se reconhecia a justa e bem entendida autonomia universitaria, elemento indispensavel para o progresso e desenvolvimento das sciencias. Reclamamos esta autonomia, porque é justa, ainda para as Universidades catholicas e para as faculdades de theologia n'ellas existentes. Sobre este ponto perfilhamos as idéas do dr. Häusle, falando da origem das Universidades: « Devemos ainda notar, em proveito das fa-

culdades de theologia, a differença essencial que existe entre a theologia considerada como sciencia, e o ensino dogmatico da religião christã, e, por consequencia, entre a cadeira academica e a cadeira evangelica, visto como não raras vezes se confunde o principio scientifico da theologia com o principio da auctoridade do catechismo, transformando-se d'est'arte os cursos da faculdade de theologia em lições mais ou menos eruditas sobre as cinco principaes divisões do catechismo... É de necessidade hoje mais que nunca proclamar que o ensino do padre na Egreja e a sciencia catholica não são processos que se devam confundir; que a cadeira evangelica não é uma cadeira academica, que a Egreja e a escola marcham parallelamente como a graça divina e a liberdade humana; que a Egreja ensina directamente e dirige com auctoridade, ao passo que a escola sua filha, livre e fiel, deve esforçar-se por meio d'uma submissão filial, mas tambem por um trabalho independente e pelas suas proprias forças, em comprehender scientificamente e demonstrar *ad hominem* o que comprehendeu.»

Não queremos a liberdade absoluta da sciencia, note-se bem, mas uma liberdade bem entendida, e, como consequencia d'esta, a autonomia universitaria, com governo e vida propria, se bem que regulada e dirigida pela acção harmonica dos poderes que legitimamente superintendem sobre os estabelecimentos d'instrucção publica. Na idade media reconheceu-se esta grande verdade, a escola sahiu da cathedral e do claustro, expandiu-se e desenvolveu-se, e chegou a constituir-se um organismo vigoroso, livre, independente, a elevar o nivel intellectual do ensino, abarcar a universalidade dos conhecimentos humanos, graças ao governo que a Egreja e o concurso de principes tão piedosos como amantes de sciencia, souberam imprimir nos institutos universitarios.

No meado do seculo XII começou o ensino superior da medicina ¹⁾, e ainda que pertencem ao clero os primeiros professores da sciencia de Hippocrates e de Galeno, e a mesma

¹⁾ Foi n'esta epocha que se desligou a medicina da cirurgia.

escola de medicina de Paris foi primitivamente installada no convento beneditino de S. Victor, é certo que, sob as abobadas das cathedraes goticas e nas soledades do claustro, estavam muito bem as disciplinas necessarias para a educação scientifica do clero, mas certamente em meio inadequado as sciencias medicas e chirurgicas. D'aqui a necessidade da organisação dos institutos especialmente dedicados ao ensino superior das sciencias não necessarias para a educação intellectual dos aspirantes ao sacerdocio.

A Universidade de Salerno era uma escola principalmente medica, a de Bolonha professava apenas o direito romano, Paris, embora mais tarde desenvolvesse a esphera do seu magisterio, porque assim o reclamavam as necessidades da civilisação, na sua origem ensinava exclusivamente a philosophia e a theologia.

Deixando, porém, a inquirição historica da origem e desenvolvimento progressivo das Universidades e da sua constituição definitiva como corporações scientificas, autonomas, de character universal pela universalidade das disciplinas que professavam, é certo que a organisação scientifica das Universidades da idade media era perfeita por ser perfeitamente adaptada ao movimento intellectual d'aquelles tempos. Vimos com effeito na idade media as faculdades de theologia, de jurisprudencia, de medicina e artes. N'esta organisação, adoptada por todas as Universidades da Europa e ainda hoje conservada em algumas da Allemanha, estava perfeitamente compendiado todo o saber dos tempos medievaes.

A theologia representava a sciencia divina em intima harmonia com a sciencia humana; a jurisprudencia era o direito romano purificado pelo direito canonico; a faculdade de medicina estava, no seculo XIII, tão sabiamente organisação que serviu de modelo para a organisação da celebre escola de Montpellier, e mereceu o elogio do grande naturalista Cuvier; a faculdade de artes comprehendia aos demais sciencias conhecidas e as humanidades. Tão disvelada era a protecção que a Igreja prestava às Universidades desde o seu começo, tão relevantes eram os serviços que estes admiraveis institu-

tos creados pelo genio inspirador do christianismo prestou á mesma Igreja e á civilisação que o Concilio geral de Constança poudé condemnar com justiça esta proposição de Wiclef: «*Universitates, studia, collegia, graduationes et magisteria in iisdem sunt vana gentilitate introducta, et tantum prosunt Ecclesiae sicut diabolus.*»

O golpe mais profundo e mais certo que se pode descarregar sobre o christianismo é certamente a supressão das escolas superiores de ensino religioso; o beneficio mais levantado que se lhe pode prestar é a restauração e o esplendor das sciencias e das letras. E antes de adduzirmos alguns factos historicos em abono d'esta verdade reproduzam as opportunissimas palavras de Leão XIII na sua allocução ao Sacro Collegio, de 3 de março de 1886. Depois de reccordar que os Pontifices romanos foram sempre os mais dedicados amigos e protectores das sciencias, letras e artes diz o Santo Padre: «Os asylos mais vastos do saber humano, referimo-nos ás Universidades, foram fundadas por Pontifices romanos ou por elles amplamente favorecidos, como o provam as recentes conclusões d'uma critica severa apoiadas em documentos incontestaveis. Por esta razão, possuido d'esta lembrança, convencido de que o desenvolvimento das sciencias e das boas doutrinas não pode deixar de ser util e glorioso para a Igreja e o Papado, consideramos como um dever nosso dar ao estudo protecção e amparo.

«E mais nos confirmou n'este proposito a verdade de que a Igreja e até o character da nossa epocha exigem, no clero especialmente, uma doutrina sã, vasta e segura para se oppor aos multiplices assaltos dirigidos pelas armas d'uma falsa sciencia não sómente contra a verdade da fé, mas tambem contra os principios da ordem social e moral.»

O apostata Juliano não duvidou affirmar que, fechar as escolas christãs, o mesmo era que apagar as crenças religiosas e privar a Igreja d'um auxiliar poderoso para a propagação e defeza do Evangelho. Lutheró, o mesmo que ahí nos apregoam como emancipador do espirito humano, chamou *Synagoga de Satanax* ás academias christãs. É que nas

academias onde floresciam as sciencias e nomeadamente a theologia, encontrou o pseudo-reformador invenciveis fortalezas da verdade catholica e denodados defensores das crenças religiosas. O cardinal Hosis attesta que se as provincias allemães contiguas ao Rheno ficaram immunes da heresia lutherana devem-no principalmente á Universidade de Colonia, que soube conservar puro e intacto o ensino tradicional da Igreja. O mesmo se pode dizer de Portugal e Hespanha. As Universidades de Coimbra e Salamanca então famosissimas, ao esplendor dos estudos theologicos n'estes dois grandes centros de instrucção que n'aquelle tempo gozavam de renome universal, se deve, em grande parte, o não ter sido invadido pela heresia lutherana a peninsula iberica.

Carlos Magno que, em 799, recebeu a corôa imperial das mãos do Papa Leão III, para formar em bases solidas o seu vasto imperio que se estendia desde o Eyder até á baixa Italia, desde o Theiss até ao Ebro, para restaurar as crenças religiosas nas quaes tinham feito enormes estragos os barbaros, para dar mais uma prova da verdade com que se appellidava: *devotus sanctae Ecclesiae defensor, atque adjutor in omnibus apostolicae sedis*, começou por instaurar as sciencias e as lettras creando academias e escolas onde fossem professadas. Foi um amigo dedicado dos sabios, a elles confiou a restauração dos estudos no Occidente, porque d'esta restauração esperava a gloria e o esplendor da fé catholica e a prosperidade do seu imperio.

Na França havia de florescer, diziam os sabios ao grande imperador, uma nova Athenas que se elevaria sobre a antiga tanto quanto a sabedoria de Christo se elevou sobre a de Platão. Carlos Magno entendeu, e muito bem, que a restauração religiosa dependia em grande parte da scientifica, e para lograr aquella começou por esta.

O mesmo pensamento inspirou á Igreja a protecção decidida que sempre e em todos os tempos dispensou ás Universidades. Dos legitimos progressos da sciencia o christianismo só tem a esperar novas e brilhantes provas da sua origem divina.

DR. SILVA RAMOS.

Congresso Nacional de Tuberculose em Coimbra

No dia 24 de março inaugurou-se em Coimbra, na vasta e majestosa sala dos actos grandes da Universidade, o primeiro congresso nacional de medicina, especialmente consagrado ao estudo da tuberculose na actualidade. A idéa d'este congresso, verdadeira obra humanitaria quando a tuberculose faz numerosissimas victimas, apresentou-a o quintannista da faculdade de Medicina sr. Leite de Faria, quando ha tempo se lançou na Guarda a primeira pedra de um monumento em honra do dr. Cruz Sobral, um benemerito que se assignalou pelos serviços medicos prestados nas circumstancias mais graves.

Escolhida para inauguração do congresso a data do anniversario do dia em que o Doutor Koch revelou ao mundo scientifico a descoberta do *bacillus* da tuberculose, o sr. Leite de Faria encontrou nos seus collegas estudantes, em alguns professores da faculdade de Medicina e muito particularmente no illustre cathedratico sr. Dr. Augusto Rocha, a mais decidida boa vontade e o apoio mais incondicional. O sr. Dr. Augusto Rocha foi verdadeiramente a alma do congresso, e pode orgulhar-se de ter prestado um bom serviço ao paiz e á humanidade, promovendo a realisação de um certamen que, apesar de todas as contrariedades, está destinado a produzir importantes resultados.

Posto isto, passemos a fallar das sessões do congresso.

Como dissemos, o congresso nacional de tuberculose inaugurou-se no dia 24 de março, á nma hora da tarde, na sala dos actos grandes da Universidade. Depois que a banda de infantaria 23 executou o hymno academico na Via Latina, ao mesmo tempo que na Alameda de Camões subia ao ar uma grande girandola de foguetes, o sr. Dr. Augusto Rocha começou a pronunciar um magnifico discurso inaugural.

Ha muito que não ouvimos um discurso em que tão alliados se encontrassem os primores da eloquencia com a erudição scientifica. S, ex.^a, cheio do enthusiasmo que dá a comprehensão dos seus deveres profissionaes, conseguiu arrebatat o numeroso auditorio, composto das maiores celebri-dades medicas do paiz. Depois de expor os fins do congresso, disse o distincto professor:

«... Os algarismos, no seu brutal significado, dir-vos-ão muito mais do que as minhas pallidas expressões. Calcula-se em cerca de vinte mil a cifra annual dos obitos pela tubercu-lose em o nosso paiz. Imaginae que esta cifra é cinco vezes superior á da emigração para o Brazil, e tereis formado idêa segura do formidavel poder, que, minando nas trevas, dizima a população das grandes cidades como das mais reconditas e mesquinhas aldeias!

«Os algarismos obituarios calculados para Portugal adqui-rem um valor mais impressivo, se é possivel, confrontando-os com a cifra correspondentente na Europa toda. Mais de dois milhões de individuos são sacrificados annualmente ao morbo devastador e crudelissimo. Deante d'elle esmorecem as de-vastações das outras pandemias, que aterrorisam as gentes.

«Se não, vêde.

«Considerae a cholera gangetica, ou a febre das Antilhas, irrompendo n'um povoado indemne. A epidemia começa a manifestar-se por alguns casos isolados, benignos; ou ataca repentinamente, como um açoute. Em breves dias attinge o fastigio da furia. O morticinio enche de pavor os vizinhos do sitio, pois a todo o passo se lhes depara o cadaver de um parente, de um amigo, de um collega, de uma pessoa emfim, que, ainda ha pouco, era partcipe de suas esperanças, de

suas tristezas ou de suas alegrias. Depois os ataques começam a diminuir, os obitos a rarear; ao cabo de pouco tempo tudo entra de novo na rotina da vida quotidiana. Ficaram, é certo, vestígios de lagrimas, sulcados fundo nas faces dos opprimidos que lograram escapar; mas em summa a fatalidade do cyclo vital e social impõe os seus direitos imprescriptiveis. Renasce o socego; restabelece-se a tranquillidade e a confiança; os negocios retomam a sua marcha entrecortada por um doloroso periodo de amarguras e de lucto.

«Nada d'isto, porém, se póde esperar da tuberculose. A ameaça que ella contém, impende sobre todas as cabeças. Relembra aquella synthese da guerra, que gravou a golpes de buril o maior orador portuguez: — nada está seguro; ninguém está seguro!

«Nenhum dos sexos, nenhuma idade, as condições humildes, como as poderosas, tudo curva a cabeça, como condemnados á vista do patibulo. Os seus ataques são traiçoeiros e inesperados. A sua acção permanente e imperturbavel, por fórma que para uma mesma povoação a percentagem, além de superior, permanece sensivelmente igual durante muitos annos. Depois é molestia que abala uma familia inteira, que desarranja por mezes e annos o seu viver economico, que envolve no seu lugubre manto, sem complacencias, os circumstantes, que, por mais fugida e evitada, mais os illaquea e os cinge.

«Ella possui o dom da ubiquidade; ella penetra por todos os póros do nosso corpo em todos os contactos inevitaveis. A cholera, a febre typhoide, seguem-se muitas vezes n'um curso de agua, e cortado elle, a molestia extingue-se; ainda hontem o vimos aqui, n'esta mesma cidade. A tuberculose, essa, vai por igual nas bebidas e nos alimentos, no aperto de mão que nos dá um amigo; e quantas vezes o homem não morre, como o rei da ballada allemã, bebendo o subtil veneno no copo de finissimo ouro que lhe legou a amante estremecida!!

«Por muito tempo a origem, a causa da molestia, permaneceu intangivel. Debalde se cançavam os medicos, prescru-

tando a nos esconsos cadavericos sobre as gelidas mezas da autopsia; debalde se esforçaram por devassar o recondito arcano nas mutações da atmospheria, nas depressivas miserias da vida, nos tragicos lances da pobreza na sua ingloria e eterna pugna; ou ainda procurando reatar os élos das fatalidades hereditarias. A esphyngue permanecia na sua mudez inquebrantavel.

«Um dia, porém, fez-se lá para o norte uma grande luz, subita, viva, levando ao pensamento do investigador enorme allivio, e desprendendo suas tensas energias cerebraes n'um contentamento inexprimivel; e ao coração do philantropo o balsamo das esperanças cariciantes, que projectam nos perdidos e raros oasis da existencia do homem a miragem da felicidade.

«A sciencia ficára registrando mais uma descoberta, e os fastos da sua historia o nome de mais um benemerito.

«No dia 24 de março de 1882 um allemão, até esse momento quasi obscuro, communicou á Sociedade de Physiologia de Berlim, em sobria e simples linguagem, a descoberta de um ser, de minimas dimensões, que só podia revelar-se á custa de fortissimos augmentos opticos e de singulares artificios de córamento. Este organismo microscopico, de estrutura simplicissima, de apparencia insignificante e desprezível, era comtudo uma realidade palpitante, o implacavel portador da destruição e do aniquilamento das vidas e das fazendas.»

.....

«Eu sempre quero esboçar-vos, nos mais fugitivos e imperfeitos traços, o perfil do sabio descobridor da causa da tuberculose, — o frio doutor Roberto Koch. Quando elle trouxe ao mundo o presente da sua immortal descoberta contava apenas trinta e nove annos. É a idade, em que os nossos melhores estudantes de ordinario já têm pelejado nas luctas parlamentares e descoberto algum processo novo de viciar as eleições! Dezeseis annos antes terminára os seus estudos em Goettingen, onde usára galhardamente, de 1862 a 1866, o historico bonnet, agalado a côres, dos clubs academicos. Estes dezeseis annos passou-os successiva e modestamente,

como simples medico, no hospital geral de Hamburgo, em Langenhagen no Hanover, depois em Rackwitz, na provincia de Pozen, e por fim em Wolstein. Ao exercicio de deveres clinicos impreteriveis soube Koch roubar o tempo necessario para os seus estudos bacteriologicos ácerca da baceira, da infecção das feridas, coroando-os a final em 1882 com a descoberta capital do bacillo do tuberculo. Então era, desde 1880, simples membro ordinario do Instituto Imperial de Hygiene Publica de Berlim. Só em 1885, depois de haver descoberto tambem o microbio curvo da cholera, é que foi eleito professor de hygiene publica na Faculdade de Medicina d'aquella capital.

«Teve a descoberta precedentes notaveis e sabios predecessores que a prepararam: — Villemin, Cohn, e pairando sobre elles o genio de Pasteur!

«Ahi tendes uma historia muito simples: — uma vida dispendida na sciencia e pela sciencia. Creio que isto geralmente se considera entre nós pura utopia; mas é o viver commum dos professores n'essa prodigiosa Allemanha que, nos dominios da psychologia especulativa produziu Kant e Hegel; nos ambitos da psychologia physiologica, His, Fleessig e Meinert; na historia Momsen e Niebuhr; e nas regiões do devaneio e da phantasia poetica, o peregrino Goethe, o semi-deus de Weimar, cujo metro deriva majestoso e accidentado de lendas e pavores, como deriva entre as fragoas e alcantís, no recorte de suas florestas de abetos, o majestoso Reno, que consubstancia a patria allemã, do mesmo modo que outr'ora o Tibre consubstanciava a propria Roma, e ainda hoje o Ganges sagrado resume as vivas aspirações patrioticas do Indú.»

.
«É inútil inspirarmo-nos de um altruismo cosmopolita para justificar a empreza, em que se lançaram generosamente os estudantes. Ponderai sómente que aos tuberculosos é antes de tudo necessario uma atmosphaera oxygenada, livre e pura; — o ar das montanhas é porventura o seu melhor tratamento. Os povos da Europa aproveitam afanosamente a topographia

das suas altitudes para asylo dos doentes. A Italia, a França, a Allemanha, a Suissa possuem todas as gradações necessarias de clima, que podem beneficial-os, nos contrafortes alpinos, que hoje regorgitam com soberbas accommodações, penduradas nas vertentes e escondidas na dobra das penedias afestoadas de verdura. Recordae que maravilhosa alliança da arte e da sciencia com a natureza vai entontecendo o viajante, que, de encosto ao bordão aferroado do alpinista, percorre os sanatorios, subindo gradativamente desde as Rivas de Nice e de Genova até ás alturas de Davos-Platz ou Saint-Moritz!! A vizinha Hespanha pensa em aproveitar os cumes e os contrafortes dos montes ibericos; e poderá desde a Serra Nevada até aos pinaros das Asturias, dilatando as vistas sobre o mar cantabrico ou sobre o atlantico, e desde o Guadarrama aos Pyrneos, instituir magnificas series de sanatorios.

«Nós, que a partir das ermidas do Bussaco até ás cumiadas selvaticas dos Herminios possuímos de certo condições optimas para constituir e graduar as nossas estações, apenas fundámos n'um recanto da Estrella uma pequena e desvalida aldeia pela benemerencia e iniciativa de espiritos arrojados.»

.....

«... O divino e mysterioso poeta, de quem se orgulha a cidade que entrelaça na sua corôa deslumbrante de artista os festões e as grinaldas das flores, ao entrar no inferno, ficou inquieto com os suspiros, os prantos e os dolorosos ais que o envolviam:

*Quivi sospiri, pianti, ed alti guai
Risonavam per l'aer senza stelle.*

«Eis o que nós, os medicos, podemos exclamar, quando contemplamos as dolorosas estancias, onde se albergam os tuberculosos: — os gritos de desespero, as ancias lancinantes de afflicção cortam os ares negros, sem estrellas e sem esperanza. E em nosso peito, que o vulgo, injustamente, julga

empedernido pela contemplação de soffrimento, e em nosso cerebro, a que o estudo deu mais acuidade e mais nobreza, insurgem-se as masculas energias n'uma potente revolta de protesto! »

.....

Depois da leitura d'este brilhante discurso, que deixou em toda a assembléa a mais assignalada impressão de entusiasmo, o sr. Dr. Augusto Rocha propoz, e foi approvada por aclamação, a seguinte meza geral do congresso :

Presidente, dr. Costa Simões, reitor da Universidade; vice-presidente, dr. Bernardo Mirabeau, decano jubilado da faculdade de medicina; 1.º secretario, Ayres de Ornellas, representante da Sociedade de Sciencias Medicas; 2.º secretario, João Sabino de Sousa, representante do Hospital Veterinario de Lisboa; 1.º vice-secretario, Agostinho Lucio da Silva, representante da Sociedade de Geographia; 2.º vice-secretario, Annes Baganha, delegado de saude pecuaria de Lisboa.

A falta de espaço e de tempo inibem-nos de dar circumstanciada noticia do congresso. No proximo numero alguma cousa mais diremos, e desde já podemos annunciar aos nossos leitores que o illustre congressista, distinctissimo clinico e nosso respeitavel amigo sr. dr. Lopo de Carvalho, dignou-se conceder para as paginas da *Revista Contemporanea* um artigo extrahido da notavel memoria que apresentou ao congresso sobre o tractamento dos tuberculosos na Guarda, — honra que muito nos penhorou e cordealmente agradecemos.



Uma pagina brilhante na historia da Universidade de Coimbra

(Continuação da pag. 89)

COLLEGIO DOS CONEGOS SEculares DA CONGREGAÇÃO DE S. JOÃO EVANGELISTA

Eu Manuel dos Reis, Professor da S. Theologia e Reitor do Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Gaspar dos Anjos, Professor Jubilado da S. Theologia e Dr. da mesma pela Academia, Censor da S. Inquisição, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Antonio de Santa Clara, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Bento da Espectação, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM CISTERCIENSE

Eu Fr. João Ribeiro, Leitor Primario da S. Theologia e Dr. da mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bernardo Lopes, Leitor de Vespera da S. Theologia e Dr. da mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Affonso de Mello, Leitor da S. Theologia e Dr. da mesma Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João Cesar, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Nicolau Pereira, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Gregorio de Almeida, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM BENEDICTINA

Eu Fr. Gaspar Barreto, Professor da S. Theologia e Dom Abbade do Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel de Santo

Antonio, Leitor Primario da S. Theologia e Dr. da mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel dos Seraphins, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bento da Ascensão, Pregador Geral, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco de S. Bernardo, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DAS ORDENS MILITARES DE JESUS CHRISTO

Eu Fr. José Carlos, Reitor do Collegio das Ordens Militares, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel Coutinho, Leitor Jubilado da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. Eu Fr. Feleciano de Nossa Senhora, Leitor Primario da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Christovam de Moncada, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DOS CONEGOS REGULARES DE SANTO AGOSTINHO

Eu D. Ignacio de Santa Thereza, Leitor da S. Theologia, e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu D. Agostinho da Gloria, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA SANTISSIMA TRINDADE

Eu Fr. Manuel da Ave Maria, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia e Reitor no Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João da Cruz, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Domingos da Silva, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM DOS MENORES DA PROVINCIA DO ALGARVE

Eu Fr. Manuel de S. Boaventura, Censor da S. Inquisição, Leitor Primario da S. Theologia e Guardião do Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Leandro da Conceição, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José dos Remedios, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS

Eu Fr. Pedro de S. Bernardo, Leitor Primario da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. André do Santissimo Sacramento, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Clemente do Rosario, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

CONVENTO DE S. FRANCISCO DA PROVINCIA LUZITANA

Eu Fr. Francisco de S. Gualter, Professor Primario da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel da Piedade, Professor de Vespera de S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel do Sacramento, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel de Santo Thomaz, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DE S. PEDRO DA TERCEIRA ORDEM DE S. FRANCISCO

Eu Fr. Manuel de S. João Baptista, Leitor Primario da S. Theologia e Reitor do mesmo Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel de Santa Clara, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José do Espirito Santo, Jubilado na S. Theologia e Censor da S. Inquisição, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

**JURAMENTO PRESTADO PELA FACULDADE DOS S. CANONES
SEGUNDO O SENTIDO DA FACULDADE DE THEOLOGIA**

Eu Antonio Teixeira Alvares, do Conselho de S. Magestade, Desembargador do Paço, Conego doutoral na Sé do Algarve, Juiz Extraordinario da S. Inquisição, Doutor em ambo: os Direitos, Professor Primario dos S. Canones de Vespera, Jubilado de Direito Civil, sinto o mesmo e juro. — Eu Manuel Borges de Cerqueira, Conego Doutoral na Sé do Porto, Juiz Extraordinario no Tribunal da S. Inquisição, Dr. nos S. Canones e Professor de Vespera, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco de Almeida Cayado, Juiz Extraordinario no Tribunal da S. Inquisição, Conego Doutoral da Sé de Lamego, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Doutor e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Antonio d'Andrade Rego, Desembargador dos Aggravos, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Mestre na Faculdade de Artes, Dr. e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel Tavares Coutinho, Collegial de S. Paulo, Mestre na Faculdade de Artes, Dr. e Professor dos S. Canones,

sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel Braz Anjo, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel Nobre Pereira, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Mestre na Faculdade de Artes, Dr. e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu João de Araujo Ferreira Rebello, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Dr. e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Alexandre de Vasconcellos Coutinho, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Dr. e Professor Extraordinario dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu João de Moura Gouvêa, Dr. e Professor Extraordinario dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Silvestre da Silva Peixoto, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. e Professor Extraordinario dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu José Pedro da Camara Coutinho, porcionista no Real Collegio de S. Paulo, Arcediago na Sé de Lamego e Dr. e Professor Extraordinario dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

JURAMENTO PRESTADO PELA FACULDADE DE DIREITO CIVIL
SEGUNDO O SENTIDO DA FACULDADE DA S. THEOLOGIA

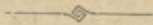
Eu Manuel da Gama Lobo, Juiz Extraordinario no Tribunal da S. Inquisição, Conego Doutorral na Sé de Braga, Mestre na Faculdade de Artes, Dr. e Professor Primario da Faculdades de Direito, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Geraldo Pereira Coutinho, Desembargador dos Aggravos, Dr. e Professor de Vespera de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Bernardo Pereira da Silva, Desembargador dos Aggravos, Mestre na preclara Faculdade de Artes, Dr. e Professor de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel de Mattos, Collegial no Collegio de S. Paulo, Conego Doutorral na Sé de Vizeu, Dr. e Professor de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu João da Costa Leitão, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. e Professor de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Sebastião Pereira de Castro, Collegial no Collegio das Tres Ordens Militares, Dr. e Professor interino de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Francisco Pereira da Cruz, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Dr. e Professor de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Gomes de Carvalho, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Mestre na preclara Faculdade de Artes, Dr. e Professor interino de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Fernando José de Castro, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Dr. e Professor interino de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Bernardo Antonio de Mello, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. e Professor interino de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.

A CIDADE DA GUARDA

CONSIDERADA COMO ESTAÇÃO PARA TRACTAMENTO DA TUBERCULOSE PULMONAR ¹



.....

A escolha da Guarda para séde do tractamento climato-therapico da tuberculose pulmonar é de data relativamente recente. Foi em 1888 que o sabio redactor da *Coimbra Medica*, tendo ali ido em serviço clinico, impressionado talvez pela recente observação de um doente, cuja affecção pulmonar elle tinha anteriormente seguido, publicou n'aquelle jornal um artigo editorial, onde entrevia as vantagens que se poderiam tirar das excepçoes condições de hygiene e de altitude, a par das commodidades que offerece aquella pequena cidade, para o tractamento dos tuberculosos. Alguns doentes, os mais ousados, pelo conhecimento d'aquelle artigo, e sem que para esta resolução entrasse em linha de conta uma justa e sabia direcção que satisfizesse aos preceitos scientificos, foram fixar temporariamente a sua residencia na Guarda, aproveitando uns este ponto como estação de transição para a serra da Estrella, e outros, os que não podiam lutar contra a exploração ignobil que então se fazia n'aquelle estação, fixando-se ahi definitivamente na esperança de uma cura proxima. N'esse e nos annos subseqüentes, ahi affluiram tuberculosos em maior ou menor numero, luctando ordina-

¹ Graças á amabilidade do nosso respeitavel amigo e distincto clinico sr. Dr. Lopo de Carvalho, temos o prazer de publicar na *Revista Contemporanea* este trecho da esplendida conferencia que s. ex.^a realisou no Congresso de tuberculose. Pena é que nos não seja possivel publicar toda a conferencia do sr. Dr. Lopo, que n'aquelle trabalho verdadeiramente notavel evidenciou mais uma vez o seu poderoso talento. Agradecemos-lhe a honra que com este artigo foi concedida á nossa *Revista*. — F. A.

riamente com a cachexia dos ultimos periodos da doença, sem distincção de formas, com o desespero do aggravamento constante, errantes de medico para medico, sem conseguirem minorar o seu soffrimento.

E, cousa notavel, ahi os suores desapareciam-lhes immediatamente, o appetite voltava-lhes, o organismo levantava-se tonificado pelo ar excitante e pela alimentação, e com este benefico mas transitorio resultado, renasciam as esperanças de uma cura provavel n'esta nova terra da promissão.

O prolongamento da vida em alguns, a melhora consideravel de muitos e a cura definitiva de poucos, fizeram da Guarda uma estação de verão para os tuberculosos, tendo ahi estado na epoca passada perto de cincoenta, e deixando de ir egual ou maior numero pela falta de hoteis e de casas que se arrendassem e onde podessem fazer uma estação regular.

Foi n'estas condições que eu, como medico d'aquelle municipio, comecei prestando os meus serviços clinicos a esta ordem de doentes, vendo-os e observando-os com regularidade, estudando assim a acção que o clima e a therapeutica exercem sobre a evolução da tuberculose pulmonar.

No segundo anno, comprehendi a necessidade que tinha de deixar consignada a historia do doente e da doença, registando regularmente as modificações por que passava o estado geral e o processo morbido local: em 1889 iniciei pois este trabalho, accrescentando mais tarde a descripção graphica das lesões e alterações consecutivas por meio de figuras schematicas, onde, servindo-me de signaes convencionaes, eu deixava gravados, após cada observação, a extensão das lesões, os phenomenos inherentes e alterações supervenientes. Este processo tem a vantagem de exigir maior precisão na observação, e de orientar rapidamente o clinico sobre a historia e evolução da doença, quando o tuberculoso se apresenta novamente á consulta.

É o resumo d'este trabalho, realisado sem intenção de um dia ser publicado, que eu venho apresentar a este congresso.

A Guarda, situada na extremidade norte da serra da Estrella, á longitude de $7^{\circ},14'$ do meridiano de Greenwich e latitude de $40^{\circ},32'$ norte, tem uma altitude de 1:039 metros acima do nivel do mar. A media annual da pressão barometrica corrigida é de 0,674; a temperatura media annual é de $9^{\circ},5'$, apresentando os extremos de minima e maxima absolutas de -8° e $+30^{\circ}$. A tensão do vapor varia entre 6 e 7, e a humidade relativa é, segundo a media dos ultimos annos, de 64 e $\frac{1}{2}$, sendo porém de 62 em abril, de 63,1 em maio, de 56,3 em junho, de 43 em julho, de 35 em agosto, de 49 em setembro e de 66 em outubro.

O total da chuva é de 800 a 900 millimetros: predomina o vento noroeste, seguindo-se depois o norte e sul na ordem da frequencia. A media da evaporação expressa em millimetros é de 200, chegando a subir nos mezes de agosto a 450. A media do ozone oscilla entre 6 e 7.

Ha durante o anno 115 dias em que chove; 130 dias de nevoeiro, de que a cidade quasi sempre está completamente livre, conservando-se porém nas zonas inferiores semanas consecutivas; e quando, durante os mezes de inverno, o nevoeiro ahi sobe, é sempre transitoriamente, sendo raro que permaneça dois ou tres dias consecutivos. Ha dezenove dias de neve, de janeiro a abril; vinte dias de gelo, quasi sempre em janeiro; quarenta de geada, de novembro a fevereiro; cinco de sincêlo, em janeiro; cento e vinte dias o céu apresenta-se coberto, e ha vinte dias de vento forte, tempestuoso durante o inverno e primavera.

A população da Guarda é de 5:000 habitantes approximadamente; as ruas, em geral largas, são naturalmente inclinadas de forma a serem rapidamente lavadas pela agua das chuvas mais insignificantes.

A differença media entre as temperaturas maxima e minima do dia e da noite é de 6° , exceptuando os mezes de junho, julho, agosto e setembro, em que essa differença sobe a 12° cent. A differença media das temperaturas diurnas observadas ás nove horas da manhã e ás tres horas da tarde não chega a 3° cent. As aguas potaveis, como todas as que

provêm de terrenos exclusivamente graníticos, são de boa qualidade; ainda que a sua analyse bacteriologica nunca foi tentada, é certo que, em algumas, ha ausencia quasi completa de materias organicas, de forma a permittirem o seu emprego nos collyrios dos saes de prata, sem mudarem apreciavelmente de côr. Não tenho tambem presenciado epidemias, se exceptuar a grippe, variola e sarampo. A febre typhoide, tão frequente em todo o concelho e districto, é ahí etiologicamente desconhecida; os casos que lá evolucionam adquiridos fora d'aquelle meio, rarissimas vezes se transmitem ao pessoal que presta serviços ao doente. Não ha focos de infecção palustre, e em dez annos não presenciei nenhuma epidemia de diphteria. A tuberculose, até ha poucos annos, era quasi desconhecida dos naturaes, que tambem se julgam, pelas condições de altitude, ao abrigo de epidemias do cholera. A canalisação deixa muito a desejar; é mal feita e está incompleta; a arborisação está pouco desenvolvida.

A athmosphera é de uma pureza e transparencia extraordinarias; diz-se que só o Piemonte tem um ceu tão azul como o da Guarda, — engano de certo, porque esta propriedade é característica de todos os pontos elevados.

O numero de germens athmosphericos deve ser ahí muito restricto, porque tendo tido necessidade, por mais de uma vez, de preparar meios de cultura, e principalmente o caldo de gelatina peptonisada, tenho observado que, após a sua transvasação para os tubos, estes dispensam esterilisação consecutiva, se aquella operação é effectuada ao ar livre e durante um dia sereno; perdem-se apenas 7 a 12 por cento, e todos elles inquinados pelo mesmo micro-organismo do genero cladotrix. Existem tres ou quatro hoteis, que recebem indistinctamente individuos doentes e saudaveis; a alimentação, que para estes ultimos pode ser considerada como regular durante alguns dias, não satisfaz ás exigencias dos primeiros, que necessitam maior variedade e mais cuidados culinarios, de forma a estimular-lhes o appetite ordinariamente decadente.

O clima da Guarda é pois um clima de serra, onde a sua altitude e pureza do ar devem exercer uma influencia

favoravel em algumas formas da tuberculose; a estas vantagens reune algumas commodidades dos centros populosos, sem os inconvenientes das grandes cidades que teem fabricas, industrias, e onde a população é agglomerada. No entanto estas commodidades estão muito longe de se poderem comparar aos confortos que as estações da Suissa e Allemanha offerecem aos seus doentes; não temos passeios, nem sequer bancos onde os doentes possam descansar nas suas sahdas para as estradas e para a montanha; não ha um kiosque nos pontos mais frequentados pelos doentes, onde se lhes venda leite quente ou café, e onde elles se abriguem do calor, ou da chuva nos dias tempestuosos; falta a educação apropriada ao tratamento d'estes doentes.

N'estas condições é necessaria toda a energia de vontade, para que o doente possa persistir ahi o tempo necessario para uma cura completa; a muitos fallece-lhes a coragem, e aquelles em que o clima exerce uma influencia manifesta, vão por meu conselho, durante a estação de inverno e primavera, procurar a Davos-Platz a commodidade e o bem estar que aqui não podem ter com o rigor da estação.

Muito peor do que a Guarda está a serra da Estrella, cujas condições excepçoes de alguns pontos elevados deveriam fazer d'ella a primeira estação da peninsula. Ahi não ha hoteis, nem habitações supportaveis, nem alimentos, nem medico; o sanatorio está na zona dos nevoeiros, onde as neves fundem facilmente, e não é abrigado dos ventos tempestuosos; exceptuando duas ou tres casas, o resto são choupanas absolutamente inhabitaveis durante oito ou nove mezes; a alimentação vae procurar-se a distancias enormes, quando os caminhos são transitaveis; a estrada para Gouveia não está concluida, e a ausencia de um facultativo, que o espirito economico do governo d'ahi retirou, fez quasi abandonar aquelle ponto, onde tantas esperanças estavam concentradas.

.....

DR. LOPO JOSÉ DE FIGUEIREDO CARVALHO.

A DEFEZA DAS COLONIAS PORTUGUEZAS



A campanha que actualmente sustentamos em Lourenço Marques, com grande dispendio de vidas e dinheiro, e que nos custa muito mais pela nossa imprevidente administração ultramarina que pelo proprio facto da guerra, desperta naturalmente a questão da defeza das colonias, que agora mesmo preoccupa os espiritos em França, a proposito da campanha de Madagascar.

Estamos ha muito convencidos que uma organização militar sensata, mais fundada nos interesses do paiz que em conveniencias particulares, podia garantir-nos a segurança das colonias com pequeno augmento de despeza nos primeiros dez annos, e sem augmento algum depois de curto praso. Mas officialmente nada se tem feito n'esse sentido que nos dê segura esperanza do futuro, porque só ha muito pouco tempo é que os governos, marchando vagarosamente a reboque da opinião publica, vão olhando para os interesses coloniaes, com uma orientação mal segura, parece, e menos definida.

Depois de tantos desastres que temos soffrido na Africa e de tantas campanhas que, por serem feitas em condições inteiramente anormaes, nos teem custado rios de dinheiro, a idéa que naturalmente occorre a todes os espiritos é a da formação de um exercito colonial, sufficientemente aguerrido e disciplinado para nos garantir a segurança dos nossos dominios. A convicção d'esta necessidade é tanto maior quanto

são extensas as colonias portuguezas, e quanto se acham ameaçadas pela ambição de estranhos e pelo espirito de revolta de regulos irrequietos.

No campo da realisação practica, a idéa está envolvida em difficuldades consideraveis; mas se a sua execução é indispensavel para a economia colonial, não haverá meio de vencer taes difficuldades?

O primeiro alvitre que se offerece é o de obrigar os habitantes das colonias ao serviço militar, como são obrigados os da metropole. O alvitre não é realisavel em todos os pontos das nossas colonias, e offerece vantagens deseguaes segundo as diversas circumstancias. Vejamos.

Para se organisarem corpos militares com elementos indigenas, isto é, com os mancebos filhos de cidadãos portuguezes e nascidos nas colonias, é necessario que a colonia respectiva satisfaça a diversas condições. A primeira é que a sua população garanta um alistamento annual bastante para compensar as despezas de organização, e capaz de prestar os serviços que d'essa organização devem esperar-se. Outra condição é que o alistamento se faça de forma, se é possivel, que não prejudique muito consideravelmente os serviços de agricultura, desbravamento e saneamento de terrenos, tão indispensaveis ao desenvolvimento das colonias. Podemos affirmar que nenhuma das nossas colonias satisfaz de um modo absoluto a esta ultima condição; mas devemos ter sempre em vista que é necessario conciliar os interesses do desenvolvimento agricola com os outros interesses, não menos importantes e respeitaveis, da segurança da colonia.

Demais, cremos que nada obstaría a que um corpo militar fosse ao mesmo tempo e até certo ponto uma colonia agricola. É claro que, como não é necessario que os soldados estejam sempre em campanha e de prevenção contra o inimigo, cada corpo militar podia e devia ter á sua disposição uma certa extensão de terreno para o desbravar e cultivar, o que não prejudicaria o tirocinio das armas nem a disciplina militar. Para incitar os soldados ao trabalho, todo o producto da cultivação, feitas as deducções a que o estado tivesse

legitimo direito, seria por elles distribuido. Por certo que não tinhamos assim regimentos á europêa, mas teriamos indubitavelmente, e isso é o que importa, colonos que augmentavam a riqueza, desbravando campos, e soldados que n'um momento pegavam em armas para defender as colonias contra os seus inimigos.

Estamos a ver certos leitores sorrirem-se chamando a isto uma utopia; a verdade, porém, é que pelo preconceito de se dar esse nome a muitas cousas uteis ellas se não realisam, apesar de todas as vantagens que promettem.

Poderão dizer que semelhante organização era completamente opposta à liberdade de trabalho; mas aqui não se tracta d'isso, nem a occupação principal do soldado é o trabalho agricola, mas os serviços que tem a prestar com as armas: tracta-se apenas de servir a patria defendendo as colonias, de pagar o tributo de sangue que todos devem, procurando o Estado offerecer em troca todas as vantagens possiveis e compativeis com o exercicio das armas.

Outra condição essencial para regularmente se constituir um exercito colonial é, como dissemos, a que se refere ao numero de habitantes de cada colonia.

A população da provincia de Angola ascende a mais de 12.000:000 de habitantes. Deduzindo a parte da população em que poderia julgar-se inexequivel o alistamento ao menos por agora, ficariam ainda, supponhamos, 6.000:000 habitantes, que poderiam fornecer, na peor das hypotheses, um alistamento sufficiente para a conservação permanente de 12:000 homens armados. E que pôdem fazer esses doze mil homens n'uma area de mais de 1.300:000 kilometros quadrados, isto é, mais de quatorze vezes a area de Portugal? Seria pouco, bem sabemos, mas seria muito mais e melhor do que aquillo que lá temos hoje, que quasi não é nada. Esses doze mil homens occupariam os pontos principaes da provincia, dividindo-se, por exemplo, em doze corpos, e convergiriam, n'um momento de perigo, para onde a sua presença fosse reclamada. Esses soldados, acclimados e conhecedores do paiz e de todas as circumstancias necessarias ao soldado em campanha, pres-

tar-nos-iam muito melhores serviços do que uma expedição de soldados europeus que vão á Africa morrer de febres sem poderem prestar serviços importantes, apesar da sua boa vontade, porque se sentem victimados pelo clima, pela falta de aquartelamentos e de todas as mais vulgares necessidades.

Essas forças estacionando, ao norte do Zaire, em Landana e Cabinda, e ao sul em Santo Antonio do Zaire e S. Salvador do Congo; no districto de Loanda em Encoge, Bengo, Loanda, Duque de Bragança, Golungo Alto, Pungo Andongo, Ambaca, Malange, Dondo e Novo Redondo; no districto de Benguella, em Bailundo, S. Philippe de Benguella, e Dombe Grande; finalmente, no districto de Mossamedes, no planalto de Chella, em Huilla, Mossamedes e Humbe, — constituiriam outros tantos pontos de defeza, e poderiam marchar mais para o interior ou para qualquer ponto de perigo. Em certas circumstancias podiam até transportar-se pelo Cabo da Boa Esperança para a Africa oriental, o que seria bem menos dispendioso e mais util que enviar tropas da metropole.

A provincia de Moçambique tendo apenas pouco mais de metade da area e um oitavo da população da provincia de Angola, podia formar um exercito de tres mil homens disciplinados, capazes de satisfazer ás mais urgentes necessidades e ao menos constituirem um nucleo de resistencia até á chegada de reforços em circumstancias extraordinarias. Essas forças occupariam os pontos mais importantes da provincia, e teriam em tudo uma organização igual ás das forças de Angola.

Mas um exercito não se forma pelo simples alistamento de mancebos: o que é sobre tudo importante é disciplinal-os e educal-os, e para isso não se pode contar simplesmente com elementos africanos. Nos primeiros seis ou oito annos, portanto, era necessario enviar tropas da metropole para a formação de um nucleo de exercito colonial.

Mas, dirão, se já hoje existe em Portugal uma grande repugnancia pelo serviço militar, o que constitue uma das causas da emigração para o Brazil, — que será quando aos

nossos soldados se fallar em ir para a Africa, que ainda hoje se afigura a muita gente como terra de degredados?

A difficuldade não é tão grande como á primeira vista parece. Em primeiro logar as tropas da metropole deviam ir para regiões salubres, que as temos, e muitas, na nossa Africa, pois nem mesmo era necessario transportal-as para terras doentias. Depois deve considerar-se que, no actual estado de cousas, os nossos soldados sabem que podem ser obrigados, de um momento para outro, a embarcar para a Africa, como agora está succedendo, e n'este caso vão para onde a necessidade os reclama, e não para um local salubre. Finalmente, alem de que muitos soldados se prestariam voluntariamente a marchar para a Africa nas condições indicadas, o governo podia vencer essa repugnancia de varias formas, como, por exemplo, reduzindo a metade o tempo de serviço d'aquelles que fossem para as colonias depois de aprendido o exercicio na metropole.

Finalmente para tornar menos onerosas as despezas que este plano importaria, ao menos nos primeiros annos, era conveniente reduzir as despezas com o exercito da metropole, o que não seria muito difficil.

Isto é simplesmente o esboço de um plano que é perfeitamente exequivel e offerece incontestaveis vantagens, sob qualquer ponto de vista que se considere. Acabariamos assim com o nosso pessimo systema de fazer campanhas em Africa, tinhamos com mais economia e maior segurança garantida a integridade dos nossos dominios, e augmentariamos o nosso prestigio colonial.

FORTUNATO DE ALMEIDA.



OS MILAGRES DE LOURDES

E AS OBJECCÕES DOS MEDICOS

Conferencia lida na Academia dos Arcades, em Roma,
em 20 de fevereiro de 1895, pelo Doutor José Lapponi,
medico particular de Sua Santidade Leão XIII

Eminencia, ¹⁾

Excellencias, ²⁾

Meus senhores e minhas senhoras:

Acceitando o convite que recebi de fallar novamente ácerca de Lourdes n'esta assembléa, reconheço que o meu compromisso é grave, porventura superior ás minhas humil-des forças; porque se é sempre difficil egual tarefa, essa difficuldade redobra perante um audictorio tão selecto como este.

Todavia accedi de boa vontade a este lisongeiro convite, por confiar na santidade do fim do meu discurso e na amavel indulgencia dos que me ouvem. Vou, pois, fallar novamente de Lourdes.

Mas, para escapar á censura que Apelles fez outr'ora áquelle que tinha a pretensão de se arvorar em critico, circumscreverei o meu discurso em limites perfeitamente em harmonia com o genero de estudos a que ha muitos annos

¹⁾ O Cardeal Vicente Vannutelli.

²⁾ Membros do corpo diplomatico acreditado junto da Santa Sé.

me tenho inteiramente consagrado; e tractarei do valor das afirmações que, em nome da sciencia medica, são allegadas por alguns a fim de explicarem os factos singularissimos — e porque não hão de chamar-se pelo seu nome? — miraculosos, que ha mais de trinta e cinco annos se verificam em Lourdes.

Parece-me de muita oportunidade examinar essas afirmações, porque foram recentemente formuladas por alguns sabios de fama, e alem d'isso porque um romancista ousado procurou além dos Alpes vulgarisal-as e espalhal-as entre o povo, para recusar a Deus o que é de Deus fingindo dar a Cesar o que é de Cesar.

A meu ver não basta combater, como fizeram todos os outros depressores, as maravilhas de Lourdes com as armas do ridiculo, porque o ridiculo não é um argumento; e no caso de Lourdes, por motivos de que me não occuparei, o ridiculo tem servido muito pouco até hoje a causa da verdade.

Bem sei que, desenvolvendo esta delicadissima questão, vou attrahir sobre mim os sarcasmos e o desprezo de collegas numerosos e até muito estimados. Mas quando se tracta de prestar uma terna homenagem de devoção e de fé á Virgem Mãe de Deus, consideraria uma fraqueza recuar perante semelhante obstaculo.

I

Quem não conhece a historia dos maravilhosos acontecimentos de Lourdes? — Ninguem ousa levantar a menor duvida ácerca d'ella, — tão luminosas são as provas da sua authenticidade!

Em França, nos arredores de Lourdes, ergue-se um rochedo em que a natureza cavou grutas; tem o sitio o nome de Massabielle, e domina o curso do Gave.

Uma candida pastorinha de quatorze annos, Bernardette Soubirous, filha de paes muito pobres mas honestos, debil de corpo, conhecendo apenas o caminho dos campos, a casa de seus pobres visinhos e a humilde egrejinha da sua parochia, encontrava-se um dia perto d'esse rochedo, occupada

em apanhar lenha, com uma de suas irmãs e uma sua companheira.

Era em 17 de fevereiro de 1858: ainda hontem festejavamos o anniversario d'esse dia memoravel.

A menina preparava-se para atravessar um regato a fim de ir ter com a irmã e a companheira, que se tinha adeantado um pouco, quando de repente, no ambiente sereno, ouve um ruido semelhante a uma rajada de vento impetuoso.

Volta casualmente os olhos para a abertura de um dos rochedos visinhos, e na cavidade, por sobre uma roseira sem folhas, vê, entre os esplendores de uma luz indescriptivel, uma senhora de sobrehumana belleza, vestida de branco e com um cinto azul. Das mãos, como que em piedosa oração, pendia-lhe um rosario, contas cõr de leite em fios de ouro. Surprehendida a principio, depois tomada de respeito e temor, a menina ajoelha e começa a orar tambem, com os olhos fixos na doce visão. O spectaculo sublime dura um quarto de hora; depois a senhora sorri-se e desaparece, e Bernardette não vê deante de si mais que a roseira secca e a escavação do rochedo.

Desde esse dia a visão renovou-se ainda dezeseite vezes, mas sempre e exclusivamente quando a pastorinha tinha um vivo desejo e o presentimento de que ella appareceria.

Testemunhas oculares d'essas aparições affirmam, que, no extasis, o aspecto da ingenua creança como que se transfigurava e illuminava pelo reflexo de uma luz indizivel.

A menina não perdia os sentidos: via tudo, ouvia tudo, comprehendia tudo o que os outros viam e ouviam como ella; fazia pedidos e orações, mas alem d'isso via e ouvia cousas que escapavam aos outros. Desapparecida a visão, conservava a memoria de tudo o que se passára.

Uma vez, durante um dos seus arrebatamentos, tinha Bernardette um cirio acceso na mão; emquanto o cirio se consumia, a chamma lambeu durante uns quinze minutos os dedos da mão que o sustentava; mas, com grande surpresa das testemunhas d'este facto, e principalmente do doutor Couzons, Bernardette não accusou dôr alguma, e a sua carne não offereceu o menor vestigio da acção do fogo.

A senhora da visão ordenou um dia á innocente menina, que annunciasse ao clero o desejo que tinha de ver concorrer as multidões ás grutas de Massabielle, onde queria que se levantasse um templo em sua honra.

Como a joven vidente, a instigação de seus vizinhos, pedisse á senhora que fizesse florescer, como prova da realidade das suas aparições, a roseira que seus pés calcavam e que o inverno seccára, a senhora sorriu-se. Poucos dias depois diz á pastora que beba. Esta não vendo agua, quer correr ao rio Gave ; mas, chamada pela Senhora, determinase a cavar com as suas mãos uma pouca de terra accumulada a um canto da gruta. E immediatamente vêem-se surgir algumas gottas de agua, que pouco e pouco sahem mais abundantes e, ao cabo de algumas horas, tornam-se uma nascente bastante consideravel. ¹⁾

Mezes depois tentam desviar as aguas e cobrir a bocca da fonte prodigiosa. Esforço inutil! as aguas continuam a correr, como ainda hoje.

« Mas quem sois vós, Senhora, que tantas vezes vos tendes dignado apparecer-me e que, sob os meus dedos, fizestes brotar no meio de aridos rochedos uma fonte tão fecunda? Por Deus, dizei-me o vosso nome! »

A pedido de todos, a menina repetidas vezes fez esta pergunta á visão. A senhora a principio nada respondeu ; mas enfim pronunciou estas palavras que Bernardette provavelmente ouvia pela primeira vez na sua vida: « *Eu sou a Immaculada Conceição.* » Acabadas estas palavras, a visão desapareceu. Depois d'isto ainda a senhora se mostrou duas vezes, e eis tudo.

Nem antes, nem durante a visão nem depois d'ella a miraculada soffreu qualquer doença nervosa ; nunca, nas funcções das suas faculdades mentaes, mostrou um desarranjo ou uma alteração. Repetindo o que vira ou ouvira, foi sempre logica e consequente, e nunca ninguem conseguiu,

¹⁾ Depois de algumas horas, as gottas que brotaram a principio tornaram-se uma fonte copiosa e inesgottavel, que hoje dá 120:000 litros por dia, ou sejam 5:000 em cada hora, ou ainda mais de 80 por cada minuto.

mesmo com os artificios mais enganadores, induzil-a a uma contradicção. De character vivo, instrucção mediocre, até ignorava o francez e apenas fallava o dialecto do seu departamento; e apesar d'isso deslumbrou e confundiu, com as suas sabias, promptas e surprehendentes respostas, aquelles que procuravam convencêl a da inanidade das suas visões.

Perfeitamente equilibrada na intelligencia, no coração e nas inclinações, Bernardette portou-se sempre como uma mulher a quem nada prejudicou as faculdades; e, cheia de merecimentos perante Deus, morreu ainda nova n'um convento da cidade de Nevers.

Exceptuando os seus extasis e as suas virtudes, nada foi extraordinario na sua vida nem na sua morte.

Quanto ás aguas que, durante uma visão, tinham brotado debaixo das mãos de Bernardette, a analyse chimica dos sabios nada encontra n'ellas que as distinga de todas as aguas potaveis. Mas desde o primeiro momento da sua irrupção mostraram admiraveis virtudes curativas. Por ellas, os cegos recuperaram a vista, os surdos o ouvido, os mudos a palavra, os paralyticos o uso dos membros sem movimento, os moribundos a vida. Com o tempo nada perderam da sua virtude; pelo contrario, affirmaram-se cada vez mais efficazes contra os males mais diversos. E até quando a sciencia teve de confessar-se impotente ellas produziram muitas vezes fructos maravilhosos.

II

Em presença d'estes factos, o bom senso popular bradou: « milagre! » Mas a este grito respondeu o protesto d'aquelles que, em nome da sciencia medica, pretenderam reduzir os prodigios de Lourdes a simples acontecimentos de ordem natural.

Dizem elles: o elemento extraordinario das visões de Bernardette é devido ao seu temperamento nervoso e sobre tudo hysterico; tudo se limita a *hallucinações*. O elemento extraordinario das curas obtidas pelas aguas de Massabielle é apenas o effeito de um erro, ou de facto ou de apreciação: tudo se limita a *illusões* ou a *suggestões*.

Taes afirmações constituem, para os prodigiosos acontecimentos de Lourdes, outras tantas objecções graves contra o milagre; porque é incontestavel que o milagre não existe desde que ha hallucinação, illusão, suggestão.

Felizmente, semelhantes afirmações, embora especiosas, são de tal forma destituidas de todo o fundamento solido, que será facil demonstrar a sua extrema futilidade. O seu effeito foi chamarem mais a attenção sobre o character miraculoso dos acontecimentos de Lourdes, verificados na gruta de Massabielle; porque ninguem podia negar o milagre, quando a sciencia confessa que as leis mais ordinarias e mais conhecidas da natureza foram alteradas.

Para evidenciar plenamente a nullidade das asserções por meio dos quaes se pretende atacar os milagres de Lourdes, podiamos observar previamente, que aquelles que vêem n'esses factos hallucinações, illusões ou suggestões, nunca quizeram examinal-os de perto, quando todavia esse exame era um dever, sem constituir um grande trabalho.

Poderiamos accrescentar que aquelles que quizeram julgar esses factos de um modo tão estranho, dêram prova da mais insigne má fé, inventando sem pudor circumstancias puramente imaginarias.

Para poderem concluir que Bernardette foi uma hallucinada, chegaram até a dizer que ella, como louca, teve de ser internada n'uma casa de saude.

Podiamos ainda dizer que com habilidade procuraram confundir com os milagres os factos particulares que os crentes consideram como graças.

E poderiamos enfim estabelecer que, para determinar a authenticidade das prodigiosas curas de Lourdes, chegaram até a recusar aos doentes todo o attestado da existencia ou da natureza da sua enfermidade, ou a redigir certificados que, tendo algum respeito pela sua pessoa ou pelos outros, nunca passariam sem pejo.

Debalde, n'um desafio publico divulgado pela imprensa, foram promettidos vinte mil francos áquelle que demonstrasse, deante de tres professores da faculdade de Paris designados

pela sorte, que a vidente esteve algum dia encerrada como louca, e que todas as incríveis curas de Lourdes, julgadas sobrenaturaes por homens de sciencia e pessoas competentes, eram falsas no todo ou em parte.

Ninguem acceitou, como cumpria, este desafio; e as mentiras ousadas continuaram a correr.

A simples consideração d'estes factos podia bastar para convencer os mais refractarios de que as affirmações emittidas em taes circumstancias, por observadores destituídos de toda a lealdade, não podiam ser fructos de estudos scientificos bem guiados pelas regras mais elementares.

Tinhamos pois o direito de recusar fé a esses estudos, considerando-os como imaginarios e arbitrarios: demais a mais sendo dado que mesmo os seus auctores não lhes ligam grande importancia. Mas sejamos generosos. Concedamos que todas essas mesquinhas divagações sobre os factos de Lourdes, em nome da sciencia medica, são a pura e verdadeira expressão da convicção mais intima, e que assentam n'um consciencioso exame, que apresentam todo o rigor scientifico e são obra de pessoas competentes, leaes e animadas da mais completa boa fé.

Todavia, as objecções formuladas em nome da sciencia medica contra os acontecimentos de Lourdes ganharão assim mais credito?

As visões de Bernardette serão simples hallucinações? e as curas miraculosamente realisadas pelas aguas da gruta de Massabielle serão apenas illusões de cerebros doentios, ou suggestões actuando em cabeças neuropathas? De certo não!

(Continúa).



Congresso nacional de tuberculose em Coimbra

ESTATISTICA IMPORTANTE

Em uma das sessões do Congresso nacional de tuberculose, que, como já dissemos, se realisou em Coimbra de 24 a 27 de março, o illustre professor da Universidade sr. Dr. Augusto Rocha apresentou um diagramma da mortalidade da tuberculose em Lisboa, nos ultimos annos, comparada com a mortalidade produzida por outras doenças. A estatistica é deveras assustadora, e vê-se por ella quanto é indispensavel combater a implacavel doença por todos os meios que a sciencia aconselha, especialmente por uma vigilancia constante sobre a hygiene publica.

Esta estatistica, como a de todos os grandes centros onde ella se fizesse, prova a dolorosissima verdade d'estas palavras do sabio congressista hespanhol sr. D. Antonio Espina y Capo: «A setima parte da humanidade morre de tuberculose. Sommadas as mortes produzidas pela diphteria, febre typhoide, variola, escarlatina, sarampo, cholera, e, n'uma palavra, pelas enfermidades mais mortiferas, não dão uma cifra tão aterradora como a que por si só produz a tuberculose, não só na raça humana, mas ainda na dos animaes mais uteis, já para a nossa alimentação, já para nos ajudarem ao trabalho. — A tuberculose reina por tal forma no mundo, que em algumas regiões da França a sua mortalidade sobe

a 22 por cento. É uma enfermidade de tal importancia que dizima as populações, e que ha de acabar com a raça humana, se não se tomarem medidas efficazes e se não se empregarem remedios urgentes para a combater.»

Na impossibilidade de reproduzirmos o diagramma, publicamos em seguida, por algarismos, a seguinte

Estatistica da mortalidade da tuberculose comparada com a de outras doencas infecciosas em Lisboa

Mezes	Sarampo	Variola	Diphtheria	Febre typhoide	Tuberculose	
1887	Janeiro	—	—	—	—	
	Fevereiro	3	7	9	2	108
	Março	6	41	6	5	110
	Abril	5	15	3	11	110
	Maió	7	20	10	7	119
	Junho	4	23	1	8	129
	Julho	8	40	1	9	122
	Agosto	2	41	4	10	133
	Setembro	13	38	4	5	129
	Outubro	3	64	5	14	123
	Novembro	9	25	2	13	111
	Dezembro	6	129	6	7	119
<i>Somma</i>	66	413	51	91	1:313	
1888	Janeiro	0	84	9	18	118
	Fevereiro	0	56	4	19	133
	Março	6	56	5	9	129
	Abril	5	37	4	8	125
	Maió	10	17	5	6	118
	Junho	20	8	4	10	129
	Julho	15	44	3	8	142
	Agosto	14	25	6	12	126
	Setembro	11	13	2	7	134
	Outubro	15	7	5	11	150
	Novembro	3	2	1	7	117
	Dezembro	5	7	3	18	123
<i>Somma</i>	104	326	51	133	1:544	

Mezes	Sarampo	Variola	Difteria	Febre typhoide	Tuberculose	
1889	Janeiro	10	6	5	10	117
	Fevereiro	20	17	3	5	128
	Março	24	15	5	17	130
	Abril	35	14	5	10	138
	Maio	25	25	14	3	137
	Junho	19	15	5	7	123
	Julho	9	10	9	4	124
	Agosto	5	11	6	8	111
	Setembro	10	7	3	6	112
	Outubro	4	12	7	11	137
	Novembro	3	11	8	12	115
	Dezembro	0	19	10	5	143
<i>Somma</i>	<u>164</u>	<u>162</u>	<u>80</u>	<u>98</u>	<u>1:515</u>	
1890	Janeiro	3	17	12	11	197
	Fevereiro	14	21	12	3	146
	Março	17	36	13	4	151
	Abril	15	23	15	5	156
	Maio	8	16	12	5	121
	Junho	8	12	8	6	118
	Julho	7	23	5	8	122
	Agosto	1	32	6	0	118
	Setembro	0	36	5	11	113
	Outubro	3	51	10	16	143
	Novembro	4	81	6	21	121
	Dezembro	1	111	6	1	123
<i>Somma</i>	<u>81</u>	<u>459</u>	<u>110</u>	<u>91</u>	<u>1:629</u>	
1891	Janeiro	0	86	14	7	119
	Fevereiro	1	52	5	6	122
	Março	2	37	8	7	138
	Abril	1	19	8	7	161
	Maio	0	17	6	10	138
	Junho	6	17	4	5	125
	Julho	2	13	7	6	137
	Agosto	2	4	3	7	128
	Setembro	1	9	6	7	110
	Outubro	1	6	4	13	104
	Novembro	3	4	1	10	92
	Dezembro	1	3	6	11	103
<i>Somma</i>	<u>20</u>	<u>267</u>	<u>72</u>	<u>96</u>	<u>1:477</u>	

Mezes	Sarampo	Variola	Diphtheria	Febre typhoide	Tuberculose	
1892	Janeiro	0	3	7	11	121
	Fevereiro	0	1	5	6	99
	Março	1	1	5	2	94
	Abril	0	0	7	8	104
	Maió	3	1	3	20	124
	Junho	9	1	2	9	99
	Julho	10	0	5	12	143
	Agosto	16	1	1	1	125
	Setembro	16	2	3	12	122
	Outubro	12	0	6	15	132
	Novembro	5	0	0	16	105
Dezembro	6	0	10	15	108	
<i>Somma</i>	78	10	54	127	1:376	
1893	Janeiro	11	0	12	10	112
	Fevereiro	13	2	6	9	118
	Março	16	1	5	4	101
	Abril	13	2	6	14	108
	Maió	2	2	5	10	112
	Junho	3	3	7	14	93
	Julho	3	11	3	16	133
	Agosto	3	14	5	24	119
	Setembro	1	1	4	16	130
	Outubro	1	4	4	28	113
	Novembro	2	8	2	15	120
	Dezembro	0	6	4	8	106
<i>Somma</i>	68	54	63	168	1:365	
1894	Janeiro	0	11	7	11	111
	Fevereiro	0	14	7	12	99
	Março	1	10	6	13	142
	Abril	1	6	6	5	124
	Maió	—	8	3	8	142
	Junho	—	8	3	5	110
	Julho	—	7	7	6	112
	Agosto	—	11	2	12	83
	Setembro	—	12	5	13	116
	Outubro	—	20	3	13	110
	Novembro	—	5	9	13	114
	Dezembro	—	7	7	11	113
<i>Somma</i>	2	119	65	122	1:376	
1895	Janeiro	—	3	9	8	110

Nada mais eloquente que os algarismos d'esta estatistica. No periodo que ella abrange, desde 1 de fevereiro de 1887 a 31 de janeiro de 1895, a tuberculose fez em Lisboa 11:705 victimas, isto é, mais do triplo dos obitos produzidos em igual espaço de tempo pelas doenças infecciosas do sarampo, variola, diphteria e febre typhoide, que victimaram 3:885 pessoas.

A mortalidade da tuberculose conserva-se em todos os mezes superior á das outras doenças consideradas na estatistica, à excepção do mez de dezembro de 1887, em que foi excedida pela mortalidade da variola, em virtude de um recrudescimento extraordinario d'esta epidemia.

É tambem digno de notar-se que a mortalidade da tuberculose foi sempre augmentando desde 1887 até attingir o maximo de 1:629 obitos em 1890. Nos ultimos mezes d'este anno começa a decrescer sensivelmente, facto que, como observou o sr. Dr. Augusto Rocha, coincide com a realisação de varios melhoramentos que beneficiaram as condições da hygiene publica em Lisboa. Tambem não deve julgar-se estranho a esse decrescimento o facto de se retirarem da capital muitas pessoas, especialmente operarios, em virtude da crise economica. Seja como for, é certo que para esta mortalidade aterradora contribue muito o desprezo a que entre nós é votada a hygiene publica. Sobre tudo no que respeita aos matadouros de Lisboa, fizeram-se no congresso de tuberculose revelações que seriam incriveis, se não nol-as garantisse a probidade de homens de sciencia. E quando é monstruoso o que a este respeito se passa em Lisboa, que diríamos das terras de provincia onde as autoridades não exercem vigilancia absolutamente nenhuma?



Uma pagina brilhante na historia da Universidade de Coimbra

(Continuação da pag. 221)

JURAMENTO PRESTADO PELA FACULDADE DE MEDICINA SEGUNDO O SENTIDO DA FACULDADE DA S. THEOLOGIA

Eu Antonio de Abreu Bacellar, Dr. e Professor Primario da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu José de Amorim, Dr. e Professor de Vespera, da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Francisco, Dr. e Professor da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel dos Reis e Sousa, Dr. e Professor da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Antonio Duarte Ferreira, Dr. e Professor da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu João Pessoa da Fonseca, Dr. e Professor da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p.

JURAMENTO DOS CONSULTORES E DEPUTADOS DO CONSELHO ACADEMICO

Eu Diogo de Mendonça Côrte Real, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Bacharel nos S. Canones e Deputado da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu José Corrêa, Mestre na Faculdade de Artes e Deputado da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Dias Ortigão, Bacharel na Faculdade de Medicina e Deputado da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Agostinho Gomes Guimarães, Mestre na Faculdade de Artes, Bacharel na Sacrosanta Theologia, Consultor da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Francisco Xavier de Mello, Dr. nos S. Canones e Consultor da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Lucas de Seabra e Silva, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. em Direito Civil e Consultor da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Moreira de Sousa, Mestre na Faculdade de Artes e Consultor da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Mendes de Carvalho, Dr. nos S. Canones e Conservador da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Alvares Brandão, Bacharel nos S. Canones e Syndico da Academia, juro o mesmo. A. m. p.

Depois d'isto entenderam todos que se deviam dar graças a Deus summamente bom e todo poderoso por ter inspirado ao N. SS. Padre o Papa Clemente XI a publicação tão util como necessaria da Constituição, para esmagar o monstro da heresia, para conservar os costumes christãos na sua pureza, e que se devia pedir a Deus a incolumidade do mesmo SS. Padre; com esta intenção se dirigiram para a Real Capella e, cantado o Hymno *Te Deum*, dissolveu-se o claustro.

Eu Manuel de Abreu Bacellar, secretario d'esta principal Academia, dou fé de que tudo que acima se escreveu é a narração fiel do que se passou nos Claustros de 7 e 9 de Janeiro e 4 de Fevereiro do corrente anno, aos quaes assisti e tomei nota de tudo, e reconheci as assignaturas feitas pela propria mão. E em testemunho publico da verdade dei, assignei e sellei com o sello da Academia este documento. Coimbra, 6 de fevereiro de 1717.

(L. ✕ S.)

Manuel de Abreu Bacellar, Secretario da Academia.

O *Sensus* da faculdade de theologia ao qual, como vimos, adheriram todas as faculdades academicas e todos os Collegios theologicos de Coimbra, foi enviado ao Santo Padre Clemente XI por intermedio do então nosso embaixador em Roma, Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, 3.º Marquez de Fontes e 4.º de Abrantes ¹⁾. É muito curiosa a carta do nosso ministro em Roma ao Reitor da Universidade de Coimbra, Nuno da Silva Telles, dando-lhe conta da commissão de que fora encarregado. Devemos uma copia fiel d'essa carta inedita ao nosso presado amigo o Ex.º Sr. Dr. Antonio José Teixeira, ornamento e gloria da nossa Universidade. É a seguinte, cuja orthographia conservamos :

« Roma 14 d'Abril de 1717.

« Meu Sr. quinta feira da semana passada resebi a de V. S.ª acompanhada das cartas para o Papa, e da Attestação dos actos que essa Universidade fez em demonstração do seu filial obsequio á Sée Appostolica, e depois de ler tudo com suma satisfação por ver o grande asserto com que V. S.ª soube dispor e concluir hũa acção, que no teatro do Universo darã que admirar a todos; logo no sabado fis tudo presente a S. Santidade.

« Tão longe estou de encarecer, que apennas poderei referir a V. S.ª o grande effeito de Consolação e jubilo, que no animo do Vigario de Cristo

¹⁾ Na *Gazeta de Lisboa* (27 de maio de 1717) lêmos: « Por cartas de Roma se tem noticia de haver apresentado a Sua Santidade o Marquez de Fontes, Embaixador d'este Reino, a declaração da Universidade de Coimbra sobre a Bulla *Unigenitus* e de havella Sua Santidade recebido com especiaes demonstrações de gosto, louvando muito o zelo, e piedosa resolução com que esta Universidade espontaneamente tomou o dito assento, admirando tambem o numero de Doutores, que nella assignaram, sendo que deixaram de o fazer muitos, que por ausentes não foram convocados, alem dos Doutores Canonistas, e das mais faculdades, de que não foram chamados mais que os Lentos, Deputados e Conselheiros. »

produzirão as expreções de V. S.^a, e de toda a Universidade; Leu tudo logo com grande attenção; arquiando de coando em coando as sobrance-lhas, e abaixando a cabeça, e no fim dobrando os papeis prorrompeu com admiração; dizendo estes sim, que são verdadeiros D. D., vencerão a todos! nenhũs se souberão explicar assim: que grandes homeñs! que erudição; que eloquencia, e que locução! Sr. Enbaixador hemos mister tempo para estudar as respostas que devemos dar, significando o nosso agradecimento em dous breves, que faremos, agora demos graças a Deus, que nos mandou esta grande Consolação, em tempo que tanto o auemos mister. Saiba que não só dous Bispos de novo aderirão Appellação ao futuro Concilio, mas athé os alfaiates e sapateiros de Paris appellarão.

« Logo na segunda feira mandou o Papa comunicar tudo aos Consultores do S. Officio que uniformemente forão de parecer, que S. Santidade mandasse logo estampar a declaração da Universidade na melhor officina de Roma, para a destinguir das demais, aminham a comunicarã a Congregação do S. Officio em sua prezença.

« Esta he a cincerã rellação do feito e dito nesta materia, a qual não necessita de ser infetada para parecer bem; por minha conta fica aver, e remeter os breves a V. S.^a que espero conseguirã por elles contoda a Universidade nova e perpetua gloria, etc. »

Eis os dous Breves a que esta carta allude:

CLEMENTE XI, PAPA

AO AMADO FILHO NUNO DA SILVA TELLES, REITOR DA ACADEMIA CONIMBRICENSE

Amado filho, saude e benção apostolica. Não da humildade do nosso entendimento, mas da altissima sabedoria e sciencia que la do ceu illumina, e cujo auxilio desde ha muito não cessamos de implorar com instantes e ininterrompidas orações, é que proveio a Constituição Apostolica que ha pouco publicámos, na qual se condemnam as depravadas affirmações contidas n'um livro d'um auctor assás conhecido, e nitidamente se declara a todos os fieis o sentimento da Egreja Catholica, para que não succeda que, imbuidos d'aquelles erros, se desviem do caminho da verdade. Pelas vossas cartas do 5.º dos Idos de Fevereiro proximo passado soubemos com satisfação que foi grande o applauso e a alegria com a mesma Constituição ahi foi recebida, edificante o enthusiasmo e consentimento com que essa insigne Academia Conimbricense prometteu com juramento a obediencia que lhe é devida. Nem outra cousa era de esperar d'uma Academia em que a Fé orthodoxa sempre teve firme sustentaculo e grande gloria, e esta Santa Sé Apostolica uma singular e inviolavel obdiencia.

Augmenta alem d'isso em nós a excellencia e o merito do tão preclaro facto, a circumstancia de ter succedido sendo vós Reitor da mesma academia e como que o seu inspirador, que bem conhecemos nós a vossa piedade realçada pela nobreza do sangue, pela erudição e filial reverencia par

com a Sancta Egreja romana. Por onde bem podeis intender quão elevado é o conceito em que vos temos, e melhor o intendereis, amado filho, quando se nos proporcionar occasião de vos mostrar o nosso animo agradecido. Entretanto, em penhor do nosso affecto, vos concedemos com todo o amor a benção apostolica. Dado em Roma, junto de Santa Maria Maior, sob o annel do Pescador, aos 10 de maio de 1717, anno XVII do nosso Pontificado.

Jo ; Christovão, Arcebispo Amasense.

CLEMENTE XI, PAPA

AOS AMADOS FILHOS, REITOR, DOUTORES E PROFESSORES
DA ACADEMIA CONIMBRICENSE

Amados filhos, saude e benção apostolica. O conceito por igual justo e levantado que formamos da vossa singular piedade e entranhada dedicação para connosco e para com a Sé Apostolica, bem como da eximia pericia das leis divinas e humanas, que originou o grande nome d'essa academia em todo o mundo, facilmente nos persuadiu que não só devieis abraçar com animo submisso a doutrina da nossa Constituição Apostolica *Unigenitus Dei Filius* e que depois de maduro exame e de por muito tempo termos implorado o auxilio divino intendemos dever publicar, mas tambem que tínhamos a esperar de vós algum preclaro testemunho do vosso zelo mediante o qual todos com o vosso exemplo aprendessem a procurar a verdade da fé n'esta Cadeira em que ainda vive e á qual preside o B. Pedro, e a sugeitarem-se humildemente á auctoridade da Egreja. E que esse testemunho foi collectivamente prestado por vós deprehendemo-lo já das vossas cartas, cheias de filial devoção e obediencia, já das Actas publicas da mesma academia, summamente gratas para nós e altamente dignas do vosso nome. Julgamos por isso que nunca será assás louvada a vossa virtude e o illustre proposito de seguir constantemente os vestigios dos vossos maiores nos quaes sempre resplandeceu uma grande e inalteravel reverencia para com esta Santa Sé. Continuae, pois, amados filhos, no caminho encetado, e desterrados do seio da vossa academia essas novidades peregrinas e profanas, adheri firmemente aos dogmas e instituições da Pedra inviolavel sobre a qual Jesus Christo edificou a sua Egreja, e esperae de nós, sempre que haja occasião, todos os testemunhos não só da nossa singular estima, como tambem de paternal benevolencia, por que muito vos amamos no Senhor. Entretanto, como penhor de felicidade, vos concedemos com amor a benção apostolica. Dado em Roma, junto de Santa Maria Maior, sob o annel do Pescador, aos 10 de maio de 1717, anno XVII do nosso Pontificado.

Jo ; Christovão, Arcebispo Amasense.

DR. SILVA RAMOS.

A ANTIGA ESCOLA
DE
PHILOSOPHIA CONIMBRICENSE

I

A Universidade de Coimbra antes da vinda dos Jesuitas — Movimento philosophico na Europa — Escolasticismo e aristotelismo — Predecessores dos Jesuitas na Escola Conimbricense.

(Continuação de pag. 169)

As relações de Portugal com o movimento scientifico do estrangeiro não se estabeleciam apenas por intermedio dos estudantes portuguezes que iam frequentar as mais afamadas universidades da Europa, mas egualmente pela influencia directa de professores estrangeiros que vinham estabelecer-se no reino e tomar a direcção dos estudos a convite dos nossos monarchas.

Na verdade tudo nos leva a crer, e assim o affirma um grande numero dos nossos escriptores antigos, que não havendo em Portugal, nos primeiros tempos da existencia da Universidade, professores bastantes para todas as cadeiras que logo se estabeleceram, D. Diniz chamasse professores de universidades estrangeiras. Assim o diz, por exemplo, o chronista dos eremitas de Santo Agostinho, que depois de affirmar que muitos d'esses professores pertenciam á sua Ordem, cita os nomes de alguns d'elles, nacionaes e estran-

geiros, entre os quaes Mestre Gerardo, italiano, que foi lente de prima de Theologia; Mestre Martinho, francez, que foi lente de canones; Mestre André Ursino, italiano, que foi professor de Escripura sagrada, etc. O chronista declara que, á falta de noticias e documentos que deviam existir na universidade e que se perderam de certo nas successivas mudanças que ella soffreu, recorrera ao cartorio do convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa, onde encontrára elementos que o esclareceram. ¹⁾

Leitão Ferreira não liga credito a estas informações. Em primeiro lugar porque, dizendo o chronista em questão, que do convento dos eremitas de Santo Agostinho de Lisboa sahiu um grande numero de lentes e reitores da universidade, não parece crível que durante os dezesete ou dezoito annos que as escolas estiveram em Lisboa o mencionado convento fosse tão fertil em produzir lentes e reitores. Depois, se no convento da Graça havia tantas pessoas habilitadas, como sustenta o chronista que D. Diniz se viu obrigado a chamar tantos professores estrangeiros por não os ter em Portugal?. É certo, diz ainda Leitão Ferreira, que entre nós havia doutores graduados em universidades estrangeiras, principalmente em Bolonha e em Paris, e n'elles podiam ser providas as cadeiras. ²⁾

Estas considerações poderão demonstrar que o chronista dos eremitas de Santo Agostinho sacrificou um pouco a verdade ao bom nome da sua Ordem, affirmando que ella forneceu á universidade grande numero de lentes e reitores; mas o que de certo não provam é que do estrangeiro não fossem chamados professores para a Universidade nascente. Alem de que todos os antigos escriptores affirmam este facto, seria facil de o conjecturar, desde que se considerasse a difficuldade de prover todas as cadeiras que desde o principio foram estabelecidas por D. Diniz. Apesar da obscuridade em que

¹⁾ Fr. Antonio da Purificação, *Chronica da Ordem dos eremitas de S. Agostinho*, P. II, liv. VII, tit. I, § III, fol. 213 e 214 (ed. de 1656).

²⁾ Francisco Leitão Ferreira, *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*, pag. 69 e seg.

esta epoca se acha envolvida, não só ha fortes razões para suppôr que desde o principio foram chamados professores estrangeiros, mas que o continuaram a ser por muito tempo, de tal sorte que uma das causas por que D. Fernando mudou a universidade de Coimbra para Lisboa, foi a preferencia que os professores estrangeiros mostravam por esta ultima cidade, e a repugnancia que sentiam pela primeira. Ora, se no tempo de D. Fernando, em que a universidade contava quasi um seculo de existencia, não havia professores portuguezes bastantes para o ensino, com mais razão os não haveria no tempo de D. Diniz, e mais natural era ainda que n'essa epoca se recorresse ao estrangeiro. ¹⁾

A questão é interessante considerada sob varios aspectos, porque não só nos elucida sobre o movimento scientifico em Portugal, n'aquella epoca, mas ainda, fornecendo-nos dados para avaliar as relações intimas da nossa universidade com os estabelecimentos congeneres do estrangeiro, pode desfazer os preconceitos de muita gente, que pretende que os nossos sabios de ha tres, quatro ou seis seculos, se transportassem para fóra do seu tempo e fizessem sciencia como se vivessem em pleno seculo XIX. Na verdade, desde que os portuguezes iam estudar e ensinar ao estrangeiro, como os sabios estrangeiros vinham ensinar em Portugal; e desde que, como anteriormente vimos, a philosophia escolastica peripatetica dominava em todas as escolas da Europa ao declinar da idade media, essa philosophia necessariamente seria professada em Portugal. Mas não era só a orientação scientifica que os portuguezes de então procuravam nas mais afamadas

¹⁾ Vid. a noticia que sobre a fundação da Universidade precede os *Estatutos de 1597*, approvados por D. João IV em 1653 e publicados em 1654, pag. 4; *Elucidario* de Viterbo, na advertencia preliminar, pag. xiv (ed. de 1778); Padre Francisco da Fonseca, *Evora gloriosa*, n. 722, pag. 416; J. J. Rodrigues de Brito, *Memorias politicas*, vol. II, pag. 78; Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia*, dialogo V, cap. III; Fr. Manuel dos Santos, *Alcobaça illustrada*, pag. 109; Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, vol. V, pag. 221.

Para corroborar esta opinião que é a de muitos e acreditados escriptores, recordaremos ainda, que estava tanto no espirito d'aquelle tempo chamar professores estrangeiros para dirigirem a educação em Portugal, que o proprio D. Diniz foi educado por um francez, Aymeric d'Ebrard, descendente de uma nobre familia de Cahors e que veio a ser bispo de Coimbra.

universidades estrangeiras, pois é sabido que a universidade de Coimbra foi modelada pela de Bolonha ainda nos pormenores mais insignificantes. ¹⁾ E conseguiram os nossos professores fazer alguma cousa de notavel dentro do terreno em que se encontraram? Conseguiram, e tanto que a philosophia conimbricense alcançou uma reputação extraordinaria em todo o mundo culto.

Já anteriormente observámos que, se a philosophia conimbricense attingiu o seu maior esplendor com a vinda dos jesuitas para Coimbra, todavia houve alguns homens que os precederam e que muito se distinguiram pelos seus trabalhos. Agora diremos tambem, que mesmo na epoca em que os jesuitas tiveram o predominio nas escolas, alguns homens floresceram que não pertenciam á Companhia. D'elles nos occuparemos mais tarde, e agora vamos dar noticia de alguns philosophos portuguezes anteriores aos jesuitas.

Um dos mais notaveis foi Pedro Hispano, a quem já tivemos occasião de nos referir. Foi papa com o nome de João XXI, e muito distincto entre os sabios do seu tempo, como philosopho e como medico. ²⁾ Mas a sua obra capital são as *Summulae Logicales*, que lhe deram uma grande reputação nas escolas da idade media, como um dos homens mais notaveis d'aquella epoca, não só em Portugal mas em toda a Europa.

« O livro de Pedro Hispano — diz o illustre professor sr. Dr. Lopes Praça ³⁾ — não se recommenda pela originalidade das doutrinas: a palavra *Summula*, como diz Versorio, pode significar, por analogia, uma aggregação de muitos tractados ou capitulos particulares; ou, por outras palavras, *Summula*, diz ainda Versorio, é um compendio, que comprehende breve e geralmente o que se encontra em especial e com diffusão em outros tractados. O proprio titulo, por tanto, não deixa nenhum logar, absolutamente, a encarecidas

¹⁾ J. M. de Abreu, *Memorias historicas da Universidade de Coimbra*, publicadas no *Instituto*, vol. 1, pag. 309 e seg.

²⁾ Veja-se esta *Revista*, pag. 168.

³⁾ *Historia da Philosophia em Portugal*, pag. 34.

novidades. As *Summulas de Logica* de Pedro Hispano não passam de um Compendio abreviado de outros mais extensos. »

As *Summulæ Logicales* dividem-se em doze tractados, que expõem as doutrinas philosophicas mais em voga n'aquelle tempo, tendo principalmente em consideração as obras de Aristoteles, Boecio e Porphyrio. Pedro Hispano, como todos os philosophos escolasticos, deu uma grande importancia á dialectica, considerando-a como a primeira das sciencias na ordem da aquisição dos conhecimentos. Eis como elle define a dialectica: « a arte das artes, a sciencia das sciencias, indicando o caminho para o principio de todos os methodos. » Segundo Versorio, a palavra methodo significa aqui o mesmo que sciencia.

A gloria de Pedro Hispano consiste em adequar ao uso das escolas as extensas obras dos philosophos mais conceituados no seu tempo, o que representa um serviço importante.

(*Continúa*).

FORTUNATO DE ALMEIDA.



BIBLIOGRAPHIA

Cæremoniæ Missarum solemnium et Pontificalium, aliæque functiones ecclesiasticæ illustratæ opera Georgii Schober, Congregationis SS. Redemptoris sacerdotis ¹⁾ — Do benemerito e bem conhecido editor catholico da Allemanha sr. Frederico Pustet recebemos e muito agradecemos a esplendida edição d'este novo cerimonial ecclesiastico. Tem o grande merecimento de indicar os decretos da Congregação dos Ritos em que se fundam as diversas disposições liturgicas, pelo que o recommendamos muito a todos os sacerdotes e muito particularmente aos parochos e mestres de ceremonias.

De Libris prohibitis Commentarii, Auctore Agustino Arndt, S. J. Berolinenci, SS. Canonum in Collegio Maximo Cracoviensi professore. ²⁾ — Este erudito commentario do eminente professor de Direito Canonico, P.^e Arndt, é de summa necessidade para se conhecer a antiquissima disciplina da Egreja sobre os livros contrarios á fé e a moral, muito principalmente desde o concilio de Trento até nós. Resolvem-se n'elle importantes duvidas sobre a leitura de livros prohibidos, e julgamol-o de grande utilidade para os confessores.

¹⁾ Ratisbonæ Neo Eboraci et Cincinnati, sumptibus, chartis et typis Friderici Pustet S. Sedis Apost. et S. Rit. Congr. Typogr., 1894.

²⁾ Do mesmo editor, 1895.



SANTO ANTONIO DE LISBOA

Segundo um quadro de Murillo — Desenho de A. A. Gonçalves

UM SABIO PORTUGUEZ

NO SECULO XIII

O grande thaumaturgo portuguez Santo Antonio, objecto das mais fervorosas devoções do nosso povo, alem de ser um varão insigne pelas suas virtudes, distinguiu-se tambem pela sua sabedoria. Ensinou theologia em Verceil, Bolonha, Montpellier, Limoges e Padua; e era tão profundo o conhecimento que tinha dos livros sagrados, que, prégando em Roma em 1227, isto é, aos trinta e dois annos de idade, o papa Gregorio IX, que o ouviu, disse para algumas pessoas que estavam presentes: «Verdadeiramente, este varão de Deus é arca viva do Sagrado Testamento!»

Os seus *Sermões* e a sua *Concordancia moral da Biblia* attestam ainda hoje o seu profundo saber. Uma vez, em Forli, assistia Santo Antonio a ordenação de alguns religiosos. Era costume que, antes da ordenação, um prégador fallasse em presença dos ordenandos; mas o prégador não compareceu, e Antonio foi escolhido para o substituir, ao que accedeu em obediencia ao provincial Graciano.

«Graciano, diz um biographo do Santo, não pensava que Antonio soubesse uma palavra de Escriptura Sagrada, nem que elle jamais tivesse lido outra cousa senão o seu breviario. Entretanto alguma esperança tinha de que elle se sahisse regularmente, porque, em rarissimas circumstancias, ouvira-o expôr a sua opinião em bons termos quando a isso era obri-

gado. Cousa notavel! este grande homem, a quem a memoria fazia as vezes de bibliotheca e que possuia maravilhosos dotes para expôr a theologia mystica, passava entre os seus irmãos por um religioso que sabia melhor lavar os utensilios da cosinha que desenvolver os mysterios da Escripura. Elle mesmo pedira ao seu superior que lhe concedesse o favor de deixar lavar a louça da cosinha e varrer todos os dias as cellas de seus irmãos, confessando que não servia para outra cousa, ao passo que era na realidade um vaso de eleição ornado dos mais ricos dons do Espirito Santo. Por consequente lavava todos os dias com profunda humildade os objectos da cosinha, e punha em arrumação as cellas de seus irmãos, dando assim um raro exemplo de humildade e desprezo de si proprio.

« Não é assim que fazem a maior parte dos homens, que querem ser mestres antes de serem bons discipulos, e que não receiam ingerir-se no ministerio da predica, quando não são capazes de o desempenhar. Antonio, pelo contrario, embora consummado nas divinas Escripturas, preferia viver no meio de simples leigos, ignorantes e grosseiros, a tomar logar entre os sabios e doutores do seu seculo; sentia mais felicidade nos serviços abjectos de uma cosinha, que nas funcções magestosas do ensino evangelico.» ¹⁾

Santo Antonio começou a ensinar por determinação de S. Francisco d'Assis, em cuja ordem professára. Os annalistas d'aquelle tempo conservaram a memoria dos triumphos que alcançou o grande santo portuguez. Um ²⁾ diz que elle « professou a theologia em Tolosa, Bolonha e Padua, com real superioridade.» Outro ³⁾ é mais explicito: « Ensinou, diz elle, a theologia em Tolosa, Bolonha e Padua, e as suas sabias lições tornaram-se logo celebres. Attrahiram-lhe illustres discipulos que lhe perpetuaram a memoria depois da morte.»

Observaremos de passagem, que na verdade deviam ser bem notaveis as lições de Santo Antonio, para se tornarem

¹⁾ *Vita anonyma*, cap. vi.

²⁾ Hermann Scheydell.

³⁾ João Rithémo.

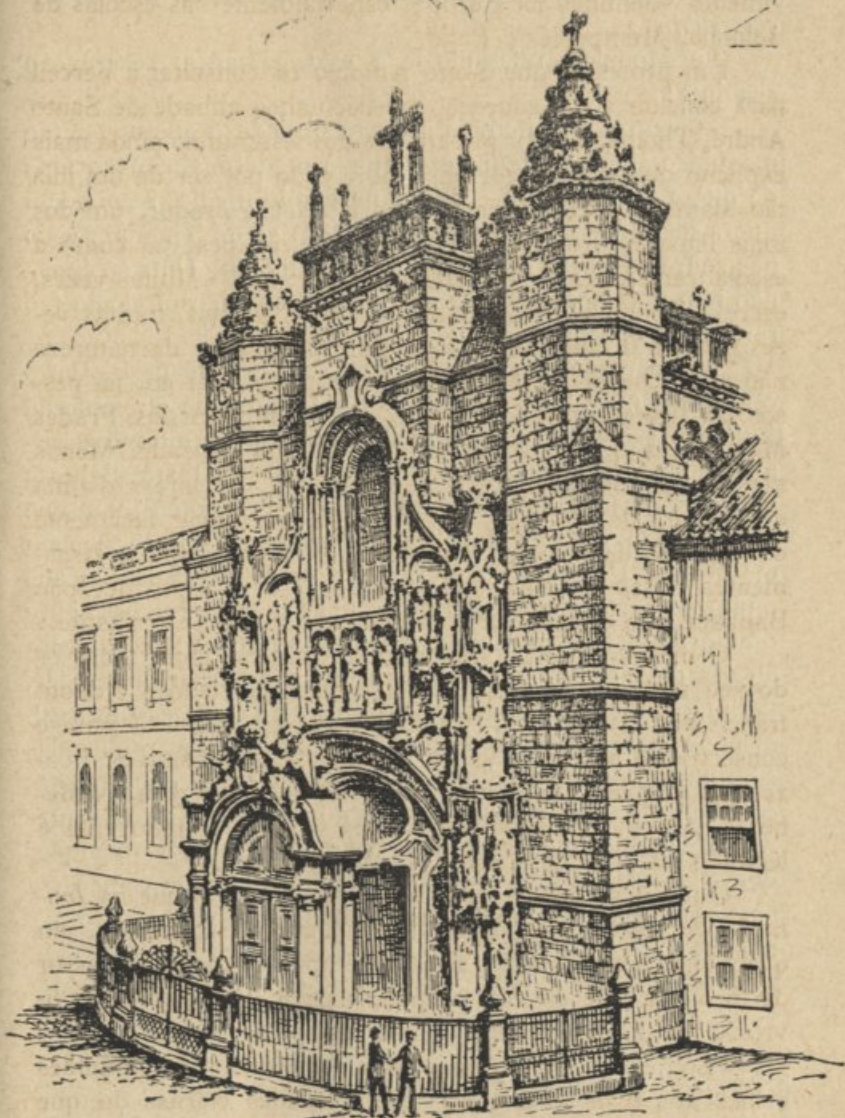
celebres n'um tempo em que era relativamente grande o movimento scientifico na Europa, especialmente nas escolas de Bolonha, Montpellier e Paris.

Um professor que Santo Antonio foi consultar a Verceil para concluir a sua educação intellectual, o abbade de Santo André, Thomaz Gallo, prestou-lhe um testemunho ainda mais explicito que os antecedentes, sobre tudo por ser de um juiz tão afamado e competente como o celebre orador, um dos mais illustres professores da theologia mystica, tal como a escola franciscana a comprehendeu e praticou. « Muitas vezes, escreve Thomaz Gallo, citado pelos Bollandistas, muitas vezes penetra o amor onde a sciencia das cousas da natureza não pode chegar... Isto mesmo o experimentei eu, na pessoa do bemaventurado fr. Antonio, da Ordem dos Frades Menores, a quem me ligava uma estreita amizade. Menos versado que outros nas letras profanas, a sua pureza d'alma e a ternura do seu coração fizeram-lhe investigar facilmente os segredos da theologia mystica, e n'ella se inspirou largamente. Posso até dizer d'elle o que está escripto de João Baptista, isto é, que era uma lampada ardente e brilhante.»

O mesmo ardor, o maior n'esta materia entre todos os do seu tempo, não hesita em conceder ao piedoso e douto franciscano o titulo de « Pae da sciencia mystica ». A phrase conservou-se nas tradições da Ordem, e, enquanto S. Boaventura adquiriu a gloria do maior theologo dos Frades Menores, Antonio conserva na liturgia o titulo commovente e legitimo de « pae da sciencia, *pater scientiae*. »

Outro testemunho ainda mais glorioso é o que na *Imitação de Christo* se presta a um illustre desconhecido, em quem alguns bons criticos reconheceram o primeiro professor de theologia que ensinou na familia de S. Francisco. No livro XLIII d'esse mysterioso livro lê-se o seguinte:

« Sou eu que, n'um instante, elevo os espiritos humildes e lhes dou mais intelligencia das verdades eternas do que teriam adquirido nas escolas em dez annos. Ensino sem ruido de palavras, sem fausto de honras e sem contrariedades de argumentos. *Houve um homem que, amando-me muito, pene-*



FACHADA DA EGREJA DE SANTA CRUZ

Desenho de A. A. Gonçalves

trou as cousas celestes; fallava d'ellas maravilhosamente. Conseguiu mais abandonando tudo que entregando-se a investigações subtis.»

Le Monnier, referindo-se a esta passagem, escreve o seguinte:

«Quem é esse homem a quem o piedoso auctor fez tão magnifico elogio? Alguns escriptores modernos, convencidos de que a *Imitação* foi escripta na edade media, respondem que a identidade d'essas palavras com as de Thomaz Gallo não soffre hesitação alguma: é Santo Antonio. Uma só época não tem dois homens a quem podesse convir um elogio tão raro e tão concorde.

«Esta razão tem por si mesma um grande peso. Parecerá ainda mais bem fundada, se notarmos que o auctor da *Imitação* escreveu por certo sob o imperio de uma viva admiração por S. Francisco. Introduz no seu texto algumas maximas d'este santo; faz para elle excepção ao costume que tem de não nomear aquelles de quem faz citações, nem mesmo os Padres da Igreja, nem os Evangelistas; segue muito de perto a sua doutrina e até as suas expressões sobre o amor, sobre Jesus Christo crucificado, sobre a verdadeira alegria do espirito. Tal conhecimento, ou, para melhor dizer, tal intimidade, só poude ter origem, se a *Imitação* foi realmente escripta no seculo XIII, em conferencias prolongadas com um fervoroso discipulo do Santo. E onde collocar essas conferencias mais verosimilmente do que em Verceil, entre Santo Antonio, ainda joven, e o immortal auctor, qualquer que seja o seu nome, sem duvida ainda longe de começar a sua obra, mas já muito encaminhado nas veredas do Senhor?» ¹⁾

F.

¹⁾ *Histoire de Saint François d'Assisse*, t. II, pag. 69.

AS NOSSAS GRAVURAS

Solemnizando o setimo centenario do nascimento de Santo Antonio, que vae celebrar-se este anno, e no intuito de sermos agradaveis aos nossos leitores, publicamos tres magnificas gravuras no presente numero da *Revista Contemporanea*. Os desenhos são do talentoso artista e habil professor sr. Antonio Augusto Gonçalves, cujos trabalhos lhe valeram ha muito uma grande e justissima reputação. As gravuras foram executadas no *atelier* photochimigraphico do sr. Emil Yoch, intelligente professor da escola industrial Brotero, d'esta cidade.

A primeira gravura representa Santo Antonio segundo o conhecido e magistral quadro de Murillo, em que o grande thaumaturgo portuguez é representado com o Menino Jesus nos braços. O desenho da nossa gravura é copia fidelissima de uma esplendida gravura que ultimamente appareceu n'uma publicação franceza, reproduzindo o celebre quadro do immortal artista.

A segunda gravura representa a frontaria da igreja de Santa Cruz, d'esta cidade. Como é sabido, este monumento está intimamente ligado com a historia de Santo Antonio, pois foi ao mosteiro de Santa Cruz que elle se dirigiu, pouco depois de ter entrado para o convento de S. Vicente, de Lisboa.

O mosteiro já não existe, e na igreja, que é um dos mais bellos e grandiosos monumentos de Portugal, nada ha talvez do tempo do Santo.

Acêrca d'este magnifico templo escreve o erudito investigador sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro :

« Lança o frontispicio da egreja de Sancta Cruz para a *Praça 8 de Maio*, d'antes denominada *Praça de Samsão*.

Basta um simples volver d'olhos para se conhecer que esta fachada é obra manuelina. No tempo de D. Manuel foi derrubada a velha egreja de D. Affonso Henriques, e substituida pela que actualmente existe, sendo prior-mór do mosteiro D. Pedro Gavião, bispo da Guarda. São d'este prelado os brazões de armas, que se vêem no alto do frontispicio, compostos de cinco *gaviões* em aspa.

.....
 « Para estas obras mandou el-rei D. Manuel vir de França artistas de merecimento, como foram mestre Nicoláo, João de Ruão, Jacques Loguim e Filippe Uduarte.

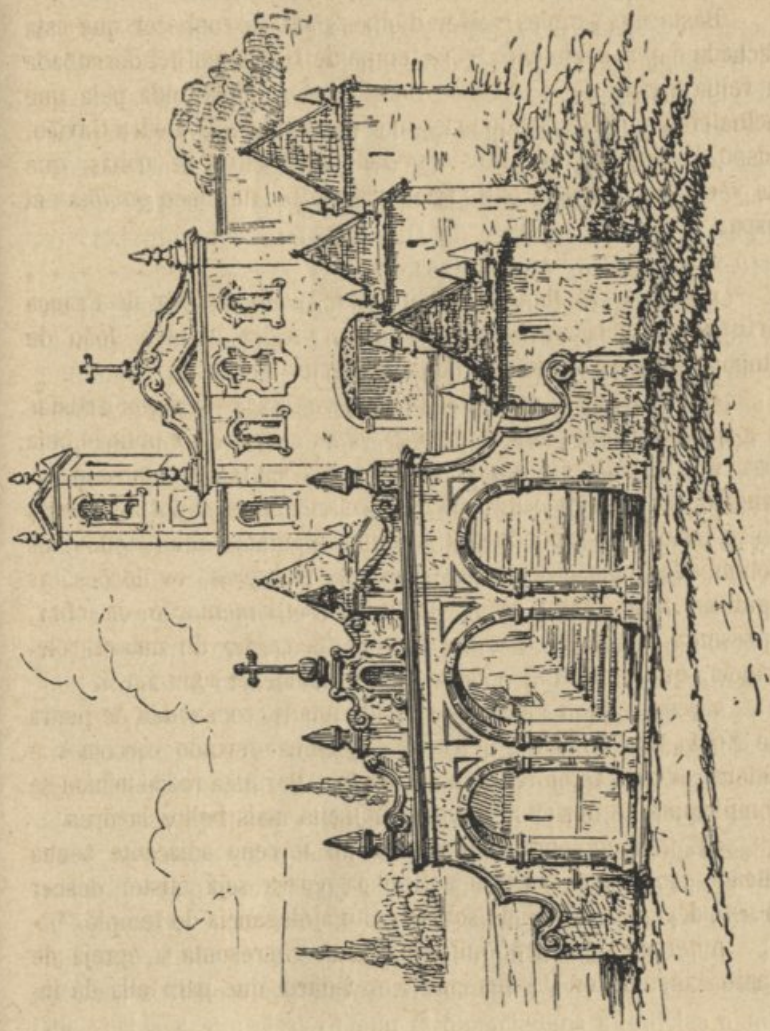
« Bastaria para grangear celebre reputação a estes artistas o magnifico frontispicio do templo, obra em verdade notavel pela sua traça e pelo mimo dos formosos lavoires que o adornam. A janella com seus festões vasados, os pilares guarnecidos de nichos, cujas peanhas e baldaquinos são delicadamente rendilhados, os columnellos com elegantes capiteis, as nervuras, os florões, as agulhas, tudo emfim que constitue a ornamentação da obra, apresenta um gosto apuradissimo e um cunho de notavel elegancia, que tornam esta fachada extremamente apreciavel.

« Pena é que a parte mais ornamentada, construida de pedra de Ançã, muito branda e friavel, se tenha deixado carcomer e deteriorar pela acção roedora do tempo. Por esta razão acham-se completamente desfeitos muitos dos seus mais bellos lavoires.

« É tambem para lastimar que o terreno adjacente tenha alteado tanto, que para se entrar na egreja seja mister descer já sete degrãos. Com isto soffre muito a elegancia do templo. ¹⁾ »

A terceira gravura que publicamos representa a egreja de Santo Antonio dos Olivaes com a escadaria que para ella dá in-

¹⁾ « De uma descripção do mosteiro, feita em 1540, consta que a este tempo o adro da egreja ficava sobranceiro ao largo de Samsão, d'onde se subiam para elle quatro degraus. Esta descripção foi escripta em italiano pelo prior de S. Vicente de Lisboa D. Francisco de Mendanha para ser enviada ao summo pontifice Paulo III, que, ouvindo fallar das grandezas do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, mostrara desejos de ter conhecimento do edificio. Foi traduzida depois em portuguez pelo conego D. Verissimo, e acha-se impressa na *Chronica dos Conegos Regrantes.* »



ESCADARIA E FACHADA DA EGREJA DE SANTO ANTONIO DOS OLIVAEIS

Desenho de A. A. Gonçalves

gresso. Tudo o que aqui poderíamos dizer acêrca d'este edificio e da sua relação com a vida de Santo Antonio, encontra-se no interessantissimo livro *Guia historico do viajante em Coimbra*, do sr. dr. Mendes de Castro. Pedimos, pois, licença para transcrever o seguinte trecho :

« O primitivo convento, um dos primeiros que teve em Portugal a Ordem dos Menores, tinha a invocação de Sancto Antão, e originou-se de uma ermida dedicada áquelle sancto, que a rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, doou em 1217 ou 1218 aos religiosos franciscanos. ¹⁾

« Pouco depois de fundado o pobre hospicio alli vieram pousar os cinco frades menores, fr. Otho e seus companheiros, quando se dirigiam a Marrocos; e quando depois de terem colhido a palma do martyrio, foram conduzidos os seus restos gloriosos ao convento de Sancta Cruz, inspiraram em Sancto Antonio, que nelle residia, um tal desejo de imitar o valor d'aquelles martyres pela fé de Christo, que o fez abandonar a real mansão dos conegos regrantes, e acolher-se ao humilde conventinho dos Olivães, onde esperava encontrar mais facilmente os meios de conseguir o seu pio intento. Foi pois d'alli que sahio o sabio profundo, o theologo eminente, o grande prégador, o thaumaturgo do seu seculo. Eis por que o convento de Sancto Antonio é tido como um monumento memoravel; eis por que ao visitar-se não pode deixar de fazer sentir essa veneração, esse respeitoso acatamento que inspiram os logares onde assistiram homens illustres.

« Não é porem já o primitivo edificio que hoje vemos. Os frades franciscanos deixaram aquelle local pelos annos de 1247 pouco mais ou menos, e foram habitar no convento que se fundou juncto da ponte com a invocação de S. Francisco. Abandonada pelos filhos de Assis a morada dos Olivães, nem por isso deixou de ficar alli mui viva a memoria de Antonio, e os fieis concorriam a celebral-a annualmente ²⁾ numa egreja que a cidade alli edificou e numa cellinha terrea mui estreita e tida em grande

¹⁾ « *Chron. Seraf.* t. 1.º, liv. 2.º cap. 28. »

²⁾ « Acêrca de um *bodo* que se costumava fazer em Sancto Antonio veja-se um artigo do sr. Ayres de Campos a pag. 316 do vol. 11.º do *Instituto.* »

veneração por ser o local, segundo a fama antiga, em que o sancto habitara. ¹⁾

« No anno de 1539 se emprehendeu uma nova edificação. Ajudados por D. João III e por D. Alvaro da Costa fundaram alli os frades da Provincia da Piedade um novo convento, que depois pertenceu á da Soledade, que se separou d'aquella no anno de 1673. Por occasião d'esta nova fundação se reedificou a celebrada cellinha, transformando-se em casa de capitulo. ²⁾

« No anno de 1851, em a noite de 10 para 11 de novembro, ateou-se no convento um espantoso incendio que o devorou quasi todo, escapando apenas a egreja e sachristia e pouco mais. Digamos porem alguma cousa do que ficou. É bastante agradável a entrada do convento. Dá ingresso para elle uma comprida e larga escadaria que tem no fundo tres arcos e um em cada ilharga. Guarnece-na tambem em parte algumas capellinhas com os passos mais tocantes da paixão do Salvador. Ao cimo da escada fica a casa da entrada, e em frente um portico de feição antiga, de volta ogival, e que se conjectura ter sido aproveitado de alguma das anteriores edificações. De um e outro lado do portico se lê um elegante elogio a Sancto Antonio, que compoz e fez gravar o padre fr. Antonio de Serpa, bispo de Cochim ³⁾. Este portico dá entrada para a egreja, que não ficou intacta das chammas. Como porem os estragos foram de pouca monta, reparou-se facilmente. É lindissima a pequena sachristia. Tem vistosas pinturas a fresco, e é guarneçada de quadros que representam varias passagens da vida e milagres de Sancto Antonio. Ha alli tambem uma pintura que se indica como o verdadeiro retrato do sancto, tirado em Padua pouco antes da sua morte. Num retabulo que está na parte principal com um vistoso altar vê-se um quadro figurando o acto em que o sancto tomou o habito. É de Paschoal Parente. Existem tambem na sachristia alguns relicarios e a cabeça de Sancto Antão.

Retrocedendo ao zagão para onde se abre a porta da egreja

¹⁾ « *Chron. dos Men.* p. 1.º, liv. 6.º, cap. 30 ».

²⁾ « *Chron. dos Men.* p. 1.º, liv. 6.º, cap. 30 ».

³⁾ « Vide na *Revista Univ. Lisbon.* vol. 5.º, pag. 502 um artigo do sr. R. de Gusmão. Alli se encontram apreciaveis noticias da historia do convento.»

encontram-se alli mais duas: uma dá entrada para uma linda capella onde se venera a imagem da Senhora das Dores; outra dá comunicação para um extenso terrapleno arborizado e guarnecido de alegretes e assentos. Era alli onde antes do incendio se viam os claustros, officinas e a memoravel casa do capitulo, edificada, segundo a tradição, no local da antiga cella de Sancto Antonio, a qual foi tambem consumida pelas chammas. A piedade porém apressou-se a reparar este mal, e presentemente vê-se no mesmo sitio outra capella modestamente construida. »



O novo Prefeito da Bibliotheca do Vaticano

Esta famosa Bibliotheca, talvez a mais antiga da Europa, e com certeza a mais rica pelas incalculaveis preciosidades litterarias que encerra, é um monumento a mais para attestar uma verdade que só a ignorancia da historia ou a má fé podem negar, a saber: que o Papado foi sempre o amigo e protector das lettras, das artes e da sciencia.

Esplendidas pinturas e objectos d'arte d'um valor incalculavel decoram a famosa bibliotheca vaticana, que contém 24:000 manuscritos, sendo 5:000 gregos, 16:000 latinos, 3:000 orientaes e 220:000 volumes impressos, alguns rarissimos e muitos verdadeiramente inapreciaveis. Entre os manuscritos ha alguns autographos de Dante, de Petrarcha, de Boccacio, de Virgilio e Terencio, que os antiquarios e eruditos visitantes da bibliotheca vaticana contemplam e admiram com inefavel goso e enthusiasmo. O trabalho incansavel dos monges, que nas invasões dos barbaros salvaram as lettras e as sciencias, está representado brilhantemente na collecção de palimpsestos de Bobbio; a liberalidade dos soberanos na de Heidelberg e na da rainha Christina da Suecia; as collecções de Ottoboni e Caponi são presentes da aristocracia italiana.

Os apaixonados pelas litteraturas orientaes podem estudar estas opulentas litteraturas, como em nenhuma outra biliotheca, na vaticanense, que possui 900 manuscritos arabes, 65 persas, 64 turcos, 459 syriacos, 71 etyopicos, 79 coptos, 13 armenios, 24 sanskritos, 10 chins, 1 samaritano e 18 slavos.

Desde a mais remota antiguidade que a Egreja romana começou a reunir livros. Querem alguns que fosse o Pontifice Santo Hylario (467) o primeiro que formou uma bibliotheca em S. João de Latrão. A do Vaticano é obra de Nicolau V, a sua fabrica, de Sixto V, que de humilde frade franciscano foi providencialmente elevado á suprema dignidade apostolica. A respeito do immortal fundador da bibliotheca vaticanense, seja-nos permitido trasladar para aqui uma bella pagina do insuspeito historiador Macaulay, no discurso que pronunciou quando tomou posse do logar de Reitor da

Universidade de Glasgow. «N'esta conjunctura d'um tão grande interesse para as letras, occupa um logar eminente na Europa um homem cujo nome todo o amigo da sciencia deve pronunciar com respeito. A nossa justa adhesão á fé protestante, á qual a nossa patria deve tudo, não nos inhibe de que paguemos o tributo que a justiça e a gratidão reclamam em prol do fundador da Universidade de Glasgow, o Papa Nicolau V, o maior entre os restauradores das letras. Nasceu em berço humilde, mas o seu talento e a sua erudição deram-lhe bem depressa o conhecimento do grande. Estudou e viajou muito; visitou a Inglaterra que, sob o ponto de vista da riqueza e da civilisação, era para com a Toscana, seu paiz natal, o que hoje são os estabelecimentos mais longinquos da America para com a Inglaterra. Viveu com os principes de Florença (os Medicis), homens que nobilitaram o commercio, alliando-o á philosophia, á eloquencia e ao bello. Foi elle que, sob a protecção do magnifico conde de Medicis, creou a primeira bibliotheca da Europa. O nosso fundador elevou-se das mais humildes esferas do povo ás eminencias do throno. Mas sobre o solio nunca esqueceu os estudos, delicias da sua vida particular. Era elle o centro d'uma reunião illustre composta de sabios celebres da Grecia e de Italia, Theodoro Gaza, Jorge de Tribizona, Bessarion, Philelpho, Marcilio Ficini, Poggio Bracciolini. Fundou a bibliotheca do Vaticano, então e muito tempo depois a mais preciosa e a mais vasta collecção de livros que existia no mundo. Conservou com sollicitude os mais bellos thesouros intellectuaes que escaparam do naufragio bysantino. Encontrou em toda a parte collaboradores, nos bazares do longinquo Oriente ou nos mosteiros do Occidente, resgatando ou copiando pergaminhos roídos de vermes, sobre os quaes estavam traçadas palavras dignas da immortalidade. Sob a sua protecção prepararam-se traducções latinas muito accuradas, dos mais preciosos restos dos poetas e dos philosophos gregos. A historia deve-lhe grandes serviços. Ensinou a conhecer aos povos da Europa occidental dois grandes e incomparaveis modelos de composição historica, Herodoto e Thucydides. Taes eram os trabalhos de Nicolau V quando dirigiu a sua attenção para as necessidades intellectuaes do nosso paiz... Sanccionou o plano do estabelecimento d'uma Universidade em Glasgow e outorgou a este novo alcaçar da sciencia os mesmos privilegios que os que pertencem á Universidade de Bolonha.»

Os prefectos ou bibliothecarios da bibliotheca do Vaticano são sempre homens de grande merecimento litterario e alta reputação scientifica. N'estes ultimos tempos occuparam aquelle logar duas eminencias scientificas: o Cardial Pitra, monge benedictino e conhecido em todo o mundo sabio pelos seus valiosos trabalhos, especialmente historicos, e Mgr. Izidro Carini, paleographo de grande nomeada, ultimamente fallecido. Para substituir Mgr. Carini, nomeou Leão XIII o eminente jesuita allemão Padre Francisco Ehrle. É este humilde filho de Santo Ignacio quem actualmente representa, em Roma, a sciencia da Allemanha meridional, como, no tempo de Pio IX, a sciencia da Allemanha do norte fóra, na cidade eterna, repre-

sentada pelo Padre Theiner, tambem vantajosamente conhecido por todos que se dedicam a estudos historicos.

O eminente Padre Ehrle nasceu no Wuttemberg, em 1845. Quando a Companhia de Jesus era furiosamente perseguida na Allemanha entrou o então joven Ehrle para aquelle benemerito instituto, onde bem depressa manifestou os seus grandes recursos intellectuaes. Ha annos que trabalha na momentosa obra do catalogo da bibliotheca do Vaticano. Escreveu a *Historia Bibliothecæ Romanorum Pontificum, tum Bonifacianæ, tum Avinionensis*, e a *Bibliothecæ theologicæ et philosophicæ ecclesiasticæ selectæ*. O *Archivo para a historia e litteratura na edade media*, obra altamente encarecida pelos historiadores e archeologos, e que immortalizou o nome do sabio Padre Denfle, tece os mais levantados elogios áquella segunda obra do Padre Ehrle.

L. M.



A CRITICA D'UM SOCIALISTA

I

Do sr. Dr. Affonso Costa recebemos um exemplar da sua dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na faculdade de Direito, intitulada — *A Igreja e a questão social — Analyse critica da Encyclica Pontificia « De Conditione Opificum » de 15 de maio de 1891, com um appendice, contendo o texto latino e a versão portugueza da Encyclica.* » Agradecemos muito penhorado a gentileza da offerta, e grande prazer teriamos em felicitar o joven doutor, se o seu trabalho merecesse applauso pela elevação da idéa, imparcialidade da critica e correccão da fórma. Infelizmente, o sr. Dr. Affonso Costa privou-nos d'esse prazer. Paciencia.

O titulo da dissertação, a transcendencia e actualidade do assumpto sobre que versa e, por ultimo, o nome do auctor, academico laureado da nossa Universidade, despertou-nos um vivo interesse de ler attentamente o exemplar recebido. Uma critica á palavra augusta de Leão XIII, é lá cousa que se perca? Lemos, pois, o livro do sr. Dr. Affonso Costa. A pag. 208 o auctor resume a sua critica á immortal Encyclica *Rerum Novarum* n'estas palavras, que fielmente copiamos:

«... Inuteis, inopportunas, antiquadas e perigosas — as doutrinas; egoistas e muito retrogradados — os motivos; incorrecta — a fórma; não-cientifica — a ideia; tal é a encyclica de Leão XIII! Tal é o documento em que o chefe visivel da Igreja catholica apontou á Humanidade os remedios para a

má organização da sociedade! Felizmente que no seio das populações miseráveis, entre os operarios soffredores, a encyclica foi recebida com indifferença, e os remedios nella aconselhados foram por toda a parte votados a um merecido esquecimento!»

Na mesma pagina escreveu o critico de Leão XIII:

« A redacção da encyclica não é accurada. De proposito ou involuntariamente escaparam n'ella contradicções...».

Isto escreveu o sr. Dr. Affonso Costa; e não sabemos bem se para os selenitas, se para os habitantes d'este mundo sublunar. O critico de Leão XIII affirma gratuitamente, não apresenta uma unica razão plausivel das suas tão falsas como inconvenientes affirmacções, porque não merecem o nome de argumentos os logares communs contra a Egreja, mil vezes exhibidos e outras tantas victoriosamente refutados; os erros historicos e doutrinaes; os anachronismos, as contradicções e mais partes de igual quilate, de que a dissertação é farto repositorio e abundantissimo alfobre.

Todos sabem que as Encyclicas de Leão XIII, escriptas em primoroso latim, são notaveis pela belleza e elegancia da fórma, pela sublimidade e transcendencia da idéa, copia fiel da idéa christã. Reflecte-se n'aquellas Encyclicas a pura doutrina de Jesus com tanto brilho e esplendor, como na superficie de crystalino lago se reflecte a imagem do sol. Leão XIII é um classico latino; nos seus versos, escriptos n'esta formosissima lingua, em que o sr. Dr. Affonso Costa de certo é mestre consummado, parece que se ouvem os sons harmoniosos do cysne de Mantua; nas suas Encyclicas ha lampejos da eloquencia de Cicero, reverberos esplendidos d'aquelles que bem escreveram a lingua do Lacio. São perolas litterarias de primeiro quilate. Mas o sr. Dr. Affonso Costa diz que « a redacção da Encyclica não é accurada » que é « incorrecta — a fórma. »! Ora pois.

Tem, demais, a Encyclica propositadas ou involuntarias contradicções. E indica uma, que não o é, e de que a seu tempo fallaremos. Houve e ha ainda quem se obstina em affirmar a existencia de contradicções no proprio Evangelho,

e ainda entre o Evangelho e a sciencia. Todavia, os que estudaram e estudam a fundo o Evangelho, os sabios verdadeiramente dignos d'este nome, os que não julgam da doutrina de Jesus pelo que d'ella disseram Drapper, Renan, Edgard Quinet e outros *sabios, theologos e criticos* de equal jaez, vêem no Evangelho a verdade revelada, que não se contradiz nem é possível contradizer-se, e entre o Evangelho e os *factos* scientificos a mais intima e admiravel harmonia. Olhe o sr. Dr. Affonso Costa se logra ser o primeiro feliz mortal que demonstre o contrario.

Todos sabem ainda que a famosa Encyclica de Leão XIII, tão desastradamente criticada pelo sr. Dr. Affonso Costa, inspirou obras magistraes sobre a momentosa questão social em todos os centros scientificos do velho e novo mundo; que foi saudada por eminentes sociologistas como aurora sorridente de dias prosperos para o pobre proletariado; que mereceu rasgados elogios não já de catholicos, mas de homens reconhecidamente hostís á Egreja; que, n'uma palavra, foi e é tida pelos que não tratam levianamente, infantilmente, assumptos graves que demandam estudo aturado e experiencia, como destinada a operar uma transformação salutar nas desditosas classes trabalhadoras, ora reduzidas a triste condição, precisamente por causa das doutrinas que o sr. Dr. Affonso Costa e os da sua escola tão sem piedade propalam. Porque é um crime de lesa sociedade tentar solver sem o Evangelho e contra o Evangelho a questão social. O sr. Dr. Affonso Costa, — é triste dizel-o, mas é a pura verdade — não entendeu a Encyclica, não a estudou nos seus illustres commentadores, não soube ser superior a certos preconceitos de escola, nem elevar-se ás regiões serenas da verdade e da justiça; e, quando se mette nos dominios da historia, especialmente do christianismo e do Papado, da exegese biblica e da critica, dá exuberantes provas de incompetencia para a remontada obra que emprehendeu. Tudo isto se mostrará.

Ora quem se julga com direito de publicamente dizer o que até hoje ninguem disse, isto é, que a Encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios é *incorrecta, não accu-*

rada na fôrma; que é *anti-científica na idéa, contradictoria* e outras cousas assim, tem obrigação de não fazer casa com telhados de vidro. E então pergunta-se: É correcta e accurada na fôrma a dissertação do sr. Dr. Affonso Costa? É científica na idéa? Não tem contradicções? Resolve melhor o problema social do que o resolveu o grande Pontifice que é uma gloria da Igreja, um benemerito da humanidade, um sabio e um litterato de primeira plana?

Da resposta a esta ultima pergunta está encarregado o nosso bom amigo e querido companheiro de redacção sr. Fortunato de Almeida. Por hoje tentaremos responder, com a dissertação do critico de Leão XIII, á primeira e terceira pergunta.

As edições officiaes dos escriptos do sabio Pontifice são irreprehensíveis sob qualquer aspecto que se considerem. Têm accurada revisão typographica, são isentas de erros orthographicos, puras e nitidas na dicção de modo que o pensamento se vê atravez d'ellas, como atravez de limpido crystal se vêem os objectos. Os periodos são bem urdidos, elegantes e harmoniosos, não tresandam a barbarismos e por elles deslisa magestosa a idéa, sempre levantada, a irradiar luz, a derramar perfumes, porque a idéa das Encyclicas de Leão XIII é aquella mesma que, partindo de Deus, verdade summa e summa belleza, illumina e perfuma o universo. E a dissertação do sr. Dr. Affonso Costa? Na revisão e na orthographia deixa muito a desejar. Tem periodos de 23 linhas, parenthesis de 5 que tornam o sentido obscuro; neologismos desnecessarios e não auctorisados; gallicismos intoleraveis ¹⁾ e versões do francez e até do latim que deixam a lingua de Fr. Luiz de Sousa e Vieira muito mal parada ²⁾.

¹⁾ Parece impossivel que o auctor ou revisor da imprensa da Universidade deixasse passar erros como estes: *tradicção* (sempre que se fala de tradição) *cathecismo*, *systema*, *Thucidedes* e outros que seria fastidioso indicar. Os gallicismos pullulam, taes como *implicar* na significação de envolver, *massacrados*, *devotadissimos*, *constatar*, sem fallar nos de construcção, que se encontram, a bem dizer, em cada pagina. Neologismos desnecessarios e não auctorisados, a cada passo.

²⁾ Dou exemplos apenas. A paginas 155 lemos: «Nenhuma duvida com effeito, — diz por sua parte Anatole; — o socialismo foi formalmente e nominativa-

Não falariamos n'estas minudencias, tendo, de mais a mais, cousas importantes que tratar, se o sr. Dr. Affonso Costa não levasse a sua critica apaixonada e injusta a ponto de dizer, entre linhas, que Leão XIII nem sequer sabe escrever com pureza e correccão! É uma accusação que, até hoje, repetimos, ninguem fez ao sabio e doutissimo Papa. Debaixo d'este ponto de vista o trabalho do critico é originalissimo. E diga agora a critica imparcial, se quem escreve um livro incorrectissimo, obscuro e pouco portuguez, em geral, na forma, tem direito e auctoridade para accusar quem quer que seja, de incorrecto e descurado nos escriptos que publica.

Não nota, nem podia notar o nosso critico, uma só contradicção real na Encyclica de Leão XIII. E quantas na dissertação do sr. Dr. Affonso Costa? A contar principalmente da 2.^a grande divisão, as contradicções pullulam e fervilham que não sabe a gente a quaes deve dar preferencia. Respiguemos algumas.

mente reprovado pelo Papa Leão XIII.» Ora, o texto francez de *Anatole Leroy-Beaulieu* é o seguinte: «Aucun doute, en effet: le socialisme a été formellement et nominativement reprouvé par le Pape Léon XIII...» Ninguem chamará a isto versão genuinamente portugueza e clara. *Nominativamente* é adverbio que não existe na nossa lingua. E a proposito: onde seria que o sr. Dr. Affonso Costa encontrou a Encyclica de 15 de maio de 1891 expedida por Leão XIII aos seus subordinados, Patriarchas, *Primados*, Arcebispos e Bispos catholicos? (pag. 131).

Do latim traduz para portuguez d'este modo. A pag. 128 lê-se: «Ora, no concilio do Vaticano que declarou Pio IX e os seus successores infalliveis, elaborou-se, sendo approvada quasi por unanimidade, uma *Constituição dogmatica da fé christã*, em que se lêem estas phrases insuspeitas: «*tendo sido rejeitada a auctoridade da Igreja* e submettidas ao juizo particular as cousas da religião, levantaram-se muitas seitas, que, pelas suas disputas, contribuíram para *risca* de muitos espiritos toda a crença em Jesus Christo, e as Escripturas Sagradas começaram a considerar-se como fabulas e mythos. *O christianismo foi abandonado e o reinado da razão, como lhe chamam*, foi posto em seu lugar.» Ora notemos: 1.^o Não ha tal *Constituição da fé christã* elaborada pelo Concilio do Vaticano. Ha, sim, uma *Constituição dogmatica da fé catholica*. Sabe-se que, rigorosamente, *fé christã* o mesmo é que *fé catholica*; mas diga-se o que o Concilio do Vaticano disse; 2.^o essa constituição foi votada por unanimidade e não quasi por unanimidade. O texto latino resa assim: «Itaque ipsa sacra Biblia, quæ antea christiane doctrinæ unicis fons et iudex asserebantur, jam non pro divinis haberi, imo mythicis commentis accenseri cœperunt.

«Tum nata est et late nimis per orbem vagata illa rationalismi seu naturalismi doctrina, quæ religioni christiane utpote super naturali instituto per omnia adversans, summo studio molitur, ut Christo, qui solus Dominus et Salvator noster est, a mentibus humanis, a vita et moribus populorum excluso, meræ quod vocant rationis vel naturæ regnum stabiliatur.» O sr. Dr. Affonso Costa traduziu como viram. Provavelmente citou *ao acaso* como costuma. A paginas 109, depois de

A pag. 102 escreve o sr. Dr. Affonso Costa : « Mas a historia mostra (*havemos de ver isso*) que tudo quanto J. Christo prégou era já da philosophia e da moral antigas : . . . » E logo na pagina immediata : « Depois, as idéas de Jesus, que pouco tinham de originaes (e como haviam de ter, se elle proprio declarou, ácerca da lei mosaica, que não vinha destruir, mas apenas modificar, . . . ⁴) » Mais abaixo : « Alem de que, as almas simples abriram-se depressa ao calor da nova religião (*a de J. Christo*) . . . » Então em que ficamos ? Se tudo quanto Jesus prégou era já da philosophia e da moral antigas, como tinham *algo de originaes* as suas idéas e como era *nova* a sua religião ?

A pag. 105 lê-se : « O character anti-social do christianismo resulta, primordialmente, da eliminacão de toda a ideia de progresso e civilisação . . . » E a pag. 120 e 121 diz : « E assim foram praticadas e seguidas, na capital do mundo christão e no orbe catholico, as doutrinas de amor, paz, protecção aos

pôr nos labios de respeitabilissimos Padres e Doutores da Egreja umas palavras que a seu tempo analysaremos, diz, em nota, o sr. Dr. Affonso Costa : « Cito ao acaso. » É de primeira ordem.

E já agora mais um documento da proibidade litteraria e fidelidade com que o sr. Dr. Affonso Costa cita e traduz documentos que devera consultar nas proprias fontes e traduzir fielmente. A pag. 158 cita « as seguintes palavras do Concilio do Vaticano », diz elle :

« Nós ensinamos que os pastores e os fieis, cada um e todos, quaesquer que sejam o seu rito e a sua posição, lhe estão submettidos pelo dever da subordinação hierarchica e d'uma verdadeira obediencia, não só nas cousas que respeitam á fé e aos costumes, mas tambem n'aquellas que pertencem á disciplina e ao governo da Egreja espalhada por todo o universo. » E em nota cita o cap. III da Constituição *Pastor aeternus*, proclamada no Concilio do Vaticano. Consultando este cap. III vê-se que o sr. Dr. ou não consultou a Constituição, ou, se a consultou, não a soube traduzir, porque o que lá está, no logar citado, é o seguinte « Docemus proinde et declaramus, Ecclesiam Romanam disponente Domino super omnes alias ordinariae potestatis obtinere principatum, et hanc Romani Pontificis jurisdictionis potestatem, que vere episcopalis est, immediatam esse : erga quam cujuscumque ritus et dignitatis pastores atque fideles, tam seorsum singuli quam simul omnes, officio hierarchicae subordinationis, veraeque obedienciae obstringuntur, non solum in rebus, quae ad fidem et mores, sed etiam in iis, quae ad disciplinam et regimen Ecclesiae per totum orbem diffusae pertinent ; . . . » Compare-se, e ver-se-ha que a versão do sr. Dr. é, alem de infiel, incorrecta, não accurada, contraria á grammatica e obscura.

⁴) Não declarou tal. Allude-se aqui ao cap. V, v. 17 do Evangelho de S. Matheus, onde o Salvador diz : *Nolite putare quoniam veni solvere legem, aut prophetas : non veni solvere sed adimplere*. Ora, *adimplere* nunca significou modificar. De maneira que o sr. Dr. Affonso Costa ou não leu o texto, ou, se o leu, não o soube traduzir.

pequenos e destruição de privilegios, que ensinára ás gentes aquelle homem humilde e bom que tinha andado pela Galilêa prégando o Evangelho...»

Logo em seguida afirma que: «socialmente, a Egreja christã não só fez desaparecer ou transformar as communi-dades formadas ao calor das palavras egualitarias de Christo, destruindo assim por diversos meios, nem sempre compati-veis com a sua posição moral na terra, os progressos que do Evangelho podiam esperar-se...» De maneira que o caract-er do christianismo é anti-social, e todavia as doutrinas de Jesus são de amor, de paz e de protecção aos pequenos! O christianismo eliminou toda a idéa de progresso e civilisa-ção, e apesar d'isso a Egreja destruiu por todos os meios os progressos que do Evangelho podiam esperar-se! Que harmonias e que bellezas! Mas ha mais. A pag. 123, o critico das *contradições* de Leão XIII não duvida afirmar, depois de ter dito que o character do christianismo é anti-social, que «a reacção catholica conservou as instituições per-niciosas contra que o seu legitimo fundador tinha erguido tantos clamores...»

Na mesma pagina 123 o sr. Dr. Affonso Costa, perfi-lhando e applaudindo as palavras de Guilherme de Greef, pronunciadas perante os professores da faculdade de Direito da Universidade de Bruxellas, diz com elle: «O christia-nismo, ou antes, o catholicismo, que foi a sua realisação pra-tica e social...» Mas na pagina 156 escreve: «O papa não quer por forma alguma que o catholicismo seja socialista.

«Nem poderia conseguir que o fosse: digamol-o por uma vez bem claro e alto. Não é uma questão de palavras: é uma questão de doutrinas diametralmente oppostas e de processos absolutamente contrarios.» Quer dizer: as dou-trinas e os processos catholicos são diametralmente oppostos e absolutamente contrarios aos processos e doutrinas socia-listas. Muito bem. No entanto, a pag. 105, depois de dizer que «havia nas palavras egualitarias e semi-communistas de Jesus, um fundo de verdade...» conclue, appellando para o testemunho da historia, que se não fossem taes e taes circum-

stancias, « já estariámos usufruindo ha muitos seculos o verdadeiro socialismo, universalmente espalhado com a religião christã. »

Comparemos agora : o catholicismo é a realisação prática e social do christianismo (pag. 123); entre o catholicismo e o socialismo ha opposição absoluta de doutrinas e processos (pag. 156); o christianismo é egualitario, communista e socialista (pag. 104 e 105).

A pag. 107, o critico de Leão XIII diz : « Jesus morreu. A obra por elle construida subsistiu inalteravel nos seus diversos fundamentos em quanto a influencia dominadora de S. Paulo não se manifestou. » Que obra? A sua doutrina ou a sua Igreja, certamente. Pois a pag. 113 e 114 diz o mesmo critico : « Já S. Paulo se esforçou por dar á igreja incipiente uma cohesão que amparasse a sua fraqueza... Por outro lado, ameaçou com terriveis castigos aquelles que pretendessem arredar-se do gremio do christianismo. » Assim, pois, a influencia dominadora de S. Paulo deu em terra com a obra de Jesus, apesar de que o mesmo S. Paulo envidou os seus esforços para dar á Igreja incipiente uma cohesão que amparasse a sua fraqueza, e ameaçou com terriveis castigos os que pretendessem arredar-se do gremio do christianismo.

A pag. 112, depois de afirmar que antes da Encyclica houve, alem dos primitivos SS. Padres da Igreja catholica, muitos e notaveis socialistas catholicos ¹⁾, conclue : « Esses homens, sim, eram socialistas. Nenhuns outros de renome verdadeiramente socialista poderam, depois d'isso, erguer-se d'entre as doutrinas sociaes do christianismo continuado pela igreja de Roma, e afirmar vivamente as suas individualidades. » É claro, em face d'estas palavras, que a Igreja de Roma, de que o Papa é chefe supremo, continúa o christianismo, egualitario, semi-communista e socialista como o critico escreveu. Pois não obstante tudo isto a Igreja de Roma não quer, nem á mão de Deus Padre, ser socialista; e ainda

¹⁾ Cita o sr. Dr. A. Costa — Bossuet, Bourdaloue, Ketteler, Manning, que foram tão socialistas como mahometanos. Mas a analyse dos erros historicos e doutrinaes fica para outros artigos.

mesmo que quizesse nunca poderia lograr o seu intento, como o sr. Dr. Affonso Costa declara a pag. 156. Para que não reste a minima duvida, consigna o critico a pag. 154 «que o papa não é socialista, nem o seria mesmo no caso de o ter positivamente affirmado.» Mas é o chefe da Egreja de Roma, continuadora do christianismo socialista (pag. 112).

A pag. 107 dá o critico mais uma *razão* do character anti-social da doutrina de Jesus, e é esta: «representa um retrocesso no campo moral e do aperfeiçoamento, quando manda desprezar a belleza e a sociedade...» Vem depois S. Paulo, aquelle mesmo que deu em pantana, graças á sua influencia dominadora, com a obra de Jesus (pag. 107), e, «longe de attenuar, fez prevalecer o desprezo pela vida humana, pelas obrigações sociaes, pela belleza e pela arte... (pag. 113).» Assim, pois, a doutrina de Jesus por um lado, e S. Paulo por outro, declararam guerra de exterminio á belleza e á arte. Mas a pag. 122 a grimpa dá uma volta de sul a norte. Perfilhando as palavras de Drapper, «bellas na forma e ardentes na ideia», repete com o pobre *sabio* americano: «Quando olhamos para as magnificas cathedraes, para esses milagres de architectura, que podemos contemplar ainda e que são os unicos verdadeiros milagres do christianismo catholico...» Conclusão: Jesus proscreeu a belleza e a arte, S. Paulo declarou-lhes guerra de morte; mas apezar d'isso o christianismo produz milagres de belleza e arte!

Quem assim se contradiz tem, por ventura, auctoridade para accusar de contradictorios os escriptos de quem quer que seja? Seria engraçado, se não fôra triste, vêr um joven, ainda ha pouco sahido dos bancos das escolas, arvorar-se em censor, injusto e apaixonado, d'um ancião cuja fronte encanecida pelos annos e pelos trabalhos o mundo contempla aureolada pelo duplo diadema de Pontífice supremo e sabio eminente.

II

Não queremos demorar por mais tempo a analyse dos erros relativos ao christianismo, á Egreja e á historia, de que

ha larga messe na dissertação do sr. Dr. Affonso Costa, e por isso vamos terminar o capitulo das contradicções que embellezam em pasmosa fartura, as anemicas folhas d'aquelle trabalho infeliz.

A pag. 189, tractando *dos remedios puramente religiosos da questão social*, apresentados pelo grande Pontifice, escreve o critico: «Era de esperar que, ao menos n'esta parte, Leão XIII fosse bem explicito...

«Ainda aqui, o dizer pontificio é vago, cheio de hesitações etc...» Isto, e outras expressões analogas que se encontram na dissertação, quer dizer: «Na encyclica de Leão XIII nada ha bem explicito: tudo é vago e cheio de hesitações.» Ouviram? Pois logo no capitulo preliminar (pag. 9), depois de transcrever umas palavras da mesma Encyclica, *nada explicita, vaga e cheia de hesitações*, escreve o sr. Dr.: «Essas palavras são bem eloquentes: a alta significação da posição actual da Igreja em relação ao operariado (*que elegancia* no dizer do critico que accusa Leão XIII de incorrecto e não accurado na phrase!) não fica por ellas definida; mas resulta bem nitida a momentosa importancia da questão social.» De maneira que um documento pontificio, onde nada é bem explicito e tudo vago e cheio de hesitações, diz com eloquencia e fala de modo que d'elle resulta nitidamente a momentosa importancia da questão social. E para que ninguem duvide de que o sr. Affonso Costa falou com consciencia quando affirmou que na Encyclica tudo é vago e cheio de hesitações, escreve a pag. 175: «Quer ler desprevenidamente a encyclica, cuidará mesmo que o papa, n'essa parte final do seu trabalho, se deixou dominar um pouco pelo desejo de crear uma situação mais desafogada ao operariado. Fala com tal calor da sua (*corporações catholicas*) benefica influencia; applaude com tal significativo enthusiasmo os esforços d'alguns catholicos para as espalharem pelos diversos paizes; analysa com tal minuciosidade os principios geraes que devem presidir á sua organização; — que ninguem, ao examinar sem preconcebidas ideias o final da encyclica, poderá arrancar-se desde logo ao sentimento de irremovivel sympathia que as

phrases pontificias conseguem despertar.» Apesar d'isto na Encyclica nada é bem explicito, e tudo é vago e cheio de hesitações. Vamos indo.

A pag. 10, investigando a razão por que o Papa falou na sua immortal Encyclica de 15 de maio de 1891, escreve: «O papado não poderia furtar-se a essa meia demencia que atacava tudo e todos; mas, melhor que ninguem, comprehendeu, na forte penetração que usam ter os poderes enfraquecidos, que uma força incalculavel se estava erguendo e prodigiosamente multiplicando e que era preciso aproveitá-la ou arcar com ella. Foi por isso que falou.» Esta meia demencia era, segundo o critico, «a força que no socialismo vem já manifestando-se, por forma tal, que thronos, fortunas, garantias dadas pela *tradicção* (sic) poderios sancionados pela ignorancia, solios pontificios, apotheoses de occasião... julgaram durante os momentos do panico inconsciente, que iriam voar, feitos estilhas ao primeiro triumpho d'essa nova doutrina.» Esta era a semi-demencia. E deixando as *estilhas das apotheoses de occasião*, phrase d'uma elegancia indiscutivel, de que em vão procuraremos semelhante na incorrecta e não accurada linguagem de Leão XIII, vê-se que os motivos que determinaram a Encyclica não vieram de Roma (a não ser os solios pontificios que voariam, *feitos estilhas*, ao primeiro triumpho do socialismo), mas de fóra. No entanto, a pag. 150 diz: «Em resumo do que tenho exposto, pode affirmar-se que não houve forte influencia externa a pesar no animo do papa para que elle expedisse a encyclica de 1891. Esta encyclica estava desde o começo no plano do governo espirital de Leão XIII.» Já a pag. 146, falando dos motivos que determinaram a publicação d'aquella Encyclica, havia dito: «De fóra, pois, não partiu para Roma o impulso.» Fica a gente sem saber porque foi que o Papa falou da questão social.

A pag. 151 continua o critico: «Assim desvendados os motivos da encyclica (*e, por signal, com clareza e harmonia*), é evidente que a intervenção do papa na questão social não é legitima. Pouco importa que se trate de assim fazer subir a moralidade e que a igreja se julgue ainda hoje depositaria

da melhor moral — a moral christã. A sociedade tem o direito de perguntar o titulo com que qualquer se apresenta para intervir nas suas questões mais viciaes...» Affirma pois o critico que Leão XIII não tem direito de intervir nas questões sociaes. Mas a pag. 183, falando dos remedios que Leão XIII propõe para a solução do problema social, o sr. Dr. Affonso Costa, para mais firmar a coherencia das suas idéas e a auctoridade com que accusa o grande Pontífice de contradictorio, diz: «A sua (*de Leão XIII*) posição dava-lhe o direito, se não lhe dava tambem o dever, de claramente mostrar o que a religião poderia fornecer para a elaboração d'esse vasto edificio de reformas, planos, theorias e expedientes, destinados a pôr termo á desesperada situação actual.» Infere-se d'aqui: 1.º que a intervenção do Papa na questão social não é legitima; 2.º que o Papa tem o direito e o dever de intervir na mesmissima questão, fornecendo planos, theorias e expedientes, destinados a pôr termo á desesperada situação actual! Ganha um dôce quem fôr capaz de combinar isto. Notemos de passagem que o Sr. Dr. Affonso Costa, escrevendo a sua dissertação, affirma bem claramente o seu direito de intervir na questão social, direito que nega e simultaneamente concede ao Papa.

Vamos pôr ponto na serie interminavel de contradicções, nota caracteristica da dissertação do sr. Dr. Affonso Costa.

A pag. 204, falando dos *remedios humanos da questão social*, o critico diz: «Por tanto, conforme a doutrina christã de Leão XIII, o proletario deve trabalhar tanto tempo quanto o corpo lh'o consentir, e receber somente aquillo que strictamente bastar para elle e os seus se alimentarem sobriamente.» Temos, pois, que a doutrina christã é a doutrina de Leão XIII. Ora, para o critico, Jesus Christo foi «um socialista inconsciente» (pag. 103), a sua doutrina «egualitaria», o seu character «socialista» e até «comunista» (pag. 102 e segg.). Parece que sendo christã a doutrina do Papa, e sendo socialista o character do christianismo, o Papa devia ser socialista. Pois não, senhor, não é, affirma-o o sr. Dr., e d'esta vez com toda a razão. Leiam-se as pag. 153 e segg., e lá se verá que

o critico diz e repete, torna a dizer e a repetir, « que o papa não é socialista, nem o seria mesmo no caso de o ter positivamente affirmado (pag. 154) », não obstante ser socialista a doutrina christã, na opinião do critico, e ser christã a doutrina do Papa, ainda na opinião do mesmissimo critico.

Demonstrada assim a auctoridade e competencia com que o sr. Dr. se arvora em critico de Leão XIII, accusando a Encyclica de 15 de maio de 1891, de incorrecta, não accurada na forma e contradictoria, temos caminho aberto para a analyse dos erros graves em que o sr. Dr. incorreu, quando se metteu a falar do christianismo, da Igreja e da historia, pontos em que revela profundissima ignorancia.

Proval-o-hemos em artigos successivos.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.



OS MILAGRES DE LOURDES

E AS OBJECÇÕES DOS MEDICOS

Conferencia lida na Academia dos Arcades, em Roma,
em 20 de fevereiro de 1895, pelo Doutor José Lapponi,
medico particular de Sua Santidade Leão XIII

(Continuação de pag. 241)

III

É opportuno recordar que as *hallucinações* são phenomenos morbidos, que consistem em sensações não determinadas por uma impressão *actual* dos sentidos, mas creadas pela nossa imaginação com a recordação de sensações anteriores e apresentadas como realidade ao espirito do individuo. Ver um objecto que não existe, ouvir uma voz que não falla, sentir um cheiro imaginario, é ser victima de uma hallucinação. Poder-se-ia definir a hallucinação uma especie de sonho no estado de vigilia.

As *illusões*, pelo contrario, são phenomenos morbidos que consistem em sensações determinadas por uma impressão *actual*, realmente provocadas por um objecto externo em algum dos nossos orgãos, mas fatalmente percebidas e julgadas pelo cerebro. É victima de uma *illusão* aquelle que julga ouvir o sino da sua parochia a chamal-o ladrão; porque os sinos podem muito bem chamar a soccorro contra os ladrões, mas não chamam ladrão a ninguem. ¹⁾

¹⁾ O espirituoso escriptor Lasègue observou que a *illusão* está para a hallucinação como a maledicencia está para a calumnia. Como a maledicencia, a *illusão*

As *suggestões* são um phenomeno morbido que consiste em admittir ou inculcar aos outros uma idéa, uma resolução, uma convicção, que, por outro processo, nunca se conseguiria imprimir no cerebro.

Quando a uma pessoa, que offerece condições cerebraes proprias para essa influencia, se faz crer que ella é um cão e que por conseguinte deve ladrar, opera-se uma *suggestão*.

Quando, nas mesmas circumstancias, se leva uma pessoa a roubar, n'um momento dado, o lenço de um amigo, pratica-se uma *suggestão* que, se as condições forem favoraveis, produzirá o seu effeito.

Hoje toda a gente sabe que, em certos casos, o uso da *suggestão* influe na vontade de um individuo. Assim, até certo limite, pode exercer-se influencia mesmo nos phenomenos organico-animaes. Se a uma pessoa doentiamente predisposta se ordenar que tenha uma hemorragia nasal em um certo momento, muitas vezes produzir-se-ha o facto com todo o rigor. E se, a uma pessoa que soffra de dores de cabeça neuropathicas, se ordenar por *suggestão* que não soffra de futuro d'esse mal, muitas vezes o individuo em questão ficará intimamente convencido de que está curado; e, suppondo que elle não se cure radicalmente, poderá sentir melhoras sensiveis de um mal até então rebelde a todo o expediente curativo.

Taes são os tres generos de phenomenos morbidos que se têm apresentado para explicar os maravilhosos acontecimentos de Lourdes e para explicar o milagre em nome das sciencias medicas.

IV

Mas os phenomenos morbidos teem as suas leis; e estas permitem-nos affirmar que nas maravilhas de Lourdes nunca ninguem pode encontrar *hallucinação*, nem *illusão*, nem *suggestão*.

As hallucinações, tendo sempre um objecto identico e que as suas victimas como taes não reconhecem ¹⁾, são proprias dos

assenta na verdade, mas desnaturada, alterada, desfigurada; a *hallucinação* pelo contrario, como a *calumnia*, inventa completamente e nada diz de verdadeiro.

¹⁾ *Exceptuando as doenças febris e algumas intoxicações.*

loucos e dos neuropathas: entre estes ultimos, os hystericos occupam o primeiro logar.

Mas Bernardette, que affirmou e sustentou até final a inteira e absoluta verdade das suas visões ¹⁾, não foi louca, nem neuropatha, nem hysteric.

Não foi louca. Sempre se lhe notou o mais perfeito equilibrio nas suas faculdades sensitivas, intellectuaes, appetitivas e affectivas; n'ella reinou sempre a mais perfeita regularidade no exercicio das diversas facultadês do espirito.

Não foi louca. Officiaes publicos que tinham interesse em fazê-la passar por tal, nunca puderam conseguir, mesmo dos medicos sem preconceito algum, encarregados do exame de Bernardette, nenhum attestado de loucura.

Não foi louca. As visões, n'ella, não foram como nos loucos e principalmente como nos loucos mysticos, segundo nol-o ensina a experiencia.

Não foi neuropatha: seus paes eram sãos e equilibrados, honestos, de bons costumes; ella propria, embora de uma constituição delicada, nunca soffreu nenhum ataque nervoso; o seu character não foi variavel, nem excentrico, e nunca presencou em outras pessoas phenomenos de neuropathia; de resto não pode admittir-se que uma pessoa seja neuropatha apenas durante 18 dias de toda a sua vida; que digo? Bernardette não o seria nem mesmo 18 horas, e ainda essas 18 horas eram separadas por intervallos longos e muito normaes, ás vezes de semanas.

Ainda menos foi hysteric. Esta doença não era hereditaria na sua familia, e nenhuma causa externa pode accidentalmente traduzir n'ella em acto uma casual predisposição hereditaria. Nem antes, nem depois das visões, se lhe notou algum d'esses factos organicos ou psychicos, que constituem o que se chama os *stigmates*, ou signaes da hysteria.

A narração que fez do facto, sempre ingenua e sincera, nunca mostrou essas alterações, essas mudanças, esses exageros que tantas vezes se encontram nos hystericos.

¹⁾ E que sem duvida não se encontrava n'um estado febril nem sob a influencia de alguma intoxicação.

Estabelecido isto, é claro que Bernardette não era um terreno preparado para essas allucinações tenazes e vivas a ponto de as confundir com a realidade.

Tambem não pode dizer-se que, na idade critica do seu desenvolvimento organico, ella estivesse temporariamente sujeita ás illusões: porque, quando essa idade de puberdade inclina alguém para as allucinações, estas são ordinariamente acompanhadas de uma longa serie de phenomenos nervosos com exacerbações periodicas, de que Bernardette foi sempre indemne.

A sciencia medica não tem, pois, o direito de dar ás suas visões o nome de allucinações; e prova-se de uma forma brilhante que realmente o não eram.

Porque, se fossem allucinações, apresentariam os caracteres distinctivos d'esses phenomenos morbidos, o que na verdade não succedeu.

(Continúa.)



À CRITICA D'UM SOCIALISTA

III

Consideremos a Encyclica de Leão XIII, de 15 de maio de 1891, não como um documento emanado da mais alta auctoridade doutrinal que existe sobre a terra, mas como um estudo scientifico elaborado por um theologo eminente — pois tambem pertence á theologia a analyse das questões sociaes — que estudou a fundo o grande problema social em si e nas suas intimas relações com o christianismo. Pergunta-se: terá o sr. Dr. A. Costa a necessaria competencia para criticar aquelle documento?

A leitura da dissertação responde: não. O pensamento predominante da Encyclica é este: « ha um meio unico de resolver satisfactoriamente a momentosa questão social: a acção benefica do christianismo, concretisado na Igreja catholica, secundada pela acção do Estado, que deve viver em intima harmonia com a Igreja » E o sabio Pontifice desdobra este pensamento, inunda-o da formosissima luz da evidencia, porque o demonstra com os principios christãos de que é depositario e interprete, com os factos incontestaveis da historia da Igreja, que ahi está a proclamar bem alto a verdade exposta na Encyclica. Para que o sr. Dr. A. Costa pudesse avaliar o valor scientifico da solução apresentada pelo Papa, — era de necessidade, pelo menos, que s. ex.^a tivesse ideas nitidas e exactas acerca da doutrina e espirito do christianismo, acerca da historia da Igreja e das suas instituições admi-

raveis. Ora, o sr. Dr. A. Costa, em vez de procurar a necessaria instrucção christã e historica em livros de illustres pensadores que passaram a vida — ás vezes longa — estudando e meditando a religião augusta de Jesus Christo, em si e no seu desenvolvimento maravilhoso atravez do tempo e do espaço, foi procural-a em homens que se chamaram Proudhon, Drapper, Edgar Quinet, Renan e outros que taes ¹⁾ Estes podiam ensinar-lhe uma chamada religião christã adulterada, uma historia falsa e adrede inventada para combater a fé e a Igreja, mas nunca a verdadeira religião christã e a verdadeira historia, que é a sua mais brilhante apologia.

Alem de que, a critica para que seja, como deve ser, imparcial, tem de conservar-se sempre nas regiões serenas da verdade e da justiça. Uma critica apaixonada é, necessariamente, falsa. E tal é a critica do sr. Dr. A. Costa. Em cada pagina da sua dissertação apparece, ora insinuando-se ardidamente, ora declarando-se sem reboço, a paixão sectaria, o preconceito e o erro contra a Igreja e o Papado, contra as instituições christãs e até contra o proprio Jesus Christo, apresentando-o como um « socialista inconsciente! » (pag. 103). Parece que o sr. Dr., dominado das ideas de Lange e Hartmann, aquelle semi-materialista apesar da sua confissão de espiritualista, e este pantheista da velha escola de Schelling, vê em tudo « o inconsciente », ainda mesmo n'Aquelle que ensinou ao mundo a doutrina mais santa e mais pura que os seculos nunca viram nem verão. Pois nós sentimos profundamente que o sr. Dr. A. Costa nem saiba distinguir entre o romance e a historia, entre a utopia e a realidade, entre a verdade e o erro, nem lograsse elevar-se acima de preconceitos, para assim criticar, serena e imparcialmente, ideas e factos.

Diz o sr. Dr. (pag. 28-30) que 1.º: « o christianismo espalhou-se rapidamente, como era natural succeder a uma doutrina que annunciava aos esmagados pelo soffrimento uma

¹⁾ Tambem consultou Anatole Leroy-Beaulieu a quem chama « catholico effervescentes », em portuguez tão puro como o catholicismo de Anatole.

libertação mais ou menos fugitiva e hypothetica, mas, por isso mesmo, mais querida aos olhos cheios de mysticismo dos povos de então...» D'onde se infere que a rapida propagação do christianismo é um facto natural e perfeitamente explicavel pelo character da mesma doutrina que annunciava e pelas circumstancias favoraveis do tempo em que appareceu. Drapper dizia o mesmo. 2.º Que a Igreja do christianismo nascente foi democratica; que S. Paulo e mais tarde Santo Agostinho fizeram com que ella mudasse successivamente de character « aristocratisando-se, theocratisando-se e impondo sob mil pretextos um novo dominio »; 3.º que, apesar d'isso « houve ainda algumas associações christãs communistas, que se espalharam pelo mundo, *prégando as sãs idéas* e sendo, por isso, perseguidas pela Igreja, que d'este modo ensaiava a forma futura do intolerantismo »; 4.º que d'entre essas seitas de *sãs idéas* cita: « o *millenium*, heresia com character socialista, que, baseando-se no *apocalypse*, attribuia para (*sic*) o anno mil a realisação de factos que trouxessem (*sic*) ao mundo a justiça, a fraternidade, a egualdade, a commum posse dos bens, etc.; o *Gnosticismo*, doutrina pouco perfeita...; os *Monicheus* (*sic*) muito mais puros... os primeiros a soltar as palavras Razão, Tolerancia, Humanidade, e os verdadeiros antepassados da Franc-Maçonaria...¹⁾ »; 5.º que « os albigenses e os communistas de Vand (*sic*) soffreram, pela sua persistencia nos bons principios do christianismo alliado ao socialismo, as mais terriveis perseguições de que fala a historia do papado e da feudalidade.»²⁾

Vejam o que ahi vae! E ainda está a sahir o funebre cortejo dos erros, simplesmente pasmosos, do sr. Dr.

É certo que o christianismo appareceu em momento opportuno e que algumas circumstancias favoraveis houve então para que rapidamente se propagasse; mas tambem é certo que enormes e humanamente invenciveis eram os ob-

¹⁾ O sr. Dr. escreve Papa e Igreja, por exemplo, com letra minuscula, e razão, tolerancia, humanidade, franc-maçonaria, revolução franceza... com letra maiuscula. Até n'isto a imparcialidade da sua critica!

²⁾ Gallicismo intoleravel.

staculos que se oppunham a que a nova doutrina d'um judeu crucificado, prégada por doze homens rudes, illiteratos e da infima classe do povo, lograsse, em breve espaço de tempo, conquistar o universo e estabelecer-se triumphante ainda nos grandes centros do saber e do poderio de então. E um d'esses obstaculos era precisamente a doutrina que Jesus Christo, e, depois d'elle os apóstolos, prégaram e confirmaram com prodigios estupendos.

Quem ousaria, por exemplo, falar de humildade, de pobreza, de mortificação, de desprezo dos bens terrenos, das honras e dignidades, de perdão das injurias, de amor aos inimigos, da egualdade entre os homens, da vida futura... no proprio coração da Roma pagã, dissoluta, sensual, cruel e despotica, como era a cidade dos Cesares' ahi pelo anno 42 era christã? Pois foi precisamente n'aquelle anno que um pobre pescador da Galilea elevado por Jesus Christo á mais alta dignidade e grandeza que existe sobre a terra, entrou na Babylonia do occidente e prégou aquellas doutrinas tão oppostas ás que dominavam na capital do ímperio romano. O resultado da empreza ahi está, escripto em caracteres indeleveis, nas paginas indestructiveis da historia. «A Roma de Horacio e Tibulo, das festas e espectaculos eternos, da civilisação e do requinte sensual, em cujo *Forum* ainda se não haviam apagado os ecos harmoniosos da voz de Cicero, escutou a palavra do pescador judeu, prendeu-se d'uma linguagem que se differença tanto da sua quanto a gelada Siberia se differença das risonhas plagas de Napoles. S. Pedro falava uma linguagem desconhecida, a da abnegação e humildade, e a Roma da soberba e do orgulho escutou-o e amou-o; falava uma linguagem contraria a todas as glorias e grandezas do mundo, e a Roma do fausto, da ostentação, da gloria marcial e das grandezas terrenas seguiu os seus ensinamentos. Quem poderá explicar humanamente este prodigio?

« Distinguem-se os grandes genios pela decisão e energia com que acommettem as mais gloriosas emprezas; Alexandre abalança-se sem vacilar á conquista da India; Julio Cesar passa sem temor o Rubicon; o primeiro Bonaparte arroja-se

sobre os povos com audacia incrível; mas o que são todas estas empresas comparadas com a de S. Pedro? Sem soldados, sem dinheiro, sem recursos humanos, desprezando-os todos, desafiando as iras dos Cesares, derruba os altares da idolatria, arrebatava o poder aos senhores do mundo, estabelece nos degraus do throno, o mais despotico da terra um poder libertador por excellencia, superior a todo o poder, e protesta vivamente contra toda a tyrannia... ¹⁾ Aos proselytos da nova doutrina o que offerece o Apostolo? Perseguições, trabalhos, talvez a morte no meio de tormentos, que eram estas as recompensas terrenas da *loucura da cruz*. O que succedeu em Roma, succedeu em toda a parte onde se ouviu a voz dos apostolos. E em toda a parte dominavam as idéas de Roma, capital d'um imperio que se estendia do Norte ao Meio Dia, desde a muralha de Antonino e da Dacia até ao Atlantico e o tropico, de leste a oeste, desde o oceano até ao Euphrates. Ha de o sr. Dr. Affonso Costa calcar todas as regras da critica para demonstrar naturalmente este facto, unico na historia da humanidade.

Concebe-se e explica-se facilmente que o islamismo e, depois d'elle, o protestantismo, se propagassem rapidamente *n'uma parte* do mundo. Seitas eram estas cujas doutrinas li-songeavam os sentidos e davam pasto abundante a todas as ruins paixões. O christianismo não. D'uma intransigencia implacavel para com as paixões, em guerra aberta com as exigencias desordenadas dos sentidos, austero nos seus preceitos moraes a ponto de condemnar os proprios pensamentos opostos á justiça e á moralidade, offerecendo aos que o quizerem abraçar, não as commodidades terrenas, mas os premios *invisiveis* d'uma vida *invisivel*, como podia elle subjugar tão rapidamente, como subjugou, o universo conhecido? *Naturalmente*, responde a critica do sr. Dr. A. Costa. É pasmoso! Tão desatinada é a critica racionalista, que prefere o absurdo, a confessar a intervenção sobrenatural de Deus em factos positivos e reaes, que é impossivel explicar naturalmente.

¹⁾ Urbano Ferreirôa — *Leon XIII y la situacion del Pontificado.*

Não sabemos, nem o crítico o diz, qual a « libertação mais ou menos hypothetica », que o christianismo offerecia « aos esmagados pelo soffrimento ». O que, sim, sabemos é que as promessas do christianismo são positivas, cathgoricas e claras, e tanto, que milhões de fieis deram a sua vida, no meio de inauditos soffrimentos, só para lograrem a libertação que Jesus Christo offereceu aos esmagados pelo soffrimento. Bem se vê que o sr. Dr. estudou o espirito do Evangelho em qualquer Drapper ou Renan.

Suppõe o critico que « S. Paulo e, mais tarde Santo Agostinho », transformaram o character da Igreja primitiva, o que é doutrinalmente absurdo e historicamente falso. A Igreja é immutavel, como christianismo de que é depositaria e interprete. O seu governo, a sua organização intima, substancial, o seu character, tudo foi determinado pelo proprio Jesus Christo, e tudo subsiste inalteravel. A Igreja de S. Paulo e de Santo Agostinho é a mesmissima Igreja primitiva. E ficamos por aqui, visto como o sr. Dr. Affonso Costa affirma gratuitamente o contrario, e com um entono que está mesmo a provocar um sorriso de compaixão. Aquella aristocracia e theocracia, que o apostolo das gentes e o immortal bispo de Hippona introduziram na Igreja, é uma das muitas phantasias que Renan metteu no cerebro exaltado do sr. Dr. E outra phantasia aquelle « novo dominio » que a Igreja impoz, « sob mil pretextos. » É effectivamente a Igreja rainha e soberana da humanidade redimida; mas essa realeza e soberania recebeu-a de Jesus Christo, em nome do Christo a exerce e ha de exercer até ao fim dos tempos. Não era pois *novo* nem imposto *sob mil pretextos* o dominio que S. Paulo e, com elle Santo Agostinho e todos os apologistas christãos, revindicavam para a Igreja. E veja o critico se póde mostrar com factos o contrario.

Chama o sr. Dr. A. Costa « associações de sãs idéas », e, por isso perseguidas pela Igreja, ao *millenium*, ao *gnosticismo* e *manicheismo*!

O *millenium* não foi, rigorosamente falando, uma heresia, mas um erro que veiu agravar enormemente as calamidades

que pesaram sobre a primeira metade da idade media. Affirmava esse erro, fundando-se na falsa interpretação do Evangelho, que no anno mil da Incarnação de Christo acabaria o mundo e pereceria toda a raça humana. Conjurado o phantasma pavoroso do *millenium* restabeleceu-se a paz e a ordem social profundamente abaladas e surgiram as cathedraes. Grande serviço prestou, pois, a intolerancia da Egreja ao bem social e ás artes combatendo aquelle erro, que o critico tão mal conhece, porque lhe chama « heresia de sãos principios », como quem diz: *papel pardo côr de rosa*.

Quanto ao *gnosticismo*, doutrina pouco perfeita, mas ainda assim *de sãs idéas*, segundo a logica do sr. Dr. — de tão puro quilate como o portuguez em que escreveu a sua dissertação — fique sabendo que é um dos erros mais monstruosos de que a historia dos desvarios do espirito humano nos dá notícia. Recommendamos ao sr. Dr. que, se quizer conhecer, melhor do que conhece, a *doutrina sã* da gnose, leia a *Histoire critique du guosticisme*, de Matter (Paris, 1828). Em que eram os manicheus mais puros do que os gnosticos? Em ensinarem o dualismo, o pantheismo e a metempsychose? Em darem nova forma aos erros da gnose, amalgamando as theorias dualistas da Asia com as idéas religiosas do antigo parsismo? O que a historia diz é que o manicheismo foi uma seita abominavel e como tal perseguida com leis severas, não só pelos imperadores christãos, mas até pelo proprio Diocleciano. O sr. Dr. intende que os manicheus professavam idéas sãs, ainda mais puras que as da gnose, e sympathisa com elles, porque foram, diz, os primeiros que soltaram as palavras razão, tolerancia, liberdade, e os verdadeiros antepassados da franc-maçõnaria. Ficamos sabendo: antes dos manicheus « *razão, tolerancia, liberdade* » eram palavras que ninguem ousou soltar. Estavam *in petto*, mas apparecerem em plena luz de publicidade... isso só depois que se exhibiram os taes verdadeiros antepassados da maçõnaria, a qual, a julgar pelos seus ascendentes, é tão exécravel como elles.

Chega a causar assombro que, n'este periodo em que estamos de pleno esplendor de estudos historicos, graças ao

impulso que lhes deu o eminente Pontifice Leão XIII, se escreva que os albigenses e os communistas de Vand (será Vaux?) «pela sua persistencia nos bons principios do christianismo alliado ao socialismo, soffreram as mais terriveis perseguições de que fala a historia do papado e da feudalidade.» Palavriado e mais nada. Os bons principios do christianismo em que os albigenses persistiram eram estes: o dualismo gnostico e manicheu, a negação dos dogmas da Trindade, da Incarnação, da Redempção, da existencia d'uma Igreja visivel, dos sacramentos, quer dizer, a negação de todo o Christianismo. E era tão cruel o fanatismo albigense que os paes albigenses recusavam alimentos e remedios aos filhos, quando enfermos; os filhos procediam do mesmo modo para com os paes quando estes cahiam doentes. Christãos não eram, evidentemente, os albigenses, mas eram socialistas *inconscientes*, diz o sr. Dr. O que fariam elles se fossem socialistas *conscientes*!...

Foi com effeito instituida a Inquisição para combater a cruel e sanguinaria heresia albigense. E já que tocamos este ponto vem muito a proposito citar umas palavras do sr. Dr. A. Costa, que se lêem a pag. 117 da sua Dissertação. Fornecem mais um argumento para demonstrar a profunda sciencia historica do nosso critico. Dando largas á sua má vontade contra o catholicismo, diz: «Por outra parte, já mais proximo a nós, encontrariamos o conflicto sobre a natureza da alma, levantado e briosamente proseguido, primeiro só na Hespanha, e depois tambem na Italia, por Averróes, e veriamos como a inquisição, *instituida graças a S. Domingos e Santo Ignacio*, perseguiu cruelmente os seus (*dé quem?*) partidarios¹⁾». Vê-se, ou adivinha-se facilmente, que aquelle Santo Ignacio é o illustre fundador da Companhia de Jesus. Ora, este santo (que tem homonymos tambem canonisados) viveu ahi pelo seculo XVI. S. Domingos de Gusmão viveu no seculo XIII. Como é que Santo Ignacio de Loyola se pode imparceirar

¹⁾ A seu tempo fallaremos do tal conflicto sobre a natureza da alma, que o critico enguliu tal como Drapper o cosinhou.

com S. Domingos, tres seculos antes de nascer, para instituirem ambos a Inquisição, cousa é que só a historia e a chronologia do sr. Dr. A. Costa nos podem explicar. Não ha, porém, motivo para estranhar o anachronismo do critico. Quem se propõe defender em theses publicas que o Papa deve ser eleito pelo Concilio ecumenico, sabendo todos que não ha, nem pôde haver concilio ecumenico sem Papa ¹⁾ não é muito que nos apresente S. Domingos, morto em 1221, a collaborar com Santo Ignacio de Loyola, fallecido em 1556, no estabelecimento da Inquisição.

Depois da enfiada de calumnias contra o christianismo, a Igreja e a historia, que o sr. Dr. escreveu desde pag. 27 a pag. 30 da sua Dissertação, conclue: « Tal é a obra socialista que n'este primeiro periodo (*de socialismo inconsciente*) effectuou a doutrina de Christo, não, porém, o catholicismo ». Não esqueçamos que o critico, com aquella consequencia de idéas que já lhe conhecemos, chama ao catholicismo (pag. 123) « realisação pratica e social do christianismo ». Na conclusão acima transcripta ha um erro grave, e uma grande verdade. O erro está em affirmar que o socialismo dos gnosticos, manicheus, albigenses e outros *ejusdem furfuris* é obra do christianismo. A verdade está em dizer que a obra dos taes socialistas *inconscientes* não é obra do catholicismo.

Não é, effectivamente. Porque a obra do catholicismo, « realisação pratica e social » da doutrina de Christo, foi sempre, é ainda e ha de ser até á consummação dos tempos, uma obra de paz, de ordem, de progresso, de civilisação e

¹⁾ Na secção de direito ecclesiastico, o sr. Dr. A. Costa apresentou a seguinte these: « A eleição do Papa deve competir ao concilio ecumenico ». O concilio ecumenico, para que o seja, deve ser convocado pelo Papa, por elle presidido, ou pelos seus legados. etc., etc. Reuna o sr. Dr. todos os bispos do mundo catholico em assemblea; se lá não estiver o Papa ou quem o represente, a assemblea pôde ser o que quizer, menos um concilio ecumenico. O proprio Schenkl, para quem o sr. Dr. appellou n'uma referencia que, no primeiro dia das suas conclusões magnas, fez aquella these, tentando justificar o que não tem justificação possivel, diz: « Mas o concilio geral, que realmente representa a Igreja universal, não é constituído, nem só pelos bispos sem o Pontifice, nem por este sem aquelles, mas pelos bispos junctos com o Pontifice como os membros com a cabeça. Não podendo por tanto fazer-se um concilio verdadeiramente ecumenico sem o Pontifice ou sem auctorisação d'elle... » (*Instituições de Direito Ecclesiastico*, pag. 351, nota †).

bem estar individual e colectivo, ao contrario da obra nefasta que o sr. Dr. tão desgraçadamente defende e propaga, porque é uma obra de retrocesso, de anarchia, de revolução anti-christã, e, por isso mesmo, anti-social.

Quando o sr. Dr. Fernandes Vaz, no seu bello argumento contra a Dissertação do critico, affirmou que a campanha de descredito movida pelos socialistas contra a Encyclica de Leão XIII, obedecia ao plano de inutilisar o mais terrivel inimigo do socialismo, e attenuar os maravilhosos effeitos que a palavra augusta do Chefe da christandade produziu no mundo operario, disse uma grande verdade. Com effeito, a Encyclica *Rerum novarum* foi um golpe formidavel que feriu no coração o monstro socialista. As invectivas contra o Papa são arrancos do monstro que se estorce nas vascas da morte. Succede ao socialismo o que tem succedido a todos os erros fulminados pela auctoridade doutrinal do Vigario de Jesus Christo. Dominaram por algum tempo esses erros, lograram mesmo uma especie de triumpho; mas, alfim, passaram, deixando na historia uma triste recordação e um exemplo salutar. Está para apparecer o primeiro erro que prevalecesse contra a Igreja. É que está escripto: *Passarão os ceus e a terra, a palavra de Deus nunca* ¹⁾. E a palavra do Papa é a palavra de Deus, sempre antiga e sempre nova, esclarecendo as intelligencias e guiando as sociedades na conquista do seu ideal.

Gloria ao Pontifice magnanimo que, fulminando o erro socialista, pondo a descoberto os seus ardís, arrancando-lhe a mascara com que encobre a sua apparente dedicação pela classe operaria e resolvendo com o Evangelho o problema social, prestou um relevantissimo serviço á humanidade e conquistou para o seu nome já glorioso mais um titulo de grandeza immorredoura.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.

¹⁾ Matth — xxiv — 35.

A QUESTÃO SOCIAL ¹⁾

As theorias collectivistas — Collectivismo industrial
— Karl Marx e Lassalle ²⁾

Benoit Malon, na obra intitulada *Socialismo integral*, define o collectivismo n'estes termos: « a inalienabilidade das forças productivas postas sob a tutela do Estado, confiando-as est'ultimo temporariamente e mediante certa renda aos grupos profissionais, e fazendo-se entre estes a repartição dos productos *pro-rata* do trabalho » ³⁾.

Estamos, pois, em presença de um systema que pretende transformar a propriedade individual em propriedade do Estado, que substitue a iniciativa particular pela acção e vigilancia de um poder central, absorvente, arbitro supremo de toda a fortuna dos cidadãos. Este systema representa a phase actual do socialismo.

Não quer isto dizer que o collectivismo tenha um cunho de originalidade frisante. Os seus principios e as suas con-

¹⁾ Este artigo é um capitulo do opusculo ultimamente publicado pelo auctor sob o titulo — *A questão social — Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa*.

²⁾ No rapido estudo que vamos fazer dos principios collectivistas desligamo'-nos completamente da dissertação do sr. Affonso Costa. Preferimos investigar e examinar livremente as theorias da escola adoptada por s. ex.^a, a ter de seguil-o passo a passo nas suas divagações. Parece-nos que d'este modo não seremos tão fastidioso.

³⁾ Eis as suas proprias palavras em francez: « l'inaliénabilité des forces productives mises sous la tutelle de l'État, ce dernier les confiant temporairement et moyennant redevance aux groupes professionnels, et dans ceux-ci la répartition des produits se faisant au prorata du travail ».

clusões pertencem ás velhas escolas economicas de Adam Smith, Ricardo, Bastiat, Turgot, de Tracy, etc.; mas Karl Marx, verdadeiro fundador do collectivismo, teve a habilitade de envolver os velhos principios n'uma fórma nova e revestiu-os de um certo apparatus scientifico, por vezes bem architectado embora assente em bases pouco solidas.

Karl Marx deveu á circumstancia de ser o fundador da *Internacional* toda a popularidade que alcançou entre os socialistas. O seu livro intitulado *O capital (Das Kapital)*, cheio de abstracções e formulas scientificas que exigem na leitura uma certa tensão de espirito, não era destinado a percorrer todas as fileiras da democracia socialista.

Não se julgue, porém, que são de um escrupuloso rigor os processos scientificos de Marx. « Como bem notou Cliffe Leslie — diz Laveleye ¹⁾ — o livro *Das Kapital* é um exemplo frisante do abuso do methodo deductivo, frequentemente empregado por muitos economistas. Parte de certos axiomas e de certas formulas que considera como rigorosamente verdadeiras. Deduz consequencias que ellas lhe parecem conter, e assim chega a conclusões que pretende serem tão irrefutaveis como as das sciencias exactas. Nada é mais enganador do que este methodo, que tem seduzido bons espiritos. Nas sciencias moraes e politicas, os termos nunca chegam a traduzir com precisão os infinitos matizes da realidade; só as mathematicas o conseguem, porque especulam exclusivamente sobre dados abstractos e rigorosamente determinados ».

Vejamos como os collectivistas, aproveitando algumas formulas da escola economica denominada classica, chegaram ás conclusões do seu systema, uns com bastante simplicidade, como Lassalle, Rodbertus e Marlo ¹⁾, outros atravez de longas digressões philosophicas.

Adam Smith escrevera: « O producto do trabalho constitue a recompensa natural ou o salario do trabalho. No estado primitivo que precede a appropriação das terras e a ac-

¹⁾ *Le socialisme contemporain*, pag. 22 e 23.

¹⁾ O seu verdadeiro nome era Winkelblech.

cumulação dos capitaes, todo o producto do trabalho pertence ao operario. Não ha proprietario nem patrão com quem tenha de dividir ».

Os socialistas interpretaram a seu modo este principio, e, caminhando de deducção em deducção, chegaram á conclusão extrema da «integralidade dos salarios». Se o trabalho é a unica fonte do valor, dizem elles, deve o operario gosar do producto integral do seu trabalho. Ora, na actual organização economica é exactamente o contrario que observamos. O operario trabalha um certo numero de horas em cada dia, recebe com o salario uma parte, relativamente pequena, do seu producto, e a parte restante é arrecadada pelo patrão.

O facto accusado pelos socialistas é verdadeiro, mas incompleto na sua exposição. O patrão não cede ao operario todo o producto do seu trabalho, porque n'esse caso não receberia o juro correspondente ao capital empregado, nem o premio do risco a que esse capital está sujeito, nem a justa recompensa da sua actividade. O capital que o patrão empregou na sua fabrica é um trabalho transformado, que ficaria sem recompensa, isto é, sem salario, no caso em que ao trabalhador fosse concedido o producto integral da sua fadiga.

N'este ponto surge a questão da origem do capital. Segundo Karl Marx, um homem que tem dinheiro e quer vir a ser capitalista, apresenta-se no mercado, compra materias primas, machinas e outros utensilios, e contracta operarios que, á força de trabalho, transformam as materias primas em productos. Estes são depois vendidos por maior preço que o da sua transformação, e assim realisou o empresario um lucro: tal é a origem do capital.

Laveleye expõe nos seguintes termos a theoria de Marx relativa ao modo como se produz o contraste da miseria e da opulencia entre o operario e o patrão:

« Para produzir os generos necessarios á existencia do operario e de sua familia durante um dia, não é necessario um dia inteiro de trabalho. Marx suppõe que bastam cinco ou seis horas. Portanto, se o operario trabalhasse por conta

propria, conseguiria em meio dia aquillo de que necessita, e no tempo restante descansaria ou entregar-se-ia a outras occupações; mas o escravo antigo, o servo da idade media, conquistando a liberdade na sociedade actual, não adquiriu ao mesmo tempo a propriedade. Por isso é forçado a pôr-se ao serviço d'aquelles que possuem a terra e os instrumentos de producção. Estes exigem-lhe naturalmente que trabalhe por conta d'elles durante doze ou mais horas por dia. Em seis horas o operario produz o equivalente da sua subsistencia; é o que Marx chama «o trabalho necessario»; durante as seis horas restantes produz valor a mais (*Mehrwert*), em proveito d'aquelles que o empregam »¹.

Ora o capitalista paga ao operario com o producto de seis horas, e embolsa o producto de outras seis, o que dá origem ao capital.

Accrescente-se agora — diz ainda Karl Marx — que o capitalista pôde ainda por varios meios augmentar o seu beneficio. Se elle tem um só operario, recebe, como vimos, o producto do trabalho de seis horas; mas se tem mais que um, o beneficio augmenta tantas vezes o producto de seis horas de trabalho quantos forem os operarios. E se, em vez de ser de doze horas, o dia normal de trabalho fôr de quinze, o augmento é ainda maior.

Ainda isto não é tudo: augmentando-se a productibilidade do trabalho por meio de machinas e methodos aperfeiçoados, o operario produziria em tres horas, por exemplo, o bastante para a sua sustentação; e então o capitalista embolsaria o producto de nove horas de trabalho, na hypothese de ser o dia normal de doze horas, e pagaria ao operario apenas com o producto de tres horas.

Taes são as theorias de Karl Marx, que teve o grande defeito de se conservar no campo das fórmulas theoricas, sem basear as suas deducções no exame rigoroso dos factos.

Em primeiro lugar, o beneficio recebido pelo capitalista não é gratuito, como já notámos, pois representa o salario

¹) *Le socialisme contemporain*, pag. 33.

— digamol-o assim — do trabalho transformado nas machinas e mais utensilios: estes objectos são realmente um trabalho transformado em capital.

Para que o operario recebesse o producto integral do seu trabalho, era necessario que cada productor fosse um capitalista, isto é, tornava-se necessario abstrahir dos capitaes apropriados e até da divisão do trabalho. Vejamos:

Se quizermos fazer de todo o productor um capitalista, é necessario ministrar-lhe materias primas, machinas e sub-sistencias. Como o productor não dispõe d'estes elementos, só os poderá adquirir por emprestimo ou ha de fornecer-lh'os a credito o fabricante. Começa aqui a lucta de interesses opostos, que os socialistas não podem supprimir por qualquer força de abstracção. A pessoa que cede taes objectos por emprestimo, ou o fabricante que os fornece a credito, ha de receber do pródigo total do trabalho do operario uma parte como interesse do adeantamento que fez. A isto respondem os socialistas com a chimera do credito gratuito, que nenhuma organização economica pode realizar, porque, assim como o rendimento é um facto natural, o interesse é um facto necessario ¹⁾.

Supponhamos que, no estado actual da divisão do trabalho, cada operario recebe integralmente o producto do seu esforço: conseguirá—diz Eichthal ²⁾—fragmentos de consumo, absolutamente insusceptiveis de utilizar-se, e por conseguinte sem valor: só a troca pode tornar utilisaveis esses objectos, completando-os uns aos outros. «Portanto, continúa o mesmo auctor, levanta-se immediatamente um conflicto entre aquelles que possuem essas utilidades isoladas para estabelecerem o preço da troca. Aquellas que estão mais proximas do acabamento que as ha de tornar proprias para o consumo immediato teem um mercado mais largo que as que precisam de longas operações complementares antes de corresponderem ás necessidades dos homens: o capitalista é precisamente aquelle que accumulou um certo numero d'esses objectos im-

¹⁾ Id., *ibid.*, pag. 39.

²⁾ *In verbo*—*Socialisme*—do *Nouveau Dictionnaire d'économie politique* de Léon Say, pag. 841 do tom. II.

mediatamente ou quasi immediatamente consumiveis e que procura vendel-os áquelles que os não possuem. Recolhe em troca os resultados parciaes da producção, e, aggregando-os, reconstitue o seu *stock* de objectos de consumo, para começar de novo e indefinidamente essa serie de operações. Só analysando n'estes termos o papel do trabalho e do capital, é que se chega a comprehender as suas funcções reciprocas».

Vê-se que é indestructivel e necessaria a idéa do capital nas relações economicas da sociedade.

Karl Marx quiz estabelecer a pretendida organização prática do collectivismo individual no principio de que o valor está sempre na razão do trabalho. Assim, para elle a hora de trabalho é a unidade de valor, que serve de base a todas as comparações relativas á desigualdade de lucros produzida pelo mecanismo da troca.

O erro é fundamental: com effeito, não só os factos provam que entre o valor e o tempo de trabalho ha muitas vezes grande desproporção, mas tambem é evidente que o valor depende de muitas outras circumstancias. Um cultivador que explora um terreno fertil recolhe no mesmo tempo e com menos trabalho mais productos do que outro que explora um terreno ingrato. A raridade e a utilidade são condições essenciaes do valor. Uma bilha de agua que, em circumstancias ordinarias, vale, por exemplo 10 réis, será de bom grado paga por 500 réis ou mais se fôr offerecida a um viajante que se encontre no meio de um deserto. O augmento do preço veio da raridade e da utilidade da agua n'uma circumstancia especial. Dois operarios trabalham com machinas de força desigual: se um, em certo tempo, produz um valor igual a 5, o outro, com o mesmo trabalho e no mesmo tempo, produz um valor igual a 10. Logo não ha proporção entre o valor e o tempo de trabalho.

Não queremos dar a esta rapida analyse das theorias collectivistas as proporções de um trabalho desenvolvido; todavia não nos dispensamos de referir ainda uma observação de Lassalle ácerca da origem do capital.

É verdade, diz Lassalle, que o capital é o trabalho transformado, mas o trabalho d'aquelles que não possuem o capital.

A situação em que actualmente se encontram as classes trabalhadoras em presença dos capitalistas vem de longe, do tempo em que a propriedade se accumulava nas mãos de poucos. Estes obrigavam directa ou indirectamente as outras classes a augmentar a sua fortuna e locupletavam-se á custa do trabalho alheio.

Ainda n'este caso os lucros do capitalista constituem uma retribuição dos seus cuidados, da sua direcção, e representam um premio do risco a que está sujeito; portanto são justos. Se os interesses do operario fossem eguaes aos do capitalista, quem indemnitaria este da ruina em que o lançasse um accidente qualquer? No caso de um desastre que arruinasse o capitalista, o operario ficaria sem o menor prejuizo, enquanto o seu patrão soffreria todas as consequencias fataes. N'estas condições ninguem se sujeitaria ás eventualidades de uma empreza, e por conseguinte paralyar-se-ia a industria.

O assumpto é susceptivel de grande desenvolvimento, mas, repetimos, não é nosso proposito dar-lh'o aqui, porque é dispensavel ao fim que nos propozemos.

Karl Marx, enunciando os principios que acabamos de examinar, pretendia chegar á organização collectivista da propriedade industrial. As conclusões do seu systema foram claramente formuladas no congresso de Gotha, em 1875, no seguinte programma adoptado por grande maioria:

«O trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda a civilização. Como o trabalho geral productivo só é possivel pela sociedade, o producto total do trabalho pertence á sociedade, isto é, a todos os seus membros, com o mesmo direito, e a cada um segundo as suas necessidades racionais, sendo todos obrigados a trabalhar.

«Na sociedade actual, os instrumentos do trabalho são monopolio da classe capitalista: a dependencia que d'ahi resulta para a classe operaria é a fonte da miseria e da servidão sob todas as suas fórmulas.

«A emancipação do trabalho exige que os instrumentos do trabalho se convertam em propriedade collectiva da sociedade, com regulamentação de todos os trabalhos pela so-

cidade, emprego de utilidade commum e justa repartição dos productos do trabalho.

«A emancipação do trabalho deve ser obra da classe operaria, em presença da qual as outras classes são apenas massas reaccionarios.»

Partindo d'estes principios, «o partido operario socialista allemão propõe-se como fim conseguir, por todos os meios legais (a palavra *legal* foi riscada do programma de 1880), fundar o Estado livre da sociedade socialista, destruir a lei de bronze do salario, supprimindo o salariado, pôr termo á exploração em todas as suas fórmas e abolir todas as desigualdades politicas e sociaes: reconhece o character internacional da questão do trabalho, e esforçar-se-ha por fazer da fraternidade dos homens uma realidade».

Como se vê, este programma é, da mesma forma que as theorias de Marx e Lassalle, uma série de formulas abstractas que em nada explicam a realidade das cousas. A parte prática da reorganisação economica socialista, os principios organicos em que ella ha de assentar, não apparecem na litteratura collectivista.

«Os chefes do partido — diz Eichthal — conheceram o perigo, sob o ponto de vista da propaganda, de traçar com exactidão os pormenores de um edificio cujas diversas partes difficilmente podiam dispôr-se sem encontrar impossibilidades e monstruosidades, e preferiram conservar-se em formulas geraes mal definidas, ou em simples declarações revolucionarias, ou ainda limitar-se á organisação das *grèves* e das associações de resistencia puramente industriaes, — a fornecer motivos de scisão a um partido unido nos seus protestos contra o capitalismo, mas facil de dividir-se contra si mesmo.»

Seja como fôr, segundo os principios collectivistas o Estado deve tomar posse dos instrumentos de producção, e substituir a iniciativa particular. Quanto são deploraveis e injustas as consequencias de semelhante organisação mostra-o Leão XIII na sua memoravel encyclica, cujas doutrinas são verdadeiramente inabalaveis. Depois de sustentar o direito de propriedade, continúa o Pontifice:

«A força d'estes raciocinios é d'uma evidencia tal, que é permitido admirarmo'-nos como certos partidarios de velhas opiniões podem ainda contradizel-os, concedendo sem duvida ao homem particular o uso do solo e os fructos dos campos, mas recusando-lhe o direito de possuir, na qualidade de proprietario, esse solo em que edificou, essa porção de terra que cultivou. Não vêem, pois, que despojam assim esse homem do fructo do seu trabalho; porque afinal esse campo remexido com arte pela mão do cultivador mudou completamente de natureza: era selvagem, eil-o arroteado; de infecundo tornou-se fertil; o que o tornou melhor está inherente ao solo e confunde-se de tal fórma com elle, que em grande parte seria impossivel separal-o. Ora, a justiça soffreria que um estranho viesse então attribuir-se esta terra banhada pelo suor de quem a cultivou? Da mesma fórma que o effeito segue a causa, assim é justo que o fructo do trabalho pertença ao trabalhador. É pois com razão que a universalidade do genero humano, sem se deixar mover das opiniões contrarias d'um pequeno grupo, reconhece, considerando attentamente a natureza, que nas suas leis reside o primeiro fundamento da repartição dos bens e das propriedades particulares; foi com razão que o costume de todos os seculos sanccionou uma situação tão conforme á natureza do homem e á vida tranquilla e pacifica das sociedades.

.....
«Mas além da injustiça do seu systema, vêem-se bem todas as suas funestas consequencias: a perturbação em todas as classes da sociedade, uma odiosa e insupportavel servidão para todos os cidadãos, a porta aberta a todas as invejas, a todos os descontentamentos, a todas as discordias; o talento e a habilidade privados dos seus estímulos, e, como consequencia necessaria, as riquezas estancadas na sua fonte; emfim, em lugar d'essa egualdade tão sonhada, a egualdade na privação, na indigencia e na miseria.

«Por tudo o que acabamos de dizer, comprehende-se que a theoria *socialista* da propriedade collectiva deve repudiar-se absolutamente, como prejudicial aos proprios que se

quer socorrer, contraria aos direitos naturaes dos individuos, como desnaturando as forças do Estado e perturbando a tranquillidade publica. Fique pois bem assente, que o primeiro fundamento a estabelecer por todos aquelles que querem sinceramente o bem do povo, é a inviolabilidade da propriedade particular.»

O sr. dr. Affonso Costa de certo não se melindrará por lhe dizermos, que na sua dissertação nada ha que possa comparar-se, de longe ao menos, á eloquencia, á profunda sabedoria e ao espirito scientifico da encyclica sobre a condição dos operarios. Por isso não admira que s. ex.^a, reconhecendo porventura a sua incompetencia para discutir scientificamente a grande obra do Papa, se limitasse a considerações vagas e phraseado esteril, deixando perfeitamente de pé toda a doutrina de Leão XIII.

Terminando, não nos dispensamos de transcrever um trecho escripto por Emilio de Laveleye, depois de examinar as theorias de Karl Marx. Diz elle :

«Como o christianismo, considerado apenas sob o ponto de vista de uma fôrma social, é superior a todos estes sistemas, onde umas vezes falta a justa apreciação da realidade, outras vezes a verdadeira caridade! No Evangelho reina em toda a parte uma grande ternura pelos desherdados, ao mesmo tempo que um sentimento sublime de justiça social. A verdade essencial que resalta de todos os ensinamentos de Christo é que nenhum melhoramento é possivel, se primeiro não se tiver tornado melhor o proprio homem. A renovação moral, eis a fonte de todo o progresso verdadeiro. Não é pela critica das doutrinas economicas, por mais subtil que seja, nem por uma nova fôrma de associação, seja o phalansterio ou a sociedade cooperativa, que hão de curar-se os males da sociedade actual»¹.

Qualquer dia vae o sr. Affonso Costa pregar uma decompostura em Laveleye por professar doutrinas tão *retrogradas*.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

¹) *Le socialisme contemporain*, pag. 46.

ROMA E A RUSSIA ¹⁾



A morte de Alexandre III, seguida do advento d'um novo monarcha, attrahiu sobre a Russia as attenções da Europa. É pois opportuno falar da Russia. E se muitos escriptores eminentes se dedicam actualmente a profundas considerações politicas relativas áquelle imperio e á paz européa, é por sem duvida permittido a outros occuparem-se sobre tudo da questão religiosa na Russia; questão capital para o futuro d'este imperio, e cheia de importancia ainda sob o ponto de vista da união das Igrejas. A união da Igreja russa com Roma, centro da orthodoxia catholica, não é impossivel; e, ainda que erichada de difficuldades, é talvez menos difficil do que geralmente se pensa. É o que nos encarregamos de demonstrar.

Partamos do verdadeiro ponto de partida. Jesus Christo fundou muitas Igrejas? Respondo com o symbolo de Nicea: « *Credo in UNAM, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam.* Creio na Igreja UNA, sancta, catholica e apostolica. » Eis as palavras que todos os christãos assim russos, gregos, syrios, etc., como catholicos romanos, pronunciam publicamente e solemnemente. Todos crêem na Igreja UNA; e a unidade é para os christãos do Oriente, como para os do Occidente, a primeira nota da verdadeira Igreja de Christo. Não ha, pois, mais do que uma Igreja de Jesus Christo; todos concordam n'este ponto. Resta saber qual é esta Igreja.

¹⁾ Este bello artigo foi primeiramente publicado na *Revue des Deux Mondes* e depois na excellent *Revue Bénédictine*, da Abbadia de Maredelessous.

Desde a epocha apostolica até ao seculo IX da nossa era, nunca tal questão foi proposta. « *Ubi Petrus, ibi Ecclesia*: Onde estiver Pedro ahi está a Igreja: » nestas palavras pode formular-se toda a tradição escripta, tanto do Oriente como do Occidente, desde os santos Evangelhos até ao quarto Concilio ecumenico, passando pelos Actos dos Apostolos, escriptos dos Padres apostolicos e pelos grandes doutores da Igreja. Escrever-se-hia um livro só com os testemunhos dos primeiros seculos sobre o Primado de Pedro e seus successores.

Pedro estabeleceu a sua séde definitiva em Roma, e como já no seu tempo a administração da Igreja catholica era difficil por causa da extensão d'aquella e dos meios restrictos de communicacão, estabeleceu dous patriarchados no Oriente: o de Antiochia, onde residira sete annos, para governar a Asia; e o de Alexandria, para onde mando o seu discipulo Marcos, a fim de governar a Africa. Estas duas sés patriarchaes do Oriente, que se mantinham em relações com Roma pelo Mediterraneo, eram como que succursaes da Sé Suprema, centro da Igreja ¹⁾. Ao passo que os dous patriarchados do Oriente eram então governados pelos seus patriarchas respectivos em nome do Soberano Pontifice, Vigario de Jesus Christo, — o Bispo de Roma, patriarcha do Occidente, governava directamente o seu proprio patriarchado.

Tal era a organisação clara e nitida da Igreja universal, nos primeiros seculos da sua existencia. É isto um facto tão facil de demonstrar com textos, que se deve considerar como um ponto admittido por todo o homem serio, seja qual fôr a igreja actual a que pertença. Todos sabem egualmente qual a causa da separação religiosa do Oriente com o Occidente: foi a rivalidade que nasceu, desde o IV seculo, entre a antiga Roma, que Constantino cederá ao Papa, e Constantinopola, a nova Roma. Transferida de Roma para Constan-

¹⁾ Supponho admittido pelos nossos leitores que este facto é hoje historicamente demonstrado. Se, em logar d'um artigo, escrevessemos um livro, exporíamos as provas incontestaveis d'aquelle facto.

tinopola a séde do imperio, para logo surgiu a idéa de que a nova Roma havia herdado as prerogativas da antiga, tanto sob o ponto de vista ecclesiastico como civil. Byzancio, então simples bispado, foi elevado a patriarchado, e certos titulares começaram a tomar o titulo de *patriarchas ecumenicos* ou *universaes*, facto este contra o qual os Papas não cessaram nunca de protestar.

Bem depressa o imperio foi desdobrado; e assim como houve um imperio do Occidente e um imperio do Oriente, assim tambem se começou a dividir a igreja catholica em igreja do Occidente e igreja do Oriente. Viram-se desde então certos Patriarchas de Constantinopola tomarem a direcção da Igreja do Oriente em opposição á jurisdicção do Papa de Roma sobre a do Occidente.

Se a este dualismo sahido da politica dos imperadores, ajuntarmos a differença de liturgias, que se foi accentuando com o tempó, facilmente se comprehende a rivalidade e a opposição que se seguiram, e é para admirar que a união entre as duas Igrejas persistisse até ao seculo XI, pondo de parte algumas scisões momentaneas. Esta persistencia na união e o reconhecimento do primado da Sé de Pedro atravez de tantos seculos, apesar de tão poderosos motivos politicos e nacionaes de separação, é, em nosso juizo, um dos mais fortes argumentos historicos para demonstrar que a unidade da Igreja de Christo e a sua submissão integral ao successor de S. Pedro, eram principios profundamente enraizados n'aquella Igreja desde a sua origem, formando mesmo um dos pontos fundamentaes da tradição catholica.

Finalmente, depois de mais de dez sculos de união, a Igreja christã, catholica, orthodoxa, dividiu-se em dois trôços: a Igreja do Occidente e a do Oriente. Ambas continuaram, todavia, a professar, como antes, que a Igreja é una. Entretanto, havia duas. Qual d'ellas era a Igreja una, fundada por Jesus Christo e confessada por todos os christãos? Era aquella cujos patriarchas só remontavam ao tempo de Constantino e tinham até então reconhecido o primado do bispo de Roma, do Papa? Ou seria aquella cujos chefes remon-

tavam em linha directa e ininterrompida até S. Pedro, Vigário de Jesus Christo, ao qual fôra dito: « Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (não as minhas Igrejas), e as portas do inferno não prevalecerão contra ella »?

Os proprios gregos, durante seculos ainda, reconheceram indirectamente o primado da Sé de Roma, tratando constantemente com os Papas sobre a sua reconciliação. Por duas vezes, primeiramente em Lyon, em 1270, depois em Florença, em 1439, se reuniram solemnemente a Roma; e se d'ella se separaram de novo, foi isto devido a poderosas influencias e novas situações politicas. De resto, nunca foi publicado acto algum official da nova scisão, de maneira que a separação actual, desde a ruptura que se seguiu ao Concilio de Florença, é uma separação de facto e não de direito.

Não iremos mais longe. Diremos apenas ainda que a Igreja do Oriente se subdividiu mais tarde em muitas egrejas autocephalas, e que todas, ainda hoje, professam a *unidade* da Igreja de Jesus Christo. Qual é, pois, hoje, essa Igreja *una*, a unica verdadeira Igreja de Christo? Será esta a igreja do Phanar, a igreja russa, ou ainda a de Athenas, a da Servia, a da Bulgaria, ou outra? Se é uma d'estas, todas as demais estão evidentemente fóra do aprisco de Jesus Christo, pois que nós todos professamos que não ha mais do que uma verdadeira Igreja.

Mas voltemos á Russia. Esta grande e nobre nação slava foi conquistada á verdadeira fé orthodoxa e catholica por missionarios vindos de Constantinopola, mais d'um seculo antes da scisão definitiva d'aquelle patriarchado com a Sé Romana. Ella recebeu de Constantinopla, ainda catholica romana, a verdadeira fé com a liturgia grega. Por occasião d'essa deploravel scisão, Constantinopola tinha contra Roma as recordações accumuladas de septe a oito seculos de antagonismo e de rivalidade de raças. A Russia, pelo contrario, apenas sahida da barbarie, não tinha nenhum agravo contra Roma: foi arrastada na separação incóscientemente, para assim dizer.

Mais tarde, as cruzadas suscitarão novas inimizades entre os gregos e latinos; o estabelecimento do imperio latino de Constantinopola pelos cruzados, apesar da prohibição do Papa, não foi certamente o menor dos aggravos que depois impediram a reconciliação definitiva entre as duas Egrejas.

Os russos, pelo contrario, subjugados logo pelos mongoes, estiveram por algum tempo separados do mundo civilisado e não tiveram ingerencia alguma nas suas questões. No despertar da Russia como nação, mostrou-se christã fervorosa, catholica e orthoxa, como o fôra no tempo da sua união com Roma: a Russia tinha contra Roma, não aggravos, mas unicamente prejuizos seculares que os gregos lhe haviam inculcado.

Sucedeu, no seculo XV, o Concilio de Florença. A Russia adheriu á grande união que então se estabeleceu entre a Egreja do Oriente e a do Occidente, e foi o seu patriarcha Isidoro quem assignou a acta de união. Foi creado cardinal e morreu em Roma depois de produzida uma nova e cruel separação, que nunca foi official. Depois d'um novo periodo de perturbações politicas, a Russia encontrou o seu organisador na pessoa de Pedro o Grande. Este grande imperador cuidou seriamente de unir a Egreja russa á Sé de Pedro, e sem duvida teria realisado o seu intento, e perseverado n'este primeiro pensamento, se o Papa lhe tivesse concedido o titulo de imperador que sollicitava. Mas a idéa d'um imperio christão unico estava muito arraigada na opinião publica d'aquelle tempo para que o Papa podesse obter aos seus desejos. Foi então que a Egreja russa soffreu uma modificação importante na sua hierarchia e no seu governo. Pedro o Grande, que temia a influencia crescente do patriarcha de Moscou, deixou extinguir esta dignidade suprema, e o governo da Egreja passou desde então para o santo synodo, que não era, de direito, senão o conselho do patriarcha.

Ainda que a independencia da Egreja russa foi mantida, em principio, é incontestavel que aquella medida lhe foi prejudicial. O tzar rompeu o equilibrio, que, n'um estado christão bem organizado, onde a Egreja está unida ao Estado sem

lhe estar sujeita, deve existir entre o poder temporal e o espiritual. O tzar fez pender muito a balança para o seu lado e diminuiu sensivelmente, por isso, a influencia propria da Igreja que forma um contrapeso moral altamente salutar para a força puramente material.

Pedro o Grande commetteu a enorme falta de fundar uma Igreja do Estado. O seu povo era muito christão para admittir este principio indifferentemente. O povo sabia que a Igreja de Christo deve ser livre, que é somente então que ella póde ser o sustentaculo dos thronos christãos e a salvaguarda dos povos. Uma fracção consideravel de russos protestou: d'aqui nasceu o *Raskol* ou Scisma, que, ha dous seculos, dá serios cuidados ao governo. Porque a sua opposição religiosa depressa se transformou em opposição politica, sendo que, perante elles, a Igreja e o Estado formavam unicamente uma entidade. Os tzares haviam perdido esse apoio moral que uma Igreja livre dá a um governo christão; desde então acharam-se sós em face d'uma opposição de dia para dia crescente.

Se Pedro o Grande tivesse estendido a mão ao chefe da Igreja catholica, á qual o seu povo pertencera desde o tempo da sua conversão ao christianismo, teria concluido com o Papa uma concordata em que a Igreja teria consagrado os direitos do imperador como soberano christão, protector e filho dedicado d'aquella mesma Igreja. Nunca a Igreja recusou aos principes christãos uma legitima influencia na administração externa da Igreja nos seus respectivos paizes, e isto como testemunho do seu reconhecimento pela protecção que lhe dispensam. O que se fez durante toda a idade media no Occidente, far-se-hia em favor da Russia e ver-se-hia, para felicidade do povo russo, o tzar Pedro, outro Carlos Magno, trabalhar efficazmente no bem religioso e moral do seu povo, como no bem temporal, com o concurso do chefe da unica Igreja UNA, que remonta sem interrupção até Jesus Christo.

Se a unica Igreja UNA, mãe e mestra de todas as Igrejas, é verdadeiramente a Igreja romana, como nol-o prova a historia; se, por outra parte, *fôra da Igreja não ha*

salvação, como nol-o ensinam os Livros Santos e a tradição catholica pela voz dos Concilios e dos Doutores, — segue-se que a condição dos povos que se acham fóra da Igreja é profundamente desgraçada, ainda que esses povos conservem a verdadeira fé e o uso dos sacramentos.

No seio d'aquellas nações, poude a ignorancia salvar muitos individuos durante longos seculos. Graças á sua boa fé poderam fazer parte da alma da Igreja, se não da Igreja propriamente dita, e serão salvos. Mas hoje que a luz irradia por toda a parte, a ignorancia, n'esse ponto como n'outros, está infallivelmente condemnada a desapparecer. O conhecimento da situação real já fez nascer, nas classes instruidas das Igrejas orientaes, e principalmente na Russia, uma vaga inquietação, que, n'um certo numero, não tardou a transformar-se em desejo de reunião com o verdadeiro centro da Igreja.

Na Russia começa-se a comprehender que, se Roma em todos os tempos procurou approximar-se da nação russa, outr'ora sua filha, assim como de todas as Igrejas separadas do seu seio, foi por dever e não por ambição. Foi porque Jesus Christo disse a Pedro: « Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas ». Foi porque elle prometeu que chegará um dia em que só ha de haver um rebanho e um pastor. Finalmente, foi porque o successor de Pedro é responsavel perante Deus pela salvação de todos os homens, e não póde deixar de fazer ouvir a todos a sua voz para os encaminhar nas veredas da salvação.

Viu-se algum dia uma igreja nacional convidar as outras a entrarem para o seu seio? A Igreja russa, por exemplo, porque não chama para si a Igreja anglicana e mesmo a Igreja romana? Se ella é a Igreja UNA, estabelecida por Jesus Christo, é esse o seu dever. Porque o não tem ella feito, se não porque tem a consciencia de ser uma Igreja nacional, e não a Igreja universal ou catholica? A Igreja romana, pelo contrario, porque é a Igreja UNA e catholica, porque não é uma Igreja de Estado, chamou sempre a si todos os povos e espalhou-se pelo globo inteiro.

Quando o povo russo tiver comprehendido (e já começa a

comprehendê-lo), que a rivalidade e mais tarde a politica foram as unicas causas que o separaram da unidade catholica, ha de produzir-se no seu seio um movimento de regresso a essa unidade. Porque isso importa á salvação das almas, e não é uma simples questão de politica. Os russos, povo profundamente religioso, não hão de querer continuar separados do tronco da Igreja universal, d'onde a seiva da verdadeira doutrina e do zelo apostolico se diffundirá sempre pelos ramos de toda a arvore.

Depois dos principios vamos á questão pratica. Se não só é desejavel, mas tambem necessario, sob o ponto de vista da salvação das almas, ver todos os christãos unidos sob um mesmo chefe, vigario de Jesus Christo, devemos tambem procurar os meios praticos para o conseguir a despeito de todos os obstaculos.

Para unir a Roma as Igrejas dos ritos orientaes, é preciso salvaguardar antes de tudo a sua autonomia. Já dissemos que, desde a origem, os patriarchados orientaes gosaram d'essa autonomia, e Roma está firmemente resolvida a conservar-lhes esse privilegio. Nunca o Soberano Pontifice pensaria em administral-os, como fez no occidente desde as origens da Igreja. A Santa Sé, como provam muitos documentos, está disposta a accentuar o regimen dos privilegios para as Igrejas orientaes. Todas aquellas que regressarem á unidade serão conservadas nos seus ritos, na sua hierarchia, nos seus usos seculares. Apenas se lhes pedirá que reconheçam o supremo magisterio d'aquelle a quem Jesus Christo disse: « Apascenta as minhas ovelhas ».

Succede o mesmo com as Igrejas orientaes já unidas. Roma deixa-lhes não só os seus ritos e usos, mas a livre eleição dos seus bispos e dos seus patriarchas. O patriarcha é confirmado pelo Soberano Pontífice, e por elle todos os outros bispos estão ligados á sé de Pedro. A Santa Sé não esquecerá de futuro este principio.

Ora, pelo que respeita á Russia, em que bases poderia fazer-se a união?

A Russia não tem patriarcha. Na situação actual devia tratar-se, ou do restabelecimento de um patriarcha de Moscow, confirmado pela Santa Sé, ou do reconhecimento, pela Santa Sé Apostolica, do governo synodal da Egreja russa, o que não offereceria difficuldades radicaes. Este ultimo systema seria talvez até o mais pratico, porque permittia que não se alterasse a situação actual. Em vez do direito de confirmação do patriarcha, a Santa Sé poderia então reservar-se a confirmação dos membros do santo synodo, apresentados pelo imperador. O synodo ficaria assim em communhão com a sé apostolica, e isso bastaria para ligar a ella todas as sés episcopaes dependentes do santo synodo. Ficava constituída a unidade.

Objectar-se-ha talvez que o governo russo não quereria introduzir-se n'este caminho, que teria por effeito immediato dar mais liberdade á Egreja russa. Mas o governo não é contrario, em principio, á liberdade da Egreja russa. O procurador do santo synodo, o sr. Pobedonostzeff, não declarava ainda ha pouco nos jornaes que a Egreja russa não está sujeita ao Estado? E é verdade que, de direito, não o está.

Na realidade, a Egreja russa não gosa da sua plena liberdade, á qual tem direito, por direito divino. Mas o Estado, restituindo-lh'a, faria uma obra politica muito sabia: no interior acabaria com todo o pretexto do *raskol*, emquanto que no exterior conciliaria as sympathias do mundo catholico. A reconciliação com Roma restabeleceria na Russia o equilibrio desfeito por Pedro o Grande.

Essa reconciliação está na natureza das cousas, e não é preciso ser grande propheta para predizer que ella se fará um dia. Quando? Muito breve? Não. Mas talvez mais cedo que muitos pensavam até hoje. Porque parecia levantar-se uma barreira impenetravel entre a Russia e nós. As circumstancias actuaes são favoraveis aos primeiros passos para a união. Serei muito avançado dizendo que esses primeiros passos já estão dados? Recordemos os notaveis progressos realisados nas relações diplomaticas entre Roma e S. Peters-

burgo, durante o reinado do saudoso monarcha ultimamente fallecido.

Não é um segundo indicio a união dos corações entre russos e francezes? E, passando a uma ordem de idéas menos geral, mas não menos característica, não vimos nós, n'estes ultimos tempos, primeiro o padre Vannutelli, depois o padre Tondini, finalmente um bispo francez, Mgr. Jourdan de la Passardière, circularem livremente em toda a Russia e demorarem-se lá, terem as melhores relações com os personagens ecclesiasticos e civis mais em evidencia, fallarem da união sem espantarem ninguem? A nosso ver, são estes signaes precursores de uma união futura, tão desejavel para a Russia como para a Egreja romana.

Mas á frente das circumstancias favoraveis á união, devem collocar-se evidentemente as disposições tão largas e conciliadoras do grande pontifice que actualmente governa a Egreja. A Russia está certa de que encontra em Leão XIII a maior condescendencia. E se o presente a não tranquillissasse sufficientemente a respeito do futuro, não lhe ensinaria a historia quanto os papas foram sempre escrupulosos em observar as clausulas das concordatas assignadas por seus predecessores?

Mas, dirá talvez alguém, admitindo mesmo que o governo russo visse com bons olhos a perspectiva de uma união com a sé apostolica, como se havia de levar toda a Egreja russa a admittir essa união, cheia como está na sua maioria de preconceitos seculares contra Roma?

Seria este o caso de recordar as palavras de Jesus Christo: « O que parece impossivel aos homens é possivel a Deus » Elle tem nas suas mãos misericordiosas e omnipotentes os corações d'aquelles que governam os povos; e não nos aproximaremos nós do momento em que, melhor esclarecidos sobre a historia completa da Egreja, os homens eminentes que dirigem a politica russa se disponham a permitir aos vassallos russos, desejosos de viverem sob a jurisdicção suprema da Sé apostolica, que reconheçam abertamente o

governo espiritual do papa, conservando a sua liturgia propria? Muitos fieis, sacerdotes e até mesmo alguns bispos pronunciar-se iam immediatamente pela união com Roma, se soubessem que o governo lhes não punha obstaculo. Haveria assim a possibilidade de se realisar um movimento nacional catholico. Se, pouco a pouco, fazendo-se a luz, dissipando-se os preconceitos, uma parte consideravel da Egreja russa se pronunciasse pela união, o governo veria n'isso um indicio sufficiente para intervir, e poderia então regular definitivamente a situação por meio de uma concordata com Roma.

Mas a confiança é uma questão previa a toda a união. Os russos querem conservar a autonomia da sua Egreja e a integridade da sua liturgia. A tolerancia governamental de que acabamos de fallar faria ver aos russos, que os catholicos de liturgia russa conservavam autonomia e liturgia, como aquelles que ainda não estivessem unidos a Roma.

Objectar-se-á talvez que a Egreja romana procurou, no passado, latinisar em alguns pontos a liturgia greco-slava dos Uniatas. A isso responderei que a Egreja tem unidade de doutrinas, mas pode variar nos seus meios de acção, segundo o tempo e as circumnstances. Hoje está esclarecido esse ponto, e a santa Egreja romana renunciou a toda a latinisação das liturgias orientaes.

O novo tsar Nicolau II acaba de inaugurar o seu reinado com palavras de paz e fé profunda. Oxalá que esse Deus em quem elle crê e sinceramente quer servir, possa illuminar a sua intelligencia e mover o seu coração! Oxalá que elle seja outro Vladimiro, e que por elle o povo russo, tão religioso, tão crente, seja reconduzido ao verdadeiro pastor das almas, para que o resto do seu rebanho se edifique e robusteça na fé!

DOM GÉRARD VAN CALOEN.

BIBLIOGRAPHIA

Da acreditadissima livraria de M. Frederico Pustet, a primeira da Allemanha catholica e uma das primeiras do mundo, recebemos os seguintes volumes :

Fontes juris ecclesiastici novissimi. Decreta et canones sacrosanti œcumenici Concilii Vaticani, una cum selectis Constitutionibus Pontificiis aliisque documentis ecclesiasticis. *Edidit atque illustravit Philippus Schneider SS. Theol. Doctor, Professor juris Canonici in lyceo regio Ratisbonensi.*

Rituale Romanum Pauli V Pontificis Maximi jussu editum et Benedicto XIV. Auctum et castigatum cui novissima accedit benedictionum et instructionum appendix *Editio quarta post typicam.*

Horæ diurnæ Breviarii Romani ex Decreto SS. Concilii Tridentini Restituti S. Pii V Pontificis Maximi jussu editi, Clementis VIII. Urbanis VI et Leonis XIII auctoritate recogniti. *Editio quarta post typicam.*

O primeiro, alem dos documentos indicados no titulo geral, traz preciosas notas de grande luz para a historia do Concilio do Vaticano, para a intelligencia da famosa Constituição *Apostolicæ Sedis*, de Pio IX, e das faculdades extraordinarias concedidas pela Santa Sé aos bispos. Termina esta excellente obra, que julgamos de grande utilidade para os theologos e confesores, com a *Instrucção annotada*, da S. Congregação da Propaganda, de 9 de maio de 1877, acerca das dispensas matrimoniaes.

O *Ritual Romano*, bem como as *Horas diurnas* são duas edições esplendidas, que muito recommendamos aos nossos respeitaveis assignantes sacerdotes e parochos. O *Ritual* traz a formula de todas as benções da Igreja e o modo de admittir irmãos em todas as confrarias e pias associações approvadas pela Santa Sé Apostolica. As *Horas* têm os officios proprios para o reino de Portugal. Ao benemerito editor catholico M. Frederico Pustet muito agradecemos os bellos exemplares das obras indicadas, que nos enviou. Prestamos um bom serviço ao clero portuguez recommendando-lhe instantemente as edições religiosas e scientificas do sr. Pustet.

Lourdes — *Milagre e sciencia* — Zola — Charcot — Bernheim — *Hysteria, hypnotismo, suggestão* — *Ensaio scientifico-historico, por Theotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro* ¹⁾. — É um livro interessante acerca dos milagres de Lourdes; cheio de informações historicas e scientificas. Agradecemos o exemplar que delicadamente nos foi offerecido.

¹⁾ Um vol. in-8.º de 249 pag. Preço 500 réis.

A CRITICA D'UM SOCIALISTA

IV

« A historia mostra, diz o sr. Dr. A. Costa, que tudo quanto Jesus Christo ensinou era já da philosophia e da moral antiga ¹⁾ ». A historia? Qual? Só se fôr aquella que, na phrase conceituosa de José de Maistre, é uma conspiração permanente contra a verdade. E antes de mostrarmos ao critico, muito perfunctoriamente, que a historia não diz o que lhe attribue, mas que a doutrina de Jesus é nova ou se considere no seu symbolo ou na sua moral, vamos desmentir a sua affirmação anti-historica com o testemunho de homens que, de certo, não lhe serão suspeitos. E seja o primeiro Rousseau: « A magestade das Escripturas, diz, arrebatame, a santidade do Evangelho fala ao meu coração! Vêde os livros dos philosophos com toda a sua pompa; como são pequenos ao pé d'aquelle! É possivel que seja obra dos homens um livro simultaneamente tão sublime e tão simples? Que doçura! que pureza nos seus costumes! Que graça commovente nas suas instrucções! Que elevação nas suas maximas! Que profunda sabedoria nos seus discursos!... Que imperio sobre as paixões!... Socrates, diz-se, inventou a moral; outros, antes d'elle, a tinham praticado... Aristides foi justo, antes que Socrates dissesse o que era a justiça. Leonidas morreu pela patria, antes que Socrates en-

¹⁾ Dissert. pag. 102.

sinasse que era um dever amal-a. Sparta foi sobria, antes que Socrates louvasse a sobriedade; antes que elle tecesse elogios á virtude, a Grecia abundava em homens virtuosos. Onde foi, porém, que Jesus aprendeu essa moral elevada e pura de que só Elle deu lições e exemplos? 4).» O impio de Ferney, alguns intervallos lucidos teve em que falou, se não com tanta eloquencia como o famoso auctor do *Contracto Social*, pelo menos com igual justiça e respeito da originalidade da doutrina de Jesus.

Saint-Évremond, philosopho sensualista e sceptico, depois de reconhecer a inanidade das theorias cartesianas, escreveu: «Passei do estudo da metaphysica ao do exame das religiões, e, remontando a essa antiguidade que me é tão cara, não vi entre os gregos e os romanos senão um culto supersticioso de idolatras, ou uma invenção humana politicamente estabelecida para governar os homens. Não me foi difficil reconhecer a superioridade da religião christã sobre as outras, e, envidando todos os esforços para me submeter á fé dos seus mysterios, deixei gozar á minha razão, com prazer, a mais pura e a mais perfeita moral que nunca existiu».

Não nos diz o sr. Dr., e é pena, qual a escola, ou escolas, de philosophia e moral antigas onde o Salvador aprendeu os dogmas, os preceitos moraes e os conselhos que nos revelou. No Evangelho de S. João (cap. VII, v. 47) os proprios inimigos de Jesus, que ouviram maravilhados a sua doutrina, confessam sinceramente que «nunca homem algum falou como Christo: *Nunquam sic locutus est homo, sicut hic homo*». E diziam a verdade. Quem, antes de Christo, ensinou idéas tão puras, tão sublimes, tão transcendentas ácerca de Deus, sua natureza, vida intima e operações; ácerca do homem, da sua origem e destino, e ácerca do mundo? Veja se na philosophia pagã encontra satisfactoriamente resolvidos, como no Evangelho, os momentosos problemas especulativos que tanto interessam á vida intellectual do homem! Se houve alguma escola antiga que ensinasse uma moral

4) *Emílio*.

tão austera, perfeita e sublime como aquella que Jesus ensinou com a palavra e com o exemplo! Qual foi o moralista antes de Christo que ensinou a caridade tal como o Evangelho a ensina, tão benigna que manda amar os inimigos e fazer bem a quem nos faz mal, orar pelos que nos calumniam e perseguem; tão desinteressada e humilde que se esconde para se furtar aos elogios e applausos do mundo; tão fervorosa e heroica, que afronta a morte, se tanto é necessario, para exercer a sua acção; tão austera e tão pura que condemna os proprios pensamentos e desejos que offendem a justiça e a moralidade?

É certo que no Evangelho apparecem verdades, assim especulativas como práticas, já ensinadas pelos philosophos e moralistas antigos, pois que as conhece a propria razão. O Evangelho não podia deixar de as perfilhar. Assim o fez, ampliando-as com novas luzes. Em Platão e Aritoteles, os mais illustres representantes da philosophia pagã encontramos alguns principios muito verdadeiros ácerca de Deus e da alma humana. Esses principios, porque são verdadeiros, não podiam deixar de apparecer no Evangelho, que é a verdade na sua expressão mais transcendente.

Mas é igualmente certo que Jesus Christo revelou á humanidade doutrinas novas, inauditas, que em vão procuraremos nos livros das civilizações antigas, porque são superiores, muito superiores á intelligencia humana, ainda poderosa, sim, porém limitada. Considerada no seu conjuncto, pode dizer-se, com todo o rigor scientifico, que a doutrina de Jesus foi uma nova criação no mundo intellectual e moral. Verdade é esta que o sr. Dr. contemplaria, como tantos genios e pensadores eminentes, em todo o esplendor e formosura da sua evidencia, se tivesse o bom senso de escolher, para se instruir no espirito da religião christã, melhores mestres do que aquelles que infelizmente escolheu.

O critico fiou-se em Proudhon, e, tomando a serio este *theologo*, afirma « que Jesus Christo condemnou os proprietarios ao fogo; que prégou contra a avareza, que consistia então na simples ligação á propriedade particular; que nunca

disse uma só palavra em abono d'aquella propriedade » ; e outros gravissimos erros, onde não sabemos que mais admirar : se a audacia com que se attribuem ao divino fundador do christianismo, se a profunda ignorancia que revelam em quem tão sem criterio os perfilhou e tão imprudentemente os escreveu para o publico. E depois de assim calumniar a pessoa divina de Jesus, depois de negar a sua divindade chamando-lhe « socialista inconsciente », depois de o tornar a insultar affirmando que Jesus prohibiu que « entrassem na sua communidade os que ainda não tivessem vendido a fortuna », — fala-nos dos « suavissimos olhos » de Jesus e da sua « bocca de amor », d'onde sahiram « as palavras mais asperas que jamais se têm proferido contra os ricos ». Estas saudações ao filho de Deus, depois de Lhe cuspirem nas faces insultos e calumnias, não são industrias novas, nem processos que não tenham precedentes antigos e modernos. Quem não se lembra do *ave rex judeorum* depois das bofetadas com que feriram as faces de Jesus ? E, vindo aos tempos actuaes, quem não se recorda das palavras amaveis de Renan, dirigidas Àquelle mesmo cuja divindade negára, cobrindo-o de insultos e calumnias, reduzindo-o até á ignobil condição d'um impostor ?

Para mostrar que Jesus Christo confirmou com a sua auctoridade divina e garantiu o grande principio da propriedade individual, basta um só logar do Evangelho, entre tantos e tantos em que directa ou indirectamente se proclama aquelle principio. É o logar em que Jesus Christo, confirmando a lei dada no Sinai, prohibe expressamente o furto, como peccado que exclue do reino de Deus ⁴⁾.

O Salvador falou energicamente contra os ricos, é certo ; ameaçou-os até com penas eternas. Intendam-se, porém, essas expressões energicas, vehementes, essas ameaças terribes, que, como evidentemente se deduz do Evangelho, se dirigem contra os ricos sem entranhas para com os pobres e desvalidos ; contra os avarentos que punham todos os seus

⁴⁾ S. Lucas, cap. XVIII, 18-20.

ideaes na riquezas, e, para as adquirirem, não hesitavam ante os meios mais iníquos; contra os escravos da paixão do ouro á qual sacrificavam Deus e a alma; n'uma palavra, contra os que abusavam do direito de propriedade e tinham coração de marmore e alma de bronze perante as lagrimas, as dores e miserias dos indigentes. Contra taes monstros é que Jesus Christo clama, contra elles é que ensinou a parábola do rico avarento e de Lazaro mendigo.

Se o sr. Dr. soubesse distinguir entre preceitos e conselhos evangelicos, se consultasse os logares biblicos que cita e procurasse intedel-os como devem ser entendidos, não diria que Jesus Christo prohibiu que entrassem na sua communi-dade os que não tivessem vendido os bens da fortuna. Aos que quizessem entrar no reino dos ceus *mandou* que guardassem os mandamentos. E um d'esses mandamentos é precisamente não lezar o direito de propriedade. Aos que, porém, aspirassem a uma vida mais perfeita, a uma vida de abnegação, sacrificio e desprendimento dos bens terrenos, *aconselhou* que vendessem o que possuíam e dessem o producto aos pobres. E d'este modo não só inaugurou a *vida religiosa* continuada nas Ordens e Institutos religiosos, que ao depois se desdobraram como flores e fructos da semente lançada por Jesus Christo nos conselhos evangelicos, mas tambem confirmou de novo o direito de propriedade. A venda suppõe a transmissão do direito de propriedade do vendedor para o comprador. Diga agora o sr. Dr., quantas vezes quizer, que a avareza era, no tempo de Jesus Christo, a simples ligação á propriedade individual.

Os Padres da Egreja que o sr. Dr. cita *ao acaso* (!) ensinaram, acerca da propriedade individual, exactamente o mesmo que Jesus Christo ensinou. Como Elle, proclamaram o sagrado direito de propriedade; como Elle clamaram, energica e vehementemente, contra os ricos avarentos, crueis e deshumanos, que esmagavam os pobres e os escravos; e, referindo-se aos religiosos que voluntariamente professaram a pobreza evangelica, dizem-lhes que peccam gravemente, que são ladrões dos bens dos pobres, se possuírem propriedade parti-

cular. E como podiam os Padres, citados *ao acaso* pelo sr. Dr., dizer uma só palavra contra a propriedade individual, se elles eram profundamente lidos na doutrina de Christo, e tão alto proclamaram a necessidade de restituir o alheio injustamente havido? Assim, Santo Agostinho escreve: « *Qui contra jus, furtis, rapinis... aliquid abstulerit, reddenda potius quam donanda censemus, Zachœi publicani evangelico exemplo* ¹⁾. Este Zacheu publicano disse a Jesus Christo que distribuia pelos pobres *ametade dos seus bens*, e que se a alguem defraudava *restituia* o quadruplo ²⁾. Ora, Jesus Christo, aquelle mesmo que o sr. Dr. apresenta como inimigo da propriedade individual, não só não censurou o procedimento do publicano, que ficou com *ametade dos seus bens*, senão que louvou assim sua generosidade nas esmolas e promptidão em restituir mais do que o necessario, como nol-o indicam as palavras do Salvador ao feliz publicano: « *hodie salus domui huic facta est* (v. 9) ».

S. Gregorio Magno diz muito explicitamente: « *Quidquid violenter cuilibet ablatum fuerit, ipsi restituatur, cui ablatum* ». E, finalmente, S. Jeronymo. « *Nemo qui rapit, moriens, si habet unde reddat, salvabitur* ». Ora aqui tem o sr. Dr. O ladrão não se salva, se, podendo, não restitue o roubado; ha de restituir-se ao seu dono aquillo que lhe foi violentamente extorquido; aquelle que, violando o direito, lesou a propriedade d'outrem, deve, a exemplo do publicano do Evangelho, reparar a lesão. Assim falam os Padres da Igreja, aquelles mesmos a quem o sr. Dr. attribuiu idéas que ficam a matar no cerebro dos socialistas, mas que o Evangelho e a tradição catholica de todos os seculos reprovam e condemnam.

Aqui, acode-nos o sr. Dr. com aquellas palavras de Christo: « *É mais facil a um camelo entrar pelo fundo d'uma agulha do que a um rico entrar no reino dos ceus* ³⁾ », para

¹⁾ Ep. 54, ad Macedonium.

²⁾ Luc. XIX, 8 e 9.

³⁾ O sr. Dr. A. Costa, que não leu um só dos logares biblicos que cita (talvez porque cita *ao acaso*), depois de reproduzir, sabe Deus como, a parábola do rico

concluir d'estas palavras, que não intendeu nem procurou entender, que o Salvador condemnou a propriedade particular. Ora vale a pena esclarecer o sr. Dr. acerca das notaveis palavras de Christo para que nunca mais abuse d'ellas. E, antes de tudo: do texto não se deduz que é absolutamente impossivel ao rico salvar-se. No versiculo 24 do mesmo logar de S. Lucas, o Salvador disse: « *Quam difficile* (note), *qui pecunias habent, in regnum Dei intrabunt* ». Logo não é absolutamente impossivel que o rico se salve. A graça divina pode vencer a dureza do rico e salvar o, como Jesus Christo tão opportunamente ponderou no v. 27: « *O que é impossivel para o homem* (a salvação do rico) *é possivel para Deus.* » Nada d'isto leu no Evangelho o sr. Dr. Que critico! Vamos á interpretação do texto, e dêmos a palavra, primeiramente a um racionalista, bem conhecido no mundo sabio, e ainda vivo.

N'uma interessante comunicação feita pelo racionalista Angelo de Gubernatis ao nono Congresso Internacional de Orientalistas, celebrado em Londres e que vem publicada em francez na obra — *Transactions of the ninth international Congress of orientalisists...* — vol. II, pag. 817, sobre o *Folk-Lore* asiatico, De Gubernatis, depois de citar o famoso texto de S. Lucas, diz o que vae ler-se e que aqui trasladamos fielmente na propria lingua em que está escripto: « ...on peut s'étonner quelque peu de cette figure rhétorique qui serait quelque peu forcée; pourquoi donc un chameau essayerait-il de passer par le trou d'une aiguille? Mais les voyageurs en Terre-Sainte nous ont appris qu'on y appelle *trou d'aiguille* la petite porte pratiquée dans la porte cochère, qui s'ouvre seulement pour y faire entrer les chameaux avec leur fardeau, tandis-que les hommes, en se baissant, passent aisément par

avarento, faz uma chamada e diz em nota: « S. Luc. XII, 22-31 ». Esta citação parece-se tanto com o que o sr. Dr. A. C. diz no texto, como um ovo com um espeto. A parábola do rico avarento encontra-se em S. Luc. XVI, 19-31. As palavras de Christo: « É mais facil a um camelo... » são do mesmo Evangelho de S. Lucas, XVIII, 25, e não de S. Lucas XII, 22-31, como diz. No texto de S. Lucas (XVIII, 25), o critico mette palavras de sua casa. Aquelle « *Em verdade vos digo* » antes das palavras *é mais facil a um camelo...* não se encontram no logar citado de S. Lucas, nem no seu parallelo de S. Matheus XIX, 24. Nem o sr. Dr. A. Costa nem ninguém tem direito de fazer traducções livres da Escriptura.

la petite porte, par le *trou d'aiguille*. La notion du fait réel détruit ici le langage prétendu symbolique, et ce fait réel en ce qui concerne le folk-lore oriental ne peut être constaté que par un Orientaliste ou par un voyageur en Orient.» Apesar de racionalista, De Gubernatis não viu no texto o que o sr. Dr. viu.

Depois d'este testemunho de sabio orientalista venha o d'outro não menos erudito e que muito e por muitas vezes viajou na Palestina e estudou os factos bílicos nos proprios logares onde se deram. E' Mgr. Mislin, na sua monumental obra — *Les Saints Lieux*, vol. II (terceira edição) pag. 449 e 450. Fala o erudito viajante do Oriente das differentes *Portas* que havia na Jerusalem biblica, e, depois de as enumerar, acrescenta: «Segundo Drexelius, uma d'essas pequenas portas tinha o nome de *Buraco d'Agulha*, o que serve para esclarecer estas palavras do salvador: *é mais facil a um camelo*... Era tão baixa esta porta que um camelo carregado só podia passar por ella dobrando os joelhos e tirando-se-lhe parte da carga. Assim, a comparação do Salvador, mostrando aos ricos o que devem fazer antes de chegarem á porta do ceu não lhes tira toda a esperança de a passarem...

«De resto, a narração evangelica diz-nos que os discipulos comprehenderam as palavras do Senhor, no sentido strictissimo, pois que essas palavras lhes causaram espanto a ponto de dizerem: «*Quem poderá ser salvo?*» Ao que Jesus respondeu: «*Para os homens é isso impossivel, para Deus não*», como para significar que, mediante o auxilio divino, o rico avarento pode vencer a grande difficuldade que as riquezas oppõem á salvação.»

Fillion, um outro orientalista erudito e interprete eminente das Escripturas, na sua obra de incalculavel merecimento — *La Sainte Bible... avec commentaires théologiques, moraux, philologiques, historiques etc., rédigés d'après les meilleurs travaux anciens et contemporains, (Évangile selon S. Matthieu, 1)*, não acceita a interpretação de Drexelius,

¹⁾ Ha já publicados 17 volumes d'esta obra monumental, não inferior á de Cornely, ultimamente publicada na Allemanha.

e, em certo modo, de Gubernatis, porque nem está sufficientemente demonstrada, nem é necessaria para refutar o falso sentido que o sr. Dr. e outros dão ás palavras de Christo. Depois de expor a interpretação de Drexelius e outras, diz Fillion: «Hoje, nenhum interprete sensato recorre a taes tentativas para explicar a palavra do divino Mestre.» «Não ha duvidar, diz o cardial Wiseman, que a expressão do Salvador fosse uma especie de proverbio para indicar uma difficuldade consideravel (Cf. Buxtorf, Lexic. Talm. pag. 1722). Com effeito, á parte uma mudança no nome do animal de que se fallou, encontra se a mesma sentença usada na Asia central e oriental. N'estes paizes o maior dos animaes de carga é o elephante, e é elle que fornece naturalmente o assumpto da comparação. Lê-se no *Bavia Metria*, um dos tractados do Talmud, que uma pessoa responde a outra que lhe conta novidades pouco criveis: = Vindes talvez da cidade de Pumbeditha, onde se faz passar um elephante pelo fundo d'uma agulha? = N'um outro livro (Berachoth) está escripto: = Não poderão mostrar nem uma palma d'ouro, nem um elephante passando pelo fundo d'uma agulha = O dr. Franck átribue um proverbio analogo aos indianos... O camello era para o asiatico occidental o que o elephante era para os paizes mais orientaes... Assim, os arabes têm o mesmo proverbio. No Coran lê-se: = Os que chamam falsos aos nossos signaes e os rejeitam, verão as portas do Ceo fechar-se contra elles e só entrarão no paraíso depois que um camello passe pelo fundo d'uma agulha = Sura VII, 38. Em todas as linguas existem hyperboles do mesmo genero que exprimem sob uma forma pittoresca e paradoxal uma impossibilidade moral... É muito conhecida a de Jeremias XIII, 23: *Si mutare potest aethiops pellem suam, aut pardus varietates suas, et vos poteritis benefacere quum didiceritis male*. Intendidas á letra, estas locuções representam cousas impossiveis; mas o contexto (S. Luc., XVIII, 25) prova que se trata sómente d'uma impossibilidade relativa: *apud homines hoc impossibile est; apud Deum autem omnia possibilia sunt* (v. 26).» Não pode o rico avarento salvar-se pelas suas proprias forças, mas o

que para elle é impossivel para Deus é possivel. Eis o sentido do texto ¹⁾. »

Com a sciencia e erudição biblica que caracteriza o sr. Dr. A. Costa, diz-nos s. ex.^a, falando da forma sob que Jesus Christo apresentou as suas idéas :

« A parabola, por exemplo, quem antes d'elle a usou? No judaismo não se encontra. E, se é verdade que os livros budhicos encerram parabolos bem semelhantes ás do evangelho, não é de querer (*sic*) que Jesus fosse por ellas influenciado. O espirito de mansidão e a profundeza de sentimento que animam tanto o christianismo nascente como o budhismo, bastam para explicar estas analogias » (pag. 103). E cita Renan.

A verdade, porém, é que a parabola era frequentissima na litteratura hebraica. S. Jeronymo, orientalista eminente, como hoje se diria, e que na gruta de Bethlem meditou longos annos as Escripturas, cujas linguas originaes conhecia a fundo, affirma que a parabola era commum entre os syrios, e, sobre tudo, entre os povos da Palestina ²⁾. Os prophetas usaram da parabola ora para tornarem mais sensiveis aos reis e aos povos as ameaças do Senhor, ora para os consolarem com as promessas messianicas. Nathan reprehende David, sob a parabola d'um homem rico que roubou e matou a unica ovelhinha d'um pobre ³⁾. Joathan, filho de Gedeão, propõe aos de Sicheu a parabola do cardo do Libano, que as arvores quizeram acclamar rei ⁴⁾. Os prophetas reprehendem muitas vezes as infidelidades de Jerusalem sob a parabola d'uma esposa adúltera, e descrevem as violencias dos principes inimigos do povo de Deus, sob differentes parabolos ⁵⁾. As parabolos do Evangelho são incomparavelmente mais bellas do que as tão usadas entre os povos da

¹⁾ Pela nossa parte perfilhamos a interpretação de Fillion, porque para vingar a verdade evangellica não é necessario recorrer a hypotheses mais ou menos verosímeis.

²⁾ *In Matth.* xviii.

³⁾ 2 Reg. xii, 2 e 3.

⁴⁾ Indic. ix, 7 e 8.

⁵⁾ *Dictionnaire historique... de la Bible* par D. Calmet, vol. iv, art. *Parabole*.

Syria e da Palestina; e se Jesus Christo usou d'ellas na sua prégacao é que assim estava prophetisado em Isaias ¹⁾, e porque o ensino parabolico, tão vulgar no Oriente, era o mais proprio para inculcar as grandes verdades especulativas e praticas do Evangelho a intelligencias rudes e humildes. A identidade entre o espirito do christianismo nascente e o do budhismo, respondemos com as bellas palavras de Rousseau, já citadas no começo d'este artigo: « Onde foi que Jesus aprendeu essa moral elevada e pura de que SÓ ELLE deu lições e exemplo? »

V

Um *quidam* chamado Cauchy, que, segundo resa a fama, logrou a gloria de ser um dos mais insignes mathematicos e physicos do seu tempo, que ainda não vae longe, escreveu: « Sou christão, isto é, creio na divindade de Jesus Christo com Tico Bray, Copernico, Descartes, Newton, Fermat, Leibnitz, Pascal, Grimaldi, Euler, Boscovich e Gerdil; com todos os grandes astronomicos, com todos os grandes physicos, com todos os grandes geometras dos seculos passados. Sou tambem catholico com a maior parte d'elles, e, se alguém me perguntasse a razão, dar-lh'a-ia gostosamente. Ver-se-ia que as minhas convicções não são fructo de preocupações filhas do nascimento, senão d'um exame profundo. Ver-se-ia como se gravaram no meu espirito e no meu coração, para sempre, verdades mais incontestaveis, a meu modo de ver, do que o quadrado da hypotenusa e o theorema de Maclaurin. Sou catholico sincero como Corneille, Racine, La-Bruyère, Bossuet, Bourdaloue e Fenelon, como o foram e são ainda muitos homens distinctissimos de nossos dias, que honraram a sciencia, a philosophia e a litteratura, illustrando as nossas Academias muito mais do que outros. Participo das convicções profundas que manifestaram nas suas obras, nos seus discursos e na sua vida tantos sabios de primeira ordem: os Ruffini, os Haüy, os Laënnec, os Ampère, os Pelletier, os

¹⁾ Is. vi, 9. Diz-se no 3.º Livro dos Reis, iv, 42, que Salomão compoz tres mil parabolas.

Freycinet, os Cariolis. Se não menciono os vivos com receio, de offender a sua modestia, não posso deixar de dizer que sempre me foi grato encontrar toda a nobreza e toda a generosidade da fé christã nos meus illustres amigos, no creador da *crystallographia*, no inventor da chimica e do *telescopio* e no auctor immortal da *electricidade dinamica* ¹⁾ ».

Isto escrevia o tal *quidam*. Mas o sr. Dr. A. Costa, apoiando-se em certos logares do Evangelho, traduzidos e intendidos a seu modo, e na auctoridade de Renan, Lange, Malon e Hartmann, quer á fina força que o christianismo de Cauchy e de tantos pensadores eminentes de todos os tempos seja anti-social: a) « porque elimina toda a ideia de progresso e de civilisação (*o progresso e a civilisação collectivista, com certeza*); b) porque «recommenda ao homem a frouxidão quer politica sob a forma de obediencia á lei e de respeito aos poderes publicos, quer pessoal, sob os nomes de perdão das injurias, humildade para com os outros, etc. » (*e enfia quatro citações biblicas, tres das quaes erradas*); c) « porque manda desprezar o trabalho (*aqui cita Renan*); d) « porque representa um retrocesso no campo moral e do aperfeiçoamento (*aqui, cita Lange, Malon e Hartmann*).

Ora, ouçamos o sr. Dr., que se insurge contra o *auctoritarismo* da Igreja e afirma sem provas, mas com um entôno que deixa a um canto o *ipsedixitismo* do mestre, o seguinte: « Em verdade: O character anti-social do christianismo resulta, primordialmente, da eliminacão de toda a ideia de progresso e civilisação: a terra nada mais é do que uma habitação passageira, um logar de exilio, um valle de lagrimas. Com os olhos na vida futura, deve desdenhar-se a vida presente e repelir todas as commodidades que a civilisação offerece. »

«Lastima, que não seja verdade tanta belleza!»

Mas se o christianismo eliminou toda a idéa de progressos e civilisação, como foi que uma doutrina assim logrou

¹⁾ Citado por Camara, na sua obra — *Religion y ciencia, contestacion a Drapper*, pag. 581.

conquistar o universo e regenerar-o; attrahir a si as mais bellas intelligencias de quasi vinte seculos; produzir obras primas nas sciencias, nas lettras e bellas artes? Como foi que uma doutrina retrograda inspirou ideaes de sublimidade incomparavel a tantos sabios e philosophos, a tantos artistas, oradores, poetas e legisladores, cujos nomes fulgem, como astros de primeira grandeza, nos formosissimos horisontes da civilisação, rasgados e illuminados pelo verbo divino de Jesus? Como foi que essa doutrina retrograda creou escolas para o povo, academias e universidades para os que aspiravam a uma sciencia mais alta, abriu asylos d'instrucção e beneficencia para os ignorantes e desvalidos, e ainda hoje preside, como rainha do pensamento humano, ao desdobramento esplendido da civilisação em todo o mundo? Como foi que essa doutrina eliminadora de toda a idéa de progresso creou as primeiras bibliothecas da Europa, enriquecendo-as de verdadeiras preciosidades litterarias, inspiradas pela fé christã e guardando n'ellas os thesouros de saber das civilisações antigas? Quem, senão o christianismo, civilisou barbaros e selvagens, e levantou do abatimento em que jaziam as gentes sepultadas nas sombras da morte? O novo mundo descoberto pelo genio christão de Christovão Colombo deve o que é á doutrina *anti-social e retrograda* de Jesus Christo; a China, o Japão devem á influencia do christianismo, prégado n'aquelles remotissimos paizes pelos missionarios do Evangelho, os seus mais bellos estabelecimentos scientificos. Na Oceania surgem cidades florescentissimas á voz poderosa do Evangelho; no continente negro, regado com o sangue generoso de tantos heroes christãos, abundam já os estabelecimentos de instrucção e beneficencia levantados pelo genio transformador do christianismo. Pergunte á Europa quem lhe ensinou a desbravar terrenos incultos transformando-os em fertilissimos campos; quem lhe deu o dominio dos mares; quem a adornou de formosissimos monumentos architectonicos, de soberbas cathedraes, onde a curva graciosa substitue vantajosamente a linha horisontal que predominava na basilica pagã; quem dotou os seus esplendidos museus de primorosas pin-

turas e estatuas, as suas bibliothecas das perolas litterarias que possuem, as suas academias dos monumentos de saber de que se gloriam. . . e a resposta será sempre: o christianismo. Retrograda a religião que inspirou as epopeias de Tasso e Dante, de Camões e Milton? Retrograda a crença dos grandes inventores antigos e modernos no immenso campo da sciencia? Retrograda a fé creadora de Miguel Angelo e Rafael, de Murillo e Leonardo Vinci, de Newton e La Place, de Moigno e Secchi, de Dumas e Chevreul para só falar de alguns mortos? Retrograda a fé que propõe ao homem a perfeição e apresenta-lhe como ideal e modelo para a conseguir, o proprio Deus, ideal divino de perfeição absoluta? Evidentemente o sr. Dr. A. Costa escreveu para a lua.

Diz, com effeito, o christianismo, e dil-o tambem a razão e a triste experiencia de todos os dias, que a terra nada mais é que uma habitação passageira, um exilio, um valle de lagrimas; mas que se conclue d'aqui? Uma cousa só: que o homem, peregrino sobre a terra, deve subordinar o seu destino temporal ao destino supremo para que foi creado. Não podemos suppor que o critico leve o seu exaggero e fanatismo a ponto de querer que o homem cuide exclusivamente de procurar os interesses e commodidades temporaes, como se houvera de viver eternamente aqui e não fôra dotado d'uma alma que nem é materia nem, consequentemente, morre com o corpo. Ou o sr. Dr. Affonso Costa admite a immortalidade da alma, ou não. Na primeira hypothese, manda a coherencia que admitta a doutrina de Christo ácerca da subordinação do fim temporal do homem ao seu fim supremo, e nada tem que extranhar o texto evangelico; na segunda hypothese, temos só a lamentar que se equipare a natureza e destino da alma humana, com todas as suas nobilissimas faculdades e qualidades, com todas as suas tendencias e aspirações insaciaveis, á natureza e destino da materia bruta e da alma de qualquer animal.

Quando foi que Jesus Christo mandou desdenhar a vida presente e repellir todas as commodidades que a civilisação offerece? Manda isso, e prohibiu o homicidio, o suicidio e o

duello? E com o imperio da sua palavra omnipotente deu saude a enfermos, vista a cegos, fala a mudos, vigor a paralyticos, vida a mortos? E operou um milagre assombroso para saciar a fome a milhares de pessoas que o seguiam? E ordenou aos ricos que soccorressem os pobres e necessitados? E proclamou a sublime virtude da caridade que manda o que o sr. Dr. Affonso Costa aprendeu nas *obras de misericordia*?

Como não podemos dar largo desenvolvimento a estes artigos, vamos mostrar com factos como é que o christianismo manda desdenhar a vida presente. Na idade media formam-se alguns institutos christãos cujo fim era a redempção de escravos e captivos. Estes institutos logram dar a liberdade a *sessenta milhões de servos da gleba*. Só a ordem dos Trinitarios resgatou, á sua custa, *novecentos mil*; a das Mercês, *quinhentos mil*. Total: *um milhão e quatrocentos mil*. Não se esqueça de que entre os captivos resgatados pelo heroismo dos apostolos christãos, só o ultimo dos quaes, vale incomparavelmente mais do que um exercito de collectivistas, apparece o immortal auctor do *D. Quixote*. Quem inspirou estes heroismos que salvaram a vida a milhões de infelizes? Aquella mesma religião que manda desdenhar a vida presente. Ainda ha pouco morrea victima da sua caridade heroica o benemerito padre Damião, que dedicou toda a sua existencia á cura de leprosos. Foi ainda a mesma religião, que lhe inspirou a sua caridade sublime. Se Jesus Christo manda aos pastores d'almas e aos que professam a vida religiosa que sacrifiquem a propria existencia, é para salvarem aquelles a cuja salvação se dedicaram. Mas este precéito sublime é uma das maiores glorias do christianismo. Deante d'elle o sr. Dr. A. Costa devia curvar a cabeça, já que o inflamma o zelo pela desditosa condição dos pobres.

Das commodidades e bens da civilisação moderna tem o christianismo auferido meios preciosissimos para a dilatação do Evangelho em todo o mundo conhecido. O telegrapho e todas as applicações da electricidade, os caminhos de ferro, a navegação a vapor etc. teem servido admiravelmente para

que a cruz de Christo seja arvorada onde quer que existam homens, e para que a palavra augusta do seu Vigario leve a civilisação e a ordem social até aos ultimos confins do universo. E' por isso que a Igreja tem bençãos para todos os inventos maravilhosos destinados pela providencia divina ao triumpho, á vida opulentissima do christianismo na immensa superficie do globo. E não esqueça o sr. Dr. Affonso Costa, que os mais illustres descobrimentos no campo das sciencias, que servem a religião christã, se devem a homens que a professaram e professam. E depois de imputar ao christianismo o que elle nunca ensinou, no sentido que o critico intenta, conclue o sr. Dr.: « Fez-se tudo quanto seja possivel para salvar uma alma, embora nada se tenha produzido em beneficio da humanidade? A lei divina está satisfeita: a morte, com todas as delicias d'alem tumulo pode vir. » Deixando a analyse do perfido erro que este periodo encerra, fique o sr. Dr. sabendo que os que se occupam no mister da salvação das almas, que foi o mister de Jesus Christo, prestam, por esse mesmo factó, grandes serviços á humanidade. São uns heroes, uns benemeritos. E além dos exemplos já citados, que immensos serviços não prestaram á humanidade S. Francisco Xavier, S. Pedro Claver, S. Vicente de Paulo, e um sem numero de benemeritos, que se dedicaram á salvação das almas? Que incalculaveis serviços não presta á humanidade, e tambem ás sciencias, ao commércio, á industria, esse brilhante exercito de missionarios catholicos espalhados por todo o mundo? Só da alma cuidaram aquelles solitarios monges do Oriente, e todavia exerceram uma grande influencia no desenvolvimento da civilisação. Se o sr. Dr. quizer ter um bello quarto d'hora de leitura util, leia o que a tal respeito escreveu o genio poderoso do mallogrado Balmes, na sua monumental obra — *El Protestantismo comparado con el catolicismo, en sus relaciones con la civilización europea*, tom. II, cap. XL. Isto de suppor que os que se dedicam ao sublime mister da salvação das almas são uns parias, uns seres inuteis, cousa é que só lembra ao cerebro esquentado d'algum socialista cheio d'odios e preconceitos contra o christianismo.

Continúa o critico: « Secundariamente é anti-social a doutrina de Jesus:

« — Porque recommenda ao homem a frouxidão quer politica, sob a forma de obediencia á lei e de respeito aos poderes publicos, quer pessoal, sob os nomes de paciencia, perdão das injurias, humildade para com os outros, etc. »

Simplemente incrível! De maneira que a doutrina de Jesus seria social, se ordenasse a desobediencia á lei, o insulto aos poderes publicos, o desespero, a vingança, a soberba, etc. Isto não se refuta. Deixa-se ahí em toda a sua hediondez, em toda a sua ferocidade, em todo o seu fanatismo, que chega ás raias da loucura. Notamos porém que o sr. Dr. A. Costa censura o christianismo por mandar respeitar os « poderes publicas ». Dos « particulares » não fala. Parece que o critico pertence ao numero d'aquelles que querem Deus em casa e o diabo na rua. Succede, porém, que o diabo, farto de fazer diabruras na rua, entra nas taes casas para não desmentir aquelle: « Assim paga o diabo a quem o serve. » E depois da sua theoria de direito publico, que nem para cafres serve, continúa: « Porque manda desprezar o trabalho, unica origem do valor, unica razão de ser do direito á vida... » E cita, para confirmação d'este dislate cruel, aquellas formosissimas palavras de Jesus Christo, que se lêem no cap. VI de S. Math., desde o versiculo 25 a 34.

A primeira cousa a notar nas palavras do critico é que se o trabalho é « a unica razão de ser do direito á vida », não tem direito á vida nem os infantes, nem os paralyticos, nem os enfermos, nem os velhos! Bello socialismo collectivista! Verdade é que, a pag. 94, entre os expedientes que o socialismo collectivista propõe para a perfeita realisacão do seu ideal, figura este: « d) ... direito á existencia para os incapazes de trabalhar... ». Deixêmos, porém, estas harmonias ou liberalidades do collectivismo reformista, que não reconhece (mas promette dar) o direito á existencia áquelles que não podem trabalhar, e vamos á analyse rapida do periodo transcripto.

O sr. Affonso Costa é o primeiro a confessar (pag. 103) que Jesus Christo não abrogou a lei de Moysés. É verdade:

e não só não a abrogou, senão que fez mais, aperfeiçoou-a e declarou que a sua observancia é meio indispensavel para a salvação ¹⁾. Ora, um dos preceitos d'esta lei, confirmada por Jesus Christo, reza assim: « *Memento ut diem sabbati sanctifices. Sex diebus operaberis, et facies omnia opera tua. Septimo autem die sabbatum Domini Dei tui est* ²⁾. Como é, pois, que o christianismo condemna o trabalho? O que foi a vida occulta de Jesus na humilde officina de Nazareth, senão uma vida de trabalho? Não disse Jesus Christo aos esmagados pelo trabalho e pela dôr que procurassem na sua doutrina alento e coragem para não cahirem desfallecidos? ³⁾. O que é o exemplo sublime de Christo e as suas palavras consoladoras senão um incitamento ao trabalho? Em presença d'este exemplo e d'estas palavras, os espinhos do trabalho convertem-se em flores de suave perfume. Os apóstolos, fieis imitadores da palavra e exemplos de Christo viviam do trabalho manual. S. Paulo diz: « *ipsi scitis: quoniam ad ea quæ mihi opus erant, et his qui mecum sunt, ministraverunt manus istæ* ⁴⁾. Na Epist. 1.^a aos de Corinto repete: « *laboramus, operantes manibus nostris* ⁵⁾, e na 2.^a a Timotheo: « *laborantem agricolam oportet primum de fructibus percipere...* ⁶⁾. As primitivas ordens religiosas viviam do trabalho dos seus monges e cenobitas; do trabalho nasceram e pelo trabalho se engrandeceram outras ordens religiosas e especialmente a de S. Bento, a quem se deve, em grande parte, a transformação agricola da Europa.

Mas as palavras de Christo (S. Matth. vi, 25-34), que o sr. Dr. transcreve, copiando as, não do Evangelho, mas de Renan, provam, por ventura que o Salvador manda «desprezar o trabalho»? Evidentemente, não. No verso 24 do logar citado, Jesus Christo, a fim de destruir a avareza, ensina

¹⁾ S. Matth. xix, 17.

²⁾ Exod. xx, 8-10.

³⁾ Matth. xi, 28.

⁴⁾ Act. xx, 34.

⁵⁾ Cap. iv, 12.

⁶⁾ Cap. ii, 6.

que ninguem pode *servir* a Deus e ás riquezas ¹⁾, e observa muito judiciosamente S. Jeronymo ²⁾, que o verbo *servire* exprime a idéa da escravidão ao ouro e aos bens temporaes. Depois, logo no verso 25, acrescenta o Salvador: «*Ideo dico vobis...*» Por isso vos digo, isto é, para que não vos deixeis *dominar* das riquezas servindo a ellas como escravos (*servire*), para que desterreis do vosso espirito a anciedade de as accumular, vêde o que acontece com as aves do Ceu e os lyrios do campo, que o vosso Pae celeste sustenta e adorna com tanta sollicitude e esmero. Para os que não teem os olhos vendados pelo preconceito contra o Evangelho, é claro que Jesus Christo intentou, nas formosissimas palavras acima citadas, duas cousas: 1.^a tornar o rico senhor e não escravo das riquezas; 2.^a inspirar ao homem sentimentos de confiança na providencia de Deus, para desterrar do seu coração a ancia, a angustia de accumular riquezas. Commentando este logar, Santo Agostinho resumê em poucas palavras o seu sentido genuino: *Labor exercendus est, sollicitudo tollenda.*

A providencia sustenta as aves do ceu, mas dispensou-lhes o trabalho de procurarem no grande banquete da criação o sustento que tão liberalmente lhes deu? E os lyrios do campo, que a mesma Providencia vestiu de tão lindas côres, não teem trabalho physiologico que, sob a acção d'aquella Providencia, os faz desabrochar em bellezas e fragancias? O homem deve trabalhar, mas nunca como se não existisse uma Providencia, que, sendo tão sollicita para com os irracionaes e insensiveis, muito mais o será para com o homem, intelligente, livre e destinado a um fim immortal. Eis o sentido das palavras que tanto scandalisaram o sr. Dr. A. Costa.

Agora vem muito a proposito analysar uma supposta

¹⁾ *Mammonæ*, diz o texto. Em chaldaico *mamóna*; em syriaco *momoóno*, que ora designava as riquezas, ora o deus que as distribuia, como o Plutus dos gregos e romanos. Ainda não está nitidamente determinada a etymologia da palavra *mammonæ*. No logar citado de S. Matheus significa, sem duvida alguma, riquezas.

²⁾ Eis a palavra do illustre traductor, interprete e commentador da Biblia: «*Non dixit Dominus = qui habet divitias =, sed = qui servit divitiis =; qui enim divitiarum servus est, divitias custodit ut servus; qui autem servitutis excussit jugum, distribuit ea ut dominus*». Hyeron. in h. l.

contradição que o critico, não sabemos com que telescopios ou microscopios, logrou encontrar na Encyclica de Leão XIII. A pag. 136 da Dissertação expõe o critico (a seu modo, como costuma) os meios propostos por Leão XIII para resolver a questão social. O 3.º é: «A paciencia e a resignação no trabalho, essa (*sic*) expiação imposta á nossa natureza defeituosa». E em nota diz: «Leão XIII está na doutrina que já apontamos. Mas nem sempre assim fala. Ha logares na Encyclica em que considera digno o trabalho, contradizendo-se assim flagrantemente.» Mas a verdade é que a contradição está apenas no cerebro do sr. Dr. ou nos maus olhos com que leu a Encyclica. Pelo visto, não comprehende o sr. Dr. que uma mesma acção possa ser pena e titulo de gloria para quem a pratica.

Ora, ensaiemos, antes de tudo, alguns exemplos. E seja o primeiro. Os soffrimentos e a morte de Christo não foram uma pena a que voluntariamente se sujeitou, porque se fez reu voluntario dos crimes da humanidade? Foram. E não mereceram para Jesus Christo a gloria e a grandeza incomparavel de Redemptor do genero humano? Não deram novo realce á sua immensa caridade para com o homem? Certamente.

Vá outro exemplo. Não foram verdadeiras expiações de peccados proprios ou alheios as penitencias e austeridades a que se entregaram muitos heroes christãos? E não foram tambem outros tantos florões no seu diadema de santidade?

Ainda outro. A pena imposta ao militar que transgrediu a ordenança não é uma expiação? Mas se o soldado se sujeita nobremente á pena e a cumpre com a dignidade e resignação necessaria, não adquire por esse facto um direito á admiração de todos e não será digno de louvor o seu procedimento?

E' uma expiação o trabalho, e, se outros argumentos não houvera para o demonstrar, bastava que considerassemos as fadigas que elle traz consigo, as bagas de suor com que banha a frente do operario. Mas se esse trabalho é honesto e sustentado com dignidade, firmeza e resignação; se o ope-

rario opprimido pelo trabalho, se lembra de Jesus na officina de Nazareth, ou no Calvario cingido d'um diadema de espinhos, e recupera animo e alento, e recomeça as suas fadigas com sublime coragem, este facto não será por ventura um titulo de nobreza para o pobre trabalhador? Como é, pois, que Leão XIII se contradiz chamando ao trabalho *expição e titulo de gloria*?

Que é pena, depois da culpa original, dil-o expressamente a fé, de que Leão XIII é depositario e interprete. Que é, considerado á luz da philosophia christã, honroso para o homem, dil-o a palavra e o exemplo de Christo. Ora aqui está a que se reduz a flagrante contradicção do Pontifice! A dar a verdadeira noção philosophica e christã do trabalho, de que temos um brilhante exemplo no pae que impondo ao filho uma pena em castigo d'uma desobediencia, vae abraçar em fervido transporte de amor paternal o filho, se o contempla submisso á auctoridade paterna e cumprindo dignamente a pena imposta.

A *expição* n'este caso foi um titulo de gloria para o filho. Applique o exemplo ao trabalho a que o homem foi condemnado, e guarde a *flagrante contradicção* em que o seu cerebro fez incorrer o immortal Pontifice dos operarios.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.



UMA PAGINA DE HISTORIA CONTEMPORANEA

Mgr. de T'Serclaës, prelado domestico de Sua Santidade, acaba de publicar uma obra magnifica intitlada — *Le Pape Léon XIII, sa vie, son action religieuse et sociale*. Embora o livro tenha sido largamente apreciado por muitas revistas e jornaes, desejamos tambem nós dizer alguma cousa do monumento que Mgr. de T'Serclaës acaba de levantar a Leão XIII. Não temos a intenção de o analysar, nem tambem é nosso proposito fazer-lhe todos os elogios que merece. A obra compõe-se de dois volumes in-8.º de 600 paginas cada um; é precedida de uma soberba introdução de Mgr. Bannard, reitor das faculdades catholicas de Lille; enriquecida de gravuras e fac-similes que tornam a sua leitura attrahente; concebida com methodo; escripta n'um estylo vivo e animado; e os historiadores futuros do *seculo de Leão XIII* terão evidentemente de se referir a ella mais que uma vez, como á fonte mais pura e mais auctorizada, para conhecerem a fundo as phases do glorioso pontificado, intimamente ligado á transformação da sociedade e aos seus destinos futuros.

D'este campo immenso, que não podiamos percorrer em poucas paginas, queremos simplesmente destacar um quadro; mas não é este de certo um dos menos importantes, antes tem uma viva actualidade: é aquelle em que o eminente prelado trata da questão politico-religiosa em França, nas suas relações com Roma e com as instrucções pontificias.

A questão é candente, mesmo em Portugal, onde se levantou logo depois das encyclicas de Leão XIII aos francezes, sendo tratada largamente nos jornaes, pela forma que todos conhecem. Colloquemo'-nos fóra do terreno das irritações, e façamos apenas uma pagina de historia, imparcial e serena, resumindo quanto possivel e fielmente a parte do livro em que Mgr. de T'Serclaës se occupa do assumpto.

I

Se era uma questão difficil de resolver, observa com muita razão Mgr. T'Serclaës, o conflicto politico-religioso em França, Leão XIII não

receiu tratá-la e pronunciar-se categoricamente acerca d'ella, apesar das opiniões contrarias de um grande numero de francezes. Seguiu o caminho que lhe parecia mais util á religião e á França.

Os catholicos que não separam a religião da monarchia, e os liberaes que collocam em segundo lugar a religião e no primeiro o systema governativo da sua preferencia, agitaram-se logo, uns porque Leão XIII lhes dizia que a sua attitude politica prejudicava os interesses da religião, outros porque Leão XIII declarou terminantemente que a religião não estava irrevogavelmente ligada aos seus planos politicos. Restava uma terceira classe de monarchicos descontentes, que occupavam o meio termo entre os dois outros partidos. Leão XIII dizia-lhes egualmente que a religião não era serva de ninguem, nem podia estar enfeudada a nenhum partido, porque os dominava a todos.

A situação era difficil. Como chamar todos os catholicos a collocarem-se no terreno constitucional, sem pensamento reservado, para mais efficazmente defenderem a religião contra uma legislação anti-religiosa? Porque, convém repetil-o, é esse o pensamento supremo do Pontífice.

Antes que elle faltasse, tinham-se feito varias tentativas generosas no mesmo sentido.

O conde de Mun, — que depois teve a honra, aliás bem cara, de ser perseguido por causa da sua obediência filial, — já por occasião das eleições de 1885, convidava todos os cidadãos a unirem-se em volta da bandeira da cruz, e queria formar um partido catholico, que se limitasse a reivindicar a liberdade, e se organisasse no terreno social e religioso, sem prejuizo do futuro. O seu projecto, recebido favoravelmente desde o principio, não encontrou opposição aberta na imprensa conservadora e catholica. No estrangeiro, a impressão foi egualmente favoravel, e o *Osservatore Romano* reconhecia que o resultado das eleições de 1885 era devido em grande parte á reconstituição do partido catholico. Na vespera dos escrutinios de desempate, o conde de Mun offereceu ainda o partido catholico como uma especie de corpo auxiliar á organização politica conservadora, sem dizer se esse partido, uma vez regularmente constituído, entraria ou não no quadro d'essa organização.

Esta duvida impressionou os chefes conservadores. Depois, uma carta do conde de Mun ao conde de Bézizal, em que se apresentava o partido catholico como devendo ter um programma de governo e formar um centro poderoso, com chefes, batalhões e soldados, produziu grandes discussões no seio do partido conservador e monarchico, e até no mundo religioso.

A imprensa catholica e conservadora dividiu-se. Os jornaes puramente catholicos, como o *Univers* e a *Croix*, não hesitaram em pronunciar-se pelo grande orador. Outras folhas, catholicas tambem, mas com tendencias monarchicas, pronunciar-se vivamente contra elle. Naturalmente os partidos hostis á Igreja ainda lhe foram mais adversos, de modo que o

conde de Mun, collocado entre dois fogos, viu levantados ao mesmo tempo contra si os monarchicos e os radicaes. As opiniões dos bispos dividiram-se, como succedeu na imprensa. Finalmente, o conde de Mun era atacado, por um lado, como excessivamente realista, por outro, como não o sendo bastante. Uns faziam d'elle o cavallo de Troya, que queria penetrar na praça para a entregar á monarchia; outros accusavam-n'o de fazer recuar indefinidamente o advento de uma nova vida de cousas, pela acceitação, ao menos tacita, dos factos consummados, e de quebrar as fileiras dos conservadores. Outros censuravam-n'o porque, diziam, compromettia a religião lançando-a na arena dos partidos, e arvorava-se em pontifex leigo. Em presença de taes difficuldades, que eram apenas o principio das suas gloriosas provações, o conde de Mun dirigiu á imprensa a seguinte declaração: « A fim de não levantar uma divisão entre os catholicos, renuncio ao projecto de organisação que annunciei n'uma carta dirigida ao conde de Bézizal. »

Esta subita resolução provou a toda a gente que o conde de Mun, como filho obediente, depozera as armas perante a auctoridade da Santa Sé. Todavia estava dado o primeiro passo para a intervenção de Leão XIII, que em breve devia manifestar-se de uma forma clara e brilhante.

De resto, o plano de Mun era muito differente do plano do Santo Padre. O conde de Mun, embora catholico antes de tudo, tinha no seu passado affeições e preferencias realistas. O Papa, muito superior a todos os partidos para se subordinar a qualquer d'elles, e alem d'isso depositario da doutrina secular da Egreja, não sentia mais hostilidades contra a fórma republicana do que contra qualquer outra forma de governo. Alem d'isso, no plano do conde de Mun estavam envolvidas reformas sociaes. Leão XIII não tocava n'essas questões. Finalmente, a formula do Papa era muito mais ampla que a do *leader* dos catholicos francezes. Seja como fôr, a opposição já feita no plano reduzido do conde de Mun, de certo fez presentir a Leão XIII a opposição que em breve devia levantar-se contra uma concepção mais vasta e mais energica das necessidades dos novos tempos e dos remedios a applicar aos males que os catholicos soffrem, sob a Republica, da maioria do poder.

Com effeito, a diplomacia pontificia não encontrava nenhum ponto de apoio no interior. Como a politica das direitas parlamentares não era sufficientemente resoluta nem bem definida, tornava-se impossivel uma acção do Papa e dos partidos conservadores. A união das direitas parlamentares só podia ser um conjuncto mon:truo. Era falsa a posição dos conservadores, e por isso tambem a da religião. Porque, se o paiz estava cansado da politica radical dos republicanos, tambem se mostrava inquieto com a politica incerta dos conservadores. Esta situação aggravou-se ainda, em consequencia da aventura boulangista. Por isso os radicaes faziam bom jogo. As relações entre o ministerio e o episcopado tornaram-se mais tensas. Adoptara-se a lei militar. Ao approximarem-se as eleições de

1889, os bispos recordaram aos seus diocesanos a necessidade de fazerem bom uso do direito de voto. D'ahi novos accessos de furor nas regiões governamentaes.

II

Leão XIII, depois de madura reflexão, decidiu-se a fallar.

A primeira manifestação da sua vontade foi o famoso brinde de Alger, pronunciado pelo cardeal Lavigerie em circumstancias que ninguem ainda esqueceu, e em que se proclamava a adhesão, sem pensamento reservado, á fôrma republicana. Originou-se então uma viva polemica, cujas phases são recordadas por Mgr. T'Serclaës com tanta imparcialidade como exactidão. Entre os monarchicos levantou-se um accesso de indignação. A imprensa republicana fez chôro, mas afinou por outra corda. Apesar das palavras do cardeal, que deixavam intender sufficientemente que elle fallára por ordem do Papa, o episcopado hesitava. Uma carta do cardeal Rampolla veio esclarecer a situação. O que Leão desejava, reclamava e queria, era que a acção catholica se collocasse no terreno legal, e que, pondo de parte os interesses dynasticos, deixando a cada um as suas preferencias e as suas esperanças, todos se occupassem apenas dos interesses catholicos, acceitando lealmente o regimen constitucional, para se dissipar um equivoco odioso e dar mais efficacia á resistencia contra uma legislação oppressiva das consciencias catholicas. O movimento foi accentuado por novas adhesões episcopaes. Todavia, alguns tentaram ainda interpretar a seu modo as palavras do Santo Padre, até ao momento em que chegou a resposta do cardeal Richard aos catholicos que o tinham consultado ácerca do dever social.

Concebida com uma grande prudencia, a carta do cardeal não fallava em acceitação, mas insinuava esse pensamento de uma fôrma sufficientemente clara.

A esta resposta adheriu um grande numero de bispos. Entretanto o equivoco subsistia. Por isso alguns bispos, embora não considerassem prohibida a adhesão á Republica, hesitavam em pronunciar-se. Mgr. Fava esperou para manifestar o seu modo de ver; mas quando se pronunciou fê-lo de uma fôrma tão cathorica como Mgr. Isoard, em favor da acceitação da forma republicana.

Nada mostrou melhor, diz Mgr. de T'Serclaës, quanto eram justos os planos do Papa, como o furor dos republicanos. Principalmente os jornaes radicaes vomitaram fogo e chammás. Foram bem differentes os effeitos produzidos nos republicanos menos hostis. Os moderados receberam bem os neo-republicanos; mas os franc-maçons agitaram-se, e, na reunião maçônica de 1891, juraram embaraçar por todos os meios o caminho aos catholicos republicanizados, cuja evolução elles consideravam como o maior perigo que tinha ameaçado a Republica da seita. Que confirmação mais brilhante da sabedoria das decisões de Leão XIII que esta prova dada pelos adversarios?

Muitos conservadores não o comprehendiam assim, ou esforçaram-se por não o comprehender. A condemnação de Mgr. Gouthe-Soulard depois das peregrinações a Roma, produziu um conflicto que ao mesmo tempo foi explorado pelos radicaes e pelos monarchicos. Leão XIII conservou-se inabalavel. Os proprios bispos, censurando a attitudo do governo, não atacaram a forma republicana, de maneira que, a final, o incidente de que foi nobre victima o veneravel arcebispo d'Aix converteu-se n'um triumpho para o que então se chamava « a politica do cardeal Lavigerie ». Todavia esse exito não era isento de perigos. A política do Papa estava ameaçada e podia ser comprometida pelo duplo assalto das lojas maçonicas e dos grupos monarchicos. Compreendeu-se isto mesmo em Roma. Por isso o *Moniteur de Rome* exhortava os catholicos a considerarem o incidente d'Aix como um simples parenthesis, e a continuarem a evolução politica interna iniciada pelo brinde de Alger. Ao mesmo tempo foi votada no Senado e na Camara uma ordem do dia censurando as recentes manifestações do clero.

Que se passava entretanto no campo catholico? Reinava ahi uma desharmonia completa. Muitos conservadores continuavam a declarar-se monarchicos antes de tudo. Outros, sob o nome de *União da França christã*, diziam-se neutraes em politica, quando a politica pontificia reclamava o leal reconhecimento da forma de governo existente, o que é mais do que neutralidade. A neutralidade da *União* era apenas uma etiqueta, e resolvia-se praticamente n'um verdadeiro monarchismo.

Entre os catholicos recrutava-se igualmente o grupo recente da direita constitucional, dirigido por Piou. A sua attitudo era correcta sob o ponto de vista do reconhecimento das instituições republicanas, mas accusavam-n'o de levar muito longe a conciliação. No polo opposto da opinião conservadora encontrava-se o grupo imperialista dirigido por Cassagnac. Estes collocaram-se abertamente fóra da politica do cardeal Lavigerie.

Tal é, em resumo, o quadro, traçado magistralmente pelo auctor, da situação do partido conservador catholico n'aquella epoca. Comprehendem-se as desintelligencias que depois se seguiram. Mgr. Ferrata, n'uma entrevista concedida a um redactor do *Gaulois*, estabeleceu assim a questão á sua verdadeira luz: Qual é o fim unico do Papa? Assegurar o triumpho da Igreja. Para conseguir esse fim é necessario seguir-o nos meios que preconisa.

Todavia subsistia a incerteza e a perturbação das consciencias. Apareceu então a declaração dos cinco cardeaes, aconselhando que se dessem treguas ás dissensões politicas, e que, collocando-se todos resolutamente no terreno constitucional, se propozessem antes de tudo defender a sua fé ameaçada (janeiro de 1892). A esta declaração adheriram 76 bispos, mas ella não teve, sob o ponto de vista politico, toda a influencia prática que se podia esperar. Tornava-se necessaria uma encyclica, que finalmente appareceu.

(Conclue).

OS MILAGRES DE LOURDES

E AS OBJECÇÕES DOS MEDICOS

Conferencia lida na Academia dos Arcades, em Roma,
em 20 de fevereiro de 1895, pelo Doutor José Lapponi,
medico particular de Sua Santidade Leão XIII

(Continuação de pag. 241)

III

Todos os conhecedores concordam em dizer que as allucinações são tão vivas que as suas victimas ás tomam pela realidade sem a menor duvida; alem d'isso recahem sempre sobre um só e mesmo objecto, e desde que uma vez se apoderem de um individuo, tyrannisam-n'o quasi toda a vida. Desde que uma vez alguem foi victima de qualquer allucinação continúa a sê-lo mais ou menos até á morte.

Accrescentemos que as allucinações não se manifestam desde o principio em toda a sua força, mas gradualmente, pouco a pouco. Quando affectam a vista, o allucinado começa por ver sombras; só muito tempo depois é que a sombra se converte n'uma imagem sensivel, clara e precisa. Quando affectam o ouvido, o allucinado começa por sentir zumbidos, depois murmúrios, em seguida palavras pronunciadas em voz baixa, e só algum tempo depois é que as palavras se fazem ouvir fortes e bem accentuadas.

Pode tambem dizer-se que as allucinações teem por objecto exclusivo cousas já conhecidas. Um cego de nasci-

mento nunca soffre allucinações relativas á vista; um surdo de nascimento não as soffre tambem relativas aos sons. O doutor Christian diz ¹⁾: « Tenho interrogado muitos allucina- dos que viam Deus, a Virgem e os santos, e notei sempre que as suas visões tinham a forma das imagens contidas nos seus livros de orações ou nas egrejas que frequentavam ».

Isto não é tudo. As allucinações que se referem sempre ao mesmo objecto permanecem sempre e invariavelmente as mesmas. Todas as visões serão como a primeira. Depois, as allucinações doentias são acompanhadas de vertigens e outros desarranjos cerebraes.

Quanto ás allucinações dos hystericos, o doutor Chancot, mestre de todos na especie, ensina-nos que, *quando ellas são espontaneas*, consistem geralmente na vista de animaes *negros* (gatos, lobos, etc.), que correm sempre na mesma direcção, de um lado para outro ou da rectaguarda para a frente. Os animaes que vêem raras vezes são vermelhos; e parece que nunca viram nenhum que fosse branco, verde ou azul ²⁾.

Mas nos hystericos, as allucinações podem ser tambem provocadas pela suggestão, ou pelo individuo que as soffre, ou por outros. Pelo que respeita ás allucinações provocadas, o doutor Luys ³⁾ adverte-nos de que ellas só attingem um individuo no estado cataleptico, e por isso mesmo isolado do mundo externo, ou que algumas vezes foi submettido a práticas hystericas. Em todo o caso, as allucinações nunca teem por objecto uma cousa desconhecida; as da vista raras vezes se referem a um objecto branco; é verdade que a physionomia da victima offerece um reflexo do sentimento interior, mas sem espontaneidade, sem liberdade de mudança; emquanto dura a allucinação, o paciente descreve com precisão os objectos percebidos; mas, depois de passada a allucinação ou a catalepsia, perde toda a lembrança das suas visões ou das suas palavras.

¹⁾ J. Christian, *Hallucinations*, na *Encyclopédie des sciences médicales de Dechambre*.

²⁾ *Oeuvres*, vol. ix, pag. 292.

³⁾ Luys J. *Les émotions chez les sujets en état d'hypnotisme*. Paris 1887.

Emfim todos os pathologistas reconhecem que as allucinações, obtidas uma só vez por artifício, podem evocar-se de novo indefinidamente pelo mesmo meio, á vontade da victima ou de outras pessoas; e isto com tanto mais facilidade quanto maior numero de vezes forem provocadas.

Mas nada d'isto se encontra nas visões de Bernardette.

Teve apenas dezoito visões no curto espaço de seis mezes, e nada mais.

Desde o principio, o rosto da Senhora mostrou-se a Bernardette claro, nítido, em relevo; e da primeira vez que ella lhe fallou, as suas palavras foram pronunciadas em voz alta e distincta.

M. de Balancie, que muitas vezes tentou surprehender a ingenuidade da donzella, quando esta lhe narra as suas visões, disse-lhe um dia: « Tu estás enganada: não viste nem ouviste a Senhora, mas apenas *julgaste vê-la e ouvi-la.* » Mas Bernardette respondeu logo: « Não, não, senhor, eu vi-a e ouvi-a na realidade. Ella movia a cabeça e os braços. Fallava-me como eu agora estou a fallar para v. ex.^a »

O objecto das suas visões era desconhecido tanto a ella como a seus concidadãos: não podia tê-lo visto nem no seu livro de orações, porque não tinha nenhum, — nem sabia ler —, nem na igreja da sua terra natal.

Alem d'isso a donzella devia ignorar que existia um dogma sobre a Immaculada Conceição. Por isso, quando a Senhora lhe revelou o seu nome, a pastorinha, receiando esquecê-lo e querendo referil-o com precisão ao bom paroch de Lourdes, repetia-o pelo caminho dizendo a cada passo: Immaculada Conceição, Immaculada Conceição.

Quando M. de Resseguier lhe mostrou algumas das mais bellas meninas de Pau, perguntando-lhe se a Senhora da visão era tão bonita, Bernardette respondeu-lhe: « Oh senhor, entre estas e a Senhora da visão não ha comparação possivel. » E quando o esculptor Jabisch lhe apresentou a estatua da virgem, cinzelada e retocada segundo as indicações da vidente, Bernardette não poude deixar de exclamar:

« Isto é muito bonito, mas não é ella; oh! não, a differença é como da terra para o céu. »

É verdade que as visões de Bernardette tiveram um unico objecto; mas não foram sempre e invariavelmente as mesmas. Cada vez apresentaram alguma cousa de novo, como a exhortação á oração, o desejo de que se construísse um templo nos rochedos de Massabielle, os segredos confiados, a ordem de que bebesse agua, etc., etc.

Alem d'isso as visões nunca lhe causaram o menor desarranjo physico; pelo contrario deixaram sempre no seu coração o desejo de que se repetissem.

Bernardette não viu animaes negros, horrendos; era uma figura humana que se offerecia á sua vista, de uma extraordinaria belleza, cercada de luz, vestida de branco, cingida com um cinto azul, com um rico rosario nas mãos.

E, durante o extasis, não se via nenhum signal de catalepsia; pelo contrario, conservava o mais completo conhecimento do que se passava.

Antes d'isso nunca fôra submettida a experiencias de suggestão, que demais a mais mal se conheciam n'essa epocha.

Nenhuma suggestão provocou a primeira visão; a figura que lhe appareceu nunca lhe fôra conhecida; e a primeira visão não teve influencia alguma nas seguintes, porque a Senhora mostrou-se sempre do modo e no tempo que lhe aprouve.

Durante as aparições, a physionomia da menina, embora radiante de singular esplendor, não conservava a mesma expressão até final; mas havia harmonia perfeita entre o seu aspecto e as cousas que ella depois referia ter visto ou ouvido.

Emquanto a visão durava, Bernardette parecia pronunciar palavras, mas inarticuladas. E, desaparecida a visão, conservava fielmente a memoria d'ella. Nunca houve a menor contradicção na sua narrativa.

Houve algumas interrupções na visão, de fevereiro a julho, e d'ahi por deante faltaram sempre, apesar do ardente desejo e como que uma necessidade interna que sentia d'ellas.

Todavia tinha todas as condições necessarias para as procurar por meio da suggestão.

Finalmente, quando entre março e abril de 1858, a instigações de M. Giacometti, commissario de policia em Lour-

des, se tentou provocar n'ella visões por meio de práticas suggestivas, ella submetteu-se com toda a simplicidade e soffreu-as com paciencia. Mas o resultado foi que, sem attingirem o fim desejado, a pobre creança soffreu depois uma violenta dor de cabeça.

Portanto, as visões de Bernardette não apresentaram nenhum dos caracteres especiaes das allucinações pathologicas. É claro, pois, que não pôdem contar-se como allucinações.

V

Um observador attento encontraria muitos outros factos tendentes a demonstrar que as visões de Bernardette não foram allucinações, mas a realidade.

Não insistirei na singular transfiguração e no maravilhoso esplendor que apresentava o rosto da vidente, sempre que a visão se realisava: as pessoas que presenceavam o facto ficavam deslumbradas. Os primeiros espectadores d'aquellas scenas costumavam dizer: « Assim como um homem que habita n'um estreito valle aprecia o nascer do sol pelo cimo dos montes visinhos que se douram, embõra o sol nunca o visite a elle; assim nós podemos com certeza apreciar a verdade das visões pelo divino esplendor que illumina, durante o extasis, o rosto da creança. »

Em vez de me demorar com o valor d'esta simples mas justa consideração, deter-me-hei apenas com o facto seguinte, prova irrefragavel: durante os quinze minutos que durou uma visão, collocaram-lhe os dedos na chamma de uma vela accessa, sem que ella sentisse dôr, sem mesmo se queimar a carne, como pode verificar um medico, testemunha ocular, e todavia cheio de velhos preconceitos que o dispunham muito mal para crer.

Um estado morbido podia impedir a menina de sentir a dôr da queimadura, mas nada no mundo podia tirar á chamma a propriedade natural que possui de queimar.

Um outro facto que testemunha ainda mais a realidade das visões, é o jacto das aguas sob os dedos de Bernardette, n'um terreno arido, entre rochedos muito duros, n'um logar onde nunca ninguem vira sequer vestigios de humidade.

A Senhora da visão ordena á pastorinha que beba; mas bebe-se um liquido, e não o havia allí. A creança dispõe-se logo a descer a um ribeiro visinho; mas a senhora faz-lhe signal de que não se affaste. Então, impellida por um estimulo interior, mexe com toda a confiança a pouca terra que podem cavar os dedos de uma creança, e eis que a agua surge!

Que melhor prova da realidade da sua presença podia dar, ao mundo dos scepticos, a Senhora vista por Bernardette?

Disseram que fôra o acaso — essa cega divindade dos loucos — que levava a menina á descoberta da fonte, como uma cabra á descoberta do arbusto do café, como os pastores ao encontro de aguas mineraes, como o camponez, sob o esforço da sua enchada, á descoberta das ruina de Pompeia.

Mas no caso de Bernardette não tem logar a comparação. O arbusto do café e as aguas mineraes existiam já, á superficie do solo, antes da descoberta em questão: portanto, manifestavam-se á vista.

Quanto ás ruinas de Pompeia, não só existiam antes da sua descoberta, mas poderam ser vistas pelo cavador sem as procurar.

Pelo contrario, no caso presente, a fonte de que nos occupamos, embora preexistente, estava occulta nas entranhas do rochedo, ninguem a conhecia, nem aquella mesma que a procurou, pois dirigia-se ao rio Gave para cumprir a ordem que recebêra. Recebendo nova ordem de beber, mas na propria gruta, a pastorinha, que não via agua, persuadida todavia de que ella allí existia, procurou-a, e as suas mãos abriram logo á fonte a porta dos abysmos. E que porta? Um punhado de terra!

Se a fonte realmente existisse á superficie do solo, um punhado de terra seria dique sufficiente para embarçar a força das aguas interiores? E o simples deslocamento d'essa terra sêcca teria facilitado essa irrupção, a ponto de crear, em pouco tempo, uma fonte fecunda e inesgotavel?

(Continúa).

Os fructos da obra

I

Não ficarão sem o nosso protesto os acontecimentos de que foram theatro as ruas da capital no dia 3o de julho ultimo. A vadiagem de Lisboa, açulada por cobardes que se esconderam atraz da cortina, perseguiu, insultou e espancou sacerdotes indefesos e inofensivos, realisando um projecto que ha muito se tramára na sombra, e cujos lineamentos transpareciam ha mezes em diversos jornaes avançados. Foi uma cobardia premeditada, e não resta duvida alguma a tal respeito.

Esses acontecimentos foram tanto mais lamentaveis e revoltantes, quanto é certo que a policia não accudiu prompta e energicamente como devia. Durante muito tempo se prolongaram os tumultos em differentes pontos da cidade, repetiram-se os desacatos, redobraram os insultos, recrudesceram as violencias, ao mesmo tempo em diversos pontos da cidade, e muitas vezes não apparecia sequer um agente a proteger cidadãos pacíficos e criminosamente aggreddidos. A guarda municipal, instituida com o fim de garantir a vida e a liberdade dos cidadãos, secundando os esforços da policia civil, conservou-se tranquillamente nos quartéis. A canalha decretou a suspensão da lei das garantias em Lisboa, e foi obedecida! A auctoridade só muito tarde se lembrou de reprimir os tumultos.

Esses acontecimentos são muito graves, tanto pelos crimes que representam como pelos symptomas que traduzem. Para o clero representam ao mesmo tempo uma lição e um triumpho; para as auctoridades constituem uma vergonha; para o povo de Lisboa um opprobrio sem nome.

II

A capital portugueza, uma das mais importantes e afamadas cidades da Europa, converteu-se durante dois ou tres dias n'uma terra de selvagens! Vergonha para o nome portuguez!

No mundo civilisado não conhecemos exemplo de brutalidades semelhantes, que hoje apenas se repetem na China e nos sertões da Africa, aonde o missionario, com a resignação d'um martyr, vae prégar a fé evangelica. A opinião publica da Europa e da America está reclamando com insistencia a intervenção energica das potencias para as selvagerias que se repetem no extremo oriente. Se amanhã forem perseguidos e espancados nas ruas de Lisboa sacerdotes francezes, allemães e americanos, a mesma opinião publica poderá reclamar um castigo para os selvagens do extremo occidente, intendendo que a Europa termina nas fronteiras de Valença e Villar Formoso.

Tristissima vergonha! Affronta sem nome para o povo portuguez!

Não se diga que os acontecimentos de Lisboa foram obra da população inconsciente: os vadios foram apenas instrumento dos cobardes que se esconderam na sombra. Trata-se de uma conspiração premeditada em todas as suas circumstancias, e as linhas d'essa conspiração encontram-se em alguns dos jornaes de Lisboa, que o publico já conhece muito bem como promotores de taes façanhas. Infelizmente parece que esses, os verdadeiros auctores da selvageria ficarão impunes e esquecidos. Esses, que não tiveram duas palavras de energica censura para os tristes acontecimentos da capital, continuarão livremente a semear entre a população estúpida o veneno da desordem e da insubordinação.

É bem triste que esses homens, que se dizem pregoeiros da civilisação, abusassem da rudeza do povo incitando-o ao tumulto e ao crime.

III

Que mal fizeram os sacerdotes perseguidos nas ruas de Lisboa? Cidadãos pacíficos, inoffensivos, indefesos, foram vexados e atacados sem que para isso houvesse ao menos um pretexto digno de consideração. Foram victimas do odio implacavel das sociedades secretas e dos clubs revolucionarios, que, pretendendo por vezes attribuir-se determinadas glorias, podem agora adornar-se com mais esta gloria de selvagens.

Para o clero não foram desprovidos de fructos aquelles dolorosos acontecimentos: pelo contrario, elles constituem uma lição e um triumpho.

O clero ficou conhecendo os homens com quem terá de haver-se no futuro. Os violadores da fé e da immuniidade sacerdotal revelaram-se eloquentemente e pozeram o clero de sobreaviso, porque lhe fizeram conhecer o que d'elles tem a esperar. Não ha lição mais dura, mas tambem a não ha mais proveitosa, que a lição dada pelos factos.

Os sectarios de Lisboa queriam ver prohibidas pela auctoridade todas as manifestações religiosas que alli se realisaram ultimamente. As auctoridades intenderam que, desde que têm sido permittidas manifestações revolucionarias das sociedades secretas condemnadas na lei, era indecoroso perseguir a religião catholica, que é a religião do Estado, prohibindo as manifestações do culto. *Inde ira.* Os sectarios protestaram vingar-se. Elles que todos os dias recordam com indignação os tempos do cacete, lançaram mão do cacete e da pedra para perseguirem em gente inoffensiva.

Esta lição é ao mesmo tempo um triumpho e uma gloria para o clero: é signal de que alguma cousa se têm feito pela restauração do espirito religioso. Se o clero se conservasse na indolencia e na apathia a respeito do movimento religioso, de certo não era perseguido em taes circumstancias: a perse-

guição viria depois, quando o espirito sectario tivesse dominado tudo e a todos. O clero portuguez viu coroada a sua obra pela perseguição, e, como os martyres de todos os tempos, alcançou a gloria de ser insultado, perseguido e espancado pela boa e santa causa de Jesus Christo.

Julgam os sectarios que o clero cederá assim uma pollegada no terreno das suas legitimas reivindicações? Illudem-se completamente: a Egreja tomou sempre mais força e vigor com o sangue dos seus martyres. Disse-o Tertulliano ha dezeseite seculos: o sangue dos martyres é semente de christãos.

IV

Não é só para o clero que os acontecimentos de 3o de julho foram uma lição: todos aqui teem muito que aprender.

Aquelles que ainda se illudiam ácerca dos fructos da propaganda anti-religiosa, feita constantemente nos jornaes jacobinos, ora disfarçadamente, ora com todo o apparatus do escandalo, acóbertada sob o pretexto especioso e ridiculo de ataque á *reacção* e ao *fanatismo*, — os ingenuos que ainda se illudiam a tal respeito, sabem agora o fim a que visam todos os esforços da jacobinagem desenfreada. Hoje não permitem os factos que haja hesitações e duvidas: o plano foi posto a descoberto pelos proprios que o urdiram na sombra. Não se trata de combater uma *reacção*, que não existe no sentido em que a inculcam; o que se procura é destruir toda a influencia do clero, toda a vitalidade da Egreja. Tal é a verdade nua e crua: aprendam os ingenuos.

Por seu lado, o governo fica sabendo que não é debalde que se tolera a propaganda anti-religiosa em publicações de toda a especie: os fructos d'essa propaganda appareceram em 3o de julho, e já se haviam revelado por occasião do centenario de Santo Antonio. Se não se permittisse que os anarchistas manobrassem livremente na capital, e até que, durante dois annos, publicassem um jornal, *A Propaganda anarchista*, onde constantemente se proclamava a destruição da

ordem social, não se teriam dado os tumultos com que foram perturbadas as festas do centenario. Se não se permittisse que os jornaes jacobinos dessem publicidade a toda a especie de infamias e calumnias contra a religião e contra o clero, não se veriam as vergonhosas façanhas de 3o de julho.

É necessario que o governo se compenetre da gravidade do mal. Se deixa engrossar a onda do tumulto e da desordem, ella dominará tudo, quando já fôr tarde para contê-la, é nada escapará deante da sua furia impetuosa. Veja-se como o governo da Republica franceza, com uma energia inquebrantavel, reprimem os tumultos e castigam inexoravelmente os fautores da anarchia social. Quando se trata de manter a ordem publica e defender a liberdade dos cidadãos, o governo francez não hesita em adoptar as resoluções mais energicas e decisivas. A tradicional *brandura dos nossos costumes*, phrase banal que apenas traduz a nossa decadencia moral, dá logar a factos como aquelles que ainda ha pouco presenceámos.

Esses acontecimentos, repetimos, constituem uma lição para todos: oxalá que ella aproveite.



UMA PAGINA DE HISTORIA CONTEMPORANEA

(Conclusão de pag. 346)

III

A encyclica aos francezes ficará sendo um dos maiores acontecimentos d'este seculo. Seria temerario querer actualmente medir todas as suas consequencias. O que é certo é que ella teve um echo immenso em todo o mundo. Publicada a 16 de fevereiro de 1892, é dirigida a todos os francezes honestos e sensatos. A primeira base da paz social, diz ella em substancia, é a religião. A historia prova-o especialmente a respeito da França. Achando-se a religião ameaçada importa defendel-a. Não se trata de dar assim á Egreja uma dominação politica sobre o Estado, mas simplesmente de indicar aos catholicos a attitude que devem tomar em presença da Republica actual. Toda a forma de governo é boa em si mesma, com tanto que tenda para o bem commum. Convém distinguir os poderes constituidos da legislação. Em França, a legislação é má; portanto é necessario entrar na Republica para a melhorar.

Uma audiencia concedida ao sr. Judet, redactor do *Petit Journal*, e destinada a ser publicada, veio precisar de novo o pensamento do Santo Padre. Depois, para produzir uma luz ainda mais completa, appareceu a carta de Leão XIII aos cardeaes ¹⁾ sobre os effeitos que a encyclica produzira em sentidos diversos e que o Papa previra. O Santo Padre não podia deixar perecer a França: eis porque elle fallou. O interesse supremo do bem commum exige a adhesão plena e inteira ao governo estabelecido.

Estas palavras não foram comprehendidas por certos politicos. Todavia o documento pontificio não podia ser mais claro. O Papa devia dissipar todas as duvidas na sua carta a Mgr. Fava, por occasião do congresso de Grenoble; n'ella repete e accentua o que já anteriormente dissera, prescre-

¹⁾ De 3 de maio de 1892.

vendo a acceitação da forma republicana em nome da doutrina geral da Igreja, que ensina que todo o poder, qualquer que seja, vem de Deus.

Em breve appareceram notaveis commentarios episcopaes que pozeram a doutrina do Santo Padre ao alcance de todos. Um dos mais luminosos foi a carta pastoral dos arcebispos e bispos da provincia de Avignon. Essa attitude inquietava os homens do poder. M. Ricard, ministro dos cultos, reivindicava a independencia do poder civil, e quiz impedir que os bispos fizessem produzir á encyclica do Papa os seus effeitos salutaes. Alguns prelados foram denunciados ao conselho de Estado como auctores de abusos. A outros foram supprimidos os vencimentos. Todavia, apesar d'estas chicanas e d'estes abusos de poder, os bispos continuaram, insistindo especialmente no resultado a que tendem as instrucções pontificias: salvar a religião, quebrando nas mãos dos sectarios as armas de que até hoje se serviram contra ella. As reflexões de Mgr. Perraud a este respeito impozeram-se a toda a França. Depois, por occasião das festas de Joanna d'Arc, dezeseite bispos, convidados por Mgr. Thomas, protestaram a sua submissão aos ensinamentos do Santo Padre. Mas, no meio d'estas manifestações, os sectarios tiveram um raio de esperanza. O governo irritou-se quando alguns bispos accrescentaram supplementos ao catechismo dos deveres do cidadão. Parecia, pois, que ia de novo acender-se uma lueta mais terrivel que nunca, entre a religião e o poder republicano, apesar dos esforços do Papa em favor da concordia. A Santa Sé interveio, e aconselhou aos bispos que retirassem os seus supplementos, ao que elles obedeceram.

Se a encyclica, como era de esperar, se impunha ao mundo religioso, no mundo parlamentar produzira o effeito de um explosivo. Os radicaes fizeram cahir o ministerio, e atacaram depois o proprio presidente Carnot, accusando-o de seguir uma politica pontificia e de estar de accordo com a Santa Sé. Os moderados, pelo contrario, prégarão a pacificação. No meio d'estas diversas tendencias, que faria o novo gabinete? Exercicios de equilibrio, com propensão a inclinar-se mais do que era justo para o lado radical. O futuro nos dirá se um novo partido constitucional poderá contrabalançar os inimigos da religião e da patria.

Embora desde o brinde de Alger os espiritos estivessem preparados para a encyclica, esta não deixou de produzir uma especie de piedosa revolta em um certo numero de catholicos. Todavia o ensino do Papa encontrou desde o principio a adhesão dos homens rectos e verdadeiramente catholicos. Uma carta de M. du Bourc mostrou aos realistas como, sem nada sacrificarem das suas convicções e das suas esperanças, podiam obedecer ao Papa e trabalhar na salvação da França, abstando-se, nas circumstancias actuaes, de toda a acção directa em favor da monarchia. Outros realistas declararam-se abertamente republicanos. A imprensa censuradora adheriu em grande parte ás declarações pontificias. Finalmente, reuniram-se algumas assembléas, em que a mocidade tomou parte activa, e nas quaes a politica pontificia foi sustentada e aclamada com energia. Tal foi o con-

gresso de Grenoble, celebrado em maio de 1892, onde Mgr. d'Hulst indicou a norma que os catholicos têm a seguir de futuro, e onde outros oradores pronnciaram discursos que lhes valeram cartas de incitamento do cardeal Rampolla. Tal foi tambem o congresso de Lille, onde o conde de Mun formulou declarações muito claras, egualmente approvadas pela côrte de Roma, — o que deve largamente compensal-o dos baixos e perfidos ataques de que o leal soldado de Christo não deixou de ser victima desde então. Tal foi, finalmente, a reunião de Saint-Chamond, onde o padre Garnier e M. Ch. Neyrand proclamaram a mesma doutrina em uma conferencia aos eleitores, a qual foi tambem approvada pelo Santo Padre.

Todavia os catholicos-monarchicos não se desarmaram e continuaram a agitar-se. Alguns fingiram tomar as suas proprias idéas pelas do Santo Padre. Veio desilludil-os uma carta de Mgr. Ferrata, e a commissão directora da *União da França christã* demittiu-se. O barão Tristan Lambert julgou achar um meio de não se afastar nem da direcção do Papa, nem das proprias idéas, na attitude politica a conservar, reclamando a revisão da Constituição em proveito da monarchia. Não era esta a doutrina de Leão XIII.

Ao lado d'estes catholicos, que subordinavam a religião a uma determinada forma de governo, appareceram *regalistas* e gallicanos, que fingiam crer que a encyclica não contrariava de forma alguma a politica monarchica, que devia conservar-se franceza e fóra de toda a influencia estrangeira. As suas doutrinas encontram-se formuladas na declaração de M. Emile Ollivier, que distinguia o catholico do cidadão, devendo o primeiro obedecer ao Papa em materia de fé, o segundo á sua consciencia em materia politica. Esta declaração foi muito commentada. Em uma polemica com o *Moniteur de Rome*, M. E. Ollivier atacou, de uma forma talvez ainda mais viva, a direcção dada em Roma aos catholicos da França, e accusou aquelle jornal de converter um simples conselho do Santo Padre n'um decreto imperativo, interpretando falsamente a attitude do Papa.

A attitude de Leão XIII devia necessariamente desorientar os estados maiores da politica, transportando a lucta para um terreno em que não estavam acostumados a traval-a. Em uma carta que foi muito discentida, o marquez de Breteuil renunciou ao seu mandato parlamentar. Na verdade, tratava-se de abandonar o terreno e deixar o logar a novos chefes n'uma situação nova. Todavia não era justo que se retirassem definitivamente. M. d'Haussonville, em um discurso eloquente e habil, accusou os adherentes de abandonarem os monarchicos e de os considerarem refractarios. Depois tentou demonstrar que eram falsas as qualificações de *definitiva* e *incontestada* que se davam á Republica. Pelo contrario, o barão de Mackau, fallando aos seus eleitores de Carrouges, recommendou calorosamente a politica da adhesão, não porque tivesse alguma cousa a esperar do partido actualmente dominante na Republica, mas porque a salvação só pode vir da união de todos os homens honestos, que, quaesquer que sejam os seus sentimentos, collocam acima das suas preferencias a vontade nacional

e querem liberdade para todos. Inspirava-se assim na linguagem de Leão XIII. A evolução politica de M. de Mackau foi o signal da desaggregação do partido monarchico considerado como partido politico activo. Foi então que se desenfreou a raiva maçónica. O fim do Papa ia ser atingido, e esse fim era a defeza da religião; como não haviam de impressionar-se com isto? Mas como formar o partido constitucional politico? Com todas as pessoas honestas, quem quer que sejam, com tanto que defendam as liberdades necessarias. Porque, em summa, querer tudo logo de principio, é expôr-se a não conseguir cousa nenhuma. Não é de repente que pode mudar-se a face das cousas, mas de vagar, e, como dizia José de Maistre, «com pouco barulho». Um ultimo documento sahindo da penna de Leão XIII veio córoar a primeira phase da sua acção politico-religiosa em França. Foi a carta dirigida ao bispo de Orléans em 31 de outubro de 1892. Confirma n'ella os seus primeiros ensinamentos, censura os monarchicos refractarios, anima os homens generosos que não receiaram seguir a sua norma, apesar dos interesses de toda a especie que podiam embaraçar a sua obediencia.

Tal é, muito imperfeita e descolorida, com certeza, a analyse d'esta parte da obra de Mgr. de T'Serclaës, que, se de um modo especial interessa os leitores francezes, tambem não deixa de ser muito importante para os leitores de Portugal. Esta parte poderia chamar-se — «A verdadeira historia da encyclica» — porque tem todas as qualidades que distinguem as grandes obras historicas: é nitida, clara, muito documentada; fornece a todos os espiritos imparciaes e abertos á luz os meios de julgar friamente e sem preconceito uma politica e um movimento que, dos dois lados oppostos do horisonte, as paixões estranhas aos superiores interesses da religião se comprazeram em desnaturar, desconhecer e combater.

O historiador parou no principio de 1893: mais de dois annos se passaram desde então, e podemos ver, por manifestações ainda muito recentes, que o Santo Padre não se desviou um apice da linha que traçou no caminho aberto aos catholicos francezes e aos catholicos de outros paizes em eguaes circumstancias.



Santo Antonio de Lisboa

EM FRANÇA

I

Portuguezes e paduanos reivindicam a pessoa do maior thaumaturgo e de um dos mais illustres oradores que o seculo XIII produziu. Os primeiros viram-lhe o nascimento, os segundos presenciaram-lhe a morte. Mas uma parte da sua curta e prodigiosa carreira passou-se em França; não tem este paiz tambem o direito de o reclamar como seu? O actual renascimento do seu culto começou em Toulon; o pão de Santo Antonio é uma obra essencialmente franceza, como a maior parte d'aquellas em que a caridade representa um papel: o illustre prégador da fé tem, portanto, mais de um titulo a ser considerado como tambem pertencente á França, e os francezes teem mais de uma razão para se collocarem sob a sua egide.

Entretanto, ha relativamente poucos escriptores francezes que lhe tenham consagrado um livro ou simplesmente uma noticia circunstanciada. Na Italia, em Portugal e na Hespanha, as suas virtudes e os seus milagres foram celebrados por um grande numero de hagiographos; em França, nada ou quasi nada até estes ultimos tempos. Mgr. Ricard, fazendo reviver entre os francezes a illustre memoria do santo, quasi fez uma revelação. O padre Leopoldo de Chérancé, publi-

cando recentemente um volumesinho muito erudito sob a apparencia de uma historia popular de Santo Antonio, acabou de despertar os ecos de uma tradição quasi extincta. E todavia foi no solo francez, foi nas regiões que mais tarde formaram a França ou que já faziam parte d'ella no seu tempo, onde o celebre bemfeitor do povo realisou talvez mais maravilhas e operou mais conversões. Era no momento que a heresia albigense fazia mais estragos no Languedoc. A prégação de S. Domingos e dos seus companheiros obstara aos progressos do mal, mas não o extirpara. S. Francisco d'Assis, seu emulo, quiz associar a ordem dos Frades Menores a esse laborioso apostolado: ninguem achou mais bem preparado para o exercer do que fr. Antonio, que reunia a um zelo ardente o conhecimento profundo da Sagrada Escriptura, em que os albigenes pretendiam apoiar-se. Em fins de setembro de 1224 enviou-o ao convento de Montpellier com uma dupla missão: a renovação dos estudos theologicos, a cruzada espirital contra os manicheus. N'aquella catholica cidade, onde a heresia nunca penetrára, gosava da maior veneração o nome de S. Francisco, que lá estivera dez annos antes, na sua volta da Hespanha. O discipulo herdou-lhe o prestigio, e attrahiu em volta do seu pulpito uma innumeravel multidão. Foi na igreja de Montpellier que a omnipotencia divina operou em seu favor um dos mais admiraveis prodigios que jamais se viram, aquelle que é conhecido pelo nome de milagre da bilocação.

« Celebrava-se uma das grandes solemnidades do anno, provavelmente a da paschoa. Lembrou-se, no principio do seu discurso, de que fôra designado para cantar no côro durante a missa solemne que á mesma hora se celebrava na capella do seu convento, e esquecêra-se de se fazer substituir. Afflicto com este esquecimento, que representava uma infracção á obediencia, inclina-se no pulpito, cobre a cabeça com o seu capuz, e conserva-se por muito tempo immovel e silencioso, com espanto de todos os assistentes. Ao mesmo tempo apparece no meio de seus irmãos, canta o *Alleluia* e desempenha o serviço de que fôra encarregado. Ao cabo de

uma hora recupera os sentidos, levanta-se no pulpito de Nossa Senhora e continúa, com uma eloquencia incomparavel, o sermão que começára. »

Era a segunda maravilha deslumbrante, que ao joven franciscano fôra dado realisar : a primeira fôra a resurreição de um morto operada a caminho de França, em Verceil. Estava inaugurada a sua carreira de thaumaturgo.

Voltando ao seu convento, quiz trabalhar no seu commentario aos psalmos, mas desapparecêra-lhe o manuscrito: furtára lh'o um noviço que fugira com elle. Uma ardente oração do santo restituirá-lhe a posse do precioso volume. D'ahi, sem duvida, a crença popular, justificada por muitos exemplos, de que elle recebêra o privilegio especial de fazer reaparecer os objectos perdidos. Essa crença é quasi tão antiga como o santo, pois encontram-se vestigios d'ella n'um responso composto, pouco tempo depois, por S. Boaventura:

*Cedunt mare, vincula ;
Membra, resque perditas
Petunt et accipiunt
Juvenes et cani.*

Antigas ladainhas em uso na ordem de S. Francisco incluem tambem esta invocação :

« Santo Antonio, que deparas as cousas perdidas, ora por nós. »

Foi tambem ao pé do convento de Montpellier que o bemaventurado, cuja eloquencia era tão poderosa sobre os homens, mostrou, segundo a tradição, que a palavra divina não tinha menos imperio sobre os animaes : o coaxar de um povo de rãs n'um tanque visinho perturbava o recolhimento dos religiosos ; ordenou o santo aos ruidosos batrachios que se calassem, e foi obedecido immediatamente. D'este prodigio encontram-se analogos na vida de alguns santos.

De Montpellier, fr. Antonio foi transferido para Tolosa. Ahi achou-se em contacto mais directo com os herejes, e converteu um grande numero d'elles. Valeu-lhe um enorme

triumpho o milagre da mula que, por ordem do servo de Deus, desafiado por um dos chefes da seita, deixou a ração para se prostrar deante da sagrada custodia. Desde então chamaram-lhe *martello da heresia*.

No Puy, onde depois foi chamado para desempenhar as funções de guardião, em Bourges, onde assistiu a um concilio nacional, celebrado com o intuito de se conseguir a pacificação das provincias do meio-dia e a extincção do manicheismo; em Arles, aonde o chamou um capitulo provincial, finalmente em Limoges, onde pela confiança de seus irmãos foi elevado ao importante cargo de *custodio*, isto é, superior de alguns conventos, a sua santidade revelou-se por manifestações do mesmo genero. N'esta ultima cidade prégava um dia n'uma arena antiga, porque nas egrejas não cabia a multidão que d'elle se acercava. Subira a um pequeno estrado de madeira, que comsigo levava para toda a parte, e já tinha começado o seu discurso, quando de repente se desencadeia uma terrivel tempestade que ameaça submergir o auditorio. « Não temaes, exclama elle; a chuva não vos ha de molhar. » E os fieis continuam a ouvil o, confiados na sua palavra; e nem um d'elles se molhou, ao passo que toda a cidade ficou inundada. Ainda hoje existem restos da arena de Limoges. Estava situada n'uma elevação, aberta a todos os ventos, sem refugio nem abrigo de especie alguma, o que fazia o prodigio mais admiravel. Hoje estende-se um passeio publico n'aquelle logar consagrado pelo poder do glorioso thaumaturgo. A sua estatua devia erguer-se alli, magestosa e triumphante. Ninguém se lembra de a reclamar.

Todo o Limousin, todo o Auvergne ouviram a fama dos seus beneficios e das suas prégações, até ao dia em que fr. Antonio foi chamado a Roma, depois da morte de S. Francisco d'Assis. Assim, pois, uma boa parte da França foi, como dissémos, theatro das suas pacificas empresas.

II

Todavia, esse dom sobrenatural da palavra sagrada em parte nenhuma sobreviveu gravado no pergaminho. Os sermões que de Santo Antonio de Lisboa possuímos, pelo menos os que foram publicados com o seu nome, apenas dão uma leve idéa d'essas torrentes de eloquencia que tudo arrastavam na sua passagem. Propriamente fallando, são apenas esboços, como a maior parte dos que a sua época nos legou. Admittindo que na substancia todos sejam authenticos, o que só poderia demonstrar-se por um estudo paciente e profundo, com certeza não são authenticos na forma; e, na verdade, não se explicaria bem que uma geração tão sensível aos lances mysticos, ás exhortações inflammadas, se deixasse seduzir até áquelle ponto por simples commentarios dos textos sagrados, como são exclusivamente ou com pouca differença as obras do illustre orador popular qualificadas de sermões.

« Não são — diz o padre Leopoldo de Chérancé, fallando da serie *de tempore* composta por Santo Antonio — não são discursos acabados, mas notas e applicações moraes da Sagrada Escriptura. Percorrendo essas notas, encontramol-as pallidas e frias. Tal é a sorte do orador. Aquelle homem, que apaixonou uma geração inteira, desce com ella ao mesmo silencio. A sua voz e a voz das multidões que o applaudiram foram-se desvanecendo atravez dos tempos, como se desvanecem no espaço os sons melodiosos do órgão. O teclado emmudeceu, e não é possível imaginar ou reproduzir as ondas de harmonia que d'elle sahiam. »

Provém ainda de outra causa a falta de fidelidade das reproducções dos sermões de que se trata. Essa falta está na regra geral d'aquelle tempo, segundo a qual, ou pela careza do pergaminho ou por qualquer outro motivo, os discursos pronunciados no pulpito eram simplesmente resumidos pelos seus auctores, antes ou depois de proferidos, e as mais das vezes pelos *reporters* (*reportatores*) que se encontravam no auditorio. Foi o que succedeu com as obras oratorias de

Mauricio Sully, Guilherme d'Auvergne, Santo Thomaz d'Aquino, S. Boaventura e tantos outros. Pouquissimas são as excepções: possuímos do antigo trovador Elinand, que depois foi monge cisterciense, algumas homilias escriptas na integra; um anonymo da Picardia reuniu o texto integral de um curioso sermão francez, pronunciado em Amiens na sagração da cathedral d'aquella cidade. Mas estes raros exemplos, pela differença que os distingue dos trechos curtos e aridos dos sermonarios da época, levam-nos ao conhecimento de que estes são apenas analyses, esboços, sobre os quaes o prégador discorria livremente no pulpito.

Foi por isso que se attribuiram a certos oradores celebres pretendidas obras oratorias, que nada teem de sermões e que parecem mais tratados que discursos. O limite entre estes dois generos torna-se assim quasi inaprehensivel; e é precisamente isso que succede com certos escriptos de Santo Antonio, com as suas explicações aos psalmos, por exemplo, que umas vezes são collocadas na cathegoria dos *Commentarios* ou das *Exposições*, outras vezes classificadas entre as homilias. É muito verosimil que essas composições realmente lhe pertençam, porque um dos seus contemporaneos e amigos, Bartholomeu de Trento, nos attesta que fr. Antonio compilou tratados e sermões (*libros et sermones compilavit*); phrase que indica bem uma especie de indistincção entre uns e outros. Mas é duplamente impossivel, em razão da forma e da brevidade, que por elle fossem recitados aos fieis taes como os manuscritos os reproduzem.

Um dos mais bellos fragmentos da sua *Expositio in Psalmos* justifica só por si o que acabo de dizer:

« Quem me dera azas como a pomba, e voaria ao meu asylo para lá descansar em paz. Tal é o grito de uma alma cansada do mundo e suspirando pela solidão e pelo santo repouso da vida do claustro.

« Ó vida religiosa, era de ti que fallava o propheta, quando disse: *Deixae as cidades, habitantes de Moab, e vivei nos penhascos: e sede como a pomba, que faz o ninho no mais alto da bocca da gruta.*

« *Deixae as cidades*, isto é, os vícios que as deshonram, o tumulto que n'ellas impede as almas de se elevarem a Deus e de pensarem n'elle. *Deixae as cidades*, porque o Senhor disse: *Eu sou Santo e não entrarei na cidade. De dia e de noite ahí ví a iniquidade, que reina em volta dos seus muros; no meio da cidade encontram-se os trabalhos da iniquidade; a usura e o embuste não podem desapparecer das suas praças publicas.* Na verdade encontra-se nas cidades a iniquidade contra Deus e contra o proximo, a contradicção ao prégador e á verdade, o trabalho nos ambiciosos cuidados do seculo, a injustiça nas obras, o embuste nas relações, a usura nas transacções, etc.

« *Habitantes de Moab*, isto é, do mundo cheio de orgulho como Moab. Tudo é orgulho no mundo: orgulho do espirito, que não quer humilhar-se perante Deus; orgulho da vontade, que recusa submeter-se á vontade de Deus; orgulho dos sentidos, que se insurgem contra a rasão e a dominam... Mas basta deixar o mundo? Affastar-se do tumulto das cidades, abster-se dos seus vícios, não deve bastar para a alma religiosa. Eis porque o propheta accrescenta: « *Vivei nos penhascos* » etc.

O padre Leopoldo de Chérancé, a exemplo de alguns outros, apresenta-nos este trecho como pertencente ao sermão pronunciado por Santo Antonio na abbadia de S. Martinho de Limoges, sobre a excellencia da vida monastica. Mas vê-se que o trecho não é mais que um commentario da Escripura. A forma oratoria, a vida, a familiaridade habitual aos prégadores d'aquelle tempo, tudo falta no trecho citado, que encerra idéas para desenvolver, mas não contém o desenvolvimento. É impossivel illudirmo'-nos, comparando estes pretendidos discursos com as raras homilias do seculo XIII cujo texto possuimos na integra.

III

Mas, quer tenhamos quer não os verdadeiros sermões de Santo Antonio, nem por isso é menos certo que elle illustrou

a França com o seu talento de orador e com os seus milagres. « Trabalhou elle mais que ninguem — diz o padre Leopoldo de Chérancé — no levantamento e na grandeza moral do nosso paiz. A França não lhe ha de ser ingrata. Ha de dar-lhe um lugar distincto ao lado de Gusmão, no culto de honra e admiração que presta aos seus melhores libertadores, a esses homens eleitos que a Providencia lhe envia, nos maus dias, para a salvar do erro ou da anarchia. Ha de ser o seu santo popular por excellencia, como foi o apostolo popular. Os pequenos, os humildes, os habitantes das aldeias, os convertidos das grandes cidades, os que elle tiver curado ou consolado, hão de celebrar-lhe os seus beneficios, conservar a tradição dos seus milagres e erigir-lhe altares; e o tempo, que tudo extingue, deixará a sua memoria cada vez mais viva. O seu culto será popular para todos. E é isto para admirar? Um santo com certeza não é estrangeiro em parte alguma, porque a Igreja é a patria das almas. Mas, quando elle derramou o seu suor n'este pedaço de terra que habitamos e ahi multiplicou os milagres, tem direito a um culto mais intimo, mais vivaz, mais fervoroso: é duas vezes nosso irmão. »

Accrescentarei que ha talvez uma razão especial, uma razão providencial, para o maravilhoso reaccendimento do culto de Santo Antonio entre o povo francez. Deus concede a cada seculo, a cada geração, os santos cujo auxilio lhes é mais necessario. No momento em que o luxo e a cupidez começavam a exercer na França o seu cruel dominio, vimos elevar aos altares o santo da pobreza heroica, um mendigo por profissão e por gosto, Bento Labre. Quando o ensino christão do povo precisou mais que nunca de defensores, foi beatificado o veneravel de la Salle. O verdadeiro patriotismo vae-se; a França será em breve ameaçada na sua existencia pela invasão do cosmopolitismo socialista e anarchista: apraz-me esperar que será essa a hora escolhida pela Providencia para a canonisação de Joanna d'Arc, a santa nacional, o anjo da patria.

Ora, qual é a causa porque vemos resurgir, apparente-

mente com tão pouca oportunidade, o culto dos grandes thaumaturgos, como S. Martinho, Santo Antonio de Padua, etc.? Porque o milagre escandalisa-nos, porque elle é abominado pelos livres pensadores actuaes; porque já não queremos ouvir fallar do sobrenatural, e, quando por acaso escrevemos a vida de algum santo, só o podemos fazer, se quizermos ser tomados a serio, dissimulando com prudencia o elemento maravilhoso de que essa vida está cheia. O materialismo que nos esmaga tem por antipoda e por antidoto a crença no milagre. É essa crença que ha de curar-nos da incredulidade, e é o culto dos thaumaturgos, é a sua intercessão, são os seus ensinamentos, é a sua historia, que, familiarisando-nos mais com a idéa do sobrenatural, nos fará comprehender a realidade e a continuidade da intervenção de Deus nas cousas humanas.

D'ASSIGNY.



OS MILAGRES DE LOURDES

E AS OBJECÇÕES DOS MEDICOS

Conferencia lida na Academia dos Arcades, em Roma,
em 20 de fevereiro de 1895, pelo Doutor José Lapponi,
medico particular de Sua Santidade Leão XIII

(Conclusão de pag. 347)

V

Mas, dirá alguém, não era a fonte a prova pedida pela pastora para estabelecer a verdade das aparições. A instancias do bom párocho de Lourdes, ella pedira o reflorescimento da roseira da gruta, que os rigores do inverno tinham desfolhado. Porque é que, em vez da prova pedida, a Senhora dá uma outra que não foi reclamada?... Porquê?...

Pela mesma razão que faz com que um velho, prudente e cheio de experiencia, não quer consentir nos caprichos de uma creança.

O florescimento da roseira não teria passado além de algumas semanas, e o milagre teria poucas testemunhas; ao passo que a fonte corria constantemente, e, durante longos annos, toda a gente podia verificar a sua presença e estudar-lhe as origens.

As flores, folhas e ramos da roseira teriam sido só para alguns occasião das graças do céu: pelo contrario, a fonte foi, é e será, para um numero infinito de pessoas, o canal

abundante e inesgotavel dos favores que, como orvalho celeste, a Senhora espalha no universo inteiro.

Se o pedido de Bernardette fosse attendido, se a roseira tivesse florido, que credito dariam os scepticos ás raras testemunhas que affirmassem o facto? Não diriam que essas testemunhas foram victimas de uma auto-sugestão inconsciente? Não poderiam dizer, com visos de razão, que a roseira que lhes pareceu florida não o estava de facto, e que foram enganados pelo vivo desejo de a ver florir, depois de uma supplica ardente?

E se estas considerações não bastarem para satisfazer aquelles que indagam os motivos por que a Senhora preferiu ao testemunho pedido uma prova da sua escolha, perguntarei eu tambem: « Um inferior tem o direito de vincular a liberdade do seu superior? E não erra esse o caso de Bernardette, perante aquelle Ser superior que depois lhe disse: « Eu sou a Immaculada Conceição? »

Fica, pois, estabelecido, que todas as objecções levantadas em nome da sciencia medica contra as miraculosas visões de Bernardette Soubirous, nas grutas de Massabielle, nos arredores de Lourdes, não tem valor algum.

VI

Devemos dizer o mesmo relativamente ás objecções que, com o mesmo titulo, se levantam contra as curas realisadas pelas aguas que brotam maravilhosamente dos rochedos d'aquella gruta.

Ponhamos de parte as curas que, embora extraordinárias, poderiam todavia obter-se pelas simples forças da natureza. São estranhas, mas não são scientificamente absurdas; é por isso que não devemos classificar-as entre os milagres. Entretanto, pode observar-se que, se á sua habitual raridade se opposer a frequencia com que se verificam em Lourdes, mostra-se que ha n'ellas um poder que não se revela em mais parte alguma. E, se não nos é permittido qualificar-as de milagre, pode dizer-se ao menos que foram graças, isto é,

factos em que o soccorro divino, por intercessão da Virgem, secundou e facilitou os esforços naturaes das forças organicas.

Posto isto, consideremos só as objecções dos nossos adversarios em relação aos factos extraordinarios que a natureza é incapaz de produzir, no fundo ou na forma, e que os crentes, segundo os juizos da Igreja, proclamam milagres.

Para tirar a semelhantes factos o seu verdadeiro caracter, começou-se por affirmar que foram illusorias as doenças, o seu periodo, a sua gravidade, e portanto tambem as curas.

Mas quem ousará chamar illusorias a doenças reaes, graves, existentes ha muitos annos, rebeldes a todos os tratamentos e a todos os methodos, acompanhadas ora de deterioração organica, ora de fetidas e horriveis ulcerações, e ás vezes de enormes tumores solidos?

Quem ousará qualificar de illusorias doenças declaradas incuraveis por medicos sabios, probos, honestos, conscienciosos?

Suppondo que taes doenças possam chamar-se illusorias, quando falta o certificado do medico ou do cirurgião, poderia suppor-se o mesmo quando pessoas experimentadas, competentes, prudentes, integras, certificaram que ellas eram incuraveis e dentro de pouco tempo fataes?

E que ha de dizer-se quando medicos pouco leaes, depois de terem declarado que certa doença é impossivel de curar, recusam attestal-o assim por escripto? Teremos n'este caso o direito de invocar a illusão? De certo não. Se assim fosse, os negadores do milagre não teriam perdido a occasião de o proclamar aos quatro ventos, citando nomes de pessoas.

Mas os medicos podem fazer um diagnostico falso ou errôneo.

Concedo que um homem considerado individualmente possa enganar-se; mas quando muitos experimentados na sciencia, em épocas, circumstancias e logares diversos, depois de terem estudado o mesmo facto, o apreciam da mesma forma, não posso admittir que todos cahissem no mesmo erro; devo concluir, pelo contrario, que elles observaram bem os

factos e que o seu juizo assenta em regras scientificas, precisas e certas.

Ora é isto o que se tem dado relativamente a um numero incalculavel de doenças curadas pelas aguas de Lourdes. Portanto não é logico pensar aqui na possibilidade de um erro. E, suppondo mesmo que o erro se deu isoladamente, não deveriamos acceital-o como regra.

Portanto, as doenças assim curadas por milagre não são illusões; e teremos o direito de applicar esse nome ás proprias curas?

Uma illusão, a vista restituída aos cegos! Illusões, feridas antigas cicatrizadas em poucos instantes! Illusões, grandes tumores solidos subitamente desapparecidos! Illusões, tuberculosos restabelecidos, membros disformes restituídos ao natural, paralyrias vencidas, caries dos ossos curadas, fracturas compostas, moribundos cheios de vida n'um momento!

Illusões, factos tão surprehendentes attestados pelas testemunhas, pelas familias consoladas, pelos espectadores deslumbrados, pelos medicos surprehendidos!

Illusões, factos tão verdadeiros, testemunhados irrecusavelmente e perpetuamente por vestigios visiveis e palpaveis, taes como as cicatrizes e as depressões dos tegumentos e tecidos internos!

Oh! verdadeiramente santas e felizes illusões! Como seria para desejar que n'este valle de lagrimas ellas se repetissem muitas vezes!...

VII

Sem negar as doenças nem a sua cura, alguns combatem os milagres de Lourdes, dizendo que são fructo de uma suggestão: é a fé viva, a esperança firme, uma preparação longa e inconsciente, o spectaculo de procissões solemnes, a harmonia dos cantos, as luzes e outras influencias que ferem a imaginação das victimas.

Mas quando se trata de creanças ou de moribundos, onde

está a suggestão, a preparação, as impressões no espirito? E quando se trata de individuos não preparados, indispostos contra o milagre, quasi atheus? e de individuos que recusaram obstinadamente o recurso á Virgem, e até despresavam as prerogativas do seu poder?

E todavia, quantos assim têm sido salvos pelas aguas de Lourdes, muitas vezes contra sua vontade, por effeito de uma intercessão estranha e caridosa!

Se a suggestão pode exercer semelhante influencia nos males da nossa pobre natureza, como é que a não exerce perante o fausto e a magnificencia das nossas pompas civis, ou em presença dos admiraveis espectaculos choreographicos dos nossos theatros?

Que falta então para impressionar os sentidos e a imaginação? Ah! sim, comprehendendo: o que falta é a fé viva em Deus, essa fé unica que pode operar milagres!

É essa fé que, pelas aguas de Lourdes, pode realizar prodigios, mesmo longe da gruta, sem preparativos susceptiveis de influencia.

E venham attestal-o em meu logar os numerosos miraculados que, na impossibilidade de sahirem de suas casas, experimentaram todavia a salutar efficacia das aguas de Lourdes.

Admittindo que a suggestão opera milagres em Lourdes, em razão das pompas externas e das emoções do coração unidas á viva fé e á firme esperanza, qual a causa por que os não produz tambem todos os dias em sanctuarios celebres, onde os doentes se encontram nas melhores condições de devoção e de fé, e onde se patenteiam, com a maior solemnidade, ceremonias commovedoras?

Qual é a causa por que, até em Lourdes, com a mesma fé, a mesma esperanza, o mesmo culto, succede, como no fim da peregrinação franceza de 1890, dirigida pelo R. P. Picard que, contra a expectativa de todos, não se viu infelizmente nenhum prodigio, não se alcançou uma simples graça?

Não é isto uma prova clara e peremptoria de que a suggestão nada tem que ver na historia das maravilhas de Lour-

des? Não é isto um testemunho irrefutavel de que assim o dispoz o bom Deus, para estabelecer que é só Elle o auctor immediato de todas as maravilhas de Lourdes?

A sciencia, apoiando os nossos dados, ensina-nos que as curas de doenças, obtidas pela suggestão, nunca satisfazem completamente; ora, as que se têm realisado pelas aguas de Lourdes foram, todas sem excepção, completas e duradouras. Portanto não são devidas á suggestão.

Como se sabe, alguém tem citado algumas curas imperfeitas e ephemeras obtidas na mesma fonte. Mas ha fortes presumpções de que esses casos, nunca admittidos ou demonstrados como authenticos, foram perfidamente collocados ao lado dos verdadeiros, para que depois podessem desacreditar-se todos os outros.

A sciencia accrescenta: a suggestão apenas pode curar certas doenças, as que teem um caracter neuropathico, provenientes de um abalo do systema nervoso, sem alterações anatomicas substanciaes. Mas em Lourdes, dentro de muito pouco tempo, viram-se curadas pelo milagre muitas doenças de nervos, enfermidades organicas de todas as especies, sem excluir os cancos, as formas variadas da tuberculose, a carie e fractura dos ossos.

Logo, nas curas obtidas na gruta de Massabielle, devemos excluir absolutamente a suggestão, ao menos relativamente a uma grande parte das doenças; admitto que realmente a suggestão tem uma grande força curativa, mas não pode ser invocada para explicar a maior parte das curas de Lourdes.

Concedam-lhe a maior efficacia possivel; ha todavia um facto que desafia qualquer explicação, tão notavel que é.

Na piscina de Lourdes banham-se todos os individuos sem distincção, ás vezes atacados de doenças que depositam na agua secreções morbidas e fragmentos; são outros tantos germens de morte que lá ficam e se accumulam. Como é que então as aguas, em tudo eguaes ás outras aguas potaveis, e não contendo nenhum principio neutralizador mineral ou de qualquer especie, nunca produziram infecção? e como se explica que, postas em contacto com partes lesadas e sangren-

tas, nunca produzem inoculação, e pelo contrario curam o membro ferido? ¹⁾

A suggestão poderia tirar a esses germens a sua influencia mortifera ou imprimir aos organismos doentes a propriedade de lhes resistirem? Quem entre os naturalistas ousaria sustentar semelhante these?

VIII

É portanto de balde que os incredulos assentam objecções em sophismas, para amesquinharem a grandeza dos maravilhosos acontecimentos de Lourdes. Essa mesma luz da sciencia medica, para que appellam, faz com que essas objecções e esses sophismas se dissipem como neveiros ao sol; essa sciencia mostra que elles não têm fundamentos, são insustentaveis, inadmissiveis.

Chegámos portanto á conclusão de que nem as allucinações, nem as illusões offerecem a chave dos grandes prodigios de Lourdes.

Se alguem quizer repetir a velha phrase de que — «Não conhecemos ainda todos os segredos da natureza» — concedo; não conhecemos ainda todos os segredos da natureza, mas conhecemos das suas leis o sufficiente para afirmar que tudo o que se oppõe a essas leis é physicamente impossivel.

Ora é precisamente essa impossibilidade physica que se verifica todos os dias em Lourdes, inexplicavel para a sciencia, a mais convincente demonstração e a prova mais certa da intervenção de Deus nos acontecimentos humanos.

A evidencia do sobrenatural em Lourdes é de tal forma clara e palpavel, que, ou devemos crer, ou devemos renunciar a todos os principios da razão.

¹⁾ Na *Riforma Medical*, de Napoles, 8 de feveiro de 1895, vol. I, pag. 391, lê-se: «Max Edel achou a quantidade numerica dos germens que se encontram na agua em que um individuo se banhou. Depois de um banho que elle proprio tomou, e que decerto estava limpo, encontrou na agua 3.180.000:000 germens! Só o pé deixou no liquido 180.000:000 germens! A gente estremece ao pensar o que deve ser um banho de pessoas para quem a limpeza é um mytho.» Assim se exprime aquella revista. Que será a agua da piscina de Lourdes em que se banham pessoas de toda a especie, cheias de feridas purulentas e cobertas de secreções hediondas?

IX

As allucinações, as illusões e as suggestões, que não podem explicar certos phenomenos physicamentè impossiveis e todavia realisados em Lourdes, tambem não explicam um phenomeno moral digno de particular attentão.

Refiro-me á affluencia, cada vez mais consideravel, de pessoas de todas as classes sociaes que, attrahidas por uma menina, vêm visitar uma gruta perdida n'um canto quasi ignorado da terra.

Um facto de tal importancia moral mais uma vez affirma o milagre e demonstra a puerilidade e inanidade das objecções que uma sciencia mal comprehendida ou mal representada oppõe aos factos prodigiosos de Lourdes. Porque é incomprehensivel que a humanidade inteira se deixe arrastar, ha mais de um terço de seculo, pelas allucinações de uma pastora simples e ignorante.

Examinando as ineffaveis maravilhas de Lourdes, o proprio Zola confessou a Lasserre que Bernardette não podia ser uma allucinada, mas que foi, pelo contrario, o instrumento d'esse grande alem-mundo que domina a existencia humana.

A historia refere-nos muitas outras commoções sociaes, provocadas por visões que a principio se reputavam sobrenaturaes, e que depois foram reconhecidas como sonhos de cerebros debilitados. Mas a historia accrescenta que ellas foram ephemeras e que as suas consequencias foram desastrosas.

Nada, absolutamente nada de tudo isto se deu em Lourdes: ou os acontecimentos da gruta de Massabielle são miraculosos, ou é um milagre perpetuo o concurso sempre crescente dos visitantes que lá affluem, ha trinta e cinco annos, arrastados pela fé.

X

Conservem-se no silencio, em vez de abusarem vergosamente da sciencia, os negadores dos milagres de Lour-

des. E curvem a sua frente orgulhosa perante a pura e sublime grandeza d'aquella que, do alto dos rochedos de Massabielle, se dignou espargir os seus beneficios e as suas graças sobre a familia humana.

Offender tão grande bondade é commetter um crime de lesa humanidade. (Zola).

E se os preconceitos de uma educação e de uma philosophia sem fé, preconceitos animados pela tibieza e pelo respeito humano, podem ainda suggestionar tão mal a respeito de Lourdes tantas pessoas, e impedil-as de conhecer e confessar a verdade, queira a Virgem Augusta realizar a sua obra de salvação, libertando os espiritos das trevas e da funesta seducção do erro. E até dos corações descrentes levantar-se-ha então um hymno de louvores, como expressão do grande e desejado prodigio realizado em Lourdes pela Santa Virgem!



V A R I A



A Congregação benedictina na Australia, nos Estados-Unidos e na Hespanha — O *Australian Catholic Directory*, de 1895, publica as seguintes curiosas noticias sobre a ordem benedictina na Australia.

Na archi-diocese de Sidney, cujos primeiros prelados foram os benedictinos Mgr. Bède Polding († 1877) e Mgr. Bède Vaughan († 1883), habitam alguns benedictinos da Congregação ingleza, D. Sheehy, arcypréste de Ryde e consultor diocesano, D. Sheridan, director das Irmãs de S. José em Kincumber, D. O'Connell na Tasmania e D. B. Callacher em Sidney.

O mosteiro de benedictinas de Subiaco (Paramatta), fundado a 2 de fevereiro de 1848 e collocado sob a direcção de Maria Walburge Wallace, conta 22 religiosas e dirige um pensionato.

As Irmãs do Bom Samaritano, da ordem de S. Bento, fundadas em Sidney a 2 de fevereiro de 1857, possuem 18 comunidades e 144 religiosas, que se dedicam ao ensino e dirigem a casa do retiro de Santa Magdalena em Tempe (Cook's River).

A abbadia *nullius* da Nova Nursia (Australia occid.) é dirigida por Mgr. Rosendo Salvado ¹⁾. Esta missão foi inaugurada no 1.º de março de 1846 por dois monges hespanhoes, D. José Serra e D. Rosendo Salvado, a fim de trabalhar na civilisação dos

¹⁾ O traductor d'estas linhas teve a ventura de falar, em Caminha, em setembro de 1866, com este veneravel e benemerito Prelado, que deve ter hoje mais de 80 annos. É uma gloria da Hespanha.

indigenas. Sagrado a 15 de agosto de 1849 bispo de Porto Victoria, Mgr. Salvado não poude tomar posse da sua diocese, porque no mesmo anno da sua sagração, toda a população europea abandonou Porto Victoria. Retirou-se por isso á sua antiga missão que foi reconhecida abbadia *nullius*, resignou a Sé de Porto Victoria a 1 de agosto de 1888 e foi nomeado para a Sé titular de Adrana a 29 de março seguinte.

Desde então Mgr. Salvado recebeu como coadjutor com direito de successão, o seu prior D. F. Dominguez. O mosteiro conta 5 sacerdotes e 48 irmãos. Dirige duas escolas para os negros e sustenta cem indigenas. O priorado de Murah é occupado por um Padre e 6 Irmãos; a residencia de Wynning, por 6 Irmãos.

A diocese de Auckland tem por bispo Mgr. Edmond Luck, benedictino, sagrado a 13 de agosto de 1882. O priorado de S. Bento de Newton, occupado por 5 Padres, administra 3 missões.

A cidade de Chicago tem um convento de benedictinos da lingua tcheque. A instancias do arcebispo d'aquella cidade, acaba de estabelecer um outro mosteiro da Ordem de S. Bento.

A Academia real de historia, de Hespanha, consultada pelo governo sobre a oportunidade de entregar aos Padres franciscanos a antiga abbadia de Nossa Senhora de Najera, applaudiu com entusiasmo o pedido d'aquelles religiosos. A veneravel abbadia, á qual estão ligadas tão grandes recordações, foi classificada, a 17 de outubro de 1889, entre os monumentos nacionaes. Todavia, a penuria do thesouro publico não permittia que fosse restaurada, e, como tantos outros monumentos, a abbadia real de Najera estava prestes a ser um montão de ruinas informes. A Academia pediu com urgencia a sua restauração e entrega aos religiosos franciscanos.

« A famosa abbadia de Rioja, diz o relatorio da Academia, augmentará felizmente o catalogo, por infelicidade restricto, dos monumentos artisticos que vão dever a sua salvação a estas felizes applicações modernas.

« O Escorial deve a sua salvação aos padres agostinhos; a Universidade d'Alcalá, aos Padres das Escolas Pias; Santo Estevam de Salamanca, aos dominicanos; S. Domingos, de Silos, aos

benedictinos; S. Zoil de Carrion e Santa Maria de Vernela, aos Padres jesuitas, etc. Não se pôde garantir d'um modo mais certo a salvação de taes edificios, do que confiando a numerosas corporações, de vida religiosa e tranquilla, o cuidado das bellezas artisticas espalhadas em vastos recintos. Foram essas corporações que construíram aquelles monumentos, a ellas é que pertence a a sua restauração. (*Boletín de la Real Acad. de la Hist.*, março, 1895, pagg. 151 a 154) »

Compare-se o que succede em Hespanha com o que succede entre nós com tantos e tão preciosos monumentos levantados pelos frades e que estão, uns em ruinas, outros convertidos em cocheiras, cavallariças, armazens e cousas ainda peiores. Do historico e famoso convento de bernardos em Bouro, houve um senhor litterato, muito avariado, que disse verdadeiras barbaridades, com o charlatanismo que lhe é peculiar.

O catholicismo no Mexico. — Graças á poderosa energia do presidente Diaz, parece que já lá vae o tempo das perseguições violentas e das mesquinhas discordias no Mexico. Em muitos Estados as leis chamadas da Reforma, que prohibiam toda a manifestação exterior do culto catholico, sob penas que variavam entre a multa e a prisão, agora são applicadas com mais suavidade ou completamente esquecidas na prática. As cõmmunidades religiosas de homens e de mulheres reformam-se pouco e pouco, mantendo-se o governo quasi indifferente a esse respeito. As obras de zelo e de caridade desenvolvem-se com uma força egual áquella com que foram embaraçadas durante trinta annos. As admiraveis Irmãs de caridade, expulsas em 1874 por Lerdo de Tejada, reapparecem com nomes e habitos differentes. Amesquinhado na sua situação social, o clero, sem tomar parte na vida politica do paiz, reconquista o respeito e veneração que a sciencia e a virtude asseguram, mesmo nos espiritos sectarios.

O episcopado mexicano nunca foi mais zeloso nem mais sabio. Mgr. Alarcon, bispo do Mexico, tem um tanto da vida de S. Francisco de Sales. Muitas instituições pias receberam, sob a

sua paternal direcção, um vigoroso impulso a que o Mexico não o estava acostumado ha muito tempo. Um sacerdote hespanhol de grande merecimento, o R. P. Vilaseca, poude, apesar dos mil obstaculos que servem como que de base ás obras divinas, estabelecer, em plena capital, sob o nome de Congregação de S. José, uma numerosa sociedade de missionarios destinada, segundo o pensamento do seu fundador, á evangelisação dos indios mais abandonados; sociedade a que a Santa Sé já prodigalisou testemunhos de estima, e que, desde os seus principios, não hesitou em enviar os seus membros para as pobres dioceses de Chilmahua, Tabasco e Chiapas.

Não fallaremos agora das outras ordens religiosas existentes no Mexico. Bastará dizer que ellas se retemperaram na perseguição, que todas consagram a actividade do seu zelo á propagação ou conservação da fé nas almas.

O que acabamos de dizer da archi-diocese do Mexico pode applicar-se com não menos verdade ás outras dioceses da Republica. Por toda a parte se vê a renovação, rejuvenescimento de primavera. Assim como, após as noites de tempestade, o homem encontra a terra mais bella e florida, assim, depois da perseguição, as obras divinas encontram para os seus germens um solo mais firme e mais fecundo. Em Guadalaxara, o longo e glorioso episcopado de Mgr. Loza gastou-se na restauração dos estudos ecclesiasticos e na formação de novas dioceses, cujos titulares, cuidadosamente escolhidos entre o cabido d'aquella metropole, são theologos como Mgr. Silva, bispo de Colima; ascetas como o primeiro bispo de Tépíc; apóstolos infatigaveis como Mgr. Lopez, primeiro arcebispo de Monterey. Guadalaxara possui no seu seminario uma das duas faculdades de Theologia que existem no Mexico; a outra está em Merida, no Yucatan, a cargo dos Lazaristas.

N'esta expansão da vida catholica distingue-se muito especialmente a bella diocese de San Luis Potasi. Mgr. Montes de Oca, não menos conhecido na Europa que na America, resume na sua pessoa o theologo consummado, o administrador habil, o orador sublime e o poeta de elevada inspiração. Polyglotta emerito, falla e escreve o francez e o inglez com tanta elegancia

e facilidade como a sua propria lingua. Revelou-se como hellenista distinctissimo, traduzindo Pindaro. Os seus seminarios, dirigidos pelos lazaristas, fornecem-lhe uma phalange de sacerdotes illustrados e piedosos que são a gloria de um episcopado já longo e cheio de merecimentos.

Em Oaxaca, o metropolitano d'esta nova provincia ecclesiastica, Mgr. Guillow, graças a uma feliz administração, conseguiu converter uma diocese, onde tudo estava por fazer, n'um foco de vida sacerdotal, n'um alfobre de homens de vanguarda. Foi lá que ha dois annos se celebrou o ultimo concilio mexicano, de maneira que o berço das leis chamadas da Reforma parece destinado a ser tambem o berço da Reforma ecclesiastica. Fallando d'esta nova provincia, não ousariamos omittir um nome universalmente venerado no Mexico, o nome de um Francisco Xavier mitrado. Referimo'-nos a Mgr. Mora, bispo de Tehuantepec, verdadeiro Lavigerie mexicano. Se nos lembrarmos d'esses bispos dos primeiros seculos, doutores e santos ao mesmo tempo, grandes na Igreja e grandes entre o povo, teremos formado uma idéa do apostolo do isthmo!

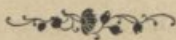
No primeiro de maio ultimo, a cidade do Mexico presenciou um acontecimento que tarde esquecerá. Tratava-se da sagração do novo bispo de Vera Cruz, Mgr. Pagaza. Toda a aristocracia mexicana, incluindo a esposa do general presidente Diaz, se dirigira á igreja da *Professa*, adornada como Nossa Senhora de Paris nos dias das grandes solemnidades. É que o eleito do Senhor era um d'esses homens em cuja fronte brilha a faisca do genio das lettras e das sciencias! É que todo o Mexico saudava na sua pessoa um apostolo destinado a fazer a gloria do seu episcopado.

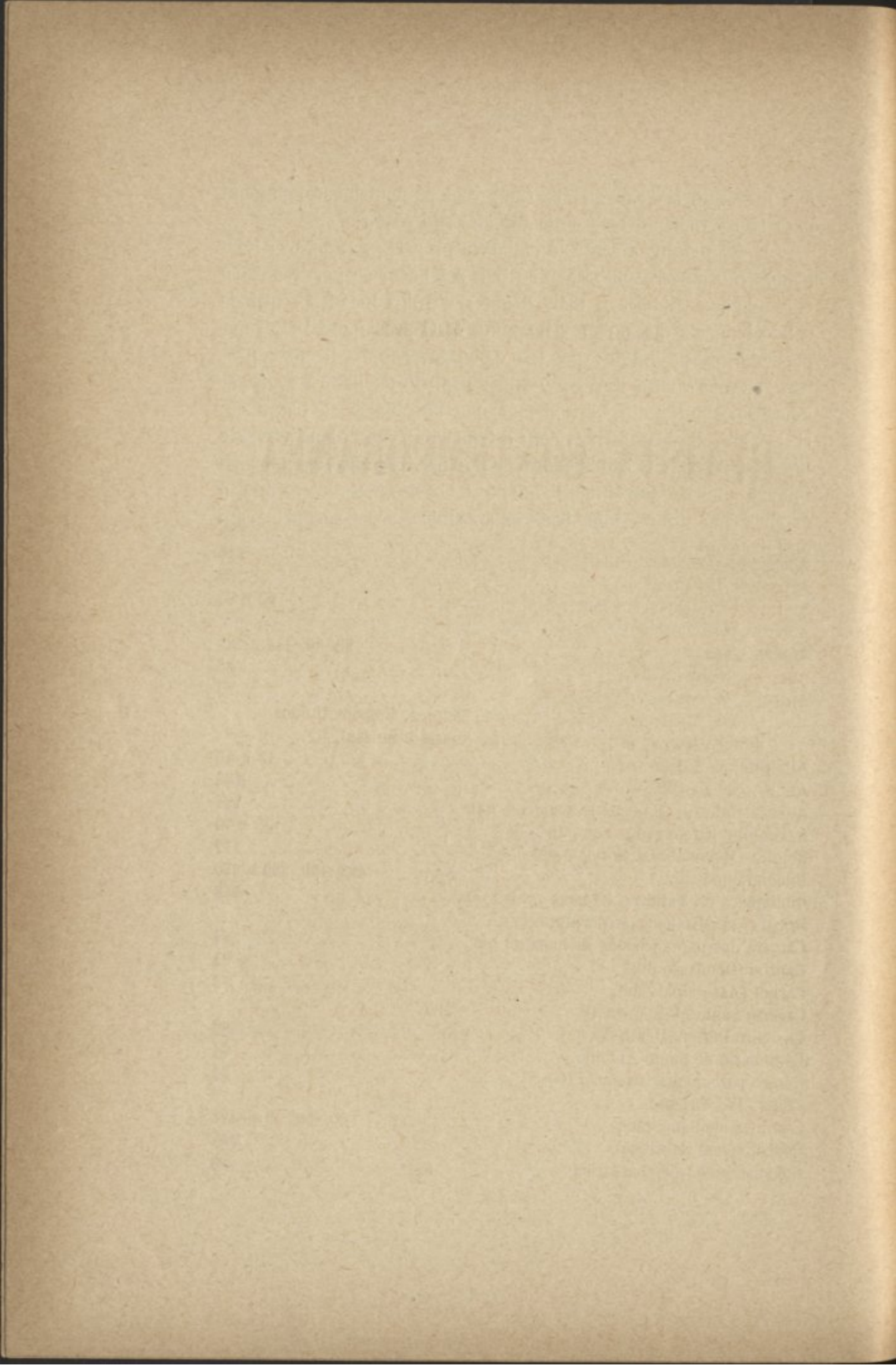
O cardeal Rampolla não se enganava, quando, no anno passado, fallando do novo bispo de Vera Cruz, dizia a um peregrino estas palavras quasi propheticas: « O Santo Padre conhece Mgr. Pagaza, e sabe todo o seu merecimento: considera-o como um sacerdote destinado a occupar os mais elevados cargos! » O agouro vae-se verificando.

A Igreja mexicana tem ainda outros vultos illustres, distinctos na virtude e na sciencia; todos honram a Igreja catholica,

sua mãe, e o Mexico, sua patria. Não os mencionaremos aqui para não tornarmos esta noticia demasiado extensa.

É assim que a santa fé catholica progride em a Nova Hespanha, e o governo mexicano só tem a felicitar-se por isso. Não é a religião catholica o mais firme apoio dos Estados e o mais solido baluarte dos poderes humanos? O presidente Diaz comprehende esta verdade; por isso o seu governo mostrou sempre, nas relações com a Egreja, o maior espirito de justiça e de pacificação. Seria ousadia afirmar que no Mexico se pensa em reatar as relações officiaes com a Santa Sé? Parece na verdade que a politica tão conciliadora de Leão XIII impressionou profundamente os espiritos d'aquelle lado do oceano, e que o estabelecimento de uma legação apostolica seria recebido com enthusiasmo.





SUPPLEMENTO
A
REVISTA CONTEMPORANEA

DIREITO ECCLESIASTICO E CIVIL

CONSULTA

SUMMARIO. — O parochio pôde fazer suffragios por alma de pessoa fallecida, e exigir os respectivos benesses á custa da herança, quando taes suffragios não tenham sido ordenados em testamento, nos termos do art.º 1775 do codigo civil? — Como deve intender-se a disposição do art.º 2116 do mesmo codigo?

Srs. redactores : — O art.º 2116 do codigo civil dispõe que as despesas do funeral serão pagas pela herança ainda indivisa, haja ou não herdeiros legitimarios; e que a nenhuma outras despesas com suffragios por alma do fallecido é obrigada a herança ou a terça d'ella, não tendo sido ordenadas em testamento, nos termos do art.º 1775.

Isto dá logar, na prática, a levantarem-se attrictos entre o parochio e uma ou outra pessoa que de menos boa vontade se presta a pagar as despesas com suffragios que não tenham sido ordenados em testamento. Desejava, pois, que vv. dissessem : 1.º Quaes são os direitos do parochio no caso sujeito? 2.º Como deve intender-se a disposição do art.º 2116 do codigo civil?

Um assignante.

RESPOSTA

SUMMARIO. — Legislação sobre as congruas parochiaes — Os benesses de suffragios por alma de pessoas fallecidas constituem parte d'essas congruas, e portanto o parochio tem direito a elles — A disposição do art.º 2116 do cod. civ. não está em vigor.

A lei de 20 de julho de 1839, que estabeleceu a congrua para a decente sustentação dos parochos estabeleceu no § 2.º do art.º 7.º, que, para o arbitramento da congrua seria computado o rendimento dos passaes, do pé de altar e qualquer outro rendimento parochial. Esta lei foi prorogada por outra de 8 de novembro de 1841, que fez algumas alterações na primeira, mas não em ponto importante para a questão sujeita.

O art.º 2116 do código civil declarou que a nenhuma das despesas com suffragios por alma do fallecido, além do funeral, era obrigada a herança ou terça d'ella, não tendo sido ordenadas em testamento, nos termos do art.º 1775. Como a maior parte dos individuos fallecem intestados, e como os benesses por aquelles suffragios constituem uma parte das congruas parochiaes, nos termos das leis acima citadas, verificou-se que a execução d'esse art.º do código civil influiu consideravelmente nas congruas parochiaes e lesava o clero parochial na sua decente sustentação.

Por isso a portaria de 6 de fevereiro de 1868 mandou calcular a quantia, avaliada pela media dos ultimos cinco annos, que por titulos de suffragios pelas almas das pessoas fallecidas contribue para a congrua do parochio de cada freguezia, a fim de se adoptarem as necessarias providencias.

Em vista das informações collhidas, e segundo a disposição do art.º 4.º da carta de lei de 1 de julho de 1867, declarou o governo pela portaria de 27 de abril de 1868, que não pôde considerar-se em execução o referido art.º 2116.º do código civil, relativamente ás despesas com suffragios por alma das pessoas fallecidas, enquanto as congruas parochiaes estabelecidas pelas leis de 20 de julho de 1839 e 8 de novembro de 1841 não forem por outro modo instituidas.

A portaria de 29 de setembro de 1869 accusou os mesmos prejuizos soffridos pela classe parochial, e mandou remetter á commissão consultiva do código civil as informações prestadas por alguns prelados, para que propozesse ao governo as providencias que lhe parecessem melhores, e mais immediatamente conducentes a fazer cessar aquelles prejuizos.

Mas a doutrina da portaria de 27 de abril de 1868 não foi geralmente acceita, e portanto ao gravame que para a maxima parte dos parochos resultava da execução do artigo 2116 do código veio accrescentar-se a desigualdade da mesma execução; só na diocese de Coimbra foi calculado o prejuizo dos parochos em 12:688,5365 reis.

Para obviar a estes males apresentou o governo uma proposta de lei, que tem a data de 23 de abril de 1870, tendente a suspender a execução do artigo 2116 do código, até que por lei geral fosse regulada a dotação parochial. É interessante e elucidativo o seguinte trecho do relatório que precede tal proposta:

« Esta determinação (do art.º 2116 do cod. civ.) importou a revogação parcial das leis de 20 de julho de 1839 e 8 de novembro de 1841, emquanto privou os parochos dos benesses que por costume recebiam pelos suffragios feitos pelas almas dos parochianos fallecidos; e prejudicou sensivelmente os parochos sem deixar-lhes compensação possível, porque ao mesmo tempo que por virtude d'ella ficou annullado um dos elementos constitutivos das congruas parochiaes, nos termos da citada lei de 20 de julho de 1839, ficou subsistente a disposição da outra referida lei de 8 de novembro de 1841, que, prorogando, aquella, declarou fixos os ultimos arbitramentos, feitos em execução d'ella, emquanto por lei geral se não regulasse a dotação do clero. »

Esta proposta foi approvada pela camara dos deputados, depois de convertida em projecto da lei na sessão de 6 de maio de 1870. Foi ainda presente á camara dos pares na sessão do dia immediato, mas não chegou a ser discutida. Por isso e para evitar os males que se haviam reconhecido, foi publicado o decreto de 23 de junho de 1870, suspendendo a execução do art.º 2116 do código civil na parte em que prejudicava a classe parochial, até que por lei seja regulada a dotação do clero parochial.

Como essa dotação ainda não foi regulada, continúa sem vigor a citada disposição do código civil. Portanto os parochos têm direito aos benesses pelos suffragios feitos pelas almas dos parochianos fallecidos, e esses benesses serão os que se acham autorizados pelo uso e costume, quando não haja em vigor alguma tabella que os designe.



DIREITO ECCLESIASTICO E ADMINISTRATIVO

CONSULTA

SUMMARIO. — Qual é a diocese obrigatoria de um missionario, antigo alumno do collegio das missões ultramarinas, no seu regresso ao reino? Saindo para fóra do reino, continuará a ter direito ás garantias que lhe concedem os estatutos do referido collegio das missões?

Srs. redactores: — Antonio, presbytero, foi ordenado, com demissoria do seu prelado, no collegio das missões ultramarinas, nas condições dos estatutos que regem aquelle estabelecimento. Esses estatutos obrigam Antonio a missionar nas possessões ultramarinas durante um certo tempo, concedendo-lhe certas garantias no seu regresso ao reino.

Antonio achava-se n'este caso, e por conseguinte com direito á quarta parte da congrua que recebeu durante a missão, no seu regresso ao reino.

Mas no seu regresso á Europa desembarcou em Hespanha, e demorou-se em Madrid pelo espaço de tres mezes. D'alli dirigiu-se a Lisboa, onde esteve cinco mezes, depois foi para o Porto, onde ficou durante um anno, e voltou á Hespanha, onde se demorou dezoito mezes.

O prelado de uma das dioceses de Portugal onde Antonio residiu ordenou-lhe que parochiasse uma freguezia, que elle não acceitou, e foi para Hespanha, onde lhe foi ordenado que parochiasse uma outra, que tambem não acceitou.

Pergunto : 1.º Antonio voltando do ultramar tem diocese obrigatoria? e qual é? — É licito o procedimento de Antonio?
2.º Este, fóra do reino, tem direito á quarta parte da congrua?

Um assignante.

RESPOSTA

SUMMARIO. — O prelado proprio de um missionario ordenado nas condições dos estatutos do collegio das missões ultramarinas é, no seu regresso ao reino, aquelle em cuja diocese nasceu, ou antes aquelle em cuja diocese os paes tinham domicilio ao tempo do nascimento. — Fóra do reino, esse missionario não tem direito ás garantias que lhe conferem os estatutos do collegio das missões.

É evidente perante o direito canonico e a moral, que Antonio tem diocese obrigatoria, e, conseguintemente, prelado *proprio*. Todo o sacerdote tem superior hierarchico e d'elle depende, como subdito, para o legitimo exercicio do seu ministerio: logo pertence necessariamente a uma diocese. Tracta-se do sacerdote secular.

O prelado *proprio*, segundo a Constituição *Speculatores*, de Innocencio XII, de 4 de novembro de 1694, póde sel-o: a) *rationali originis ordinandi*; b) *domicilii*; c) *beneficii*; d) *famulatus*.

Das circumstancias da consulta deduz-se que o prelado *proprio* de Antonio é aquelle em cuja diocese Antonio nasceu, ou antes, aquelle em cuja diocese os paes de Antonio tinham o seu domicilio no tempo em que Antonio nasceu.

A *demissoria*, ao contrario da *remissoria*, não desliga o ordenando ou clerigo da sujeição devida ao seu prelado *rationali originis*, em quanto não tiver outro prelado *proprio* por qualquer dos titulos indicados na citada Constituição.

Não nos parece correcto o proceder de Antonio recusando a parochialidade que lhe foi ordenada em Portugal e Hespanha, salvo se houver motivo plausivel para tal recusa. Todo o sacerdote deve obediencia razoavel ao seu prelado proprio e ao prelado em cuja diocese reside. Assim o exige, omittindo outras razões, a ordem e a disciplina ecclesiastica das dioceses.

O artigo 93.º da lei de 3 de dezembro de 1884, que regula o collegio das missões ultramarinas, diz que os missionarios que regressam, tendo completado o tempo de serviço a que são obrigados como alumnos ou antes d'elle completo, mas provando evidentemente que foi no serviço que se impossibilitaram, receberão um subsidio equivalente a 25 por cente da sua congrua, emquanto não forem empregados pelo governo; e nas mesmas condições está redigido o artigo 94.º, com relação nos missionarios que completarem o tempo marcado em o n.º 4.º do artigo 92.º

Vê-se claramente, pois, que o missionario, regressando ao reino, tem de se conservar dentro d'elle, á disposição do governo, que lhe dará o competente subsidio emquanto não o empregar; e não só o missionario deve conservar-se dentro do reino, sob pena de perder o direito ao subsidio, mas até deve declarar a sua residencia nas estações officiaes competentes.

Esta mesma doutrina se applica a outros funcionarios do Estado em analogas circumstancias.

DIREITO FISCAL

CONSULTA

SUMMARIO. — Que impostos são obrigados a pagar os capellães, e d'estes quaes devem considerar-se taes para os effeitos d'esse pagamento?

Srs. redactores. — Que impostos são obrigados a pagar os capellães, e d'estes quaes são os que se devem considerar como taes para o effeito d'esse pagamento?

O presbytero, que particulamente se obriga para com os moradores de certa povoação a celebrar-lhes missa sob certa quantia, que judicialmente não pode conseguir, caso lhes seja negada pelos mesmos que se obrigaram a pagal-a, deve ser considerado como capellão para os effeitos das leis dos impostos?

Um assignante.

RESPOSTA

SUMMARIO. — Os capellães, que o não sejam de estabelecimentos de corporações administrativas, não estão sujeitos, como taes, ao pagamento de quaesquer impostos. — E se o estivessem, não os isentava a circumstancia de não poderem exigir em juizo a quantia que pela capellania lhes é devida, circumstancia que aliás é inverificavel. — Os capellães de estabelecimentos de corporações administrativas, subsidiados ou não pelo Estado, estão sujeitos ao imposto de rendimento, quando os seus vencimentos excedam 150,000 reis, e á contribuição industrial, quando percebam quaesquer emolumentos.

Os capellães só poderiam ser obrigados, como taes, ao pagamento de contribuição industrial ou de imposto de rendimento. Vejamos em que situação se encontram os capellães relativamente a cada uma d'estas especies de imposto.

Temos de considerar duas especies de capellães: os que servem capellanias particulares, ou seja para uso de uma familia ou de uma povoação, e os capellães de corporações administrativas, ou de estabelecimentos subsidiados ou não pelo Estado, como os capellães de cemiterios, de misericordias, irmandades, confrarias, etc.

Os primeiros não pagam imposto de rendimento, porque não se acham comprehendidos nas disposições dos artt. 2.º, 3.º e 5.º da lei de 18 de junho de 1880, e dos artt. 179.º e seguintes do regulamento de 12 de novembro de 1880. Tambem não são obrigados ao pagamento de contribuição industrial, por não estarem comprehendidos na tabella junta ao decreto de 28 de junho de 1891.

Mas se esses capellães fossem como taes obrigados ao pagamento de impostos, não eram isentos na hypothese, figurada na consulta, de não poderem exigir judicialmente a quantia que lhes é devida, porque os agentes do fisco nada tinham que ver com o pagamento d'essa quantia, e só deviam investigar se o sacerdote exercia ou não a capellania. Nem tal hypothese é verificavel, porque, como a validade dos contractos não depende de formalidade alguma externa, salvo d'aquellas que são pres-

criptas na lei para a prova d'elles, ou que a lei, por disposição especial, declara substanciaes (cod. civ., art. 686.º), o contracto de que se trata na consulta pode ser provado por qualquer fórma, e admite portanto a prova testemunhal. Portanto pode o capellão exigir em juizo a quantia que lhe é devida, ou ao dono de capella particular, ou, tractando-se de capellania para servir os habitantes de uma povoação, aos individuos que o convidaram e com elle se obrigaram.

Vejamos agora o que respeita aos capellães de corporações administrativas, ou de estabelecimentos subsidiados ou não pelo Estado.

Estes, como funcionarios publicos, quando perceberem quaesquer emolumentos, são obrigados ao pagamento da respectiva contribuição industrial, por meio das estampilhas triangulares, nos termos do art. 6.º do decreto de 28 de junho de 1894, art. 31.º do regulamento da mesma data e tabella da contribuição industrial, verba 216.

Tambem estão sujeitos ao imposto de rendimento, quando o seu vencimento não seja inferior a 150\$000 reis, nos termos do art. 5.º n.º 1.º da lei de 18 de junho de 1880, e art. 9.º n.º 6.º do regulamento de 12 de novembro do mesmo anno. Esse imposto é de 2 por cento, segundo o art. 10.º do regulamento citado, mas a elle accresce o adicional de 6 por cento sobre o imposto, segundo a lei de 30 de julho de 1890. Quando o vencimento for igual ou superior a 400\$000 reis está sujeito á taxa da lei de 26 de fevereiro de 1892, e então é isento do imposto complementar de 6 por cento creado por lei de 30 de julho de 1890 (lei cit., art. 1.º § 8.º). Este imposto é pago por desconto nos ordenados a elle sujeitos, segundo o disposto no art. 25.º da lei de 18 de junho de 1880, e artt. 11.º e seus §§ e 179.º e seguintes do regulamento de 12 de novembro do mesmo anno.



SUPPLEMENTO

A

REVISTA CONTEMPORANEA

DIREITO FISCAL

CONSULTA

SUMMARIO. — Qual deve ser a base para a deducção do imposto de rendimento de 30 por cento, creado por lei de 26 de fevereiro de 1892 sobre o rendimento dos parochos proveniente de juros de titulos de divida publica, adquiridos em virtude da desamortisação dos passaes respectivos ?

Srs. redactores : — Segundo a lei de 26 de fevereiro de 1892, os rendimentos dos parochos provenientes de juros de titulos de divida publica, adquiridos em virtude da desamortisação dos passaes respectivos, estão sujeitos á deducção de 30 por cento como imposto de rendimento. D'esta forma, o parochos de certa freguezia, que devia embolsar 420,5000 reis annuaes de juros de titulos de divida publica, recebe apenas 294,5000 reis, o que representa um prejuizo tanto mais consideravel quanto é certo que o restante rendimento da parochia é insignificante.

Confrontando esta situação dos parochos com a dos outros funcionarios publicos, nota-se uma grande falta de equidade, pois que estes não podem soffrer deducção alem de um minimo estabelecido na lei. Assim, um parochos que devia receber reis 420,5000 de juros, recebe apenas 294,5000 reis; um funcionario que perceba o ordenado de 420,5000 reis, embolsa 395,5000 reis.

Desejo que vv. me esclareçam a este respeito, dizendo se se pode evitar esta falta de equidade, e como.

Um assignante.

RESPOSTA

SUMMARIO. — O Estado é obrigado a supprir os *deficits* que se derem nos rendimentos provenientes de juros de titulos de divida publica adquiridos por virtude da desamortisação dos passaes de parochos, quando esses rendimentos sommados aos demais da parochia não excederam a 400\$000 reis. — Meio de conseguir esse supprimento.

A duvida apresentada na consulta resolve-se em face do artigo 7.º da lei de 26 de fevereiro de 1892. Esse artigo manda inscrever no orçamento do Estado a verba de 250:000\$000 reis, destinada a occorrer aos *deficits* que, em virtude da elevação, a 30 por cento, da taxa do imposto de rendimento sobre os titulos da divida publica interna, se derem « nos orçamentos annuaes dos monte-pios, caixa de aposentação, estabelecimentos e corporações, que mantenham asylos ou hospitaes ou ambos estes estabelecimentos; e bem assim nos rendimentos provenientes de juros de titulos de divida publica adquiridos por virtude da desamortisação dos passaes de parochos, quando esses rendimentos sommados aos demais da parochia não excederem 400\$000 reis. »

Portanto, se a quantia liquida, que o parochio actualmente recebe de juros de titulos da divida publica adquiridos em virtude da desamortisação dos passaes, sommada com os restantes benesses que lhe estão computados como congrua, não attingir a quantia de 400\$000 reis, pode o mesmo parochio reclamar para que lhe seja coberto o *deficit* até essa quantia.

Nesse sentido deve requerer ao governo, juntando ao requerimento uma certidão, passada pela administração do concelho, em vista da qual prove qual a importancia em que foi lotada a sua congrua, alem dos juros de titulos de divida publica; e outra certidão, passada pela junta de credito publico, mostrando a quantia liquida que recebe d'esses juros, e o desconto que soffreu em virtude da lei de 26 de fevereiro de 1892.

DIREITO CANONICO, MORAL E LITURGIA

CONSULTAS

1.^a — Um parochio que, por inadvertencia, e em dia que está reunido o povo para assistir á missa d'uma festividade, toma uma pequenissima porção de comida ou bebida, pode licitamente celebrar? Em caso negativo como remediar o escandalo não havendo quem celebre?

*

2.^a — O vinho mosto ou simplesmente espremido da uva é materia valida para o sacrificio da missa? Pode celebrar-se com elle não havendo outro?

*

3.^a — O celebrante que, por inadvertencia, no dia da commemoração dos fieis defunctos, applicar a terceira missa por uma intenção particular sem estipendio, tendo dito as duas primeiras pelos fieis em geral, incorre n'alguma pena ou peccado?

*

4.^a — N'um dia duplex maior pode celebrar-se um officio do 3.^o, 7.^o ou 30.^o dia tendo a respectiva indulgencia?

*

5.^a — Pode celebrar-se missa de *Requiem* no dia 3.^o, 7.^o ou 30.^o ou anniversario independente do officio?

*

6.^a — Pode um parochio, sem peccado, deixar de celebrar na Igreja parochial a missa *pro populo* em dia santo dispensado, applicando-a todavia *pro populo* n'uma capella onde celebra?

*

7.^a — Ouve missa quem, depois do *communio*, pede esmola aos fieis assistentes?

• •

8.^a — Pode celebrar-se com stearina não havendo cera ou azeite?

9.^a — Um parochó bina n'uma capella d'uma povoação da sua freguezia, recebendo certo estipendio por este trabalho; e, intendendo que podia applicar esta missa por qualquer intenção, assim o fez pelo que recebeu certa esmola. Podia receber esta esmola? No caso negativo, como reparar a falta, visto ter recebido a dita esmola e applicado a missa por certa alma?

RESPOSTAS

À 1.^a — A lei ecclesiastica do jejum natural para o sacrificio e communhão tem varias excepções, e uma d'ellas é a supposta na consulta, isto é, a necessidade de evitar um escandalo grave. Santo Thomaz (*Sum. P. III, q. 83, a VI ad 2.^m*) estabelecendo a hypothese de o sacerdote se lembrar, no altar, antes da consagração, de que não está em jejum, diz que deve deixar a missa começada, salvo se d'aqui resultar escandalo: «*tutius reputarem quod missam inceptam desereret, nisi grave scandalum timeretur.*» Por identidade de motivo podemos argumentar para o caso sujeito. Santo Affonso (*Theol. Mor. Lib. 6, Tract. 3.^o De Euchar. n. 284*) diz: «*Non jejunus licite communicat in sequentibus casibus... 3.^o (n. 287) si grave scandalum sit oriturum ex ommissione sacrificii vel communionis.*» Vid. Lehmkul, *Theol. Mor. Tom. II, n. 462*. É doutrina commum. Na occorrença de duas leis que não se podem cumprir simultaneamente deve optar-se pelo cumprimento da mais nobre. Ora, a lei de evitar o escandalo, por isso que é divina, é mais nobre que a do jejum, que é ecclesiastica.

À 2.^a — Fôra do caso de necessidade, o vinho mosto ou simplesmente espremido da uva é materia valida do sacrificio, mas illicita. Deduz-se: a) da *Rubr. Missalis. t. 4, n. 2*: «*Si fuerit...*

mustum, de uvis tunc expressum... conficitur sacramentum, sed conficiens graviter peccat; b) do Cap. *Cum omne*, 7, dist. II, *De consecr.* « Si necesse fuerit, botrus in calice comprimatur, et aqua misceatur »; e b) da resposta do S. Off., de 25 de abril de 1748, ao então Prefeito das missões da Etyhopia. A mesma doutrina se encontra em Santo Affonso, *Obr. cit.* Lib. 6, Tr. 3.^o *de Euchar.* n.^o 207: « Valida quidem consecratio, sed illicita est: I In musto... saltem extra necessitatem... »

*

À 3.^a — Em virtude da Bulla *Quod expensis omnium*, de Bento XIV, de 25 de abril de 1748, concedida a Portugal sob o reinado de D. João V (e a Hespanha sob Fernando VI), todos os sacerdotes do reino fidelissimo podem celebrar tres missas no dia de finados, mas não podem, EM CASO NENHUM, receber mais que o estipendio d'uma, sob pena de suspensão reservada á Santa Sé ¹⁾, e tem de applicar duas pelos fieis defunctos em geral. Ora, o celebrante de que fala a consulta em nada offendeu as disposições da Bulla citada: logo nem peccou, nem incorreu em pena alguma. O uso é celebrar a 1.^a por intenção particular, a 2.^a e a 3.^a pelos fieis defunctos em geral; parecidos, porém, que, celebrando-se uma, com ou sem estipendio, por intenção particular, e duas, sem estipendio algum, pela intenção determinada pela Igreja, se satisfaz ao essencial da Bulla.

*

À 4.^a — Suppomos que o consulente fala da celebração solenne do Officio de defunctos. O *Officium defunctorum* do 3.^o, 7.^o e 30.^o dia pode cantar-se nos mesmos dias em que é permitido cantar-se a missa de *Requiem* do 3.^o, 7.^o ou 30.^o dia da morte ou sepultura do fiel. (S. C. R. 23 de maio de 1603 e 16 de dezembro de 1828). Ora, a missa de *Requiem* do 3.^o 7.^o e 30.^o dia não se pode cantar nos *duplex* maiores e menores, como se deduz do decr. da S. C. R. de 16 de abril de 1853. À S. C.

¹⁾ Segundo a citada Bulla, os bispos, como delegados da Santa Sé, podem absolver d'esta censura, depois que o sacerdote tiver restituído o estipendio indevidamente recebido.

foi proposta a seguinte duvida: In duplici majori vel minori posuntne pro uno eodemque defuncto in dioecesis ecclesiis celebrari missæ cantatæ in die obitus, tertia, septima, et trigesima ac anniversaria, uti fit apud Regulares in cunctis conventibus ad nuntium mortis alicujus religiosi: quam gratiam auctores communiter, teste Cavalieri, ad quasquaque ecclesias et personas extendunt? » Resposta: « *Absque indulto non licere* » Logo nos *duplex* maiores e menores não é licito cantar-se o Officio do 3.º, 7.º e 30.º dia, porque n'aquelles dias não é licito cantar-se a missa de *Requiem* do 3.º, 7.º ou 30.º dia. Nos outros casos, diz Herdt (*Sacræ Liturgiæ Praxis*... Tom. III, *De off. Defunct.* n. 127), quando o Officio tem de cantar-se *ex fundatione sive ex sola pietate*, pode celebrar-se ainda nos dias em que é permittida a celebração da missa de *Requiem*, isto é, nos *duplex* maiores e menores (S. C. R. 9 de março de 1597; 22 de agosto de 1682; 7 de setembro de 1850), á excepção dos domingos e dias de preceito, das festas de 1.ª e 2.ª classe, das vigílias da Natividade e Pentecostes, das oitavas privilegiadas, de quarta feira de cinza e de toda a semana Santa.

*

A 5.ª — No anniversario estatuido em testamento pode celebrar-se a missa de *Requiem* (permittindo-o as leis liturgicas), sem que seja forçoso cantar-se o officio, salvo se o testador quiz que se cantasse; mas n'esta hypothese, intende-se que o Officio é d'um nocturno com Laudes (S. C. R. 21 de julho de 1855). Não sabemos de decreto que prohiba cantar-se a missa de *Requiem* do 3.º, 7.º ou 30.º dia independente do Officio.

*

A 6.ª — O parochio, diz Bouix, deve celebrar a missa *pro populo* na egreja parochial (*De Parochio*, Prop. viiiª — pag. 580). E acrescenta: « Tenetur parochus, ait Barbosa, in dominicis et aliis festivis diebus, suis subditis missam celebrare, et sic in propria ecclesia et non in alia. (*De officio parochi*...); atque id firmat laudatus auctor nonnullis S. C. Concilii Declarationibus. Consonat Ferraris: « Parochus, inquit, diebus festis, missam celebrare debet in propria ecclesia, et non in alia, quacumque consuetudine

in contrarium non obstante: S. C. C. 17 nov. 1629.» Mas a consulta refere-se a um dia dispensado. Se a capella onde o parochio celebra está dentro dos limites da sua freguezia e a ella podem concorrer commodamente os fieis que tiverem devoção de ouvir missa, parece-nos que o parochio pode, sem peccado, celebrar *pro populo* na dita capella.

*

Á 7.^a — Responde Santo Affonso (*obr. cit.* lib. 3.^o, n.^o 317). Qui autem magnam sacri partem insumit in colligendis elemosinis, a pluribus excusatur, si sit in Ecclesia parva, secus in magna... Sed *Lessius*... indistincte eos excusat, si simul attendant ad Missam». E que esta é a opinião do Santo Doutor deduz-se d'estas palavras com que commenta a opinião de Lessio: «... et vere talis distractio non videtur esse incompatibilis.»

*

A 8.^a — A resposta a esta consulta encontramol-a, omitindo outras fontes, na excellente revista romana, intitulada — *Ephemerides Liturgicæ* (An. I n. 4, 1887, pag. 197). Copiemos:

«Lumina oleo nutrita, multo magis petroleo vel luce electrica, aut quæ ex atris vaporibus eliciuntur, vulgo *gaz*, esse omnino prohibita ad sacrificium. Sacra enim C. R. pluries hac super re expetita, constanter respondit, non obstante paupertate, candelas cereas esse adhibendas.

«Candelas, qua ex cera non sunt, esse pariter vetitas tempore sacrificii, cum Rubrica candelas de cera exigat: cera autem illa est, quæ ex apibus derivat. Idcirco S. C. R. jubet ut abusus adhibendi candelas ex sebo eliminetur (*In Carolien. 10 Dec. 1857*), et prohibet pariter candelas ex *stearina* confectas (*In Mesilien. 16 sept. 1843*). A instancias da S. C. *Propaganda Fide* permittiu a S. C. dos R. (7 de set. 1850 — Vid. Gallerini, *Collec.*, Tom. IV, pag. 153), que os missionarios da Oceania, vista a impossibilidade de obterem luz de cera ou azeite para o sacrificio, celebrassem com velas de *spermaceti*. Mas isto é uma excepção que em nada altera a regra.

*

Á 9.^a — Em virtude da Constituição de Bento XIV, *Cum sempre oblatas* e da constante disciplina da S. C. do C., é expressamente prohibido ao parochio ou a outro sacerdote, com faculdade de *binar*, o receber esmola pela segunda missa, cuja applicação é livre. A Santa Sé rarissimas vezes concede a faculdade de receber estipendio pela segunda missa, e n'essas rarissimas vezes que a concede accrescenta: *firma semper manente prohibitione accipiendi stipendium pro secunda Missa*. Lehmkuhl (*Obr. cit.* Vol. II, n.º 216) depois de ter exposto esta doutrina, diz em nota: «At si cum secunda Missa specialis labor atque defatigatio conjungitur, uti fit, quando in loco dissito secunda Missa celebranda est, *ratione hujus laboris* compensationem accipere illicitum non est.» A verdade é que a S. C. do C. é rigorosa n'este ponto, e temos exemplo d'este rigor na sua resposta de 23 de março de 1861, a uma consulta sobre esmola da missa. N'esta consulta tractava-se da segunda missa que havia de celebrar-se com grande incommodo, e estava estabelecido pelo costume o dar-se esmola por aquella Missa. A S. C. ordenou, que deixava ao prudente arbitrio do bispo o permittir alguma remuneração em attenção ao trabalho e incommodo do celebrante, excluindo qualquer estipendio pela applicação da segunda missa.

DIREITO FISCAL

CONSULTA

SUMMARIO. — O consentimento para casamento de pessoas pobres estará sujeito ao imposto de sello ?

Srs. redactores : — Deverão os contrahentes menores pobres considerar-se isentos do sello de 1\$500 réis, quando o consentimento de seus paes é dado verbalmente no acto do casamento ? Como devem intender-se as verbas 207 da tabella n.º 1 e 4 da tabella n.º 4, approvadas por lei de 21 de julho de 1893 ?

RESPOSTA

SUMMARIO. — A declaração de consentimento para o casamento de menores pobres, por qualquer forma que seja feita, está isenta do imposto de sello.

Quando estava em vigor o regulamento do sello de 26 de novembro de 1885, discutiu-se muito, em face das verbas 250 e 263, e 4 da tabella n.º 3, se estava isenta do imposto de sello a auctorisacão para casamento de menores pobres, havendo boas auctoridades que sustentavam que a isençao respeitava apenas ao sello do assento do casamento e não á auctorisacão. ¹⁾

Porém, no officio de 28 de junho de 1886, dirigido pelo ministerio da fazenda ao ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, e n'outro enviado pela direcção geral dos proprios nacionaes ao director da repartiçao de fazenda do districto de Aveiro, declarou-se que as licenças para casamento de menores pobres estavam isentas de sello, quer fossem prestadas verbalmente quer por escripto.

No citado officio do ministerio da fazenda lia-se o seguinte : « Quanto aos contrahentes pobres, aproveita-lhes a isençao do n.º 4.º da tabella 3.ª do Reg. actual, para todos os actos de registo parochial ou civil, mencionados na verba 250.ª da tabella 1.ª do mesmo regulamento. » Ora, como taes licenças são actos pertencentes aos assentos do registo parochial e civil, entender-se que ellas estavam isentas de sello quando se tractasse do casamento de pessoas pobres.

Nem outro podia ter sido o pensamento do legislador. Com effeito, se elle isentava os nubentes pobres do sello de 80 reis no assento do casamento, para lhes facilitar este acto e tendo em vista o interesse moral da sociedade, com mais razao devia isental-os do sello de 1\$600 reis na licença para o casamento.

Ora as tabellas approvadas por lei de 21 de julho de 1893, não alteraram a redacção das verbas 207 da tabella n.º 1 e 4 da tabella n.º 4, e modificaram apenas a importancia do sello

¹⁾ Vid. *Revista de legislação e de jurisprudencia*, vol. 19.º, pag. 261; *O Direito*, vol. 18.º, pag. 43, 171 e 172.

devido. Logo continuam os nubentes pobres isentos do sello para licença de casamento. ¹⁾

Mas se alguma duvida restasse ainda, desapareceria completamente em presença da discussão do projecto de lei respectivo ao imposto de sello, na camara dos deputados.

Na sessão de 6 de junho de 1893, perguntando o sr. visconde de Pindella se o consentimento para o casamento de pessoas pobres estava dispensado do sello de 15500 reis, respondeu o sr. Calvet de Magalhães, relator do projecto, que, n'este caso, prevalecia a isenção do n.º 4 da tabella 4. ²⁾ Ninguém contestou, e a camara approvou o projecto sem alterar a redacção d'essa verba.

A pobreza dos contrahentes deve verificar-se por attestação jurada do administrador do concelho e do parochio respectivo, cumprindo a quem lavrar os assentos respectivos declarar á margem que foram gratuitos os actos a que se referem, por falta de meios dos contrahentes. ³⁾



¹⁾ Veja-se: *Rev. de leg. e de jur.*, vol. 26.º, pag. 324 e 325; *O Direito* vol. 20.º, pag. 74, e vol. 21.º, pag. 75 e 76.

²⁾ *Diário da camara dos senhores deputados*, sessão n.º 43 de 6 de junho de 1893, pag. 19 e 20.

³⁾ Cit. officio da Direcção geral dos proprios nacionaes ao director da repartição de fazenda do districto de Aveiro, em 3 de maio de 1889.

CARTA DO PAPA AOS BISPOS DA HESPANHA

AO NOSSO VENERAVEL IRMÃO
THOMAZ COSTA Y FOMAGUERA, ARCEBISPO DE TARRAGONA

Veneravel Irmão, Saude e Benção Apostolica.

Ao reunirem-se pela quarta vez os catholicos de toda a Hespanha, sob a direcção dos seus bispos, para discutirem interesses da religião, julgastes bom, vós e os outros bispos presentes a essa assembléa, dirigir-Nos uma carta em que Nos participastes o feliz exito do congresso, e testemunhastes a vossa inabalavel adhesão á Sé Apostolica, exprimindo tambem o voto de que ella gose da liberdade mais completa. Agradecemos-vos essa carta, esses testemunhos de veneração e os votos que formulaes; e dirigimos-vos as mais sinceras felicitações pela feliz realisação d'esse importante congresso.

Dirigimos, então, ao Deus infinitamente bom, ardentes supplicas para que não só procureis, mas executeis tambem como Elle quer, todas as cousas que de commum accordo resolvestes, tendo apenas em vista o bem da religião. Não duvidamos que entre esses principios se encontram em primeiro lugar aquelles que, movido pelo amor do vosso povo, por varias vezes vos temos ensinado. Principalmente confiamos que não esqueceréis esse dever sagrado para todos os catholicos, — que devem confiar á divina Providencia o cuidado dos seus direitos, quaesquer que sejam —, de testemunhar respeito áquelles que dirigem os

negocios publicos; no cumprimento d'este dever cumpre-vos empregar uma vontade tanto mais firme, quanto é certo que á frente do reino e do povo hespanhol se encontra uma mulher que, pelas virtudes da sua alma e pela sua especial dedicação á Sé Apostolica, tem direito a toda a honra e a toda a estima. Nunca deveis consentir que os interesses da religião sejam envolvidos nas discussões politicas, porque esses interesses são superiores a tudo como o ceu é superior á terra. É por isso que, na verdade, são dignos de censura aquelles que, em proveio de grupos particulares e para attingirem um fim politico qualquer, se servem como argumento do nome catholico e abusam dos sentimentos catholicos do povo.

Convém, pois, que aquelles que teem por missão encarregar-se das causas sagradas se abstenham inteiramente das paixões politicas, para não fazerem recahir suspeita sobre o ministerio da Igreja. Para isso é absolutamente necessario testemunhar, não só por orações mas tambem por obras, respeito e submissão á auctoridade ecclesiastica. Não esqueçaes nunca que o bem de cada um deve desaparecer perante o bem da Igreja e o bem commum dos fieis. De forma nenhuma é Nossa vontade que os catholicos seculares permaneçam na ociosidade; muito pelo contrario damos a Nossa inteira approvação áquelles que, guardando todo o respeito devido ás leis, submettendo-se á direcção dos seus bispos, trabalham com energia pela prosperidade da religião. E' por isso que louvamos e animamos de todas as formas os catholicos a celebrarem congressos frequentes, publicarem jornaes que em tudo se conformem com todas as indicações dadas pela Sé Apostolica, guardarem o respeito devido áquelles que exercem a auctoridade, organisarem associações de operarios e dilatarem assim as outras obras.

E' com o mais entranhado amor que convidamos os catholicos a unirem-se cada vez mais estreitamente ao Pontifice de Roma, que exerce na terra a auctoridade de Christo Nosso Senhor. Não é sem uma profunda dôr que vemos, entre os hespanhoes, resistirem alguns, sob a capa da religião, aos conselhos e aos ensinamentos da Sé Apostolica, e certos jornaes, embora contando-se entre o numero dos catholicos, mostrarem repugnan-

cia em submeter-se á auctoridade da Egreja, sem todavia chegarem a faltar ao respeito que lhe é devido. Estamos certos, veneraveis irmãos, que o fiel povo hespanhol seguirá os Nossos conselhos com boa vontade, e que os bispos, de commum accordo, tractarão de os fazer gravar profundamente nos corações e de os fazer cumprir.

Assim o exige o amor da religião e da patria, porque é esta a unica e verdadeira norma a seguir para o bem da religião como para o bem da patria.

Deus, de quem vem tudo o que é bem, vos conceda a sua protecção. Como penhor das graças divinas e como prova da Nossa paternal benevolencia, concedo-vos a vós, a todos os bispos e a todo o povo hespanhol, a benção apostolica.

Dado em Roma, em S. Pedro, a 10 de dezembro de 1894, decimo setimo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

ENCYCLICA « CHRISTI NOMEN »

AOS NOSSOS VENERAVEIS IRMÃOS
PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS, BISPOS E OUTROS ORDINARIOS
EM PAZ E COMMUNHÃO COM A SÉ APOSTOLICA

LEÃO XIII, PAPA.

Veneraveis irmãos, saude e benção apostolica.

Evangelisar o nome de Christo entre as nações, dilatar cada vez mais os limites do seu reino, conduzir ou reconduzir ao seio da Egreja os que d'ella se separaram ou lhe são hostis, é, por sem duvida, uma das mais sagradas obrigações do munus sublime que Nos foi confiado, á qual, inspirado pela caridade apostolica, ha muito consagramos as nossas preoccupações e sollicitude

apostolica. Assim é que nunca deixamos de proteger e multiplicar as santas missões que derramam as luzes da fé christã entre os povos sepultados nas trevas, bem como as obras que sustentam aquellas missões por meio das esmolhas havidas dos fieis. É testemunho d'isto a nossa Encyclica, no terceiro anno do nosso Pontificado, que começa pelas palavras — *Sancta Dei Civitas*, cujo fim era augmentar o amor e a generosidade dos catholicos para com a Obra illustre da Propagação da Fé. Aproveu-nos então exaltar, encarecendo-a e recommendando-a, uma obra a cujos primordios humildes se seguiu um desenvolvimento tão extraordinario e rapido, que os nossos illustres predecessores Pio VII, Leão XII, Pio VIII, Gregorio XVI e Pio IX encheram de encomios e favores espirituaes; Obra que prestou ás missões de todo o orbe um auxilio sobre modo efficaç, promettendo para futuro outros ainda maiores. E mercê de Deus, as nossas palavras lograram um feliz resultado; as liberalidades dos fieis corresponderam ao fervoroso apello dos bispos, e a Obra benemerita realisou, nos ultimos annos, extraordinarios progressos.

Mas eis que necessidades, de dia para dia mais urgentes, reclamam da parte dos catholicos novo zelo e mais larga generosidade, e de vós, veneraveis irmãos, toda a vossa intelligente actividade.

Pela Nossa carta apostolica *Præclara* de junho ultimo, sabeis que Nós, obedecendo á Providencia divina, exortámos os povos do universo a que entrassem na unidade da fé christã, e lograríamos a plena realisação dos Nossos desejos se Nos fôra dado apressar a hora promettida por Deus em que *não haverá mais que um rebanho e um só pastor*. Do amor particular com que pensamos no Oriente e nas suas egrejas tão illustres como veneraveis dão testemunho as Nossas letras Apostolicas sobre a necessidade de conservar e defender a disciplina dos Orientaes, e as disposições que adoptámos para conseguir este fim, depois de as termos praticado com os patriarchas d'aquellas nações. Bem sabemos que são grandes as difficuldades d'esta empreza e não Nos passa desapercibida a Nossa impotencia para as vencer; por isso é que com firme confiança esperamos de Deus o triumpho dos Nossos trabalhos. A sabedoria de Deus Nol-os inspirou,

ella os levará a bom recato, e a sua bondade soberana Nos dará os meios e a força para a realisarmos.

A este fim, e para obter esta graça, oramos incessantemente, e com as maiores instancias exortamos os fieis a que unam as suas ás Nossas orações. Mas á graça divina que sollicitamos do alto devemos ajuntar os meios humanos, e quanto a Nós, a nada Nos pouparemos, na medida das Nossas forças, para procurar e indicar todos os meios conducentes ao fim desejado.

Bem sabeis, veneraveis irmãos, que para trazer á unica Igreja todos os orientaes d'ella separados, é sobre tudo indispensavel recrutar entre elles um clero digno pela sua doutrina e piedade, capaz de inspirar aos outros o desejo de união; depois multiplicar quanto possivel as instituições em que se ensinem a sciencia e a disciplina catholica, harmonisando-as com a indole particular da nação. É, pois, opportuno abrir, onde quer que seja de manifesta vantagem, casas especiaes para a educação da juventude clerical, e collegios em numero proporcional á importancia das populações, afim de que os ritos particulares se possam exercer com dignidade, e a diffusão dos melhores livros inicie todos os fieis no conhecimento da sua religião nacional. — Como é de crer, a realisação d'estes projectos e outros analogos demanda grandes despezas; as Igrejas orientaes não podem supportar tão numerosos e pesados encargos, e, pela Nossa parte, não podemos, vista a difficuldade dos tempos, contribuir com tanto, quanto o Nosso coração deseja. Resta-Nos, pois, pedir, nos limites da moderação, a maior parte dos subsidios necessarios á Obra cujo elogio fizemos, e cujo ideal é o mesmo que o Nosso. E para não prejudicar as Missões Catholicas, privando-as d'uma parte dos recursos com que são sustentadas, pedimos instantemente aos fieis que a sua liberalidade para com aquella Obra seja proporcional ás suas e Nossas necessidades. Pede a justiça que recommendemos a Obra similar e tão util das *Escolas do Oriente*, cujos directores se empenham egualmente em applicar ao mesmo fim a mais larga porção de esmolas que recolherem.

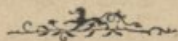
Por estes motivos, veneraveis irmãos, reclamamos especialmente o vosso concurso e temos por certo que vós, que com zelo infatigavel trabalhaes connosco em fomentar por todos os

meios a causa da religião e da Igreja, Nos dareis um auxilio efficaz. Envidae, pois, os vossos esforços afim de que tome largo desenvolvimento entre os fieis confiados á vossa sollicitude a associação da *Propagação da Fé*. Temos a certeza de que muitos fieis darão voluntariamente o seu nome e generosas esmolas, segundo os seus meios, se, instruidos por vós, conhecerem claramente a nobreza d'aquella Obra, as copiosas riquezas espirituaes que liberalisa e os proveitos que a causa christã d'ella espera, com justiça, para os tempos presentes.

Os catholicos commover-se-hão, por sem duvida, quando conhecerem que nada ha mais agradavel para Nós e util para a Igreja do que rivalisarem em zelo na aquisição de esmolas que levem a bom termo os Nossos projectos em prol das Igrejas orientaes. Digne-se Deus, cuja gloria é a unica interessada na diffusão do nome christão e na unidade da fé, do governo espiritual, abençoar, com sua bondade infinita, os vossos desejos e auxiliar a Nossa empreza; e como penhor dos mais preciosos favores celestes, vos concedemos affectuosamente a benção apostolica, a vós todos, veneraveis irmãos, ao vosso clero e ao vosso povo.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, aos 24 de dezembro de 1894, decimo septimo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.



SUPPLEMENTO



REVISTA CONTEMPORANEA

CARTA DO SANTO PADRE LEÃO XIII

PAPA PELA DIVINA PROVIDENCIA

AOS ARCEBISPOS E BISPOS DOS ESTADOS UNIDOS
DA AMERICA DO NORTEAOS NOSSOS VENERAVEIS IRMÃOS ARCEBISPOS E BISPOS
DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

LEÃO XIII, PAPA.

Veneraveis irmãos, saude e benção apostolica.

Atravessamos pelo coração e pelo pensamento uma vasta extensão de mar, e embora Nos tenhamos dirigido a vós n'outros escriptos, principalmente ao publicarmos, em virtude da Nossa auctoridade, cartas communs aos bispos do mundo catholico, resolvemos todavia fallar-vos de uma forma particular, para assim servir, com a graça de Deus, os interesses da religião catholica no vosso paiz.

É com muito ardor e affecto que emprehendemos esta tarefa; com effeito, apreciamos muito e amamos vivamente a nação americana, toda florescente de juventude, e na qual vemos, com os olhos do coração, os progressos dos negocios publicos e ainda os da religião.

Quando ainda ha pouco todo o vosso paiz celebrava reconhecido e por todas as especies de manifestações, como convinha, o fim do quarto seculo decorrido desde a descoberta da America, tambem Nós festejamos comvosco a memoria d'esse felicissimo

acontecimento, tomámos parte na vossa alegria e nos vossos sentimentos. Não Nos contentámos, então, com fazer votos, de longe, pela vossa salvação e pela vossa grandeza; desejavamos vivamente estar de certo modo presente a vós, quando vos achaveis n'essa alegria, e por isso do melhor grado enviámos um representante á America.

E o que n'essa memoravel circumstancia fizemos de certo não foi sem motivo, porque logo ao nascer da nação americana, quando quasi vagia no berço, a Igreja, como mãe, tonou-a nos braços e apertou-a contra o seio. Na verdade, como expressamente demonstrámos n'outra parte, Colombo procurou, como um dos principaes fructos das suas viagens e das suas fadigas, abrir á religião christã o accesso de novas regiões e de novos mares; continuamente dominado por esse pensamento, quaesquer que fossem as praias a que abordasse, nada tinha mais a peito que levantar na costa a imagem da Santa Cruz. Assim, da mesma forma que a arca de Noé, triumphando das ondas embravecidas, transportava em germen a raça dos israelitas com os restos do genero humano, egualmente os navios de Colombo, confiados ao oceano, conduziram para alem dos mares o germen de grandes Estados e as primicias da religião catholica.

Não é esta a occasião de recordar um por um os acontecimentos que se seguiram. Certamente, a luz do Evangelho brilhou muito cedo para as nações descobertas pelo illustre genovez, mesmo para aquellas que ainda eram selvagens. Com effeito, sabe-se quantos religiosos da ordem franciscana, e tambem discipulos de S. Domingos e de Santo Ignacio de Loyola, durante dois seculos seguidos, se encaminharam á America para cuidar das colonias que para lá foram da Europa, e tambem e principalmente para converter os indigenas da superstição ao christianismo: até mais de uma vez os seus trabalhos foram consagrados por testemunhos sangrentos. Os proprios nomes que foram dados a um grande numero das vossas cidades, dos vossos rios, montanhas e lagos, provam com evidencia que as vossas origens foram profundamente assignaladas com o cunho da Igreja catholica.

E não foi talvez sem um designio da Divina Providencia que se fez tudo o que aqui recordamos. Quando as colonias americanas,

tendo adquirido com o concurso de catholicos a liberdade e a soberania, se reuniram em republica regularmente fundada, então foi ritualmente estabelecida entre vós a jerarchia catholica. Na epocha em que os suffragios populares levaram o grande Washington ao governo da Republica, tambem então foi por auctoridade apostolica estabelecido o primeiro bispo á frente da Igreja americana. Ora, a amisade e as frequentes relações que mutuamente uniram esses dois homens, como de fonte certa é sabido, provam que esses estados confederados deviam ficar unidos á Igreja catholica pelos laços da concordia e da amisade, e com razão: na verdade, a Republica não pode subsistir sem os bons costumes.

Foi o que experimentou e claramente annunciou o vosso primeiro cidadão ha pouco citado, e que possuiu um tão grande genio, uma tão grande sabedoria politica; mas a religião mantem perfeitamente e de uma forma muito especial os bons costumes, pois que, pela sua propria natureza conserva e reivindica todos os principios que fixam os deveres, e, propondo ás nossas acções os motivos mais poderosos, manda-nos viver na virtude e prohibe-nos o peccado. Ora, o que é a Igreja senão uma sociedade legitima fundada por vontade e ordem de Christo para manter a santidade dos costumes e conservar a religião? Por isso, e como muitas vezes Nos temos esforçado em demonstrar com a auctoridade do Pontificado Supremo, a Igreja, embora por si mesma e pela sua natureza tenda a salvar as almas e procurar-lhes a felicidade celeste, offerece tambem na ordem temporal tão numerosas e tão grandes vantagens, que as não poderia apresentar mais numerosas e maiores, se fosse em principio e especialmente instituida para assegurar a felicidade da vida terrestre.

Ninguem ha que não veja que a vossa Republica faz grandes progressos e marcha rapidamente para uma situação melhor, e isto mesmo no que respeita á religião. Porque, assim como só no espaço de um seculo as cidades viram crescer grandemente a sua prosperidade e o seu poder, assim tambem observamos que a Igreja americana, de pequena e fraca que era a principio, se tornou rapidamente grande e muito florescente; se, por um

. . .

lado, o augmento de riquezas dos Estados é justamente attribuido ao genio da raça americana e á sua actividade, por outro lado o estado florescente da religião catholica deve ser antes de tudo attribuido á virtude, ao zelo e á sabedoria dos bispos e do clero, e depois á fê e á generosidade dos catholicos. Assim, graças aos esforços desenvolvidos por cada uma das ordens da sociedade segundo o poder de cada uma, podestes crear innumeradas obras pias e caritativas, fundar egrejas, collegios para instrucção da mocidade, universidades para os estudos superiores, casas de refugio para o povo, hospitaes e mosteiros.

Pelo que mais especialmente respeita ao bem das almas que é procurado pelo exercicio das virtudes christãs, sabemos de muitas cousas que Nos dão grandes esperanças e Nos enchem de alegria, a saber, que o numero dos clericos seculares e regulares augmenta gradualmente, que as associações pias progredem, que as escholas parochiaes catholicas se acham florescentes, assim como as escolas do domingo para a instrucção christã e as *escolas do estio*; que se encontram em plena prosperidade as sociedades de socorros mutuos, tendo por fim alliviar a pobreza e fazer reinar a temperança, e a tudo isto accrescem muitas provas da piedade do povo. Não ha duvida que para este feliz estado de cousas contribuem as prescripções e os decretos dos vossos synodos, e principalmente d'aquelles que n'estes ultimos tempos foram convocados e ratificados por auctoridade da Santa Sé. Mas tambem convém notar, o que é verdade, que algum reconhecimento é devido á equidade das leis sob as quaes vive a America e á boa constituição do Estado. Na verdade, entre vós foi dado á Egreja, porque a isso se não oppunha a organização do Estado, não ser embaraçada por laços de nenhuma lei, ser defendida contra a violencia pelo direito commum e pela justiça dos tribunaes, poder emfim viver e obrar sem obstaculo; mas embora seja verdade tudo isto, convem todavia evitar um erro: não deve concluir-se d'ahi que haja de tomar-se por exemplo a America, como offerecendo á Egreja as melhores condições de existencia, que em toda a parte é licito e vantajoso que os interesses do Estado e os da Egreja sejam distinctos e separados como na America.

Com effeito, se a religião catholica vive entre vós, se até prospera e augmenta, este resultado deve inteiramente attribuir-se á divina fecundidade de que goza a Igreja, que, se ninguem se lhe oppozer, se nada lhe obstar, engrandece e dilata-se por si mesma, mas todavia produzirá fructos muito mais abundantes se gozar não só de liberdade, mas ainda do favor das leis e do apoio dos poderes publicos.

Quanto a Nós, nada temos omittido, todas as vezes que as circumstancias Nol-o permittem, para conservar e robustecer entre vós a religião catholica. N'este intuito emprehendemos principalmente duas obras que muito bem conheceis: uma é promover o estudo das sciencias, a outra é aperfeiçoar a administração da Igreja catholica na America. Na verdade, embora no vosso paiz houvesse varias universidades notaveis, julgámos todavia conveniente que existisse uma instituida pela Sé apostolica e augmentada por Nós de todas as formas. Abi, a mocidade avida de sciencia seria instruida por doutores catholicos, primeiro na philosophia e na theologia, depois, quando as circumstancias e o tempo o permittissem, nas outras sciencias, e particularmente n'aquellas que nasceram ou se aperfeiçoaram durante o nosso seculo. Na verdade, toda a erudição seria incompleta se não se lhe juntasse algum conhecimento das sciencias modernas.

Por certo, no meio de um tão rapido movimento dos espiritos, de um tal desejo de saber espalhado por toda a parte e que em si mesmo é louvavel e bom, convém que os catholicos marchem na frente e não que sigam os outros. Por isso é necessario que se munam de todas as vantagens da sciencia, que ardentemente se entreguem ao descobrimento da verdade e á investigação de toda a natureza na medida do possivel. Tal foi em todos os tempos a intenção da Igreja, que sempre consagrou quantos esforços e cuidados poude em alargar os horisontes das sciencias. Foi por isso que, veneraveis irmãos, pela carta que vos dirigimos em 7 de março de 1889, fundámos em Washington, vossa capital, um grande collegio destinado á mocidade desejosa de instruir-se nas altas sciencias, e tambem vós provastes, pelo grande numero de alumnos que para lá enviastes, que essa fundação seria muito util ao progresso das sciencias mais excellentes.

Fallando a esse respeito em consistorio aos Nossos veneraveis irmãos cardeaes, exprimimos a Nossa vontade de que n'essa universidade se considere como lei a união da integridade da fé á erudição e á sciencia, e se forme a mocidade na religião não menos que nas letras. Portanto, para assegurar o bom andamento dos estudos e manter a disciplina, ordenámos que os bispos dos Estados Unidos se pozessem á frente da Universidade, conferindo a auctoridade e a direcção ao arcebispo de Baltimore. E, pela graça de Deus, os principios teem sido felizes e auspiciosos. Com effeito, não tardou que, quando vós celebraveis sollemnes festas seculares para consagrar a memoria da jerarchia ecclesiastica, em presença do Nosso legado, a Universidade dêsse os mais favoraveis testemunhos no que respeita á doutrina ecclesiastica. Soubemos que desde então trabalhavam no ensino da theologia homens experimentados, cujo talento e sciencia andavam unidos a uma fé muito viva e a uma notavel submissão á Santa Sé.

Graças á generosidade de um santo-sacerdote, não ha muito tempo que foi construido um edificio destinado ao ensino das sciencias e das letras e consagrado ao interesse dos clerigos e ao mesmo tempo dos leigos. Confiamos que os cidadãos hão de imitar este exemplo, porque não ignoramos qual é o character dos americanos; não podem esquecer que toda a liberalidade feita n'este sentido é compensada pelos maiores resultados para o bem commum.

Todos sabem que taes universidades, em diversas epochas instituidas pela Igreja romana, ou por ella approvadas e munidas de leis depois da sua fundação, em toda a Europa produziram immensos resultados para a diffusão da sciencia e para o progresso da civilisação. Hoje, para não fallar das outras, basta nomear a universidade de Louvain, á qual toda a nação belga deve um grande augmento de prosperidade e de gloria. Será facil tirar as mesmas vantagens da universidade de Washington, se mestres e discipulos, do que não duvidamos, seguirem os Nossos preceitos, e se, removendo os interesses de partidos e as rivalidades, conciliarem o favor do povo e do clero. Queremos aqui recommendar á vossa caridade, veneraveis irmãos, e á be-

neficiência do povo, o collegio Urbano para os jovens clérigos da America do Norte, collegio fundado pelo Nosso predecessor Pio IX e que Nós procurámos robustecer por uma constituição regular, em carta de 25 de outubro de 1884.

Com tanto maior vontade fazemos este appello quanto esta instituição de forma nenhuma enganou as communs esperanças concebidas a seu respeito. Vós proprios sois testemunhas de que, em pouco tempo, sabiram d'esse collegio numerosos e pios sacerdotes, e entre elles não faltam alguns que, pelas suas virtudes e sciencia, attingiram os mais altos graus da jerarchia sagrada. Assim, pensamos que fareis uma obra muito vantajosa, se tiverdes o cuidado de mandar para lá jovens escolhidos que serão instruidos para esperança da Igreja. Com effeito, os talentos e as virtudes que adquirirem em Roma, applical-os-hão no seu paiz e hão de empregal-os um dia no bem commum. Da mesma forma, desde o principio do Nosso pontificado, cedendo ao affecto que dedicamos aos catholicos da vossa nação, começámos a pensar no terceiro concilio de Baltimore; e como os arcebispos convocados por este motivo a Roma tinham corrido ao Nosso convite, por elles Nos informámos cuidadosamente do que julgavam necessario fazer-se para o bem commum.

Finalmente as decisões tomadas por todos os bispos reunidos em Baltimore, ratificámo-las com a Nossa auctoridade apostolica. Os resultados d'essa obra não tardaram a manifestar-se, e a experiencia mostra ainda que as decisões do concilio de Baltimore são salutaes e muito bem appropriadas ás circumstancias. Já se experimentou a sua efficacia em avigorar a disciplina, excitar o zelo e a vigilancia do clero, assegurar e dilatar a instrucção catholica da mocidade; e, veneraveis irmãos, se reconhecemos n'este ponto o vosso zelo, se louvamos a vossa constancia unida á vossa sabedoria, é com muita justiça que o fazemos; comprehendemos, com effeito, que nunca tal abundancia de bens se teria conseguido tão depressa e tão vantajosamente, se vós não tivésseis cumprido com zelo e fidelidade, cada um na medida das suas forças, as sabias decisões do concilio de Baltimore.

Mas, uma vez concluido esse concilio, restava coroar a obra convenientemente; vimos que o melhor meio de o fazer era, da

parte da Santa Sé, constituir formalmente uma legação americana, e foi o que fizemos, como sabeis. Assim, como n'outro lugar dissemos, quizemos primeiramente testemunhar que a America tinha os mesmos direitos á Nossa benevolencia, o mesmo logar em nosso coração que as outras maiores e mais poderosas nações. Tambem tivemos em vista consolidar os laços que unem tantos milhares de catholicos á Santa Sé. Realmente, a multidão dos catholicos comprehendeu que essa decisão tomada por Nós e que ella reputava salutar, era conforme ao costume da Sé apostolica.

Em verdade, os pontifices romanos, por isso que receberam de Deus o poder de administrar o mundo christão, desde a mais remota antiguidade costumaram enviar seus delegados ás mais longinquas nações e povos christãos; e procederam assim em virtude d'um direito proprio, porque o Pontifice romano a quem Jesus Christo confiou o poder ordinario e immediato quer sobre todas e a cada uma das Egrejas, quer sobre todas e a cada um dos pastores e fieis, visto ser-lhe impossivel percorrer por si mesmo todos os paizes e exercer directamente a sua sollicitude pastoral sobre o rebanho que lhe está confiado, deve, consoante o munus de que está investido, enviar ás diversas partes do mundo e segundo as necessidades do momento, delegados que, representando-o, corrijam os erros, aplainem as difficuldades e trabalhem na salvação dos povos que lhes estão confiados. Seria uma injustiça acreditar que, confiada ao legado, prejudica a auctoridade dos bispos. São para nós venerandos e santos os direitos d'aquelles que o Espirito Santo designou como bispos para governo da Igreja de Deus, e queremos conservar inviolaveis seus direitos em todas as nações e em todos os logares, tanto mais quanto é certo que a dignidade de cada bispo está, por sua propria natureza, tão unida á dignidade do Pontifice romano, que aquelle que vela pela primeira, garante necessariamente a segunda. « A minha honra é a honra universal da Igreja, a força de meus irmãos, e sou verdadeiramente honrado quando não é recusada a honra devida a cada um d'elles » (S. Gregorio). Assim pois, o legado apostolico, qualquer que seja a auctoridade de que está revestido, tendo por character proprio e missão especial cumprir as ordens e inter-

postar a vontade do Pontifice que o enviou, está tão longe de lezar, no minimo ponto, a auctoridade ordinaria dos bispos, que, pelo contrario, a confirma e fortifica. Com effeito, a auctoridade do legado terá uma grande força para conservar entre o povo a obediencia, entre o clero a disciplina e o respeito devido aos bispos, entre os bispos a mutua caridade e a concordia perfeita.

Esta união tão salutar e apeteçivel, que consiste no accordo de sentimentos e actos, terá como resultado que cada um de vós se consagre com zelo á administração da sua diocese, e que todos, pondo de parte as discordias e conservando o mutuo respeito, trabalhem em augmentar a gloria e o esplendor da Igreja americana e garantir o bem commum pela perfeita harmonia dos seus esforços. Difficilmente se pode dizer quantos fructos de salvação esta concordia dos bispos espalhará entre os nossos, e quão forte será para os outros este exemplo. Na verdade, estes comprehenderão facilmente por esta prova que a herança apostolica passou verdadeiramente para as mãos dos bispos catholicos. Ha um outro ponto digno de seria consideração. Como acima dissemos, os homens mais sabios consideram a America chamada a altos destinos, e queremos que a Igreja catholica tenha parte n'esta esperada grandeza e para ella concorra. Intendemos que é bom e necessario que a Igreja se dirija, ao mesmo tempo que o Estado, e com passo firme, a fins tão elevados e tire todo o proveito possivel da sua acção. Ao mesmo tempo a Igreja deverá proceder de modo que, graças ás virtudes que ella inspira, graças ás suas instituições, contribua quanto possivel para os progressos do Estado, e logrará este resultado tanto mais facil e completamente quanto maiores forem as suas conquistas para o futuro. Ora qual é o fim da delegação de que falamos se não conseguir que a Igreja seja mais solidamente estabelecida e a sua disciplina mais firme?

E sendo assim, queremos ver penetrar cada vez mais, no espirito dos catholicos, esta verdade, que não podem garantir melhor os seus interesses particulares e merecer melhor da salvação commum do que sendo submissos com toda a sua alma á auctoridade da Igreja.

Demais, sobre este ponto, os fieis americanos não necessi-

tam de exhortação, porque costumam adherir espontaneamente e com louvavel constancia ás instituições catholicas. Apraz-nos recordar aqui uma regra da mais alta importancia e de consequencias salutaes, regra que, de ordinario, é por nós observada, como é de justiça. Falamos do dogma da unidade e perpetuidade do matrimonio, cujo vinculo concorre para a prosperidade não só da familia, mas tambem do Estado. Entre os vossos concidadãos e entre os que de nós estão separados. um grande numero admira e approva a doutrina catholica, assombrados certamente pelas desordens do divorcio, e pensando assim, são inspirados pelo amor da sua patria e pelo seu bom senso. Não se pode imaginar um flagello mais funesto para o Estado do que a ruptura d'um laço que, segundo a lei divina, deve ser indissolvel e unico. Pelo divorcio violam-se os juramentos conjugaes, desaparece a benevolencia mutua, abre-se larga porta á infidelidade, compromette-se a educação dos filhos, fomenta-se a dissolução da familia, semeam-se discordias no lar domestico, diminue-se e põe-se em perigo a dignidade da mulher, porque corre o risco de ser abandonada depois de servir de instrumento ás paixões do homem; pois que nada ha que mais contribua para a ruina das familias e dos costumes do que o divorcio que, por isso mesmo, muito prejudica a prosperidade dos Estados (*Encyclica Arcanum*). Pelo que respeita aos negocios publico, é evidente e reconhecido quanto, sobre tudo n'um Estado popular como o vosso, importa que os cidadãos sejam probos e de bons costumes. N'um Estado livre, se o povo não cultiva a justiça, se a multidão não é estimulada á observancia dos preceitos evangelicos, a liberdade é funesta.

Que todos os membros do clero que se dedicam á instrução do povo aprofundem com cuidado o estudo dos deveres dos cidadãos, lh'os persuadam fazendo-lhes comprehender que em toda a obrigação da vida civil é necessario dar provas de fé, de moderação e de honestidade; que não é licito fazer nos negocios publicos aquillo que não pode fazer-se nos particulares. Sobre todos estes pontos encontrar-se-hão numerosos ensinamentos, que devem ser seguidos por todos os catholicos, nas Cartas Encyclicas que escrevemos desde o começo do nosso Pontificado.

Tratámos diligentemente quer nos nossos escriptos, quer nos nossos discursos, da liberdade humana, dos principaes deveres dos christãos, da auctoridade civil, da constituição christã dos Estados, apoiando nos em principios tirados já da doutrina evangelica, já da razão. Os que, pois, querem ser cidadãos honestos e cumprir os seus deveres com fé poderão facilmente encontrar em nossas lettras as regras da honestidade.

Do mesmo modo, os sacerdotes devem recordar com insistencia ao povo os estatutos do terceiro Concilio de Baltimore, aquelles sobre tudo que dizem respeito á temperança, á instrução christã da juventude, á frequencia dos sacramentos, á obediencia ás leis justas e ás instituições do Estado.

Pelo que respeita á criação de associações haja cuidado, principalmente nos operarios, em não cahir em erro. É certo que os operarios têm o direito de se reunir em sociedade para protegerem os seus interesses. A Igreja reconhece esse direito e o Estado não se oppõe, mas importa muito que, procurando aquelles interesses, os operarios não se arrisquem a comprometter interesses ainda maiores. Contra este perigo a principal precaução que devem tomar é resolverem que nunca e em nenhuma circumstancia a justiça seja violada.

Se, pois, existe uma sociedade que seja dirigida por homens sem religião, se esta sociedade está desgraçadamente sob o governo de taes homens é prejudicial sob o ponto de vista do bem publico e particular. De nenhum modo lhe pode ser util.

D'aquí deduz-se que é uma necessidade não só evitar as associações expressamente condemnadas pela Igreja, mas tambem as que, segundo a opinião dos homens sensatos e instruidos, sobre tudo dos bispos, são consideradas como suspeitas e perigosas.

Demais, é um negocio de grande utilidade para a salvaguarda da fé o seguinte: os catholicos devem associar-se de preferencia com os catholicos, a não ser que a necessidade os obrigue a procederem d'outro modo, e quando assim estejam reunidos em associação, deverão escolher para directores sacerdotes ou leigos honestos e sérios, que os auxiliem com seus conselhos e se empenhem na observancia do que julgarem conveniente, seguindo as regras que indicamos na nossa Encyclica *Rerum no-*

varum; nunca deverão esquecer que é bom e muito para desejar reivindicar e salvaguardar os direitos da multidão sem esquecer os seus deveres. E são grandes deveres respeitar os bens de outrem e a liberdade de cada um. Ninguém deve impedir quem quer que seja de dar trabalho a quem e quando lhe aprouver.

Os actos que, no ultimo anno, presencastes na vossa patria, praticados pela violencia das turbas, vos advertem que a audacia e a crueldade dos vossos inimigos ameaçam os interesses americanos; as circumstancias, pois, ordenam aos catholicos que lutem para garantir a tranquillidade commum. Para este fim é necessario observar as leis, ter horror á violencia, não exigir mais do que é de justiça.

Para garantir este resultado, muito podem fazer os escriptores principalmente os jornalistas. Bem sabemos que assim trabalham muitos homens experimentados e cujo zelo é digno dos maiores elogios; mas pois que entre vós o desejo de ler é tão vivo e tão universal, e pois que esse desejo pode ser o principio de muitos bens, mas tambem de muitos males, é necessario que empregueis todos os vossos esforços para augmentar o numero d'aquelles que se dedicam á imprensa, a fim de que exerçam este munus d'um modo esclarecido, guiados pela religião, respeitando sempre a honestidade, e isto é evidentemente necessario, na America sobre tudo, por causa das relações frequentes que os catholicos têm com individuos estranhos á nossa religião. É isto evidentemente uma razão para que os nossos tenham grandes precauções e sobre tudo uma grande constancia. É ainda necessario que sejam instruidos, prudentes, firmes, amantes da virtude e dispostos a observarem fielmente os seus deveres para com a Igreja no meio de tantos perigos.

Tal deve ser o objecto dos cuidados e dos esforços do clero; é o seu dever proprio e a sua grande missão. Todavia o paiz e as circumstancias exigem que, pelo mesmo motivo, os jornalistas façam todos os esforços possiveis.

Devem considerar seriamente que o trabalho do escriptor será, se não prejudicial, pelo menos pouco util á religião, se não houver accordo entre os que se propõem ao mesmo fim. Os que desejam servir a Igreja, os que, por seus escriptos, querem con-

tribuir para a conservação da religião catholica, devem combater com grande concordia e com as forças unidas. Se dividem estas forças com discordias provocam a guerra e não a repellem. Do mesmo modo, os escriptores esterilizam a sua obra, tornam-na defeituosa e prejudicial todas as vezes que ousam julgar os designios e os actos dos bispos, criticando-os, censurando-os, faltando ao respeito a que são obrigados, não considerando que tal proceder é prejudicial á manutenção da ordem e fertil em males. Lembrem-se, pois, dos seus deveres, e não ultrapassem os justos limites da moderação. É necessario que se submettam aos bispos, collocados em alto grau de auctoridade, que lhes prestem a honra que convém á grandeza e santidade das suas funcções, e este respeito, que ninguem pode esquecer, deve ser sobre tudo grande e destinado, para assim dizer, a servir de exemplo aos jornalistas catholicos.

Os jornaes largamente espalhados são lidos por todos e exercem grande influencia sobre a opinião e sobre o proceder do povo. Frequentes vezes damos varios avisos sobre os deveres d'um bom escriptor; novas prescripções foram de novo indicadas, a este respeito, pelo terceiro concilio de Baltimore e pelos bispos reunidos em Chicago em 1893. Os catholicos deverão pois ter sempre presentes ao seu espirito os Nossos ensinamentos e os vossos e decidirem-se a dirigir n'este sentido os seus escriptos, para bem cumprir, como é dever seu, as suas funcções.

Dirigimo-nos agora a outros homens que não professam a fé christã. Quem poderá negar que o afastamento de muitos d'elles provém do seu nascimento muito mais que da sua vontade? A Nossa recente Carta *Preclara* manifestou como Nos preoccupa a sua salvação, com que ardor desejamos que voltem um dia ao seio da Igreja, a mãe commum de todos, e temos esperanza de que os Nossos desejos serão realizados.

Está comnosco Aquelle a quem tudo obedece e que se propoz « reunir em um só rebanho os filhos de Deus que estavam dispersos (Joan. XI, 52) ». Não os devemos abandonar, deixal-os entregues aos seus proprios desejos, mas pelo contrario, á força de doçura e caridade, attrahil-os a nós, persuadindo-

lhes que estudem todos os pontos da doutrina catholica a fim de que abandonem as suas prevenções. Para isto, se o primeiro papel pertence aos bispos e ao clero, o segundo pertence aos leigos. Está nas posses d'estes ajudar os esforços apostolicos do clero pela probidade dos seus costumes e pela honestidade da sua vida. A força do exemplo é muito grande, para aquelles sobre tudo que tendem do fundo do seu coração para a verdade, que procuram a honestidade por uma disposição natural para a virtude. Taes homens são numerosos no vosso paiz. Se o espectáculo das virtudes christãs foi tão efficaz entre os pagãos cegos por superstições inveteradas, como n'ol-o attestam os documentos historicos, havemos de crer que seja impotente para exterminar o erro entre os que foram iniciados na religião christã?

Emfim, não podemos deixar passar em silencio aquelles que uma longa desgraça recommenda ao zelo dos homens apostolicos; queremos falar dos Indios e dos Negros que habitam esse territorio americano e que, na maior parte, ainda vivem sepultados nas trevas da superstição. Que vasto campo para arrotear! Que multidão de homens aos quaes se podem distribuir os beneficios que Jesus Christo nos mereceu!

E agora, como penhor de benções celestes e como testemunho da Nossa benevolencia, concedemos affectuosamente no Senhor a benção apostolica, a vós, Veneraveis irmãos, ao vosso clero e ao vosso povo.

Dada em Roma junto de S. Pedro, aos 6 de janeiro, festa da Epiphania de Nosso Senhor, no anno de 1895, decimo septimo do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.



DIREITO CANONICO E LITURGICO

CONSULTA

Certa pessoa pede ao seu parochio que lhe faça os officios em vida, receando que seus herdeiros lh'os não façam depois da morte. Leio n'um livro liturgico que taes officios são licitos e proveitosos, no pensar de bons auctores. Qual é a opinião da *Revista* sobre o assumpto, e em que livros é que este se acha tractado?

Um assignante.

RESPOSTA

Não sabemos quem são os graves auctores que sustentam ser licita a celebração solemne de *Officio de Defunctos* em suffragio pelos vivos; e é difficil escogitar os argumentos em que taes auctores se fundam para emittirem tal opinião. Que *officio* se ha de celebrar em suffragio por um vivo? Será o do dia da deposição do cadaver? Será o do 3.^o, 7.^o ou trigesimo dia da morte ou inhumação? Será o do anniversario do defuncto? Celebrar, pois, *Officio de defunctos* por um ou mais que estão vivos parece-nos um pouco alheio do espirito da Egreja. Aquelles admiraveis e enternecedores suffragios foram compostos pela Egreja para um fim claramente determinado, isto é, em beneficio dos que morreram no gremio da mesma Egreja, e não em beneficio dos vivos.

Demais é infundado o receio a que se allude na consulta. Com effeito, não só a pessoa de que se tracta pode ordenar em testamento que se façam suffragios por sua alma, comtanto que n'elles se não consuma mais do que o terço da terça dos bens que deixa (cod. civ., art. 1775.^o), — mas ainda o parochio pode fazer os suffragios por alma do fallecido e exigir os respectivos benesses, que fazem parte da sua congrua, e que serão os que se acham auctorizados pelo uso e costume, quando não haja em vigor alguma tabella que os designe.

Veja-se a este respeito o que dissemos na primeira consulta publicada nos supplementos da *Revista Contemporanea*.



SUPPLEMENTO

A

REVISTA CONTEMPORANEA

DIREITO ECCLESIASTICO E CIVIL

CONSULTA

Srs. redactores : — Falleceu ha tempos um parochio, que deixou de fazer durante alguns annos os assentos de baptismos, casamentos e obitos; encontraram-se-lhe, porém, os apontamentos necessarios para se poderem fazer. Poderá qualquer sacerdote, auctorisado pelo seu prelado, mandal-os fazer e assignal-os, sem d'aqui lhe resultar alguma responsabilidade no presente ou para o futuro ?

RESPOSTA

Vê-se dos termos em que se acha formulada a consulta, que o parochio fallecido não lavrou os assentos em nenhum dos livros do registo. Não se cumpriram, pois, os preceitos do regulamento de 2 de abril de 1862, que diz :

« Art. 20.º — Dentro dos primeiros cinco mezes de cada anno os vigarios das varas ou arceprestes verificarão o estado do registo parochial e a regularidade com que é feito, conferindo todos os livros de registo do anno anterior, notando as faltas ou irregularidades que encontrarem, e lançando n'elles o seu despacho de approvação ou reprovação. »

Tambem deixou de cumprir-se o preceito do art. 21.º, que manda remetter á camara ecclesiastica, no principio de cada anno, um dos exemplares de todos os livros de registo do anno

antecedente, e o masso de documentos pertencentes ao mesmo registo.

Em presença d'estas disposições terminantes da lei, a hypothese da consulta chega quasi a ser inverosimil.

Se existisse o duplicado pertencente á camara ecclesiastica, deviam por elle ser lavrados os assentos com auctorisação do respectivo prelado. Se porém o duplicado não existe, e o parochio successor encontra os apontamentos necessarios para lavrar os assentos, deve fazê-lo, recorrendo previamente ao prelado respectivo. Este serviço pertence ao parochio, e não a qualquer sacerdote, por força do disposto no art. 1.º do regulamento de 2 de abril de 1862, que diz: « O registo parochial, conforme as condições e prescripções regulamentares contidas no presente decreto, continuará a ser feito pelo respectivo parochio ou pelo ecclesiastico que para este fim ¹⁾ legitimamente o substituir. »

É claro que o parochio não incorre em qualquer responsabilidade pelo facto de lavrar os assentos n'estas condições, porque o prelado é a auctoridade competente para dar a necessaria auctorisação, assim como tem competencia para os casos de rectificação ²⁾. Decr. de 19 de agosto de 1859, art. 18.º, e decr. de 2 de abril de 1862, art. 17.º

Ainda ha uma outra questão na consulta: poderá o parochio mandar fazer e assignar os assentos de que se tracta?

Não pode, porque é terminante a disposição, já citada, do art. 1.º do regulamento de 2 de abril de 1862.

Só ha um caso em que o assento pode deixar de ser lavrado pelo parochio: é quando o seu coadjutor administra um baptismo, assiste a um casamento ou encommenda um cadaver. Então podem ser os assentos lavrados pelo parochio ou pelo coadjutor, porque este substitue legitimamente o parochio no exercicio das suas funcções.

¹⁾ As palavras — *este fim* — referem-se ás funcções parochiaes, como se vê confrontando com o art. 1.º do decreto de 9 de setembro de 1863.

²⁾ Dias Ferreira, *Código civil portuguez annotado*, vol. v, pag. 185. Notaremos que, para o caso de rectificação de assentos, deve intentar-se uma acção ordinaria no juizo civil, e, obtida sentença, requerer-se ao prelado diocesano que mande fazer a rectificação. *Revista de Legislação e de Jurisprudencia*, vol. XXIII, pagina 150.

DIREITO CANONICO

CONSULTAS

I

Srs. redactores: — A junta de parochia de certa freguezia, precisando de pedra para differentes obras, aproveitou a dos muros do velho cemiterio, que desmanchou, e no qual deixou de haver enterros ha sete annos e meio; e, por isso, ficando completamente devassado, deu occasião a que por elle façam caminho e que uma ou outra vez, ás escondidas, alguns pastores lá apascentem gado. Está por este facto o cemiterio profanado? No caso affirmativo é ainda necessaria a exhumação das ossadas? Tendo de se fazer a exhumação, que solemnidades se devem observar?

II

Em certa freguezia do bispado de... Paulo casou civilmente com Bertha, e quer agora, arrependido, reparar o escandalo, recebendo o sacramento do matrimonio. Ha a pedir dispensa do impedimento de *honestidade publica*?

RESPOSTAS

I

Os cemiterios são logares sagrados e fazem parte da igreja, estejam ou não contiguos a ella. Falando da veneração e respeito que se deve aos cemiterios, Ferraris (*Bibliotheca in verbo Coemiterium*) diz: «Synodus P. II Cameracensis tit. 13 cap. 6 statuit: «Coemiteria diligenter sepiantur et claudantur, nec animalia in eisdem ad pascendum admittantur». Quod interdixisse quoque videtur Synodus D. Michlinensis tit. 11, cap. 16 ubi statuit ut «Cemiteria muris fossis aut sepibus ita concludantur, ut equis, vaccis, porcis, aliisque similibus animalibus nullus paret accessus.»

O cemiterio julga-se violado nos mesmos casos em que se julga violada a igreja. Santo Affonso (*Theol. Mor. Lib. 6.º, n. 363*) diz: «...Ecclesia, uti et coemiterium, violantur seu polluantur sequentibus casibus...

4.º Per destructionem Ecclesiae ex toto vel majore parte (*parietum vel crustae...*), quamquam eo casu dicatur potius exereris, quam pollui...». É, pois, evidente que o cemiterio de que se trata está violado.

Deduz-se da consulta que o cemiterio violado foi transferido para outro lugar. Neste caso deve fazer-se a trasladação das ossadas, observando-se as prescrições legais.

Quanto ás solemnidades religiosas não se encontra no Ritual liturgia propria. O uso é o seguinte: O parochio, de sobrepeliz e estola negra, preside ao acto e durante o trajecto do cemiterio onde se fez a exumação para o outro, recita as preces costumadas quando se conduz um cadaver da igreja para o cemiterio, terminando com a oração — *Fidelium Deus...*

II

Não, porque não houve legitimas esponsaes. Á S. Congregação do Concilio foi proposta a seguinte duvida: « An actus qui vulgo audit matrimonium civile pariat impedimentum publicae honestatis? » A resposta foi: « *Negative, facto verbo cum Sanctissimo, ut id decernere et declarare dignetur per decretum generale (13 de março de 1879)* ». O Santo Padre Leão XIII a 17 do mesmo mez e anno, confirmou o veridictum da S. Congregação.

DIREITO ECCLESIASTICO E CIVIL

CONSULTA

Srs. redactores: — Antonio, fallecido na freguezia B., foi sepultado na freguezia C. Por quem deve ser lavrado o respectivo assento? pelo parochio da freguezia B. ou pelo da freguezia C.?

RESPOSTA

Se attendermos a que se trata de um assento de *obito*, e não de um assento de *sepultura*, está resolvida a questão: o assento deve ser lavrado pelo parochio da freguezia onde se deu o obito.

O assento é destinado a testemunhar o facto do fallecimento e por tanto ninguem melhor o pode lavar do que o parochio da freguezia que tem de fazer a encommendação. Tambem ninguem melhor que esse parochio pode saber o lugar, o dia e a hora do fallecimento, e bem assim se o fallecido recebeu ou não os sacramentos, e tudo isto deve constar do assento.

Finalmente, assim como os assentos de baptismo e casamento hão de ser lavrados pelo parochio da freguezia onde esses factos se realisarem, seja qual for a sua naturalidade e o domicilio dos baptisados e dos nubentes, — tambem o assento de obito deve ser lavrado pelo parochio da freguezia onde elle se der, seja qual for o lugar da sepultura.

Portanto, ne hypothese sujeita, é o parochio da freguezia B. quem ha de lavar o assento.

DIREITO ECCLESIASTICO E CIVIL

CONSULTA

Srs. redactores: — Um individuo que se chama Pedro Antonio Dias perfilhou no assento do baptismo a Maria e Romão, mas assignou somente Antonio Dias. Algum tempo depois contrahiu matrimonio e legitimou os filhos, assignando Pedro Antonio Dias, isto é, o nome por inteiro.

Pergunta-se: pode o parochio certificar que Maria e Romão foram legitimados por subsequente matrimonio, sem que preceda a rectificação do assento de baptismo, onde o nome do pae não está completo?

RESPOSTA

Evidentemente o parochio não pode ter dúvida em passar a certidão a que se allude na consulta, porque não houve irregularidade alguma no acto da legitimação. Nem o parochio é responsavel pelo facto de não ter o pae assignado o nome todo no acto da perfilhação, porque não tinha obrigação de averiguar se esse era ou não o nome por inteiro.

Parece-nos que não é necessario para qualquer effeito proceder á rectificação do assento do baptismo, visto que está feita a legitimação. Se se quizesse proceder á rectificação do assento, deveria instaurar-se uma acção de processo ordinario, em conformidade do disposto nos art. 4.º e 130.º n.º 5 do codigo do processo civil 1).

Vê-se em face dos art. 16.º e 17.º do decreto regulamentar de 2 de abril de 1862, que para se fazer qualquer rectificação em assento de baptismo deve intentar-se a competente acção no juizo civil, e, obtida sentença, requerer-se ao prelado diocesano que mande fazer a rectificação do assento.

Esta doutrina, que é seguida pela *Revista de Legislação e de Jurisprudencia*, tem a seu favor o accordão do Supremo Tribunal de Justiça de 7 de abril de 1876. 2)

Mas, repetimos, parece-nos que na hypothese da consulta é desnecessario proceder a tal rectificação.



1) *Revista de Legislação e de Jurisprudencia*, vol. xxiii, pag. 150.

2) Publicado na *Revista de Legislação e de Jurisprudencia*, vol. xii, pag. 557.

DECRETO DO SANTO OFFICIO

RELATIVO A CREMAÇÃO DOS CADAVERES ¹⁾

Feria iv, die 19 Maii 1886.

Non pauci Sacrorum Antistites cordatique Christi fideles animadvertentes, ab hominibus vel dubiæ fidei, vel massonicae sectæ addictis magno nisu hodie contendit, ut ethnicorum usus de hominum cadaveribus comburendis instauretur, atque in hunc finem speciales etiam societates ab iisdem institui: veriti, ne eorum artibus et cavillationibus, fidelium mentes capiantur, et sensim in eis imminiatur existimatio et reverentia erga christianam constantem et solemnibus ritibus ab Ecclesia consecratam consuetudinem, fidelium corpora humandi: ut aliqua certa norma iisdem fidelibus præstò sit, qua sibi a memoratis insidiis caveant; a Suprema S. Rom. et Univ. Inquisitionis Congregatione declarari postularunt:

1.º An licitum sit nomen dare societatibus, quibus propositum est promovere usum comburendi hominum cadavera?

2.º An licitum sit mandare, ut sua aliorumve cadavera comburantur?

Eminentissimi ac Reverendissimi Patres Cardinales in rebus fidei generales inquisitores, supra scriptis dubiis serio ac mature perpensis, præhabitoque DD. Consultorum voto respondendum censuerunt:

Ad 1^m Negative, et si agatur de societatibus massonicae sectæ filialibus, incurri poenas contra hanc latas.

2^m Negative.

Factaque de his Sanctissimo Domino Nostro Leoni Papæ XIII relatione, Sanctitas Sua resolutiones Eminentissimorum Patrum adprobavit et confirmavit, et cum locorum Ordinariis communicandas mandavit, ut opportune instruendos curent Christifideles circa detestabilem abusum humana corpora cremandi, utque ab eo gregem sibi concreditum totis viribus deterreant.

JOS. MANCINI, S. Rom. et Univ. Inquis. Notarius.

¹⁾ Por ser de interesse geral publicamos este decreto do Santo Officio.

Tradução

Quarta feira, 19 de Maio de 1886.

Um grande numero de bispos e fervorosos christãos, notando que alguns homens de fé duvidosa, ou filiados na seita maçônica, fazem hoje grandes esforços para restabelecer o costume pagão de queimar os cadaveres humanos e, para esse fim, organisam associações especiaes, receiaram que as suas artificiosas razões seduzissem o espirito dos fieis e n'elles diminuissem pouco a pouco a estima e o respeito da inhumação christã dos corpos, constantemente praticada pela Igreja e por ella feita com ritos solemnes. Em consequencia d'isso, para que os fieis tenham uma regra certa, capaz de os preservar dos perigosos sophismas de que se trata, pediram á suprema Congregação da Santa, Romana e Universal Inquisição, que declarasse :

1.º Se é licito alistar-se nas sociedades que têm por fim propagar a cremação dos cadaveres ;

2.º Se é licito ordenar essa cremação para os seus cadaveres ou para os de outras pessoas.

Os Eminentissimos e Reverendissimos Cardeaes, Inquisidores geraes em materia de fé, depois de terem estudado estas questões com seriedade e madureza, e havidos os votos dos Consultores, decidiram responder :

Á primeira, negativamente, e, se se trata de sociedades filiaes da seita maçônica, incorre-se nas penas proferidas contra ellas ;

Á segunda, negativamente.

Apresentadas estas respostas ao nosso Santissimo Senhor Leão XIII, Sua Santidade approvou e confirmou as resoluções dos Eminentissimos Padres, e ordenou que fossem communicadas aos Ordinarios, psra que em occasião opportuna instruam os seus rebanhos ácerca do character abusivo e detestavel da cremação, e para que empreguem todos os seus esforços em os desviar de semelhante prática.

INDICE DO 1.º VOLUME

DA

REVISTA CONTEMPORANEA

	Pag.
Allemanha (Movimento anarchista na)	115
Alexandre II (Assassinato de).	120
Alexandre III (Doença e morte de)	63 e 95
America (<i>Vid.</i> Raça americana).	
Anarchia (A)	33, 70, 115 e 149
Anarchia (Origens da)	33
Anarchia (Constituição do partido).	70
(<i>Vid.</i> Allemanha, Austria-Hungria, Belgica, Estados Unidos, França, Hespanha, Inglaterra, Italia, Russia e Suissa).	
Atheismo no Estado (O).	15 e 45
Augusto de Castilho	158
Austria-Hungria (Movimento socialista na).	121
Bakounine (Propaganda anarchista de).	38 e 70
Belgica (Movimento anarchista na).	117
Bibliographia	123, 190, 256 e 320
Bibliotheca do Vaticano (O novo prefeito da).	269
Brazil (<i>Vid.</i> Missionarios portuguezes).	
Camara dos pares (Sessão memoravel na).	91
Caprivi (Demissão de).	94
Carnot (Assassinato de).	78
Caserio Santo (<i>Vid.</i> Carnot).	
Casimiro Périer (Demissão de).	159
Centenario de Santo Antonio.	91
Centro parlamentar nacional (O)	30
China (<i>Vid.</i> Oriente).	
Chronica contemporanea	27, 56, 90 e 125
Collectivismo industrial.	299
Colonias e missões na Africa	59

	Pag.
Colónias portuguezas (Defeza das)	230
Conceito de vida (O)	97 e 182
Conclave (O futuro).	32 e 63
Conde de Paris	31
Confissão de um sabio	83
Congresso anarchista de Haya	70
Congresso nacional de tuberculose	214 e 242
Congresso socialista de Gotha	9
Crítica (A) d'um socialista.	272, 289 e 321
Denza (Fallecimento do padre).	160
Deus (Demonstração da existencia de)	83
Discurso da corôa (O) e a marinha de guerra	56
Edade media (Influencia da Igreja na)	65
Igreja (A) e as sciencias experimentaes	68
Igreja (A) e as sciencias naturaes	112 e 129
Igreja (A) e as Universidades	208
Igrejas do oriente e do occidente (União das).	96
Electricidade (<i>Vid.</i> Execuções).	
Estado (<i>Vid.</i> Protecionismo).	
Estados Unidos (Movimento anarchista nos)	150
Estatistica importante.	242
Execuções pela electricidade	200
Felix Faure (Eleição de)	159
Formas de governo (A Igreja e as)	47
França (A questão politica em)	31 e 32
França e Allemanha	62
França (Movimento anarchista na)	72
Fructos (Os) da obra	253
Gram (Trabalhos do padre Luiz da) no Brazil	179
Gravuras (As nossas).	263
Guarda (A cidade da) considerada como estação para tratamento da tuberculose pulmonar.	225
Hespanha (A questão politico-religiosa na)	93 e 160
Hespanha (Movimento anarchista na)	151
Historia contemporanea (Uma pagina de).	342 e 358
Inlaterra (Movimento anarchista na)	149
Introdução	1
Italia (Movimento anarchista na)	118
Japão (<i>Vid.</i> Oriente).	
Jesuítas (Os) e a restauração de 1640.	22 e 50
João Chrysostomo de Abreu e Sousa	157
João de Deus	193
Jornaes de Roma (<i>Vid.</i> Perseguições).	

	Pag.
Karl Marx (Propaganda anarchista de)	70
Karl Marx (Theorias collectivistas de)	300
Lassalle (Theorias collectivistas de).	304
Leão X, protector das lettras e das artes	172
Leão XIII, protector das sciencias	175
Leonardo Nunes (Missões do padre)	139
Lourenço Marques (Os acontecimentos de)	57, 58 e 157
Lua (Noticias scientificas ácerca da)	84
Madagascar (A questão de)	61 e 95
Maria Telles (O palacio de D.)	41
Marinha de guerra (Acquisição de material).	60
Milagres (Os) de Lourdes e as objecções dos medicos.	235, 285 e 371
Missão (A) scientifica da Igreja	65, 111, 129 e 170
Missionarios (Trabalhos geographicos dos).	411
Missionarios portuguezes no Brazil.	137 e 177
Missões (<i>Vid.</i> Colonias).	
Nihilismo na Russia.	119
Nobrega (Trabalhos do padre) no Brazil.	177
Oliveira Martins	27
Oriente (A guerra no).	61
Papado (Testimunho de Chateaubriand ácerca do)	174
Pára-raios (Novo systema de)	204
Périer (<i>Vid.</i> Casimiro).	
Perseguições em Roma	63
Philosophia conimbricense (A antiga escola de)	161 e 251
Philosophia natural (Problemas de).	97 e 182
Politica portugueza 30, 56, 57, 58, 59, 60, 90, 91, 92, 125 e 156	
Proteccionismo (O) do Estado	105
Protestantismo em Madrid.	63
Proudhon (Theorias anarchistas de)	35
Questão social (A)	299
Questões scientificas	200
Raça americana (Origens da).	79
Ravachol (Crimes e condemnação de).	75
Restauração de 1640 (<i>Vid.</i> Jesuitas).	
Roma e a Russia.	309
Russia (Movimento anarchista na)	119
Sabio (Um) portuguez no seculo XIII.	258
Salmeron (Expulsão de).	57
Santa Cruz (Igreja de)	263
Santo Antonio (<i>Vid.</i> Centenario).	
Santo Antonio de Lisboa em França	361
Santo Antonio dos Olivaeas (Igreja de)	264

	Pag.
Socialismo (O) allemão	7
Socialismo (O) e a religião	12
Socialista (<i>Vid.</i> Critica).	
Suissa (Movimento anarchista na)	71
Tuberculose (Congresso Nacional de) em Coimbra	244 e 242
Tuberculose em Lisboa	242
Tuberculosos na Guarda	225
Universidade de Coimbra	
(Uma pagina brilhante na historia da)	85, 143, 220 e 247
Universidade (A) de Coimbra antes da vinda dos Jesuitas.	164 e 251
Universidades (A Igreja e as).	208
Varia	79 e 380
Vida (Origens da)	183

GRAVURAS

Santa Cruz (Fachada da igreja de).	261
Santo Antonio de Lisboa	257
Santo Antonio dos Oliveaes (Escadaria e fachada da igreja de)	265

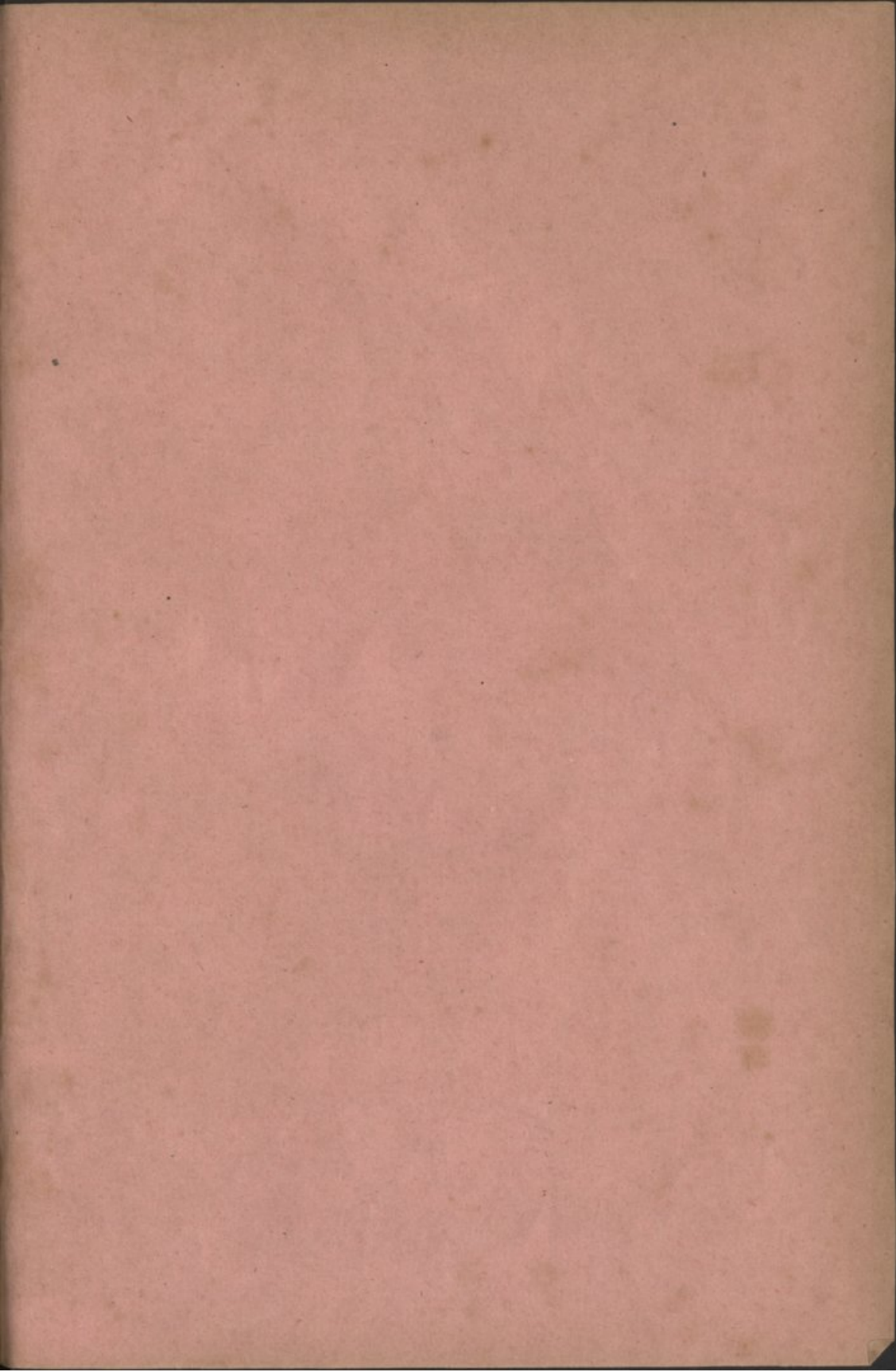
SUPPLEMENTO

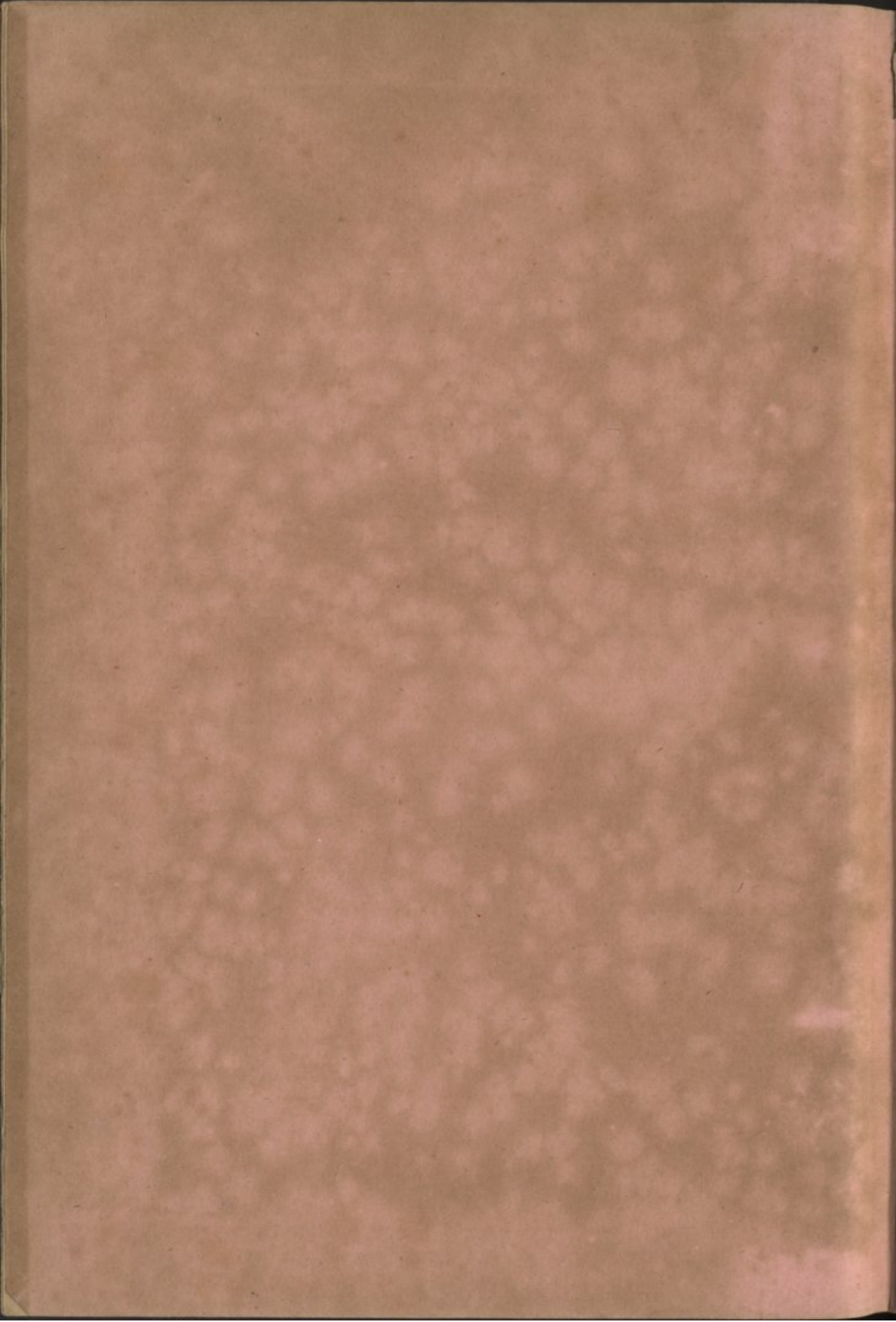
Capellães — Aquelles que o não sejam de estabelecimentos de corporações administrativas não estão sujeitos, como taes, ao pagamento de quaesquer impostos. — E se o estivessem não os isentava a circumstancia de não poderem exigir em juizo a quantia que pela capellania lhes é devida, circumstancia que aliás é inverificavel. — Os capellães de estabelecimentos de corporações administrativas, subsidiados ou não pelo Estado, estão sujeitos ao imposto de rendimento, quando os seus vencimentos excedam 150\$000 reis, e á contribuição industrial, quando percebam quaesquer emolumentos	7)
Carta do Papa aos bispos da Hespanha	19)
Carta do Santo Padre Leão XIII aos arcebispos e bispos dos Estados Unidos	25)
Casamento Civil — Aquelle que se casou civilmente e mais tarde, arrependido, quer reparar o escandalo, recebendo o sacramento do matrimonio, não tem de pedir dispensa do impedimento de <i>honestidade publica</i>	44)

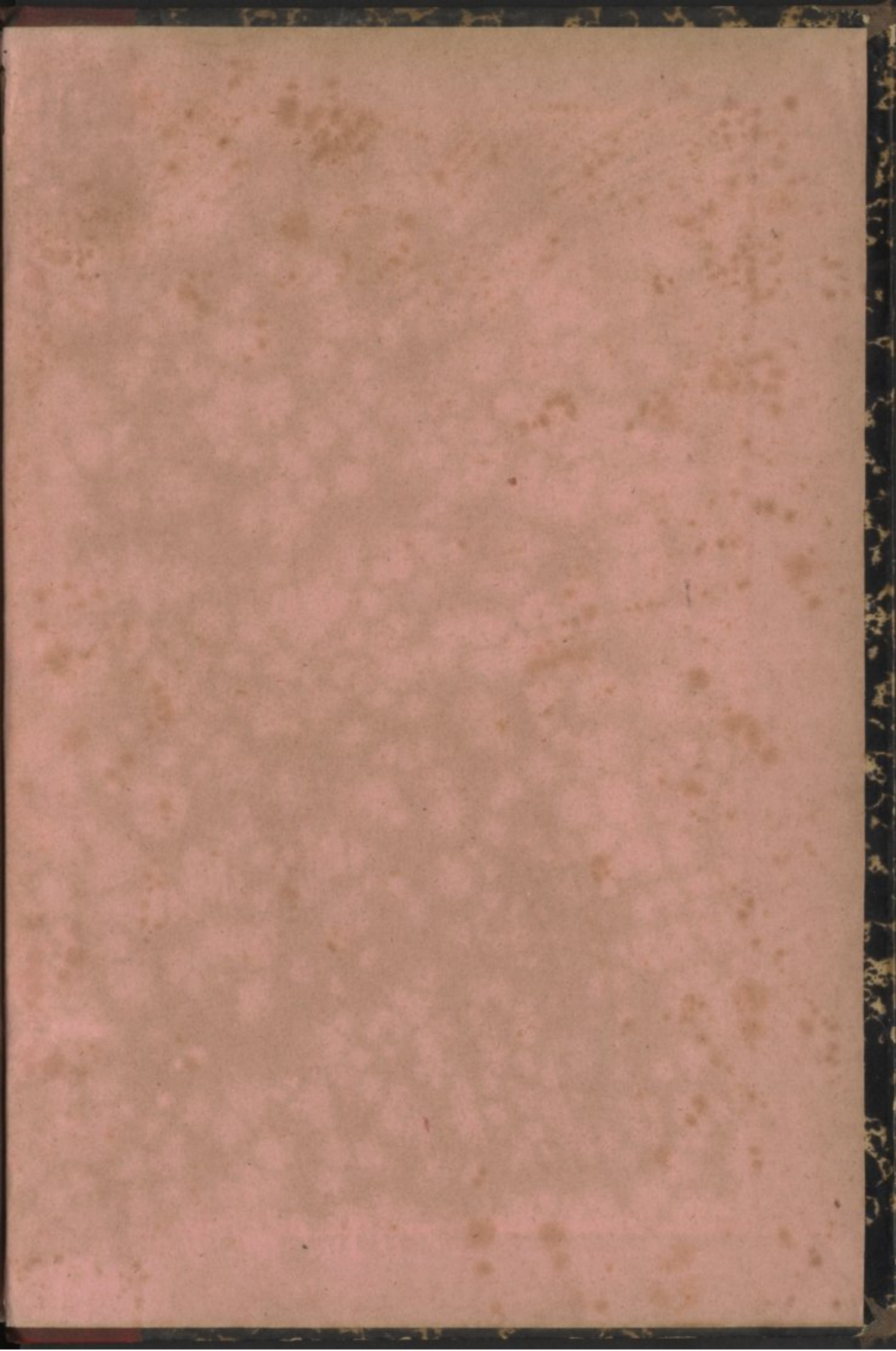
	Pag.
Casamento de menores pobres — A declaração de consentimento para o casamento de menores pobres, por qualquer forma que seja feita, está isenta do imposto de sello	17)
Cemiterios — Está violado aquelle cujos muros foram destruidos e onde por isso ás vezes se apascenta gado.	43)
N'este caso, e tendo sido o cemiterio transferido para outro lugar, deve fazer-se a traslação das ossadas, observando-se as prescripções legais; liturgia propria d'esta solemnidade. . . .	44)
Congruas parochiaes (Legislação sobre as) — Os benesses de suffragios por alma de pessoas fallecidas constituem parte d'essas congruas, e portanto o parochio tem direito a elles. — A disposição do art.º 2116 do cod. civ. não está em vigor	2)
Cremação de cadaveres (Decreto do Santo Officio relativo á). . . .	47)
Diocese — A de um missionario ordenado nas condições dos estatutos do collegio das missões ultramarinas é, no seu regresso ao reino, aquella onde nasceu, ou antes aquella onde os paes tinham domicilio ao tempo do nascimento.	5)
Encyclica « Christi Nomen »	21)
Fieis defunctos — O celebrante que, por inadvertencia, no dia da commemoração dos fieis defunctos, applicar a terceira missa por uma intenção particular, com ou sem estipendio, tendo dito as duas primeiras pelos fieis em geral, satisfaz ao essencial do preceito	13)
Jejum natural. — O parochio que, por inadvertencia, e em dia em que está reunido o povo para assistir á missa de uma festividade, toma uma pequenissima porção de comida ou bebida, pode celebrar	12)
Missa — Ouve missa quem, depois do <i>communio</i> , pede esmola aos fieis assistentes.	15)
—É prohibido o uso de stearina em vez de cera ou azeite. . . .	15)
Missa binada — Ao prudente arbitrio do bispo fica a permissão de que o parochio, que bina em uma capella afastada, receba alguma remuneração pela segunda missa, em attenção ao incommodo e trabalho que tiver; mas exclue-se qualquer estipendio pela applicação da segunda missa	16)
Missa de « requiem » — No anniversario estatuido em testamento póde celebrar-se a missa de <i>requiem</i> (permittindo-o as leis liturgicas), sem que seja forçoso cantar-se o officio, salvo se o testador quiz que se cantasse; mas n'esta hypothese intende-se que o officio é d'um nocturno com Laudes	14)
Missa « pro populo » — Em caso de necessidade pode o parochio celebrar-a n'uma capella que esteja dentro dos limites da sua fre-	

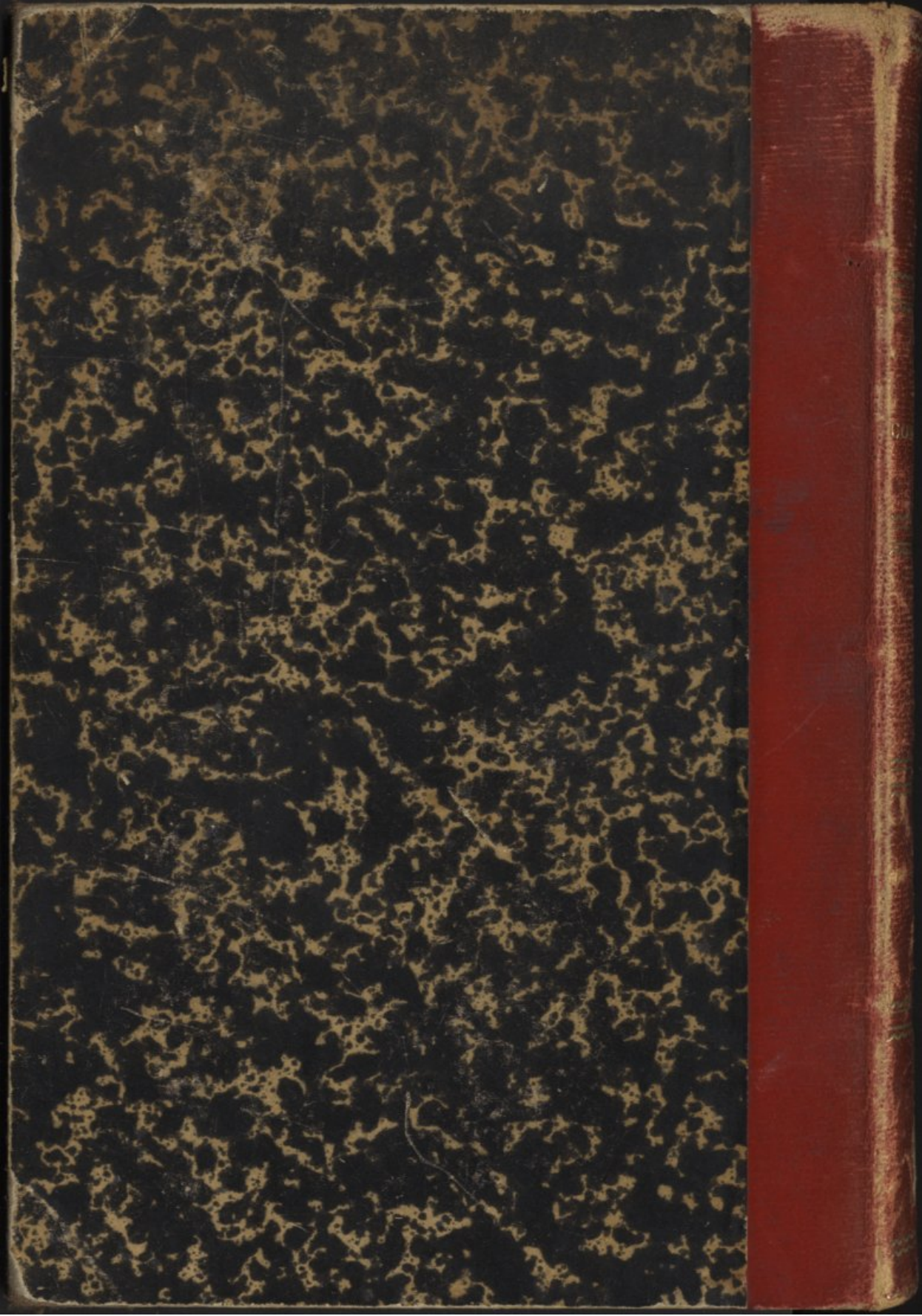
	Pag.
guezia e onde commodamente possam concorrer os fieis que tiverem de a ouvir	14)
Missionario — Aquelle que foi ordenado nas condições dos estatutos do collegio das missões ultramarinas, e no seu regresso do ultramar se conserva fora do reino sem licença do governo, não tem direito ás garantias que lhe conferem os estatutos do mesmo collegio	6)
Officio de defunctos — Não é licito celebral-o em suffragio pelos vivos	39)
Parochos — O governo é obrigado a supprir os <i>deficits</i> que se derem nos rendimentos provenientes de juros de titulos de divida publica adquiridos por virtude da desamortisação dos passaes de parochos, quando esses rendimentos, sommados com os demais da parochia, não excederem a 400\$000 reis. — Meio de conseguir esse supprimento	10)
Vid. <i>Congruas parochiaes, jejum natural, missa « pro populo », missa binada, registo, casamento de menores, cemiterios, casamento civil.</i>	
Registo — O parochio, successor de outro que durante alguns annos deixou de fazer os assentos de baptismos, casamentos e obitos, e que encontrou os apontamentos necessarios para taes assentos se lavrarem, pode lavral-os, com auctorisação do seu prelado, sem que d'ahi lhe resulte qualquer responsabilidade; mas não pode mandal-os lavrar e assignar	41)
—O assento de obito de um individuo fallecido n'uma freguezia e sepultado n'outra deve ser lavrado pelo parochó da freguezia onde falleceu	45)
—O parochio não é responsavel pelo facto de algum individuo não ter assignado com o nome por inteiro os assentos de baptismo em que perfilhou algum filho — Effectuando-se a legitimação por subsequente matrimonio, e assignando o mesmo pae no respectivo assento com o nome por inteiro, é desnecessario proceder à rectificação dos assentos do baptismo — Meio de fazer tal rectificação quando seja necessaria	46)
Vinho mosto , ou simplesmente espremido da uva, fora do caso de necessidade, é materia valida do sacrificio, mas illicita	12)











REVISTA
CONTEMPORANEA

VOLUME I

